

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ROSÂNGELA NEVES SANTANA

Cenários de um CIEJA: historiobiografia cartografada

(versão corrigida)

São Paulo

2020

ROSÂNGELA NEVES SANTANA

Cenários de um CIEJA: historiobiografia cartografada

(versão corrigida)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Henriette Tognetti Penha Morato.

São Paulo

2020

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santana, Rosângela Neves

Cenários de um CIEJA: historiobiografia cartografada / Rosângela Neves Santana; orientadora Henriette Tognetti Penha Morato. -- São Paulo, 2020.

304 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2020.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Sentidos. 3. fenomenologia existencial. 4. Narrativa. 5. Experiência. I. Tognetti Penha Morato, Henriette, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: SANTANA, Rosângela Neves

Título: Cenários de um CIEJA: historiobiografia cartografada

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Aos meus ancestrais, que, com muita luta, tornaram possível minha chegada a esse mundo: à matriz indígena Maxakali, à matriz africana – sem nome, mas com a força e cor da pele presentes – e à matriz europeia perdida nas certidões de nascimento e nas histórias além-mar, agradeço por todas as heranças imateriais que chegaram até mim.

Aos meus pais, Antônio e Maria Dilma, que me deram a vida, me nutriram e cuidaram de mim como os melhores pais possíveis. A vocês, meu reconhecimento e honra.

A toda minha família, especialmente minhas irmãs e sobrinhos, que me enchem de alegria e de vontade de conviver.

Ao meu filho, Gabriel Neves, por todo o amor aprendido no convívio e especialmente por toda paciência e generosidade quando o tempo de um mestrado precisa ser disputado com as trocas familiares que tanto prezamos. Especialmente, pela compreensão nas etapas finais da escrita do texto.

Ao Carlos Santos Machado Filho, amigo querido, marido, apoiador incontestado, segurador de mão, enxugador das lágrimas e acolhedor de sorrisos nesse percurso tão tumultuado quanto promotor de sabedoria, especialmente por conseguirmos resistir juntos à desafiadora empreitada de fazer o mestrado na mesma época. Agradeço, principalmente, por ser o amor que escolhi e por ser o amor que me escolheu para dividirmos a vida.

À Ângela e à Lívia, familiares de sangue e de coração, meu agradecimento pelo amor que dessa vez se manifestou em forma de ajuda na enfadonha tarefa de conferir toda a bibliografia utilizada.

Ao pequeno Ian, que me encheu de amor e leveza pueril nas nossas caminhadas matinais até sua escola.

A todas as pessoas do CIEJA Campo Limpo que contribuíram direta ou indiretamente com a pesquisa. Um agradecimento especial para todos os que aceitaram ser entrevistados e dividiram um pouquinho de suas vidas comigo.

À Profa. Henriette Morato, pela parceria, por me receber amorosamente em seu grupo, me ensinar, me respeitar e, especialmente, por respeitar meu ritmo e confiar que tudo daria certo quando eu já não estava conseguindo fazer isso.

A todos os colegas veteranos do LEFE, que me receberam de braços abertos e foram presenças necessárias para a realização e o caminhar dessa pesquisa: Jailton, Joyce, Laiz, Cezinha, Pedro, Heloísa, Ana Clara, Carla, André, Luciana e as duas Lígias.

A todo o acolhedor e gentil grupo de estudos do Benjamin e de orientação, que carinhosamente batizamos de Lampejo, por me incluir e me fazer me sentir pertencente. À Fernanda, à Renata e, principalmente, a quem convivi mais amigável: Claire, Érika, Luiza, Priscila, Adilson, Bruna e Cecília.

À Professora Claire, Marie Claire Sekkel, pela companhia acolhedora, por todo apoio, também pelas contribuições feitas a esse trabalho durante as disciplinas, os grupos, a banca de qualificação. É uma alegria enorme encontrar companhia gentil e sensível no ambiente da Academia.

À professora Márcia Bertolla, por me receber como “barriga de aluguel” enquanto foi necessário e por toda contribuição durante o percurso.

À professora Maria Clara de Pierro, pelo compartilhamento do saber e por sua contribuição franca durante o exame de qualificação.

A todos os meus professores, do presente e do passado, que me inspiraram, que me ensinaram e que me incentivaram a perguntar. Meus agradecimentos especiais.

À USP, essa casa que me recebeu e que tem me proporcionado enormes crescimentos.

A todos os amigos – família escolhida pelo coração –, por toda companhia, contribuição, palavra amiga, leitura crítica e/ou suporte.

A Jailton Bezerra Melo, Joyce Kamila Ferreira, Joyce Cristina Rezende, Laiz Chofi e Lílian Terezinha Varasquim, pessoas queridas e generosas sem as quais este trabalho teria perdido os rumos. Agradeço por todo o companheirismo, todas as conversas, a disponibilidade e as leituras em conjunto; ou seja, por tudo o que fizeram por mim – em alguns momentos, literalmente segurando minha mão – e por esta dissertação.

À Milena Bushatsky Mathias e ao pequeno Tiê, por todas as conversas amorosas e inspiradoras e pelas sanadoras tardes de leitura e de ternura.

À Giovânia Nicoliche da Cruz, que, mesmo vivendo além-mar, acompanhou com amor as aventuras e desventuras desse trabalho através de trocas virtuais, inspiradoras e cotidianas.

Ao amigo Rodrigo Wenzel, pela versão em inglês do resumo e pela cuidadosa revisão.

À Luísa Dias Brito, por mostrar a importância de cortar o excesso para que o essencial se revele no texto e, principalmente, por todas as nossas poéticas, inspiradoras e oníricas conversas domingueiras.

Ao psicólogo Marcos Suguiura, que aceitou me acompanhar em Psicoterapia, no adentrar das brumas que a vivência da pós-graduação colocou na estrada.

À equipe de referência da saúde Pirajussara *city*, do Centro de Saúde Escola Samuel Barnsley Pessoa, cujo suporte e conduta atenta foram fundamentais para chegar ao final desta jornada. Meu especial reconhecimento à Doutora Simone Rocha, que me ajudou nas passagens mais difíceis a manter a saúde física e mental e a esperança.

“Alguém criticou as oficinas da [escola] Highlander, dizendo: ‘Tudo o que vocês fazem é sentar lá e contar histórias.’ Bem, se ele tivesse me visto na primavera plantando meu jardim, ele teria dito: ‘Aquele sujeito não sabe jardinagem, ou como plantar legumes. Não vejo nenhum legume. Tudo o que vejo é ele botando uma sementinha no chão.’” (FREIRE; HORTON, 2011, p. 113)

RESUMO

SANTANA, Rosângela Neves. **Cenários de um CIEJA**: historiobiografia cartografada. 2020. 304 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Este trabalho apresenta uma investigação realizada no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) – Campo Limpo, pertencente à rede municipal de educação da cidade de São Paulo e localizado no bairro Capão Redondo, Zona Sul de São Paulo. Na perspectiva da história oral, a coleta de depoimentos orais foi feita para acessar a versão de mundo e dos acontecimentos da história de pessoas comuns, com o intuito de conhecer a experiência e a memória de grupos à margem da história oficial. Nesse sentido, a dissertação adota uma abordagem qualitativa de pesquisa, numa perspectiva fenomenológica existencial. Os objetivos são compreender o sentido de educação para frequentadores e alunos do CIEJA – Campo Limpo e conhecer, a partir de uma atitude fenomenológica existencial, como se configura a experiência de frequentadores do CIEJA. Dois tipos de coleta de dados foram utilizados: entrevistas, para recolher as narrativas sobre as experiências dos interlocutores – alunos, frequentadores e uma profissional –, escolhidos via amostra intencional, e uma cartografia clínica institucional registrada em diários de bordo. Para a compreensão do sentido dos resultados, tomou-se como referência a *Análítica do Sentido*, de Dulce Critelli. Com a ideia de centralizar as experiências em questão, fez-se uma interlocução com os autores Jorge Larrosa, Paulo Freire e Walter Benjamin.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Sentido. Fenomenologia Existencial. Narrativa. Experiência.

ABSTRACT

SANTANA, Rosângela Neves. **Scenarios of a CIEJA** – charted biographical. 2020. 299 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This research shows a investigation realized on the Campo Limpo Integrated Centre for Adult and Youth Education (CIEJA Campo Limpo), which belongs to the municipal education network of São Paulo city, located on the Capão Redondo district, southern region of the city. From the perspective on oral history, the collection of oral testimonies was made to access the common people's world version and historical events to know the experience and the memory of the groups that have been on the sidelines of the official history. In this regard, this dissertation adopts the qualitative research method, from the existential-phenomenological perspective. The objective was: to understand the education sense for the users and students of the CIEJA Campo Limpo; and to know the experience of the CIEJA's users, from an existential-phenomenological attitude. Two types of data collection were used: interviews to know the narratives on the interlocutors' experience (students, users and a professional), selected via purposive sample; and institutional clinic cartography, recorded on logbooks. To understand the meaning of the results, the Dulce Critelli's Analytic Sense was used as a reference. To gather those experiences, a dialogue was made between the following authors: Jorge Larrosa, Paulo Freire and Walter Benjamin.

Keywords: Adults and Youth education. Sense. Existential Phenomenology. Narrative. Experience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - localização dos ciejas no município de São Paulo	28
Figura 2 - Quadro de valores do CIEJA-CL.....	64
Figura 3 - Fotografia do banner da entrada do CIEJA-CL	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição do perfil dos entrevistados	57
Quadro 2 - Relação de nomes e cores atribuídas aos participantes das entrevistas.....	62

LISTA DE SIGLAS

CIEJA	Centro Integrado de Jovens e Adultos
CIEJA-CL	Centro Integrado de Jovens e Adultos – Campo Limpo
CMCT	Centro Municipal de Capacitação e Treinamento
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEB	Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMEI	Escola Municipal em Educação Infantil
FEUSP	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
Fundação CASA	Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
GCM	Guarda Civil Municipal
LA	Liberdade Assistida
LEFE	Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MOVA	Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
PcD	Pessoa com Deficiência
SESC	Serviço Social do Comércio
SME-SP	Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

SUMÁRIO

1 ÍNDICE

1	APRESENTAÇÃO	15
1.1	A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MINHA VIDA.....	18
2	INTRODUÇÃO	24
2.1	O DELINEAR DA QUESTÃO.....	24
2.2	EJA E O CIEJA – SABERES DO CAMPO	26
2.3	O CIEJA-CL	29
2.4	PSICOLOGIA, FENOMENOLOGIA E LEFE	30
2.5	EXPERIÊNCIA E NARRAÇÃO	34
2.6	JUSTIFICATIVA	35
2.7	OBJETIVOS.....	36
2.8	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	36
3	PERCURSO METODOLÓGICO	37
3.1	ODOS METHA	38
3.2	QUESTÃO-BÚSSOLA.....	40
3.3	EXPERIÊNCIA E NARRATIVA: A EXPERIÊNCIA EM PALAVRAS.....	41
3.4	EXPERIÊNCIA	42
3.5	NARRATIVA	45
3.6	CARTOGRAFIA	47
3.6.1	<i>A chegada ao CIEJA-CL.....</i>	<i>49</i>
3.6.2	<i>O registro nos diários de bordo.....</i>	<i>51</i>
3.6.3	<i>Dissertação como diário</i>	<i>53</i>
3.6.4	<i>Historiobiografia.....</i>	<i>54</i>
3.6.5	<i>Participantes</i>	<i>55</i>
3.7	ENTREVISTAS.....	57
3.7.1	<i>Aquarela.....</i>	<i>58</i>
3.7.2	<i>Análise - forma de compreensão adotada.....</i>	<i>59</i>
4	NARRATIVAS EM MOSAICO – EXPERIÊNCIA EM AÇÃO	62
4.1	ESPAÇO ESCOLAR – ABERTO COMO E PARA QUEM?.....	62
4.1.1	<i>Um título de livro, uma placa com nome.....</i>	<i>62</i>
4.1.2	<i>O que mais se revela na entrada do CIEJA-CL.....</i>	<i>66</i>
4.1.3	<i>Matrícula - Quando começam os alunos novos?</i>	<i>70</i>
4.1.4	<i>Quem pode participar do CIEJA?.....</i>	<i>71</i>

4.1.5	<i>CIEJA: começo de tudo</i>	75
4.2	ADAPTAÇÕES NO CIEJA, NA VIDA, NOS TEMPOS.....	78
4.2.1	<i>Era uma casa</i>	78
4.2.2	<i>Horários das aulas e flexibilização</i>	79
4.2.3	<i>Rodízios</i>	86
4.2.4	<i>Equilíbrio entre escola, trabalho, vida</i>	87
4.2.5	<i>Pensando adaptações nos tempos escolares</i>	97
4.3	COLETIVIDADE.....	100
4.3.1	<i>Cantinhos para sentar-se</i>	100
4.3.2	<i>Carteiras e mesas</i>	103
4.3.3	<i>Professor e alunos – ser visto, ser humano, ser percebido</i>	106
4.3.4	<i>Vínculo, inclusão, con-viver</i>	109
4.3.5	<i>Eu e o outro – mais modificações no CIEJA-CL</i>	114
4.3.6	<i>Transformações pessoais</i>	118
4.3.7	<i>Espaços multifuncionais</i>	128
4.3.8	<i>Banheiros</i>	129
4.3.9	<i>Ausências notadas</i>	131
4.3.10	<i>Pensando espaço físico, arquitetura e educação</i>	132
4.3.11	<i>Alimentação no CIEJA-CL</i>	134
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
6	POST SCRIPTUM	147
	REFERÊNCIAS	150
	APÊNDICES E ANEXOS	159
	APÊNDICE 1 - TRANSCRIÇÃO DOS ENCONTROS COM AURORA	159
	APÊNDICE 2 – TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO COM ALEJANDRO	237
	APÊNDICE 3 – TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO COM LARISSA	241
	APÊNDICE 4 – TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO COM ÁGATA	258
	APÊNDICE 5 – TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO COM RICARDO.....	265
	APÊNDICE 6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA MÔNICA.....	268
	APÊNDICE 7 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO MICHEL	287
	APÊNDICE 8 – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	303
	ANEXO 1- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO CAMPO LIMPO	305

1 APRESENTAÇÃO

Eu modifico
Tu modificas
Ele modifica
Nós modificamos
Vós modificais
Eles modificam
 (Conjugação do verbo modificar)

Em vez de tomar a inspiração de um poema ou de letra de música, começo esse texto na companhia pouco usual de um verbo, pois o verbo *modificar* diz muito sobre essa investigação. Começando pela conjugação *ela modifica*, rememoro minha entrada no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – Campo Limpo (CIEJA-CL), pois, na primeira vez em que visitei o local, tinha a intenção de conhecer possíveis entrevistados para a pesquisa do mestrado.

Meu plano inicial era pesquisar a história de vida de jovens adultos egressos da Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA)¹. Acessei, então, o CIEJA-CL, já que, meses antes, uma amiga e professora daquele local havia me falado sobre as dificuldades enfrentadas com jovens, alguns talvez² cumprindo medida socioeducativa. Solicitei uma ideia de como contribuir com meus trabalhos de Arteterapia ou até mesmo com meus estudos sobre comunicação não-violenta. Assim, havia a possibilidade de parcerias.

Diante da possibilidade da parceria, e dado o histórico de essa escola acolher todos os que lhe solicitam matrícula, aproximei-me da instituição. No encontro de apresentação à instituição, quando perguntei sobre o número de alunos cumpridores de medidas socioeducativas, fui informada de que havia mais de duzentos matriculados. Portanto, havia boas possibilidades de seguir com o projeto e com a tentativa de compreender como as pessoas jovens reconstruíam suas vidas após o cumprimento da medida socioeducativa de privação de liberdade durante a adolescência.

No entanto, em meu percurso, esta preocupação de pesquisa arrefeceu, uma vez que, ao adentrar o CIEJA-CL, o que vi e senti mudou gradualmente meu foco de interesse e, conseqüentemente, de pesquisa. O centro e, principalmente, o modo como as pessoas ali

¹ Antiga Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM), agora Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA).

² Escrevo “talvez” porque a legislação define que essa informação é sigilosa, portanto nenhum profissional poderia saber, embora alguns jovens a acabem revelando.

presentes falavam dele se mostraram tão fascinantes, que resolvi, em conjunto com minha orientadora, seguir o que surgia no campo. Como consequência, *ela*, a pesquisa, *modifica-se* e amplia-se.

No decorrer do trabalho, durante as buscas iniciais por depoentes para o projeto primeiro de pesquisa, o foco mudou dos jovens em conflito com a lei para os alunos e frequentadores do CIEJA. Outra vez, *ela se modificou*.

A escolha da instituição em questão não foi meramente ocasional, mas um acontecimento. As paredes grafitadas, suas turmas com nomes de valores – em vez de números ou séries –, os portões abertos, os cumprimentos inesperados, o jardim viçoso, as pessoas conversando e/ou fazendo as refeições juntas despertaram meu interesse e me fizeram me perguntar: “Que escola é essa?”. Por um período, o CIEJA se tornou figura³ e quase se estabeleceu como foco desta dissertação, visto que tive, em algum momento, a expectativa de tentar verificar como aquela escola funcionava – talvez na esperança de que outras escolas pudessem ser assim –, a partir da ideia sonhadora de identificar um modelo que fosse replicável. Eu havia me apaixonado pelo CIEJA-CL, mas também estava encantada com as histórias que ouvia. Era necessário decidir se o foco recairia sobre o CIEJA ou sobre as narrativas. Penso que meu interesse pelas histórias das pessoas foi determinante para essa decisão, até porque historiobiografia diz respeito a contar histórias, são as histórias da história.

Na minha família, as histórias contadas eram parte de momentos especiais: noites em que o fornecimento de energia elétrica era interrompido, e todos nós, ao redor de alguma bruxuleante vela, ouvíamos as histórias assombradas da roça, histórias da Chiquita – personagem fantasmagórica/mitológica das Minas Gerais – ou apenas histórias de aventuras pueris da infância de minha mãe. Nos encontros com toda família, minha tia também contava histórias para os sobrinhos ou nos conduzia nas brincadeiras de roda, que são cantadas, mas constituem-se como histórias com começo, meio e fim.

Avalio também que minha adolescência foi salva pelos livros; até hoje, nutro grande interesse pelas biografias. Quando meu filho era pequeno, imergíamos no mundo das fábulas, das ficções, dos livros infantis e das historinhas contadas com objetos, com sombras. No ofício de professora de educação infantil e de ensino fundamental, contar histórias era parte

³ Figura e fundo são uma definição da Psicologia da Gestalt e da Gestalt-terapia. Diz respeito à alternância entre fundo e figura pela qual se apresentam como um campo de percepção, pois, “a estruturação da percepção de um objeto-estímulo se dá a partir de uma figura em relação a um fundo e que a nossa percepção sempre apreende qualquer estímulo a partir de uma Gestalt – visão do todo. A figura é parte de um todo e só pode ser compreendida em relação ao fundo, não existindo sem este” (CANEDO, 1997, p. 63).

integrante do cotidiano. Com a Arteterapia, utilizo o contar e o ouvir histórias como recursos terapêuticos, além, é claro, dos enredos e dos dramas do vivido que os clientes contam a partir dos trabalhos artísticos.

Estar no CIEJA-CL, mergulhar naquele campo e olhar para seu posicionamento político, seus valores e sua filosofia e para as histórias de perseverança dos alunos me trouxeram o desejo de aprofundar os estudos em um local que permitiria a junção desses interesses pessoais, estabelecendo o CIEJA-CL como *lócus* deste trabalho, com o foco direcionado para a experiência de frequentadores e dos alunos. Por isso, meu encantamento com o CIEJA se aprofundou, porém com as histórias das pessoas se estabelecendo em primeiro plano e tornando-se figura.

O caminhar na instituição, a percepção de alguns elementos que me fazem pensar no apreço que tantos alunos aparentam ter por essa escola e a importância que estudar ali tem para eles colocam-me diante da vontade de saber mais sobre como o CIEJA-CL, na ótica das pessoas que nele vivem, contribui para outra perspectiva de vida e como pode abrir possibilidades de vida para seus alunos e frequentadores. Ou seja, como essas pessoas que ouço veem a presença do CIEJA em suas vidas?

Retomo, assim, o verbo. Ao conjugar *eu modifico*, miro e atualizo, de certa forma, a imagem estereotipada de pesquisadora e do ideal positivista sobre as formas de pesquisar, pois não é incomum que eu me espante ao notar o quanto sou afetada positivamente pelo que ouço e vejo; também o sou pelo gosto de estar naquela escola, seguindo os vestígios, de ver o que vejo, de investigar do modo como investigo, satisfeita por ter descoberto a pesquisa de orientação fenomenológica como possibilidade metodológica que inclui esses afetos e essas percepções.

Um aspecto pessoal se sobressai nesta pesquisa e se compõe em um par de opostos: diferença-semelhança. Ele aparece em formato desilusão-encantamento quando me vejo como uma profissional da educação desiludida com a educação pública, migrando para minha segunda profissão, a Arteterapia, que descobre a possibilidade de uma escola pública centrada no estudante. O *par de opostos* surge como *diferença-semelhança* quando penso em mim como aluna de escolas públicas estaduais e vejo as semelhanças e diferenças de ser estudante em um contexto acolhedor; também surge para mim, pessoa que viveu a infância, a adolescência e o início da vida adulta em periferia próxima dali, quando vejo as potenciais transformações que oportunidades surgidas em instituições como CIEJA podem efetivar na vida de seus usuários.

As possibilidades presentes ali no CIEJA-CL me agradam, pois, no fundo, nutro a esperança de que o mundo seja diferente e de que tenha mais opções para mais pessoas. Eu desejo que *ele*, o mundo, *se modifique*. As primeiras visitas realizadas me deram esperança de ver uma escola funcionando dentro de princípios respeitosos quanto às singularidades, especialmente porque eu estava saturada da profusão de vivências e de relatos duros ou pessimistas sobre a escola pública e sobre os estudantes supostamente desinteressados. Tornei-me, progressivamente, mais consciente dessa vontade de mudança depois de ler uma frase do Paulo Freire, que traduz também meu modo de ver as coisas, visualizando um mundo que não é, apenas está sendo.

É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. (FREIRE, 1996, p. 30).

Portanto, se a cultura se desenvolveu numa determinada direção, e continua sendo sustentada dessa maneira, é possível desenhar uma maneira mais equânime de mundo.

1.1 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MINHA VIDA

O fato de não ter cursado disciplinas optativas na graduação e ter estudado educação de jovens e adultos apenas como conteúdo complementar em disciplinas sobre políticas públicas ou história da educação me fez pensar que eu não tivera nenhum contato com esta modalidade de ensino. Porém, há pouco tempo dei-me conta de que alguma aproximação com a educação de jovens e adultos já ocorrera em minha vida em momentos distintos.

Eu testemunhei, perto dos anos 2000, o ingresso/reingresso dos meus pais na escola; na época, tinham quatro filhos e dois netos e idade de 50 e 49 anos, respectivamente. Ambos voltaram a estudar no supletivo noturno, animados por colegas da vizinhança que alardeavam a novidade de ter ‘estudo para adulto’ perto de casa. Até o momento, eu conhecia o nome MOBREAL⁴, que soava como um xingamento, mas não conhecia nenhum adulto que estudasse.

Meus pais tinham trajetória similar a de muitos que encontrei no CIEJA: migrantes, trabalhadores com baixa escolarização e sem formação profissional específica, moradores das periferias da metrópole. Ao reingressar, meu pai terminou a quarta-série e seguiu mudando para outras escolas: passou por salas de telecurso e supletivos e conseguiu

⁴ Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Frases como “Precisa fazer o MOBREAL” ou “Fulano vai para o MOBREAL” eram utilizadas como ofensas às pessoas, pois era um jeito pejorativo de chamá-las de analfabetas.

concluir a sexta-série (hoje sétimo ano); até que contingências da vida o impediram de prosseguir. Quando, recentemente, ao telefone, contou-me detalhes para a correção desse texto, expressou pesar por não ter conseguido estudar mais. Minha mãe entrou na escola, foi alfabetizada e estudou por um ano; não quis prosseguir.

Meu pai é nordestino migrante; veio da zona rural do sul da Bahia aos 19 anos, no ano de 1970, para tentar a sorte na cidade grande. Conta que aprendeu mais coisas em casa com o avô, mas que estudara um pouco em sua terra natal. Na casa de um familiar, funcionava a primeira escola que frequentou. Em seguida foi para uma construção mais distante e maior – que chamou de prédio escolar. Relatou que ambas as escolas tinham salas multisseriadas, com apenas uma professora.

Herdo de meu pai uma profunda valorização pelo saber escolar e a importância de ‘ter estudo’. Durante minha infância e adolescência, foi um forte incentivador da educação e da autonomia dos quatro filhos e reafirmava sempre a importância de ‘estudar para ser alguém na vida’. Trabalhador dedicado, as poucas ocasiões em que faltava no emprego era quando não havia outra pessoa para ir às nossas reuniões escolares e ele fazia questão de que algum adulto fosse se inteirar da nossa situação escolar. Em 1971, estudou numa igreja em Taboão da Serra. Saiu porque arrumou serviço e não pôde prosseguir. No ano de 1976, arrumaram uma professora para dar aula na empresa em que trabalhava. Permaneceu o tempo que conseguiu.

Minha mãe, mineira do nordeste de Minas Gerais, filha de mãe indígena com pai negro, criada na zona rural, estudou pouco. Chegou a frequentar escolas rurais, mas devido às mudanças frequentes de casa, não conseguiu dar continuidade à escolarização. Nas palavras dela: “Começava estudar, mudava de casa.” O tempo que mais estudou foi quando morou nos arredores da aldeia e teve a oportunidade de ir à escola dos índios – que ela chamou de escola da Funai - da aldeia Maxakali. “Era a professora dos índios que dava aula pra gente.” Seu tio era um dirigente, e sua tia e prima eram professoras da escola - todos funcionários do posto da FUNAI. Quando perguntei se tinha consciência dos laços sanguíneos com os indígenas, ela disse que “só depois de adulta que a gente entendeu que era parente.” Morou numa cidade maior, Governador Valadares, e, com uns 16 ou 17 anos, fez a terceira série à noite, mas “não sabia quase nada.” E disse que “a escola foi fraca.” Em seguida, migrou para São Paulo na esteira de outros familiares que vieram na frente em busca de oportunidades. Na capital, “trabalhava muito, não dava pra estudar.” Lembro que minha mãe sabia desenhar seu nome, bem lentamente, mas conseguia; ela odiava ir às reuniões de escola dos filhos, por causa da temida hora de assinar a folha que a professora entregava. Quando os filhos aprenderam a escrever, ela nos dava a caneta e mandava que nós escrevêssemos o nome dela. Quando adulta, saiu da escola após a alfabetização e a aprendizagem de operações matemáticas básicas. Perguntada por que não prosseguiu, ela simplesmente respondeu que não queria saber de escola, pois já tinha sofrido muita humilhação na vida por falta de estudo e agora era ela que não queria saber disso. Revisitando o tema atualmente penso que na ocasião estava normalizado o fato de meus pais trabalharem muito e não podermos contar com a ajuda deles para realização de tarefas e lições de casa. Minha mãe tinha vergonha nas ocasiões em que era necessário assinar ou ler algo e todos os filhos ajudavam como podiam, mas como criança eu não entendi e achava irritante cumprir esse papel por ela. Eu lembro de ficar constrangida em todas as vezes em que ela me pediu para

assinar seu nome durante as reuniões de pais e alunos e isso ocorria tanto nas minhas reuniões quanto nas dos meus irmãos.

Na vivência profissional tive um pequeno contato com estudantes da EJA, em 2005, quando, na FEUSP, trabalhei por um ano no Núcleo de Estudos de Educação de Jovens e Adultos e Formação Permanente de Professores (NEA). Apesar do trabalho ser mais voltado à área administrativa e à lida com os professores-estagiários, as histórias dos alunos da EJA estavam lá e eu ouvia sobre as dificuldades. Muitos chegavam tímidos e acanhados; alguns revelavam dificuldades enormes para conciliar a jornada de trabalho com os estudos e a família, mas ali estava presente a alegria de ter aquela oportunidade e a vontade de aproveitá-la (Registro de experiência).

Ao conjugar *eu modifico*, torno-me consciente de que, assim como a pesquisa mudou, eu também mudei. Como pedagoga e ex-professora, depois do percurso em escolas públicas e privadas, não tinha vontade de pesquisar o universo escolar. No entanto, estar ali naquele centro de educação funcionou como um ponto de esperança e de reflexão; talvez seja uma (auto)provocação semelhante àquela feita pela pergunta no cartaz que o escritor André Gravatá, em seu livro *Volta ao mundo em 13 escolas – sinais do futuro no presente*, relatou ter visto anos antes na parede do mesmo CIEJA-CL: “Você tem alguma certeza que gostaria de pôr em dúvida?” (GRAVATÁ *et al.*, 2013, p. 34). Eu também cheguei com certezas sobre educação que poderia colocar em dúvida; a primeira certeza confrontada foi: será que uma escola pública de periferia pode ser o meio de abrir outras possibilidades de vida? Vejo que não desisti integralmente de minha pesquisa anterior, pois identifiquei que ainda estava mirando nas reconstruções de histórias de vida, embora com outros atores. Em meio a isso, fazia-me a seguinte pergunta: a reconstrução da vida ocorreria também comigo e com a minha relação com a escola?

Para pensar minha participação nesse processo, recorro a Ecléa Bosi; ela dizia⁵ que a pessoa está sentada em um ponto de vista a partir do qual vive e testemunha. Assim, por escutar, a pessoa se torna testemunha em segundo grau. Ao escreverem sobre a história oral, Meihy e Ribeiro (2011, p. 18) elencaram a importância de “expressar claramente o posicionamento do especialista e seu papel. É fundamental revelar de quem se está falando: procedência, formação, área de atuação e trajetória profissional.”. Dito de outro modo, o ponto de vista é dado pela *vista de um ponto*: assumo o fato de que ser profissional da educação influencia o que vejo, especialmente porque vivi um repertório variado de realizações em escolas e em outras instituições de educação. Estudei o ensino básico em

⁵ Anotação de aula da disciplina Memória das testemunhas, oferecida para a pós-graduação do Instituto de Psicologia da USP durante o 1º semestre de 2018.

escolas públicas estaduais; durante o período final do ensino médio, vivi, como estudante, as mudanças implementadas pela nova Lei de Diretrizes e Base (LDB) (1996); cumpri todo o estágio curricular da graduação em Pedagogia em instituições públicas, assim como os estágios opcionais remunerados. Trabalhei como professora efetiva em escolas públicas do município de São Paulo – mesma rede responsável pela unidade escolar do presente estudo – e depois trabalhei em uma ONG e na coordenação de uma escola privada.

Quando, em 2008, pedi exoneração do meu cargo na rede municipal de São Paulo, estava desalentada e desesperançosa, sem a confiança de que era possível cultivar um bom trabalho que fosse potente e cuidadoso com os envolvidos. Eu estava infeliz, mas especialmente os alunos da escola pareciam infelizes.

Minha experiência como professora da rede municipal foi intensamente difícil. Eu detestava a versão que se revelava em mim e minhas respostas às inúmeras adversidades das condições de trabalho. Não sei o que foi mais difícil: ser professora em início de carreira, em maio, ser a terceira professora de uma turma de 5º ano e ter, de um total de 41 alunos, 14 não alfabetizados ou pedir remoção⁶ e, no ano seguinte, assumir uma turma de 36 crianças com idades de 3 a 4 anos, numa Escola Municipal em Educação Infantil (EMEI), trabalhando sem nenhum assistente ou auxiliar. Eu, que adoro crianças, que tenho o maior respeito pelos estágios da infância e que não acredito em punições físicas, vi-me, pela primeira vez na vida, sentindo vontade de usar castigos físicos, tais eram as condições extremas.

Era tão ruim sentir aquilo. Era tão extremo! Tão alheio ao que eu valorizava, ao que eu acreditava, ao que eu queria. Foi tão horrível e horrível; ter aquela sensação me feria como pessoa. Aquilo me destruiu. Era terrível. Eu, que criei meu filho, hoje com 21 anos, sem nenhum castigo físico imposto por mim e o fiz com base na crença, na prática e na esperança da conversa e do diálogo como forma de viver.

Como, então, seguir com a carreira que escolhi? Mesmo concursada, entendi que não era viável prosseguir naquelas condições péssimas de interação com as crianças. Numa terrível ocasião em que senti vontade de chutar uma criança, e precisei fazer esforço para me segurar, entendi que eu tinha que sair dali, ir embora urgentemente, visto que aquelas condições afloravam o pior de mim como pessoa. Aquela não era a pessoa que eu queria ser. Aqueles não eram os caminhos de vida que eu queria cultivar.

Portanto, é fácil antecipar o enorme alívio que senti quando assinei meu pedido de exoneração e conseqüente afastamento das escolas municipais de São Paulo. Tomei essa

⁶ Remoção é o nome dado à solicitação de mudança de escolas que os profissionais concursados podem solicitar através de edital realizado anualmente pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

decisão para cuidar de mim e das crianças que estavam sob minha responsabilidade – alunos por quem cultivo afeto e cujos nomes tenho até hoje anotados. Minha preocupação com o bem-estar das crianças e com o potencial danoso das vivências na escola sempre foram altos.

Ao observar esse caminho, percebo que este encontro e, conseqüentemente, esta pesquisa suscitam uma revisitação – ou até mesmo uma reconexão – com meu papel de professora, intencionalmente abandonado. Cláudia Fonseca (1999) escreveu sobre essas reviravoltas que algumas pesquisas sofrem quando o pesquisador se coloca em campo: “muitas vezes o ‘problema’ enfocado sofre uma transformação radical em função de preocupações que só vêm à tona através da pesquisa de campo” (FONSECA, 1999, p. 60). Posso dizer que foi isso mesmo o que aconteceu comigo.

Ver o CIEJA-CL de perto desafia as noções de escola que encontrei ao longo da minha vida como aluna e ao longo da minha carreira como pedagoga. Considero especialmente importante o fato de ser uma escola pública da rede municipal e de ser uma escola tão aberta e receptiva: recebe jovens que cumprem medidas socioeducativas, pessoas com deficiência (doravante PcD), alunos do programa Transcidadania⁷, idosos, jovens “expulsos” de outras escolas, dentre outros.

Pensando do ponto de vista dos estudantes, relembro que já ouvi alunos falarem com muito amor sobre suas escolas, principalmente em ocasiões de final de ciclo, visto que eles relatavam uma espécie de reconhecimento em relação à importância daquela instituição. O que vi acontecer no CIEJA-CL, desde o início, era diferente: é um tipo de encantamento no processo, no aqui e agora. Identifico que o CIEJA é, em certo sentido, o mesmo universo educacional no qual permaneci inserida por anos, pois tem horários regrados, turmas, professores, materiais, merenda. Ao mesmo tempo, como escola, e especialmente como escola pública, parece que aterrissei em terra estrangeira: tem frequência em períodos flexíveis, tem *self-service* nas refeições, há respeito pela trajetória das pessoas, há a proposta de estudar para aprender, há idade, gênero e cor de pele variados, há flores e jardins bem cuidados, há pais acompanhados de seus filhos, há “bom dia” e olhos nos olhos, mesmo para estranhos. É uma escola, mas é muito diferente de tudo o que conheci e entendi por escola até agora!

⁷ O Transcidadania é um programa de reintegração através da educação e da transferência de renda para travestis, mulheres transexuais e homens trans em situação de vulnerabilidade. “Os beneficiários recebem a oportunidade de concluir o ensino fundamental e médio, ganham qualificação profissional e desenvolvem a prática da cidadania.” (SÃO PAULO, 2020, s/p). Há também acompanhamento psicológico, jurídico, social e pedagógico durante os dois anos de permanência no programa. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/lgbti/programas_e_projetos/index.php?p=150965>. Acesso em 19 de jan de 2019.

Diante disso, me pergunto: como será que as pessoas que frequentam esse lugar veem o CIEJA? Como percebem a presença do CIEJA em suas vidas? Teria um impacto grande neles também, parecido com o choque que causou em mim? Que sentido atribuem ao que estão vivendo lá?

2 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de campo ocorreu no CIEJA-CL, instituição pública da rede municipal da cidade de São Paulo, situada na periferia da Zona Sul, no bairro Capão Redondo. Estabelecido no local há cerca de vinte anos, tem um trabalho voltado à educação popular e emancipatória.

Neste caminho de pesquisa, embasada nos trabalhos de História Oral, as narrativas ocupam o primeiro plano. A partir da coleta de depoimentos de pessoas comuns, busquei recolher, através da narrativa, a experiência de alunos, de frequentadores habituais e de uma profissional do local, com o intuito de rastrear o sentido por eles atribuído às suas vivências/experiências no CIEJA-CL. A composição de uma *historiobiografia cartografada* tem como núcleo a experiência compilada por meio das narrativas em duas fontes: o diário de bordo⁸, que reúne minhas experiências numa cartografia do CIEJA-CL, e a narrativa das histórias das pessoas em busca do sentido, compondo uma historiobiografia (CRITELLI, 2016a)

2.1 O DELINEAR DA QUESTÃO

Por se tratar de uma pesquisa de orientação fenomenológica existencial, não estabeleci uma hipótese, seguindo um conjunto de procedimentos para confirmá-la ou negá-la; encaminhei-me, como aponta Critelli (1996), para a formulação de uma questão de pesquisa, que é mais um interrogar sobre um fenômeno.

Genericamente podemos dizer que investigar é sempre colocar em andamento uma interrogação. É perguntar. Não se sai em busca da compreensão de um fenômeno tentando aplicar sobre ele uma resposta já sabida sobre ele mesmo. Investigar não é, assim, uma aplicação sobre o real do que já se sabe a seu respeito. Ao contrário, é a ele que perguntamos o que queremos saber dele mesmo. (CRITELLI, 1996, p. 25).

A partir da conscientização do não saber, estabeleço uma indagação, uma questão que opera como pergunta norteadora, à guisa de bússola, e guia os passos no decorrer da

⁸ Os diários de bordo serão melhor explicitados no capítulo de metodologia. Contudo, é importante esclarecer que há dois usos para o termo diário de bordo nesta dissertação: i) o instrumento de trabalho utilizado para registro da experiência da pesquisadora que compõe a cartografia e ii) os diários de bordo adotados pelo CIEJA-CL para os alunos registrarem a aprendizagem da semana ou do mês.

investigação. Morato e Cabral (2003) a nomeiam como “questão-bússola”. Nessa perspectiva, os passos para definir minha questão-bússola passaram pelo que vi e senti no CIEJA-CL, que me moveram a querer saber mais sobre isso.

No começo, em algum momento bem no início da pesquisa, pensei na postura vanguardista do CIEJA-CL e quis investigá-la como um possível modelo de escola. Contudo, o trabalho todo ali desenvolvido me mostrou o oposto de um ideal de modelagem, já que o local se propõe a buscar e a constituir caminhos que tenham sentido para aqueles que lá estão; portanto, não seria replicável, apesar de poder ser fonte de inspiração.

No decorrer do processo, fiquei muito tocada pela fala amorosa que os alunos têm em relação ao CIEJA-CL. Eles falavam sobre o local com muito amor, com gosto e com satisfação expressos em seus rostos. Havia um visível grau de contentamento na fala das pessoas.

Após frequentar em diversos momentos o CIEJA-CL, a questão-bússola começou a se delinear. Como? Eu sabia que estava estupefata, como poderá ser visto no meu relato sobre o *banner* da entrada, e me questionava sobre como seria estar, estudar ou trabalhar naquele local regularmente.

Por meio do que vivi em meu caminhar como pedagoga e como profissional de educação, eu vejo que o CIEJA-CL é atípico; o trabalho feito ali é diferenciado, preocupado com a pessoa, voltado para o ser humano. Quis saber, então, como isso se reflete na visão das pessoas atendidas por esse trabalho.

Alunos e frequentadores com quem conversei revelavam ter ideia do valor do que era ofertado pelo CIEJA, uma vez que elas me contaram com alegria como era estar ali. Isso me encaminhou para constituir o primeiro delineamento da questão: *que significado teria aquilo tudo para aquelas pessoas? Como será que percebiam o CIEJA e como se percebiam nele?* Esta seria a minha interrogação? Considerando que “a investigação é vista e tratada aqui desde um ângulo menos reduzido, como todo querer saber, querer compreender que se lança interrogante em direção àquilo que o apela, que o afeta, que provoca sua atenção e interesse” (CRITELLI, 1996, p. 25-26).

Como se veem aqueles que conseguem acessar o direito à alfabetização em um tempo posterior ao período da infância e da adolescência? As pessoas não alfabetizadas ou escolarizadas estão excluídas de muitas participações, de processos, de acesso a direitos, inclusive porque o mundo das letras e dos números é basilar no modo como nos relacionamos na sociedade letrada. Dessa forma, para essas pessoas, quais significados e sentidos atribuem

ao que estão vivendo durante o retorno aos bancos escolares e, principalmente, quais sentidos atribuem ao local que lhes proporciona essa possibilidade?

Considerando que o CIEJA-CL é diferente de outros modelos de estabelecimentos voltados à Educação de Jovens e Adultos (EJA), até mesmo de outros CIEJA, como posso compreender o sentido daquilo que emerge para meus depoentes?

A fim de compreender o sentido do CIEJA-CL para as pessoas com quem conversei, o caminho passa por procurar os vestígios do centro que surgem nas narrativas, pois o sentido está imbricado nas escolhas de vida e no modo como contamos para nós mesmos sobre nossa vida. No que diz respeito ao porquê de perguntar sobre o sentido, retomo Dulce Critelli (2016b, p. 127): “A compreensão perscruta o sentido de ser e se baseia no pressuposto de que ninguém pode viver uma vida sem sentido”.

2.2 EJA E O CIEJA – SABERES DO CAMPO

A EJA existe para aqueles que não puderam efetivar sua escolarização dentro da faixa etária considerada ideal. É uma modalidade de ensino garantida no artigo 205 da Constituição Brasileira de 1988, que preconiza a educação como um direito de todos (BRASIL, 1988) e passou a ser uma modalidade da educação básica na LDB 9.394/96.

A EJA surge como proposta de combate ao analfabetismo e às consequências psicossociais que o analfabetismo acarreta. Na década de 1940, surgem as primeiras atividades para educação de adultos. Entretanto, somente na década de 1960, com o trabalho de Paulo Freire e os princípios da educação popular, é criada uma proposta específica voltada para a alfabetização de adultos (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018).

Por muito tempo, a EJA se constituiu predominantemente a partir de um caráter compensatório. As mudanças na sociedade e, conseqüentemente, na legislação vêm modificando esse caráter.

EJA foi vista como uma compensação e não como um direito. Esta tradição foi alterada em nossos códigos legais, na medida em que a EJA, tornando-se direito, desloca a ideia de compensação substituindo-a pelas de reparação e equidade. Mas ainda resta muito caminho pela frente a fim de que a EJA se efetive como uma educação permanente a serviço do pleno desenvolvimento do educando. (BRASIL, 2000, p. 66).

Apesar do conjunto de leis incluí-la como um direito, há muitas práticas que mostram que essa visão não foi superada, como o fato de a EJA ainda ocupar lugar secundário nas políticas educacionais para jovens e adultos (KUHN, 2018).

Atualmente, na EJA da cidade de São Paulo, são matriculados jovens e adultos a partir de quinze anos de idade que não acessaram ou não concluíram o ensino fundamental no período previsto. O ensino médio, nessa modalidade, não faz parte do programa municipal, sendo competência do governo estadual. A cidade conta com dezesseis CIEJA que fazem parte de um conjunto de cinco estratégias para realização da EJA da Secretaria Municipal de Educação do município de São Paulo, sendo as outras o EJA Regular, oferecido no período noturno em EMEF e Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos (EMEB); as salas do Movimento de Alfabetização (MOVA/SP), que são frutos de parcerias com a sociedade civil para criação e manutenção de salas de alfabetização; as duas unidades do Centro Municipal de Capacitação e Treinamento (CMCT), que oferecem qualificação profissional; e as EMEF, que aderiram ao EJA Modular e que oferecem o curso em período noturno em módulos de cinquenta dias (SÃO PAULO, 2016).

Faria (2014), em sua dissertação de mestrado, escreveu sobre a trajetória dos CIEJA na cidade de São Paulo a partir do estudo dos CIEJA-CL e Butantã. A autora analisou políticas públicas voltadas aos CIEJA em diferentes gestões municipais e concluiu que esse projeto trouxe avanços para a garantia do acesso à educação e para a permanência de idosos, jovens e adultos.

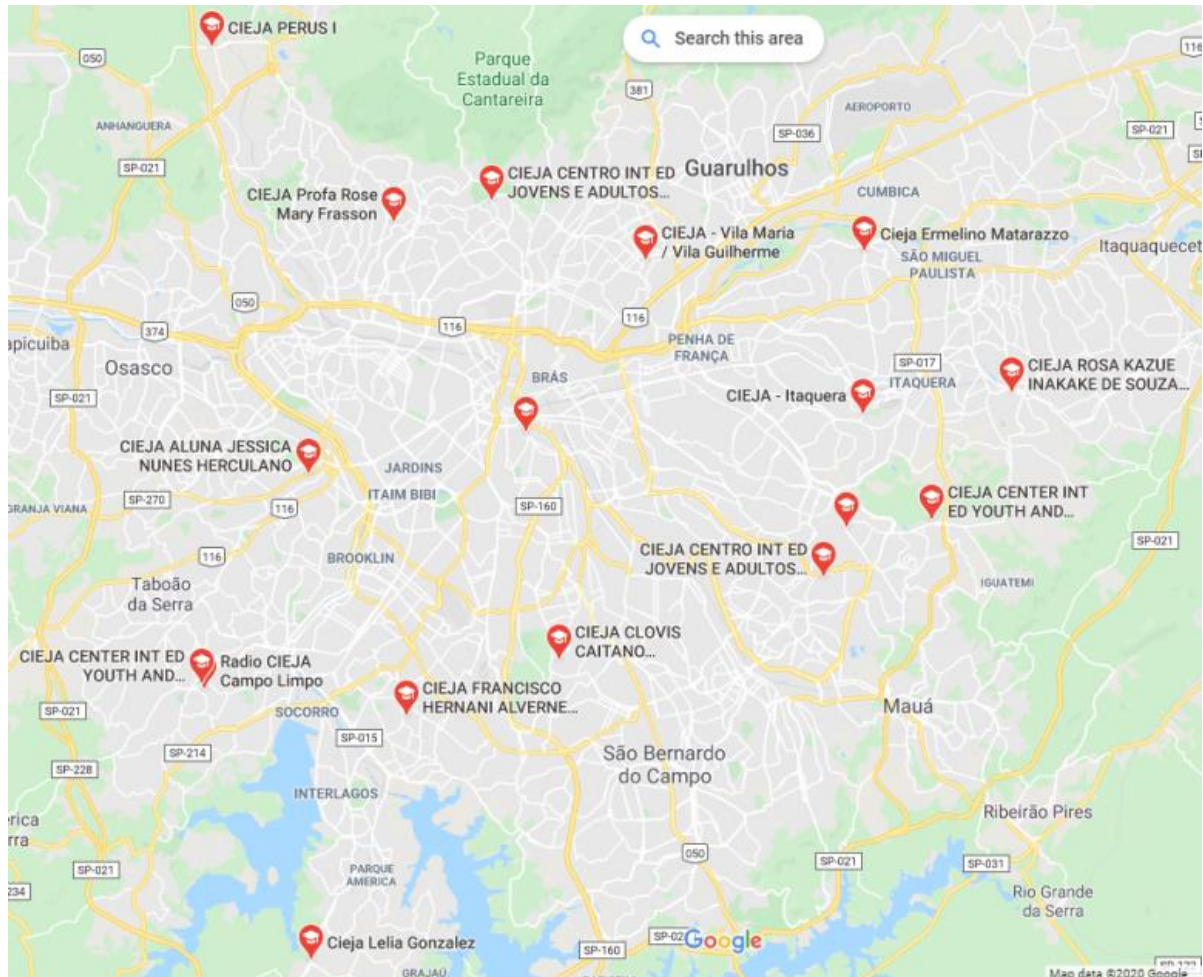
Ainda, Angélica Kuhn (2017, 2018), em seus trabalhos sobre centros exclusivos de EJA, pesquisou a unidade CIEJA Marlúcia Gonçalves de Abreu, localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo. A autora traça um histórico sobre a EJA no município em questão, abrangendo o período do Regime Militar e o MOBREAL, a transição democrática, o trabalho de Paulo Freire como secretário da educação do município e a inserção da EJA no campo de direitos fundamentais da população, sendo esses dois últimos momentos de contribuições muito importantes para a configuração do trabalho realizado atualmente nos CIEJA, em particular do CIEJA-CL.

A história dos CIEJA começa antes de ter este nome, pois o programa substituiu o projeto anterior de ensino de jovens e adultos, o Centro Municipal de Ensino Supletivo (CEMES). Em 2003, com o Decreto Municipal 43.052, o município de São Paulo instituiu a criação dos CIEJA. Esta mudança buscava aumentar o acesso ao ensino fundamental por parte de jovens e adultos “que não puderam cursá-lo em idade regular” (SÃO PAULO, 2003). Segundo o mesmo decreto, procurou-se instaurar programas de educação voltados

particularmente para o público jovem e adulto, com a ênfase na preparação para o mundo da cultura e do trabalho.

Desse modo, os CIEJA são centros exclusivos para jovens e adultos e são definidos como unidades educacionais. Espalhados por todo o município, encontram-se, majoritariamente, em regiões periféricas, como é possível ver na Figura 1:

Figura 1 - localização dos ciejas no município de São Paulo



Fonte: Mapa do Google.

No site oficial da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, define-se que

O CIEJA é uma Unidade Educacional que atende jovens e adultos em três períodos (manhã, tarde e noite) em até seis turnos diários, articulando em seu Projeto político-pedagógico o Ensino Fundamental e a Qualificação Profissional Inicial. (SÃO PAULO, 2003, s/p).

Os cursos dos CIEJA são “organizados em dois ciclos, compostos por quatro módulos, e desenvolvidos em oito semestres” e promovem “cursos de ensino fundamental,

articulados com a educação profissional de nível básico, atendidos os interesses da comunidade e as peculiaridades locais” (SÃO PAULO, 2003, s/p.). A divisão dos quatro módulos é a seguinte: i) alfabetização, ii) básico, iii) complementar e iv) final. Cada módulo tem a duração de um ano (200 dias letivos) (SÃO PAULO, 2003, s/d). Os encontros diários ocorrem nos períodos da manhã, tarde e noite e têm 2h15min de duração (KUHNS, 2017).

Apontando outros estudos feitos recentemente, Maria Clara Di Pierro *et al.* (2017) reafirmam que, quando comparados à realização da EJA em período noturno nas escolas regulares, os centros exclusivos que funcionam em mais períodos, “em jornadas escolares menos intensivas e que adotam organização do ensino mais flexível”, têm condições de melhor “acolher a diversidade de condições de estudo dos jovens e adultos com baixa escolaridade” (DI PIERRO *et al.*, 2017, p. 477-478).

2.3 O CIEJA-CL

O CIEJA-CL, especificamente, tem sido alvo de pesquisas que deram notoriedade ao trabalho nele desenvolvido. Helena Singer (2008) o pesquisou dentro de um conjunto de escolas democráticas durante seu pós-doutorado. André Gravatá *et al.* (2013), por sua vez, apresentaram-no em seu trabalho sobre escolas diferenciadas ao redor do mundo. Mais recentemente, publicações registraram o trabalho diferenciado realizado pelo CIEJA, incluída no conjunto de escolas que receberam o título de escolas transformadoras (LOVATO; FRANZIM, 2017), e a publicação da linha do tempo das realizações do CIEJA-CL (LUIZ *et al.*, 2019).

A visibilidade também ocorre nas mídias impressa e audiovisual, especialmente após o recebimento de prêmios como o atribuído ao projeto Café Terapêutico, premiado no 2º Prêmio Municipal Educação em Direitos Humanos (2014)⁹, e o prêmio de escola transformadora, em 2016, que recebeu a seguinte descrição no site dos organizadores:

O Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Campo Limpo, situado na zona sul da cidade de São Paulo, é um espaço acolhedor e permanentemente de portas abertas para toda a comunidade. A escola surgiu com a proposta de atender alunos excluídos da educação. Por meio da educação popular, acolhe um público bastante diverso: adultos, jovens e

⁹ “O projeto surgiu no dia 14 de março de 2008 e é uma iniciativa que busca uma sociedade mais inclusiva, tendo como objetivo minimizar e esclarecer as diferenças e deficiências, possibilitando a quebra de preconceitos. O grupo, constituído por profissionais, pais, alunos e comunidade, conta com encontros semanais”. Disponível em: <<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/8-aniversario-do-projeto-cafe-terapeutico-cieja-campo-limpo/1034/>>. Acesso em: 12 de dez de 2019..

alunos em inclusão. Para tanto, a escola tem estreito vínculo com a comunidade, uma vez que oferece escuta aos estudantes para decidir coletivamente todos os assuntos pertinentes à tentativa de qualificar a educação oferecida (ESCOLAS TRANSFORMADORAS, 2016, s/d).

Em 2019, foi lançada uma série de televisão no canal de TV fechada Globoplay nomeada como *Segunda Chamada*, que se declarou inspirada no CIEJA-CL. A série documental Sementes da Educação sobre iniciativas transformadoras na educação pública teve seu primeiro episódio feito sobre o CIEJA-CL; o documentário foi lançado na plataforma Videocamp¹⁰ datado de 2018. Na plataforma TED talks de palestras, há duas sobre o CIEJA-CL na versão local do TED, o TEDx. Na primeira, de abril de 2014, a Coordenadora Geral descreve o trabalho na instituição; na segunda, de agosto de 2017, o professor responsável projeto café¹¹ fala sobre o trabalho realizado.

O projeto político pedagógico do CIEJA-CL revela propostas de atividades para o ano baseadas em temas geradores, a estruturação de diagnósticos iniciais dos estudantes e a existência de atividades permanentes, tais como o Seminário Étnico Racial e o Encontro Indígena. Além disso, o documento reafirma como seus principais referenciais a educação popular, o construtivismo sociointeracionista, a interdisciplinaridade e a avaliação emancipatória

2.4 PSICOLOGIA, FENOMENOLOGIA E LEFE

A realização dessa pesquisa em um programa de pós-graduação do departamento de Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano (PSA), do Instituto de Psicologia, possibilitou o encontro entre Educação e Psicologia, pois as linhas de pesquisa do programa abriram a perspectiva de conjugar minhas aprendizagens prévias: a formação inicial em Pedagogia, a experiência profissional no campo da educação formal e não-formal, a especialização em Arteterapia de enfoque humanista, que me aproximou mais do universo dos autores e das teorias da Psicologia, e meus estudos mais recentes em comunicação não-violenta, cuja base é rogeriana. Tornou-se possível conciliar meu percurso formativo, as

¹⁰ Disponível em: <https://www.videocamp.com/pt/movies/sementes-da-educacao> 19 de dez de 2019

¹¹ Palestra Vamos Tomar um Café Terapêutico?, com o professor responsável, na TEDx SãoPaulo. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/billy_de_assis_vamos_tomar_um_cafe_terapeutico?language=pt-br>. 19 de dez de 2019

temáticas presentes no programa de pós-graduação e meu interesse em compreender questões ligadas à biografia dos envolvidos na pesquisa.

Numa pesquisa em educação, pode-se percorrer o sentido e a experiência da educação para os estudantes. Contudo, há uma dimensão dessa pesquisa situado no campo da Psicologia, que é a inclusão da subjetividade, tanto a minha, como pesquisadora, quanto a dos depoentes. Nesse sentido, Antônio Gil (2010), ao discorrer sobre pesquisa fenomenológica no campo da Psicologia, elenca alguns temas, tais como:

[...] os referentes à experiência vivida pelos seres humanos, que se expressa em sentimentos, crenças, aspirações, e temores. [...] Em educação, podem ser adequados para investigar o cotidiano dos alunos, o relacionamento professor-aluno, as aspirações acadêmicas, o medo do fracasso e da punição e a satisfação dos professores com a profissão. (GIL, 2010, p. 4).

Não vejo essas áreas como espaços estanques, vejo o que se apresenta: uma pedagoga arteterapeuta fazendo uma cartografia, percorrendo com olhares da Psicologia a biografia de pessoas em uma instituição de educação, e se esforçando para não subordinar uma área do saber à outra, ou seja, uma forma interdisciplinar de trabalhar em que as disciplinas se relacionem, como resume Milton Justus (2020):

Na interdisciplinaridade mais de uma disciplina se une em um projeto comum, com um planejamento que as relacione. Durante o processo, estas áreas trocam conhecimentos e enriquece ainda mais as possibilidades. Como resultado, há um novo saber, menos fragmentado e mais dinâmico se estabelece. (JUSTUS, 2020, p 13).

Apesar de ser abarcada pelo programa de Psicologia Escolar, minha pesquisa não está diretamente orientada para esse campo, mas percorre *o entre, a ligação entre* a Pedagogia e a Psicologia. É um algo similar à metáfora da terceira margem do rio, de Guimarães Rosa. A perspectiva da interdisciplinaridade é importante, uma vez que, devido à minha formação, seria difícil e até descabido tentar separar de que campo disciplinar provém cada observação e olhar. A instituição escolar CIEJA-CL é o ponto de partida da investigação, porém o olhar está mais voltado para as pessoas e para o sentido atribuído às relações com o mundo, o ser-com-o-mundo e a relação das pessoas no encontro com as outras. Esse trabalho é um olhar de uma pedagoga enriquecido pelo diálogo com a Psicologia.

Na constituição do referencial teórico desta pesquisa, destaca-se minha passagem pelo Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE),

criado pela Prof^a. Dr^a. Henriette Morato. A partir do ingresso no mestrado, passei a acompanhar as atividades e os projetos do LEFE, que são voltados à atenção psicológica nas instituições, todos oriundos dos trabalhos de extensão universitária. Meu projeto de pesquisa é mais uma cartografia acolhida pelo LEFE, apesar do CIEJA-CL não ser um campo definido para os trabalhos de extensão do laboratório, como tradicionalmente ocorria.

O grupo de orientandos e colaboradores trabalha dentro da perspectiva fenomenológica existencial. No grupo, tomei contato com o pensamento de Walter Benjamin e de Martin Heidegger – e sua lente compreensiva; o pensamento de Hannah Arendt já havia conhecido dos tempos da Faculdade de Educação. Além destes, eu já flertava com o pensamento de Carl Rogers por meio dos estudos de comunicação não-violenta. Identifico que ser abraçada pelo LEFE e dialogar com os pensadores que me foram apresentados foi crucial para definir o olhar que apresento neste trabalho, já que lido com o entendimento, presente na perspectiva fenomenológica existencial, de que “o homem, sendo parte do mundo, ou, para além, sendo mundo com outros, afeta e é afetado” (MORATO; ANDRADE; SCHMIDT, 2007, p. 201).

A compreensão fenomenológica existencial desta pesquisa parte do trabalho de Martin Heidegger, apoiado na Fenomenologia proposta por Edmund Husserl, conhecido por Fenomenologia Existencial (grafado sem o hífen)¹² ou Fenomenologia da Existência.

O propósito da Fenomenologia, segundo seu criador, é o de fornecer elementos para no desenvolvimento das ciências eidéticas, ou ciências puras, que constituiriam a base das ciências positivas. A transposição do método fenomenológico da filosofia para as ciências empíricas não é obra de Husserl, mas de seus seguidores. (GIL, 2010, p. 3).

¹² Recomenda-se atenção à grafia dessa expressão sem a utilização de hífen, pois as variações denominam definições diferentes. Morato (2009) descreveu as variações do termo: “Diferenciam-se três formas de nomeação que articulam os termos fenomenológico e existencial, geralmente empregadas pela orientação humanista em Psicologia:

- a) fenomenológico-existencial: tentativa de aproximação de aspectos da fenomenologia em geral e do existencialismo, através de autores como Husserl, Nietzsche, Sartre, Buber, Kiekegaard;
- b) fenomenológico e existencial: distinção, dentro da fenomenologia, entre uma forma mais transcendental e uma mais existencial;
- c) fenomenológica existencial: perspectiva da fenomenologia existencial de Heidegger e aportes de Merleau-Ponty nela baseados.” (MORATO, 2009, p. 34 *apud* EVANGELISTA, 2016, p. 27).

Martins, Boemer e Ferraz (1990) esclarecem que, na pesquisa de orientação fenomenológica, para chegar ao fenômeno, as ações principais envolvem descrever, não explicar; mostrar, não demonstrar. Essa orientação da pesquisa é um *caminhar* que se realiza com relativa liberdade, encontrando saídas e atalhos no percurso, pois “o modo fenomenológico existencial de interrogar o fenômeno afasta-se de procedimentos pré-definidos e segue o movimento circular do fenômeno a ser investigado.” (SILVA; SANTOS, 2017, p. 121). As autoras ainda complementam que:

O modo de compreender a pesquisa fenomenológica existencial questiona o absolutismo do método científico natural ao passo que: aceita a relatividade de perspectivas do saber e da verdade; realça que os fenômenos podem se mostrar de diferentes maneiras, a diversos olhares; indica que as tentativas de cálculo e o controle frente aos fenômenos têm sido uma tarefa irrealizável; o pesquisador não é neutro frente ao que almeja conhecer; as teorias são importantes, mas é preciso ter cuidado para não nos paralisarmos diante de conclusões apressadas; o pesquisador assume um lugar “indeterminado”, abrindo-se para o que acontecer. (SILVA; SANTOS, 2017, p. 115).

Sendo assim, a Fenomenologia Existencial compõe o pano de fundo desta dissertação. As discussões serão feitas a partir de uma leitura fenomenológica dos fenômenos encontrados, ou seja, parto de uma atitude fenomenológica nesta dissertação sem necessariamente me aprofundar em seus autores. Na atitude fenomenológica, contemplo o envolvimento que tenho com o mundo e com as coisas que estão nele. O arquiteto e doutor em educação Rodrigo dos Santos (2016), baseado nos trabalhos sobre fenomenologia do filósofo Sokolowski, aponta que cada um, como observador das cenas, é participante do mundo e contempla o que é ser participante no mundo e em suas manifestações. Santos descreve como ele percebe a atitude fenomenológica:

Movo-me na atitude fenomenológica, o que me torna uma espécie de observador imparcial de cenas que passam a minha frente, transformo-me num espectador de um jogo. Ao me tornar um espectador não sou mais simplesmente participante no mundo. Com esta atitude contemplo o que é ser um participante no mundo e nas suas manifestações. No entanto, estou consciente de que as intencionalidades que contemplo – as convicções, dúvidas, suspeições, certezas e percepções que examino e descrevo – ainda são minhas intenções. Eu não as perco; somente as contemplo. Tais intenções permanecem exatamente como eram, e seus objetos permanecem exatamente como estavam. (SANTOS, 2016b, p. 232)

Evangelista (2016) ao retomar os trabalhos de Heidegger afirma que a atitude fenomenológica expressa um não-julgamento. Ele descreve essa abordagem como uma

[...] observação dos fenômenos tal como são experienciados pré-reflexivamente, isto é, antes que teorias sobre a relação sujeito-objeto, o espaço, o corpo, as relações inter-humanas e o tempo interfiram no entrelaçamento com o mundo. (EVANGELISTA, 2016, p. 63-64).

O autor, apoiado nos trabalhos de Heidegger, aponta que não é possível cindir ser humano e mundo nem separar sujeito-objeto. Logo, conhecer o ser humano é conhecer seu mundo, pois, na Fenomenologia, não se separa o *sujeito* do que vivencia no seu entorno; a existência humana é ser no mundo.

2.5 EXPERIÊNCIA E NARRAÇÃO

Desde o início desta investigação, enquanto esta ainda estava centrada numa proposta distinta da atual, um aspecto sempre permaneceu: a atenção à experiência e à narrativa como recursos primordiais para o trabalho. Apresento-o agora brevemente e, adiante, no capítulo da metodologia, vou desenvolvê-lo mais amplamente.

Narrar, segundo Benjamin (2012), é uma forma antiga de conexão com a experiência. A narrativa é preciosa, pois conecta cada um à sua experiência, à do outro e à do antepassado. Para Schmidt (1990) a narrativa é capaz de amalgamar o pessoal e o coletivo e o faz de uma maneira democrática ou, mais precisamente, da única maneira possível para que uma prática social seja democrática: fazendo circular a palavra, concedendo a cada um e a todos o direito de ouvir, de falar e de protagonizar o vivido e sua reflexão sobre ele. Ainda em Schmidt (1990, p. 37):

A pesquisa voltada para a experiência coloca em cena, necessariamente, a estrutura do saber narrativo e esta difere fundamentalmente da informatização do saber requerida e propiciada pelas articulações entre ciência e tecnologia.

Cada pessoa detém a autoridade de narrar sua experiência, que é única e foi forjada em sua existência. A experiência, aquilo que nos passa, detém em si a capacidade de formar e de transformar. Nas palavras de Larrosa (2002a, p. 27):

Durante séculos, o saber humano havia sido entendido como um ‘páthei máthos’, como uma aprendizagem no e pelo padecer, no e por aquilo que nos acontece. Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. E esse saber da experiência tem algumas características essenciais que o opõem, ponto por ponto, ao que entendemos como conhecimento.

Dessa forma, a experiência como aquilo que nos toca e marca, apontada nos escritos de Benjamin (2012) e utilizada por Jorge Larrosa (2002), é a concepção adotada nesse trabalho. Nessa abordagem, conforme explicitado por Schmidt (1990, p. 70), “cabe ao pesquisador colocar-se, então, mais como um recolhedor da experiência, inspirado pela vontade de compreender, do que como um analisador à cata de explicações”. Em seu trabalho para compreender o sentido da ação da prática de profissionais, Morato (2007) aponta que o modo mais próprio de se conduzir à questão de pesquisa é trabalhar com os relatos orais e considerar a experiência como fonte do conhecimento.

2.6 JUSTIFICATIVA

E tu para que queres um barco, pode-se saber, foi o que o rei de facto perguntou [...] Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, E que ilha desconhecida é essa que queres ir à procura, Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida, A quem ouviste falar dela, perguntou o rei, agora mais sério, A ninguém, Nesse caso, por que teimas em dizer que ela existe, Simplesmente por que é impossível que não exista uma ilha desconhecida. (SARAMAGO, 2013, s/p).

Antes de avançar na compreensão da questão central da pesquisa, *como compreender o sentido do CIEJA para alunos e frequentadores por meio das narrativas*, tomo emprestada a ideia de Saramago (2013): ainda há territórios desconhecidos sobre o sentido, a existência e a experiência de estudantes de EJA? E sobre o trabalho diferenciado do CIEJA-CL? Pode-se, ainda, navegar nesse território?

Essa temática mostrou-se relevante num momento em que os recursos destinados à EJA constantemente correm riscos de redução e cortes por parte dos diferentes governos. Ademais, torna-se substancial nesse momento histórico em que observamos o congelamento

dos gastos públicos com educação e saúde, tendo-se um teto de despesas congelado por vinte anos devido às mudanças constitucionais ocorridas a partir da Proposta de Emenda à Constituição, a PEC 55.

O trabalho que o CIEJA-CL realiza de forma diferenciada há duas décadas, com uma prática escolar de visíveis acertos, merece visibilidade, de modo a confrontar o discurso depreciador e desesperançado quanto à escola pública e seus resultados. Conhecer as boas práticas possibilita a defesa desse modelo de educação, e a influência nas políticas públicas e a destinação de verbas são determinadas a partir do entendimento das prioridades e do valor de cada área da vida pública.

2.7 OBJETIVOS

Partindo da questão de pesquisa, *como compreender o sentido do CIEJA para frequentadores e alunos por meio das narrativas*, busco entender o sentido de educação para os frequentadores e alunos do CIEJA-CL e conhecer, a partir de uma atitude fenomenológica existencial, como se configura a experiência dessas pessoas. O acesso a essas percepções se dará pela realização de entrevistas a serem posteriormente analisadas.

2.8 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Apresento, nesse espaço, a composição de capítulos desta dissertação. No primeiro capítulo, intitulado *Percurso Metodológico*, dedico-me a discorrer sobre o caminho metodológico escolhido e a tecer reflexões sobre o referencial teórico que subsidia essa abordagem, principalmente recorrendo aos conceitos de experiência e de narrativa de referencial da cartografia clínica. No segundo capítulo, intitulado *Narrativas em Mosaico – experiência em ação*, dedico-me às narrativas surgidas, como forma de revelar o CIEJA em seus diferentes aspectos, e à experiência em ação dos narradores ouvidos. Mediante autores que me acompanharam na investigação e que iluminaram o vivido, apresento conjuntamente minha compreensão dos fenômenos na tentativa de entender o sentido que se revelou para mim. No quarto capítulo, apresento as considerações finais e retomo a questão de pesquisa com o fechamento do trabalho, relacionando com o que vi(vi) antes, e encaminho uma possível compreensão do CIEJA. No quinto e último capítulo, intitulado *Post scriptum*, redijo impressões gerais sobre como vi(vi) minha pesquisa e uma breve consideração sobre minhas aprendizagens da pós-graduação.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Eu ia muito à ópera, no São Carlos, no teatro da ópera de Lisboa. E ia sempre lá para o galinheiro, lá para parte de cima. Onde via uma coroa, quer dizer, o camarote real começava embaixo, ia até lá em cima e fechava com uma coroa, uma coroa dourada enorme. Coroa essa que vista do lado da plateia e do lado dos camarotes era uma coroa magnífica. Do lado em que nós estávamos não era, porque a coroa só estava feita entre as quartas partes. E dentro, e era oca. E tinha teias de aranha. E tinha pó. Isso foi uma lição que eu nunca esqueci. Nunca esqueci essa lição: é que para conhecer as coisas há que dar-lhes a volta. Dar-lhes a volta toda (SARAMAGO, 2001, s/p).

O presente capítulo tem por objetivo apresentar o percurso metodológico adotado nesta investigação de orientação fenomenológica existencial e discorrer sobre os passos percorridos e as decisões referentes à metodologia da pesquisa.

Baseio-me no entendimento de que pesquisar é tentar compreender algo que se apresenta, é escolher uma forma de abordar esse algo dentre os diferentes modos possíveis de conduzir o olhar (CABRAL; MORATO, 2003). Sendo assim, o caminho metodológico escolhido para essa pesquisa está anunciado pelo convite de Saramago (2001) exposto na epígrafe: para conhecer as coisas, é preciso dar-lhes a volta; mover-se e mover-se ao redor, observar o fenômeno e posicionar-se em ângulos distintos.

Para entender o modo de olhar para o fenômeno, é preciso situar antes o percurso metodológico. A palavra método deriva do grego *methodo*, entendido como a tentativa de “ordenar o trajeto através do qual se possa alcançar os objetivos projetados”¹³.

Compreendendo o sentido etimológico da palavra método (do grego *Méthodos*) como ‘caminho para’, percebemos que, na tradição metafísica, o método é um caminho seguro que vai sendo traçado com prescrições dadas de antemão. Iniciando num mesmo ponto de partida, diversas pessoas podem chegar ao mesmo ponto de chegada, caso não se desviem da ‘rota indicada’. (SANTOS; SILVA, 2017, p. 113).

A opção pela palavra método, segundo Martins, Boemer e Ferraz (1990), levaria a uma associação ao sentido cartesiano do termo. Portanto, optarei pela utilização da palavra *trajetória*, que expressa melhor o percurso escolhido e realizado.

¹³ Fonte: Dicionário etimológico virtual. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/metodo>>. Acesso em: 11 de set de 2018.

Ellen da Silva e Suelly Santos (2017) afirmam que, ao seguir a inspiração heideggeriana, se busca “interrogar a hegemonia metodológica, a fim de abrir passagem para situar a Fenomenologia Existencial enquanto um possível caminho metodológico de pesquisa em Psicologia” (SANTOS; SILVA, 2017, p. 113). As mesmas autoras realçam que:

a pesquisa fenomenológica existencial surge como possibilidade para trilhar caminhos acompanhando o revelar/encobrir dos fenômenos que se está a investigar. Tal modo de pesquisar rompe com a ideia de debater sobre temas teóricos a priori, sem interseção com a experiência, bem como ressalta que pesquisar é uma criação coparticipativa. (SANTOS; SILVA 2017, p. 123).

Em conformidade com essa concepção de pesquisa, a opção cartesiana de remover o elemento humano e aplicar uma suposta objetividade a uma pesquisa de realização humana sobre o ser humano foi descartada neste trabalho. Diferentemente do modo de constituir o conhecimento oriundo das Ciências Exatas, aqui adotei uma orientação fenomenológica existencial, que inclui o ser humano com seus afetos, sentidos, percepções, entendendo-os como elementos inseparáveis daquele que se busca compreender.

Como seria possível eliminar o homem e os fenômenos da subjetividade do processo de construção do conhecimento? A proposta de assumir que o sujeito – enquanto ser singular e plural – e os seus estados de ânimo constituem peça fundamental na engrenagem que produz conhecimento e ciência está implicada na atitude fenomenológica. (CABRAL; MORATO, 2003, p. 160).

3.1 O DOS METHA

A pesquisa fenomenológica parte de uma interrogação que busca focalizar o fenômeno que se apresenta: “a investigação fenomenológica não vai partir de um ‘problema’. O pesquisador não terá um ‘problema’, mas sim uma interrogação” (BOEMER, 1994, p. 85). A pesquisa de orientação fenomenológica não busca fatos, respostas, teorias ou quaisquer definições *a priori* do fenômeno, mas procura “desvelar o fenômeno, descobrir significados, desenvolver compreensão e explorar o fenômeno na maior diversidade possível” (BOEMER, 1994, p. 86).

Nas pesquisas de base fenomenológica existencial, modificações no percurso são possíveis e esperadas. Nelas, “pode-se compreender metodologia como a construção de um caminho possível para a realização de um estudo, não cabendo a definição ou aplicação de

um método padronizado ou pré-configurado” (MORATO, 2007, p. 2). Em consonância com a flexibilidade do caminho fenomenológico e com o trabalho de Silva e Santos (2017, p. 123), sigo “um caminho que se faz ao se pôr em andança com os participantes-colaboradores. Um caminho que se faz percorrendo com outros”. Ao caminhar com a questão norteadora, à guisa de bússola, realizo um *hodos methá*¹⁴, constituo um caminho que se dirige para algo, que se dirige para a busca do sentido. Por meio do *hodos methá*, percorre-se, primeiramente, o caminho para descobrir (*hodos*), e, posteriormente, os objetivos e os resultados (*methá*). Em outras palavras, a pesquisa estabelece-se como uma investigação (do latim, *in vestigiuns*) que parte do caminhar a recolher vestígios (*in-vestigiuns*) no percurso para conhecer o que se apresenta.

A escolha de caminhar em *hodos methá* me permitiu, enquanto caminho metodológico, incluir as reviravoltas que ocorreram na pesquisa, tudo o que poderia ser julgado como (des)caminhos, desvios, imprecisões, compreendidos como parte do processo de pesquisa e como modo de chegar à questão-bússola. Então, “o que se quer saber, paralelamente ao modo da interrogação, é aquilo que decisivamente interessa” (CRITELLI, 1996, p. 26). Martins, Boemer e Ferraz (1990) apresentam a questão, informando que o pesquisador não tem dúvidas, interroga; não tem um problema a pesquisar, pois:

Quando pergunta tem uma resposta. Quando interroga terá uma trajetória, estará caminhando em direção ao fenômeno, naquilo que se manifesta por si, através do sujeito que experiencia a situação. Nessa postura, não fala, por exemplo, em aprendizagem, em ansiedade; mas sim fala da experiência de estar aprendendo, de estar ansioso. Fala, portanto, de fenômeno situado. Assim, quando fala em aprender matemática, em aprender física, em aprender enfermagem, está satisfazendo a um conjunto de conceitos que foram transmitidos e avaliados em termos de saber ou não saber, mas a experiência do conceito não está sendo avaliada ou medida. É preciso situar o fenômeno e ter então fenômenos situados e não soltos; estará interrogando o fenômeno e não procurando solução para um problema. (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990, p. 143).

Qual fenômeno eu interrogo? O CIEJA-CL? A vivência das pessoas dali? A experiência de estar no CIEJA era o que me interessava mesmo? Critelli (1996, p. 134) assinala que “o interrogador faz parte do que ele quer saber e do que ele pode ver”. Portanto, quando interrogo o fenômeno, ele não está separado de mim, porque toda consciência é

¹⁴ *Hodos methá* vem do termo *hodos*, que significa “via, caminho” ou ainda caminho, direção, e do termo *meta*, que quer dizer “através de, por meio”. Fonte: Dicionário etimológico virtual. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/metodo/>>. Acesso em 11 set 2018.

consciência de algo para alguém – proposição de Edmund Husserl, criador da Fenomenologia. Carrego-me por aí quando estudo, quando pesquiso, quando vivo. Entendo que, nos capítulos iniciais de apresentação e de introdução, consegui nomear elementos mais evidentes que me fizeram chegar ao campo e olhar para onde olhei, ficar curiosa com o que fiquei: o gosto pelas narrativas, o desalento como profissional da escola pública, a vivência na periferia como filha de migrantes. Ainda assim, há, certamente, outros elementos, outros encontros não nomeados e outros tantos não visíveis que também compõem meu olhar. A isso, Critelli (1996) chama de olhar plural e, ao mesmo tempo, exclusivo:

Este olhar do interrogador ou interrogado, por sua vez, é jamais um olhar dele mesmo, isolado, mas um olhar plural do qual fazem parte todos aqueles com quem ele mesmo é no-mundo. Mas é também um olhar exclusivo, no qual se expõe toda sua singularidade. Esse olhar do interrogador também deve ser interrogado fenomenologicamente, em busca de seu sentido. (CRITELLI, 1996, p. 134).

3.2 QUESTÃO-BÚSSOLA

A questão de pesquisa na Fenomenologia não se define no início; conseqüentemente, nessa pesquisa, ela se delineou ao longo do processo, com modificações de sua configuração, acompanhando a concepção de questão-bússola que orienta o caminho.

Revisitamos a proposição de “questão-bússola” – ou “questões-bússolas” – como “nortes possíveis”, que podem se transmutar em meio ao trânsito no *território de pesquisa*, em meio às relações com diversas(os) interlocutoras(es). [...] O campo pode fazer a bússola se desgovernar, tendo ele dinâmica própria e, assim, soberania pelas relações e encontros que ali se tecem. Assim, a questão-bússola pode se redesenhar, se reconfigurar ao longo do trajeto, até se desmontar e se reconstituir em outra direção, outra questão-bússola, tendo já cumprido sua função de disparar algo. Essa abertura ao que surge é exercício difícil, contudo imprescindível. (CABRAL; MORATO, 2019, p. 95).

Isso foi o que ocorreu com essa pesquisa, que, num primeiro momento, caminhava em uma direção, porém, ao longo do processo de delineamento, a bússola indicou outro rumo: compreender o sentido do CIEJA-CL por meio das narrativas.

3.3 EXPERIÊNCIA E NARRATIVA: A EXPERIÊNCIA EM PALAVRAS

A coleta das experiências, por meio de narrativas, alicerçou-se nas concepções de alguns autores. Tendo como inspiração os trabalhos de História Oral da professora Ecléa Bosi (1994), especialmente *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, compreendi melhor e trabalhei com as histórias de pessoas entendendo que, a partir de memórias de pessoas comuns, é possível compor visões não-hegemônicas da história.

Em Benjamin, obtive um entendimento sobre experiência, e percebi que a arte de narrar a experiência se dá entre o narrador e seu ouvinte, na relação que existe e se constrói entre eles, em entrega, pois “metade da arte narrativa está em evitar explicações” (BENJAMIN, 2012). Por meio da escuta da narrativa – forma artesanal de comunicar –, não se busca uma verdade definitiva, mas uma versão, uma compreensão do vivido, com foco no tempo presente, para conhecer, por meio do que cada um apresenta, o que experienciaram enquanto participantes. Essa versão é construída por cada um dos sujeitos e não se submete a um referencial externo que possa referendá-la ou falseá-la, uma vez que

A pesquisa voltada para a experiência coloca em cena necessariamente, a estrutura do saber narrativo e a esta difere fundamentalmente da informatização do saber requerida e propiciada pelas articulações entre ciência e tecnologia. (SCHMIDT, 1990, p. 37).

De acordo com Benjamin (2012), a transmissão da experiência é “portadora da sabedoria ancestral”. No compartilhar da experiência, via narrativa, construímos juntos o sentido do vivido e a experiência compartilhada.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Como participante da investigação, posicionei-me diante do ato de ouvir as narrativas, numa atitude de escuta ativa e de preenchimento com o outro, de modo similar a como Rogers (1987) trata o ato de ouvir: como receptáculo ativo e fonte de saber. Acerca disso, o autor explica: “quando consigo realmente ouvir alguém, isso me coloca em contato com ele, isso

enriquece a minha vida. Foi ouvindo pessoas que aprendi tudo o que sei sobre as pessoas, sobre a personalidade, sobre as relações interpessoais” (ROGERS, 1987, p. 7).

3.4 EXPERIÊNCIA

Diferenciar a concepção de narrativa e experiência mostrou-se uma tarefa interligada e interdependente. A coletânea bibliográfica ofereceu suporte para a compreensão destes conceitos e, em síntese, explica que a narrativa se sustenta naquilo que foi experienciado e que se mostra digno de narração e de transmissão. Por outro lado, o acesso possível ao significado principal e à experiência se faz via narrativa pelos sujeitos.

Cotidianamente, quando dizemos que alguém é experiente no trabalho, entendemos que aquela pessoa teve, ao longo de sua vida, vários momentos nos quais pôde atuar profissionalmente numa mesma atividade, ou seja, naquela área em que é experiente. Portanto, utiliza-se a experiência, no senso comum, para se referir às atividades que alguém realizou repetidas vezes e que lhe permitiram reunir um repertório de conteúdos e saberes.

Na abordagem aqui utilizada, há diferença entre as acepções possíveis da palavra experiência. Interessa-nos diferenciar experiência de vivência. Para distinguir entre vivência e experiência, Jean Marie Gagnebin (1985, 2014) retoma os dois vocábulos alemães, *Erlebnis* e *Erfahrung*, ambos habitualmente traduzidos como experiência. O exemplo da pessoa “experiente” no trabalho está mais próximo da palavra vivência, pois a pessoa tem várias vivências na referida atividade. A palavra *Erlebnis* significa vivência e refere-se a processos individuais, isolados. Vivência diz respeito àquilo que se passa, às situações e eventos que acontecem com nossa presença e, por isso, está associada a um aumento de repertório pessoal de atividades vividas. Assim,

a vivência (um termo introduzido no fim do século XIX) designa uma experiência individual, não mais ancorada numa experiência coletiva, geralmente ligada a um presente fugidio, não mais ancorado numa tradição comum. Portanto, uma experiência vivida, certamente real, mas evanescente e difícil de ser realmente transmitida como um bem comum. (GAGNEBIN, 2014, p. 14).

As vivências são fugazes, efêmeras, duram pouco na memória. Podemos também pensá-las em termos de velocidade, e o mais próximo disso seria acelerado ou rápido – mais espaço percorrido em menor tempo, visto que cabem muitas vivências num curto espaço de tempo.

Pode-se dizer que este tipo de acontecimento define bem os tempos atuais, em que se vive uma multiplicidade de situações fugazes e pouco significativas. Como ilustração desta forma de viver, ressalto os inúmeros amigos virtuais que as pessoas colecionam em suas redes sociais, e principalmente as vivências compartilhadas por fotos e mensagens que parecem tão importantes e intensas ao serem publicadas, mas que em pouco tempo caem no esquecimento. (PANNUTI, 2015, p. 63).

A experiência, do alemão *Erfahrung*, refere-se à experiência vivida na tradição, ancorada nos processos coletivos. Experiência, nessa perspectiva, é aquilo que nos passa, nos marca e nos transforma; é coletiva, compartilhada. Dessa forma, podemos pensar naquilo que nos passa em uma velocidade mais lenta e em termos mais qualitativos.

Daniela Pannuti (2015), fundamentada na produção de Walter Benjamin, explicita que, opondo-se à vivência (*Erlebnis*), coloca-se a experiência (*Erfahrung*), que é construída no tempo, se acumula a partir do vivido e transforma tanto o indivíduo quanto o coletivo.

A etimologia da palavra experiência traz em si a ideia de expansão dos perímetros, das fronteiras, o sujeito que vive a experiência se submete a uma mudança, ele sai de si, de seu mundo conhecido e se abre ao mundo, ao outro aprofundando as relações. Essa analogia também aparece entre os termos em alemão *Erfahrung* e *Fahren*, respectivamente experiência e viajar. Nesse sentido, o sujeito ao viver uma experiência se lança a uma viagem, que pode ser uma viagem real, concreta, ou uma viagem simbólica. (PANNUTI, 2015, p. 64).

Larrosa (2018), no livro *Tremores - escritos sobre a experiência*, expõe a dificuldade de definir experiência:

A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos. (LARROSA, 2018, p. 10).

O sujeito da experiência tem abertura e receptividade para que as coisas aconteçam. Assim sendo, Larrosa (2002) aponta como inimigos da experiência os elementos que dificultam o estado de presença que permita sentir e vivenciar o que acontece. Para que a

experiência ocorra, há que se ter abertura por parte do sujeito da experiência, assim descrito pelo autor:

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (LARROSA, 2002, p. 24).

Logo, Larrosa (2002) reforça que a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca; não o que se passa, não o que acontece. Nesse sentido, experiência se refere ao que foi vivido, revisitado, elaborado e vinculado, de alguma forma, a uma sabedoria pessoal e coletiva. Não é sinônimo de saber coisas, mas o contrário: o excesso de informação atrapalha a experiência (LARROSA, 2002). Há outros inimigos da experiência: o excesso de opinião, a falta de tempo, o excesso de trabalho.

O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. (LARROSA, 2002, p. 23).

Em oposição ao excesso de informação e à falta de tempo, para a experiência, e, junto com esta, a possibilidade de que algo nos marque e nos toque, é preciso um ritmo, um tempo diferente e mais lento.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

Para possibilitar a experiência, o diretor de cinema japonês Hayao Miyasaki, especializado em cinema de animação, em diversos momentos de seus filmes, insere pausas na trama e no avanço da história, mostra vazios em que o espectador pode observar tranquilamente, ver e sentir quem são os personagens enquanto estes se apresentam em ações contemplativas. Em entrevistas concedidas, o diretor ressalta que a inspiração para isso se origina do conceito japonês de *Ma*, um vazio com um propósito. *Ma* é importante e tem significado, se expressa na ausência de algo, como o vazio de uma porta ou de uma janela aberta, que permite a passagem da luz ou a visualização de uma paisagem. É uma ausência que permite a manifestação de algo através dela (VALAREZZO, 2016). Esse vazio é intencionalmente inserido para propiciar desaceleração, presença.

Conectando essas duas ideias – a de que as pausas são propícias para o surgimento de estados diferenciados e a de que a experiência precisa de uma espécie de redução do ritmo –, busquei, nessa pesquisa, a promoção de pausas, espaços propícios para emergir e narrar a experiência. Foi no encontro que se configurou pausa e espaço de suspensão para que os detentores do saber experiencial pudessem narrar.

Na pesquisa sobre a experiência, não se busca saber a informação que o sujeito detém, sua opinião ou as atividades que realizou, mas busca-se saber o que experienciou, que sentido conseguiu atribuir ao vivido.

Dentro dessa perspectiva, a experiência está no centro da investigação, pois “a experiência deixa de ser avaliada como menos ou como campo reduzido à ilusão, para passar a ocupar a posição central da investigação; campo das incertezas, dos ensaios erro/acerto, da errância e da itinerância” (MORATO; ANDRADE; SCHMIDT, 2007, p. 198). A experiência “é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (LARROSA, 2002a, p. 25). Dessa maneira, a pesquisa da experiência acarreta imprecisão, que faz parte do material a ser compreendido, posto que “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (LARROSA, 2002a, p. 27).

3.5 NARRATIVA

Como se torna perceptível nas observações anteriormente apresentadas por Larrosa (2002), as noções de narrativa e de experiência são difíceis de serem explicitadas separadamente; portanto, pode-se assumir que há uma intrínseca relação entre ambas. Para Larrosa (2018, p. 50), “o relato é a linguagem da experiência, a experiência se elabora em forma de relato, a matéria-prima do relato é a experiência, a vida”.

Benjamin (2012) questionava a ascensão da técnica como forma de conhecimento em detrimento de formas tradicionais, artesanais e coletivas do saber e argumentava que, na modernidade, com o excesso de transformações, nos tornamos pobres em experiências narráveis.

Historicamente existe uma concorrência entre as diversas formas de comunicação. Na substituição do antigo relato pela informação, e desta pela sensação, reflete-se a crescente redução da experiência. Todas essas formas, por seu lado, destacam-se da narrativa, que é uma das mais antigas formas de comunicação. Para ela, não era importante transmitir a pura objetividade do acontecimento, como faz a informação; integra-o na vida do contador de histórias para passá-lo aos ouvintes como experiência. Por isso, o contador de histórias deixa na experiência as suas marcas, tal como o oleiro deixa as das suas mãos no vaso de barro. (BENJAMIN, 2017, p. 109).

A experiência, nesta concepção benjaminiana, é transmissível e coletiva, tornando-se, conseqüentemente, algo que pode ser transmitido de geração a geração e, assim, fazendo parte da constituição e dos saberes dos envolvidos, tanto aquele que narra quanto aquele que escuta.

Nesta pesquisa, a experiência tem um papel central, e as narrativas apresentam-se como caminho para acessar a experiência – ou o saber da experiência - dos frequentadores e alunos do CIEJA-CL. Os relatos que escutei e as trocas que presenciei revelaram os valores, os costumes e as práticas do lugar. Os testemunhos que escutei estão impregnados da pessoa e do contexto, pois, ao se revelar um fato vivido, uma lembrança, também são comunicadas as interpretações e o sistema de valores.

Benjamin (2012) pontua que o narrador tem a autoridade oriunda da experiência. A autoridade da narrativa fundamenta-se na experiência de cada pessoa, portanto, e apresenta-se como possibilidade de participação na transmissão do saber experiencial, que se torna disponível para aqueles que o recolhem (BENJAMIN, 2012). O narrador fala a partir de uma autoridade que lhe foi outorgada não por outrem, alguém alheio e externo, mas pelo vivido e incorporado à vida, pela sabedoria acumulada proveniente do que experienciou.

Ou seja, a escolha da narrativa como caminho para a pesquisa sobre a experiência permite recolher o saber oriundo da experiência, em desuso nos dias atuais. Há também a possibilidade de se investigar a presença do sentido naquilo que é narrado. Isto é, acompanhando a narrativa da história pessoal, é possível entrever, redescobrir os nexos aos quais estão ligados os acontecimentos da existência e o sentido do ser realizado (CRITELLI, 2016b, pois

(...) O sentido revelado na narrativa é o destino que me acolhe no meu passado e me lança para meu futuro.

As narrativas guardam nelas o modo como apareço para mim e para os outros. Guardam nelas quem somos, qual o sentido que reconhecemos para a vida e qual sentido acreditamos que fazemos dela. Guardam o para onde e para que estamos nos dirigindo. Guardam o que acreditamos que somos, como somos e nosso destino. (CRITELLI, 2016b, p. 126).

Critelli (2016a p. 13) expõe, ainda, que “a vida humana se tece entre [...] narrativas de acontecimentos nas quais encontramos armazenados sentidos e significações para a vida.”.

Por fim, o momento da narração, principalmente quando este se dá com um enfoque autobiográfico, que pressupõe a revisitação do vivido, é potencialmente propiciador de experiência, visto que “a narrativa é, ao mesmo tempo ‘modelo de apresentar a experiência e momento de desenrolar da experiência e de elaboração dela’” (CABRAL; MORATO, 2003, p. 166).

O momento de intercambiar narrativas cria espaço para revisitar o vivido, para pensar, conectar e ver o que há naquilo que foi dito, permitindo uma reconstituição de significados. O encontro abre a possibilidade de transformar as vivências em experiências.

Uma metodologia assim proposta acaba se configurando como espaço promotor de experiência. Apresenta-se como uma possibilidade de cuidar de quem cuida, propiciando que esse cuidador reflita sobre sua forma de cuidar, gerando sentido para esse seu fazer. (LÉVY, 2001, *apud* CABRAL; MORATO, 2003, p. 166).

Na narrativa, o protagonista da vida real – não do romance – conta, narra e se (re)envolve em seu vivido. Narrar é trocar, receber e dar, nesse diálogo em que um diz e o outro ouve em um ir e vir. Assim, o narrador

conta a sua história, narrando os fatos, acontecimentos e afetos que percorrem a sua trajetória vivencial. E, na medida em que o faz, desvela a sua experiência, ao mesmo tempo em que a constrói e reconstrói, através da linguagem. Ao contá-la, ela nos introduz na sua vida, sensibiliza-nos e coloca-nos como participantes da sua experiência, fazendo do pesquisador um sujeito dessa experiência. (DUTRA, 2002, p. 371).

3.6 CARTOGRAFIA

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo
 Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
 (Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do
 corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
 Os céus se misturaram com a terra
 E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.
 (BANDEIRA, 1967, p. 256)

Na primeira vez que estudei cartografia aplicada à pesquisa em Psicologia numa disciplina, antes de ingressar na pós-graduação, fiquei atônita. Aquilo me parecia abstrato e evanescente. Eu lia, lia, lia e não entendia. Faltava sempre a visualização da ação ou o entendimento de como aquelas ideias se tornariam ação. Na ocasião, jamais imaginaria que adotaria a cartografia como caminho.

O primeiro estranhamento chegou com o nome cartografia; eu havia estudado cartografia no ensino básico e durante os estudos de Metodologia do Ensino de Geografia, na graduação. Portanto, pensar em cartografia me levava imediatamente a pensar em mapas, principalmente com os relevos e aspectos físicos do planeta. Faço aqui uma distinção: enquanto a cartografia aplicada à Geografia e Geodésica utiliza, para produzir conhecimento, medições precisas e referenciais, como distâncias, marcos topográficos e direção/localização para a construção de mapas ou cartas, a cartografia aplicada à pesquisa nas ciências do espírito utiliza outros marcos para compreender o território pesquisado: os afetos, as relações e os movimentos.

Ainda assim, avaliava que faltava maior compreensão da teoria por trás da cartografia, cujo entendimento sobre o modo de fazer se constituiu no decorrer da pesquisa. Somente após uma temporada em campo, os objetivos e a metodologia se estabeleceram. O caminho se fez ao caminhar.

Para compreender o sentido do CIEJA-CL para os alunos e frequentadores sob a ótica da experiência, reúno também a minha narrativa daquilo que vi e vivi. A cartografia da instituição apresenta também minha experiência no lugar onde tudo aconteceu e oferece uma possibilidade de conhecer a instituição e o que a compõe por meio de diferentes marcos e observações de diferentes ângulos e facetas, de maneira atenta aos atravessamentos.

Assim, a cartografia social aqui descrita liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de

subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. Não se refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência. (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 38).

Cartografar abarca abertura e flexibilidade para percorrer o caminho da pesquisa de maneira mais rizomática e compreende seguir o que surge no campo à semelhança da composição que se abre em veios. Pannuti (2015) descreve a cartografia como um caminho aberto

que se constrói ao caminhar, a cartografia não estabelece um conjunto de regras a serem aplicadas, nem um roteiro a ser seguido. Trata-se de um método que acolhe procedimentos inventivos, e no qual o rigor, essencial na esfera acadêmica, se assenta na implicação com a realidade pesquisada, no interesse e compromisso pela intervenção e participação no campo. (PANNUTI, 2015, p. 38).

Nessa perspectiva, a cartografia permite seguir, sem um roteiro rígido, o que surge no campo. O pesquisador revela-se, a subjetividade é incluída, e os afetos que nos transformam também. Dessa maneira, observo o ambiente, converso com as pessoas, circulo pelo espaço físico: olho, escuto, sinto, misturo-me às pessoas e detenho a atenção no que vai aparecendo, no que me toca ou se destaca. Esse aprender e apreender ocorre numa postura já compreendida por Daniela Pannuti:

Diferentemente de uma pesquisa fechada, o cartógrafo inicia sua habitação do território cultivando uma disponibilidade à experiência, uma atitude de receptividade ao campo [...] Sabemos que o processo de composição de um território existencial requer um cultivo ou um processo construtivo. Tal processo coloca o cartógrafo numa posição de aprendiz, de um aprendiz-cartógrafo que se lança ao território disposto a estar nele com abertura por meio de uma dedicação atenta que implica em movimentos aparentemente distintos de deriva e assiduidade, uma vez que é preciso deixar-se levar, mas também manter-se no campo de forma presente e engajada, deixando-se impregnar pelas diferentes forças que operam nesse universo. (PANNUTI, 2015, p. 41).

3.6.1 A chegada ao CIEJA-CL

Essa cartografia começa com um pedido informal de ajuda por parte de uma amiga professora nessa instituição. Ofereci-me para visitar o local e, ao mesmo tempo, poderia

encontrar possíveis depoentes para minha proposta inicial de pesquisa com os egressos da Fundação CASA.

Em retrospectiva, revisito meu ingresso no CIEJA-CL e identifico um caminhar curioso e hesitante. Movimento-me numa direção imprecisa e apreendo o caminho com esforços, como pesquisadora, para fazer poucas intervenções intencionais, ainda que na cartografia se pressuponha que a presença de um pesquisador é modificadora do campo e das relações. Nessa linha de raciocínio, Kastrup e Passos (2013) afirmam que, na cartografia, a pesquisa é entendida como intervenção¹⁵, e conhecimento, *como invenção*. Em outro trabalho, Barros e Passos (2015) comentam sobre a relação intrínseca entre pesquisa e intervenção:

No método da cartografia, a inseparabilidade entre pesquisa e intervenção desestabiliza pressupostos tradicionais do conhecimento científico e o ideal de inteligibilidade que se hegemônizou como positivo, rigoroso, neutro, objetivo. Entender que toda pesquisa é intervenção compromete aquele que conhece e quem (ou o que) é conhecido em um mesmo plano implicacional. (BARROS; PASSOS, 2015, p. 172).

Definida a cartografia, como procedimento adotados, frequentei a escola em dias da semana e horários variados. Nesses dias, propus-me a circular, a observar o ambiente e a conversar com as pessoas. As observações realizadas na escola aconteciam em horários e momentos de aula variados. Às vezes, eu ficava apenas sentada, olhando ao redor; outras vezes, andando e “xeretando” os espaços. Meu foco não estava na instituição ou nos alunos, mas no estar ali. À exceção das entrevistas agendadas e posteriormente realizadas, o contato com as pessoas não foi programado, conseqüentemente surgiu das interações possíveis naqueles dias e momentos.

Penso que essa cartografia tem uma inspiração no conceito benjaminiano da *flâneur* (BENJAMIN, 2017), que engloba meu modo de estar ali: andar, circular, olhar, encontrar,

¹⁵ Em concordância com os estudos que apresentam a natureza interventiva da pesquisa de campo, opto por inserir aqui, nesta nota – embora este não seja o capítulo voltado para os relatos –, um exemplo no qual pude visualizar uma intervenção ocorrida a partir da minha presença no CIEJA-CL. Quando encerrei a entrevista de Alejandro, perguntei como foi, para ele, ser entrevistado, e, na resposta, ele atribuiu a mim um papel no CIEJA, me vendo como alguém que fazia parte daquele conjunto e ressaltando a experiência que viveu a partir de minha presença no campo.

Pesquisadora: E como é ter contado para mim tudo isso? Como é que foi?

Alejandro: Ah. Foi da hora. Nunca tinha feito isso, não [risos]. É estranho porque... Não sei... Foi a primeira vez [risos] E é difícil falar isso, porque normalmente experiência você vive, você experimenta e não descreve. Então, descrever uma experiência, para mim, foi meio que complicado... Mas eu acho que eu me saí bem, pela primeira vez. E gostei bastante, obrigado, eu agradeço muito por essa experiência que você também tá me dando de poder expressar o que eu penso e o que eu acho. É mais uma coisa gostosa que o CIEJA me proporcionou. Obrigado.

apreender o que está visível, tanto elementos estruturais, institucionais, quanto elementos humanos, gestos, sem necessariamente assumir um compromisso com explicações ou tempo linear.

Conversei com as pessoas que apareciam, mas, como a maioria dos frequentadores do local são alunos, tive mais facilidade em estabelecer contato com eles. Eu “puxava assunto”, iniciava uma conversa, e, em geral, essa estratégia funcionou, mas, nos poucos momentos em que a conversa não fluía, experimentava perguntar para a pessoa como era estudar ali no CIEJA ou, melhor dizendo, como era, para ela, estudar ali no CIEJA. Ouvi muitas histórias; esforcei-me para ouvir mais do que falar, fazendo poucas intervenções. Colocava-me no local atenta e presente, posicionando-me para um ouvir ativo.

3.6.2 O registro nos diários de bordo

Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós, Se não saímos de nós próprios, queres tu dizer, Não é a mesma coisa. (SARAMAGO, 2013, p. 41).

Após as visitas, anotei os acontecimentos e os impactos destes em mim, relatando a experiência em um diário de bordo, cartografando o CIEJA e registrando no diário minhas experiências e reflexões. Fiz isso com o compromisso de apontar o que aparecia, como aparecia e o modo como me impactava. Coloquei no papel os afetos provenientes do campo, ou seja, as anotações dos marcos, das marcas, do marcante, do marcado – os afetos que a cartografia produziu (POZZANA, 2013).

A produção do diário de bordo faz parte do caminhar cartográfico, pois nele fica registrada a experiência; eles são fontes de dados e reconstituem o processo da pesquisa (BARROS; PASSOS, 2015). Semelhantemente à arte cubista, os diários não se norteiam pela representação da realidade, mas pela inclusão da diversidade de elementos que compõe a experiência. Heloísa Aun (2005, p. 11) caracteriza o diário de bordo como uma “forma de registro que transpassa um simples relatório descritivo: ele diz de nós com todo nosso envolvimento, percepções e sensações”. Na cartografia, a descrição que se procura realizar é da experiência de quem pesquisa a partir do que o impactou no contato com os outros. Prado e Caldas (2015) acrescentam que, nos diários, compomos narrativas sobre o que é visto, sentido e sobre as afetações.

É nesse sentido que consideramos nossos diários de bordo como narrativas. Os diários de bordos não consistem em transcrição de atividades gravadas nem em relatórios descritivos, mas em narrativa sobre o modo como fomos afetados, sentimos, compreendemos e nos posicionamos que está referido (considerando o ser-com-os-outros) ao modo como o acontecimento narrado se deu com os outros envolvidos neste acontecimento. (PRADO; CALDAS, 2015, p. 10).

Ainda, Silva e Santos (2017) diferenciam os diários de campo dos diários de bordo. Os diários de campo, originários da antropologia, recebem o registro das impressões do pesquisador enquanto este atua como um observador.

No livro *Interpretação das Culturas*, Geertz (2008) explica que o pesquisador, na perspectiva antropológica, registra o discurso social, fixa-o em um relato que pode ser consultado posteriormente e busca produzir uma interpretação e compreensão dessa cultura particular a partir dos sujeitos que a constituem. O antropólogo, então, promove a interpretação dos acontecimentos e dos fatos vinculados a um contexto cultural ao qual o observador estrangeiro obteve acesso. Isso posto, para Geertz (2008, p. 14):

O etnógrafo ‘inscreve’ o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente.

Diferentemente do diário de campo da antropologia, o diário de bordo, tal como compreendido nesse trabalho, debruça-se sobre a narrativa, e esta evita explicações. Os registros do diário de bordo “são momentos de criação de sentido, testemunhando-se como registro plural e único” (AUN, 2005, p. 30). Assim, o diário de bordo registra o movimento de ir em direção ao outro, ao encontro do outro e de mim mesma em busca de compreensão.

Aun (2005) o descreve de um modo a partir do qual reconheço bem o que vivi nos movimentos de escrita e leitura de meus próprios diários.

O que são diários? São uma ou duas, às vezes nove, dez páginas escritas. São muitos... são densos. Alguns escritos a mão, outros impressos em folhas de rascunho: rascunhos... rascunhos de medos... desabafos... encontros... rascunhos de um grito. Tenho aqui esparramadas centenas de folhas... milhares de palavras! Como podem dizer tanto? Entre linhas tenho ora um nó na garganta, ora um sorriso nostálgico. [...]
Denunciador de angústias e momentos de desamparo na e da prática, o diário relata sentimentos e dúvidas provocados pela arriscada experiência do encontro. (AUN, 2005, p. 34).

Quando escrevo os diários, narro, por meio da palavra escrita, o vivido, contudo não escrevo qualquer coisa que me surge à vista ou à consciência; de tudo o que vi, ouvi, vivi e encontrei, registro apenas aquilo que me marca. Portanto, os diários são diários da minha experiência.

[...] o pesquisador pode compreender toda vitalidade de sua experiência e como esta lhe deixou marcas profundas. Tais marcas, nesta concepção teórica, trazem mais força que descrições ou gravações, nas quais o pesquisador, muitas vezes não se reconhece após algum tempo. O que ficou da experiência e que pôde ser narrado desvela o modo como a experiência afetou/tatou o pesquisador. (PRADO; CALDAS, 2015, p. 11).

Mais do que apenas o vivido, narro também o que a mim foi narrado, e este se incorpora à minha experiência, pois “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 2012, p. 217).

3.6.3 Dissertação como diário

A presente dissertação é a finalização de um processo de mestrado, e a escrita vem como o movimento último para concretizar fisicamente, no papel, o que foi vivência e experiência. Entretanto, o texto só pode abarcar uma fração, uma seleção do que foi vivido, do que foi estudado, do que foi investigado, experienciado e compreendido. Cabral e Morato (2003) apontam que a pesquisa como um todo é uma experiência:

Todo o trabalho de pesquisa, desde o polimento da questão, definição de objetivos, passando pela pesquisa bibliográfica, elaboração da metodologia, trabalho de campo, análise, até a escrita final do que vai sendo desvelado, é uma experiência propriamente dita. Dito de outro modo, essa é uma maneira fenomenológica possível de compreender e realizar pesquisa. (CABRAL e MORATO, 2003, p. 158).

Retomando a perspectiva de Benjamin (2012), identifico que a dissertação como um todo é uma narração do percurso da pesquisa. Chohfi (2013) apresenta uma consideração que elucida o caminho que trilhei no sentido de pesquisador como narrador.

Nesse sentido, pode-se assemelhar o trabalho do pesquisador ao trabalho de um narrador, que vai relatar aos seus interlocutores aquilo que pôde construir ao longo do desenrolar de seu trabalho. Os demais participantes

da pesquisa, os coautores, também são narradores, uma vez que suas percepções podem e devem ser transmitidas. (CHOHFI, 2013, p. 48).

À semelhança do percurso de Jailton Melo (2019) em sua tese de doutorado, os registros de experiência trouxeram minhas impressões e reflexões a partir do que me afetou no campo. Desse modo, toda a dissertação configura-se como um grande diário de bordo, já que:

Diferentemente de apenas um instrumento de coleta de dados ou de um diário de campo, a proposta do diário de bordo não é somente colocar as impressões do que se observou no trajeto, mas sim *deixar-se marcar* pela exposição da imersão no campo, demarcando em palavras a sua compreensão compartilhada. Assim, toda a tese, em si, torna-se um diário de bordo desta imersão experienciada. (MELO, 2019, p. 30).

3.6.4 Historiobiografia

No processo de investigação do sentido que tem o CIEJA-CL para as pessoas que o frequentam, busquei o auxílio dos fundamentos da historiobiografia, inclusive porque a narrativa nesta abordagem permite ao narrador a própria constituição desse sentido. Critelli (2016a) afirma que o narrar se mostra potencialmente terapêutico-educativo, visto que propicia desenvolvimento do ser humano e autoconhecimento. A historiobiografia conjuga história e biografia – aspectos fundamentais da existência humana – num caminho para acessar o sentido. A proposta de Critelli (2016a), que se fundamenta no pensamento de Heidegger e Hannah Arendt, está ancorada na busca de sentido na dimensão das histórias pessoais.

O livro de Critelli (2016a) sobre essa temática tem como subtítulo *história pessoal e sentido da vida*, possibilitando um caminho para entendermos a historiobiografia, posto que a narrativa conecta a história pessoal ao sentido da vida. Muchail (2016), na apresentação do mesmo livro, complementa esse entendimento:

Pode-se dizer que o eixo do livro se encontra na noção e na prática da narrativa. Como um elo de mediação entre os dois segmentos do título, é a narrativa da história pessoal que faz emergir o sentido da vida. E é, juntando “história” e “sentido”, que a narrativa enreda os eventos transformando a vida em biografia. (MUCHAIL, 2016. p. 5).

Critelli (2016a, p. 31) aponta que “nenhum homem foi feito para lidar com os fatos da vida de forma fragmentada e aleatória. Os fatos precisam ser costurados com um fio de

sentido que lhes dê alguma razoabilidade para serem compreendidos”. Além disso, acrescenta que a narrativa vem descortinar os fios de sentido que nos guiaram.

A autora propõe, ainda, que nossas ações e decisões, de algum modo, revelam ou demonstram o sentido da vida, ajudando a buscar respostas a três questões existenciais fundamentais sem as quais somos incapazes de existir: qual é o sentido da vida? Quem eu sou? Que sentido faço na vida?

Logo, trabalhar na perspectiva da historiobiografia envolve promover narrativas e possibilitar a reflexão sobre o sentido, visto que o sentido da vida não está em algum lugar distante, pelo contrário, pode ser percebido em nossas mais variadas ações cotidianas e concretas e na trama de relações que cada um vive. Sob essa inspiração, percorri as narrativas dos estudantes e frequentadores do CIEJA-CL em busca de alcançar o sentido.

A historiobiografia quer encontrar o sentido da história pessoal nessa trama de relações em que ela se tece. Faz parte dela compreender o eu nas suas relações concretas de vida e no alcance que suas ações e suas palavras têm sobre a vida dos outros. (CRITELLI, 2016b, p. 127).

Critelli (2016a) escreve que a vida humana é tecida entre suas narrativas, e nestas encontramos o sentido e o significado para a vida. Apesar de não estarem visíveis no cotidiano, a possibilidade de encontrá-los está em lançar olhar sobre nossa história pessoal.

No entanto, como esses sentidos da vida vão se consolidando misturados às ocupações e circunstâncias da existência cotidiana, no mais das vezes, eles somem de nossas vistas e até mesmo parecem ter se constituído à nossa revelia. Reencontrar tais sentidos e poder intervir na sua ocorrência e na sua direção exige um olhar para o todo da nossa história pessoal. Na narrativa dessa história pessoal e na sua interpretação, é possível redescobrir os nexos através dos quais interligamos os acontecimentos de existência e o sentido de ser já realizado. (CRITELLI, 2016a, p. 11-12).

3.6.5 Participantes

Ao optar por investigar as narrativas de frequentadores, visitantes assíduos ou alunos regulares do CIEJA-CL, vi-me diante da questão da seleção de quem entrevistar e de quantas pessoas no total.

Além dos alunos e dos frequentadores, optei por incluir a entrevista de dona Aurora – Coordenadora Geral em processo de aposentadoria –, por sugestão da banca durante o exame de qualificação. Tal decisão mostrou-se benéfica, pois Aurora é uma pessoa

amplamente conhecida por sua luta pela EJA na cidade de São Paulo e, especialmente, porque esteve à frente do CIEJA-CL desde sua criação. Seu relato de experiência serviu como eixo estruturante para compreender o CIEJA.

Diante disso, Gil (2010) menciona que a definição do número de participantes costuma provocar muitas dúvidas nos pesquisadores, visto que a natureza da pesquisa fenomenológica torna a definição apriorística da quantidade de pessoas inconsistente. Desse modo, o autor apresenta uma consideração que guiou minha definição:

Não é possível definir a priori o número de participantes. Essa estimativa depende dos objetivos do estudo, da natureza do tópico, da quantidade e qualidade das informações pretendidas dos participantes e do número de vezes que serão submetidos às entrevistas. Pode ocorrer que um único sujeito seja suficiente para alcançar os propósitos da pesquisa. Constatase, no entanto, que raramente se utiliza uma amostra superior a vinte participantes. (GIL, 2010, p. 8).

Contatei potenciais entrevistados de duas maneiras. Primeiramente, em sala de aula, e com a autorização da professora, contei aos alunos sobre a pesquisa e perguntei se havia alguém disponível para ser entrevistado por mim. Três mulheres de meia-idade e um rapaz jovem aceitaram. Consegui realizar duas entrevistas com as mulheres. A terceira mulher desmarcou por motivos de saúde. O jovem não atendeu os contatos telefônicos, tampouco encontrei-o novamente na escola.

Em segundo lugar, para as entrevistas seguintes, abordei pessoas em espaços coletivos da escola, em busca de maior variedade de perfis. Nessa etapa, tinha em mente o interesse de compor o grupo por pessoas com características diferentes entre si; portanto, optei por ter homens e mulheres de diferentes faixas etárias. Além destes perfis, planejei incluir um aluno com deficiência, visto que há um número expressivo deles frequentando o local. Neste segundo agrupamento, configurou-se uma amostragem não probabilística, também denominada amostra por julgamento, dependente apenas da decisão do pesquisador (THIOLLENT, 1986).

Na pesquisa, não me propus a investigar exaustivamente os participante do CIEJA, mas apenas alguns deles, pois, conforme aponta Gil (2010) em relação à pesquisa fenomenológica, o foco não é generalização ou amostras proporcionais.

Como o que se pretende na pesquisa fenomenológica não é a generalização dos resultados, não há razão para selecionar uma amostra proporcional e representativa em relação a determinado universo de pesquisa. O que

interessa é que os sujeitos sejam capazes de descrever de maneira acurada a sua experiência vivida. (GIL, 2010, p. 8).

Todos os participantes, após convite, se voluntariaram para a entrevista e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os encontros foram gravados em áudio e, depois, transcritos. Alguns se disponibilizaram para um encontro complementar de devolutiva após a leitura da transcrição.

Apresento, a seguir, um quadro com os dados informativos para ajudar a compreender o perfil das pessoas a partir do que revelaram.

Quadro 1 - Descrição do perfil dos entrevistados

Nome	Descrição
Aurora	Ex-Coordenadora Geral do CIEJA-CL, 72 anos, viúva, dois filhos, uma neta.
Ágata	Aluna, 19 anos, vive com marido e a filha pequena.
Larissa	Aluna, 56 anos, vive com o filho mais jovem.
Alejandro	Frequentador, 20 anos, emancipado, vive com amigos.
Ricardo	Ex-aluno, frequentador, PcD
Michel	Aluno, 19 anos, vive com mãe, padrasto e irmã, PcD.
Mônica	Aluna, aproximadamente 50 anos, viúva, dona de casa e síndica. Tem dois filhos e um neto.

Fonte: Autora.

3.7 ENTREVISTAS

As entrevistas realizadas seguiram o conceito de entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002; MUYLAERT *et al.*, 2014) e se caracterizam por serem abertas e por objetivarem a criação de condições para que o entrevistado falasse e conduzisse a narração a partir de uma pergunta disparadora. As entrevistas foram realizadas de dois modos: algumas foram agendadas e realizadas em encontros individuais, outras aconteceram no movimento da pesquisa cartográfica, de modo não programado, e realizadas durante as visitas ao CIEJA. Tive como objetivo o de que a pessoa entrevistada se conectasse com o que viveu e experienciou no CIEJA-CL e revelasse o que surgia à memória. Para isso, parti de uma pergunta inicial: “Como você veio parar aqui no CIEJA?” ou “Como é a sua experiência com o CIEJA?”. A utilização de uma ou outra pergunta dependia de como a pessoa se

apresentava no momento da entrevista. Caso demonstrasse conforto e tranquilidade, eu escolhia perguntar sobre sua experiência. Porém, se a pessoa aparentava maior tensão ou desatenção, eu perguntava sobre como chegou ao CIEJA, pois, em conversas anteriores durante a sondagem inicial, havia percebido que, nestas situações, o segundo tipo de pergunta, mais associada a eventos concretos, criava melhores condições para o início dos relatos. Nesse contexto, partindo do pressuposto de que o encontro também é uma forma de intervenção na realidade, ao final das entrevistas, eu perguntava como tinha sido o encontro com a pergunta: “Como foi ter contado isso tudo para mim?”.

A transcrição do material coletado nas entrevistas foi disponibilizada no apêndice com o intuito de mostrar, na íntegra, a experiência em ação dos entrevistados. Essa decisão surgiu a partir do contato com dois materiais distintos: as teses sobre o conceito de história, de Walter Benjamin (2012), e o trabalho do projeto de fotografia do coletivo DiCampana. O coletivo DiCampana busca expor em closes as periferias, objetivando mostrar seus aspectos corriqueiros e o cotidiano dos moradores para ajudar a ampliar o imaginário sobre a periferia, requalificando a noção de local exclusivo de violência, drogadição e medo¹⁶. De modo semelhante ao trabalho do coletivo, ao escutar e expor as histórias dos estudantes do CIEJA-CL, localizado na periferia, com seus matizes, exemplos de força, superação das variadas condições adversas, estas confrontam e contradizem visões fartamente divulgadas no senso comum sobre o que é um morador de periferia.

Assim, as narrativas completas no apêndice abrem a possibilidade de mostrar um pouco de cada pessoa, de suas lutas e sonhos. A história registrada e oficialmente distribuída é usualmente a história dos vencedores, detentores do poder, como escreveu Walter Benjamin (2012), ocultando outras narrativas. As entrevistas permitem contar um pouco da história daqueles que ficam à sombra das visões hegemônicas. Dialogando com essas ideias, no presente trabalho, busco observar, por meio da aproximação e do olhar atento, a beleza oculta por trás de vidas que são retratadas sem cores e com feiura.

3.7.1 Aquarela

“Eu ando pelo mundo
Prestando atenção em cores
Que não sei o nome

¹⁶ É possível encontrar o trabalho do DiCampana no Facebook (disponível em <https://www.facebook.com/dicampanafotocoletivo/?_fb_noscript=1>), no YouTube (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=seaVTUSkm54>>) e no Instagram (disponível em: <[@dicampanafotocoletivo](#)>).

Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kahlo, cores”
(Adriana Calcanhoto)

Entrar no CIEJA-CL é adentrar num lugar colorido: grafites, flores, plantas, piso amarelo, piso azul, piso verde. Inspirada por esses elementos, escolhi utilizar um elemento visual simples, a marcação dos relatos em cores distintas, com uma cor de fonte diferente para cada pessoa entrevistada. Posso, assim, além de identificar, demarcar visualmente cada pessoa e remeter ao colorido e à diversidade encontrados no CIEJA-CL, espaço de expressão das diferentes matizes e possibilidades de ser. Os recortes do meu diário de bordo aparecem em fonte itálica preta, e os das demais pessoas, em fonte itálica colorida.

A opção pela escrita em primeira pessoa do singular deve-se ao fato de ter adotado a postura fenomenológica, na qual o eu-investigador fica evidenciado. Martins, Boemer e Ferraz (1990, p. 147) descrevem do seguinte modo: “O eu do pesquisador precisa ser assumido enquanto pessoa que está inquieta com o fenômeno e que está interrogando este fenômeno”.

Durante a realização das transcrições, estas foram feitas *ipsis litteris*, com a intenção de ser fidedigna à forma falada da língua e a respeitar o movimento linguístico de cada depoente.

3.7.2 Análise - forma de compreensão adotada

“Procurava-se respostas mais para levar as dúvidas a
passeio do que para chegar a alguma conclusão.”
(FALCÃO, 2013, p. 00)

Após leitura de todos os materiais, componho um mosaico de diferentes cenários do CIEJA, que foi feito mediante os excertos das entrevistas e o meu diário de bordo. A partir dos recortes, guiada pela questão-bússola, me encaminho na direção de *compreender, por meio das narrativas, que sentido tem o CIEJA para frequentadores e alunos* e teço as conexões encontradas.

A partir dos núcleos de sentido (CRITELLI, 1996) identificados na cartografia, apresentei narrativas que compõem cenários da instituição e de seu funcionamento, alinhavadas com narrativas sobre como é estar no CIEJA-CL. Busquei, assim, apresentar nas narrativas/descrições da experiência aquilo que se manteve em comum aos depoentes.

Na Fenomenologia, não existe uma interpretação prévia sobre o que é pesquisado, pois “fenomenologicamente, precisa cuidar para acessar o perguntado garantindo-lhe a liberdade de mostrar-se tal como é, e não de acordo com o que a tradição já enuncia” (EVANGELISTA, 2016, p. 47). Portanto, não se pretende determinar categorias de análise, mas localizar unidades ou núcleos de sentido que surgem e se estruturam no avanço da leitura das transcrições e na direção das reflexões, uma vez que “refletir indica uma trajetória em direção ao objeto da pesquisa no momento em que o fenômeno já se mostrou. A volta ao fenômeno é que permite a reflexão” (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990, p. 144). Buscou-se, para o momento de análise dos fenômenos, o cuidado de ampliar o próprio horizonte:

Na análise compreensiva do fenômeno, cabe ao pesquisador não somente reproduzir a narrativa dos colaboradores nem o conhecimento teórico da literatura pesquisada, mas ampliar o seu próprio horizonte para que possa interpenetrar o outro e por ele ser interpenetrado. (SILVA; SANTOS, 2017, 121).

Ao me debruçar sobre as narrativas, busco ampliar o vivido, apresentando as implicações que me tocam; procurei não falar sobre, mas a partir da experiência vivida. Isso foi feito sob inspiração no trabalho apresentado no artigo *O sentido-que-faz-sentido: uma pesquisa fenomenológica no processo terapêutico* (AMATUZZI *et al.*, 1991), no qual os autores apresentam as perguntas que estabeleceram como guia para relatar sessões de psicoterapia em uma pesquisa empírica em Psicologia Fenomenológica sobre o sentido. Os autores trabalharam com a “experiência do terapeuta a respeito do sentido de sessões terapêuticas por ele conduzidas” (AMATUZZI *et al.*, 1991, p. 2) e com um conjunto de perguntas organizadas em temas¹⁷ que ajudaram a explicitar o sentido. Na minha escrita,

¹⁷ No artigo, os psicoterapeutas trabalharam com as seguintes perguntas dentro dos temas:

“O 1º era:

- que sentido teve para mim essa sessão?

ou: - o que aprendi com essa pessoa hoje?

ou: - em que ela me tocou pessoalmente hoje?

ou: - que questionamentos pessoais me provocou?

ou: - o que pessoalmente valorizei nela? [...]

O 2º conjunto era:

- o que, em suma, o cliente veio dizer hoje?

ou: - o que ele quis dizer? (não apenas o que disse);

ou: - qual a experiência intencional, ou a intenção significativa que ele pretendia atualizar na sessão?

ou: - qual o "silêncio" que ele procurava romper com suas falas? [...]

O 3º conjunto era:

- o que senti durante o atendimento?

ou: - como me senti?

trabalhei com adaptações dessas perguntas e, de maneira mais ou menos direta, procuro transitar por elas diante do vivido e do narrado: *O que me tocou pessoalmente? O que eu entendo que a situação revela e/ou quis dizer? Como me senti durante ou a partir do que foi vivido? Quais questionamentos me provocou?* Para responder a esta última, procuro também estabelecer um diálogo com autores de referência para este trabalho, principalmente Paulo Freire, Walter Benjamin, Jorge Bondía Larrosa.

Em suma, à guisa de análise, será feita uma mostra das narrativas do CIEJA-CL, seguida de uma compreensão do que fora desvelado em diálogo com os autores. O foco de atenção é centralizado no desvelamento do fenômeno, interrogando e compreendendo o vivido, visto que “a compreensão difere do pensamento, na medida em que ela não visa a entendimentos gerais, mas é provocada pelas questões desdobradas na particularidade da vida vivida” (CRITELLI, 2016b, p. 119).

ou: - o que pressenti e só agora está mais claro? [...]

A esses três conjuntos de questões acrescentamos um 4º:

- o que trocamos nesse encontro (cliente e terapeuta)?

ou: - o que de fato estivemos trocando para além das intenções explícitas?” (AMATUZZI *et al.*, 1991, p. 6)

4 NARRATIVAS EM MOSAICO – EXPERIÊNCIA EM AÇÃO

O presente capítulo é o coração, ou o núcleo, desta dissertação, pois aqui apresento as narrativas, revelando a experiência das pessoas em ação. Apresento os recortes feitos numa composição em mosaico. As narrativas estão organizadas em núcleos de sentido. Começo falando sobre peculiaridades do espaço do CIEJA, quem pode participar, aspectos inclusivos e transformações no cotidiano para atender jovens, adultos e idosos, tempos e ritmos, a presença da alimentação, a integração entre as pessoas e a relação interpessoal.

Abaixo, segue um quadro com as cores utilizadas para delimitar as contribuições de cada um dos participantes das entrevistas.

Quadro 2 - Relação de nomes e cores atribuídas aos participantes das entrevistas

Nome	Descrição
Aurora	Ex-coordenadora Geral
Ágata	Estudante
Larissa	Estudante
Alejandro	Frequentedor
Ricardo	Frequentedor e ex-aluno
Michel	Estudante
Mônica	Estudante

Fonte: Autora.

4.1 ESPAÇO ESCOLAR – ABERTO COMO E PARA QUEM?

4.1.1 Um título de livro, uma placa com nome...

Ao ler um livro é comum acontecer, antes da leitura propriamente dita, uma leitura dos elementos pré-textuais: flerto antes com a capa, com a lombada, com a diagramação, a ficha catalográfica, o índice, a foto da autora ou autor. Há muito para olhar e perguntas para compor antes de efetivamente ler o livro. Ao mirar atentamente a entrada do CIEJA Campo Limpo também observo os elementos que se apresentam à primeira vista. Quando chego ao local, encontro na porta o nome CIEJA Campo Limpo - Centro de Integração de Educação de Jovens e Adultos. Esboçam-se as

*primeiras perguntas: por que Centro? Se funciona para escolarização, por que recebe o nome de centro e não escola? Centro de Integração. Qual será a definição de integração do nome? Integra o quê a quem? A parte de Educação de Jovens e Adultos: mudaria algo, se, ao invés do termo **de jovens e adultos** fosse **com jovens e adultos** ou **para jovens e adultos**? E a preposição de sendo repetida indica mesmo qual é subordinado e qual é o regente? Três vezes de. De quem é o CIEJA? Para quem é o CIEJA? Ser um centro **De** e não **Para** configura uma questão? O que seria diferente se assim o fosse? “Centro de”. A designação estará em congruência com o que faz e para quem faz? O nome fecha possibilidades? Ou abre? Essa instituição, com esse nome, a que de fato serve? Será que ela considera as particularidades que se apresentam? Ou não? Com que sentido ela foi feita? (Registro de experiência, grifo nosso).*

Por um tempo, me senti confusa sobre o que seria o CIEJA, pois, apesar de pertencer à rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, não é possível ver o CIEJA-CL como uma escola apenas.

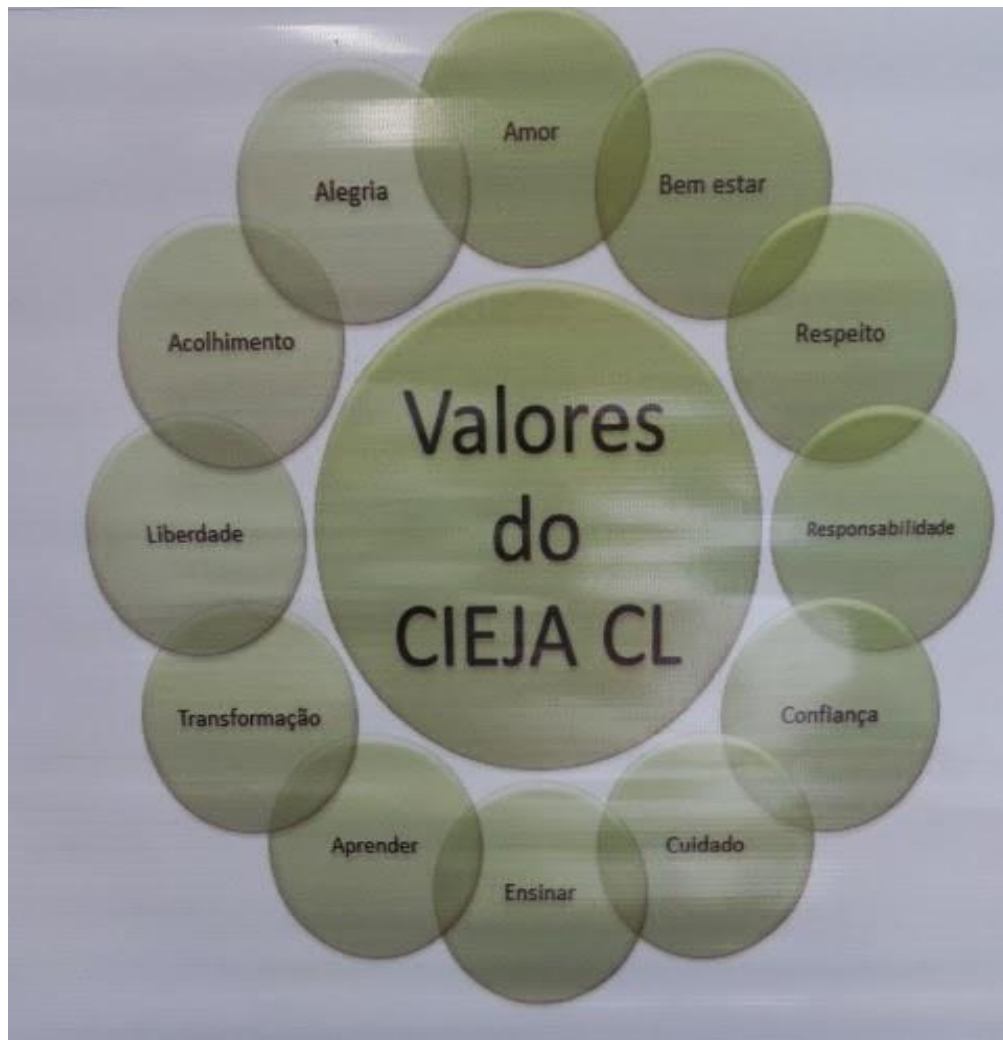
Ainda sobre as palavras, há, nos espaços, placas e cartazes com os valores almejado. Alguns servem, também, como nomes das turmas: acolhimento, confiança, liberdade, transformação, respeito, alegria e aprender. Os demais valores são amor, bem-estar, cuidado, ensino e aprendizagem, responsabilidade e solidariedade. Estas palavras têm muita importância. Vi-as abundantemente repetidas pelo espaço. São valores-palavras que dão corpo ao que faz o CIEJA-CL. Michel entende assim: *“eu tenho aula, que se chama Acolhimento, e isso já é um aprendizado de eles mesmo acolher as pessoas, né?!”*. Dona Aurora contou sobre o processo de escolha desses valores nucleares:

Nós temos no CIEJA treze valores. Foi durante dois anos. Nós estudamos o que era valor, porque era importante conhecer e acompanhado por professor especialista, que nos orientavam. Os alunos escolheram treze valores e espalharam para a escola toda. E isso é tão fantástico, porque assim quando acontece alguma coisa, será que não está faltando respeito? Uma coisa que nós escolhemos pra defender? “É mesmo, Dona Aurora.” Não tem problema, quando a gente precisar de alguma coisa, a solidariedade. Foi assim: transformação, aprender, ensinar... Nós achamos importante colocar esses dois porque tem um momento de aprender e um momento de ensinar. Você deixa uma coisa de mediação e de significado, de todo mundo escutar todo mundo, porque alguém tem alguma coisa pra ensinar e alguém tem alguma coisa pra aprender. Eu acho que valorizar o conhecimento de cada um, mesmo que depois a gente ponha isso pra discussão, mas tem que também dar a voz pra que ele fale. Como é que está pensando tudo isso, sem discriminação, sem desrespeito. Tem transformação, tem cuidado, tem respeito, tem solidariedade, aprender, ensinar... São treze espalhadas pela escola; agora tem nas paredes: grafitaram em todas as paredes, tanto lá de baixo como na de cima, nas duas casas, pra poder estar sempre presente... Bem-estar, pertencimento. Então, são treze valores que a gente utiliza. É uma das coisas que eu não sei explicar, porque até a comunidade quando entra lá,

ela sabe que do portão pra dentro tem alguma coisa acontecendo de diferente (Aurora - ex-coordenadora geral).

No blog do CIEJA-CL, foi publicada uma imagem com o conjunto dos valores organizados num círculo:

Figura 2 - Quadro de valores do CIEJA-CL



Fonte: Blog do CIEJA-CL.

A fala de dona Aurora sinaliza como as palavras-valores foram pensadas dentro da instituição, junto com os alunos, reafirmando a proposta de construção conjunta. Em consonância com a reflexão proposta no início deste capítulo, sobre as palavras que compõem o nome CIEJA, optei por mostrar as palavras-valores dentro da imagem porque foi perceptível como os entrevistados e as pessoas se referiam à importância dos nomes dos

valores em suas turmas, também à presença dos valores implicitamente ativos ao longo de suas narrativas, por exemplo: respeito, acolhimento, cuidado, aprender, transformação.

Jorge Larrosa (2002) aponta que o ser humano é um vivente com palavras, mas não apenas isso, o ser humano é tecido com palavras. Atribuir sentido ao que fazemos e ao que somos passa pelas palavras. Para o autor, agir com as palavras dá sentido ao que acontece:

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. Por isso, atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. Nomear o que fazemos, em educação ou em qualquer outro lugar, como técnica aplicada, como práxis reflexiva ou como experiência dotada de sentido, não é somente uma questão terminológica. As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. (LARROSA, 2002a, p. 21, grifo nosso).

Paulo Freire também trabalhou muito com a importância da palavra em vários escritos. É inesquecível sua metáfora imagética: “palavras grávidas de mundo”, usou ao se referir à pesquisa de palavras do universo vocabular dos educandos como elemento repleto de potência. Zitkoski *et al.* (2018) sintetizaram, a partir da obra de Freire, o lugar da palavra: “Sendo pronúncia do mundo, a palavra compreende o anúncio e a denúncia” (ZITKOSKI *et al.*, 2018, p. 351).

O significado e o sentido das palavras podem ser reavivados com os estudos da etimologia. Recorri a esta para pensar o nome que está colocado desde a porta: Centro de Integração de Educação de Jovens e Adultos.

A origem grega da palavra centro, *kéntron*, significa “ponto central de uma circunferência”, “centro” (HOUAISS, s/d) e lembra o horizonte utópico do CIEJA-CL apresentado por dona Aurora: ser um ponto de referência para a comunidade do entorno. Na etimologia da palavra integração, temos *integrare*, que significa “tornar inteiro, fazer um só”, de *integer*, “inteiro, completo, correto”, literalmente “intocado”, de *in-*. As palavras

integridade¹⁸ e integral derivam desta mesma raiz. Quando considero como premissa o CIEJA ser uma instituição de recomeços, associo algo relativo à integração: posso avaliar que visa a um processo de educação integral, incluindo por inteiro sujeitos que, ao longo de sua trajetória, foram excluídos, e alguns deles também foram machucados e debilitados em suas vivências escolares anteriores. Acerca do aspecto de integração do nome, dona Aurora relatou que o I de integração foi pensado para ir além e trazer contribuição maior: *“Esse ‘I’ da sigla do CIEJA era pra pôr algo a mais para educação de jovens e adultos”*.

Na origem da palavra educação, encontra-se, do latim, *educatio*, “ação de criar, de nutrir; cultura, cultivo” (HOUAISS, s/d). O dicionário exclusivamente etimológico acrescenta ampliações:

O termo latino *educare* é composto pela união do prefixo *ex*, que significa “fora”, e *ducere*, que quer dizer “conduzir” ou “levar”.

O significado do termo (direcionar para fora) era empregado no sentido de preparar as pessoas para o mundo e viver em sociedade, ou seja, conduzi-las para fora” de si mesmas, mostrando as diferenças que existem no mundo. (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, s/d).

A concepção de educação presente no nome *Centro de educação* do CIEJA supõe que este seja um espaço diferente de ensino ou de ambiente exclusivamente escolar, pois compreende o entorno para estar na posição central que a palavra “centro” implica. Educar compreende cultivar e criar, e essa noção é mais ampla, criativa e compõe a ideia de algo maior do que apenas um local de ensinar. Portanto, assim como os valores anteriormente anunciados, o nome CIEJA anuncia a preocupação em incluir o entorno, a comunidade.

4.1.2 O que mais se revela na entrada do CIEJA-CL

Quem guarda a porta? Eu chego ao CIEJA e entro; os portões estão sempre destrancados; quando não abertos de par em par. Não vejo grades. No nível da rua estão os portões abertos, a biblioteca e a rampa descendente que dá acesso ao imóvel. Adentro a escola e ando; ninguém me segue, ninguém me aborda. Não há guardas, seguranças, porteiros. Até o momento não identifiquei nenhum controle de entrada na porta. A secretaria fica na rampa de entrada, mas é recuada à direita, não visualizada da área externa e, conseqüentemente, não serve para ver quem chega e não tem função de vigia.

¹⁸ Fonte: Origem da Palavra. Disponível em: <

No começo era mais estranho; entrar, andar, olhar, mexer. Eu ficava com a impressão de que mais cedo ou mais tarde alguém iria me abordar. Minha sensação era parecida com aquela que sinto dentro de um museu: parece que ninguém está olhando, mas se esbarrar e colocar a mão no lugar errado surge um apito, um som, um guarda. Andei por ali por dias com essa sensação de que apesar de não ver estava sendo vigiada pelo Big Brother.¹⁹

Andei fazendo testes, como uma criança que testa limites. Circulei pelos espaços e imaginei que alguns deles fossem receber atenção e controle diferentes. Nem isso! Fui convidada a assistir aulas; entrei numa sala de curso profissionalizante, fui até a sala de informática; simplesmente sentei-me lá e usei o computador. O professor voltou e se comportou sem sobressaltos.

Avalio que essa desconfiança de que não posso ir e vir numa escola se deve aos contatos pregressos com outras unidades: todas as escolas nas quais estudei ou trabalhei tinham severo controle de entrada. Todas, sem exceção, me pediam justificativas para ultrapassar a porta que divide o mundo externo e o mundo interno. Experimento sensação inédita de liberdade num ambiente escolar. Acho que já estou doutrinada demais em nossa sociedade de controle. A liberdade produziu estranhamento em mim.

O mais próximo que senti dessa liberdade em ambiente educacional fora Instituto Sedes Sapientiae e na USP. Fica agora uma pergunta: seria uma característica das escolas de adultos, tal como são as instituições voltadas à graduação e pós-graduação? Como será que outros CIEJAs lidam com a porta? Imagino que se eu fosse diretora de uma escola teria medo de deixar a porta aberta. Que tipo de reflexão e construção conjuntas foram necessárias para abrir os portões e manter o funcionamento íntegro? E como será que foi constituída essa realidade ali? (Registro de experiência)

Apenas nos horários de entradas e saídas, ou seja, de maior fluxo de pessoas, via funcionárias no portão conversando com as pessoas. A abertura física do CIEJA apontava uma coerência com os princípios de funcionamento, visto que os portões abertos revelavam, desde a entrada, algum tipo diferente de abertura e ação congruente com as palavras-valores, tais como confiança, liberdade, responsabilidade e respeito.

O CIEJA-CL é um centro exclusivo para jovens e adultos, portanto sua gênese não é a de uma escola comum. Além de seu aspecto etário, a proposta pedagógica também é diferenciada: portas abertas para receber a comunidade e aqueles que quiserem entrar no espaço. Configura-se como uma instituição pública aberta e atenta às necessidades do público frequentador. Dona Aurora acrescentou uma reflexão sobre esse assunto e, de modo discreto, me fez pensar sobre a pergunta: o espaço público (federal, estadual ou municipal) é de fato público, pertencente ou destinado ao povo e à coletividade, conforme a origem da palavra (do latim, *publicus*) (CUNHA, 2012).

¹⁹ Referência ao livro *1984*, de George Orwell. Nele há o olho do “Grande Irmão”, que tudo vê e vigia.

As escolas públicas deveriam ser assim, sabe? Um lugar de... Eu penso num centro de estudo, onde eles entram, saem, vão na biblioteca, vão na sala de informática, adquirem conhecimento, trocam conhecimento. As escolas públicas deveriam ser assim. Eu acho que a gente teria muito menos violência em tudo isso. Muito menos, muito menos, quando você começa a fechar, fechar, fechar, você fecha a violência também lá dentro. A violência que tá lá, ela não dilui, ela não se espalha, ela não é diluída com a comunidade, ela fica só nela. Um dia ela explode, né? (Aurora - ex-coordenadora geral)

No excerto anterior, Aurora anunciou um sonho: seu horizonte utópico de ter o CIEJA-CL como um centro de atividades. Dentre os exemplos de conquistas nesse sentido, deparei-me com a existência de um cursinho popular realizado no espaço do CIEJA-CL aos sábados. Conversei, pois, com pessoas da comunidade que estavam nos cursos profissionalizantes. Os alunos descreveram a presença de público externo durante as refeições; os encontros temáticos sobre cultura afro-brasileira e sobre cultura indígena contam com a presença de muitos convidados e do público externo. O CIEJA-CL, segundo Dona Aurora, se pretende um espaço para todos, de livre circulação, onde todos são bem-vindos e podem chegar.

Figura 3 - Fotografia do banner da entrada do CIEJA-CL



Fonte: Blog do CIEJA-CL.

Hoje aconteceu algo muito interessante comigo: estava muito emotiva após minha sessão de psicoterapia; dirigi-me de um modo quase automático ao CIEJA. Na chegada perguntava-me se estar ali naquelas condições era uma boa escolha. Questionava-me se tinha condições de interagir com alguém quando na verdade precisava cuidar de mim. Em estado de espírito

angustiado e cheio de dúvidas passei pelos portões do CIEJA. Sozinha, na descida da rampa, a primeira coisa que vi me levou às lágrimas: a frase “Que bom que você está aqui”, escrita num banner, me atravessou como um raio. Uma sensação quentinha espalhou-se através do meu peito. Senti-me tão acolhida! E bem-vinda, aceita, pertencente. Foi impressionante o impacto daquelas palavras em mim (Registro de experiência).

Relembro que foi muito bom experimentar aquelas palavras e o significado que tiveram para mim. Alguém da escola se “deu o trabalho” de deixar escrito que a minha presença, assim como a de todos que conseguissem chegar lá, é bem-vinda ali, naquele dia e naquele lugar. O que foi visto por mim como um gesto amoroso, humanizado e humanizante remete a Paulo Freire e à importância da amorosidade e da humanização que percorreu seu trabalho e sua obra. Dessa maneira, “a amorosidade freiriana que percorre toda sua obra e sua vida se materializa no afeto como compromisso com o outro, que se faz engravidado da solidariedade e da humildade” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018, p. 39).

O *banner* anunciava uma postura da instituição de abrir-se e de acolher. Além disso, comunicava que toda presença importa. É o oposto do posicionamento existente em algumas escolas e em alguns profissionais da educação que veem o estudante como alguém que atrapalha, que demanda vigilância, em vez de cuidado e acolhimento, revelando, dessa forma, ainda que implicitamente, que ele não é bem-vindo ao espaço.

Ao revisitar essa passagem, relembro do quanto foi significativo para mim, naquele dia, encontrar dizeres gentis. Sinto curiosidade em saber se outras pessoas são afetadas de modo parecido e, ao mesmo tempo, sinto esperança de que encontros felizes com aquelas palavras ocorram para mais gente.

O acesso ao CIEJA-CL se dá pela rampa, o mesmo local onde está instalado o *banner*. Sentada na parte inferior, vivi um momento que reafirma e conta um pouco mais da cultura local de bem receber as pessoas.

Sentada de frente para entrada, no final da rampa, tenho uma visão privilegiada de todos que chegam. Está perto do horário de almoço e há muito movimento; me pus a observar a idade das pessoas. Passa gente de todas as idades; consigo ter uma ideia aproximada das idades: 20 anos, 66 anos, 18, 50, 25... E antes de perceber mais a composição etária, outra coisa captura minha atenção: as pessoas estavam falando comigo! Como estava de frente para a entrada, elas me cumprimentavam e isso me produziu estranheza. Pessoas que já vi e outras que nunca vira estavam fazendo contato visual comigo e me cumprimentavam. Fiquei impressionada. Nunca vira tanta gente falar com uma estranha. Eu já tinha identificado esse fenômeno antes e achado bem diferente. Vejo as pessoas chegando e cumprimentando aquelas que já estão no espaço; hoje foi intensificado, imagino que devido ao horário movimentado e

posição em que estou sentada. É uma sensação semelhante àquela que ocorre quando a gente viaja para regiões rurais e as pessoas no caminho nos cumprimentam. Um misto de desconfiança e deleite; para uma paulistana era bem estranho viver isso na capital. Esse comportamento das pessoas daqui é bastante diferente; nunca presenciei isso em outras instituições educacionais por onde passei. Pelo contrário! Já trabalhei em lugares em que nem respondiam ao meu cumprimento! Imagine voluntariamente se dirigirem aos estranhos?! Mas interessante mesmo foi notar semanas depois, que com o convívio, eu também adotei esse comportamento no CIEJA (Registro de experiência).

Dona Aurora também relatou uma experiência similar ocorrida com a repórter de televisão que fazia uma matéria no CIEJA-CL.

Ontem, quem estava lá, a visita, ela ficou impressionada. Ela falou: “Aurora, passaram pelo menos 200 pessoas por nós. Todas elas [diziam] “Boa noite. Seja bem-vinda. Tudo bem com você?” Fizeram questão de me abraçar, me beijar.” Sabe, existe essa coisa do cuidado, do carinho. Todos eles “Deus te abençoe!”, “Deus te abençoe!” (Aurora - ex-coordenadora geral)

Se o espaço pertence a todos e todos são convidados a fazer parte dele, a repórter e eu seríamos, mesmo, estranhas?

4.1.3 Matrícula - Quando começam os alunos novos?

Mas eu tô feliz de tá aqui sim. [...] A minha experiência é muito boa. Eu vim pra aqui pro CIEJA num momento difícil, em 2016, eu perdi meu marido [...] aí eu fiquei dentro de casa, deprimida, chorando. Eu sabia que ele não ia voltar mais, mas eu fiquei fazendo isso. Aí meu filho, um dia, chegou e falou: “Mãe, se levanta. O pai morreu. A senhora também vai morrer se a senhora ficar aí dentro de casa chorando, o que vai acontecer? Não vai resolver nada.” Eu falei: “Tá bom.” [...] Aí eu vim. Cheguei aqui, perguntei. “É aqui?” Aí, a moça me deu um teste. Eu fiz. Aí ela falou: “A senhora pode começar na segunda.” Aí, eu vim na segunda. E falei: “Vou começar em que série?”; “Na sétima série”. Eu falei “Nossa! Mas faz tantos anos que não vou na escola”. Eu fiquei até feliz, viu? Quando ela falou na sétima série, você começa. Hoje eu tô na oitava. Eu falei: “Ah! Que bom!” (Mônica - estudante)

Um aluno relatou que começara há poucas semanas; isso significa que matriculou-se no mês de abril (Registro de experiência).

E quando foi agora, no ano passado, em outubro agora do ano passado - que agora fez um ano - aí eu fui e pensei... Fui lá, voltei lá. Renovou de novo a matrícula (Larissa - estudante).

Se alguém perguntar quando começam as aulas no CIEJA-CL, não obterá uma resposta única. É possível ingressar no começo, no meio ou no fim do ano letivo. A pessoa que procura informações sobre como estudar ali recebe as primeiras orientações, faz uma avaliação diagnóstica para nivelamento e é orientada a voltar no dia seguinte para receber o resultado. Depois disso, pode fazer a matrícula e começar. Encontrei pessoas que se matricularam em momentos bastantes diferentes do ano. Tal perspectiva sinaliza para mim a noção de que não há tempo a perder: se uma pessoa não teve sua escolarização realizada no momento previsto e procura uma escola, sua hora de estudar é agora, ela não terá que esperar a mudança do ano ou do semestre letivo.

Quando penso nas circunstâncias habituais a que alguém é submetido quando procura vaga numa escola, fico pensando em situações similares na minha vida, ou seja, na quantidade de projetos ou interesses que eu quis desenvolver e aos quais já dediquei telefonemas ou visitas às instituições, mas que, em razão de prazos de ingresso distantes, tornaram-se impossíveis de serem realizados. Será que submeter uma pessoa interessada em estudar a um calendário específico de matrículas ao qual ela precisa atentar não gera desânimo e perda do impulso inicial de finalmente recomeçar a estudar?

Quantos planos cada um de nós já deixou de lado porque perdeu o timing das instituições?! “Ih! Passou!” “Só no ano que vem!” “Telefona no mês tal...” E os anos se sucedem e o projeto de voltar a estudar fica lá, nas dobras do tempo, esperando, esperando, esperando. Esperando o tempo da vida se acertar com o tempo dos calendários institucionais (Registro de experiência).

Eu nunca havia pensado nisso, e agora soa coerente a atenção do CIEJA-CL para acolher aquele impulso que moveu o futuro estudante até a escola pretendida. Nesse sentido, a flexibilização dos tempos do CIEJA-CL contribui para incluir e acolher o estudante da forma como ele chega à escola e quando ele chega.

4.1.4 Quem pode participar do CIEJA?

Já vou fazer quase seis anos, já – seis anos, sete anos por aí. E, sei lá, a escola é uma escola bem respeitadora, é uma escola que recebe todo mundo, né?! (Michel - estudante)

Estou aqui desde 2017 e aprendi muita coisa que eu não sabia em toda minha vida. Muita coisa, e tô gostando do CIEJA. E aconselho qualquer

peessoa vir pro CIEJA estudar, porque é uma escola de portas aberta. Eles aqui acolhe todo mundo. E eu gosto muito de tá aqui, muito mesmo (Mônica - estudante).

Eu comecei a vir no ano de 2005. Eu não conhecia aqui. Quando eu cheguei aqui, eu não conhecia ninguém, não, eu tinha pouco conhecimento. Aí, eu comecei a estudar aqui em meados de 2005. E estudei até 2012. Demorou bastante porque tive que ter braile e tudo misturado. [...] Tinha professor de braile e tudo mais. Aí, eu aprendi tanto braile quanto estudava normalmente. Eu pegava e escrevia... Reescrevia pra mim e conseguia ler. Aí, eu fiquei até... Aí, eu tinha um pouco de dificuldade na época pra arranjar outra escola, porque já tinha terminado, e nesse tempo fiquei aqui como ouvinte, pra não perder o que eu tinha aprendido até aparecer uma escola (Ricardo - ex-aluno e frequentador).

Quando ouvi a primeira vez ‘aluno ouvinte’, achei que não tinha ouvido direito. Mas estava correto. Conheci um jovem de uns 21 anos que já terminou o Ensino Médio, no entanto é aluno ouvinte no CIEJA – que oferta apenas até o ensino fundamental II. Nunca me passaria pela cabeça que alguém pudesse querer assistir aulas voluntariamente numa escola de nível básico. Já vi alunos ouvintes, mas somente na universidade; e normalmente há um interesse específico na disciplina ou nas relações que ela proporcionará. Candidatar-se a aluno ouvinte pressupõe um grau de interesse pelo que está sendo ensinado ou pela possibilidade criada por estar ali. Por essa eu não esperava! E eu nem sabia que era possível fazer algo assim numa escola pública. Só posso supor que esse jovem encontra algo de valor ali. Relatou gostar da escola, pois aprende coisas, conhece gente diferente e com ‘papo’ diferente. Esse rapaz me contou que vem todos os dias ao CIEJA-CL – inclusive às sextas-feiras quando não tem aulas - pois não tem nada mais interessante para fazer (Registro de experiência).

A minha experiência com o CIEJA é muito interessante, justamente pelo fato de eu não ser aluno e eles me receberem muito bem, me receberem de braços abertos, me abraçarem literalmente e metaforicamente falando. Porque é uma escola diferente das demais, em que se você não for aluno, que você não tiver matriculado, você não tem direito nem de passar pela porta. E aqui eles me recebem muito bem, me tratam muito bem. E tudo se torna muito interessante em volta do fato de eu não ser matriculado... Porque eu posso assistir aulas, eu posso conhecer pessoas, eu posso interagir com professores, tudo que um aluno matriculado faz eu faço (Alejandro - frequentador).

E, é isso, assim, o CIEJA é uma escola bem acolhedora, tanto que acolhe também idosos, de terceira idade – que aqui é o que mais tem –, tanto jovens, adultos, idosos, com criança, grávida, eles acolhem todo mundo. Pessoas especiais também, e eles acolhem todo mundo (Ágata - estudante).

Então, quando a pessoa se sente experimentando tudo isso, eu acho que ela também fala: “Puxa, é um lugar que me recebe, que me entende, onde eu posso ter essa liberdade”. E outra coisa... O entrar e sair da escola, como se fosse uma casa, um lugar acolhedor, se ele sempre encontra as portas abertas, um coraçãozinho aberto pra receber, é importantíssimo, porque a pessoa se sente bem, ela não tem... Então, não tem diferença, não importa que seja branco, negro, jovem, idoso, trans, gordos, todos, todos os gêneros, eles tem que sair a hora que quer da escola, o fato de chegar na

hora da comida e ter um prato de comida pra quem tem fome é importantíssimo, você cria outras relações (Aurora - ex-coordenadora geral).

Perguntado sobre se pode assistir às aulas, Alejandro diz que assiste a algumas. Normalmente, pergunta ao professor se pode, e, na maioria das vezes em que não há muitos alunos, se houver espaço e cadeiras sobrando, participa da aula. Relata que já aconteceu de o convidarem para entrar e assistir às aulas. Alejandro destaca que sua vivência no CIEJA-CL tem mais sentido e valor do que a frequência na escola de ensino médio na qual está matriculado.

Ricardo finalizou sua escolarização, contudo optou por permanecer estudando como ouvinte enquanto não conseguia uma escola de ensino médio que o acolhesse em sua condição de deficiente visual. Hoje é apenas frequentador. Larissa não é aluna ouvinte; ela poderia ter concluído o último módulo, mas contou que percebeu que precisava de mais tempo de estudos e, durante o mapeamento com a equipe da escola, indicou que aproveitaria melhor sua aprendizagem se permanecesse matriculada e frequentando o CIEJA. Assim foi feito.

A presença de alunos ouvintes evoca a questão da autonomia de cada um – tema tão caro a Paulo Freire – e o sentido de uma instituição pública, que, de fato, é do povo. Certamente, há muitas motivações possíveis para a continuidade na escola. Houve indicações de que, apesar de terem avançado nos níveis escolares e/ou concluído os módulos, ainda percebiam deficiências e inseguranças pra prosseguir na escolarização. Logo, permanecer um tempo a mais num ambiente seguro, cuidadoso e conhecido poderia, certamente, facilitar o desenvolvimento e a ampliação de aprendizados já conquistados, para somente depois seguirem para outras etapas.

A permanência no ensino fundamental além do tempo mínimo necessário ou a frequência sem vínculo oficial remete a seu oposto, o abandono da escola, a evasão. No contexto da EJA, a evasão se configura como uma questão relevante. Como pensar a situação das pessoas que não evadiram, não saíram antes do tempo, mas, mais do que isso, escolheram prosseguir estudando por mais tempo? Larissa é um exemplo que abarca os dois polos da questão, pois ela ficou distante do CIEJA-CL por meses; contudo, ao retornar, permaneceu frequentando o espaço e, quando poderia ser aprovada e seguir para o ensino médio, escolheu permanecer mais tempo estudando. Penso que essa seja uma passagem que relembra que o CIEJA não é uma escola comum; o CIEJA é diferente. Talvez esteja aqui, de volta, a noção

de um centro que integra? Ou, ainda, a vivência do espaço público, do povo, no qual as pessoas podem permanecer e usufruir?

Em relação à presença de todos e à noção de que todos são bem-vindos, estudantes jovens cumprindo medida socioeducativa em muitas escolas são estigmatizados; contudo, vi no CIEJA-CL uma situação distinta.

Ao saber que havia mais de duzentos matriculados que cumpriam medida socioeducativa, reagi com espanto. Quando trabalhei em EMEF no mesmo turno das salas de Ensino Fundamental II era comum presenciarmos dificuldades envolvendo alunos em liberdade assistida - L.A. – e muitos conflitos terminavam com a presença da polícia ou da guarda municipal. Minha percepção apontava haver estigmatização por parte dos funcionários e professores. Presenciei, outrora, ocasiões em que as pessoas tinham medo dos alunos nesse perfil, portanto espanto-me com o número alto de matriculados no CIEJA-CL, pois a presença de uns poucos na minha antiga escola já costumava causar um rebuliço... Imagine um lugar com tantos? Mas o CIEJA-CL tem funcionamento até quieto nos períodos de aula (Registro de experiência).

Menciono os estudantes em medida socioeducativa mais como um perfil de pessoas que é bem-vindo ao CIEJA, mas não apresentarei nada em particular sobre eles, já que não questionei muito sobre esse grupo após a mudança do meu projeto inicial de pesquisa. Voltei, pois, meu olhar para todos estudantes, e há muitos jovens participando das atividades, independentemente de serem cumpridores de medidas socioeducativas ou não. A EJA acomoda jovens multirrepetentes ou com histórico de abandono escolar, portanto eles apresentam defasagem série/idade e não conseguem seguir na escola tradicional.

As pessoas circulam frequentemente pelo espaço, declaram se sentir bem, relatam pertencer ao e apreciar muito o CIEJA-CL. Algumas delas usam até a expressão “se sentir em casa”. Tais sinalizações apontam, para mim, que a escola aparece como um lugar especial para os entrevistados. Na concepção heideggeriana de habitar, as pessoas habitam o espaço, e isso vai além do morar – ideia para a qual imediatamente se segue ao pensar nesse verbo: diz respeito mais a pertencimento e resguardo (HEIDEGGER, 1951).

Quando reencontrei Alejandro, um dos entrevistados, ele contou que estava fazendo os cursos de bartender e de almoxarife. Inscreveu-se em mais de um na esperança de aumentar sua empregabilidade e de conseguir um trabalho remunerado, pois estava sem renda há alguns meses. Desde o começo de sua entrevista, descrevendo uma sensação física e metafórica de ser abraçado, o habitar de Alejandro remete a muitas situações nas quais se sente resguardado e pertencente. As últimas que presenciei envolviam a realização de

atividades dentro do CIEJA-CL que lhe trouxeram esperança de reinserção no mundo do trabalho, do qual estava distante.

Encontrei também outras pessoas da comunidade que participavam dos mesmos cursos de profissionalização no final de 2019. Foram diversos cursos: barman/bartender, almoxarifado e estoquista, cuidador de idosos, informática básica, corte e costura, manicure e pedicure.

Há, no público do CIEJA-CL, diferentes perfis de participantes, e todos que ouvi se sentem bem-vindos e incluídos. Helena Singer (2008) ressalta o caráter inclusivo da proposta do CIEJA-CL em razão dos diferentes perfis que acolhe.

Este perfil dos estudantes do CIEJA indica por si só o caráter inclusivo da proposta. Mas, a escola amplia e reforça esta política, acolhendo pessoas que são excluídas até mesmo das outras escolas da região: pessoas com necessidades especiais, jovens em liberdade assistida, garotos de rua, crianças em idade inferior ao oficialmente permitido, pessoas sem documentos, mães com seus filhos (SINGER, 2008, p. 186).

Durante o período de minha pesquisa, entre os anos 2018 e 2020, continuei identificando perfis apontados por Helena Singer (2008) em seu estudo. De todos eles, apenas não tive contato com pessoas que relatassem ter idade inferior à permitida ou com pessoas sem documentos²⁰.

Aceitar a todos que querem participar do espaço é um princípio que se deve ao fato de o CIEJA-CL se considerar a última porta ainda aberta para essas pessoas permanecerem no sistema educacional, posto que, se os estudantes que ali chegam não conseguirem permanecer, acabarão saindo do sistema e, talvez, não mais retornem. Por isso, se faz tudo o que está ao alcance do CIEJA para ajudá-los a ficar.

4.1.5 CIEJA: começo de tudo

*Tanto que desse ano, dos outros anos pra cá, eu evoluí muito, só que eu preciso relevar algumas coisas ainda, aprender algumas coisas ainda. Porque eu digo assim... Mudou praticamente tudo na minha vida, porque como eu tive o incentivo da minha mãe.
Eu antes, quando eu tinha por volta de dezessete anos... Quatorze anos por aí, quem era eu? Até mesmo de pegar um ônibus, quem era eu? Hoje,*

²⁰ Helena Singer (2008) discorreu sobre pessoas que não portavam documentos, mas não tive contato com nenhuma narrativa desta natureza, exceto por Dona Êda. Estou consciente de que aluno-ouvinte possa ser considerado alguém que não apresenta documentos, contudo não posso afirmá-lo.

eu vou em algum lugar e volto, e tudo mais. E o que tiver que fazer, tenho que fazer e acontecer, e assim vai, né?

E, devido aqui das salas, e se caso for evoluindo, vai mudando de sala, vai subindo de grau, vai subindo, vai evoluindo, né?! E é isso aí, cara.

Pesquisadora: *Você acha que ganhou mais autonomia aqui na escola?*

Entrevistado: *Sim.*

Pesquisadora: *Consegue fazer melhor as coisas?*

Entrevistado: *Sim. Eu, quem era antes?! Eu, também, às vezes, até não só por isso, mas quem era eu também... Das vezes as pessoas até mesmo perguntar como era o seu nome, ou até mesmo: “Escreve o seu nome”, e antes, também, eu não sabia. Hoje, já, praticamente, a minha mente, depois de estando aqui, até abriu, abriu (Michel - estudante).*

[A alfabetização] Foi em braile. Pra mim, tinha que ser em braile. Eles liam o texto. Liam o que tinha que fazer, e eu escrevia. Ele transferindo pro braile eu conseguia fazer o que precisava fazer, a lição, essas coisas todas. As palavras que todo mundo escrevia em caneta e lápis eu escrevia na reglete o que ditavam pra mim. Os professores falavam as palavras pros outros, os outros escreviam; pra mim, eles ditavam palavra por palavra, e eu acompanhava normal.

Pesquisadora: *Então, aprendeu tudo aqui: braile... Foi o começo de tudo?*

Entrevistado: *É. Por isso que eu tô te falando: foi tudo aqui. O restante foi fora, porque nem tudo tinha na escola, então algumas coisas tinham que ser fora, como o ensino médio, que aqui não tem, então tinha que ir em outra escola. Aí, foi quando eu comecei a ver novos ares, quando veio curso, essas coisas todas. E aí começou. A escola aqui foi o primeiro... Foi o início de tudo (Ricardo - ex-aluno e frequentador).*

Michel e Ricardo enfatizaram sua participação no CIEJA como o começo de tudo. Ambos contaram que estar no CIEJA, serem alfabetizados e ganharem autonomia foram movimentos importantíssimos em suas vidas. A condição de Ricardo exigiu aprendizagem em Braile, e o CIEJA se adaptou a ele. Antes de Ricardo, contudo, o CIEJA-CL já havia enfrentado a necessidade de adaptar-se. Segundo Helena Singer (2014, p. 15),

Logo em seu primeiro ano de funcionamento como CIEJA-CL, a escola já recebeu diversas pessoas com deficiência. Os educadores fizeram cursos de braile e libras, a escola criou oficinas de libras (língua brasileira de sinais) abertas à comunidade e adquiriu equipamentos para leitura e escrita em braile.

A presença de PcD entre os estudantes é um traço marcante do local. De acordo com Dona Aurora, *“No segundo censo médico, somos a escola do Brasil que mais tem inclusão com laudo, fora os sem laudo”*. Tal realidade é confirmada como um aspecto peculiar dos CIEJAs, posto que recebem um número maior de matriculados com deficiência do que as outras formas de oferta de EJA da Prefeitura de São Paulo.

Quanto à presença de alunos com deficiência nas turmas de EJA, há evidente diferença entre os tipos de atendimento, pois enquanto 6% dos alunos dos Ciejas têm algum tipo de deficiência, isso ocorre em apenas 0,7% das escolas da EJA Regular e Modular e com 1,5% dos matriculados no Mova. Conforme informações coletadas em entrevistas com representantes das DREs da municipalidade, o diferencial inicial dos Ciejas na inclusão das pessoas com deficiência é a oferta diurna e a jornada diária mais curta, consideradas pelas famílias e pelos próprios educandos mais compatíveis com as limitações de autonomia e disponibilidade de meios de transporte adaptados para os deslocamentos no espaço urbano (CATELLI JR.; DI PIERRO; GIROTTI, 2019, p. 473).

Para dar conta das necessidades de autonomia e movimento, atualmente muitas vans do transporte da prefeitura atendem o local, trazendo e levando de volta os estudantes. Após uma manifestação contra uma ameaça de fechamento do CIEJA-CL, em reunião com o Secretário de Educação do município, na qual ele ouviu as demandas da comunidade CIEJA-CL, Aurora relata que Ricardo apresentou suas dificuldades de locomoção para o secretário.

E aí, o Ricardo falou pra ele: "Eu queria muito estudar, mas meu pai dificulta, e ninguém me traz. Eu não sei... Eu não sei usar bengala, não sei usar condução, não sei nada. Mas a escola que abriu, e eu gosto demais daqui. Uma vizinha que me traz, porque estuda aqui, mas eu queria uma perua²¹, porque tem dia que eu venho. Quando ela não vem, eu não posso. As pessoas não me trazem, da minha família, porque não acreditam" [...] Ele [Ricardo] pediu pro secretário condução. Na semana seguinte, eu tinha dez peruas pra trazer todos os meus meninos com necessidades especiais, em todos os lugares. Na lei e na regulamentação do transporte gratuito pra crianças da prefeitura, tinha idade, uma série de coisas. Ele em uma semana resolveu isso e pôs dez peruas lá (Aurora - ex-coordenadora geral).

Antes não tinha essas peruas escolares que hoje tem. A gente vinha andando mesmo. E quando elas saíram, melhorou mais ainda. [...] Peguei no começo. Não tinha perua, não, até 2008 não tinha, não. Depois de 2008 é que elas começaram a surgir. Ajudou bastante (Ricardo - ex-aluno e frequentador).

Esse episódio da manifestação narrado por Aurora faz referência ao movimento das pessoas do CIEJA-CL de se organizar para defender os direitos dos estudantes. Para Ricardo, culmina não apenas na continuidade do funcionamento de sua escola, mas na ampliação de suas possibilidades como estudante, pois ele ressaltou a importância do transporte escolar gratuito, uma vez que, quando dispunha apenas dos recursos pessoais, tinha possibilidades mais limitadas de seguir com sua escolarização. Para ele, o transporte surgiu como um elemento que tornou possível a manutenção da frequência – ida e volta – por todo o período

²¹ O nome perua é equivalente a van ou a outro automóvel do tipo furgão.

escolar, já que ele é deficiente visual, e sua adaptação para deslocamentos na cidade ainda não tinha acontecido. Atualmente, utiliza com tranquilidade os transportes públicos.

Os recursos das políticas públicas de assistência social dentro da educação tendem a fazer muita diferença na permanência estudantil. No CIEJA-CL, o transporte é um elemento muito importante, assim como a alimentação, especialmente ressaltada por estudantes com e sem deficiência.

Ricardo relatou uma intensa transformação pessoal e intelectual que teve início na sua participação no CIEJA-CL, a qual ele chama de “começo de tudo”, em relação à constituição de sua autonomia. Michel, ao falar sobre suas transformações, destaca a autonomia para deslocar-se e o avanço na leitura e na escrita.

4.2 ADAPTAÇÕES NO CIEJA, NA VIDA, NOS TEMPOS

4.2.1 Era uma casa...

Ao longo da cartografia, segui alguns marcos do espaço físico, à guisa de pistas, que foram revelando camadas extras de significado, visto que alguns elementos da materialidade podem ajudar a compreender melhor os valores e as práticas do local.

A construção que abriga a escola é bastante diferenciada. É uma escola pública diferente em termos arquitetônicos, pois essa construção é uma casa e não um prédio escolar nos moldes tradicionais; sua estrutura de casa é composta pela junção de dois sobrados emendados pelos fundos. Semelhante às casas construídas na periferia, que vão crescendo aos poucos, uma parte nova se somando à antiga, ou ainda a composição de escolas infantis privadas de bairro que vão crescendo e anexando imóveis ao redor. A distribuição das salas é levemente labiríntica, pois são acessadas por pontos diferentes: uma rampa, uma escada; por baixo, por cima. Há, por toda parte, desenhos, pinturas de cores intensas, bancos para sentar, plantas para ornamentar.

O local é colorido. Há cores nas paredes, pinturas, vasos de plantas, jardinzinho, um pergolado com uma buganvília de folhagem abundante que está sempre florida (Registro de experiência).

A placa na porta do CIEJA-CL revela, logo na entrada, que esta é uma instituição de educação. Contudo, o *design* convida a ver algo diferente das demais escolas de rede municipal de ensino. Estranhei e apreciei, ao mesmo tempo, o que estava vendo. Um ambiente escolar parecido com uma casa trouxe certa sensação de familiaridade. É diferente de me sentir em casa – como alguns alunos relataram –, está mais próximo de transitar em

um local semelhante ao espaço doméstico, cujos elementos remetem ao já conhecido e, portanto, é familiar.

As redes de ensino têm o desafio de promover o direito à educação, e isso passa, inclusive, pela constituição física dos prédios escolares. Já estive em escolas feias, sujas, pichadas, depredadas e gradeadas. Visitar o CIEJA-CL provoca o olhar e o pensar no tocante à seguinte questão: nossas escolas poderiam ser construídas de modo a se aproximar mais do universo das pessoas atendidas?

Sobre o prédio ser instalado numa casa, Vanessa Faria (2014), que, em sua dissertação de mestrado, estudou o CIEJA-CL e o CIEJA Butantã, aborda as adaptações que ocorreram na casa e que geraram proximidade entre as pessoas.

Na prática, as casas possuem um aproveitamento peculiar do espaço, que se por um lado retrata os baixos investimentos em infraestrutura adequada, por outro, retratam que o espaço escolar incorpora características pedagógicas de seu uso.

A utilização dos espaços nos Centros obedece às necessidades e peculiaridades dos processos de ensino aprendizagem, não são prédios amplos e projetados para a grande circulação de pessoas, mas adaptados às necessidades de seus sujeitos, gerando também outra relação dos estudantes com a escola, de maior proximidade e cuidado coletivo (FARIA, 2014, p. 122).

Adaptações físicas foram feitas no imóvel, e o CIEJA-CL se apresenta como um local para pessoas, para o bem-estar delas. Se existe, na rede pública, um espaço como esse – bonito, bem conservado, agradável –, é inevitável questionar se os outros espaços escolares e educativos poderiam ser igualmente coloridos e bonitos. Coloca-se, portanto, como questão para o restante da rede de ensino: as construções de prédios escolares poderiam ser mais congruentes com os valores praticados dentro de cada unidade? É plausível sonhar com espaços escolares mais aconchegantes e mais parecidos com casas do que com unidades prisionais, sendo adaptadas às necessidades reais das pessoas que convivem no espaço?

4.2.2 Horários das aulas e flexibilização

Não é uma escola integral, são 2 horas e meia de aula. Não ocupa muito o seu tempo, porque, no meu caso que tenho uma filha, tenho que cuidar de casa, tudo isso, aí não ocupa muito meu tempo (Ágata - estudante).

E eu acho que garantia de direitos, educação de jovens e adultos, é cuidar, é prestar atenção, em todas as idades têm suas especificidades. E o público do CIEJA é incrível, a turma da manhã, às vezes, já trabalhou a noite inteira, aí passa, tem um café, estuda e depois vai pra casa dormir. A turma

das 10h00, que vai entrar no shopping 13h00, porque entra em shopping 13h00 e sai 10h00, onze horas da noite, não poderia nunca estudar. Então, almoça e vai direto pro shopping, porque no shopping eles só vão jantar, porque quem entra depois do almoço não tem direito a almoço, então almoça... A turma da tarde é aquelas senhorinhas que fizeram tudo, já botaram os filhos na escola, as avós, as mães, sobra um tempinho, elas vêm estudar (Aurora - ex-coordenadora geral).

O CIEJA-CL, assim como os demais CIEJA da rede municipal, pratica jornadas e horários diferentes dos habituais de EJA para incluir estudantes trabalhadores que possuem disponibilidade de tempo diferenciada.

Assim, nesses horários... Porque você vê, lá dá oportunidade pra todos; só não estuda quem não quiser, porque têm todos os horários. Vai até o último, à noite, que eu acho que termina às 10h00. Então, se você não pode ir em um horário, você pode ir no outro horário, que nem os professores falam: “Se você não puder vim no horário das 7h00, vem no segundo. Se não puder vim no segundo, aí vem no terceiro”. Então, quer dizer, tem oportunidade, né? (Larissa - aluna)

Os encontros do CIEJA-CL têm duração de 2h30min, abarcam os períodos matutino, vespertino e noturno e ocorrem nos seguintes horários: 07h30 às 10h00, 10h00 às 12h30, 12h30 às 15h00, 15h00 às 17h30, 17h30 às 20h00 e 20h00 às 22h30.

Os alunos frequentam as aulas em um determinado período, no entanto se algum impedimento ocorre podem ir à escola em outro horário e assistir aula com outro grupo em qualquer outro período. Nunca vi isso! Parece bom e lógico, mas supõe um alinhamento em relação ao trabalho realizado pelos professores nos diferentes períodos. Difícil de conseguir isso. Como será que fazem? (Registro de experiência).

O trabalho realizado pelos profissionais é integrado entre os diferentes períodos de oferta de atividades para que os alunos impossibilitados de assistir às aulas em seu período regular de matrícula possam participar das atividades em qualquer outro turno.

No que concerne à importância de horários flexíveis e, conseqüentemente, mais conciliáveis com as jornadas múltiplas, Larissa menciona uma dificuldade importante para quando concluir o ensino fundamental no CIEJA e migrar para o ensino médio: a impossibilidade de conciliar horários escolares com o horário do trabalho, visto que trabalha em período noturno.

Terminar agora e no ano que vem já ir pro primeiro. Mas, chegar lá no primeiro [ano do ensino médio] ... Vai ter que ser em outra escola, agora

não é lá no CIEJA; aí vai ter que procurar uma outra escola. E, nessas outras escolas, assim, que não é o CIEJA, é horário da noite. [...] Eu já não vou poder tá indo, porque no horário da noite eu entro aqui... Se entrar às 7h00 e sair às 11h00 ou às 10h00? Como é que eu vou trabalhar? (Larissa - aluna)

Ágata também acumula jornadas: estudante, trabalhadora, dona de casa e mãe de criança pequena, ela enfatiza a importância dos horários diversificados se acomodarem melhor à sua vida e possibilitarem conciliação com os estudos. O trabalho do CIEJA está alinhado com o que verificam estudos sobre o perfil da EJA. Catelli Jr., Di Pierro e Giroto (2019), em artigo sobre a política paulistana de EJA, apontam a importância de jornadas e modelos alternativos:

Os depoimentos colhidos indicam que a jornada escolar predominante, da EJA Regular, com 4 horas-aula diárias ao longo de cinco dias da semana é excessiva para as pessoas jovens, adultas ou idosas que trabalham e/ou têm responsabilidades familiares, o que enseja maior difusão dos modelos alternativos, além de buscar novos modos de organização do ensino para jovens e adultos nas Emefs e CEUs (CATELLI JR.; DI PIERRO e GIROTTO, 2019, p. 480).

Ainda, Ágata expõe preocupação semelhante à exposta por Larissa a respeito da continuidade no ensino médio vindouro e da necessidade de optar por estudar ou trabalhar, pois os horários são incompatíveis.

Tanto que eu falei com o meu patrão, se ano que vem eu não conseguisse uma escola CIEJA pra estudar duas horas e quinze, e estudar de manhã, infelizmente eu ia ter que sair, pra poder estudar à noite, pra eu não deixar de estudar, né? Porque, querendo ou não, eu ainda sou nova, tenho 19 anos, se eu parar de estudar agora, eu vou perder várias oportunidades, como eu já perdi muitas oportunidades de emprego boa por conta do estudo. Então, eu preferi voltar a estudar, terminar meus estudos, pra conseguir um emprego melhor (Ágata - estudante).

Para atender diferentes perfis de alunos, a prática de horários alternativos e a possibilidade de alternar entre diferentes horários incluem quem não é contemplado pelo tradicional período noturno da EJA.

Nós estamos perto de dois hospitais: o Campo Limpo e o M'boi Mirim. Eles trabalham 12 por 36, então como é para eles não perderem quando estavam trabalhando em outros horários, né? E aí essa flexibilização (Aurora - ex-coordenadora geral).

Dona Aurora chegou a conversar com a prefeita Luiza Erundina, décadas atrás, sobre a importância dos horários da EJA atenderem quem tinha opções diferentes de horário disponível:

Puxa vida, educação de jovens e adultos só à noite? São Paulo está se tornando uma cidade delivery, 24h no ar, e como é que a gente não tem educação de jovens e adultos para aqueles que trabalham à noite? Porque, às vezes, a limpeza e a segurança ficam por conta dessas pessoas, que pra serem... Supervisores, querer alguma coisa, precisam saber ler e escrever. E quase todos eles são analfabetos. Que horas eles vão estudar? E não vão ter oportunidade? Eu acho que educação de jovens e adultos teria que dar a oportunidade a todos os trabalhadores em qualquer horário, em qualquer momento (Aurora - ex-coordenadora geral).

As atividades do CIEJA-CL começam às 07h30 e seguem até às 22h30 tanto para docentes quanto para estudantes. Os professores cumprem um período regular de trabalho da rede municipal de São Paulo, cada um equivalente a dois períodos do CIEJA-CL. Caso as reuniões de estudo e planejamento fossem ao longo da semana, como nas escolas regulares, não permitiriam o encontro com seus pares para conversar ou planejar. A solução encontrada foi reuni-los todos nas sextas-feiras para a realização do planejamento unificado e para garantir a participação de todos os professores nos encontros.

Dona Aurora conta que todo o horário coletivo ocorre em grandes blocos:

[...] são quatro horas-aula no estilo de formação. Depois mais quatro horas eles fazem o planejamento, todos juntos, manhã, tarde e noite, porque com a flexibilização o aluno pode vir manhã, tarde, noite para estudar. E a 25ª aula que ele dá esperando aluno ou corrigindo algo, olhando os cadernos, diários de bordo. Essas coisas todas. E também tem lá uma porção de mecanismos para o aluno aprender (Aurora - ex-coordenadora geral).

A flexibilização da frequência às aulas em horários diferentes durante o semestre requer o alinhamento e a integração do trabalho docente nos diferentes períodos. Dona Aurora contou também sobre os ajustes que foram sendo realizados até chegar ao formato atual.

O encontro de sexta foi porque a gente conseguiu pôr... Foi uma matemática incrível, né? Um quebra-cabeça monstruoso. O professor contratado pela prefeitura tem que dar 25 horas-aula. Vamos fazer isso ser 2h15 de aulas; mas se ele der dobrado, dá 5h30, então ele já dá 24h de segunda à quinta. Na sexta, ele não poderia dar mais, porque não iria ganhar, por isso a jornada extrapola. Mas falta uma aula, a 25ª, então ele dá na sexta. Nós pensamos “Puxa vida! O aluno vem para uma aula do

professor no encontro, como é que fica?” Então resolvemos fazer: eles dão essa aula, eles estão lá como “tirar dúvidas” e ajudar nos projetos, porque eles constroem projetos, e depois disso nós pegamos aquela... Os professores ganham 11 horas-aula e hora-atividade, hora de trabalho coletivo, que na escola é feita de uma maneira... [...] nós procuramos fazer num número maior. Em vez de fazer isso pela semana, porque o professor que trabalha de manhã não viria à noite, nem o professor da noite poderia vir de manhã pra fazer essas formações. Mas, se colocar na sexta-feira, todo mundo tem horário a cumprir (Aurora - ex-coordenadora geral).

A organização das atividades de sexta-feira atende aos participantes do CIEJA-CL de modos diferentes. Para a equipe escolar, é benéfico no quesito horário de planejamento, pois possibilita a presença conjunta de todos os professores da escola em horários escalonados para reunir os docentes do período e o horário coletivo com todos os presentes. Para os estudantes que optam por não comparecer à escola às sextas-feiras, visto que não há atividade presencial obrigatória, há apenas as atividades extraclasse para realizar: durante as aulas de quinta-feira, os professores propõem uma tarefa a ser realizada em casa para ser entregue na segunda-feira para compensar o afastamento da escola na sexta-feira.

A gente tem que fazer os extraclasse, que é na quinta. Na quinta, eles passam, a gente tem que fazer na sexta, porque na sexta a gente não tem aula lá, mas tem esse trabalho para ser feito em casa, que é para entregar na segunda. Porque quem não quiser entregar, fica com falta, porque é como se estivesse lá na escola, aí eles põem falta (Larissa - aluna).

As atividades extraclasse funcionam como complemento da carga horária. São atividades para fazer em casa, de maneira a complementar a jornada semanal. Quando envolve pesquisa, é voltada à continuidade da aula presencial. Há atividades variadas: observar algum fenômeno natural, cultural ou do cotidiano e/ou entorno, entrevistar outras pessoas, pesquisar, atividades para realizar. Se o aluno vai ao cinema ou ao teatro, relata o que aprendeu com o passeio. O material é corrigido pelos professores. As atividades escolares são comumente sobre ideias, teorias, checagem de conteúdo ou análise – e uma parte deles assim o faz. Contudo, professores do CIEJA-CL contam que, nos textos de extraclasse, alguns estudantes escrevem sobre a própria vida ou sobre como foram afetados pela atividade, teatro ou cinema, por exemplo. Uma vez que há um professor ocupando o papel de leitor/ouvinte, posso inferir que os estudantes têm um espaço potencial para narrar suas experiências. Vejo, nesse formato de trabalho, uma brecha humanizadora, um espaço para incluir a história pessoal e a experiência dos estudantes.

Noto, a partir dos relatos, que a sexta-feira funciona como uma espécie de folga, na qual o aluno aproveita para organizar algumas questões da vida, como o exemplo dado por Ágata, que usa esse horário para lavar roupas e organizar atividades da casa que não conseguiu realizar ao longo da semana. Isso dialoga com os achados de Catelli Jr., Di Pierro e Giroto (2019) nas pesquisas quanto à dificuldade dos alunos de EJA com a jornada longa.

Uma vez que o estudante pode vir em horários distintos, o registro de presença também demanda prática diferente.

Em vez de fazer diário de classe, fazer passaporte, que era do aluno, e marcar a presença aproveitando tudo que ele fazia na escola: descia pra buscar livro, ler livro, tudo! (Aurora – ex-coordenadora geral)

O registro da frequência dos alunos é feito no seu passaporte individual, que permanece na sala, em vez de ser anotado no tradicional diário do professor. Ao final de cada módulo, também é registrado o conceito obtido pelo aluno em uma ficha individual que segue com o passaporte para o módulo seguinte.

Ainda em relação à frequência nas aulas, Ágata relata suas dificuldades para chegar ao CIEJA no horário. Afirma que se esforça para não faltar as aulas, mas acontece. Se esforça também para não se atrasar, mas, às vezes, chega atrasada.

Mas o bom é isso, que o CIEJA me acolheu, pelo fato de... Às vezes, eu chego atrasada, mas devido ao fato do tempo que é corrido de manhã, que é muito corrido, aí eu me divido em duas, mas desistir de estudar, jamais (Ágata - estudante).

Chegar atrasada e poder entrar na escola sem punição ou sem perder a atividade do dia seria tolerância excessiva? Ou seria aceitação da individualidade e dos reveses da vida cotidiana de cada um? Penso que pressupõe uma concepção de estudante que não engana os outros e que quer estar na escola, mas, principalmente, um constructo de relacionamento em que as partes são parceiras no projeto de educação que está sendo realizado.

Ao perguntar se havia abusos da permissão do atraso, uma professora respondeu, no tempo que lá trabalhou, identificou poucas pessoas que atrasavam sem justificativas e de forma regular/frequente. Lembra que só identificou três pessoas que praticavam alguns atrasinhos, mas era mais comum esse tipo de comportamento em pessoas mais jovens que eventualmente se atrasavam para confraternizar, paquerar, desabafar (Registro de experiência).

Sobre a questão dos atrasos, ela recordou um exemplo no qual foi muito importante aceitar os atrasos da estudante:

Cada vez, eu vou lembrando de histórias. Uma vez, eu estava lá na secretaria, eu vi uma mulher entrar correndo, trazendo um carrinho de feira, arrastando... “Dona Aurora, Dona Aurora. Eu tô chegando agora porque é a hora que a patroa deixou eu sair” Eu: “Entra, sem fazer... Porque a aula está acontecendo; senta quietinha lá e presta atenção. E tudo bem”. “Não! Eu não cheguei no horário.”, “Tudo bem”.

E assim foi. Quando chegou o dia da formatura, eu chamei. Ela falou: “A senhora dá licença deu falar?” Ela falou: “Gente, gente, eu quero dizer pra vocês que eu só tô me formando, e agora eu vou poder arranjar um emprego de supervisora de limpeza, e cuidar das minhas quatro filhas sozinha, que eu cuidei, porque vocês me deram oportunidade. Primeiro a Dona Aurora, depois vocês. Porque foi assim: quando ela me via, eu chegando atrasada, ela falava ‘Vai, vai, vai!’. E vocês também entenderam”. Porque, quando ela chegava e sentava, os alunos falavam: “Está nessa situação”. Davam pra ela o esquema. A mesa acolheu. Quando você começa a acolher, você também espalha essa coisa do acolhimento. “Olha, o professor já fez isso. Tem que responder isso” E ela falou: “Não importa. Mas eu fazia de tudo pra chegar aqui, nem que fosse meia hora final. E a escola fecha o portão e não deixa mais entrar. Porque eu sabia que eu tinha ali eu levava pra casa e terminava a lição. No dia seguinte, eu mostrava pros professores e pros colegas. E assim eu fui participando e hoje eu tô me formando. E a empresa falou que posso me candidatar ao emprego de supervisora”.

Mas ela chorava e chorava todo mundo, minha filha. Porque assim: oportunidade. Uma mulher lutadora, quatro meninas, e ela tinha que estudar. Se ela ficasse esperando porque tinha que esperar na hora em que abre o portão, às 8h, como é que iam ficar em casa quatro crianças pequenas? Não. Ela estudava das 5h30 às 8h00. Ia pra casa, dava tempo de dar jantar, botar as crianças na cama.

É você ajeitar uma escola pra atender a demanda. E ela se formou. Foi emocionante a formatura dela (Aurora – ex-coordenadora geral).

Quando entrei na faculdade, apreciei profundamente poder definir quais aulas eu escolheria assistir num dia e, eventualmente, atrasar para entrar em aula por algum motivo que eu considerasse valioso ou adequado. Quando lidamos com adultos na escola, assumimos que a pessoa tem condições e que escolherá cuidar bem daquilo que é de sua responsabilidade? Lembro de ter sentido curiosidade para saber se existe alguma escola com estudantes menores de idade que exercem esse grau de autonomia ou se é uma prática que estendemos apenas a espaços que atendem adultos. Há muitas instituições que trabalham com EJA, mas não agem desse modo em relação aos tempos escolares, provavelmente por seguirem o mesmo regime pensado para crianças, como Dona Aurora contou: *“Mas as mesmas regras, na escola regular, que é pra criança, é também pro adulto quando está dentro de uma escola regular noturna”.*

4.2.3 Rodízios

E quando eu fiz a primeira assembleia, um rapaz muito ousado, talvez inteligente, falou: “Tá bom! Você quer uma escola, então faça uma escola sem carteira, sem professores, sem matéria. Sem o jeito que a gente vê a matéria, dá assim: 45 minutos, pára. Bate o sinal. Nada disso, nada disso! Tem que fazer outra escola pra gente” (Aurora – ex-coordenadora geral).

E não queriam aula de 45 minutos. “Quando a gente tá começando... A gente já tá fora da escola há muito tempo. Começa a pegar... Tá! Sinal muda.” [...] E eles pediram então que fosse num tempo maior. Então nós fizemos todos os modelos e o atual está diferente, mas continua assim... E também o tempo deles: aula de duas horas e meia. Duas horas e quinze mais os quinze minutos de entrada e saída, que seriam as três aulas de quarenta e cinco minutos da escola (Aurora – ex-coordenadora geral).

[...] Nós falamos: “Olha, vamos fazer o seguinte: chama rodízio”. A gente fazia por mês e áreas de conhecimento... E o rodízio fica mais com ciclo II. Ciclo I a professora é fixa. Por que é fixa? Você vai entender: pra professora fixa no ciclo I e no ciclo II esse rodízio de área (Aurora – ex-coordenadora geral).

Atualmente, as aulas do ciclo II são dadas em módulos, e cada área de conhecimento trabalha por um mês com a turma em docência conjunta, na qual dois professores de diferentes disciplinas trabalham juntos com a mesma turma e no mesmo horário. Ao final de cada mês, ocorre um rodízio de turmas, que seguem para outra área de conhecimento. Os alunos retornam para a mesma área somente no semestre seguinte²² quando repetem o itinerário. Dona Aurora revela que, no começo, as tentativas foram variadas. Houve um movimento vivo de experimentação e pesquisa com os rodízios e ao longo dos anos para aprimorar as tentativas que estavam sendo feitas.

A gente fica um mês na sala de Matemática, que nem nas outras... Não, nas outras [escolas], no mesmo dia, no correr do dia, você tem as aulas. Tal hora, saiu daqui já é aula de Matemática, e vai indo, vai indo as outras aulas. E lá não, lá a gente fica um mês em cada. [...] Aí, quando a gente sai da Matemática e vai pra outra. Ó, saí da Matemática no fim de setembro, comecinho de outubro, tamos na Linguagens e Códigos. Aí, esse mês de novembro a gente já vai pra... Lá em cima. Aí já terminou, aí já vai ser dezembro, já vai ser as formaturas e a avaliação lá da gente. Aí, já não vamos ter mais aula, já entra as férias, mas assim, a gente passa quatro

²² André Gravatá (2013, p. 35) apresentou as divisões dos módulos: “Os módulos são nomeados de Alfabetização, Básico, Complementar e Final – essa divisão substitui a separação em ‘séries’ ou ‘anos’. E cada módulo é formado por quatro ciclos: Linguagens e Códigos (português e inglês); Ciências Humanas (história e geografia); Ensaios Lógicos e Artísticos (artes e matemática); e Ciências do Pensamento (ciências e filosofia)”.

meses, quando chega a outra vez da gente voltar de novo lá pra Matemática, aí a gente já esqueceu quase tudo (Larissa - aluna).

Esse formato de trabalho tem permanecido há alguns anos. Há regularmente as apresentações nos finais de rodízio, as quais Ágata chamou de resumo do mês. Larissa contou que ajudaram a perder a vergonha de falar.

É. E também, que nem os trabalhos... Todo o fim do mês, a gente tem a nossa turma - que a turma nossa é a turma Respeito - a gente tem, a gente reúne todos para fazer a nossa apresentação, apresenta lá na frente, aí quem vai falar, quem vai fazer. Todo mês a gente tem isso. E, nas outras escolas não tem, aí todo mês a gente faz essa apresentação lá na frente (Larissa - aluna).

Os rodízios ilustram mais uma adaptação dos tempos escolares: o tempo organizado a ser dedicado a cada disciplina escolar. Situam-nos, também, sobre o trabalho interdisciplinar realizado em dupla docência e sobre a apresentação mensal dos alunos, que aparece nos relatos como promotora de desenvoltura da fala e do aumento da capacidade de se dirigir ao público.

4.2.4 Equilíbrio entre escola, trabalho, vida

Se ele voltou, principalmente em educação de jovens e adultos, a gente fica muito preocupado porque, pra voltar, minha filha, é uma luta. Como é que inclui escola nos afazeres adultos, ou jovens? É muita responsabilidade e ainda encontrar um tempinho pra voltar a estudar (Aurora - ex-coordenadora geral).

Aí um dia, quando eu estava afastada – eu tava na Caixa –, eu fui lá [no CIEJA]. Me passaram uma provinha, eu fiz lá uma provinha. Aí, eu peguei o primeiro horário do dia, que era o das 7h00 às 10h00. E fiquei. Isso foi em 2005. Fiquei seis meses na Caixa²³, e quando me deu alta, pra voltar pro serviço, eu deixei lá, abandonei (Larissa - aluna).

Quando Larissa relata que encaixa a volta à escola numa licença-saúde, faz pensar que os estudos têm de se encaixar na vida anteriormente desenhada, dividindo espaço com o trabalho, a família e com outras demandas. No seu caso, a ausência de saúde e do trabalho

²³ “Encostar na Caixa” ou “ficar na Caixa” é um modo popular de dizer que o empregado está de licença médica, de duração superior a quatorze dias, remunerado pelo INSS, e não pela empresa contratante. Atualmente, o tempo mínimo mudou. O nome Caixa refere-se ao banco estatal que efetua os pagamentos.

regular criou um intervalo e/ou condições de tempo suficientes para engajar-se em retomar sua escolarização.

Dona Aurora aponta que é comum os estudantes de EJA precisarem se afastar ou abandonar a escola devido a dificuldades de conciliar os estudos com outros aspectos da vida, especialmente com aqueles ligados ao mundo do trabalho.

Ágata relata o conflito entre as diferentes áreas da vida, porém com uma perspectiva diferente da dos demais:

Tanto que eu falei com o meu patrão, se ano que vem eu não conseguisse uma escola CIEJA pra estudar duas horas e quinze, e estudar de manhã, infelizmente eu ia ter que sair, pra poder estudar à noite, pra eu não deixar de estudar, né? Porque, querendo ou não, eu ainda sou nova, tenho 19 anos, se eu parar de estudar agora, eu vou perder várias oportunidades, como eu já perdi muitas oportunidades de emprego boa, por conta do estudo. Então, eu preferi voltar a estudar, terminar meus estudos, pra conseguir um emprego melhor.

Eu trabalho, eu não sou registrada, como é que se diz a palavra, não é autônomo que fala... Eu não sou registrada, trabalho e eu não sou registrada há 10 meses, faço um ano em março, aí eu conversei com ele sobre isso, que ano que vem, se eu não conseguisse achar uma escola que nem o CIEJA, que são duas horas e quinze, infelizmente eu ia ter que deixar de trabalhar lá, arrumar outro emprego, pra continuar os estudos (Ágata - estudante).

Ágata afirma que, em sua conjuntura de vida, será possível optar pela escolarização, caso haja conflitos com horário de trabalho. Há estudantes que veem o CIEJA como o término dos estudos, e outros que o veem como parte de um percurso maior. Ágata tem um projeto de futuro e se encontra no meio do caminho. Toda sua fala me conduz a pensar em sua juventude e na ânsia de aproveitar potenciais oportunidades. Para Ágata, o mundo está à disposição. O estar no mundo, para ela, é vivido com foco no adiante, para frente, no futuro. Na fala dela, surge um afã, uma urgência, um olhar para frente, um tempo diferente. Alguns relatos apresentam a temática do tempo de resgate; o de Ágata apresenta-se como um *ainda pode ser*.

Na busca por equilíbrio entre os diferentes âmbitos das vidas dos estudantes, o ajustamento de agenda com outras atividades cotidianas aparece em muitas vozes.

Dentre as pessoas com as quais eu conversei, lembro-me de um homem próximo aos 40 anos, que tinha sofrido um acidente sério e não podia trabalhar. Ele gostava muito do horário do CIEJA porque conseguia deixar o filho na escola, pegar um ônibus, ir ao CIEJA estudar, voltar

para encontrar o filho na saída da escola. Essa facilidade tornava possível que ele estudasse (Registro de experiência).

É difícil, mas aqui eu estou firme e forte. Às vezes, as professoras falam: “Ágata, para de faltar”; “Mas, professora, é difícil a correria...”; “Não, mas tenta vir mais cedo”. Eu, às vezes, eu venho atrasada, às vezes eu falto, mas eu estou sempre ali correndo. Quando eu falto muito, eu faço compensações de aulas, eu entrego extraclasse atrasado. Eu tento manter tudo em dia, mas, nessa correria de manhã, eu tento deixar tudo certinho, porque eu gosto (Ágata - estudante).

O estudante adulto que trabalha e/ou tem família possui circunstâncias de vida, demandas e responsabilidades distintas das crianças e dos adolescentes, então a volta para a escola é um desafio. Isso porque encaixá-la na vida de um adulto para que ele consiga ir até o espaço escolar, frequentá-lo e concluir a escolarização exige muitos ajustes.

Minha mãe explicou que quando migrou para uma capital não estudava, pois “trabalhava muito, não dava pra estudar” (Registro de experiência).

É, fica corrido, porque eu acordo às 7h00 da manhã, aí coloco a minha filha na perua às 7h40, ou seja, eu tenho que arrumar ela, arrumar a pasta dela e colocar ela na perua. Aí, mais ou menos umas 8h00 horas eu arrumo a casa, faço comida de manhã e corro pra escola. Aí, eu estudo das 10h00 ao meio-dia e quinze. Eu saio ao meio-dia, pra poder chegar no meu serviço a tempo porque entro uma e meia [...] Aí, de lá, eu trabalho da uma e meia até nove e meia. Chego em casa, quase onze horas [da noite]; no máximo. E essa é minha rotina de segunda a sexta, de segunda a quinta, aliás, porque eu estudo aqui até a quinta, na sexta é bem mais tranquilo, porque aí eu tenho a manhã livre pra poder lavar roupa, que, às vezes, não dá muito tempo pra lavar roupa, pra fazer algumas coisas que eu deixei de fazer no decorrer da semana, por conta do tempo, que não dava (Ágata - estudante).

As dificuldades para acompanhar a vida escolar não se limitam ao horário de aula. Às vezes, estão presentes em atividades extras que ultrapassam o horário limitado de alguns estudantes.

Teve passeios também, só que não deu pra mim ter ido. Teve várias vezes, e eu só fui em um, lá na biblioteca que tem lá no Centro [Biblioteca Mário de Andrade] [...] Nessa, deu pra mim ir com os professores, que só um da sala que a gente tava, que foi. E eles têm outros passeios, aí não deu pra mim ir, mas eu tenho vontade de participar quando tiver esses outros. Também teve outros lá, que eles foram lá pra USP. O professor explicou como é lá e tal, mas também não dava pra mim ir, por causa do horário, porque tinha que estar 7h00 pra poder sair e ir no ônibus, e, como eu saio às 8h00 do serviço [...] Aí, não teria como eu ir, mas eu gostaria de ter ido também (Larissa - aluna).

A conciliação da rotina nem sempre é sustentável a longo prazo no dia a dia do estudante jovem, adulto ou idoso. A evasão, portanto, é um ponto crucial na EJA. Nesse sentido, Dona Aurora comentou sobre os esforços para auxiliar os estudantes que estão se ausentando:

E a gente faz todos os recursos que tem. Falta um tempo, a gente liga. E fala que pode repor com um trabalho, senão vem aqui faz alguma coisa. É pra ajudar mesmo... E isso vai criando o vínculo. Ele fala: “Estão a fim mesmo de me ajudar. Então eu também tenho que cooperar. Estão se preocupando comigo”. Então é por isso que a gente não fala da evasão como uma coisa... Evasão pra nós é um assunto pra ser muito bem... É aquele que vem e diz assim: “Olha, eu não quero essa escola. Eu estou evadindo porque é ruim pra mim. Não quero mesmo.” E põe o motivo. Mas enquanto está nesse ir e vir, é também o oscilar na vida dele: arranja emprego, horário, muda de emprego, aluguel de casa, vai pra outro lugar. A gente também tem que ter todo esse contexto social, acompanhando ou não o estudante de educação de jovens e adultos. A mãe que arranja emprego, sai do emprego, marido não deixa, deixa. É muita coisa. Tem muitas situações em que a gente tem que ver o que é evasão mesmo. Tem pessoas que ficam afastadas um ano. E fala assim: “Agora eu voltei. Sabia que a escola estaria aberta, pra poder voltar. Resolvi meus problemas, mas ainda tem alguns pra resolver”. É isso que a escola é: acolhedora. Pôr todos pra dentro, e não pra botar pra fora (Aurora - ex-coordenadora geral).

Em consonância com o relato de Aurora sobre as dificuldades que o estudante enfrenta para frequentar o espaço escolar, Catelli Jr., Di Pierro e Girotto (2019) realçam que a evasão é uma grande questão na EJA, pois os estudantes jovens, adultos e idosos têm seu tempo disputado com o trabalho, a família e outros afazeres:

O problema da evasão na EJA precisa ser tratado em sua especificidade, uma vez que a grande maioria dos estudantes precisa trabalhar e cuidar de afazeres domésticos e compromissos familiares, não tendo sempre as condições objetivas para frequentar a escola, com a qual mantém uma relação intermitente: mudanças de emprego ou moradia, doenças na família ou questões de saúde pessoal, falta de vaga em creche, entre outros fatores, frequentemente determinam o abandono da escola e a postergação do projeto de elevação da escolaridade (CATELLI JR.; DI PIERRO; GIROTTO, 2019, p. 470).

No CIEJA, dentro das possibilidades, existe um movimento de ir ao encontro do estudante e de envidar esforços para se encaixar em sua vida, não o contrário. Tais ajustes propiciam a participação desses alunos, especialmente dos que têm limitações variadas impostas pelas demandas da vida. Dentre os esforços realizados para possibilitar a

frequência, há, inclusive, o acolhimento daqueles que precisam comparecer às atividades na companhia de seus filhos.

Na primeira vez em que vi, estranhei; mas imaginei que fosse algo bastante excepcional. Da segunda vez imaginei que fosse só um pouco raro. Seguiram-se outras, sem grandes variações. Houve uma vez em que não vi, mas soube por uma mãe durante um evento da escola, que ela assiste às aulas com a filhinha de um ano. Explicou que não tem ninguém para ficar com a neném. Quase não acreditei quando disse que a bebê ficava quietinha durante todo o horário de aula. Fiquei um pouco incrédula, pois as crianças de um ano com as quais tenho contato são tão ativas! Não consegui imaginar nenhuma delas quietinha para suas mães se concentrarem na aula. Ela riu ao contar que ninguém acredita quando ela diz isso; supus que tenha reconhecido minha expressão incrédula também. No dia em que nos encontramos a mãe estava com a filha mais velha, de aproximadamente sete anos, que trouxera para conhecer o CIEJA-CL; contou que começou na escola em 2018 e que hoje aproveitou para trazer a filha mais velha (Registro de experiência).

Eu já trouxe a minha filha pra cá, eu já trouxe em tempos em que ela não tinha aula e que eu não tinha com quem deixar, eu já trouxe ela pra sala de aula. Eles aceitam, eles dão atenção, às vezes, minha filha chorava, as professoras entertiam ela pra eu conseguir estudar. E aqui é uma escola que eu me identifiquei bastante (Ágata – estudante).

As pessoas que têm filhos pequenos e não têm acesso a creches, escolas de educação infantil ou recursos para pagar por cuidadores dependem de apoio familiar ou comunitário para frequentar a escola. Nos momentos em que os arranjos disponíveis e os suportes oficiais falham, é preciso que essas mães²⁴ escolham entre ausentar-se da escola e levar consigo a criança. Ou seja, os cuidadores de crianças – ou outras pessoas dependentes – precisam ausentar-se das aulas, pois, de modo geral, as escolas não permitem a presença de pessoas não matriculadas ou acompanhantes, independentemente da idade. Assim como em outras práticas do CIEJA-CL, nota-se também nesse aspecto a aceitação dos estudantes como eles são e como estão: as pessoas são bem-vindas como se apresentam. Se um cuidador enfrentar uma contingência e precisar ir para a escola com a criança, recebê-la bem faz parte do cotidiano da instituição.

Quando fiquei sabendo da postura gentil e colaborativa dos professores nesses momentos, além de uma perplexidade, senti algo próximo à fascinação e ternura, uma vez que, na minha vivência, é tão comum que os acordos tácitos que regem os encontros sociais

²⁴ Opto por usar o termo “mães”, pois todos os casos que me foram contados envolviam mães ou avós. Não tenho condições de afirmar se há também algum pai que leva o filho ou a filha para a sala, já que, no período em que estive em campo, não me ocorreu a ideia de buscar ativamente essa informação.

excluem pais/mães com crianças pequenas dos espaços públicos. Essa prática está tão introjetada socialmente a ponto de as pessoas ocupadas com os cuidados das crianças pequenas se autoexcluírem dos espaços, com receio da censura alheia ou de atrapalhar o andamento habitual e esperado dos eventos.

Ágata conta, feliz, sobre como um professor distraiu sua filha enquanto a aluna fazia a lição. O gesto do profissional docente de dar colo à filha de Ágata e os outros tantos pequenos gestos que chegam até os estudantes têm força transformadora. Paulo Freire discorreu acerca da importância dos gestos na educação. Nas palavras do autor:

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo (FREIRE, 1996, p. 42) .

Quanto à outra estudante, tive dificuldades de imaginar a criança de um ano quietinha por duas horas e meia, mas fiquei feliz em saber que havia essa possibilidade para aquela família, embora as soluções relatadas pelas mães, no CIEJA-CL, se apresentassem como temporárias e improvisadas.

Quando cursei a graduação em Pedagogia, meu filho pequeno acompanhou-me em algumas aulas e a presença dele não causava problemas entre os adultos. Ele dizia que minha 'escola' era ótima, pois assistiu a eventos e aulas com temáticas artísticas: aulas com trabalhos de pintura, sensibilização com instrumentos musicais, contação de histórias e participação em uma roda da dança cacuriá. Levá-lo para assistir às aulas comuns, em sala de aula, foi muito mais raro, pois eu contava com uma sólida rede de familiares e amigos para cuidar dele no período da noite, horário em que estudava. Perguntado recentemente ele disse que lembra de ter dormido muitas vezes no auditório da faculdade; não recordo, mas deve ter me acompanhado em palestras, pois normalmente era o que ocorria no auditório (Registro de experiência).

A sensação de liberdade de poder ir ao meu espaço de estudos na companhia de meu filho, sem censura visível ou autocensura, era muito boa. Ágata concluiu, ao relatar que recebeu ajuda com a filha pequena, que *“aqui é uma escola que eu me identifiquei bastante”*. Assim como Ágata, nos locais em que meu filho pequeno era bem-vindo, eu me sentia mais confortável e bem-vinda.

Quando o assunto acerca da presença de crianças em espaços preparados apenas para adultos surge, há discussões pertinentes e necessárias sobre a adequação e a salubridade do lugar para a criança. Essa é certamente uma questão multifacetada e complexa na qual não

tenho condições de aprofundar. Em termos ideais, os espaços de EJA contariam com um ambiente especial para receber os filhos dos estudantes, pois esse tipo de recurso pode auxiliar no enfrentamento à evasão e na ampliação da presença de pais e, principalmente, de mães na escola.

Para pensar a existência de salas de acolhimento para filhos de estudantes de EJA, abordo o trabalho de Mary Castro e Míriam Abramovay (2017) sobre Salas de Acolhimento instaladas em diferentes municípios brasileiros. As salas foram criadas pelo Projovem Urbano (Programa Nacional de Inclusão de Jovens) para o atendimento de filhos de estudantes do Projovem/EJA – crianças de zero a oito anos. As autoras apresentam uma discussão sobre o cuidar e o combinam com a perspectiva de gênero, já que, no Projovem, a maioria dos estudantes é composta por mulheres – situação similar ao CIEJA-CL, segundo Dona Aurora. Dessa forma, as salas funcionam como importantes auxiliares na manutenção do direito à educação e da emancipação das mulheres, uma vez que permite o retorno à escola para todas as pessoas que precisam usufruir do serviço. Contudo, proporciona atendimento potencial de enfrentamento das questões impostas pelas relações de gênero para as mulheres, posto que, historicamente, o cuidado com as crianças é de responsabilidade predominantemente delas.

As Salas de Acolhimento colaboram para desestabilizar a reclusão das mulheres ao plano do doméstico, orientando-se para os cuidados das crianças e permitindo que as mães possam voltar a estudar e se sintam seguras pela proximidade da sua sala de aula com o espaço das crianças (CASTRO; ABRAMOVAY, 2017, p. 289).

Em relação ao acolhimento dos filhos dos estudantes realizado pelo CIEJA-CL, em comparação com as salas de acolhimento estruturadas, verifica-se que pais acompanhados de crianças, numa escola projetada para adultos, apresenta realidade distante das condições ideais de presença e permanência de crianças na escola. Não cabe a defesa de algo sistemático de modo improvisado, pois, uma vez que se verifica a demanda, pode-se estabelecer um horizonte utópico no qual políticas públicas atendam esses pais e mães. Gostaria, todavia, de ressaltar que, mesmo em condições distantes das ideais, é impossível negar que, além do impacto direto no estudante adulto, que se sente acolhido com a possibilidade de comparecer à escola, mesmo com filho pequeno, pode haver uma espécie de redução de danos e um caráter inclusivo, a longo prazo, para a criança, o fato de seu responsável poder frequentar as aulas e seguir crescendo em sua escolarização. O aumento desta tende a apresentar benefícios para a família como um todo, sejam eles da ordem do capital cultural, sejam da ordem do

financeiro, entre outros. No terceiro Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de adultos (GRALE III), é mencionado que, no mundo, as mulheres estão mais excluídas do direito à educação e que

É fundamental melhorar os dados sobre igualdade de gênero na aprendizagem e na educação de adultos, porque além de melhorar a sua própria vida, a educação de mulheres tem fortes efeitos secundários sobre suas famílias e sobre a educação de seus filhos. A educação de mulheres também tem um forte impacto no desenvolvimento econômico, na saúde e no engajamento cívico (UNESCO, 2016, p. 14-15).

Ágata toca em algumas dessas questões quando insiste que um dos motivos para ela voltar a estudar é servir de exemplo para sua filha pequena, pois, além da imagem de mulher que quer transmitir, há impacto direto presente na estrutura social. O Instituto Brasileiro e Geografia e Estatística (IBGE) publicou, em 2017, a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em seus indicadores de mobilidade educacional, algumas correlações entre tempo de escolarização dos pais e dos filhos, mostrando que, quanto maior é a escolarização dos pais, maior é o percentual de filhos que conseguem chegar à educação superior (IBGE, 2017).

Se amplio o achado dessa pesquisa para a situação relatada pelas mães do CIEJA-CL, vemos que, quando a EJA consegue receber e manter seus alunos, isso representa, além do aumento real da escolarização dos adultos, um potencial aumento de escolarização dos filhos. Nesse sentido, há espaço para políticas públicas de atendimento aos genitores com filhos pequenos, de forma a ampliar a permanência dos estudantes e, conseqüentemente, a efetivação do direito à educação dos membros da família.

Engravidei, eu pensei: “Como que eu vou estudar?”. Aí, eu conheci o CIEJA, porque minha mãe já estudou aqui. Minha mãe, minhas tias, todas estudaram aqui – mais novas. Conheci o CIEJA e vim pra cá. Em 2016, eu achei que não iria dar muito certo, eu cuidar de casa, cuidar de marido, eu grávida achei que eu não ia conseguir estudar, aí eu parei.

Aí, minha filha cresceu. Com seus dois anos de idade, em 2018, eu resolvi voltar a estudar, aí foi quando eu voltei pra escola. Aí, eu parei no Módulo 3, concluí o Módulo 3, agora eu estou no Módulo 4. E aqui estou... No Módulo 4 e, ano que vem, creio eu, que vou pro Ensino Médio (Ágata - estudante).

Pesquisadora: *Parece que, pelo o que você está contando, na sua história, a presença da sua filha tem um papel importante nessa volta à escola?*

Ágata: *Tem.*

Pesquisadora: *Quer contar um pouquinho?*

Ágata: O papel importante é que eu quero mostrar pra ela o quanto a mãe dela é guerreira, que nem eu vejo na minha mãe. O quanto eu luto pra dar as coisas pra ela, pelo fato de eu ser nova e ter essa responsabilidade. E ensinar pra ela que a gente consegue vencer qualquer coisa, qualquer barreira. E que só basta a gente querer voltar atrás e crescer na vida. E é isso que eu venho mostrando, tentando mostrar... Ela crescendo, ela vendo a correria, pelo fato disso tudo, eu não desistir de estudar. Desisti por um certo momento, mas depois eu resolvi e falei: “Não, eu tenho que voltar”, e é isso.

Pesquisadora: Você contou que sua mãe também estudou aqui.

Ágata: Estudou. A minha mãe estudou. A minha tia terminou aqui; terminou aqui o Ensino Fundamental, aí foi pra outra escola. E também ela terminou tarde, terminou com seus 30 anos. Só que minha mãe, infelizmente, ela não conseguiu concluir, ela parou aqui na sexta série, por conta que naquela época era muito difícil, ela com quatro filhos pequenos – eu e meus irmãos são poucos meses de diferença – e ela não tinha com quem deixar, foi mais por conta disso. [...] Aí, foi que ela me incentivou, mas ela não conseguiu concluir por conta da gente muito pequeno e ela não tinha com quem deixar (Ágata - estudante).

Ágata enfrenta dificuldades com o acúmulo de múltiplas jornadas e cuidados com a filha pequena para dar seguimento à sua escolarização. Ao contar sobre sua mãe e tia, ambas ex-alunas do CIEJA-CL, ilustra um pensamento do sociólogo e educador Miguel Arroyo (2015): o problema enfrentado pelos estudantes atuais também foi enfrentado por gerações anteriores. A mãe de Ágata não conseguiu prosseguir, embora a tia tenha ido até o último nível. As limitações e dificuldades apresentadas pelos jovens e adultos para permanecer na EJA lança mais luz sobre questões de gênero.

Eu nunca imaginava de vir estudar depois de tantos anos. Eu acho que eu parei na escola em 84. Depois de tantos anos, vir na escola... Casei. Quando eu falava “Eu vou terminar meus estudos”, o marido era ciumento, falava: “Mulher casada não precisa estudar”. E eu: “Para com isso!”, “Não precisa!”.

Aí, tive dois filhos, fui criar os filhos. Não me importei de terminar meus estudos. Se eu tivesse enfrentado ele e viesse estudar, já tinha terminado. Poderia ser até alguém, ter uma profissão, mas ele era ciumento. Aí agora foi onde achei um meio de vir pra escola mesmo. Não ficar dentro de casa chorando o que passou porque não vai voltar mais. Não resolve nada, não vai pagar a conta, não vai fazer nada você ficar dentro de uma casa chorando. Acabar entrando numa depressão, ficando doente, morrendo. É isso que acontece. Mas eu tô feliz de tá aqui sim (Mônica - estudante).

No resto da entrevista, Mônica apresentou uma história de amor longa e feliz com seu marido. Entretanto, somente após a morte dele foi possível para ela retomar a escolarização, uma vez que os preconceitos de gênero no tocante ao suposto lugar adequado para mulheres – sendo a escola um local supostamente inadequado – havia

impedido seus estudos durante o casamento. Mônica, que voltou a estudar para se ocupar e lidar com o luto, relata impressionante desenvolvimento pessoal a partir do seu encontro com o CIEJA-CL, superando enorme timidez, atuando no mundo além do espaço doméstico e sonhando com atuações em espaços sociais mais amplos.

Aurora falou sobre os maridos que não deixam as mulheres estudarem ou que investigam as atividades das esposas.

Quantas mulheres não começam no CIEJA e a primeira coisa a fazer é mandar embora o marido violento [risadas]. Primeira coisa, ela falando assim: “Dona Aurora, me livre daquele traste”, porque começa a discussão de valorização de vida. Você vai ficar com um cara que em palavras e atitudes acaba com você? Que momento é você? [...] Uma vez, fez essa observação: “A senhora tem muito mais mulheres do que homem aqui na escola?”. Falei: “Com certeza. 65% são mulheres. Guerreiras que vem com todo acúmulo de serviço e ainda dá conta de estudar”. Porque quer, né, fazer isso acontecer (Aurora - ex-coordenadora geral).

Então, eu acho que o CIEJA tem como foco é essa coisa de superação dos ciclos, que chega a ser perigoso, porque as mulheres que são violentadas, as que aprendem mesmo, a primeira coisas que elas vão fazer é descartar o companheiro violento, “Já me livre, coisa ruim, por isso que eu deixei lá”, ou se não “Eu conseguir mudar a minha vida lá em casa, eu fiz outras coisas, eu estou fazendo de outra maneira e estou vendo como o resultado é diferente”, que é a oportunidade, né?!

E é impressionante né, que a gente tem muitos casos de maridos muito machistas e violentos que não querem que estudem... “O que você vai fazer? Depois de velha vai ciscar em outro terreiro?” Umas coisas bem machistas, sabe... “Panela velha já não faz mais nada.” E algumas delas, depois que estudaram, quando acontece alguma coisa, o marido sofre um acidente são elas que vão sustentar a família, tivemos vários casos assim. E aqueles que falam assim “Tá bom, eu vou lá”. Agora nem tanto, graças a deus, de uns dez anos pra cá as coisas estão mudando, mas no início: “Eu vou lá ver isso o que é que você vai”. O bom de não ser escola... “É da igreja, a gente tá aqui fazendo um trabalho com pessoas com necessidades especiais”. O horror da mulher estudar e evoluir e ter seus desejos de estudo, de leitura.

A gente passou por situações muito engraçadas, né? Um marido violento chegou “O que é isso?”; “Bem, você não tá vendo que é perto da igreja?” – porque a igreja é na esquina. –; “Aqui é uma parte em que a gente cuida das crianças, eu vim aqui fazer um trabalho voluntário”. E ele: “Ahh, ahh”. Sabe assim? Mas também tivemos um que não queria de jeito nenhum que ela viesse estudar. E ela veio, e ele sofre um acidente. Ele era motorista e sofre um acidente de carro e quebra a vértebra e fica paraplégico. E ela falou: “Eu vou sustentar a família”. E ele: “Com o quê? Você é uma analfabeta, não sabe nada...”. Ela falou: “Não! Eu tô me formando”. E ela fez Pedagogia... Lá no CIEJA, ela veio sem saber ler e escrever. Lá no CIEJA, quando ela aprendeu a ler e escrever, ela foi contratada numa creche como merendeira; da limpeza depois passou pra merendeira. Prestou concurso, passou e fez Pedagogia depois. E acabou sustentando a

família até o final, e o marido – era irreversível o acidente – não pôde mais trabalhar (Aurora - ex-coordenadora geral).

Diante das formas de opressão e dominação, as práticas que sustentem a construção do processo de emancipação são largamente defendidas por Paulo Freire. Consideremos a noção de emancipação construída por ele: “O processo emancipatório freiriano decorre de uma intencionalidade política declarada e assumida por todos aqueles que são comprometidos com a transformação das condições e de situações de vida e existência dos oprimidos” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018). O exemplo contado por Aurora reafirma que, quanto maior a escolarização, maior é o potencial de ampliação da renda das famílias, e as oportunidades econômicas também compõem o quadro da emancipação das pessoas, dos estudantes em geral, mas são um elemento ainda mais auxiliar na emancipação feminina, por ajudá-las a enfrentar limitações impostas por questões de gênero

E ontem teve uma observação muito... A gente sempre constata isso nos nossos gráficos: que a mulher é a que mais procura. Ela tem casa pra cuidar, filho pra cuidar, emprego e ela ainda quer vir pra escola pra melhorar no emprego, ajudar os filhos na escola. Tudo relacionado à vida; e pra ela se sentir naquelas duas horas, ela: “Aqui sou eu. Aqui não tenho marido que tá pegando no pé, não tem os filhos chorando atrás de mim, não tenho que resolver algumas questões, não tenho patrão me amolando. Sou eu. Eu comigo mesma”. E ela precisa disso, todo ser humano precisa também de um momento para si, né? E o CIEJA, quando eu falo isso... A gente conseguiu atingir isso, de que do portão pra dentro... Eu não sei te explicar como, mas acho que foram mesmo muitas atitudes, muita gente contribuindo pra isso, você muda a energia, sabe, do portão pra dentro. As pessoas que entram lá, elas adquirem uma confiança, uma maneira de ser mais solidária, de entender mais, de ser mais compreensiva, ser mais tolerante (Aurora - ex-coordenadora geral).

4.2.5 Pensando adaptações nos tempos escolares

Valéria Ferreira e Yvelise Arco-Verde (2001), no artigo *Chrónos & Kairós: o tempo nos tempos da escola*, problematizam o tempo como invenção, sendo conseqüentemente passível de reinvenção. As autoras apresentam a questão da construção social do tempo e da distribuição das atividades do ser humano, recordando que a humanidade dominou a medição do tempo, contudo tornou-se aprisionada pelo tempo contado. Com isso, provocam o leitor, questionando se a escola poderia ousar romper as amarras do tempo e redimensionar sua prática, uma vez que o tempo é uma criação (FERREIRA; ARCO-VERDE, 2001). Na esteira desse pensamento, citam o exemplo da semana escolar, organizada de segunda à sexta-feira

e estabelecida como unidade para distribuir o tempo, que não é um dado da natureza, mas uma construção humana.

A reinvenção do mundo ou reinvenção da escola é uma possibilidade multifacetada que pode passar pela reinvenção dos usos do tempo e pela retomada da responsabilidade sobre o modo como utilizamos e organizamos o tempo nas instituições.

O que vi no trabalho do CIEJA-CL se apresenta como uma tentativa de reconstrução da organização do tempo em um formato que faça sentido para os atores da escola, com mudanças na duração da aula, da semana, dos ciclos, dos encontros com as disciplinas, do tempo de fazer matrículas, dentre outros.

A organização dos tempos, presente no cotidiano do CIEJA-CL, poderia ser pensada a partir de *Cronos e Kairós*?

Lembro, especialmente, dos cantinhos de sentar, nos banquinhos do piso azul e parece que estamos em um hiato do tempo Cronos, onde ele para e alcançamos Kairós. Neste hiato é possível conversar e conhecer com quem estamos falando, e descansar, e ser, e estar. Espaço e tempo para estar presente (Registro de experiência).

O regime do tempo *Kairós* – o tempo das coisas, o tempo do acontecimento, o tempo psicológico e subjetivo, o tempo que a vida leva para viver – se revela nas histórias relatadas. Do nome *Cronos*, derivam as palavras *cronológico*, *cronometrado*, e é conhecido como o tempo do relógio ou o tempo exato; ele também está presente na ordenação da vida, na contagem das horas e dos dias que passam. Apesar dessa noção, nas modificações visíveis no CIEJA-CL, pode fazer mais sentido visualizar *Cronos* como apêndice – não como o pilar habitual de espaços escolares –, pois o tempo cronológico aparece como um assistente, regulando o horário para entrar, para sair, para abrir portões, para fechar portões etc. Entretanto, se esses horários não puderem ser seguidos e respeitados, as pessoas não precisam ser punidas ou prejudicadas. Há, ali, uma busca de alternativas para minimizar o impacto e os possíveis danos da desatenção ou o não atendimento à regência cronológica. A mudança de regência gera uma ordem diferente, mais conectada com o tempo do aluno, com o tempo da vida:

Passar do tempo institucional e social contado (*Chrónos*) na escola para o tempo do aluno (*Kairós*) gera uma nova ordem, que não é o ordenamento aprendido e apreendido pela maioria dos educadores, no entanto, conforme foi indicado, há um espaço na escola para que se possa modificar hábitos arraigados, rever tempos e práticas em uma nova organização temporal (FERREIRA; ARCO-VERDE, 2001, p. 76-77).

Consigo visualizar o tempo *Kairós* em ação, visto que o tempo da vida, o tempo psicológico regula as relações e os aprendizados. De que outro modo Tiago poderia permanecer por anos na mesma unidade escolar e, ainda assim, seguir desenvolvendo suas aprendizagens e suas capacidades leitoras? Ele está há sete anos na instituição, avançando no seu próprio ritmo. Até mesmo a presença de ex-alunos que permanecem ouvintes é um sinal desse regime, pois a estadia dos mesmos não foi determinada pelo correr do calendário, mas pelo sentido encontrado em permanecer frequentando e estudando no local.

Para ampliar o tema do tempo, acrescento duas reflexões. Jorge Larrosa (2016a) apresenta a escola como um “dispositivo para a lentificação do tempo”, permitindo, portanto, ir mais devagar. O autor escreve sobre as tecnologias escolares que permitem e convocam a ir mais devagar:

A escrita é uma tecnologia de lentificação; falamos demasiado rápido e escrever exige parar. A repetição escolar é uma tecnologia de lentificação. Ler em voz alta é uma tecnologia de lentificação. A caligrafia produz um tempo lento. Portanto a escola é um dispositivo que permite ir devagar. Há uma expressão muito bonita em espanhol que diz “devagar e boa letra” para fazer uma boa caligrafia, você deve ir devagar. Portanto a escola é inimiga da aceleração, da velocidade, da agitação, da ansia por resultados e por eficácia. A escola é o lugar onde se pode ter tempo suficiente para ver um filme, para ler um poema, para resolver uma equação matemática, para declinar os verbos no subjuntivo, isto é, é um lugar onde o tempo flui - ou pode fluir – com uma estranha lentidão (LARROSA, 2016a, s/p. 00)²⁵.

Ao discorrer sobre o saber da experiência, Jorge Larrosa (2002) menciona a questão do tempo na forma da velocidade de nossa vida contemporânea que se impõe como obstáculo à experiência. Em relação à velocidade, pressupomos maior quantidade de espaço – ou conteúdos – percorrido num intervalo menor de tempo. Há sentido nessa afirmação, especialmente se seguirmos sua linha de raciocínio, a partir da qual afirma que experiência é

²⁵ Tradução livre a partir do vídeo original: La escuela es una separación entre el tiempo de la producción y el tiempo del consumo y el tiempo libre del estudio. Pero la escuela también es un dispositivo para la lentificación del tiempo. Las tecnologías escolares son tecnologías muchas veces de la lentificación; la escritura es una tecnología de la lentificación. Hablamos demasiado deprisa y la escritura exige parar. La repetición escolar es una tecnología de la lentificación. Leer en voz alta es una tecnología de la identificación. A caligrafía produce un tiempo lento volando la escuela es un dispositivo que te permite ir despacio. Hay una expresión en español muy bonita que dice “despacio y buena letra” para hacer buena letra, hay que ir despacio. Por lo tanto la escuela es enemiga de la aceleración, de la velocidad, de la agitación, de la ansia por los resultados y por la eficacia. La escuela es en un lugar donde uno puede tomarse el tiempo suficiente para ver una película, para leer un poema, para resolver una ecuación matemática, para declinar los verbos en subjuntivo, es decir, es un lugar donde el tiempo fluye o puede fluir con una extraña lentitud (LARROSA, 2016a, s/p.).

aquilo que nos toca, é o vivido, que, ao ser revisitado, deixa marcas, além de que “experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa” (LARROSA, 2002, p. 23), em forma de estímulo fugaz. A experiência requer um ritmo distinto e Larrosa (2003) defende a educação no par experiência e sentido e que ela necessita de outro ritmo.

4.3 COLETIVIDADE

4.3.1 Cantinhos para sentar-se

Há cantinhos com assentos; convites discretos para sentar-se e conversar. Visualizo estímulo para o encontro, para a conversa, para a troca de ideias. Vejo as pessoas em pequenos grupos nesses cantinhos nos mais diferentes horários, principalmente antes do começo das aulas (Registro de experiência).

E a beleza que eu acho lá muito lindo. A gente chega lá... Os barulhos dos pássaros. É uma paz. Outro dia, eu cheguei lá, na semana passada, e como eu cheguei cedo... Minha encarregada mandou uma mensagem pra mim, perguntando onde eu já estava, porque, quando eu saí, ela ainda não tinha chego, aí eu falei: “Ah! eu já tô aqui na escola. Eu cheguei aqui na escola”, aí eu tirei uma foto e mandei pra ela, e ela: “Nossa! Como a sua escola é bonita!”. Porque a faculdade [onde trabalho], lá é enorme, é bonita também, mas eu acho que o CIEJA é muito mais, por causa das árvores, das paisagens lá. [No trabalho] Tem plantas assim nos vasos e tudo e é uma escola enorme, mas não é que nem o CIEJA. Então, eu gosto muito de lá e fico até pensando de ter que sair de lá e ir pra outra escola (Larissa - aluna).

E o estético né? A gente esquece do estético, do belo. Parece que morar na periferia, tudo tem que ser feio, tem que ser cinza, tem que ser sujo. Essa coisa... Eles falam mesmo, eles cuidam...

Uma vez eu estava na minha sala, lá em cima, quando estava lá, eu ouvi uma menina falar assim: “Eu marquei com meu namorado aqui, tomara que ele venha.” Eu fiquei de olho pra entender. “Sabe o que é? Na minha casa não tem banheiro e eu tenho vergonha. E aqui é tão bonito. Eu convidei ele pra vir me buscar e gente janta aqui e usa o banheiro. E depois quando a gente vai pra casa, ele me deixa na esquina (Aurora - ex-coordenadora geral).

O espaço do CIEJA-CL é bem cuidado e bonito. As pessoas o apreciam e se encontram nele umas com as outras ou passam um tempo na própria companhia, em contemplação. Dona Aurora contou o exemplo do encontro com o namorado, entre outros. Neles, o CIEJA-CL é espaço de encontro utilizado por seus estudantes. Poder entrar sem horários rígidos num

espaço de pertença e estar com tranquilidade pode propiciar um encontro consigo mesmo e com os outros.

Larissa trabalha no período noturno e segue diretamente do trabalho para o CIEJA-CL. Participa do segundo horário e, normalmente, chega à escola antes de seu horário de entrada em sala. Seu relato conta de um momento de admiração compartilhado, vivido em uma manhã dessas quando chegou mais cedo e esperava o horário de entrada perto do jardim. Pelo modo como fala, aparenta estar bem viva a admiração que sente a respeito do espaço e da beleza de sua escola. Além disso, na referida manhã, foi também compartilhada com a profissional com quem trabalha. Alejandro me contou que anda pelo CIEJA como se fosse uma praça, ou seja, um lugar agradável para ficar, no qual se sente bem.

Quando penso nos cantinhos para sentar presentes na escola, avalio que, em uma primeira camada interpretativa, eles fazem parte do espaço, pois, estando espalhados por toda a escola, são elementos concretos. Numa segunda camada, penso que se apresentam como convites discretos ao encontro e revelam uma compreensão institucional sobre os tempos escolares. No CIEJA-CL, não há delimitação de horário fixo para entrar na unidade ou na sala de aula. Então, a presença das pessoas na instituição não é regida por sinais e/ou apitos habituais de escola, tais como os ditames do ritmo fabril. Ali se constrói espaço e tempo em que não é necessária autorização externa para adentrar o espaço escolar e ocupá-lo. Os controles desse tipo fortaleceriam a relação hierárquica e a noção do estudante como heterônomo. Os estudantes vêm à escola fora de seus horários regulares, chegam antes da aula, saem depois do horário e reúnem-se para conversar, trocar ideias. Essas ações não são consideradas desobediência ou comportamento passível de punição. Um espaço aberto assim pressupõe que as pessoas venham não apenas para assistir às aulas, mas para estar em outros momentos e conviver com os demais fora da égide do tempo cronológico.

*No dia em que ouvi uma história muito, muito difícil de um jovem, ali na mesa do piso azul, havia um outro homem, mais velho, esperando pelo início da aula; permaneceu quieto, presença discreta, ali no outro banco da mesa; como estava próximo ouviu um pedaço significativo do relato. Depois da saída do jovem, esse homem mais velho compartilhou comigo uma reflexão sobre como era importante para muita gente estar ali e ter a chance de voltar a estudar e recomeçar. Arrematou em tom solene algo que me dizia com palavras bonitas que ele entendia que o CIEJA era um berço de recomeço. Achei tão bonita a expressão. Achei tão bonito o que ele disse que fiz questão de anotar, tentando não tirar meus olhos dos dele. Ainda bem que consigo escrever sem olhar. Ufa!
Ele, aparentemente muito tocado pelo que ouviu, completou, ainda em tom levemente solene, que cada aula tinha um aprendizado diferente e que naquele dia a aprendizagem não tinha sido na sala de aula.*

Fico cá a pensar na concepção de aprendizagem – ou até de educação – que esse senhor revelou: tudo serve ao aprender, inclusive aquilo que não foi programado, sistematizado e organizado para tal, ou seja, também crescemos no que foi produzido pelo e no encontro (Registro de experiência).

Senti-me à vontade e confortável ao ocupar os cantinhos da escola em dias e horários diferentes. Gostei especialmente da grande mesa com bancos localizada no piso azul. Os cantinhos para sentar e os usos que presenciei – e fiz – reafirmam uma concepção de escola como espaço para as pessoas estarem. Vanessa Faria (2014), em seu estudo sobre dois CIEJAs, explica que “os lugares apontam a concepção de que a vinculação dos estudantes à escola atrela-se à sua vinculação às pessoas, ao ambiente acolhedor que propiciam” (FARIA, 2014, p. 124). Avalio que essa proposta esteja alinhada com os princípios da educação popular. Paulo Freire (2011) valorizava as aprendizagens horizontais oriundas dos encontros informais e das interações entre as pessoas nos mais diversos espaços, definidos por ele como aquilo que se aprende socialmente.

É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. No fundo, passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar. Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE, 1996, p.43).

Jorge Larrosa (1999), no livro *Pedagogia Profana*, nomeou esses elementos de espaços intersticiais. No capítulo intitulado *Três imagens do paraíso*, o autor valoriza o aprendizado que se dá nos interstícios das instituições. O personagem referido, um estudante universitário, aprendia mais nos corredores, nos contatos e nos diversos espaços do que propriamente na aula.

Mas o que conta para a transmutação formativa não são as aulas [...] O que conta são os espaços intersticiais: as escadas, o pátio, a cantina, os parques e praças adjacentes, a ante-sala da biblioteca, os corredores entre as faculdades, os bastidores das livrarias. Na Universidade, os espaços

intersticiais são o lugar do perigo, porque aí, fora do mundo seguro e insignificante das salas de aula, não valem as seguranças da verdade, da cultura, do saber, do sentido (LARROSA, 1999, p. 81).

O personagem de Larrosa (1999) tinha enorme desconfiança do que vivia em sala de aula, diferentemente do que foi apresentado pelos estudantes no CIJEA-CL. Contudo, os espaços intersticiais do CIEJA-CL sustentam inerentes possibilidades de se transformar, aprender, crescer, conhecer pessoas – pessoas diferentes ou aquelas que têm uma história semelhante –, trocar impressões, descobrir que não se está sozinho, percebendo que, na realidade, há mais gente vivenciando os mesmos problemas e desafios.

4.3.2 Carteiras e mesas

As mesas coletivas são convite à reunião em grupos: nas salas de aula são hexagonais ou redondas e acomodam até seis cadeiras; nelas os alunos trabalham em pequenos grupos. Os estudantes contam que nesses mini grupos se apoiam e quem termina a atividade antes ajuda aqueles que estão realizando (Registro de experiência).

Então, tudo isso eu acho diferente, porque nas outras escolas, na época que eu estudei, não era assim. Não era assim desse jeito, era uma salinha de aula, com as carteiras uma atrás da outra, a mesa lá na frente, dos professor. Lá [no CIEJA] a gente vê a sala, fica a mesa, a gente senta tudo juntos, vai conversando ali um com o outro, um ensina o outro; um não tá entendendo uma coisa, o outro ali vai ajudando. Então, a gente tem ajuda de todos: dos professores e dos colegas também, né?! (Larissa - aluna)

Nas propostas de escolarização tradicionais, apoiadas na concepção de que o professor sabe e informa seus alunos – chamada por Paulo Freire de educação bancária –, resiste a formatação de sala de aula bastante conhecida por todos os que frequentaram a escola: alunos enfileirados e voltados para a figura do professor, ocupante do centro da sala, predominantemente à frente dela. A existência de um palanque no qual o professor se posicionava – ou um objeto similar que o deixasse em altura mais elevada – era comum na história da educação do país, e, em alguns locais, hoje em dia, ainda é possível encontrá-lo.

Dona Aurora contou que as motivações para pôr mesas em lugar das carteiras e para fazer algumas modificações no espaço surgiram do desejo dos alunos de ter, na escola, uma configuração diferente do modelo mais tradicional. Ela relatou uma de suas conversas com os estudantes, na qual o assunto foi tratado:

Falei: “Então tudo bem! Como é que vocês pensam essa escola?”

[Eles disseram:] “Nós não queremos carteira um atrás do outro” [...] Na época, ficou meio confuso por que eles não queriam, mas eles queriam conversar, eles queriam trocar ideias, eles queriam outra maneira. Mas o menino de quinze anos, há uns cinco anos, falou pra mim: “Sabe o que é? A escola pra nós já nos representa uma cadeia. Então, se a gente tá se preparando pra conviver mesmo numa cadeia. E a carteira a é cela solitária. Se você abre a boca, se faz alguma coisa, é colocado pra fora. Você não tem argumento. Não pode argumentar, não pode fazer nada. Fora! Cela solitária. Tem que ficar de boca fechada e aceitar”. Um menino de quinze anos me falou isso. Então, justifica não querer a carteira (Aurora - ex coordenadora geral).

Tradicionalmente, em um ambiente escolar, a carteira individual privilegia a aprendizagem solitária. Tal móvel, desenhado para acomodar o corpo individual, delimita também o espaço para guardar a voz e evitar a conversa horizontal entre iguais, uma vez que, na configuração em fileiras, a voz alcança, em momentos não permitidos, espaços além dos delimitados pela carteira, favorecendo o controle e fazendo com que o estudante normalmente enfrente algum tipo de repreensão.

A percepção apresentada pelo jovem no relato de Aurora já anuncia que a disposição do mobiliário da sala de aula comunica os modos esperados de encontro e das relações, que, nesse caso, são democráticas.

Helena Singer (2008), ao escrever sobre o CIEJA-CL, afirma que nele

[...] a democracia rompe com a orientação panóptica que enfileira as carteiras de frente para a mesa do professor, na qual se propõe a não-comunicação entre os estudantes, e em seu lugar coloca o trabalho em grupo, seja nas mesas sextavadas ou redondas, seja na roda (SINGER, 2008, p. 201-202).

No CIEJA-CL, relatos de apoio mútuo entre os colegas e de apreciação sobre estudar em parceria aparecem como elemento significativo nas entrevistas.

Tem esses negócios de interagir em sala de aula. Como eu falei, é muita conversa, muito diálogo, e eu ficava meio tímida, e aí o pessoal da turma: “Não. Fala. Aqui é assim. É legal você interagir, é legal você conversar”, aí foi quando eu fui me soltando. Hoje, tem gente que chega e é assim, que nem eu era: ficava sentada no canto, não participava, e agora todos participam. Do mesmo jeito que eles foram me mostrando o quanto era bom participar, eu e meus colegas mostram pras pessoas que chegam o quanto é bom participar (Ágata - estudante).

E no final das contas, acabam ensinando, de uma maneira ou de outra. Todo mundo acaba aprendendo e ensinando um pouco o que sabe. Todo mundo para pra conversar. E é isso (Alejandro - frequentador).

A proposta de mesas coletivas reafirma também, através da concretude do mobiliário, que o aprendizado passa pelo compartilhamento do conhecimento, no qual o trabalho do professor não é ser o centro das atividades, mas ser um mediador da aprendizagem.

Nessa perspectiva, Helena Singer (2014) ressalta que a educação dentro de princípios democráticos estimula mudanças nos papéis dos estudantes e educadores.

Em roda, quando o estudante expõe suas experiências e reflexões, o educador escuta. Na sala com as mesas sextavadas ou circulares, quando os estudantes trabalham em grupos, o educador participa na medida em que é solicitado. Não mais aquele que professa um conhecimento diante de uma plateia passiva, mas sim aquele que escuta, aprende e orienta. (SINGER, 2014, p. 17).

Durante minha trajetória escolar, convivi com professores que modificaram a organização habitual das salas e as reorganizaram em círculos. Entretanto, essa era uma mudança na lógica estabelecida, não a proposta principal do estabelecimento. A oportunidade de trabalhar em grupo – recebendo auxílio e auxiliando – pode trazer clareza em relação a do que cada pessoa é capaz, mas, principalmente, trazer compreensão de que ela sabe o suficiente para poder contribuir com o crescimento dos colegas. Será que essa possibilidade pode ser relacionada à autonomia? Ou ao reconhecimento dos próprios saberes e capacidades? Paulo Freire discutia muito sobre a importância da autonomia e do trabalho coletivo.

Comove-me assistir a esse processo em que o jovem ou o adulto vai superando os desafios da escolarização e, paralelamente, auxilia outros no desenvolvimento de competências e saberes, descobrindo seu saber e tornando-se aprendente e ensinante. A escolarização que vivi foi baseada em um modelo de educação bancária. Relembro minhas vivências como aluna em sala: era proibido conversar, mesmo quando os comentários ou perguntas furtivas para os colegas eram pertinentes aos temas tratados pelo professor. A exceção se apresentava em momentos pontuais para realização de trabalhos em grupo. A sala de aula, como aluna, foi composta, para mim, como um espaço para silenciar, aquietar o corpo e ouvir. A prática efetivada pelo CIEJA-CL, e amplamente defendida por Freire em toda a sua obra, coloca a centralidade da aprendizagem no estudante e nas interações entre os pares, os quais são inerentes ao processo de aprender e ensinar.

Danilo Streck, Euclides Redin e Jaime Zitkoski (2018), ao se debruçarem sobre a obra de Freire, produziram o livro *Dicionário Paulo Freire*. Neste, apresentaram *coletivo* como um verbete, no qual ressaltaram que o trabalho coletivo é um dos valores e princípios

pedagógicos fundamentais na obra e na prática de Freire, posto que este compreende a educação como um ato político, em que as pessoas não se educam sozinhas, mas entre si. O trabalho coletivo aparece alinhado à valorização dos saberes e ao respeito ao conhecimento que cada pessoa angaria na vida. De forma alinhada a essa concepção, o CIEJA-CL, em suas práticas, realça o primado da educação a serviço da coletividade.

4.3.3 Professor e alunos – ser visto, ser humano, ser percebido

Não foi por ela [a filha] que eu parei, não. Foi mais por mim, que eu não gostava. Como eu falei, eu não gostava muito de estudar. Agora, aqui, sim; agora eu sei como é gostar de estudar. Eu antes... Nossa! Eu detestava ir pra escola, eu ia e voltava. E agora não, agora eu sinto prazer em vir pra escola estudar. O bom é isso, eu fui aprendendo a gostar, vendo o quanto é importante, vê o quanto isso vai ser importante pra mim no futuro, né? Aí, o CIEJA me mostrou tudo isso, e eu sou eternamente grata por ele, espero que outras pessoas sejam também [...] Aprendi a gostar de estudar aqui [...] Nem eu sei te explicar... Aqui eu me sinto em casa, como eu falei. Eles me acolheram bastante, aqui eu me solto. Por mais que às vezes a gente erre a questão, o professor eles chegam e falam: “Olha, Ágata, você errou, você tem que melhorar nisso, melhorar aquilo”. E na escola normal, não, é bem diferente, é bem difícil eles chegarem em você e falar com aquela calma, ter aquela paciência de te mostrar o que você está errando, do que você precisa melhorar (Ágata - estudante).

Aí eu comecei a estudar e aprendi bastante, viu? Bastante mesmo. Eu gosto muito daqui. O ensino é excelente. Eles trata todo mundo bem, não tem diferença. Muito bem a gente são tratada aqui. Os professor são ótimos, são nota dez. Eu gosto muito de tá aqui, viu? Muito mesmo. Aí, eu tô fazendo tudo para ver se eu termino esse ano. Vou para escola à noite, terminar o restante. Mas aqui é bom de estudar, muito bom. Os professor dá muita atenção, explica direitinho para gente. Não aprende quem não quer, mas quem quer aprender, aprende (Mônica - estudante).

Ágata, que não gostava de estudar, reencontra no CIEJA um modo de estar no processo educacional e no relacionamento professor-aluno, nos quais ela se sente respeitada e confortável. Agora se vê como estudante, revelando um processo intenso de transformação pessoal. O que ela encontrou no CIEJA-CL, incluindo as relações amistosas com professores, transformou sua noção de escola: a escola se transforma e se configura de outro modo a partir da transformação das relações com as pessoas envolvidas. Mônica relata gostar de todo o conjunto do CIEJA e tece elogios também ao trabalho dos professores. O relacionamento entre professores e estudantes é retratado de maneira bastante positiva também pelos demais estudantes.

Os professores são tão atenciosos com a gente, os alunos lá – aqueles outros alunos – todos lá dentro são todos amigos... (Larissa - estudante)

Agradeço mesmo aos professor, a todo mundo aqui do CIEJA, pelo atendimento que dá para gente aqui, que são maravilhoso. Num dá atendimento pra diferenciar com ninguém, todo mundo é tratado igual, eu tô muito feliz de tá aqui (Mônica - estudante).

Professores que se adaptam ao aluno e apóiam. E de uma certa forma, a gente se identifica com eles pelo fato de não ser tão formal, não tão rígido. Como é que eu posso dizer? Não tem nenhum tipo de barreira entre o professor e o aluno porque eles, de fato, se identificam com os alunos, e assim vice-versa (Alejandro - frequentador).

Mônica acrescenta outros elementos sobre a diferença do CIEJA-CL, passando pelo atendimento dado às pessoas e pelo contato com os professores:

[...] aqui no CIEJA é diferente, muito diferente [...] Na sala, o CIEJA inteiro é diferente. O atendimento aqui é diferente. O jeito que eles tratam a gente é muito diferente. Eles tratam muito bem aqui. E você vê é um lugar que tem muita pessoa especial aqui. [pessoas com deficiência] Muita gente especial estuda aqui. E eles faz questão de ficar aqui, não quer ir para outra escola; eles têm oportunidade de ir para outra escola. Eles querem ficar aqui. Eles não quer sair daqui. E fala que aqui a escola é boa, que chama até os professor de pai, chama a professora de mãe. Pra você ver o atendimento, como são tratado aqui.

Pesquisadora: *Com respeito, você fala?*

Entrevistada: *Com respeito, com todo carinho, né? São bem tratado, bem cuidado aqui (Mônica - estudante).*

O professor tem, por definição relativa ao cargo, uma posição hierarquicamente superior em relação aos estudantes. Entretanto, os relatos apresentados mostram relacionamentos amigáveis e mais horizontais com professores. Para Paulo Freire (2003), quando o educador educa, é simultaneamente educado. A convivência amorosa dos professores com os estudantes os provoca a assumirem autonomia e protagonismo:

Como os demais saberes, este demanda do educador um exercício permanente. É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando (OLIVEIRA, 2019, p. 12).

Observei uma convivência amorosa no CIEJA, fosse por parte de Dona Aurora, fosse por parte dos professores e dos funcionários. Os estudantes destacaram vivências relacionadas a isso nos relatos:

E [os professores] fizeram uma peça. Aí, contaram uma história, menina... A coisa mais linda! Aí, depois disso aí, eu escrevi o que fui ouvindo lá e vendo, eu fui escrevendo; depois eu fiz o extraclasse, contando tudo do que eu tinha prestado atenção lá. E é muito bonito (Larissa - estudante).

Aqui vejo Larissa apontar diretamente para a beleza do que está sendo apresentado, mas também vislumbro uma espécie de lugar de inspiração, exemplo ou referência que os professores estão ocupando. Se eles conseguem, por que os alunos não conseguiriam? Aqui talvez compreendamos o que aparece nas falas dos alunos quando eles nos dizem que professor, no CIEJA, é igual ao aluno, pois os professores saem da posição de únicos detentores do saber.

Em seu trabalho, Paulo Freire (1996) dissertou sobre a importância da horizontalidade, pois discência e docência se complementam, visto que ensinar ou aprender ocorre no encontro e todos os envolvidos ensinam e aprendem. Nessa perspectiva, o professor não transfere conhecimentos, ele cria as possibilidades para que o conhecimento seja construído.

[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto - alguma coisa - e um objeto indireto - a alguém. Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo. Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa (FREIRE, 1996, p. 23).

Paulo Freire (1996), em seu livro *Pedagogia da autonomia*, apresenta um conjunto de indicações que considera necessárias ao ato de ensinar numa perspectiva progressista. Algumas dessas proposições foram visualizadas pelos estudantes em sua relação com os educadores e se fizeram mais visíveis ao longo dos recortes que estabeleci e vim mostrando: ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e exige respeito à autonomia do ser do educando. O que está em questão, para Freire (1996), é o educando como sujeito do próprio

processo formativo, e não como objeto dele. O CIEJA-CL está alinhado à criação das possibilidades para a produção e construção do saber por parte dos estudantes, visto que intenta, por meio da compreensão e inclusão das urgências dos alunos e frequentadores, proporcionar tais possibilidades. Há, entre os envolvidos no processo educativo, a presença das trocas horizontais que aprender-ensinar propicia entre as pessoas.

4.3.4 Vínculo, inclusão, con-viver

Sobre a sensação subjetiva de ser incluído, Michel contou que, no CIEJA, *“eles acolhem as pessoas muito bem”* e falou sobre o fato de que, nas outras escolas, há bullying, mas que, no CIEJA-CL, não vive isso: *“ninguém faz gozação com ninguém, todo mundo se respeita”*.

Então, minha experiência aqui foi a melhor experiência que eu já tive: pessoas de todos os tipos – tinha, né. Não só visual, mas pessoas que enxergam, pessoas sem nenhuma deficiência, outros cadeirantes, intelectuais. Então, tinha tudo. E não era nada separado, era tudo misturado. E todo mundo estudava. Então, pra mim, foi uma experiência muito boa. Então, daqui não tenho o que reclamar, pois os professores eram... Os professores que eu estudei... Hoje tem outros professores, mas eles são dedicados também. Então, a gente não ficava de lado, a gente era sempre incluído de alguma forma e nada ficou faltando. A gente conseguia aprender tudo junto com os outros e se formar junto com os outros, no tempo normal. Minha experiência aqui é boa (Ricardo - ex-aluno e frequentador).

Então, o que eu tenho para falar é isso: eu gosto muito, tô feliz, muito feliz de tá estudando aqui no CIEJA. Agradeço mesmo aos professor, a todo mundo aqui do CIEJA, pelo atendimento que dá para gente aqui, que são maravilhoso. Num dá atendimento pra diferenciar com ninguém: todo mundo é tratado igual, eu tô muito feliz de tá aqui (Mônica - estudante).

Pesquisadora: *E, aqui, me parece que você está conhecendo mais gente, que te aceita como você é. Foi isso que você falou?*

Entrevistado: *Sim, sim. Porque, era aquilo que eu falava, em outras escolas, o povo agia com bullying: “Ah, você tem a mãozinha assim”, “Sua mãozinha é torta”, “Você não sabe isso, você não sabe aquilo”. Então, praticamente, aqui as pessoas não falam nada (Michel - estudante).*

Eu aprendi a lidar melhor com as pessoas. Lidando com os deficientes eu aprendi a lidar com as pessoas que não têm deficiência; a tratar as pessoas como pessoas, de fato, e não generalizando pelo sexo, ou pela deficiência, ou pela cor de pele, ou pela altura, ou pelo estilo. Eu trato todo mundo como pessoas... Ao mesmo tempo que eu aprendi a tratar, a lidar, a respeitar as pessoas com deficiência (Alejandro - frequentador).

Apresentar um recorte da cultura humana acumulada é um dos papéis da escola; há muitos outros. No CIEJA-CL, os estudantes revelam que aprendem também a ter melhor convívio intra e interpessoal, conhecendo outras formas de viver para além dos moldes intrafamiliares e o convívio com a diversidade. Nessa direção, a partir dos relatos, é possível inferir que o CIEJA amplifica essas dimensões enquanto ensina, dia após dia, o respeito a todos. A proposta de convivência é forte no CIEJA-CL. Assim como cada um dos entrevistados mencionou o bom convívio com a diversidade, eu também fiquei tocada por essa faceta do local.

A professora Marie Claire Sekkel aponta que “o oposto do preconceito é a experiência”²⁶. O preconceito diz respeito a uma concepção prévia ao vivido, sendo assimilado a partir das opiniões partilhadas pela comunidade, pelo entorno, ou seja, o preconceito é estabelecido antes do encontro real. As pessoas que entrevistei contaram sobre o quanto se transformaram a partir da convivência no CIEJA-CL. Relatam, ainda, que todos se encontram em condições de igualdade, que encontram pessoas diversas e que, em outros espaços, tais encontros são menos oportunizados. Entendo que estão relatando que a convivência permite conhecer e ser tocado pelo outro como se apresenta. Walter Benjamin (2012) e Jorge Larrosa (2002) pontuam a força que a experiência tem de nos marcar, e ela é possível quando o vivido nos toca e afeta. Os estudantes falam sobre a importância de conviver com pessoas muito diferentes no CIEJA-CL. Isto é, o encontro, o contato, as trocas formam a experiência e derrubam preconceitos, em concordância com as palavras da professora Marie Claire Sekkel. Recordo-me de uma matéria de jornal²⁷ que me marcou muito sobre essa questão. Nela, um homem branco *skinhead* neonazista, proprietário de uma loja de discos, afirmava ter visto seu ódio se transformar ao conviver amiúde com clientes que eram alvo de seu preconceito anteriormente.

Conviver em diversidade é um importante elemento de inclusão social. Os estudantes relatam a sensação subjetiva de serem incluídos. Outro elemento da questão da inclusão que posso colocar é: uma escola inclusiva inclui quem?

Tem professores aqui, que talvez não trabalharia em outra escola pelo fato do estilo, pelo fato do modo de pensar e o CIEJA abraçou esse profissional

²⁶ Anotação de fala da Professora Marie Claire Sekkel em aula no Instituto de Psicologia da USP.

²⁷ Notícias sobre o homem e sua trajetória para abandonar o movimento supremacista branco: “O ex-neonazista arrependido que ‘resgata’ extremistas e ajuda ex-combatente a deixar o EI”. BBC Mundo, 11 março 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39161320>>. Dejar detrás el odio. Disponível em: <<https://www.elperiodico.com/es/la-contra/20190924/la-ultima-ricardo-mir-de-francia-neonazi-christian-picciolini-764853>>. Acesso em 02 fev 2020.

e viu que ele ensina muito mais do que a área que ele foi... Que ele se especificou, que ele se profissionalizou (Alejandro - frequentador).

E, a gente vai discutindo ao longo do tempo, ao longo da organização, e se não der, vai ser uma experiência de como retomar isso, mas de uma outra maneira depois, mas “não desista”. Lógico que isso vai de cada olhar do educador, né?! Que quando você abre as portas pra ele, também se sentir pertencente, sentir que ele tem uma função, que ele é capaz de ousar, que ele é acolhido e que não vai ter censura, dele não ser um professor transformador e fazer uma inovação na escola, porque as outras não permitem muito, tudo tem que ser da sua maneira, mas nós lá, não (Aurora - ex-coordenadora geral).

Dona Aurora menciona a importância da abertura para que o profissional invente e ouse. Nesta pesquisa, não realizei entrevistas com professores. Portanto, não consigo avançar na inclusão do profissional. No entanto, poderia pensar que o fato de ser uma escola pública, com mecanismos de ingresso bastante transparentes e democráticos, é um elemento para tornar uma escola inclusiva, mas a fala de Alejandro ajuda a pensar na importância de uma escola inclusiva incluir também o profissional com suas características. Questionado sobre o que pretendia dizer com essas palavras, ele explicou que vê empresas escolherem padrões de vestimenta – denominado por ele de “uniforme do mundo” –, independentemente dos acessórios que a pessoa aprecia usar e vestir. Ressalta, ainda, a presença de profissionais tatuados, com piercing, tranças, dreads ou cabelos raspados. Acrescentou que *“o CIEJA já tem essa visão que o profissional tem a formação dele”*.

Qual adjetivo seria adequado para uma escola que acolhe tantas realidades? Diferente? Alternativa? Inclusiva? Ela é diferente e tenho dificuldades para encontrar os adjetivos adequados para definir meu sentimento em relação ao que estou vendo no trabalho observado: satisfeita, inspirada, perplexa, encantada, emocionada (Registro de experiência)

Considerando que o CIEJA-CL está localizado na periferia da cidade e seus estudantes vivem no entorno, é plausível inferir que a maioria dos estudantes é composta de moradores da periferia da metrópole, historicamente vítima de políticas públicas ineficientes e que tolhem seus direitos. Além disso, pode-se acrescentar que quem ali estuda apresentou períodos ou momentos de exclusão do direito à educação, pois, por motivos variados, não pôde vivenciar a escolarização no tempo regular, considerado o período ideal de estudos. Arroyo (2005) aponta que esse tipo de exclusão de direitos é vivenciado também por gerações anteriores à pessoa.

Os jovens-adultos populares não são acidentados ocasionais que, gratuitamente, abandonaram a escola. Esses jovens e adultos repetem histórias longas de negação de direitos. Histórias que são coletivas. As mesmas vivenciadas por seus pais e avós; por sua raça, gênero, etnia e classe social (ARROYO, 2005, p. 30).

Diante dessas colocações sobre o direito à educação e o desatendimento de direitos básicos de populações periféricas, cabe a uma escola que se propõe democrática buscar garantir esses direitos, conforme explicitado por Helena Singer (2014):

Mais uma vez, trata-se de tornar público o que é público, garantindo acesso a todas as pessoas que procuram a escola e também estruturando-a para que todos efetivamente participem desta comunidade de aprendizagem (SINGER, 2014, p. 17).

A estruturação de uma escola inclusiva e democrática se compõe de muitos elementos e

passa pela acessibilidade no espaço, pela formação continuada da equipe, a flexibilidade no tempo, a democratização do discurso mediante a diluição das fronteiras disciplinares e, talvez o mais importante, pela atitude de acolhimento e respeito e pela criação de vínculos entre equipe e estudantes, vínculos que perduram mesmo depois que eles já saíram da escola (SINGER, 2014, p. 17).

O acesso a direitos e à inclusão no CIEJA-CL pode ser percebido nos muitos aspectos citados por Helena Singer (2014) para escolas democráticas e inclusivas, alguns deles elencados anteriormente neste capítulo.

Além disso, a autora, ao listar os elementos de uma escola inclusiva e democrática, destaca a importância dos vínculos que perduram. Nesse quesito, foi visível que os estudantes e frequentadores se vinculam ao CIEJA de diversos modos.

Então, nós pensamos que a alfabetização ainda precisa desse cuidado, de um professor em que eles sintam confiança, criem vínculo. Mas isso não impediu, então, voltando... No meio do ano, para o rodízio geral e volta o rodízio que a gente tava acostumada, mas também ficamos assim: eles também têm que conhecer outros professores, não pode ficar só com o professor alfabetizador. Porque principalmente as senhorinhas se apaixonam e não querem ir embora. Elas sempre falam que não sabem nada: “Quero ficar mais um ano com essa professora, ela é tão boa”. Sabe a segurança?

Pesquisadora: Vinculou.

Aurora: Vínculo, a segurança. Vou ter que começar com outra pessoa, vou ter que mostrar minhas dificuldades, então... Que é a segurança dela. Mas

a gente faz que cada vez que um professor alfabetizador vai entrar numa área específica, por exemplo, vai falar de História e Geografia, ele chama um especialista pra ajudar. É dupla docência, que já acontecem nas áreas de conhecimento, vem também para o ciclo I e ficam dois professores trabalhando. Então eles sentem mais segurança. O professor pode ficar lá uma semana se na situação problema aparecer alguma coisa que precise ter... (Aurora - ex-coordenadora geral)

Os vínculos de confiança e abertura para o outro e para o aprendizado foram associados ao acolhimento presente no ambiente.

No livro do André Gravatá, da Helena Singer e Alex Bretas, - dessas pessoas que escreveram sobre a nossa história -, eles falam: a palavra que define o CIEJA é acolhimento. Um atrás do outro falando e eu também acho. Primeiro trazer... Porque depois que ele cria o vínculo e a confiança, ele faz o que é necessário fazer com mais entusiasmo, mais alegria, mas, olha não está fácil não (Aurora - ex-coordenadora geral).

No tocante aos elos que perduram, mencionados por Helena Singer (2014), eles aparecem também na fala de Aurora, quando relembra episódios passados.

Ontem ainda escutei isso. Um educador falou assim: “A única escola do mundo em que as pessoas voltam pra agradecer é no CIEJA”, porque eles voltam pra contar se casou, se desquitou, se perdeu filho, se teve filho, pra ser madrinha de casamento. Porque a satisfação do acolhimento de saber que está ali pra isso mesmo: pra comemorar junto. Mas é isso, a escola não cria um vínculo e se o aluno vai embora também “Puxa, foi ele quem quis”. E um pouco da nossa responsabilidade de falar: “Por que ele foi?”. Se ele voltou, principalmente em educação de jovens e adultos, a gente fica muito preocupado porque, pra voltar, minha filha, é uma luta. Como é que inclui escola nos afazeres adultos, ou jovens. É muita responsabilidade e ainda encontrar um tempinho pra voltar a estudar (Aurora - ex-coordenadora geral).

O vínculo ou a união entre os estudantes e profissionais se mantém após o término do período regular no CIEJA e pode ser observado em distintas atitudes presenciadas no cotidiano escolar e nos relatos: o retorno dos ex-alunos para aulas como ouvintes, a participação em oficinas, a participação nos eventos, a indicação da escola para familiares e amigos, as visitas ao espaço, aos professores e aos demais funcionários do CIEJA-CL. O vínculo e a camaradagem que há entre os estudantes cria uma rede de suporte mútuo, na qual os estudantes que se ausentam das atividades recebem ajuda e materiais para se organizarem. A vinculação com a escola e os colegas estudantes não é diferente do que acontece em outras modalidades de ensino. Contudo, me questiono se a solidariedade e o apoio, sendo valores e

pilares do CIEJA-CL, amplificam esse tipo de postura, pois, dentro do CIEJA, percebi um clima de solidariedade nos encontros e nas trocas que não vemos normalmente em uma escola como um todo.

4.3.5 Eu e o outro – mais modificações no CIEJA-CL

As aulas com seus dois professores ocorrem numa sequência comum em todas as salas: começam com a frase do dia e uma discussão sobre a interpretação dela, seguida de uma leitura inicial de algum diário de bordo de aluno ou da leitura para atividade do dia:

Bom, quando a gente chega na sala de aula, que tá a frase do dia lá, aí a gente vai copiar a frase e vamos ficar entendendo o que tá querendo dizer aquela frase. Aí, quando eles chegam, eles pedem pra gente ler a frase, “Quem quer ler a frase?”, e falar o que entendeu. E aí, às vezes, a gente, tem muitas que a gente não entende. Eu mesmo, o meu problema é mais de ler o texto e entender. Para mim, ainda está sendo difícil isso aí: ler e interpretar. Aí, eles começam a falar lá da frase, e eu vou marcando no papel pra fazer o Diário de Bordo, porque aí todos os dias eles pedem o Diário de Bordo, [...] e tem que fazer o Diário de Bordo todo dia, todo dia contar o que vocês aprendeu aqui, o que foi dado, e escrever no papel pra ir melhorando a escrita, pra vocês ir aprendendo (Larissa - estudante).

A avaliação do CIEJA-CL é um processo que inclui ações diferentes.

Na mesa do piso azul, conheci um aluno enquanto fazia suas anotações do diário: era um registro de sua história de vida. A partir desse mote iniciamos uma conversa muito boa. Foi bonito. Foi um dos primeiros encontros que tive no CIEJA-CL, antes de modificar o caminho da pesquisa e talvez até um dos encontros que fez a pesquisa mudar de rumos. Ele leu seu texto para mim e me contou muitas histórias a partir dele (Registro de experiência).

O aluno tem o diário de bordo dele; ele escreve o que ele aprendeu, o que ele precisa saber mais, como ele vai usar isso na sua vida. Nesse momento ele tem que usar isso, né, ampliar o conhecimento (Aurora - ex-coordenadora geral).

Os diários de bordo²⁸ dos alunos são companheiros de percurso e testemunhos escritos de processo. Neles, os alunos registram os aprendizados da semana ou do mês, para revisitação dos conteúdos. Os estudantes também inserem questões da vida pessoal ou

²⁸ Há dois tipos de diários de bordo presentes nessa dissertação: os diários dos alunos e os diários de bordo referentes à metodologia da pesquisa (AUN, 2005), que visam a produzir uma cartografia da instituição, tendo sido escritos por mim e abordados anteriormente na metodologia.

percepções que tiveram ao longo do período. Uma professora acrescentou que muitos ex-alunos falam sobre a importância desses diários na aprendizagem e no quanto percebem que se desenvolveram por praticarem o registro com regularidade.

Solicitar que os alunos escrevam diários de bordo permite rememorar as atividades realizadas, fixar o conteúdo estudado e exercitar a escrita. Do ponto de vista do saber da experiência (LARROSA, 2002), há, no revisitar das vivências, um potencial para que estas se transformem em experiência. Escrever o diário requer um momento de retorno ao vivido, sendo marcado nessa revisitação. Além dos alunos, no CIEJA-CL, os docentes têm o diário do professor, no qual, diferentemente do habitual diário de classe, são registrados acontecimentos interessantes ocorridos em aula e o que funcionou ou não nas práticas. A frequência do estudante fica documentada no passaporte individual. Ao final do ano, nesse mesmo documento, são inclusas as notas finais.

[...] Então acho que é essa metodologia e eu acho que todos documentos que acompanham também tudo isso, desse acompanhamento da ficha individual, a gente não tem avaliação de prova, mas tem uma avaliação individual, tem uma avaliação coletiva, tem uma avaliação do grupo, tem avaliação de todos os professores, tem uma avaliação que chama mapeamento: a cada seis meses, numa sala de aula, com todos os alunos juntos, com todos os professores juntos (Aurora - ex-coordenadora geral).

Existe também uma Ficha de Acompanhamento Individual, na qual os professores, por área, em diálogo com cada aluno, registram, no final do semestre, se o estudante fez ou não o diário de bordo, assinalam os conceitos e habilidades que foram alcançados e as anotações das participações nas apresentações.

Quanto a essas apresentações, que Ágata chamou de “resumo do mês”, Larissa contou que ajudam muito a perder a vergonha de falar em público.

Dia de quinta-feira tem o resumo, que se chama resumo do mês, que a gente concluiu, em que a gente faz apresentações mostrando como é que foi a nossa experiência em sala de aula (Ágata - estudante).

Quando o mês do rodízio se encerra, os alunos apresentam o que aprenderam. Somente ao escrever, percebi que consegui assistir a apenas apresentações de turmas do Nível II. Eles elaboram uma produção coletiva, a partir do seu aprendizado durante o rodízio, e, reunidos no piso verde, apresentam para todos os que frequentam o período.

Na devolutiva da entrevista de Larissa, ela explicou que, durante o mapeamento, os professores, o aluno e a coordenação avaliam o desempenho, a frequência, os trabalhos, os

exercícios extraclasse, os diários de bordo, a leitura, e decidem se cada aluno está pronto para ir para o próximo módulo. Larissa acrescentou que foi nesse momento que fez o pedido para permanecer mais um ano no mesmo módulo.

Eu já até falei com as professoras, que eu até prefiro ficar pra aprender mais, porque não adianta eu pegar o diploma, pra sair de lá, e chegar lá na frente e quando passar lá uma matéria, eu ficar lá sem saber (Larissa - estudante).

O mapeamento da avaliação é realizado conjuntamente com aluno, professores e a coordenação, dialogando sobre o percurso e sobre os aprendizados do período.

[...] tem uma avaliação que chama mapeamento: a cada seis meses, numa sala de aula, com todos os alunos juntos, com todos os professores juntos. E falam: “Olha, você aprendeu isso e isso”. O aluno consente se aprendeu ou não. Se ele tem dúvida, ele avisa. E o professor também. Entram num consenso do que eles aprenderam ou não, o que tem que aprender mais, qual foi a dificuldade, é feito tudo com transparência. Nada é feito assim: “Ah! meu aluno vale quatro, mas ele nem sabe o que é esse quatro, esse valor...” Ou como eu escutei lá em Portugal: “Eles corrigem nossas provas e depois não mostram pra gente os erros. Então o que foi que adiantou?” Ou senão devolvem, mas não comenta, só assinalado como acerto e erro... (Aurora - ex-coordenadora geral)

Então, eu estou fazendo na sala Acolhimento, lá é como se fosse tipo uma série, como se fosse uma série, só que aqui, a diferença faz porque aqui eles não chamam por série, eles chamam por grau, se a pessoa vai se movimentando, vai se desenvolvendo o psicológico, vai evoluindo em alguma coisa, aí sim vai fazer o mapeamento - que se diz uma prova - se a pessoa estiver aprendendo, a pessoa pode até evoluir pra já ir mudar de sala. Se ver que não está tendo aquela segurança ainda, ele permanece mesmo na mesma sala (Michel - estudante).

Durante a realização do mapeamento, a turma permanece reunida em atividade, e cada aluno é chamado para reunir-se com o grupo para discutir resultados e avanços – ou o que precisa avançar. A periodicidade do mapeamento é semestral, e nele se constrói a visão do todo, com a presença dos professores de todas as áreas.

Acerca das práticas de avaliação realizadas no CIEJA-CL, Helena Singer (2008) afirma que:

A avaliação é uma prática de pesquisa compartilhada entre educador e estudante através de alguns instrumentos metodológicos: o primeiro deles é o **Diário de Bordo**, um relatório em que cada educando registra o que faz e o que aprendeu. O segundo é a **Ficha de Avaliação**, em que o estudante se auto-avalia em relação à sua postura: organização, tarefas, ritmo,

interação, pontualidade e disponibilidade para aprender. O terceiro é o **Passaporte**, no qual estão registrados os módulos em que o estudante tem se engajado permitindo-lhe ir à escola no turno mais conveniente no dia, de forma totalmente flexível. Quando o estudante chega à escola, o educador lê o Passaporte e a partir disso o orienta (SINGER, 2008, p. 191, grifos da autora).

As formas de avaliação observadas incluem o avaliado, que atua junto com o corpo docente em uma prática horizontal, a qual eu nunca imaginaria possível numa instituição escolar.

A dupla docência foi um aspecto igualmente especial, pois acredito que, coletivamente, o trabalho e a ação no mundo podem ser melhorados, sendo mais eficientes e mais humanizados. Como professora, já vivi situações desafiadoras que, certamente, com a presença de mais um adulto, teriam um desfecho muito mais satisfatório.

Há muitos momentos em uma sala de aula em que alguns estudantes precisam de apoio mais individualizado para avançar, ao mesmo tempo em que o restante da turma demanda atenção. Contudo, se há apenas um professor na sala, o foco do trabalho normalmente se dilui no grupo maior, e a oportunidade de atender individualmente uma demanda fica perdida. Trabalhei numa escola privada em que havia um assistente para cada professor, e esse participante a mais fazia muita diferença no andamento das aulas, por possibilitar o trabalho coletivo associado ao atendimento individualizado. Imagino também que a dupla docência possibilita partilhar alegrias, dificuldades, dúvidas e inseguranças, além da divisão do trabalho pedagógico.

Ouvi incontáveis vezes de muita gente a afirmação de que o CIEJA é diferente. Até o momento, apresentei muitas facetas de que esse trabalho diferenciado, construído a partir de uma estrutura existente na rede, ensina muito além do que era previsto. Paulo Freire (1996), defensor da educação como caminho para superar as determinações e as estruturas existentes, afirmava a importância de entender que o mundo não é algo determinado, mas passível de transformação.

A realidade, porém, não é inexoravelmente esta. Está sendo esta como poderia ser outra e é para que seja outra que precisamos, os progressistas, lutar. Eu me sentiria mais do que triste, desolado e sem achar sentido para minha presença no mundo, se fortes e indestrutíveis razões me convencessem de que a existência humana se dá no domínio da determinação. Domínio em que dificilmente se poderia falar de opções, de decisão, de liberdade, de ética. “Que fazer? A realidade é assim mesmo”, seria o discurso universal. Discurso monótono, repetitivo, como a própria existência humana. Numa história assim determinada, as posições rebeldes não têm como tornar-se revolucionárias (FREIRE, 1996, p. 45).

Na direção teórica sugerida por Paulo Freire (1996), o CIEJA-CL é diferente porque os envolvidos encontraram condições insatisfatórias da realidade e organizaram-se para fazer algo além e diferente. Não aceitaram o que estava posto e reuniram-se coletivamente para construir algo novo para a EJA. Assim, “a construção do novo exige ousadia, criatividade, coragem, respeito pelo diferente. Exige romper com práticas e costumes enraizados” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018, p. 91).

4.3.6 Transformações pessoais

Ter essas apresentações, da gente tar lá falando, que aí eu já perdi, vamos supor, acho que assim, uns 50% da vergonha de estar lá na frente. E a gente fica tremendo, fica assim nervosa, mas eu já gosto de estar indo lá falar. Não que nem a Luzia, a Luzia ela já fala muito, e ela fala muito bem, sabe? E, mas, assim, de estar participando, porque mesmo o nosso grupo ainda tem muitos alunos que não tem coragem de ir, eles não participam nos dias da apresentação, porque eles é tímido, não falam, não querem tá lá na frente, e no dia eles nem vão. Às vezes, aquele que a professora fala: “Não, mas você vai, você fica lá na frente, você fica só lá, não vai precisar falar nada e tal”, pra ver se eles vão acostumando. Tem uns que ainda vão; outros chega no dia, e nem aparece, que ficam com vergonha. Aí, sobra mais assim, a Mônica, a Luzia, eu. E tem mais um outra, é só os que fala, e falar no microfone e faz as outras coisas. Os outros fica mais, vamos supor, ficam lá segurando o cartaz e não vai precisar de falar nada; ainda ficam. Porque tem uns que são muito tímidos mesmo. Eu era, mas depois que eu comecei a participar lá no CIEJA, isso aí também já foi mudando, mudou também (Larissa - estudante).

Minha experiência é muito boa aqui no CIEJA. Boa mesmo. Eu era tímida. Aí tem as apresentação quando... Todo mês tem apresentação que a gente muda de sala. Eu tinha vergonha, no começo. Eu não ia. Eu até arrumava um argumento, às vezes tinha alguma coisa para fazer e eu deixava pra fazer no dia pra não vir. Hoje eu já venho, eu chego lá na frente, eu falo. Se for pra ler, eu já tô lendo. Mas perdi a vergonha; que era muito tímida. [...] E aqui acontece isso com a gente. Os professor faz a gente ficar simpáticos, civilizado, perder a vergonha, né? Então, eu era muito tímida; eu tinha até vergonha de falar e ficava vermelha. [...] Eu chegava na sala e ficava com a cabeça baixa, com vergonha. E tinha uma menina que estudava na sala e ela que falou que era lá de Santo Estevão. Aí começava a conversar comigo, mas eu ficava quieta, não conversava. [...] Mas, aí, eu já acabei a vergonha. Agora já converso com todo mundo, vou na lousa, vou nas apresentações, já vou apresentar também. Já passou.

Pesquisadora: Mudou?

Entrevistada: Mudou. Mudou bastante.

Pesquisadora: E você acha que tinha a ver com o CIEJA?

Entrevistada: Com o CIEJA! Tem a ver. O CIEJA muda a gente. Quem quer muda; quem não quer, não muda. Mas muda bastante. E muda pra melhor (Mônica - estudante).

Os relatos sobre a apresentação mensal realçam o enfrentamento do desafio – e as principais manobras adotadas pelos estudantes –, também contam sobre a superação do temor e da vergonha de falar em público, embora os extremamente tímidos possam participar sem falar diante do público.

Além dos conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais que se espera que o estudante aprenda numa escola, há, a partir da vivência no CIEJA, exemplos de transformações pessoais em processo. Larissa e Mônica contaram sobre a superação de questões de saúde, da timidez excessiva e do temor de falar em público. O conjunto de relatos sobre o crescimento de cada pessoa surge, para mim, como elementos de construção de autonomia e empoderamento pessoal.

Moro em um condomínio, era simplesmente uma dona de casa. Tô estudando. Virei uma síndica. Já virei até uma síndica já. Tô até subindo.

E a gente quer evoluir. (risos) Quer evoluir na vida, né? Ir pra frente, dar continuação. Fazer alguma coisa pra ajudar a população, que precisa de ajuda. Fazer pra ajudar. Isso que eu pretendo, fazer alguma coisa... Se eu puder ser uma autoridade, um vereador, uma vereadora, alguma coisa... (Mônica - estudante).

Mônica, durante a entrevista, revela enorme desenvoltura e tranquilidade ao falar comigo, algo similar ao que ocorreu durante a apresentação mensal, ainda que declarasse ser extremamente tímida ao chegar ao CIEJA-CL. Era dona de casa, e aceitou o deságio de ser síndica, para contribuir com seu condomínio. Depois, mostra um sonho maior: se tornar vereadora, e relembra o direito dos jovens, adultos e idosos das classes trabalhadoras de engendrar e seguir seus sonhos. A entrevista com Mônica lança luz sobre a potencialidade da escola de instigar e de incentivar crescimento e atuação no mundo. Ela narrou seu crescimento e o sonho de se tornar vereadora. Ao avaliar o próprio percurso, adiciona: *“Da tímida que cheguei aqui. [...] Tenho muita vontade de ser alguém pra ajudar as pessoas”* (Mônica - estudante).

Michel e Ricardo, por sua vez, falam do CIEJA-CL como lugar importante de começos e inauguração de importante fase em suas vidas.

A recepção daqui é muito aquele negócio, sabe, como se fosse uma família só. Então, sei lá, cara. Então, sei lá, cara. Eles abrem a porta pra quem for, não olha a quem, não sabe quem, mas abre, né? Ao contrário das

outras escolas. Mas eu depois que eu vim aqui, pra mim mudou totalmente o que é era antes. E assim vai.

Pesquisadora: Entendi. Você foi alfabetizado aqui, então?

Entrevistado: Sim.

Pesquisadora: E, como foi essa parte?

Entrevistado: Ah, sei lá cara! Pra mim, está sendo o máximo, pra mim está sendo uma realidade, só.

Eu antes quando eu tinha por volta de dezessete anos, quatorze anos por aí, quem era eu? Até mesmo de pegar um ônibus, quem era eu? Hoje, eu vou em algum lugar e volto, e tudo mais (Michel - estudante)

Das vezes as pessoas até mesmo perguntar como era o seu nome, ou até mesmo: “Escreve o seu nome”, e antes, também, eu não sabia. Hoje, já, praticamente, a minha mente, depois de estando aqui, até abriu, abriu. (Michel - estudante).

Michel fala nessas três passagens sobre a importância da alfabetização e do ganho de autonomia que a frequência ao CIEJA-CL trouxe para ela. Ricardo também relata algo semelhante:

Pesquisadora: Então aprendeu tudo aqui: braile... Foi o começo de tudo?

Ricardo: É. Por isso que eu tô te falando: foi tudo aqui. O restante foi fora, porque nem tudo tinha na escola, então algumas coisas tinham que ser fora, como o ensino médio, que aqui não tem, então tinha que ir em outra escola. Aí, foi quando eu comecei a ver novos ares, quando veio curso, essas coisas todas. E aí começou. A escola aqui foi o primeiro... Foi o início de tudo (Ricardo - ex-aluno e frequentador).

Ricardo, assim como Michel, é uma pessoa com deficiência que encontrou no CIEJA-CL um espaço de acolhimento, de desenvolvimento e, especialmente, de autonomia. Ricardo foi alfabetizado em braile e considera o CIEJA-CL sua primeira escola, visto que, antes de ingressar, estudou por apenas poucos dias em outra escola.

Aí, eu queria assim... Eu fui conhecendo bastante gente. Antes de começar a estudar aqui eu num... Antes eu não era nem... Eu nem saía sozinho ainda, depois que comecei. A partir daí, tem um desenvolvimento total. E aí eu faço um monte de coisas, só eu mesmo. Eu vou e venho. Eu vou, o que tem que resolver. E tudo isso. Digamos que é... Não dependente. Então, é assim. Essa é a minha história.

É bom aqui. Quem estuda aqui, se você encontra por aí, eles tá sempre falando bem daqui. Qualquer pessoa que você encontrar que estuda aqui, que estudou. [...] Aqui foi o caminho e o início de tudo.

Hoje em dia, eu vou e venho pra qualquer lugar [...] de transporte público. A gente viaja pra qualquer lugar [...] foi depois daqui porque foi pra cá que eu vim pela primeira vez sozinho. [...] Que eu vim pela primeira vez

sozinho foi aqui. Depois, a partir daí que eu comecei. Aí eu comecei e não parei mais (Ricardo - ex-aluno e frequentador).

Dona Aurora, ao relembrar outras histórias sobre o ingresso no mundo das letras, foi além do aspecto prático e falou sobre o enorme impacto que já presenciou quando a pessoa se alfabetiza, principalmente em sua autoestima.

[...] eu acho que a coisa que mais me impressiona nisso tudo é quando uma pessoa acaba de assinar o nome dela e assim... Muito sensível, muito emotiva, ela fala “Agora eu sou gente” quando ela consegue assinar o seu nome. Aí, se você pensar numa dimensão maior, o que é ser gente? Uma mulher que criou todos os filhos, deu condições, tendo dinheiro ou não tendo dinheiro, pedindo ou fazendo acontecer... Essa vida, sofrendo toda violência que é... Pessoa mais pobre, mais violência sofre. A falta de moradia, de saúde, de assistência social pra poder garantir direitos... Ela se torna gente quando ela consegue assinar o seu nome, que ela se vê. E antes? O que aconteceu com tudo isso?

Porque é impressionante quando a senhora olha pra mim e fala: “Agora, quando eu for à reunião do meu neto e a professora vem com a carimbeira e eu falo assim pra ela: ‘Não. Pode guardar. Me dê uma caneta, me dê um lápis!’”. O orgulho de escrever o nome, de assinar o nome, de não ser enganada em tantas coisas porque não sabe ler e escrever. Mas o simples fato de assinar o seu nome dá a ela uma identidade que até então ela não tinha sentido. Quem era ela? Se ela não sabia nem escrever quem era ela?

***Pesquisadora:** Uma marca no mundo...*

***Aurora:** A marca é muito forte (Aurora - ex-coordenadora geral).*

Sim, voltar a estudar é tudo na vida, porque que nem eu falei, sem estudo a gente não é nada. Tanto que até os idosos voltaram a estudar porque viram a dificuldade de arrumar emprego, de até preencher um documento e não conseguir fazer nada sozinha, não conseguir pegar um ônibus, pelo fato de não saber ler. Então, eu também voltei a estudar, não só por essa dificuldade, porque eu já sabia ler, mas sim por uma profissão, por querer um futuro melhor. Exatamente por isso.

Eu perdi diversas oportunidades por conta da minha escolaridade, tanto que foi uma empresa de engenharia, o trabalho era ótimo, tinha vários benefícios, trabalhava de segunda a sábado, tinha mais tempo pra ficar com a minha filha. Eu até consegui por indicação do meu sogro, aí eu fui fazer a entrevista, eles me encaminharam pro RH, e eu toda feliz, “Ai meu Deus, eu vou conseguir!”, quando o RH me ligou, eles perguntaram: “Você está em que série?”, aí eu falei: “Eu estou concluindo, ainda, a oitava série”, aí eles falaram: “Pra essa vaga, você tinha que estar no segundo grau, pelo menos”. Aí, eu perdi a oportunidade, não só essa, como diversas (Ágata - estudante).

Ágata, em seus depoimentos, disse que aprendeu a gostar de escola no CIEJA-CL e apontou que esta é muito importante. Ainda, ela realçou que “**sem estudo, a gente não é nada**”. Expressou longamente sua vontade de seguir com a escolarização, citando como

motivos principais o desejo de servir de exemplo para sua filha pequena e de poder ascender no mundo do trabalho para alçar melhores condições de vida com o auxílio do aumento da escolarização. Nesse sentido, ela dá relevo a uma consequência do aumento da escolarização, que é do âmbito da vida prática.

Com palavras diferentes, Aurora diz algo parecido com a fala de Ágata “quem não estuda, não é nada”, e isso é muito impactante. A ausência de estudos pode tornar alguém nada ou diminuir a dignidade de alguém? Estava, então, alienada da sua condição de ser gente, alienada de si? O que permitiria essa interpretação sobre quem não lê e escreve não ser gente e não ter sua dignidade assegurada?

Quando recorro a declaração de Aurora de que a pessoa se sente gente quando consegue assinar o próprio nome pela primeira vez, o que isso nos conta? Em primeiro lugar, posso assumir que isso é verdadeiro para a pessoa que o diz e sente. No entanto, se nos afastarmos um pouco, é possível duvidar dessas verdades e vê-las não como uma realidade em si mesma, mas como consequência produzida pela força de um discurso excludente de que a pessoa se torna parte. A personagem Totonha, de Marcelino Freire, provoca o leitor sobre o lugar da leitura na composição de si.

[...] Será que eu preciso mesmo garranchar meu nome? Desenhar só pra mocinha aí ficar contente? Dona professora, que valia tem o meu nome numa folha de papel, me diga honestamente. Coisa mais sem vida é um nome assim, sem gente. Quem está atrás do nome não conta? No papel, sou menos ninguém do que aqui, no Vale do Jequitinhonha. Pelo menos aqui todo mundo me conhece. Grita, apelida. Vem me chamar de Totonha. Quase não mudo de roupa, quase não mudo de lugar. Sou sempre a mesma pessoa. Que voa [...] (FREIRE, 2005, p. 79-81).

O eu-lírico da prosa de Marcelino Freire revela que o saber prático e oral é sobrepujado pelo saber formal. O saber escrito e formal prevalece sobre o vivido e acumulado devido às exigências exteriores e suas cobranças.

Quem lê o presente texto talvez tenha dificuldades para imaginar como é não ser alfabetizado. Nosso mundo está organizado para os leitores, por exemplo: os itinerários do transporte público, as placas de trânsito, as bulas de remédio, os boletos de cobrança, os folhetos entregues nas ruas. Nossas leis são escritas, e pressupõe-se que as conheçamos. Nossa cultura pratica altíssima valorização da escolarização e do mundo das letras, conquanto o saber oriundo de tradições orais é intensamente sobrepujado pelo saber escrito.

Fui alfabetizada aos sete anos de idade e nutro amor profundo pelo mundo letrado, tanto que naturalizei a leitura como algo que é parte da vida. Lembro de minha perplexidade

quando li o trabalho de Eliane Brum, repórter de campo, sobre as parteiras do Amazonas por ela entrevistadas, e que eram todas mulheres analfabetas que faziam literatura pela boca. A poesia das parteiras testemunhada pela repórter era feita em português, a segunda língua daquelas mulheres (BRUM, 2010). Perplexidade semelhante me acometeu ao ler em *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, a passagem em que o personagem Patrício Macário pede um livro a Rita Popó, uma mulher que não sabe ler e não reconhece nos livros nenhuma autoridade ou fonte de saber.

Em seguida pediu a ela um livro, uma revista, qualquer coisa para ler. Ela fez uma expressão de muita surpresa, quase como se desconhecesse o que aquelas palavras queriam dizer. Livros, como livros, se ninguém ali sabia ler? E para que ele queria ler, por que não procurava aprender de outras formas? Mas ele insistiu e ela acabou se lembrando de que tinha visto um livro na casa de um parente de Florisvaldo Balão que morava ali por perto, ia mandar buscar esse livro para dar-lhe, já que fazia tanta questão. Um pouco mais tarde, regressou com o livro, uma brochura amarelada e sem capa, com algumas páginas soltas e outras faltando (RIBEIRO, 2011, p. 384).

A pessoa que não lê ou não escreve constitui e exercita seus saberes no modo da tradição oral; nas palavras da personagem Rita Popó, aprende de outras formas. A problematização sobre a linguagem oral e a linguagem escrita é relevante também quando se começa a estudar a História da África²⁹ e dos povos originários: é urgente desconstruir a valorização exclusiva da história escrita, uma vez que ela é oral. Consequentemente, quem inicia seus estudos parte de um ponto inicial, que é a desconstrução da concepção europeia de história e da crença de que se algo não for escrito, e, principalmente, não seguir as regras da escrita, não é válido.

Numa sociedade urbanizada como a nossa, as formas de acessar o mundo passam pela escrita. Portanto, estudar e alfabetizar-se ajuda a responder às demandas sociais, visto que o acesso à leitura e à escrita aparece como um tipo de passe ou chancela para participar de outro modo do jogo social.

Lembro-me de quando estava escrevendo meu projeto de pesquisa de mestrado, um homem que cumprira pena na penitenciária aceitou ter uma primeira conversa comigo e me apresentou uma realidade completamente desconhecida quando me contou sobre sua vivência, os códigos e os valores que encontrou. Em vários momentos da conversa,

²⁹ Em 2003, na LDB, houve a inclusão do ensino da cultura e da história da África nos currículos das escolas brasileiras.

desconsiderou explicitamente o seu saber e a compreensão de mundo que tinha, como se o que viveu não compusesse um saber válido, ou seja, não havia valorização do saber constituído ao longo da vida. Freire e o Horton (2011, p. 161) afirmam que “com respeito a grupos populares [...] eles não se veem como intelectuais. Eles não entendem isso. Achem que não tem cultura porque o homem ou a mulher com cultura tem primeiro que frequentar uma universidade [...]”. Nessa mesma obra, os autores enfatizam que os adultos chegam à escola carregados de cargas e saberes sobre o mundo. Ademais, têm direito de ir além desses saberes.

Quando os alunos vêm, é claro, eles trazem com eles, dentro deles, em seu corpo, em suas vidas, eles trazem suas esperanças, desespero, expectativas, conhecimento, que obtiveram vivendo, lutando ou se frustrando. Não há dúvida de que eles não vêm até aqui de mãos vazias. Chegam carregados de coisas. Na maioria dos casos, trazem consigo suas opiniões sobre o mundo, sobre a vida. Trazem consigo seu conhecimento em nível de senso comum e têm o direito de ir além desse nível de conhecimento (FREIRE; HORTON, 2011, p. 158).

Alguns entrevistados relatam o bem-estar sentido quando estão no CIEJA-CL, um espaço e tempo para esquecer o que está lá fora e os problemas. Além disso, destacou-se um aspecto inesperado: o CIEJA-CL como elemento promotor de saúde.

Porque o CIEJA é uma escola muito boa, e não só por eu estar lá aprendendo, como também estar me servindo pra... Nem sei como falar... Tipo assim, eu tava com uma depressão. Na época eu tomava remédio... Nesse ano que eu comecei a voltar pra lá, agora eu já nem tô mais tomando... Porque quando a gente entra lá, entra lá naquele portão... É uma paz, é tão gostoso estar lá, e os professores são tão atenciosos com a gente, os alunos lá – aqueles outros alunos – todos lá dentro são todos amigos. E o jeito, assim, da escola... Porque eu nunca estudei em uma escola assim que nem lá.

Então, desse tempo que eu estou lá, eu não tive mais esse problema de antes, que eu estava tomando uns remédios – como eu já te falei – da depressão, eu estava tomando remédio, e era uma tristeza, uma choradeira danada, hoje eu não tenho mais isso. Porque depois que eu comecei a ir pra lá, eu arrumei lá as amizades, pelo jeito que os professores tratam a gente. E eu acho que é isso, por a gente se sentir tão bem... (Larissa - estudante).

Então, eu sou uma pessoa... Era triste e depois da morte do meu marido, agora já me levantei, já ergui minha cabeça. Já sou mais feliz.

Pesquisadora: *E está crescendo...*

Entrevistada: *A minha experiência é muito boa. Eu vim pra aqui pro CIEJA num momento difícil, em 2016, eu perdi meu marido num câncer dos ossos. Aí, eu fiquei dentro de casa, deprimida, chorando. Eu sabia que ele não ia*

voltar mais, mas eu fiquei fazendo isso. Aí, meu filho, um dia, chegou e falou: “Mãe, se levanta. O pai morreu. A senhora também vai morrer se a senhora ficar aí dentro de casa chorando, o que vai acontecer? Não vai resolver nada”. Eu falei: “Tá bom”. Aí, eu comecei sentir até dor, que eu não sentia, comecei sentir, coisa da nossa mente, né?

A noção de educação como potência para saúde não estava evidente. Contudo, Larissa e Mônica relatam estados depressivos seguidos de melhora após a chegada ao CIEJA-CL. A depressão é uma doença multifatorial, abrangendo aspectos biopsicossociais (FEITOSA, 2014). O aspecto psicossocial está associado a outros seres humanos. Conexão com as pessoas, as amizades, o respeito e as aprendizagens poderiam ser elencados como fatores contribuintes para a melhoria da saúde como um todo. Apresento essa correlação porque, no CIEJA, ouvi falas que relataram a possibilidade de constituição de um sentido para a própria vida. Durante a entrevista com Mônica, ela anuncia um aspecto importante da escola e da educação, que é catapultar as possibilidades de crescimento, desenvolvimento pessoal e atuação no mundo. Feitosa (2014) retoma estudos que tratam da correlação entre fatores protetivos do quadro depressivo, efetivados por suporte social, e o desenvolvimento de habilidades sociais.

Quando se fala em saúde mental, as questões educativas habitualmente são tiradas de cena. Todavia, pode ser possível olhar para educação como uma possibilidade de saúde. Ambas as estudantes identificam a volta à escola e ao CIEJA como o sentido de saúde. Pensando a partir da psicologia, poderia ser mais óbvio conectar os processos ligados à psicoterapia como recursos de manutenção e promoção de saúde. No entanto, se avaliarmos que, na psicoterapia, o sujeito também passa por processos que envolvem aprender, reaprender, desorganizar o já sabido para reelaborar – inclusive, algumas linhas da Psicologia abordam a psicoterapia como processos psicoeducativos –, é possível fazer as primeiras conexões entre a proposta inclusiva e cuidadosa do CIEJA-CL com a saúde dos estudantes.

Dentro do CIEJA-CL, os estudantes afirmam receber atendimento que denota compreensão de ser humano e que abarca suas dimensões biológica, psíquica e social e gostar do modo de lidar da instituição educacional, que não está focada exclusivamente em conteúdos conceituais, mas trabalha intensamente para a construção de possibilidades distintas e, com isso, abrir espaço para outro tipo de percurso de vida e aprendizagem.

Outra temática surgida na análise de depoimentos, associada à literatura da área, foi a inconclusão do ser humano. Se considerada a premissa da EJA – voltar aos bancos escolares –, pode-se inferir que a EJA, em si, já é o reconhecimento da inconclusão e do movimento de busca e de crescimento. Guimarães Rosa, em 1956, escreveu poeticamente que as pessoas

estão em construção constante: “Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão” (ROSA, 1986, p. 28). Noto, nos depoimentos, a reconstituição do sentido de si mesmo e aquilo que Paulo Freire (2019) afirmou sobre o movimento de inconclusão do ser humano, que se caracteriza por um permanente movimento de procura.

O espaço guardado e especial do CIEJA para os estudantes com seus tempos e ritmos particulares; a promoção de um lugar de suspensão do resto do mundo. Essas constatações se relacionam com a própria etimologia da palavra escola, do grego, *skholé*, e, do latim, *schòla/scholae*, que remete a um lugar de estudo e de suspensão das dinâmicas externas da vida. Esses radicais em sua origem significavam “descanso, repouso, lazer, tempo livre; estudo; ocupação de um homem com ócio, livre do trabalho servil, lugar de estudo”³⁰ Mesmo aberto ao público, o CIEJA é um lugar protegido. Jorge Larrosa (2016) expõe que aquele que sai do espaço de fora da escola adentra numa realidade com espaços, tempos e materialidade específicas que protegem os estudantes da fábrica, do shopping e da família. Para eles, os muros da escola apresentam caráter múltiplo: os muros fecham e protegem os estudantes e formam “uma barricada contra tudo o que ameaça a atenção, a disciplina, o estudo, a lentidão, o tempo livre” (LARROSA, 2016, s/p). As portas são estranhos dispositivos que separam e unem ao mesmo tempo. Portanto, entrar na escola é sair de outros lugares. No momento em que você entra em um lugar, não apenas entra nele, mas também sai de outros (LARROSA, 2016).

Mas, eu continuo; eu acho que enquanto eu puder, eu vou continuar lutando porque tudo isso, que é uma coisa que eu acredito muito, muito, muito. Eu acho que essas palavras são muito usadas, de Paulo Freire, mas eu acredito fielmente nelas desde o momento em que fui procurá-lo: a educação não transforma o mundo, mas transforma as pessoas e essas pessoas é que vão transformar o mundo; porque eu vejo isso. Se você sabe as histórias você vê como muda a vida deles, a todo momento a gente está vendo mudança. E não é ficar rico, nem arranjar emprego, mas, ter um pouco de segurança de qual é o meu papel nesse momento, nessa vida, com minha família, com meu entorno; o que eu posso cooperar, como posso ser mais feliz. Sair um pouco dessa violência... (Aurora - ex-coordenadora geral)

³⁰ Disponível em < <https://www.dicionariotimologico.com.br/escola/>>. Acesso em: 11 de setembro de 2018.

Por mais distantes que sejam as faixas etárias, identifico semelhanças entre o trabalho do CIEJA-CL e o da educação infantil, dado que, neste nível de ensino, as ações de educar e cuidar estão intrinsecamente conectadas, ou seja, o cuidado é pilar, e não apêndice do processo educacional voltado à primeira infância.

Tradicionalmente, com o avanço dos níveis de escolarização, vão se reduzindo as demandas de cuidado e de manutenção da vida, e o foco muda para os aspectos intelectuais, com pequena fatia do tempo voltada para atividades físicas, nas aulas de Educação Física, e atividades artísticas, nas aulas de Artes.

Assim como na educação infantil, o fato de existir atenção ao cuidado não significa que o aspecto intelectual seja desprezado, ou seja, ele também é trabalhado, visto que há todo um planejamento adequado às características etárias para que as crianças se desenvolvam intelectualmente. No CIEJA-CL, o trabalho intelectual ocupa importante espaço, contudo não exclui o aspecto humano. Isso se dá talvez pelo fato de ser exatamente uma faixa etária, um segmento populacional que foi tão exposto ao desrespeito aos direitos educacionais por contingências da vida, alguns que precisaram abandonar a escola cedo para ingressar no mundo do trabalho. A julgar pelo grande destaque ao acolhimento, à alimentação, ao bem-estar, à qualidade do convívio, é possível que isso se configure como um elemento importantíssimo para as pessoas estarem lá, representando uma espécie de recuperação de algo não vivido; não apenas do processo (e direito) educacional abortado, mas outras formas de o estudante ser atendido em suas peculiaridades.

Há, então, em muitas passagens das entrevistas, um sentido de resgate da educação em relação a pessoas de quem o direito à educação foi subtraído ou que saíram da escola e voltaram agora por motivos variados. “Para além da redução ao aspecto estritamente pedagógico e marcado pela natureza política de seu pensamento, Freire, adverte-nos para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização” (OLIVEIRA, 1996, p. 13) ou, dito de outro modo, manter a atenção em práticas que humanizam.

Observar o dia a dia do CIEJA é reconhecer essa postura vigilante contra práticas de desumanização sobre as quais Paulo Freire (1996) alertava. Nas diversas práticas diferenciadas colocadas em ação no CIEJA, sou capaz de identificar o esforço permanente da luta contra a desumanização.

Jorge Larrosa (2018) nos convoca a constituir uma educação dentro do par experiência/sentido. E olhar para o espaço escolar/educacional a partir de um prisma que

priorize a experiência política das pessoas lá dentro é central no processo educativo, inclusive como caminho para permitir a permanência dessas pessoas na escola.

Os resultados observados remetem à percepção do quanto, na EJA, são valiosas a concepção e a execução de ações em prol de potencialização do sonhar, de ser respeitado e se sentir gente. Encerro com a proposta de que, na mesma linha de Paulo Freire, possamos fazer isso, nos recusando a aceitar uma ideologia fatalista que recusa o sonho.

4.3.7 Espaços multifuncionais

Na escola, existem espaços multifuncionais, batizados com o nome da cor do piso. O espaço Piso Verde funciona como refeitório e auditório. É utilizado em todas as refeições, durante as apresentações mensais e/ou em outros eventos que reúnem muitas pessoas, como é o caso de formaturas, contações de histórias, palestras, oficinas. No espaço Piso Amarelo, também conhecido como Espaço do Nada, acontecem atividades físicas e oficinas variadas.

O Piso Azul abriga mostras e exposições e cestas com livros para doações. Ele é um dos espaços preferidos para os encontros entre os alunos quando chegam ao CIEJA. Vanessa Faria (2014) também mencionou o aspecto agregador do piso azul: “O Pátio Azul no CIEJA Campo Limpo também demarca território de diálogo e participação democrática, é onde os estudantes vão às assembleias e atividades que visam alcançar mais estudantes” (FARIA, 2014, p. 124). O auditório novo, que a mim foi apresentado com o nome Ubuntu, abriga atividades variadas. Lá, presenciei cursos profissionalizantes e palestras.

Espaços e cores... Fiquei no piso amarelo - espaço do nada - para entrevistar Mônica e Ágata. Passei longos momentos fazendo anotações no piso verde fora do horário de refeições. Tive inúmeras conversas com pessoas no piso azul. Passei tardes sentada no banco de cimento da rampa, ouvindo os alunos chegarem e saírem (Registro de experiência).

E, assim, que nem cada... A gente fala: “Hoje, é pra ir com o piso azul, vai ter uma palestra no piso azul” ou “no piso amarelo, no piso verde”. Então, tudo isso eu acho diferente, porque nas outras escolas, na época que eu estudei, não era assim. Não era assim desse jeito, era uma salinha de aula, com as carteiras uma atrás da outra, a mesa lá na frente, dos professor (Larissa - estudante).

No piso azul de vez em quando volta esse cesto de livros, que hoje está mais cheio, com os dizeres: “DOAÇÃO DE LIVROS: ESCOLHA O SEU!” (Registro de experiência).

Tem um piso lá, que os alunos pediram, que é o lugar do nada. [...] Sabe um lugar pra ficar? Se a casa estiver me enchendo muito, o patrão tiver

enchendo muito, marido, mulher, eu quero ficar aqui sentado um tempo. É o lugar do nada. Ele é todo aberto. Um dia quiseram fechar lá, com uma parceira. “De jeito nenhum. Nós queremos aberto porque nós queremos ver tudo.” Sentam, deitam, tem espelho, ficam se olhando. Lugar do nada (Aurora - ex-coordenadora geral).

Uma exposição no piso azul: foi colocada a exposição Amazonas e ficou instalado por quase um mês uma exposição sobre violência doméstica e feminicídio. O material fora emprestado da Diretoria Regional de Ensino e era composta por peças de madeira com representações de perfis de mulheres em tamanho natural caracterizando mulheres acompanhados de nome, idade, motivo e a forma que foram mortas. Todas as mulheres representadas foram mortas vítimas de violência de gênero. Gostei muito de ver esse tema presente (Registro de experiência).

Os espaços têm seus usos mais regulares, mas também abrem possibilidade para usos diferenciados. Lembro de uma ocasião em que os alunos foram convidados a auxiliar nos preparativos de um evento grande, e havia preparação de brindes a serem dados para os visitantes: sachês de ervas aromáticas com sal grosso para escalda-pés. O Piso Verde acomodou professores e algumas turmas divididas em atividades de misturar, cortar, colar, separar e lacrar pacotes.

Trabalhei em duas instituições que tinham espaços e/ou salas multifuncionais; lembro de que era bom ter a possibilidade de usar esses locais, pois, todas as vezes em que havia uma proposta diferente, ousada – ou até mesmo que requisesse adaptações maiores nos espaços –, recorriamos a esses espaços-coringa.

4.3.8 Banheiros

Após assistir, em sala com a turma, a uma roda de conversa com o escritor, peguei uma fila de mulheres na porta do banheiro. Talvez para expressar frustração – ou urgência, por que não? – disse em voz alta algo que sempre digo em ocasiões semelhantes: “filas de banheiro feminino são infinitas.” O coordenador, que passava por ali no momento, respondeu no ato: “É por isso que os banheiros não tem essa divisão aqui”.

Os banheiros são unissex, mas até aquele dia eu não tinha me atentado a isso. Pensei, aborrecida comigo mesma: “Que diabos de pesquisadora é você que não vê as coisas?!” Mas a verdade é que eu não notara que as plaquinhas da porta têm um bonequinho de homem e mulher juntos. (Registro de experiência)

Nas outras escolas, tem banheiro masculino e banheiro feminino, lá [no CIEJA] é tudo junto, não tem separação. Na faculdade [onde trabalho], também é tudo separado. Aí, então, eu já fico pensando nessas coisas aí. Eu vejo lá na faculdade como é que é, pra cada um tem um banheiro: banheiro dos alunos, banheiro dos professores. E lá não, lá é tudo... que

nem eles explicam. Então, é muitas coisas que eu não tinha aprendido antes, mas que agora a gente tá aprendendo lá (Larissa - estudante).

Além dos banheiros utilizados por pessoas de todos os gêneros, também não vi banheiros diferentes para professores ou alunos, como foi apontado por Larissa.

Apesar de ainda não ser uma prática muito comum nos ambientes públicos, já frequentei alguns espaços em que a divisão dos banheiros não é mais binária. Portanto, o fato não me causou estranhamento, até porque não compartilhei no CIEJA o banheiro conjuntamente com outras pessoas, visto que eles são unitários, ou seja, utilizados por uma pessoa de cada vez.

Para a questão de gênero e da divisão sexual dos banheiros públicos, como será que a produção de Paulo Freire nos auxiliaria na compreensão dessa questão? Não obstante as relações de gênero não aparecerem muito na base conceitual do material escrito por ele, (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018), Paulo Freire preconizava a criatividade na construção de um mundo diferente daquele que está posto e trabalhava pela igualdade entre as pessoas. Em 1987, ao dirigir-se a um grupo de professoras de maioria feminina, problematizou questões de gênero na linguagem e concluiu que a nomenclatura genérica no masculino não era um problema de ordem gramatical, mas de ordem ideológica, pois a linguagem também carrega ideologia:

[...] ao ler as primeiras críticas que me chegavam, ainda me disse ou me repeti o ensinado na minha meninice: “Ora, quando falo homem, a mulher necessariamente está incluída”. Em certo momento de minhas tentativas, puramente ideológicas, de justificar a mim mesmo, a linguagem machista que usava, percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação: “Quando falo homem, a mulher está incluída”. E por que os homens não se acham incluídos quando dizemos: “As mulheres estão decididas a mudar o mundo.”? Nenhum homem se acharia incluído no discurso de nenhum orador ou no texto de nenhum autor que escrevesse: “As mulheres estão decididas a mudar o mundo”. Da mesma forma como se espantam (os homens) quando a um auditório quase totalmente feminino, com dois ou três homens apenas, digo: “Todas vocês deveriam” etc. Para os homens presentes ou eu não conheço a sintaxe da língua portuguesa ou estou procurando “brincar” com eles. O impossível é que seensem incluídos no meu discurso. Como explicar, a não ser ideologicamente, a regra segundo a qual se há duzentas mulheres numa sala e só um homem devo dizer: “Eles todos são trabalhadores e dedicados?”. Isto não é, na verdade, um problema gramatical mas ideológico (FREIRE, 1997, p. 35).

A divisão sexual dos banheiros, portanto, estaria também no campo das divisões a serviço de uma ideologia? O CIEJA-CL, ao modificar o modo tradicional de realizar a divisão

dos banheiros e transformar banheiros unitários em banheiros mistos, optou por uma solução criativa. A distribuição dos banheiros é diferente da situação de outras escolas: em lugar de banheiro dos alunos, dos professores, masculino ou feminino, a configuração é apenas “banheiro do CIEJA” para todas as pessoas.

Assim como no caso dos cantinhos para se sentar, posso visualizar duas camadas para pensar a presença desse fenômeno: a primeira camada é a arquitetônica, visto que o CIEJA-CL foi adaptado a partir de uma casa, e separar os banheiros obrigaria os alunos e alunas a usarem espaços em andares diferentes. A segunda camada mostra o olhar para questões de gênero, igualdade entre pessoas transgênero e cisgênero, assunto importante em todos os espaços coletivos, mas especialmente urgente em espaços de formação de pessoas.

Ao apresentar o verbete de *presença* no vídeo abecedário, Jorge Larrosa (2016) dedica-se a pensar a *presença* na escola. O autor, então, pontua a presença como oposição de ausência ou distração: “A presença exige estar ali, estar de corpo e alma, estar nele, estar no assunto, estar na matéria. E a presença se opõe à ausência, assim como a atenção se opõe à distração” (LARROSA, 2016, s/p). Mediante essa noção de presença, penso que alguns episódios vividos no campo me mostraram minha participação inicialmente desatenta em relação ao espaço físico da escola, que, aos poucos, passei a contemplar: elementos concretos e visíveis que apresentavam, numa leitura de entrelinhas, elementos não visíveis, revelando um pouco mais sobre o modo como o CIEJA-CL recebe as pessoas, e, por isso, a configuração do espaço principiou a ocupar mais a minha atenção.

4.3.9 Ausências notadas

Graziela Abdian, Paulo Nascimento e Nathalia da Silva (2016), em um artigo sobre gestão educacional, assinalam que muitas pesquisas sobre escolas democráticas são apresentadas de modo a mostrar que as escolas não são democráticas. Os resultados de tais pesquisas seguem a linha de fazer críticas, de apontar faltas e de propor a reconstrução da escola para que se torne democrática. Quando li esse artigo, se acendeu em mim um alerta para o pesquisador tomar cuidado com um possível foco normatizador, até porque as escolas são instituições vivas, com muitas forças externas e internas agindo a favor e contra as construções de ideias desejadas.

Percebi-me, no meio do processo, compelida a dizer também sobre o que não vi, dado que verifiquei, na leitura dos meus diários, elementos de que senti falta por não estarem presentes ou com funcionamento parcial. Comecei a escrever sobre as *ausências sentidas*:

senti falta de atividade da biblioteca, pois não a via aberta; estranhei não assistir a nenhuma assembleia ou aulas de educação física e verifiquei a baixa acessibilidade do Piso Verde. Desisti de percorrer esse caminho, apesar do receio de transmitir uma visão ingênua do CIEJA-CL como um local perfeito e sem falhas. Optei por não me debruçar sobre o que faltou, pois escolhi seguir o fio do sentido expresso pelas pessoas, e ele não apresentou possíveis faltas, pelo contrário, as pessoas apontavam o que era presente e o que tinha valor para elas. Estou consciente de que a instituição CIEJA-CL tem, certamente, seus problemas, mas escrevo da perspectiva “do sim” e me distancio da “do não” ao escolher apresentar aquilo que foi expresso pelos meus interlocutores, e, nessas falas, havia uma forte predominância de falas elogiosas e positivas.

4.3.10 Pensando espaço físico, arquitetura e educação

Há uma padronização dos prédios escolares, especialmente daqueles que pertencem a redes de ensino muito grandes, criando uma similaridade na arquitetura que torna possível reconhecer um prédio escolar em meio aos demais. Contudo, devido às diferenças físicas já apontadas, no CIEJA-CL, há elementos que nos convidam a pensar as relações entre arquitetura e educação, visto que há itens nos relatos que indicam uma possível relação entre o design arquitetônico e os princípios educativos atuantes.

O referencial de Martin Heidegger (1954) aponta que o ser não é separado do espaço, tanto que aponta que a pessoa é ser-no-mundo e existe situada no mundo, ou seja, o ser humano existe lançado no mundo. Ser humano e mundo, portanto, são instâncias inseparáveis.

Quando se fala do homem e do espaço, entende-se que o homem está de um lado e o espaço de outro. O espaço, porém, não é algo que se opõe ao homem. O espaço nem é um objeto exterior e nem uma vivência interior. Não existem homens e, além deles, espaço (HEIDEGGER, 1954, s/p).

Paulo Freire (1996) apresenta uma noção da pedagogicidade presente na materialidade do espaço e amplia a percepção do educar além da atividade ensinante. O autor, em seu relato sobre as condições materiais das escolas municipais, em 1989, ao visitar a rede, levantou a questão da coerência entre o espaço descuidado que era oferecido às crianças e a incoerência de pedi-las que tivessem um cuidado com o local ao qual o poder público não estava atendendo. Ele acrescenta que

Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas. [...] É incrível que não imaginemos a significação do “discurso” formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. A eloquência do discurso “pronunciado” na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço (FREIRE, 1996, p. 44-45).

Streck, Redin e Zitkosky (2018), no *Dicionário Paulo Freire*, realçam o alcance do espaço concreto, afirmando que as tramas do espaço escolar formam e deformam. Portanto, a concretude atua em complementaridade às ações e ao discurso na formação das pessoas. Viñao Frago e Austin Escolano (2001), no livro *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*, afirmam que características importantes do currículo se revelam na arquitetura e na organização física da escola. Os autores analisam a dimensão espacial dos estabelecimentos de ensino e a dimensão educativa do espaço da escola, assinalando que não há neutralidade e que a configuração dos espaços também educa. Escolano (2001) defende que a arquitetura expressa seu conteúdo objetivo, constituído de funções específicas e um conjunto de significados adicionais que guiam comportamentos.

Toda uma linguagem arquitetônica que expressa, além de uma ordem construtiva, um sistema de intenções, valores e discursos, um jogo de simbolismos que atribuem a uma tradição cultural [...] toda arquitetura é definitivamente necessária, mas também arbitrária; funcional, mas também retórica. Seus signos indiciários deixam, em seu contato, traços que guiam a conduta. A antropologia do espaço não pode deixar de ser, ao mesmo tempo, física e lírica.(ESCOLANO, 2001, p. 39).

Em resumo, o espaço do CIEJA apresenta distribuição de modo a integrar pessoas, e isso é comunicado de muitos modos, inclusive nas decisões sobre os usos do espaço, entendendo que a arquitetura é capaz de influenciar a sociedade, pois,

ao transcender o funcionalismo banal que só daria cobertura às necessidades físicas, dá origem a uma nova forma de comunicação cultural, que é também pedagógica no sentido mais amplo e generoso. (ESCOLANO, 2001, p. 38).

Em pesquisa de pós-doutorado sobre escolas democráticas, Helena Singer (2008) retratou o pertencimento como elemento presente nos cuidados com o espaço: “As descrições das escolas enfocadas nesta pesquisa deixam claro que, quando os recursos são de todos, todos cuidam” (SINGER, 2008, p. 201-202).

[...] a educação democrática legitima as experiências de conhecimento da comunidade e reconhece estudantes e educadores como iguais, membros de uma mesma comunidade que se **co-responsabilizam** por suas escolhas e pelo bem comum. A igualdade não é apenas uma escolha política, mas sim um pressuposto, uma visão sobre o ser humano (SINGER, 2008, p. 26, grifos da autora).

Helena Singer (2008) aponta também como aspectos comuns às escolas democráticas as profundas alterações que tanto me causaram admiração na arquitetura e nos usos dos espaços no CIEJA-CL.

A democracia também abre os portões, destranca as portas, disponibiliza os recursos, integra a escola com a rua. Torna público o que é público, dos livros da biblioteca à sala da diretoria, passando pelos computadores, materiais eletrônicos e qualquer outro tipo de recurso material (SINGER, 2008, p. 201-202).

Jorge Larrosa (2016), ao discutir sobre generosidade, elenca espaço e tempos, juntamente com a materialidade, como elementos importantes e generosos que a escola fornece para o acontecer educacional:

Eu gostaria de falar sobre a escola como uma instituição generosa. A escola é uma instituição estranha que dá às pessoas três coisas: dá **tempo** - escola significa literalmente tempo livre. A escola não só dá tempo, mas dá muito tempo, dá tempo para errar, para começar de novo. Portanto, na porta das escolas deveria haver um cartaz dizendo para as pessoas que entram lá: “aqui vocês têm tempo”.

A escola dá **espaço**, um espaço público que não é o da família, nem o do trabalho, nem o do consumo. Dá tempo e espaço para estudar. Portanto, um cartaz que poderia estar na porta das escolas deveria dizer “Aqui que vocês têm um lugar.”

E a escola também dá **materialidade**, assuntos, livros, saberes, obras de arte, materiais de estudo. Portanto, outro cartaz que poderia haver na porta das escolas deveria dizer: "Aqui vocês têm coisas interessantes para brincar." Palavras, imagens, saberes, textos, objetos, blocos de argila, coisas para modelar. A escola dá matérias. E a escola dá também procedimentos, maneiras de fazer, exercícios tarefas, regras de jogo. (LARROSA, 2016, s/p. grifos nossos)

4.3.11 Alimentação no CIEJA-CL

[...] eles já abrem as portas, até para o povo que mora na rua, pra almoçar e essas coisas (Michel - estudante).

Então, não tem diferença, não importa que seja branco, negro, jovem, idoso, trans, gordos, todos, todos os gêneros, eles tem que sair a hora que quer da escola, o fato de chegar na hora da comida e ter um prato de

comida pra quem tem fome, é importantíssimo, você cria outras relações (Aurora – ex-coordenadora geral).

Conversei com aluno no corredor do piso azul e perguntei o que ele gostava lá no CIEJA, pois às vezes eu perguntava isso para as pessoas, e ele me falou sorrindo que gostava da comida. Eu pedi para ele falar um pouquinho mais, mas ele não se alongou, acrescentou apenas que ali tinha comida todo dia e a comida era boa (Registro de experiência).

E para quem entra nesse horário, quando sai já é hora do almoço, e quem entra na parte da manhã, diz que tem o café, eles têm o café para tomar e ir pra sala, e tem o lanche também (Larissa - estudante).

Todos podem comer as refeições: alunos, professores, funcionários e quem mais quiser. No almoço, num balcão self-service, cada um se serve de arroz, feijão, guarnição e fruta; apenas a carne é servida por uma profissional (Registro de experiência).

Então, nossa! É bem servido a escola, é café de manhã, é almoço, é lanche da tarde, é janta. Então, você não vê em escola nenhuma isso daqui, então, se nas outras escolas tem é pra comprar, ou quando é isso ou aquilo, não tem nada a ver com isso (Michel - estudante).

Pra quem quiser, é almoço, é lanche, a sobremesa é à vontade pra todos. Todo dia é uma sobremesa, um dia é banana, maçã, mamão, melão (Larissa - estudante).

A alimentação surge como um importante ponto, especialmente no aspecto da disponibilidade para todos. Ouvi muitas falas sobre a comida no CIEJA-CL, fruto de conversas informais, e, nelas, estava muito marcada o quanto a abundância e a liberdade para comer em qualquer refeição surpreendem e encantam as pessoas por ali. Todos se alimentam juntos, inclusive estudantes e professores. Cada pessoa se serve de acordo com suas preferências. Nesse cenário, a comida aparece como elemento mais ou menos central para muitas pessoas com quem conversei, raramente era completamente ausente.

No título da presente dissertação, consta a palavra cenário, do latim, *scenarĭum*³¹, que se refere a um substantivo que designa o conjunto de elementos que compõem o espaço ou local onde decorrem as ações. O título foi escolhido em virtude desse significado ligado à composição mosaica de cenas e locais. Contudo, a descoberta de uma segunda acepção da palavra informa sobre o adjetivo cenário³², derivado do latim, *cena+ário*, relativo a “ceia”,

³¹ Substantivo cenário. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/oqPn/cen%C3%A1rio%3CEi%3E1%3C/Ei%3E/>> Acesso em: 00 xxx. 2020.

³² Adjetivo cenário. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/O915/cen%C3%A1rio-2/>>. Acesso em: 02 fev 2020.

ou seja, jantar. Surpreendi-me pela dupla pertinência desta palavra do título, visto que a alimentação e o tema do nutrir estão fartamente presentes nos depoimentos.

O CIEJA-CL se apresenta como um lugar aberto para nutrir o intelecto e o corpo de quem participa de lá. Nutrição, do latim, *nutriens*³³, que deriva de *nutrire*: “alimento”, “alimentar”, “aquele que alimenta”. Ao mesmo tempo, a etimologia da palavra educar³⁴ remete a “criar (uma criança)”, “nutrir”, “amamentar”, “cuidar”, “educar”, “instruir”, “ensinar”. Sendo assim, em suas etimologias, tanto educação quanto nutrição estão relacionadas.

Nessa direção, a compreensão da educação que passa pelo afeto, pelo cuidado e pela nutrição, bastante associada à educação infantil, tem semelhança com o modo de agir presente no trabalho do CIEJA-CL, no qual o cuidado e o bem-estar dos estudantes são partes relevantes dos objetivos da educação.

A prefeitura quando eu pedi comida, disse: “De jeito nenhum!”. Eu falei: “Eles têm direito. A lei municipal fala que toda escola tem direito à refeição, nós vamos dar refeição”. Mandaram tudo de plástico! E um passa-prato. “Eu quero bandeja, prato de vidro, garfo e faca”; “Você tá é doida! Praqueles meninos...” Eu falei: “Eu me responsabilizo. Eles vão se servir”. Aí, eu falei: “Um pouco de humanidade. De olhar como pessoa que vai...” E aí, você precisa ver... 250 almoços, 300 jantares. Ontem a moça ficou: “Aurora, que organização! Eles vão passando, vão se servindo”. Não controlo a fome de ninguém. Eles se servem. Eles sabem o que querem comer. Às vezes eles querem pôr o feijão em cima, o arroz embaixo, ou quer fazer caminha... Eu tenho que respeitar isso, se eu posso (Aurora - ex-coordenadora geral).

Dona Aurora descreve que as refeições foram incluídas como parte do projeto educacional: *“fomos todos à mesa, porque eu acho que a hora da comida também é uma hora pedagógica, de escutar, de podermos construir juntos um Projeto Político Pedagógico bem coerente”* (Aurora - ex-coordenadora geral). Acrescentou, ainda, que *“humaniza também as relações”*. Dentro dessa proposta, os demais profissionais da escola foram incluídos e são entendidos como educadores.

As merendeiras fazem parte; são chamadas pra tudo. Estão na formação também. São valorizadas como educadoras. Elas não prestam serviço, elas são educadoras, e são valorizadas por isso. Tem reunião semanal com a equipe da limpeza, com a equipe da alimentação, com a equipe que ajuda a inclusão, porque a gente quer escutar também. Elas têm ideias fantásticas pra sugerir, coisas que a gente

³³ Disponível em <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/nutricao/>>. Acesso em: 11 de setembro de 2018.

³⁴ Educar vem do latim *edūco, as, ávi, átum, áre*. Fonte: dicionário HOUAISS (s/d).

não faz ideia, porque são coisas que fazem parte do serviço delas, né?
(Aurora - ex-coordenadora geral)

Equipes pedagógicas que atuam em regiões com carências econômicas têm o desafio de manter o olhar atento, uma vez que essas equipes normalmente são compostas por pessoas que têm suas necessidades alimentares básicas atendidas. Encontro contextos na periferia que apresentam severas situações de carências. Um exemplo dessas restrições alimentares é a quantidade de notícias na mídia as quais tive acesso e que destacavam a importância das refeições servidas nas escolas e o impacto da ausência da merenda durante as férias³⁵ escolares.

A discussão sobre nutrição, fome e desempenho escolar é importante, mas não foi nesse ponto que a presença da comida foi ressaltada na minha vivência no CIEJA-CL. Embora essa dimensão possa estar presente como pano de fundo, a comida disponível revelou-se um valor em si para quem conversou comigo.

Lá não é uma escola fechada que nem as outras escolas que entrou fecha o portão; lá fica aberto, é aberto pra receber todo mundo. Então, isso também eu fico notando, percebendo, porque as outras escolas fecha, e lá não, lá fica aberto. E, na hora do almoço, então, os que estão lá almoça, os que estão entrando pra ir para aquela aula, almoça também. E ainda tem gente de fora que não tem onde comer e vão pra lá comer lá; e todos bem recebidos, têm uns que são daqui mesmo do bairro, que fica embaixo, nas redondezas, eu já vi eles chegando lá pra almoçar na hora do almoço. E aí a... Como é o nome daquela senhora? Ela fica no portão lá fora, e eles chegam e ela fala: “Espera um pouquinho que está acabando de sair os outros que estão almoçando, aí vocês entram”. E, é todo dia, eles dão almoço para todos. [...] Pra quem quiser, é almoço, é lanche, a sobremesa é à vontade pra todos. Todo dia é uma sobremesa, um dia é banana, maçã, mamão, melão. [...]

Todos os dias. E, para quem entra nesse horário, quando sai já é hora do almoço, e quem entra na parte da manhã, diz que tem o café, eles têm o café para tomar e ir pra sala, e tem o lanche também. Então, eu acho que é muito importante (Larissa - aluna).

Foi através de uma assistente social. Na verdade, não tão assistente social, ela trabalha no CRAS. E quando eu fui no CRAS, ela perguntou se eu tinha

³⁵ A matéria de Paula Adamo Idoeta e Mariana Sanches, de julho de 2019, intitulada *Sem merenda: quando férias escolares significam fome no Brasil*, foi veiculada na BBC (disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48953335>>), no portal G1 (disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/07/15/sem-merenda-quando-ferias-escolares-significam-fome-no-brasil.ghtml>>) e no portal UOL (disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/07/15/quando-ferias-escolares-significam-fome-no-brasil.htm?fbclid=IwAR2PJUGJi184cEjRMJjTvFCvfgfMdlhUz_CDLwWpYShnohcM0Gnu2gAnJ1o>). Acesso em: 09 jan 2020.

almoçado e que, perto do CRAS do Campo Limpo, tem uma escola que dá almoço. Aí, eu aceitei o convite dela e conheci o CIEJA. E só pelo fato deles darem almoço, café da manhã e janta para pessoas que não é da escola, para pessoas que não são matriculadas. Tanto que ela trabalha no CRAS e vem almoçar aqui. Isso já me deixou: Nossa! Tipo, caramba! Essa escola é diferente. Então foi a partir desse dia que eu comecei a frequentar mais vezes o CIEJA e acabei criando um vínculo com as pessoas daqui. Foi assim: uma mulher de fora da escola me apresentou. E eu venho mais vezes do que ela porque depois desse dia eu só vi ela umas duas vezes almoçando aqui e nunca mais vi. E agora meio que tô frequentando a escola. Foi assim (Alejandro - frequentador).

Larissa ressalta a possibilidade de que diferentes pessoas possam chegar ao CIEJA-CL para se alimentar. Alejandro foi atendido ao longo do tempo pelas muitas práticas existentes na escola, e o CIEJA-CL, com suas portas abertas, estava disponível para suprir sua necessidade mais imediata de se alimentar desde o primeiro contato.

O psicólogo Abraham Maslow desenhou em seu trabalho uma hierarquia de necessidades humanas, que ficou conhecida como *pirâmide de necessidades de Maslow*, cuja classificação inclui as seguintes categorias fisiológicas: segurança, afiliação ou pertencimento, estima e autorrealização (CAVALCANTI et al., 2019). Em sua base, representando as necessidades mais primárias e urgentes, figura a necessidade de alimentação, juntamente com outras necessidades fisiológicas.

Abraham Maslow (1962), que partiu de uma concepção de homem que busca se autorrealizar e satisfazer suas necessidades. Para ele, isso acontece de forma hierárquica. Primeiro, o homem realiza as necessidades mais básicas (fome, sede e sexo), para depois satisfazer as necessidades de segurança (moradia), necessidades sociais (relacionamentos) e necessidades de estima (ser valorizado e amado), e, por último, ocorreria a autorrealização (satisfação diante das necessidades supridas) (MORAIS; BARRETO, 2016, p. 66).

Dentro da proposta de Abraham Maslow, alimentar-se é uma necessidade primária e vem antes de muitas outras na hierarquia. Contudo, a julgar pela relevância que ela tem no CIEJA, visto que aparece como um elemento agregador e requereu da equipe do CIEJA-CL atenção e sensibilidade para a percepção dessa demanda local e empenho para sua implementação, apresento brevemente a pirâmide de Maslow, para diferenciar os distintos tipos de necessidades presentes nos seres humanos e indicar que necessidades físicas são importantes para o bem-estar. Maslow (1991) argumenta que as necessidades não estão dissociadas. As necessidades mais primárias, ao serem atendidas, são absorvidas, deixam de

funcionar como determinantes e liberam o organismo, o que permite que as demais necessidades possam ocupar espaço nas motivações.

Não há dúvidas de que as necessidades fisiológicas são as mais poderosas de todas as necessidades. Isso significa concretamente que carece e tudo na vida, em uma situação extrema, é muito provável que suas maiores motivações sejam as necessidades fisiológicas mais do que quaisquer outras. Uma pessoa que carece de alimentos, segurança, amor e estima provavelmente sentiria mais fortemente a fome de comida mais do que qualquer outra coisa.

Se todas as necessidades estão insatisfeitas e o organismo está dominado pelas necessidades fisiológicas, as necessidades restantes podem simplesmente não existir ou serem colocadas em segundo plano (MASLOW, 1991, p. 23)³⁶.

É possível inferir que o não atendimento às necessidades básicas pode interferir nas necessidades trabalhadas nos processos educacionais, localizadas mais acima da pirâmide. O momento da alimentação em grupo também é um momento de encontro, já que, como seres comensais, o comer junto distensiona as relações. Ao mencionar eventos sociais, Lima, Ferreira Neto e Farias (2015, p. 518) relembram que

a comida exerce um fator facilitador de relações e do diálogo nos eventos, além do poder de agregar as pessoas presentes. Nesses momentos come-se, não necessariamente por fome, mas pelo prazer do convívio.

No CIEJA-CL, as mesas do Piso Verde – espaço multiuso também usado como refeitório – são redondas, forradas com toalha xadrez e acomodam as várias pessoas que vão chegando e se juntando umas às outras.

Almocei no meio dos alunos. Sentei-me à mesa em que só tinha um aluno na hora do almoço. Hoje o cardápio é composto por arroz, feijão, carne de soja, abóbora refogada e abacaxi ou laranja de sobremesa. No almoço encontrei o Douglas, mesmo aluno que conversei comigo na última semana. Encontrei uma professora que conversara comigo algumas vezes. Senti-me bem com a sensação de ver rostos que se tornaram conhecidos, familiares.

³⁶ Tradução livre do texto em espanhol: “No hay duda de que estas necesidades fisiológicas son las más prepotentes de todas las necesidades. Esto significa concretamente que el ser humano que carece de todo en la vida, en una situación extrema, es muy probable que su mayor motivación fueran las necesidades fisiológicas más que cualesquiera otras. Una persona que carece de alimento, seguridad, amor y estima, probablemente sentiría con más fuerza el hambre de comida antes que de cualquier otra cosa.

Si todas las necesidades están sin satisfacer, y el organismo, por tanto, está dominado por las necesidades fisiológicas, las restantes necesidades simplemente pueden ser inexistentes o ser desplazadas al fondo” (MASLOW, 1991, p. 23).

Já tive a oportunidade de almoçar com pessoas diferentes, pois cada um que chega se instala onde tem lugar. As mesas redondas trazem esse jeitinho de “távola redonda”: ninguém ocupa posição de destaque. Gosto especialmente de ver famílias reunidas durante a refeição.... Vira e mexe tem criança almoçando com a mãe. Dia desses um casal revezava a oferta de colo a um bebezinho bem novo enquanto se alimentavam (Registro de experiência).

A presença da alimentação com toda a força com a qual emergiu nos relatos leva à retomada do entendimento de nós, humanos, como seres comensais. A alimentação atende a muitos eixos do viver humano, posto que é ação ligada à biologia para nutrir os corpos e garantir a manutenção e sobrevivência do organismo; é também ato social, de significação cultural, já que constrói relações na comunidade. Sueli Moreira (2010, p. 23) aponta que a “história do homem se confunde com a história da alimentação. A partilha de alimentos, também denominada comensalidade, é prática característica do *Homo sapiens sapiens*”.

Romilda Lima, Ferreira Neto e Farias (2015), ao escreverem sobre a comensalidade, destacam a comida como elemento agregador e socializador para o ser humano, pois “implica reunir as pessoas em torno da mesa. Ou seja, enquanto come, o grupo tem também a oportunidade de dialogar e trocar experiências do cotidiano” (LIMA; FERREIRA NETO; FARIAS, 2015, p. 514).

Ressaltando o aspecto da conexão com os outros, Alejandro revela que o CIEJA-CL não é apenas uma escola para a qual as pessoas se dirigem exclusivamente para estudar: ele vê o espaço do CIEJA como algo semelhante a uma praça e reforça que o CIEJA-CL acolhe, inclusive, as pessoas não matriculadas como ele. Isso porque depois do seu primeiro contato com o CIEJA-CL, propiciado por contingências materiais e nutricionais, se tornou frequentador assíduo e encaminhou-se para a tessitura de um vínculo de afeto com a instituição e com as pessoas. Dessa forma,

Comer é realizado pelo indivíduo em seu interesse mais pessoal; comer acompanhado, porém, coloca necessariamente o indivíduo diante do grupo, usando-se o ato de comer como veículo para relacionamentos sociais: a satisfação da mais individual das necessidades torna-se um meio de criar uma comunidade. Neste mesmo raciocínio, a origem da palavra companhia deriva da palavra latina *companion* significa: ‘uma pessoa com quem partilhamos o pão’. Partir o pão e partilhá-lo com amigos significa a própria amizade, e também confiança, prazer e gratidão pela partilha. (MOREIRA, 2010, p. 24-25).

Alejandro continuou como frequentador assíduo e fez do CIEJA-CL sua comunidade, estabelecendo vínculos com as pessoas, com o local e com a ação pedagógica. O CIEJA-CL

se apresentou para ele como um espaço amplo e diversificado, com sentido de nutrição concreta e imaterial, sendo esta última responsável por produzir importante crescimento pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações finais, retomo à questão de pesquisa, apresento uma breve descrição do percurso de trabalho, as possíveis contribuições da pesquisa e, como fechamento do trabalho, encaminho uma possível compreensão do sentido do CIEJA-CL.

Neste material, busquei fazer a trajetória do desdobramento de uma interrogação: como compreender, por meio de narrativas, o sentido que tem um CIEJA para alunos e usuários, traçando uma cartografia da instituição? Guiada por esta interrogação, me encaminhei para ver como CIEJA-CL se apresenta para seus estudantes e frequentadores, em busca de compreender o sentido que tem para eles. No processo de desvelamento do fenômeno, trabalhando a partir de atitude fenomenológica, segui interrogando o fenômeno e o que o rodeava.

Para isso, mostrei, compondo uma cartografia, como o CIEJA-CL se apresentou para mim, para os frequentadores e para os estudantes. Com o intuito de compreender o sentido do CIEJA para essas pessoas, recolhi suas narrativas, atentei para o modo como as práticas do CIEJA as afetavam e observei os possíveis sentidos anunciados.

A escolha de *hodos metha* como modo de caminhar permitiu, além da flexibilidade, uma boa relação pessoal com o processo de aprender a pesquisar e a possibilidade de pesquisar sem buscar resultados específicos ou seguir um caminho rígido e previamente definido.

Sem o propósito de aprofundar os aspectos pedagógicos e metodológicos da referida escola, neste caminho de pesquisa, as narrativas ocuparam o primeiro plano do trabalho. Da historiobiografia, busquei o sentido que a experiência em ação dos narradores ouvidos apresenta nas histórias pessoais. Para realizar a cartografia, que teve como núcleo a experiência recolhida através da narrativa de todos os entrevistados, utilizei diários de bordo com minhas experiências sobre a instituição e com as narrativas das outras pessoas e compus cenários sobre essa peculiar instituição de ensino, apresentada em seus diferentes aspectos, características e inovações.

Na companhia de alguns autores como Jorge Larrosa, Walter Benjamin, e suas ideias sobre a experiência, e, especialmente, o brasileiro Paulo Freire, iluminei uma compreensão do vivido e o sentido que se revelou para mim. A presença deste último autor, no momento atual em que se presenciam tentativas de desqualificação e difamação de seu trabalho, permitiu recuperar suas ideias e mostrar seu vigor intelectual na compreensão da educação e do contexto de pesquisa. Além da grata recompensa de melhor compreender suas teorias,

esse movimento me possibilitou marcar um posicionamento político de dar a ver e compreender uma proposta de trabalho numa escola que foi criada e é sustentada a partir do legado de Paulo Freire na educação popular e de jovens e adultos.

Minha atitude e olhar fenomenológicos em direção ao que o CIEJA e os estudantes foram me mostrando me ajudou a compreender esse espaço como diferente de minha experiência como estudante, demarcando um modo peculiar de ser aluno.

Essa investigação no CIEJA-CL me permitiu recolocar a questão sobre a serviço de quê/quem estão as escolas e encontrar um exemplo que atende ao verdadeiro sentido e a quem, de fato, a educação deve se destinar. Nas narrativas, o trabalho humano e humanizado do CIEJA-CL e o profundo impacto que causam nos usuários e alunos se fizeram evidentes.

Falar sobre o CIEJA-CL e compreender melhor os contornos que circunscrevem as experiências vividas possibilitam dar visibilidade ao conteúdo dessa instituição e compreender o que ela tem de diferente na forma como as ações acontecem.

Iniciei as narrativas dessa dissertação com a visão do banner *Que bom que você está aqui*, e as finalizei contando sobre o lugar da alimentação no CIEJA. As práticas e posicionamentos vistos no cotidiano do CIEJA-CL me levam a pensar o CIEJA como uma escola que se inclina na direção do aluno real e lida com ele em suas potencialidades e limitações, em contraposição à escola que lida com o aluno ideal, que “deveria” ser, saber e conhecer de antemão.

A frase “o CIEJA é diferente” foi praticamente um *leitmotiv* da constituição do texto; a noção de CIEJA diferente perpassa todos os recortes de narrativas, notando-se isso em momentos e aspectos como as matrículas, os horários, as refeições, o cuidado e a postura dos profissionais.

Depois de ver, rever, agrupar e separar as narrativas, entendi que o acolhimento forma uma espécie de contorno, ou laço, que envolve quase tudo o que está escrito, de modo bem similar à ideia de que “o CIEJA é diferente” e acolhe.

Falar sobre o objetivo de compreender o sentido do CIEJA-CL para estudantes e frequentadores, apresento a impossibilidade de localizar um sentido único, contudo há possíveis sentidos que possa anunciar a partir do trabalho realizado nesse local descrito como diferente, peculiar e acolhedor: o sentido do encontro, do diálogo, da emancipação, da inclusão.

O sentido de inclusão aparece na repetição de valores em ação que vão desde respeito à diferença ao acolhimento e enfoque na convivência em que todos podem participar. O CIEJA-CL é visto como um lugar voltado às pessoas; não um perfil ou outro, mas todas as

peças. Pessoas se reunindo e trabalhando para um projeto de mundo melhor; pessoas cuidando de pessoas; pessoas ensinando e aprendendo; pessoas construindo caminhos alternativos.

O sentido de educação como encontro surge no mosaico com uma multiplicidade da noção de encontro, uma vez que o CIEJA aparece como lugar de encontro: o encontro de todos juntos - durante as aulas, as refeições, em eventos; o encontro de um para um entre professor e estudante e entre frequentadores; o encontro do estudante e conhecimento não alienado construído como parte da vida do educando; encontro dos frequentadores com as parcerias externas; encontro da pessoa com diferentes possibilidades de existir.

Alinhado ao sentido do encontro, a composição do mosaico aponta para um sentido oriundo do que pode acontecer quando o encontro acontece, o sentido de diálogo ou de educação dialógica. Embora tenha sido pouco nomeado como diálogo pelos entrevistados, os elementos necessários ao diálogo constelam todas as entrevistas, tanto na acepção freireana de diálogo como algo dialético e problematizador e de enfrentamentos do mundo como realidade em construção (FREIRE, 1997), quanto na acepção do filósofo Hans Gadamer como algo que transforma o horizonte após a troca entre as pessoas. (BRITO, 2019) Estão presentes nas falas o entendimento da alteridade, a presença e ampliação de espaços de troca e de fala, alguém que escuta, e, abertura para transformação dos participantes a partir do que é comunicado, entendido, vivenciado, re-combinado.

O sentido de emancipação aparece na transformação que cada um vai constituindo a partir dos encontros. O crescimento pessoal, social e político. Foram narrados o contínuo trabalho de construção da superação das dificuldades enfrentadas pelos estudantes e frequentadores, inclusive dificuldades oriundas das opressões de capacitistas, raciais, de classe e de gênero.

O sentido de humanização ou (re)humanização se apresenta quando alunos, frequentadores, ex-alunos, entrevistados de maneira geral, relatam o CIEJA-CL como um lugar diferente e feito para pessoas, feito com pessoas, com a presença constante de valores humanos e do que é próprio do humano no centro das ações. Surge nesse núcleo de sentido o entendimento de uma educação humanizadora que tem no horizonte ético o bem-estar das pessoas, incluindo as dimensões de atenção e cuidado.

Assim, o CIEJA-CL ajuda a compor uma contranarrativa da escola diante dos discursos sobre a escola pública que fracassa em cumprir uma parte significativa de seu papel, principalmente em contextos marcados por violência, desemprego e pobreza.

Patrícia Marques e Marisa Castanho (2011), em suas pesquisas, expõem uma realidade oposta àquela narrada por mim, realçando uma realidade na qual

a escola é importante, sendo promessa de um futuro digno, mas é vivida cotidianamente com aprendizagens não satisfatórias, aulas sem sentido, aulas vagas, relações interpessoais desrespeitosas, percepção de desinteresse público e sensação de cansaço de alunos e professores. (...) embora valorizada socialmente, a escola mostra dificuldades de cumprir seu papel, segundo os sujeitos da pesquisa (MARQUES; CASTANHO, 2011, p. 23).

No CIEJA-CL, as aprendizagens foram vividas pelos estudantes de forma satisfatória, já que estes relataram que as aulas têm sentido, que as relações interpessoais são respeitadas e que há desejo de participar da escola. Práticas como as portas abertas e a flexibilização do horário, dentre outras adaptações apresentadas, estão no cerne do sentido de acolhimento e inclusão narradas. A alimentação abundante conduz ao sentido de nutrição e de comunidade. O incentivo às trocas entre os estudantes, as avaliações envolvendo todas as instâncias, a postura mediadora dos professores e a horizontalidade das relações remetem ao sentido de construção coletiva do processo educacional. As transformações ocorridas na vida das pessoas no e a partir do CIEJA-CL aludem ao sentido de autonomia e de transformação pessoal e política.

Catelli Jr., Di Pierro e Giroto (2019) afirmam que os CIEJA têm impacto positivo na população atendida

por favorecer o trabalho coletivo e a formação docente, recriar os vínculos dos jovens, adultos e idosos com o conhecimento, propiciar o acolhimento de grupos vulneráveis (como adolescentes em conflito com a lei, pessoas com deficiência e transgênero) e exercitar a gestão democrática (CATELLI JR.; DI PIERRO; GIROTTO, 2019, p. 462).

De um modo geral, esses relatos disponibilizados nesta dissertação confirmam os achados da literatura sobre CIEJA e centros exclusivos de EJA.

Como toda e qualquer instituição, o CIEJA-CL tem seus problemas, contradições e desafios, nem todos superáveis, porém percebe-se que é inegável o impacto positivo das práticas guiadas por princípios democráticos, inclusivos e humanizantes sobre as pessoas que ali transitam.

A visibilidade da experiência dos alunos e usuários não foi um objetivo no início desta pesquisa, mas apresentou-se como elemento valioso. Apesar das possibilidades não

atingidas por essa dissertação, o apêndice com os materiais na íntegra cumpre a função de mostrar as narrativas, tornando visível para mais pessoas a realidade dos estudantes da EJA da periferia de São Paulo.

Dentre as muitas perguntas que esse trabalho não tentou responder, pode-se sugerir a investigação da trajetória dos alunos após saírem do CIEJA ou as mudanças ocorridas após o afastamento de Dona Aurora do local, visto que, mesmo após a aposentadoria, continuou por um tempo muito próxima à direção.

Outro tema de potencial pesquisa relevante é a história de vida e a constituição profissional da ex-coordenadora geral Dona Aurora, pois notei, na fala dos estudantes e de frequentadores, que a presença dela continuava quase tão viva quanto antes, apesar de sua aposentadoria ter sido formalizada antes mesmo do início de minha pesquisa. As pessoas falavam dela no presente e mencionavam o quanto aquela pessoa era importante para eles. Dessa forma, seria potencialmente valioso investigar profundamente o que fez com que ela se tornasse tão importante. Quais outros elementos, além daqueles aqui narrados, levaram à constituição dessa afetividade na relação, a ponto de associarem Aurora a CIEJA e CIEJA a Aurora?

Em termos de contribuição deste trabalho, avalio que, para aqueles que estão envolvidos com educação, as narrativas dessa dissertação podem nutrir de esperança e os abastecem de discursos outros, principalmente em relação ao futuro da educação popular e pública, tornando possível re-acreditar em sua enorme potência.

6 POST SCRIPTUM

O único trabalho de La Loba é o de recolher ossos. Sabe-se que ela recolhe e conserva especialmente o que corre o risco de se perder para o mundo. [...] Ela se arrasta sorrateira e esquadrinha as montanhas e os arroios, leitos secos de rios, à procura de ossos de lobos e, quando consegue reunir um esqueleto inteiro, quando o último osso está no lugar e a bela escultura branca da criatura está disposta à sua frente, ela senta junto ao fogo e pensa na canção que irá cantar.

Quando se decide, ela se levanta e aproxima-se da criatura, ergue seus braços sobre o esqueleto e começa a cantar. É aí que os ossos das costelas e das pernas do lobo começam a se ferrar de carne, e que a criatura começa a se cobrir de pêlos. La Loba canta um pouco mais, e uma proporção maior da criatura ganha vida. Seu rabo forma uma curva para cima, forte e desgrenhado.

La Loba canta mais, e a criatura-lobo começa a respirar.

E La Loba ainda canta, com tanta intensidade que o chão do deserto estremece, e enquanto canta, o lobo abre os olhos, dá um salto e sai correndo pelo desfiladeiro (ESTÉS, 1994, p. 43-44).

Escrever e, principalmente, finalizar essa dissertação, se configurou um longo, pesado e agonizante processo. Foi muito difícil sustentar o final do percurso, pelo fato de que o que tinha verdadeiro valor para mim já havia sido vivido: os estudos e os encontros das disciplinas, o mergulho no campo, as entrevistas, os grupos de orientação, a vida no *campus* e os encontros no IPUSP.

Foi duro reconhecer que, muitas vezes, dentro de mim, eu desisti. Insistir para finalizar foi como tentar ressuscitar algo morto. Trago, na epígrafe, o mito de La Loba, pois era assim que eu via: olhando ossos de coisas mortas, tentando reunir os mais significativos, na esperança de conseguir dar vida a algo. Sofri, travei, enlutei, chorei, procrastinei no processo. Hoje estou bem, e bem viva. Consegui chegar ao final, mas eu quero contar que adoeci. Aconteceu comigo, assim como ocorre com tantos pós-graduandos, em tantos programas de pós-graduação, com tantos professores, no Brasil e no mundo. Aconteceu no percurso da pesquisa, mudando os tempos e, principalmente, a velocidade da viagem-pesquisa. Isso teve implicações nesse material, pois compreendendo que o texto final apresentado para uma banca é um recorte e uma passagem do vivido quando o vivido teve desafios extra – e um tanto incapacitantes. Não é incorreto contar que estou consciente de que, em circunstâncias normais, eu seria capaz de apresentar pesquisa mais detalhada, mais acurada, com fundamentação teórica mais adensada. Entretanto, como li na tese de Jailton Melo (2019), o texto que escrevemos é o texto possível. Assim como havia uma infinidade de opções e caminhos não vividos no percurso de uma pós-graduação, é coerente dizer que

há também uma miríade de possibilidades de outros percursos de escrita que também não foram percorridos.

Certo dia, durante a releitura de um livro, vi uma anotação ao pé da página, feita com minha letra. Entretanto, não recordava quando, onde ou em qual circunstância havia sido feita essa escrita, tampouco sabia se havia copiado de alguém ou se fora inspirada em algo que ouvi: “É bom fazer o que nos assusta”. Agora que consegui terminar, com os limites que o texto tem – o texto possível –, avalio que foi bom terminar, des-fechar e abrir-me para outros projetos de vida, uma vez que, como colocado por João Augusto Pompéia (2010, p. 52), “desfecho, ao mesmo tempo que encerra, fecha, também é abertura”.

Assim como a personagem La Loba, reuni o equivalente aos ossos: as partes mais fortes dessas histórias e a escrita dessa dissertação – aquilo que tanto me assustou –, e agora está reavivada, des-fechada e entregue ao mundo. A finalização dessa dissertação é especialmente importante, pois me permite honrar as pessoas que se comprometeram comigo para que essa pesquisa-viagem pudesse acontecer, especialmente aqueles que contaram suas histórias para mim. É essencial poder levar adiante as histórias colhidas e não correr o risco de, guardando-as comigo, elas se perderem para o mundo. É a melhor parte disso. A jornalista chinesa Xinran, no livro *As boas mulheres da China*, abordou a importância de entregar as histórias para o mundo:

Lembrei do que o velho Chen me disse um dia: ‘Xinran, você devia escrever isso. Escrever cria uma espécie de repositório e pode ajudar a abrir um espaço para conciliar pensamentos e sentimentos novos. Se você não as escrever, essas histórias vão encher o seu coração e parti-lo.’. (XINRAN, 2007, p. 247).

Comecei a apresentação deste trabalho na companhia do verbo modificar. Na mesma companhia, anuncio o término, embora o tempo verbal seja distinto: fui modificada no meu olhar, no entendimento do sentido de pesquisar e escrever e na paixão por aquela que até então era-me desconhecida na prática, a educação popular.

Jorge Larrosa (2002b), educador que conheci melhor e aprendi a respeitar, escreveu algo que ressoou profundamente em mim, então. Para encerrar, ousou tomar emprestadas suas palavras, com o intuito de reafirmar que o vivido foi muito maior do que aquilo que é possível colocar em palavras nesses papéis.

Escrever (e ler) é como submergir num abismo em que acreditamos ter descoberto objetos maravilhosos. Quando voltamos à superfície, só

trazemos pedras comuns e pedaços de vidros e algo assim como uma inquietude nova no olhar. O escrito (e o lido) não é senão um traço visível e sempre decepcionante de uma aventura que, enfim, se revelou impossível. Nossos olhos apreenderam uma nova insatisfação e não se acostumam mais à falta de brilho e de mistério daquilo que se nos oferece à luz do dia. E algo em nosso peito nos diz que, na profundidade, ainda resplandece, imutável e desconhecido, o tesouro (LARROSA, 2002b, p. 159).

REFERÊNCIAS

ABDIAN, Graziela Zambão; NASCIMENTO, Paulo Henrique Costa; SILVA, Nathália Delgado Bueno da. Desafios teóricos metodológicos para as pesquisas em administração/gestão educacional/escolar. **Educ. Soc. Campinas**, v. 37, n. 135, p. 465-480, 2016.

AMATUZZI, Mauro Martins et al. O sentido-que-faz-sentido: uma pesquisa fenomenológica no processo terapêutico. **Psic. Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 1-12, 1991.

AS MULHERES na academia. [Locução de]: Yara Adario Frateschi. [S.I.]: Casa do Saber, 2019. **Podcast**. Disponível em <www.app.casadosaber.com.br>. Acesso em: 15 dez 2019.

ARROYO, MIGUEL. **Passageiros da noite - Do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

ARROYO, Miguel. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade

pública. In: SOARES, L.J.G.; GIOVANETTI, M.; GOMES, N.L. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

AUN, Heloísa A. **Uma crônica inviável como o trágico avesso do mundo dos homens: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores**. 2005. 143 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BANDEIRA, Manuel. Teresa. *In: Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967, p. 256.

BARBOSA, Deborah Rosária; SOUZA, Marilene Proença Rebello. Psicologia Educacional ou Escolar? Eis a questão. **Rev. Sem. da Assoc. Bras. de Psicol. Escol. e Educ.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 163-173, jan./jun. 2012.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Orgs.). **Pistas do método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 172-200

BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, Col. Obras Escolhidas, vol. I.

BOEMER, Magali Roseira. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 83-94, jan. 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº 11/2000**, aprovado em 10 de maio de 2000. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

BRASIL. **Constituição da República Federal do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em 03 mar 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <>. Acesso em 03 mar 2018.

BRITO, José Wilson Rodrigues de. A compreensão do outro enquanto abertura ao diálogo. In: Revista Kínesis, Vol. XI, nº 26 (Ed. Especial), fevereiro 2019, p.57-72

BRUM, Eliane. **A menina quebrada**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial Ltda., 2013.

BRUM, Eliane. Itaú Cultural. **Parteiras do Amapá**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wis66J5rSw8>>. Acesso em: 07 abr 2020.

CABRAL, Bárbara E. Bezerra; MORATO, Henriette Tognetti Penha. Considerações metodológicas a partir da formulação de uma questão para pesquisa. **Interlocuções (UNICAP)**, Recife, v. 1-2, p. 155-176, 2003.

CABRAL, Bárbara E. Bezerra; MORATO, Henriette Tognetti Penha. Redimensionando o valor da questão-bússola no horizonte da produção de conhecimento: para onde uma pesquisa pode apontar? IN: CABRAL, Bárbara; SZYMANSKI, Luciana; MOREIRA, Maria Inês B; SCHMIDT, Maria Luísa S. **Práticas em pesquisa e pesquisa como prática: experimentações em psicologia**. 85-104. Curitiba: CRV, 2019.

CANEDO, Ingrid R. Contribuições da Gestalt-Terapia para o referencial teórico da Orientação Profissional. **Revista ABOP**, Porto Alegre, v. 1 n. 1, p. 59-67, jun. 1997.

CATELLI JR., Roberto; DI PIERRO, Maria Clara; GIROTTO, Eduardo Donizeti. A política paulistana de EJA: territórios e desigualdades. **Estud. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 30, n. 74, p. 454-484, maio/ago. 2019.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Gênero e cuidado em políticas: salas de acolhimento do projoovem urbano. **Cadernos de Pesquisa** v.47 n.163 p.264-291 jan./mar. 2017

CAVALCANTI, Thiago Medeiros et al. Hierarquia das Necessidades de Maslow: validação de um instrumento. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 39, p. 1-13, 2019.

CHOHFI, Laiz Maria Silva. **Por entre fios e buracos: uma experiência para construção de uma rede de atenção a saúde no IPUSP**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CIEJA-CAMPO LIMPO. **Blog do CIEJA-CL.** Disponível em <<http://blogdociejacampolimpo.blogspot.com>>. Acesso em 12 fev 2020.

CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

CRITELLI, Dulce Mara. **História pessoal e sentido da vida: historiobiografia.** São Paulo: EDUC/FAPESP, 2016a.

CRITELLI, Dulce Mara. Historiobiografia ou a história da história. In: MORATO, H. T. P.; EVANGELISTA, P. E. R. A. (Orgs.). **Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia: colóquios LEFE.** Rio de Janeiro: Via Verita, 2016b, p. 117-128.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.** 4. ed. Rio de Janeiro: editora Lexikon. 2012.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Dicionário Etimológico: etimologia e origem das palavras.** Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/>>. Acesso em 11 set. 2018.

DI PIERRO, Maria Clara (Coord.). **Um estudo sobre centros públicos de educação de jovens adultos no estado de São Paulo.** São Paulo: FEDUSP, 2017.

DI PIERRO, Maria Clara. (Coord.) **Centros públicos de educação de jovens e adultos no estado de São Paulo.** São Paulo: FEDUSP, 2017.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estud. de Psicol.**, Natal, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002.

ESCOLAS TRANSFORMADORAS. **CIEJA Campo Limpo (SP).** s/d. Disponível em: <<https://escolastransformadoras.com.br/escola/cieja-campo-limpo/>>. Acesso em 20 jul. 2018.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** São Paulo: Editora Rocco, 1994.

EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. **Psicologia Fenomenológica Existencial: a prática psicológica à luz de Heidegger.** Curitiba: Juruá Editora, 2016

FALCÃO, Adriana. **A máquina.** São Paulo: Editora Salamandra. 2013. Recurso eletrônico: epub.

FARIA, Vanessa Elsas Porfírio de. **A trajetória do Projeto CIEJA entre as políticas públicas de educação de jovens e adultos na cidade de São Paulo.** 2014. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FEITOSA, Fabio Biasotto. A depressão pela perspectiva biopsicossocial e a função protetora das habilidades sociais. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 488-499, jun. 2014.

FERREIRA, Valéria Milena Röhrich; ARCO-VERDE, Yvelise Freitas de Souza. *Chronos & Kairós: o tempo nos tempos da escola*. **Educ. Rev.**, Curitiba, n. 17, p. 63-78, 2001.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Rev. Bras. Educ.**, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Austin. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, Paulo; MYLES, Horton. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. Org. Brenda Bell, John Gaventa e John Peters. Trad. Vera Lúcia Mello Josceline. 6. ed. Petropolis: Vozes, 2011.

FREIRE, Marcelino. Totonha. *In: Contos Negreiros*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005, p. 79-81.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GAGNEBIN, Jean Marie. Apresentação. *In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p.7-19, Col. Obras Escolhidas, vol. I.

GAGNEBIN, Jean Marie. **Entrevista concedida à Revista Redobra, da Universidade Federal da Bahia**. 2014. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2014/12/RD14_ENTREVISTA.pdf>. Acesso em 21 jan. 2020.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antônio Carlos. O projeto na pesquisa fenomenológica. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS*, 4., 2010, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: UNESP, 2010.

GRAVATÁ, André et al. Aprender a sonhar no CIEJA Campo Limpo. *In: Volta ao mundo em 13 escolas: sinais do futuro no presente*. São Paulo: Fundação Telefônica/A. G., 2013, p. 28-43

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. 1951. Conferência pronunciada por ocasião da Segunda Reunião de Darmstadt, publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Disponível em <https://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf>. Acesso em 21 jun. 2018.

HOUAISS. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0. Versão disponível em CD-ROM.

IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>>. Acesso em 21 jun 2019 2020.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, M. W; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 90-113.

JUSTUS, Milton. Apresentação. *In*: OLIVEIRA, D. L; SEABRA, V. (Orgs.). **Humanismo e inovação nas práticas educativas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, p. 13-15

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal**, v. 25, n. 2, p. 263-280, mai./ago. 2013

KUHN, Angélica. O Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (Cieja) Marlúcia Gonçalves de Abreu. *In*: DI PIERRO, M. C. (Coord.). **Centros públicos de educação de jovens e adultos no estado de São Paulo**. São Paulo: FEDUSP, 2017, p. 76-105.

KUHN, Angélica. **Tempos e espaços da educação de jovens e adultos: estudo de casos de centros públicos exclusivos da modalidade**. 2018. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

LARROSA, Jorge. **Abcedário com Jorge Larrosa Bondía**. Direção de Adriana Fresquet. Rio de Janeiro, 2016. Tradução livre. Disponível em: <<https://cinead.org/abecedarios/>>. Acesso em 20 dez 2019.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. *IN*: **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 1925. 2002a, p. 19-28

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação – uma entrevista de Jorge Larrosa [entrevista concedida a Alfredo Veiga-Neto]. *In*: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b, p. 133-160.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, Jorge. Três imagens do paraíso – ou um convite ao Wilhelm Meister habanero. *In*: LARROSA, J. **Pedagogia Profana**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 73-94.

LEE, Chang-Dong. **Poesia**. DVD: 139 minutos. Imovision: 2010.

LIMA, Romilda de Sousa; FERREIRA NETO, José; FARIAS, Rita. Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade. **Demetra**, v. 10, n. 3, p. 507-522, 2015.

LOVATO, Antonio; FRANZIM, Raquel (Orgs.). **O ser e o agir transformador para mudar a conversa sobre educação: escolas transformadoras**. São Paulo: Instituto Alana e Ashoka, 2017.

LUIZ, Eda *et al.* No fio da memória: o CIEJA Campo Limpo e sua linha do tempo. *In:* FRANZIM, R.; BASSI, A. S. L. V. (Orgs.). **Criatividade: mudar a educação, transformar o mundo.** São Paulo: Ashoka/Instituto Alana, 2019, p. 133-142.

MARQUES, Patrícia Batista; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. **Rev. Sem. Assoc. Bras. Psicol. Escol. Educ.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 23-33, jan./jun. 2011.

MARSOLA, Maurício Pagotto. O sentido e a existência. *In:* MARSOLA, Maurício Pagotto. Curso virtual Aprendendo a viver – site casa do saber. 2020. Anotações de aula. Acessado em <app.casadosaber>. Acesso em: 12 março 2020.

MARTINS, Joel; BOEMER, Magali R.; FERRAZ, Clarice A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 139-147, abr. 1990.

MASLOW, Abraham. **Motivación y personalidad: una teoría de la motivación humana.** Madrid: Ediciones Díaz de Santos, 1991.

MEDEIROS, Mariana da Mota. **Direito de Ser: Formação e Experiência na Educação de Jovens e Adultos.** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresa, universidades, comunidades, famílias.** São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, Jailton Bezerra. **“Afasta de mim esse CALE-SE”:** narrativas de corporalidades travestis e trans para uma ação clínica e política em psicologia. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MORATO, Henriette Tognetti P. Pesquisa Interventiva e Cartografia na prática psicológica em instituições. *In:* SIMPÓSIO NACIONAL DE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÃO - FRONTEIRAS DA AÇÃO PSICOLÓGICA ENTRE EDUCAÇÃO E SAÚDE, 7., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Liber Livros Editora, 2007.

MORATO, Henriette Tognetti P. Plantão psicológico: inventividade e plasticidade. **Anais..** São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia, 2009.

MORATO, Henriette Tognetti P.; ANDRADE, Ângela N.; SCHMIDT, Maria Luisa S. Pesquisa interventiva em instituição: etnografia, cartografia e genealogia. *In:* RODRIGUES, M. M. P.; MENANDRO, P. R. M. (Orgs.). **Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia.** Vitória: Editora GM, 2007, v. 1, p. 193-206.

MOREIRA, Sueli Aparecida. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. **Cienc. Cult. [online]**, v. 62, n. 4, p. 23-26, 2010.

MUCHAIL, Salma. Apresentação. *In*: CRITELLI, D. M. **Historiobiografia**: história pessoal e sentido da vida. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2016.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 48, Esp. 2, p. 193-199, 2014.

OLIVEIRA, Edna Castro de. Prefácio. *In*: FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p 9-12.

PANNUTI, Daniela Viana. **As relações de semelhança e a experiência do sentido no universo escolar**. 2015. 241 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

POMPÉIA, José Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Na presença do sentido**: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. 2. ed. São Paulo: EDUC; ABD, 2010.

POZZANA L. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal**, v. 25, n. 2, p. 323-338, 2013.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, jun. 2013.

PRADO, Rafael Auler de Almeida; CALDAS, Marcus Tulio Caldas. Hermenêutica filosófica, fenomenologia e narrativa: percurso metodológico de uma pesquisa em psicologia clínica. **Revista Psicologias [online]**, v. 1, p. 1-25, abr. 2015

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

ROGERS, Carl. Experiências em Comunicação. *In*: **Um jeito de ser**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1987, p. 5-22

ROSA, João Guimarães. **O grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RUOTOLO, Maria Adélia G.; GIANNONI, Rosana M. CIEJA Cambuci: uma escola de portas abertas. *In*: CATELLI JR., R. (Org.). **Formação e práticas na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Ação Educativa, 2017, p. 201-207.

SADALA, Maria Lúcia Araújo. **Doação de órgãos**: a experiência de enfermeiras, médicos e familiares de doadores. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SANTOS, Suely Emilia De Barros; SILVA, Ellen Fernanda Gomes da. Fenomenologia existencial como caminho para pesquisa qualitativa em psicologia. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.**, Belém, v. 9, n. 3, p. 110-126, set./dez. 2017.

SANTOS, Suely. E. de B. **“Olha!... arru(a)ção!?!...” a ação clínica no viver cotidiano**: conversação com a Fenomenologia Existencial. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016.

SANTOS, Rodrigo Gonçalves dos. **Revista Digital do LAV** – Santa Maria – vol. 9, n. 2, p. 219 - 244. – mai./ago. 2016 ISSN 1983 – 7348 <http://dx.doi.org/10.5902/19837348222562016b>, p. 232)

SÃO PAULO (município). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Educação de Jovens e Adultos: princípios e práticas**. São Paulo: SME/DOT, 2016.

SÃO PAULO (município). **Decreto-lei nº 43.052**, 4 de abril de 2003. Cria os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=05042003D+430520000>. Acesso em 13 out 2018.

SARAMAGO, José. Depoimento em documentário. *In*: CARVALHO, W.; JARDIM, J. **Janela da alma**. Copacabana Filmes, 2001.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. **A experiência de psicólogas na comunicação de massa**. 1990. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990.

SILVA, Ellen Fernanda Gomes Da; SANTOS, Suely Emilia De Barros. Fenomenologia existencial como caminho para pesquisa qualitativa em psicologia. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 9, n. 3, p. 110-126, 2017.

SINGER, Helena. **A gestão democrática do conhecimento: sobre propostas transformadoras da estrutura curricular e suas implicações nas trajetórias dos estudantes**. Campinas: UNICAMP, 2008.

SINGER, Helena. CIEJA Campo Limpo: escola transformadora de estruturas e trajetórias. **Urbânia 5**, São Paulo, v. 1, p. 15-23, 2014.

SOTO, Eugenio Pérez S.; GUBERMAN, Marta. **Diccionario de logoterapia**. Buenos Aires: Lumen Hvmánitas, 2005.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

TAVARES, Ulisses. **Viva poesia viva**. São Paulo: Saraiva, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

UNESCO. **Terceiro relatório global sobre aprendizagem e educação de adultos – GRALE III**. Brasília: UNESCO, 2016.

VALAREZZO, Max. Canal Entre Planos. **Hayao Miyasaki: a importância do vazio**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kyp3YV2t0gQ>>. Acesso em 30 jan. 2020.

XINRAN. Epílogo. *In: As boas mulheres da China: vozes ocultas*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

APÊNDICES E ANEXOS

Apêndice 1 - Transcrição dos encontros com **Aurora**

Pesquisadora: Conta pra mim sua experiência com o CIEJA, do seu jeito.

Aurora: Pra você entender minha experiência no CIEJA vou voltar um pouquinho no tempo pra entender como eu cheguei lá e poder ousar em educação de jovens e adultos.

Professora de escola pública, durante muitos anos. Completando agora 54 anos de educadora em escola pública. Eu me dediquei às crianças e a bebês. Quando está no serviço público, a cada ano você pode estar em algum canto. Nos últimos dezoito anos - anterior a 1998, mais ou menos em 1980 - eu fui da educação de jovens e adultos na escola noturna regular. E já me deparei com público totalmente diferente que não dava pra... Sabe quando as pessoas falam assim: "Ah! Tempo perdido." "Eles precisam ver isso." Gente, isso já passou! Eles têm experiência. Aquilo me incomodava muito, mas seguia o programa que era determinado.

Mas a gente começou a ousar; já na nossa escola. Eu e mais duas professoras excelentes Sandra e Maria José. Começamos a ousar. Temos que escutar mais. Ver se o que a gente tá realmente planejando, é isso que eles necessitam porque eles não têm mais tempo a perder.

Falar "Ah! Um dia você vai usar esse conhecimento." Não. O conhecimento tem que ser agora, pra já, pra ontem! E nós já começamos a ousar.

Quando foi um dia, eu entrei na sala dos professores, e eu vejo os professores como naquela brincadeira 'minha mãe mandou bater nesse daqui'. Porque nós havíamos recebido a notícia de que, em vez de regular o ano inteiro, passaríamos a ser supletivo. Seis meses. E aí vi os professores falando. "Ah. Esse aluno precisa." "Ele não precisa." Também me incomodei com aquilo. Pensei pra mim: "Puxa! Que poder que a gente tem que decidir a vida de tantos jovens e adultos e saber o que necessita." Sem eles estarem presentes. Isso me incomodava; não escutar um pouco a necessidade desses alunos.

E muito incomodada com isso eu acabei procurando ajuda. Fui pra PUC e acabei encontrando Paulo Freire. A gente conversava muito sobre educação de adultos. Eram encontros. Quando eu sabia que tinha um encontro eu ia. Então, durante um ano, um ano e pouco, antes do falecimento dele, a gente ficou junto em discussões de educação de jovens e adultos. Acho que é por isso que me tornei tão ousada e atrevida. Porque às vezes acho que sou meio atrevida. (risos)

E por conta disso também, em 1998, me convidaram pra fazer um projeto diferenciado na rede municipal. Isso já vinha antes, era anterior com a Erundina. A prefeitura Erundina viu que... A gente tinha encontros também, né? Às vezes, nesses encontros, ela aparecia. E ia falar... Puxa vida, educação de jovens e adultos só à noite? São Paulo está se tornando uma cidade *delivery*, vinte e quatro horas no ar, e como é que a gente não tem educação de jovens e adultos pra que eles trabalhem a noite? Porque às vezes a limpeza e a segurança ficam por conta dessas pessoas, que pra serem... Supervisores, querer alguma coisa precisam saber ler e escrever. E quase todos eles são analfabetos. Que horas eles vão estudar? E não vão ter oportunidade? Eu acho que educação de jovens e adultos teria que dar a

oportunidade a todos os trabalhadores. Em qualquer horário, em qualquer momento. E quando ela chegou lá no Campo Limpo, convidaram cinco pessoas. Passando por uma entrevista e algumas avaliações, acabei sendo escolhida como coordenadora pedagógica. Chamava-se CEMES (centro municipal de ensino supletivo). E era assim... A Erundina nessa coisa de fazer e acontecer... Ela falou "Eu quero que aconteça tudo." Ela acabou indo na UNESP e eles fizeram apostilados; era eliminação de matérias; o aluno chegava e dizia: "Eu quero eliminar Português." Ele tinha vinte apostilas; ele pegava a primeira estudava - era uma apostilinha pequena, como meio caderno - e estudava e estudava até falar "Agora eu tô preparado pra fazer avaliação." Entrava numa sala. Tinha uma sala de avaliação e fazia; eram questões de múltipla escolha - uma coisa que já me incomodava porque usava muito mais a memória - mas se ele tinha alguma dúvida e não alcançava 70% acerto tinha um professor de cada área de conhecimento pra tirar dúvida. E era uma coisa tão maluca, que era um relóginho que fazia assim: tic, tac, tac,tec... Dez minutos. tic, tac, tac,tac, tac, tac [em ritmo acelerado]. Agora acabou o seu tempo. E ele ia tentar a segunda vez. Se conseguisse setenta por cento ele ia à secretaria e falava. "Agora quero a apostila dois." e assim eliminava. Fazia as vinte apostilas de Português e podia escolher qualquer outra. Eram cento e vinte e cinco apostilas: Português, Inglês 9, Geografia 17, História 20, Ciências 20, Matemática 22 - era a que tinha mais apostilas. - e assim ia eliminando. Eliminava Português, acabou. Era de primeiro ao nono ano, não tinha qualquer série: era eliminar disciplina.

Mas começamos a perceber - e aí entra Paulo Freire e tudo o que veio depois a acontecer no CIEJA - que o aluno em dez minutos não conseguia. Então tinha coisas que travavam, quando entrava em análise sintática, de Português, equação do segundo grau, em Matemática; dez minutos não resolvia, eles não conseguiam resolver. Ia uma vez, ia duas, ia três. E os professores mudavam - estavam lá pra fazerem essas avaliações - e aí eles falavam assim: "Olha, você tem dez minutos, você tem dez minutos.", ajuntava seis alunos e tinham sessenta minutos; iam pra sala do professor com a mesma dificuldade. Você vê que a gente aprende com a troca, com a mediação do professor, do mestre.

Nós começamos a perceber que isso era assim: quem tinha uma boa memória... Vou fazer um parêntese de histórias: tinha um caminhoneiro - o caminhão quebrou - ele ia ficar vinte dias em São Paulo e em vinte dias ele se formou. Ele vinha manhã, tarde e noite. Ficava o tempo todo. Ele levava o sanduíche; às vezes comia conosco lá; a gente pedia marmita e lá estava ele junto com a gente nas marmitas. E ele fez todas as apostilas, mas ele tinha uma memória fantástica. Ele chegava conosco sete horas da manhã, ia embora dez horas da noite. Parava de vez em quando. Mas ele se animou tanto e ele tem uma memória fantástica. Ele entrava ali, corria lá e fazia. Era múltipla escolha.

E nós começamos a pensar: "O que isso tá acrescentando na vida?" Não tinha discussão, não tinha uma avaliação mesmo desse conhecimento. Como é que ele iria usar isso? Seria só um certificado? Pra que também? Ficou uma coisa muito sem sentido. E nós começamos a discutir. Foi aí que surgiu o CIEJA, numa discussão de quase dois anos. Foi o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos. Esse "i" da sigla do CIEJA era pra pôr algo a mais para educação de jovens e adultos.

Então, no primeiro momento, que foi na no governo da Martha, ela convidou o SENAC, e o SENAC ofereceu cursos. Primeiro fez um mapeamento na nossa região do Campo Limpo ficou agente comunitário, cuidador de criança e idosos, orientador de festa

infantil, para trabalhar... Eles tinham um nome... Estou tentando lembrar. E eram muito interessantes essas aulas que eram dadas pelo SENAC - duraram dois anos e depois saiu e também acabou o convênio - porque vinham pessoas de fora e vinham pra fazer sua... Não tinham envolvimento. Acabamos vendo que isso não era importante. Nesta época, eu mudo de casa, porque nós estávamos dentro de uma igreja batista e eu combatia muito, brigava muito apesar do pastor ser maravilhoso, e até hoje é um amigo - mas... Nós tínhamos a escola de segunda à sexta; quando chegava sexta a tarde tinha que recolher tudo, colocar num espaço só porque depois era igreja batista. E a gente assim... Cada cartaz que colocava pra cada atividade tinha que passar pelo pastor pra ver se era permitido dentro de uma igreja; aquilo foi me incomodando. Falei: "A escola é laica. Não pra gente ficar discutindo o que nós vamos fazer com o pastor da igreja batista." E aí aconteceu a mudança. E na busca do imóvel, o pessoal falava assim: "Olha, o maior índice de pessoas fora da escola, de abandono na escola, está lá no Capão, naquela região toda ali, do Jardim Ângela, por ali." E aí nós fomos pro Capão.

Nós chegamos no Capão e encontramos uma casa, em um lugar que pra história do capão é onde foi construído os melhores... Porque abrigaram, depois da guerra da Alemanha, vieram os alemães pra esse espaço; e ali... Por que nós temos duas grandes ocupações. Ninguém ali tem casa regularizada. Porque teve uma faixa aonde as pessoas que vieram da Alemanha com adventista do sétimo dia, a igreja, os pastores que vieram trouxeram sua família e construíram uma vila, que é onde está o CIEJA.

Todo o redor, onde tem o Parque Santo Antônio, eram plantações. Ou plantações de uva, porque vieram fazer o suco de uva Superbom - a grande empresa Superbom - que agora se mudou. Então era muita plantação de... Vieram os agricultores para plantar e vieram também as pessoas para cuidar do gado, porque eles faziam coisas com o gado. A parte toda de cima, ali da Godói, dos outros bairros.

Estavam assim quando veio a recessão de 1970, eles começaram a ocupar. Vieram, norte e nordeste chegaram em São Paulo. Ir pra onde? Então eles foram ocupando esses espaços. E como era terra emprestada, meio que não autorizada pelo governo, eles não tinham como falar que a terra era deles. Era uma ocupação doada pelo governo, mas acho que também não tinha... Acho que a documentação... Só sei que isso foi se tornando essas grandes favelas.

E quando chegamos lá, eles falaram "Olha, Aurora, aí é muito complicado".

Pelo mapa da exclusão, de 1998, o Capão Redondo, Jardim Ângela - aquele triângulo ali - Parque Santo Antônio, Jardim São Luís, era um dos lugares mais violentos do mundo, superando guerras. Era ali. Mas estava iniciando um trabalho. Padre Jaime no Jardim Ângela, com os Santos Mártires. Pessoas no Jardim São Luís fazendo coisas maravilhosas. E quando a gente foi falaram "Aurora, é muito complicado aqui." As pessoas aqui têm... As duas favelas são muito grandes. Tinha lá os justiceiros também no Parque Santo Antônio, tinha também os 'pés de pato'. Era bem violento mesmo. Eles disseram "Eles disputam o território porque nós estamos no Morumbi, encostado". Se você vê da janela, você vê que só tem uma rua, né? Os prédios do Morumbi aqui e a favela toda desse lado da rua.

E aí eles falam "Eles disputam território. Vai ser muito difícil você colocá-los todos dentro do mesmo espaço pra estudar."

Acho que meu primeiro e grande desafio foi colocar... Abrir essa escola. Porque eu passava... "Uma escola." "Que escola, dona? Cê tá doida?" Então eu comecei abrir os portões, eu tive a ideia de falar "Então vamos fazer assim, vão abrir esses portões. Não temos nada a perder." E começar a escutar como é que eles querem uma escola. Então, já que é educação de jovens e adultos e já que eles estão fora, a gente pode ousar uma porção de coisa, né?

No censo e em todo lugar: fora de escola! Fora de escola! Então, estão excluídos da escola. Então, o que a gente fizer aqui pra iniciarmos, é um ganho. Não tem quem coloque eles dentro da escola dessa maneira, que eles pensem assim tão tradicional.

Aí quando eu abri os portões da escola eles vinham, ficavam uma semana indo e vindo, passavam curiosos, né? Porque tem o comércio da droga lá em todo entorno.

Mas alguns entraram e começaram a... Eu acho que o principal, que até hoje o CIEJA pode falar e eu falo com muito orgulho, é o acolhimento. Cada um que entrava era bem recebido. As vezes, falava assim: "Olha, que bom que você veio. Vamos conversar." E nesse momento também veio um programa da Martha chamado começar de novo; que ela começou com as pessoas acima de 40 anos, que não tinham estudado e queriam uma nova oportunidade de emprego, tinha que passar pelo CIEJA pra estudar.

Nós pensamos assim: "Puxa vida! E aí as pessoas vinham lá no CIEJA, a turma do programa, e falava assim "Ah, mas a Martha mandou vir pra cá, eu pensei que seria bolsa, que era emprego. Estudar, estudar, eu não quero. A escola não me aceitou". E todo mundo contra escola. Tem que fazer alguma coisa ou então não dá pra oferecer essa escola tradicional.

E quando eu fiz a primeira assembleia, um rapaz muito ousado, talvez inteligente, que foi o Marco, ele falou: "Tá bom! Você quer uma escola, então faça uma escola sem carteira, sem professores, sem matéria. Sem o jeito que a gente vê a matéria, dá assim: 45 minutos, para. Bate o sinal. Nada disso, nada disso! Tem que fazer outra escola pra gente."

Depois de muitos anos eu aprendi que você pode ter medo ou confiança. Medo paralisa. Confiança te torna atrevido.

Falei: "Então tudo bem! Como é que vocês pensam essa escola?"

"Nós não queremos carteira um atrás do outro. Não queremos porque..."

Na época ficou meio confuso porque eles não queriam, mas eles queriam conversar, eles queriam trocar ideias, eles queriam outra maneira. Mas o menino de quinze anos, há uns cinco anos, falou pra mim "Sabe o que é? A escola pra nós já nos representa uma cadeia. Então se a gente tá se preparando pra conviver mesmo numa cadeia. E a carteira é cela solitária. Se você abre a boca, se faz alguma coisa, é colocado pra fora. Você não tem argumento. Não pode argumentar, não pode fazer nada. Fora! Cela solitária. Tem que ficar de boca fechada e aceitar." Um menino de 15 anos me falou isso. Então justifica não querer a carteira.

Não queriam professores que viesse com planejamento pronto. "Aprender uma porção de coisas que não tem necessidade. A gente não discute, a gente não fala. Nós queremos também falar, discutir o que nos interessa." Então queriam professores mediadores.

E não queriam aula de 45 minutos. "Quando a gente tá começando... A gente já tá fora da escola há muito tempo. Começa a pegar... Tá! Sinal muda." Fiquei pensando nós que estudamos numa escola assim, nós somos super inteligentes, né, porque é verdade, onde a gente vai acumulando tanta coisa em 45 minutos, 50 minutos. Impressionante.

E eles pediram então que fosse num tempo maior. Então nós fizemos todos os modelos e o atual está diferente, mas continua assim... E também o tempo deles: aula de duas horas e meia. Duas horas e quinze mais os quinze minutos de entrada e saída, que seriam as três aulas de quarenta e cinco minutos da escola.

E assim nós começamos. Lógico que com idas e vindas. Começamos tendo um dia de português, o dia todo. Depois passamos pra dois dias, porque não terminava em um dia.

Mas tudo isso sempre foi feito com consulta por assembleia. Qualquer problema que tinha, eu gritava nessa minha voz potente italiana, "Piso azul!" Eles sabiam que era assembleia. Agora não tanto porque as coisas já estão definidas, eles aceitam. Quando tem alguma coisa, eles têm a liberdade falar e escutar, se colocar, né, tem conselho muito forte. Mas na época era assembleia mesmo, para escutar todo mundo. E tinha aqueles que a gente escutava, que era feita a eleição, mas eu também ficava atenta pra aqueles que tinham dado uma boa ideia, mas que também não foi tão bem compreendida. E a gente, então, fazia um pouco o balanço de experimentar mesmo, todos as ideias, as coisas que foram surgindo.

A gente mudou muito, né, são 21 anos. A gente mudou muito, mas sempre atento essa coisa séria da responsabilidade e caminhar junto e fazer o aluno ser protagonista, produtor de conhecimento.

Outro parêntese agora: estou chegando de Portugal, tive encontro com quarenta e três jovens do mundo inteiro, discutindo educação. E olha: Portugal, Itália, Espanha, Grécia - pra surpresa minha tinha gente da Grécia - Estados Unidos, da Inglaterra, da África; do continente africano tinha de Guiné...

E aí, todos eles falando assim: "Em que momento nos escutam pra poder fazer uma escola que nos prepare pro nosso futuro?"

Você acha que também tá tudo muito organizado, que o Brasil é essa coisa maluca, dessas incertezas todas, mas quem também tem tudo mais ou menos organizado - não digo totalmente porque tem as diferenças e tudo - também sofre e não dá... O jovem evoluiu muito da participação de decisões, sabe? Ele quer decidir, não quer mais aceitar depois de uma certa idade; faça isso, aquilo. Se ele não tá consciente de que isso é legal pra ele, se é significativo ou não. Eu escutei relatos incríveis, do mundo inteiro, alunos pedindo uma escola diferente. E foi muito interessante, as pessoas falavam. "Meu deus! Parece que estão lá na Bahia" Eu tô lá no Rio Grande do Norte e sofrem as mesmas coisas; eu tô em São Paulo... Porque as escolas, acho que mundialmente, estão ainda no mesmo... Como os alunos falam: na mesma *vibe*, da mesma maneira. Tem algumas mais ousadas, mas são muito poucas, né, e é muito complicado.

Então o CIEJA surgiu dessa necessidade de fazer alguma coisa diferente. CIEJAs agora são 14 na cidade de São Paulo. Mas teve uma época em que eram 13, 12. Foi aumentando nos limites dentro do município, onde são as regiões mais afastadas; nesse município imenso que é São Paulo. Cada vez que eu ia às reuniões, eu sempre dizia a eles que a educação de jovens e adultos, apesar de estar como modalidade - em algumas leis, não são todas - ela ainda é um apêndice da escola regular. Ela não tem concurso ainda. Não

é uma modalidade. Não tem bibliografia específica. Você fica atrás do que falam que é bom pra educação de jovens e adultos.

Não tem uma discussão, não tem uma pesquisa séria. Como é que esse aluno aprende quando ele retorna? Como ele faz para que o conhecimento já adquirido seja um gancho com os novos conhecimentos? E não ficar repetindo. E será que é necessário também fazer coisas que faz com criança, que está numa outra idade mental, uma outra situação, menos experiência e repertório. O cara já tá cheio de repertório. Então o que que é isso? O que seria esse conhecimento pra que fosse significativo para ele e ele seguisse?

Porque a intenção é que ele siga. Conhecimento dá poder. Que ele siga. Mas não tem! Por quê? Porque EJA não é modalidade. Ela é interpretação, porque na verdade ela ainda é sujeita a um diretor que queira ter escola aberta no noturno. Se é um diretor que às oito horas dele satisfaz manhã e tarde, ele faz de tudo para não ter o noturno. Isso é real. Isso é verbalizado às vezes. "Não! Educação de jovens e adultos lá só vem me trazer problema. Ficar aberto até onze horas da noite."

Porque se dá essa escolha da escola, se tiver demanda abre sala. Se não... E as que querem abrir sala também, que tem demanda, também se cria uma porção de empecilhos - às vezes da própria secretaria - 'precisa ter tantos alunos', que precisa de algumas coisas que a gente sabe que é flexível na vida.

Por isso que eu falei, se fosse modalidade ela teria um outro olhar...

Mas as mesmas regras, na escola regular, que é pra criança é também pro adulto quando está dentro de uma escola regular noturna. Então precisa ter trinta e cinco alunos, precisa ter presença de 75%, Não vê outras possibilidades; e está na nossa LDB. Por que eu digo isso? Porque no governo do Serra falou "Não quero esse..." CIEJA era um projeto. "Eu não quero isso na minha administração."

"Vamos pegar os alunos e distribuir e vamos ficar só com as salas que já atendem EJA noturno. Não vejo esse gasto necessário pra esse público todo." E quis acabar.

Eu fiquei sabendo e chamei a comunidade. Falei "Olha, só sou gestora, mas a gente pode brigar por isso".

E eu vou dizer pra você que nessa minha... Eu acredito muito que quando você está numa energia com o universo é impressionante... Então nós recebemos a notícia e não sabíamos o que fazer... Eu tenho parceiro com todo mundo, eu faço parceria com todo mundo. Aí a parceria com a guarda metropolitana chegou pra mim falou assim: "Dona Aurora, o secretário vem numa escola aqui perto que deu problema. Vem junto com a Globo, porque teve denúncia de pais porque a escola estava com problemas." "Ah é?"

Passei a mão numa faixa que tinha no amarelo, mais amarelo do que aquele amarelo ali. [apontando para o quadro]. Vamos escrever 'o CIEJA não pode acabar'. E vamos subir, ver o que nos aguarde.

Quando nós chegamos lá... Eu tive uma pessoa que se tornou uma pessoa extremamente responsável e compreensiva; acho que o modelo - tirando o Paulo Freire como secretário de Educação - acho que o modelo de administrador moderno, consciente, responsável que foi Alexandre Schneider. Ele estava lá e falou assim para as câmeras da Globo: "Desliga que eu quero ver." Porque ali estava um grupinho com o professor Rodney - que era o professor de inclusão. Nós escolhemos pra representar o público: foi uma cadeirante, foi um pai, que tava junto com o filho que voltou a estudar por

conta de sair das drogas, pra ajudar o filho, nós tínhamos uma mãe de aluno, nós tínhamos alunos adolescentes; um grupo. E quando ele chegou lá, falou: "O que tá acontecendo?"

E falou: "O senhor que é secretário, né?" - Ela, durante muito tempo, foi a coordenadora das pessoas com deficiência da secretaria do conselho das pessoas com deficiência; se formou lá no CIEJA. "Senhor, onde eu vou estudar nessa situação? Eu não tenho escola que me aceita, por isso que eu nunca estudei. E eu estou no CIEJA muito bem e o senhor vai acabar com isso? Como? Por quê?"

Ele falou: "Não tô sabendo".

Ela falou: "Pior ainda. Pior ainda! O senhor é o secretário e não sabendo o que vai fazer".

Eles haviam cogitado. Como é que eu fiquei sabendo? Eles ligaram para as escolas do entorno e perguntaram "Vocês podem receber a turma do CIEJA?" Essa escola que deu problema é na rua de cima. E ligaram pra ela "Tânia, você está com noturno fechado. Você abre salas pra pegar alunos do CIEJA? Porque é muito próximo".

Ela me ligou e perguntou "Aurora, o que está acontecendo?" Porque ela conhecia nosso trabalho; super parceira. "Vão acabar com o CIEJA?" Aí eu fui na... Na época era delegacia de ensino - olha o nome maravilhoso!- agora é núcleo educativo da educação. Cada hora muda também, mas não mudam as bases, não muda muito a burocracia.

Nem as cabeças se abrem tanto pra isso.

Aí eu entrei e falei "O que tá acontecendo? Eu escutei algum supervisor falar. "Ih! Ela ficou sabendo". Eu falei: "O quê eu fiquei sabendo? O que eu não poderia ficar sabendo?"

"A gente tá fazendo uma consulta porque o prefeito tá pensando que talvez esse gasto seja excessivo para educação de jovens e adultos, vai remodelar."

Foi aí que no dia seguinte o Alexandre foi a essa escola e ele falou assim pra nós: "Calma, não precisam ficar preocupados." "Ah! Você tá falando isso porque a Globo tá aí escutando".

"Não. Mas eu venho." Era uma terça-feira. "Na quinta-feira eu venho às catorze horas. E eu falo com vocês."

E eles voltaram, todos tristes. E eu falei: "Gente, um não nós já temos; pode acontecer. Mas vamos acreditar que a gente vai poder mudar essa situação. E começamos a nos preparar. Quem iria falar com o secretário. Até hoje ele fala que eu parecia uma doida, porque assim que ele chegou, a assessora que acompanhava, falou assim: "Aurora, ele está com a agenda lotada. Você tem uma hora pra falar com ele, porque nós temos que sair em uma hora".

Peguei a mão dele e corri por aquele CIEJA, parecia uma doida, porque eu queria que ele visse todos os cantinhos e tudo que acontecia lá. Quando ele chega no piso azul tinha um representante e chamei também pessoas parceiras. E todos vieram defender o CIEJA.

Quando ele chega ao piso que ele viu todas aquelas pessoas, ele olhou pra assessora dele e falou assim: "Anula minha agenda. Eu vou ficar aqui." E acabou ficando quatro horas. Escutou todo mundo.

O primeiro menino era um menino cego, o Ricardo. Como ele ficou cego logo nos primeiros meses de vida, a mãe foi embora e deixou com o pai para criar. O pai ficou com uma porção de crianças pequenas, inclusive o Ricardo. O que ele fazia quando Ricardo cresceu? Levava em praça pública, ensinou a tocar violão; ele cantava e punha um chapéu pra poder pedir esmola. E o Ministério Público vinha: "Esse menino não tá na escola." Ia

pra escola, ninguém conseguir atender, voltava pra praça. E essa história foi até os dezesseis anos, em que ele veio parar no CIEJA. E aí o Ricardo falou pra ele: "Eu queria muito estudar, mas meu pai dificulta e ninguém me traz. Eu não sei... Eu não sei usar bengala, não sei usar condução, não sei nada. Mas a escola que abriu e eu gosto demais daqui. Uma vizinha que me traz porque estuda aqui, mas eu queria uma perua, porque tem dia que eu venho, quando ela não vem, eu não posso. As pessoas não me trazem, da minha família, porque não acreditam." E falavam " O que vocês estão fazendo com ele? Ele nunca vai aprender." Hoje ele tá fazendo faculdade de fisioterapia.

Pesquisadora: Nossa! Que bom. Que ótimo.

Aurora: Ele pediu pro secretário condução. Na semana seguinte eu tinha dez peruas pra trazer todos os meus meninos com necessidades especiais, em todos os lugares. Na lei e na regulamentação do transporte gratuito pra crianças da prefeitura tinha idade, uma série de coisas. Ele, em uma semana resolveu isso, e pôs dez peruas lá.

No segundo censo médico somos a escola do Brasil que mais tem inclusão; com laudo; fora os sem laudo.

E foram pedindo, foram falando. Ele olhou pra mim e falou: "Aurora, se você conseguir escrever um projeto de educação de jovens e adultos que eu possa tornar um programa de educação de jovens e adultos na cidade de São Paulo, que não fira nada da lei, eu vou te assegurar isso, pra você não sofrer essas coisas com canetada, pessoas que não entendem, e queiram acabar com isso que eu tô vendo aqui.

Porque ele contou uma coisa dele, que ele tinha um irmão com necessidades especiais, no Paraná. E a mãe precisou lutar muito pro irmão estudar e acabou estudando só aos 35 anos, numa escola que abriu pra acolher o irmão. Então ele tinha um carinho muito especial e entendia essas pessoas.

E assim ele fez. Era dia 28 de agosto; dia 8 de maio do ano seguinte - 2018 - nós entregamos... Nós entregamos antes, mas dia 8 de maio de 2018 saiu. Passou por tudo o que você possa imaginar de conselho. Não feriu uma lei, não feriu nada. Tudo o que é feito no CIEJA...

Por quê? Nós começamos a estudar a LDB. E aí eu vou te falar uma coisa: lei não é pra ser executada; é pra ser interpretada! E você coloca as vírgulas e os espaços, e os suspiros, onde você acha necessário.

Pesquisadora: Dá pra fazer de tudo...

Aurora: Dá pra fazer de tudo porque assim... A lei fala, mas a interpretação é tua. E nós fomos fazendo a interpretação de tudo aquilo que os alunos queriam da educação de jovens e adultos.

Isso foi um ano. Eu escutei professor, aluno, comunidade de todos os CIEJAs. Conheço todos eles da cidade de São Paulo. Eu ia durante dois dias, convocava todo mundo e falava: "O que vocês acham que tem que ter num projeto de educação de jovens e adultos?" Foi o trabalho de um ano.

No dia em que foi votado, eu fui até a câmara, ia ser à noite e passei durante o dia na câmara, um dia antes. "Você sabe?" "Não. A gente sabe que vai ter uma votação amanhã." Eu fui pra casa e xeroquei... Acho que 14º andar? Sei lá quantos andares tem a câmara municipal. Fui de porta em porta e pra todos os vereadores falava: "Isso é o CIEJA que senhor vai votar amanhã. Por favor, leia com carinho." Uma caixa de papelão nas costas, eu fui lá e

entreguei em cada gabinete pra falar, pra dar consciência. E ele foi aprovado. Não feria nada. Passou por todas as comissões porque tudo que fizemos lá a gente achou uma justificativa porque os alunos queriam daquela maneira.

Esse é um grande orgulho meu e das pessoas que ajudaram construir tudo isso - porque eu não posso deixar de falar que eu tive uma secretária que falava "Aurora! De onde você tirou? Que maluquice! Mas vamos lá! Eu vou achar na lei." Ela adorava a lei. Uma supervisora que também fez de tudo pra nos auxiliar. E ela também estava fazendo mestrado em políticas públicas. Falava "Aurora, se você fizer assim... Mas se você fizer assim, você chega no mesmo resultado, mas de outra maneira. Vamos fazer dessa maneira?"

E nós fomos fazendo isso. Os professores que contribuíram, a comunidade que aceitou, os colegas que viram... Na época, dois de todos os CIEJAS, só dois não quiserem entrar. Falavam: "Aurora é maluca. Isso já é causa perdida." O CIEJA vai acabar mesmo. E eu falava assim: "Enquanto eu puder lutar, eu não vou desistir. Nem se for sozinha, se não tiver ninguém comigo, mas eu vou lutar pelos alunos do Capão Redondo."

E acabamos fazendo muita discussão, muita briga, muito choro... Às vezes não acreditavam: "Aurora, você vai pôr isso?" "Como aula de segunda a quinta e na sexta formação? Como é que você vai fazer isso?" E aí fazia as contas. Fazer um histórico e uma grade curricular (a gente não gosta desse nome, porque é grade, já) pra poder atender tudo. Estica de cá, põe lá, e lê na lei o que pode, o que é considerado dia letivo para os alunos, para poder ajudá-los... A gente tinha muito... Nós estamos perto de dois hospitais: o Campo Limpo e o M'boi Mirim. Eles trabalham 12 por 36, então como é para eles não perderem quando estavam trabalhando em outros horários, né? E aí essa flexibilização. Em vez de fazer diário de classe, fazer passaporte - que era do aluno - e marcar a presença aproveitando tudo que ele fazia na escola: descia pra buscar livro, ler livro, tudo!

E nós achamos tudo isso na lei. Então acho que o CIEJA foi essa conquista pra educação de jovens e adultos. Eu fico muito contente e feliz que... Agora, quando me aposentei, todo mundo falava: "Ah! Mas o projeto está na sua cabeça. Quando você se aposentar... Mas eu acho que eu tive, como em tudo... Como eu tive o Alexandre Schneider na época que acreditou... Eu tive um jovem que é o Douglas, que é dessa comunidade, que agora tá no doutorado, tão jovem ainda, sensível, um professor que quando estava na escola regular sempre era questionado porque fazer as aulas fora da sala de aula. Por que deixava os alunos fazerem tanto, produzir tanto, quando deveriam ficar quietos na sala de aula, fechados.

Eu acho que um rapaz que... Um professor com ideias bem revolucionárias que assumiu e está lá. Eu sei que não é fácil. Casamento, criança pequena, doutorado e ainda o CIEJA que absorve. Mas tá fazendo um trabalho maravilhoso porque acho que ele acredita como eu que a educação de jovens e adultos merece essa valorização.

Pra você ver: o CIEJA está com 1752 alunos. O índice de abandono é muito pequeno porque a gente também pensou o que é um aluno pra ser considerado um aluno que abandonou a escola? Pra isso você tem que ter elemento, não é só a presença física que faz com que ele seja.... Está presente ou não. Às vezes só a presença física também não diz nada.

Como é que ele pode... Mediante tantos desafios de sobrevivência, do desemprego, da violência que vivem, da falta de moradia, da falta de transporte adequado, de tudo, de tudo que as periferias tem de falta... Como é que ele ainda inclui uma escola e o sonho e o desejo,

ainda, de ter conhecimento? Para ele, para melhorar a vida dele, para melhorar a vida dos filhos? Você tem que pensar em quanto a escola pode realmente fazer com que isso realmente aconteça, quando existe um olhar do que é conhecimento, de como é que se adquire esse conhecimento, o que ele vai fazer com isso, e quanto isso vai contribuir pra ele ser uma pessoa melhor. E evoluir. Qual é nossa missão nessa vida? É evolução.

Então, quando você vê meninos que abandonam o tráfico, quando você vê meninos deixaram de ser gerentes de tráfico, que acreditaram em outra coisa, quando você vê mulheres saindo da violência doméstica ou familiar também - às vezes é também da família, do pai, do avô - quando você vê meninas que sofreram violência sexual que se mutilam e achar uma nova esperança pra vida... Você fala é possível sim. Não abandonar nossos jovens e adultos e idosos. Eu vou até os idosos, porque eu acho que a coisa que mais me impressiona nisso tudo é quando uma pessoa acaba de assinar o nome dela e assim... Muito sensível, muito emotiva, ela fala "Agora eu sou gente."

Quando ela consegue assinar o seu nome. Aí se você pensar numa dimensão maior, o que é ser gente? Uma mulher que criou todos os filhos, deu condições, tendo dinheiro ou não tendo dinheiro, pedindo ou fazendo acontecer... Essa vida, sofrendo toda violência que é... Pessoa mais pobre, mais violência sofre. A falta de moradia, de saúde, de assistência social pra poder garantir direitos... Ela se torna gente quando ela consegue assinar o seu nome, que ela se vê. E antes? O que aconteceu com tudo isso?

É cruel. Se a gente for pensar na educação de jovens e adultos até a idade adulta mesmo, os idosos.

Porque a qualquer momento, eu aprendi nesses anos todos, que o ser humano, depois da família... E eu não vou falar pra você que as coisas estão mudando. Já deveria ser assim, mas agora a gente está mais atenta a isso, que família não precisa ser uma família dorian³⁷, bonitinha, organizada. Mas família é ter alguém que cuida, que dê atenção, que dá escuta. O ser humano precisa.

Mas depois dela, como é que ela amplia sua socialização, como ela se vê no mundo? É indo pra escola. É o lugar mais democrático, tem todas as diferenças, onde ela sente que está entrando num mundo onde ela vai participar. É a escola. E aí a escola não se vê assim. A escola exclui, entendeu? Ela não dá essa oportunidade da pessoa se sentir verdadeiramente... As crianças criando, crescendo, sendo formadas nessa coisa social, né, nessa relação social, se deparando com as diferenças, pra crescer, pra poder até adquirir alguns valores, o respeito, a solidariedade, compromisso, a responsabilidade.

A escola não se vê como parte tão importante dessa formação humana. Mas quando você vai pra educação de jovens e adultos você vê na falta dela, a importância dela.

Pesquisador: o que acontece...

Aurora: O que acontece com tudo isso. Porque é impressionante quando a senhora olha pra mim e fala: "Agora, quando eu for à reunião do meu neto e a professora vem com a carimbeira e eu falo assim pra ela. 'Não. Pode guardar. Me dê uma caneta, me dê uma lápis!" O orgulho de escrever o nome. De assinar o nome, de não ser enganada em tantas

³⁷ Referência a uma série de comerciais de margarinas que apresentavam como referência uma família idealizada.

coisas porque não sabe ler e escrever. Mas o simples fato de assinar o seu nome, dá a ela uma identidade que até então ela não tinha sentido. Quem era ela? Se ela não sabia nem escrever quem era ela?

Pesquisadora: Uma marca no mundo...

Aurora: A marca é muito forte. E por isso que eu acho que, ainda, a educação de jovens e adultos é ainda um desafio, que eu não vou parar enquanto eu puder. Porque eu acho que as pessoas tem que compreender essa necessidade. A gente escuta coisas incríveis: que já passou do tempo, vai aplicar na criança porque o adulto já passou seu tempo, que não há mais tempo pra sonhar. Mas eu acho que enquanto se está vivo, ainda está sonhando, pra poder enfrentar essa vida. Porque se não ficaria realmente muito difícil e aí a gente tiraria a vida, sairia dessa vida porque não tem sentido. O sonho ainda faz sentido e principalmente pra pessoas das periferias. Em meio a tanta violência, tanta violência chega uma hora em que ela fala "O que eu fiz por mim?" "Quem eu sou?" Eu tô falando das idosas e das mulheres.

E ontem teve uma observação muito... A gente sempre constata isso nos nossos gráficos: que a mulher é a que mais procura. Ela tem casa pra cuidar, filho pra cuidar, emprego e ela ainda quer vir pra escola pra melhorar no emprego, ajudar os filhos na escola. Tudo relacionado à vida; e pra ela se sentir naquelas duas horas, ela: 'Aqui sou eu. Aqui não tenho marido que tá pegando no pé, não tem os filhos chorando atrás de mim, não tenho que resolver algumas questões, não tenho patrão me amolando. Sou eu. Eu comigo mesma.' E ela precisa disso, todo ser humano precisa também de um momento para si, né? E o CIEJA, quando eu falo isso... A gente conseguiu atingir isso, de que do portão pra dentro... Eu não sei te explicar como, mas acho que foram mesmo muitas atitudes, muita gente contribuindo pra isso, você muda a energia, sabe, do portão pra dentro. As pessoas que entram lá, elas adquirem uma confiança, uma maneira de ser mais solidária, de entender mais, de ser mais compreensiva, ser mais tolerante.

Ontem, quem estava lá, a visita, ela ficou impressionada. Ela falou: "Aurora, passaram pelo menos 200 pessoas por nós. Todas elas [diziam] "Boa noite. Seja bem-vinda. Tudo bem com você?" Fizeram questão de me abraçar, me beijar. Sabe, existe essa coisa do cuidado, do carinho. Todos eles "Deus te abençoe!" "Deus te abençoe!" Eu falei que eu tenho um caminhão de bênçãos pra distribuir pros amigos.

[Risadas]

Porque pra mim já... Mesmo que eu viva 100 anos, 200... Bênçãos já dá pra distribuir pros amigos. Tô distribuindo um pouquinho. Sabe... Essa coisa da... É real, é verdadeiro. De falar você realmente fez uma coisa que eu necessitava.

Pesquisadora: Um reconhecimento...

Aurora: O reconhecimento é impressionante. Fora isso, né, na educação de jovens e adultos tem um reconhecimento imediato. O aluno chega no fim da aula e fala assim: "Amei." E quando ele também... "Não gostei." "Não entendi. Amanhã a gente vai voltar nesse assunto".

E a gente contribui na formação do educador pra ele ter essa humildade também, pra quando prepara uma aula, saber pra quem ele está preparando. "Preparei uma aula maravilhosa!" "Maravilhosa pra quem?"

Pesquisadora: Sim

Aurora: Pra você com a tua experiência, com teu conhecimento? Ou para aquele grupo que está te aguardando lá? Ou vocês vão construir junto? Nós temos um planejamento. Acho que é muito sério. A gente tem que saber, a gente tem que ser par avançado, tem que fazer pesquisa. Porque como eles podem trazer o assunto que quiseram, a gente tem que estar muito atenta às pesquisas. Por isso a importância da formação toda sexta-feira.

Outra coisa que a gente está vendo, é mundial, quem tá envolvido com a educação fala; escutei em Portugal, escutei de um dos professores da Grécia: essa coisa dos professores não se encontrarem para discutir a situação da escola, para evitar uma coisa maior. Pode ser qualquer coisa. Não digo que seja brigas ou violência dos alunos, mas como é que eles se conhecem? Como é que eles participam? Como é que colocam olho no olho? Como é que eles falam, Olha, esse aluno... Porque o aluno é de todos. Não é do professor de História ou de Geografia. E como é que se constrói um olhar único desta pessoa dentro de uma escola? Se não há formação, se não há momento de encontro?

Eu acho um absurdo, sempre briguei com isso. Eu já brigava quando professora de escola regular: eu venho no meu colega - se eu fosse da manhã, chegava as sete e ia embora às onze horas da manhã - eu não sabia o que estava acontecendo nessa escola até tem onze horas da noite. Passava quatro encontros anuais de um grupo que cuidava de uma comunidade inteira, sem contato. Só as reuniões pedagógicas que vem no calendário. Mas como é que você fica? Você está numa comunidade. Primeiro você conhece a comunidade. Segundo você não discute dessa... Mesmo que você não conheça, você não precisa entrar como eu fazia, andar nas vielas, fazer tudo, entrar na casa dos outros pra tomar café ou comer alguma coisa, mas você precisa saber... De que aluno está falando e o que você está fazendo naquela comunidade. Só assim a escola fica integrada, senão ela está à parte.

A violência acontece porque ela não está entrosada na comunidade. Não vêem ela como... "Vamos cuidar, porque ela é nossa." Um coisinha que está ali, nossas crianças vão pra lá, nós temos nossos direitos, um pouco é obrigação." Esse pai que não põe no Conselho Tutelar e coisas também que não funciona, que não tem fiscalização, nem nada, pra que isso aconteça realmente de uma maneira adequada. Essa escola não faz parte da comunidade porque os professores não conversam sobre a comunidade, não conversam sobre os alunos, é uma coisa muito, muito isolada.

Pesquisadora: E é por isso os encontros de sexta? Pra olhar junto?

Aurora: O encontro de sexta foi porque a gente conseguiu pôr... Foi uma matemática incrível, né? Um quebra-cabeça monstruoso. O professor contratado pela prefeitura tem que dar 25 horas-aula. Vamos fazer isso ser 2h15 de aulas; mas se ele der dobrado, dá 5h30, então ele já dá 24 horas de segunda à quinta. Na sexta ele não poderia dar mais, porque não iria ganhar - por isso a jornada extrapola. Mas falta uma aula, a 25ª, então ele dá na sexta. Nós pensamos "Puxa vida! O aluno vem para uma aula do professor no encontro, como é que fica?" Então resolvemos fazer: eles dão essa aula, eles estão lá como 'tirar dúvidas' e ajudar nos projetos - porque eles constroem projetos - e depois disso nós pegamos aquela... Os professores ganham 11 horas-aula e hora-atividade, hora de trabalho coletivo, que na escola é feita de uma maneira... Acho que deveria ser um pouco... - se eu puder dizer isso - com um pouco mais de responsabilidade porque, às vezes, existem grupos de formação com um ou dois professores. Que grupo de formação é esse? Com um ou dois professores e a coordenadora pedagógica. Nós procuramos fazer num número maior. Em vez de fazer isso

pela semana - porque o professor que trabalha de manhã não viria à noite, nem o professor da noite poderia vir de manhã pra fazer essas formações. Mas se colocar na sexta-feira todo mundo tem horário a cumprir.

Pesquisadora: É o que seria a JEIF³⁸, que vocês fazem na sexta, como um bloção?

Aurora: Um bloção. Começa às 14h00, são quatro horas-aula no estilo de formação. Depois mais quatro horas eles fazem o planejamento, todos juntos, manhã, tarde e noite, porque com a flexibilização o aluno pode vir manhã, tarde, noite para estudar. E a 25ª aula que ele dá esperando aluno ou corrigindo algo, olhando os cadernos, diários de bordo. Essas coisas todas. E também tem lá uma porção de mecanismos para o aluno aprender.

Eu acho que é essa uma das nossas preocupações que poderiam ir para as escolas regulares: como é que esses professores estão recebendo essa formação? Será que esses professores conhecem essa comunidade para a qual vão trabalhar ou só vai cumprir horário e vai embora. Entendeu? Ele se envolve para poder ajudar esses meninos? Os meninos indisciplinados são os que mais precisam de ajuda na comunidade. Eles fazem isso pra chamar a atenção de uma outra maneira e não da maneira do castigo, da advertência... Eu tenho histórias sem fim. Um dia, eu estava... Você está com tempo?

Pesquisadora: Tô. Eu posso ficar aqui até 13h30.

Aurora: Eu vou deixar você almoçar mais cedo. Se deixar eu falo.

Pesquisadora: Eu adoro ouvir.

Aurora: Eu estava na formação, numa sexta-feira, eu vejo dois GCMs chegarem, dois guardas municipais. Fizeram sinal pra mim e eu descí. E ele falou: "Dona Aurora, nós estamos com um menino no carro que nós não sabemos o que fazer. Mas como a senhora é uma pessoa com quem sempre conversamos muito..." Inclusive com a ronda escolar, eles ficavam conversando, contando o que acontecia nas outras escolas, como é que iam resolver. Aqueles que eram bem empenhados mesmo em ajudar, da guarda metropolitana da cidade de São Paulo, a gente criou parcerias incríveis; foram fazer Pedagogia depois, agora são professores. Pessoal muito, muito interessado em educação.

Dois deles foram lá e falaram: "Nós estamos com um menino, nós pegamos ele atacando pedra na escola, na janela da escola, e a diretora nos chamou para levar embora. Mas o que nos assustou foi ela falar assim: 'Ah! Usa daquela maneira que vocês fazem, sabem de sumir? E a gente não sabe como... Não precisa nem explicar!'" E eles falaram: "Isso nos assustou tanto, uma diretora falar isso, que nós não sabemos onde levar. Vamos levar pro Conselho Tutelar? O que a senhora nos sugere fazer com esse menino?"

Falei "Vamos lá no portão." Quando cheguei no portão, quatro guardas: o motorista, um na frente, os dois que saíram e ele no meio. O menino super assustado. Eu falei. "Não! Ele tem que descer. Primeiro porque eu não vou conversar agachada com ele aí dentro do carro, no estado que o menino está." Treze anos, pra fazer quatorze. Quando ele desceu, eu falei assim: "Olá! Quem você é?" Ele disse o nome dele: "Eu sou Bruno." eu falei "E eu sou Aurora. Aqui a gente se conhece assim: um abraço. Um abraço é a melhor coisa porque a gente encosta o coração e a gente fica definitivamente ligados." Olhou pra mim assim... Quem é essa mulher maluca...

Pesquisadora: Desconfiado...

³⁸ Jornada Especial Integral de formação

Aurora: Desconfiadíssimo. Quando ele encostou em mim, eu vi que ele tremia da cabeça aos pés... Quatro policiais, a diretora falou para dar um sumiço nele; o menino estava apavorado. O que iam fazer? E vieram para um lugar que ele também não conhecia, porque ali não tinha nada de escola, né? Ar de escola... Então ele não sabia onde ele estava. Tremia, tremia de medo. Falei: "Olha, o que aconteceu? Tacando pedra na escola? O que você queria?"

"Eu queria entrar e a diretora não deixou."

"Mas por que você queria entrar?"

"Porque me suspenderam." Não podia ficar na escola e queria entrar.

Eu falei: "Olha, você está muito nervoso, você está muito assustado, eu não quero que você fique mais assustado. Eles vão te levar pra casa."

"Pra minha casa?"

Falei: "Vão. Vão te levar pra sua casa. Mas você vai me prometer... Porque eu já sei seu endereço, eu vou te buscar se você não vier. Venha aqui amanhã, com a sua mãe. Amanhã ou depois. Eu aguardo você aqui."

Sabe quando dá aquele alívio? Aquele suspiro de 'Graças a Deus'?

Levaram pra casa, me deram o endereço. Falei "Vou aguardar dois dias, vamos ver." No primeiro dia não veio, no dia seguinte ele veio. Chega uma moça, um bebê no colo e uma escadinha - ele o mais velho, com treze anos - e uma escadinha de crianças. Duas meninas e três meninos; seis com o de colo e com ele, sete.

E quando ela chega, eles todos arrumadinhos, bonitinhos. As meninas com lacinho. Quando ela começa a falar, ela começa a chorar e falar: "Eu não sei o que eu faço... Porque eu estou com AIDS. Sem tratamento. E ele é que sai pra me ajudar, eu não posso fazer nada, não trabalho. Ele sai pra me ajudar, mas acaba fazendo essas coisas e fica muito nervoso quando não pode ajudar, nem nada."

"Vamos por partes." Chamei um professor e falei "Vamos ligar pro posto de saúde e ver como a gente pode começar você num tratamento." A gente vai ver as crianças. O bebê não tinha AIDS, tinha nascido e não tinha AIDS. Eu falei, vou ver o que a gente pode te ajudar. E as outras crianças?"

"As outras crianças vão pra escola."

"Você vai prometer que todas irão pra escola."

Ah! Mas falta isso, falta aquilo."

"A gente vai providenciar com parceiros que te ajudem. E o que nós vamos fazer com ele?"

"Ah! Na escola ele não pode ir."

"Então você tem algum programa? Se não você vai ser chamada... Bolsa família..."

"Não, não tem problema nenhum. Não temos nem documento, não tenho nada."

"Então tudo bem. Ele vai ficar aqui comigo. Todos os dias ele vem pra escola pra ficar aqui comigo. Ficar na parte da manhã ou da tarde, ele pode escolher, mas vai ficar aqui. Além de estudar, ele vai fazer algumas coisas pra gente poder ajudar. E a gente vê como vai fazer isso."

E ele começou a vir. No primeiro dia que ele trouxe o caderno, estava escrito assim: aula de Geografia. Um xis bem ali. [gesto da letra xis bem grande] Não fez. Aula de Ciências: não completou, outro xis.

Eu falei pra ele assim: "Quinto ano?" Naquela época ainda era ensino fundamental II; ainda não era fundamental I - que agora vai até o quinto ano.

"O que aconteceu que você levou..."

"Eu não sei. Eu não sei ler e escrever. Não sei fazer. E quando eu perguntava mandavam eu ficar quieto e sentar. E ficar quieto porque era muito maloqueiro."

Falei "Então, você vai para a alfabetização. Vamos te alfabetizar, enquanto você completa quinze anos, porque aqui só pode... E se você chegar lá já no quinto ano, tudo bem, a gente põe você no quinto ano, traz tua transferência e vem do quinto ano." E assim foi feito.

Nós tínhamos... A cada ano muda, cada hora uma sugestão, pois a gente escuta muito, então as sugestões vão mudando. Ao invés de fazer a despedida no final do ano, dos professores, amigo-secreto entre nós, nós pegávamos cartinhas; ou famílias que a gente escutava durante o ano que passava muita necessidade e distribuíamos entre os professores. E a gente pegava a família inteira pra cuidar, ou se não um só, uma aluna só, ou alguém da comunidade. Era livre escolha, mas tinha que presentear e ter uma festa. E um professor se vestia de papai noel. E as crianças vinham, a gente fazia a festa, entregava os presentes, era tudo o que acontecia.

Nesse ano, eu peguei a família dele; fiz questão. Minha filha falou: "Mamãe, vamos pegar a família dele." E na cartinha vinha o que queria. Ela queria um jogo de panela, a mãe.

Primeiro falei assim: "Todos vão escrever cartinha, até você." Ela falou: "Eu, por que eu?" Eu falei: "Por que você também faz parte da família. Você não é a mãe?" Ela pediu um jogo de panelas. As meninas pediram canetinhas e cadernos bonitos. Eu perguntei por que e ela falou que as amigas, ninguém quer emprestar pra gente, na escola. O menino queria um tênis, o outro pediu um boné, o outro pediu acho que um carrinho e o menino mais velho, que era o Bruno pediu... Ele falou "Olha, o que você der pra minha família, eu tô satisfeito. Pra mim qualquer coisa serve".

Bom, eu dei pra minha família e minha família não só deu isso como fez... Comprou roupa, sapato e no dia de Natal nós fizemos a ceia pra eles; fiz questão de levar.

Quando cheguei, era desse tamanho o barraco. [sinalizando a metragem parecida com a da sala que estávamos]. Chão de terra. Tinha um fogão limpinho, limpinho ali naquele canto, sem panela em cima e tudo limpinho. Mais ou menos meio-dia, porque a ceia seria a noite. Aqui tinha um armarinho. Nessa parede, ela pegou uma porção de caixotes e a roupa das crianças toda dobradinha, por nome. Uma cama de casal e um beliche encostada; as duas nesse espaço. Tudo em ordem. E ela não sabia que eu iria, pois foi surpresa que eu quis levar na casa dela. Ele tava lá escola, era o último dia de aula e eu falei: "Vamos até sua casa?" Então ela não esperava; ela era organizada e muito limpinha. E quando cheguei e vi tudo isso... Chão de terra, se você caísse algo você podia comer... Mais limpo que alguns chãos forrados. Muito limpa ela era. Acabamos dando tudo isso, levamos a ceia, levei todas as coisas pra eles. E acabou sendo uma família adotada por nós lá na escola e por todo mundo.

Eu não acho que a escola também tem... Falam: mas isso já extrapola, isso é política pública, isso é da assistência social. Tudo bem! Mas tem uma coisa, da gente se sensibilizar um pouco com o ser humano e ajudar naquilo que é possível. Talvez não precisasse fazer tanto, mas dar atenção ao menino que não sabia. Como escreve 'não completou', 'não sabe, 'não fez'? Chama a mãe. Como a mãe ia resolver ele fazer a lição se não estava alfabetizado,

não sabia escrever o nome. Quinto ano. Cinco anos na escola e ninguém botou... A gente usa uma expressão lá no CIEJA que é assim: 'ninguém botou o olho'. Olhar, entendeu? Então é muito complicado, algumas coisas.

Às vezes, seleciono o que eu falo, mas eu ainda... Eu estava nessa escola regular e também acho que eu falhei muito em algumas coisas, por conta do sistema, da maneira... Um pouco de desconhecimento também. Mas uma coisa eu tenho certeza: eu sempre fui uma professora que me sensibilizei com os alunos. Sempre. Eu queria saber da família, eu queria saber o que ele estava passando no momento, por que estava... Não é assim, empurrar. Chama a mãe, não vai, não vem, brigou, fica em casa. Eu era contra tudo isso. Eu sempre fui muito questionadora como professora porque... As colegas falavam assim: "Aurora, você fica inventando, um passo a frente. Não é sua obrigação." Eu falava. "Não. É minha." Sabe essas coisas?

O ano em que esse menino ficar comigo, é total responsabilidade minha. Eu vou fazer tudo o que eu puder, do meu melhor pra ser uma boa educadora. E eu criava caso, o tempo porque eu ficava questionando uma porção de coisas. Inclusive, até com os meus filhos que também estudaram em escola pública. Eu era terrível. Porque eu já era inconformada... Ser educador é uma escolha. E quando você escolhe e não está sensibilizado e você vai trabalhar com SER humano. Não é com máquina, não é com objetos; é ser humano.

Eu não sei em que momento a humanidade perdeu essa coisa de cuidar do ser humano. Se humanizar. Olhar isso. E a educação de jovens e adultos é isso: é botar o olhar para aquele que perdeu todos os direitos.

Eles contam sua história. Nós temos os indígenas que chegam lá e falam que moram no Maranhão, na Bahia. Quando eles estão no CIEJA eles falam assim: "Eu sou da aldeia tal. Mas se eu disser aqui em São Paulo ou Rio de Janeiro [onde já passaram], eles não me dão emprego, me discriminam. E eu sou um ser humano".

Então todo tipo. As transcidadania³⁹, meninas que apanharam, desistiram da escola porque não puderam mais frequentar a escola. Se tornam adultos, mas estão lá na violência da prostituição e tudo. Eles vêm pro CIEJA e não tem... Se tem alguma coisa, a gente fala na hora: "Qual é o problema?" E vamos conhecer toda a situação, porque está acontecendo isso. É com o maior respeito. É respeitar as diferenças. Isso é você saber que tem uma vida pra cuidar, mas que pode também ajudar o outro naquilo que você faz de bom. Se for fazer de mal, sai de perto. E chega na vida.

É assim: educação de jovens e adultos precisa ter esse olhar. E olha, não tem um caso que nós não fizemos, que nós não tivemos sucesso de... De as pessoas quando perceberem que com o conhecimento, vão poder argumentar, poder entender uma porção de coisa, ela não se sente agradecida e quer ir pra frente, quer fazer mais.

Então, tem histórias incríveis, incríveis. Ontem perguntaram pra mim: "A senhora teria vinte histórias pra nós escutarmos, um pouco da gravação?" Eu falei: minha filha, tem 1752 histórias. Na hora em que você chegar aqui tem história, a gente chama na hora. Nós só trabalhamos com excluídos, porque senão, na vida, com a idade que eles têm, estariam

³⁹ Referência a alunas do programa transcidadania.

seguindo, né, como na Europa, estar na universidade; ou não. Fazendo alguma coisa do curso técnico. Mas eles estão ainda sendo alfabetizados. É a base.

E também eu acho que garantindo direitos. Nossa constituição fala que educação é ao longo da vida, né? Dona Maria Jose, 92 anos, trabalhou 70 anos numa casa sem ganhar nada, desde a época em que a avó foi a escrava da família, depois passou pra mãe, depois passou pra ela. Com 70 anos ela se rebelou e falou: "Não. Eu quero ter meu lugarzinho., quero ter uma casa, eu quero me aposentar. E ficaram horrorizados, mandaram ela... Então tudo bem. Ela morava com uma sobrinha, que a acolheu, e ela foi fazendo uma porção de coisas. Quando ela chega no CIEJA com 88 anos, porque ela se formou com 92, o sonho dela era saber ler e escrever.

E de uma disposição... Ela chamava os jovens pra conversar, e os jovens ficavam olhando pra ela, sabe, magrinha, pequenininha. E olha... De uma disposição. E aos 92 ela se formou, mas ficou doente, mas a escola toda sensibilizada e cada vez na semana uma pessoa passava pra ajudá-la com o serviço e cuidar dela e ela tá lá.

E eu acho que garantia de direitos, educação de jovens e adultos, é cuidar, é prestar atenção em todas as idades têm suas especificidades. E o público do CIEJA é incrível, a turma da manhã, às vezes já trabalhou a noite inteira, aí passa, tem um café, estuda e depois vai pra casa dormir. A turma das 10h00 que vai entrar no shopping 13h00, porque entra em shopping 13h00 e sai 10 horas, 11 horas da noite, não poderia nunca estudar. Então almoça e vai direto pro *shopping*, porque no shopping eles só vão jantar, porque quem entra depois do almoço não tem direito a almoço, então almoça... A turma da tarde é aquelas senhorinhas que fizeram tudo, já botaram os filhos na escola, as avós, as mães, sobra um tempinho elas vem estudar.

E é impressionante né, que a gente tem muitos casos de maridos muito machistas e violentos que não querem que estudem... "O que você vai fazer? Depois de velha vai ciscar em outro terreiro?" Umás coisas bem machistas, sabe... Panela velha já não faz mais nada... E algumas delas, depois que estudaram, quando acontece alguma coisa, o marido sofre um acidente são elas que vão sustentar a família, tivemos vários casos assim. E aqueles que falam assim "Tá bom, eu vou lá" Agora nem tanto, graças a deus, de uns dez anos pra cá as coisas estão mudando, mas no início: "Eu vou lá ver isso o que é que você vai". O bom de não ser escola... "É da igreja, a gente tá aqui fazendo um trabalho com pessoas com necessidades especiais" O horror da mulher estudar e evoluir e ter seus desejos de estudo, de leitura.

A gente passou por situações muito engraçadas, né? Um marido violento chegou "O que é isso?" "Bem, você não tá vendo que é perto da igreja?" Porque a igreja é na esquina né? "Aqui é uma parte em que a gente cuida das crianças, eu vim aqui fazer um trabalho voluntário." E ele: "Ahh, ahh". Sabe assim? Mas também tivemos um que não queria de jeito nenhum que ela viesse estudar. E ela veio e ele sofre um acidente; ele era motorista e sofre um acidente de carro e quebra a vértebra e fica paralítico. E ela falou: "Eu vou sustentar a família." E ele: "Com o quê? Você é uma analfabeta não sabe nada..." Ela falou: "Não! Eu tô me formando." E ela fez Pedagogia... Lá no CIEJA ela veio sem saber ler e escrever. Lá no CIEJA, quando ela aprendeu a ler e escrever ela foi contratada numa creche como merendeira; da limpeza depois passou pra merendeira. Prestou concurso passou e fez Pedagogia depois. E acabou sustentando a família até o final e o marido - era irreversível o acidente - não pode mais trabalhar.

Então assim, é muita história, sabe? Cada um que está lá é uma história de superação. Tanto dos meninos, que também vão pras drogas, pra violência também, é muito interessante... Vou contar esse último caso e esperar um pouco pra você conversar, pra saber o que você elaborou e o que quer mais... Eu estava lá conversando com a coordenadora pedagógica, Janice, tá comigo há muitos anos e ela: “Aurora, olha o que tá no *Face*⁴⁰, uma briga na porta do CIEJA.” “Como briga? Eu estava aqui ontem e não vi nada.” Falou que aconteceu ontem uma briga. Eu falei: “Não! Impossível!” Aí vi o vídeo, identifiquei os alunos, chamei alguns deles que estavam na escola, eu falei: “Olha, nós vamos apagar isso, mas eu quero conversar com todos que estão aqui envolvidos.” Aí chamei.

Tem um piso lá, que os alunos pediram, que é o lugar do nada.

Entrevistadora: Do nada?

Aurora: Os adolescentes e alguns jovens (não idosos, mas adultos sim). Sabe um lugar pra ficar? Se a casa estiver me enchendo muito, o patrão tiver enchendo muito, marido, mulher, eu quero ficar aqui sentado um tempo. É o lugar do nada. Ele é todo aberto. Um dia quiseram fechar lá, com uma parceira. “De jeito nenhum. Nós queremos aberto porque nós queremos ver tudo.” Sentam, deitam, tem espelho, ficam se olhando. Lugar do nada. Mas sempre tem um professor que passa... Um educador ou alguém que trabalha em qualquer situação no CIEJA é educador: na limpeza, na merenda, no cuidado, auxiliares de inclusão. E perguntam “Está tudo bem?”, “Quer alguma coisa?” E ali ajudam pra caramba... Coloquei todos no lugar do nada, no piso amarelo - que eu como boa professora de artes é tudo colorido o CIEJA - no piso amarelo e eu perguntei o que tinha acontecido, um dos meninos falou assim: “Ah! Nós fabricamos isso.” Eu falei: por quê? E ele “Pra dar curtida, nessa escola só acontece coisa boa, não acontece coisa ruim.” E eu falei “Ué! Pra dar curtida precisa ser coisa ruim?”. “Ah! lógico, tem que ser coisa violenta.” Eu falei: “Não acredito.” E ele “É. Se for coisa legal, eles falam que é muito suave e não curtem.” Aí eu falei “Isso é um mito e nós vamos mudar isso.”

Eu vou falar pra você que eu tenho promessa até 2050, pra que desse certo... Falei: “Vai dar certo isso!” Nós vamos chamar um professor e o Douglas era professor lá e aceitou, professor Marcos da Educação Física, professora Kelly de Educação Artística e a professora Lílian de Ciências, nós vamos ficar um mês com esses meninos e preparar um vídeo. Mudando e colocando curtida pra ver que coisa boa também pode mudar e ter bastante curtidas.

Eu falei: “Meu Deus, dobre ou triplique as curtida”. E eles ficaram durante um mês trabalhando com esses meninos. Nesses meninos, foi o menino que falou da carteira. Que a escola prepara um projeto que a gente já vai pra cadeia, quando sai das escolas. O outro, eu tinha um menino, que qualquer que fosse tempo ele tava com um moletom fechado até aqui, ele não mostrava a mão direita, se pedia pra ele escrever alguma coisa ele ficava bravo, saía da sala, respondia a professora. Eu precisei dar um suporte pra esses quatro professores porque todo dia era um chororô diferente, quando acabava a aula; porque era muito forte, as histórias deles, tudo que acontecia lá dentro com eles: a fala, a maneira como eles viam a vida e como é que a gente ia ajudá-los a superar tudo isso.

⁴⁰ Referência à rede social Facebook

E esse menino incomodava, cada vez que tinha que escrever, cada vez que a gente fazia alguma coisa ele ficava muito bravo, ia embora, faltava dois dias e depois que voltava. Aí um dia eu chamei e perguntei o que estava acontecendo. Ele falou: "Não tá acontecendo nada." Eu falei: "Está! Você se recusa a escrever, a gente precisa entender mais; tudo bem que você pode fazer na oralidade e a gente faz avaliação; a gente quer saber o que você está aprendendo"... Ele falou "Tá tudo bem comigo." Então eu falei: "Eu quero que você me diga uma maneira que possamos te ajudar." Ele puxa o moletom, a mão dele toda deformada...

Pesquisadora: Ele te mostrou?

Aurora: Os dedos todos quebrados, essa parte aqui pra trás... Eu falei "O que foi isso?" Ele falou: "A polícia. Me pegaram roubando e eles me levaram e quebraram todinha a minha mão e me levaram pra Fundação Casa. E na fundação casa não deixaram cuidar." Então ele tinha a mão toda deformada, por isso ele não mostrava pra ninguém e punha o moletom fechado até aqui.

Pesquisadora: Ele ficava envergonhado?

Aurora: Envergonhado... Então falei assim: Então vamos fazer o seguinte: eu vou chamar nossos parceiros e a gente vai tentar. Você já foi em algum lugar? Ele falou "Já fui a vários hospitais, só que é difícil, não consegue, manda voltar, esperar, tem que ter vaga." Não é emergência, né? Porque a mão já tava assim, dessa maneira, cicatrizada e ficou daquela maneira e eu falei: "A gente vai conseguir fazer isso." E a gente conseguiu que ele fizesse essa cirurgia, mas esse menino... Sabe quando você abre alguma coisa? E começa... [como] uma garrafa de gás... Esse menino começou a chorar e ele não parava mais; ele não conseguia parar de falar da história. Acho que voltou tudo, né? E esse menino era... Ele se tornou um menino extremamente violento e agressivo por conta disso. Ele devolveia isso. Quando a gente começou a mostrar pra ele que existiam pessoas que também poderiam cuidar, que ele poderia confiar; ele não confiava em mais ninguém. E nós criamos essa confiança e transformamos a vida dele. No dia da formatura - ele se formou - a mãe veio chorando agradecer e falou: "O que vocês fizeram com meu filho? Porque ele é uma outra pessoa. Antes ele agredia todo mundo com palavras, era malcriado, chegava em casa jogava tudo, quebrava tudo quando ficava nervoso." Porque ele não via mais solução pro caso dele, né? Um jovem de dezoito anos.

Então essa é uma só das histórias que a gente tem desses jovens. Aí eles ficaram um mês com esses professores e fizeram um vídeo que tá até no nosso blog, que chama ser jovem no capão. Aí eles mudaram completamente, e uma professora falou assim... Quando se reuniram com eles pra pensar o tema, porque a gente trabalha com tema. O que vocês querem estudar? Eles falaram assim: "Nós queremos estudar o funk."

Eu tenho muito orgulho: eu tenho um quadro de educadores fantástico, né? Porque os quatro se uniram junto com todos os outros professores e acharam o funk na Matemática, na Geografia, na História e trabalharam com eles o funk em todas as disciplinas durante um mês. Surgiu como projeto falar do funk e ser jovem no capão. Eles pediram depois, era último mês e entramos em recesso e eles pediram se poderiam continuar juntos. Aí os professores ficaram com eles até dezembro e acabaram se formando alguns deles. Mas mudaram de vida, deixaram o tráfico, alguns, outros deixaram de usar drogas, pediram ajuda, nós encaminhamos. É uma das histórias.

Pesquisadora: uma das tantas...

Aurora: É. Agora você tem dúvida?

Pesquisadora: Meu plano é exatamente esse, é você ir contando sobre a sua longa experiência com o CIEJA.

Aurora: Aí tem uma coisa bem interessante que eu lembrei agora, e acho que não pode faltar, quando você faz uma escola com a intenção dela ser viva, transformadora no sentido de... Não com título de escola transformadora. Mas que realmente faça com que as pessoas que andam por lá, que frequentam, transformem suas vidas.

Você tem que pensar em tudo, sabe? Você tem que pensar no ambiente físico, você tem que pensar na metodologia, você tem que pensar no currículo, você tem que pensar em tudo. Na documentação, em como será essa documentação pra facilitar e não para emperrar o trabalho. Então a metodologia, quando a gente começou a pensar em projetos, a gente também pensou... Se eu ainda ficasse mais tempo, eu ia ousar um pouco mais. Mas eu acho que é o caminhar deles por algum tempo fazer porque você vai evoluindo, ficando mais ousada, você vai fazendo outras coisas mais.

Depois eu te conto da minha última ousadia que é fazer uma uniquebrada, universidade da quebrada, que não precisa das universidades públicas ou particulares. Já acontece em 50 países do mundo, começou na Índia. Agora já quero colocar essa universidade da periferia, uniquebrada.

Depois te conto a história deles, como é que surgiu isso. Então assim, que cada aluno fizesse seu roteiro de estudos. Eles já fazem, mas ainda é no grupo. Eu gostaria que isso acontecesse com cada um: "Olha, eu quero estudar a esfera. Então o que eu preciso pra isso?" Daqui a pouco a gente vai fazer na universidade. "Quem eu vou procurar pra me ajudar a entender onde eu quero chegar?" Como se fosse um trabalho mesmo, um TCC, qualquer coisa. E você ir pesquisando, lendo tudo e chegar numa conclusão e fazer uma conclusão... Mas com tantos alunos ainda, a gente ainda tá em educação básica, então a alfabetização ainda precisa de muito carinho, cuidado. Precisa estar próximo. Então a gente vai e volta numa tentativa assim.

Mas uma coisa que eu falo pro professor Salvador, uma coisa mais socrática, o professor estar lá e orientar, com os três ciclos de estudos, de debates. A gente ainda chega lá. Mas a metodologia foi essa mesmo, de projetos, porque nós vimos que a gente poderia avançar e quando eu falo.... Porque os professores falam assim: "Ah! Eu não aguento 45 minutos um aluno; 50 minutos na sala de aula." Quando eu falo que nossos professores ficam um mês. Eles falam: "Como?! Como é que eles aguentam? Como é que eles têm matéria, atividade pra tudo isso?"

Eu falo assim: "É outra concepção." Não são eles que planejam, as coisas vão acontecendo, por isso a formação é importante. Na primeira semana, no início do ano a escola inteira vota, demora uma semana, mas primeiro é por mesa, depois é por sala, depois é por período, depois turno pra chegar num tema. Esse ano nós achamos que podia ser qualquer um, mas foi meio ambiente.

Mas sabe o que é aparecer 76 maneiras de ver o meio ambiente? Porque são 76 grupos. Impressionante os alunos, eles são muito criativos. E aí o que é que vai? Meio ambiente, eles vão pra uma situação problema que traz a proximidade do significado e do cotidiano. Uma ideia de uma situação problema: essa é a que eu mais conto porque foi muito forte pra gente e tem tudo a ver com a gente... O metrô ia passar do Capão a Santo Amaro,

críticas e críticas porque ia ligar a lugar nenhum... Mas facilitou pra caramba a vida de pessoas com situações tão precárias que têm lá. Isso foi real, foi um grupo que trouxe. Na verdade dois grupos, todos envolvidos. O metrô falou: vamos traçar uma linha, a linha será nesse espaço, e as casas que estiverem aqui ou o comércio, tudo, vão receber uma indenização. Pequena, mas iam receber uma indenização por desapropriação e eles iam fazer esse trajeto.

O trajeto era quase todo de pessoas que ocuparam os espaços, não tinham escritura, não tinha nada, eles viram a vantagem de dar uma entrada em alguma coisa mais segura, de mudar dali, de arranjar outros lugares. E também o dinheiro, coitados, era bem vindo. Me parece que na época eram oito mil reais. Então imagina: as pessoas iam trabalhar a vida inteira pra ganhar oito mil reais. Só que no meio do caminho tinha uma casa que era centenária, antiga; morava uma família que veio do avô pro pai e do pai pro atual proprietário, que tinha uma árvore centenária e ele falou: "Daqui eu não saio porque essa árvore foi plantada pelo meu avô e eu não quero sair daqui." Então o metrô falou "Tá bom. Então não vamos fazer esse trajeto, vamos mudar, porque pra nós esse ou aquele trajeto tanto faz." E a comunidade toda se levantou contra ele, a gente vai perder esse dinheiro por causa de uma árvore? Trouxeram essa situação problema pra escola. E o que fazer?

Pôs a situação problema. E a pergunta sempre é, pra ter um resultado de uma resposta ética, o que fazer? Aí faz o levantamento de hipótese no dia seguinte que vem a situação problema. Menina, "ele ia dormir e iam jogar veneno na raiz, ia botar fogo na árvore... As coisas mais incríveis, violentas e outras. "Ia tirar a árvore." "Mas será que pode tirar a árvore? já tem mais de cem anos, pra onde ela vai?"

Teve todo um levantamento de hipóteses pra resolver; na primeira semana terminou e entra na segunda. O professor vê todo esse levantamento de hipóteses, que é a tempestade de ideias e já vai preparando o material pra poder levar eles a pensar mais e a construir. Então, tudo bem. Aquele grupo falou que pode tirar e transplantar em outro lugar. Aonde? Que espécie que ela é?

Então, na segunda e terceira semana estudaram tudo que você pode imaginar de Ciências, História, Geografia, localização. Por que ela estava ali, de onde ela veio... História do bairro para saber de onde ela é e porque só sobrou aquela espécie, como foi a ocupação histórica daquele espaço. Só sei que estudaram de tudo. E na última semana vem uma proposta; e a proposta ganha foi... Aí aprenderam a escrever carta, carta não... Memorando pra subprefeitura pedindo se havia na a secretaria do verde e meio ambiente uma maneira de preservar a árvore. Só sei que fizeram de tudo e a proposta então era tirar a árvore e levar. Descobriram que o parque Santo Dias, que é o menor por quilômetro quadrado que você pode ter ali... Ainda é uma floresta de vestígios de árvores da serra do mar ainda, uma floresta que tínhamos. É ali no parque Santo Dias. Então se a árvore fosse pra lá ia ficar com os antepassados dela que foram arrancados pra construir todo aquele espaço lá.

Menina eles fizeram isso, conseguiram, acompanharam a secretaria do meio ambiente cavar um imenso círculo lá com os tratores; acompanharam, foram ao parque, plantaram. E o nome da árvore do CIEJA está lá no parque. Acharam uma solução. Então assim: conteúdo que aparece em qualquer lugar, qualquer documento oficial, ele está organizado por série porque alguém pensou assim, mas você pode pensar de outras maneiras. Se você for ticar, eles estudaram os seres vivos, eles estudaram os vegetais, temperatura, meio ambiente,

estudaram História, estudaram tudo; só que não da maneira tradicional: nesse momento vou estudar seres vivos, na próxima série eu estudo o corpo humano, sabe? Coisas que estão completamente desconectadas, então uma situação problema foi essa de resolver essa questão e acabou com o metrô passando e eles ganharam lá, tudo. Então é assim: a situação problema que eles trazem na sala de inclusão intelectual... O menino sempre andando com os pais, num dia foi pra Santo Amaro e num descuido da mãe se perdeu, enquanto a mãe foi buscar um lanche ele saiu andando pelas ruas e se perdeu. Como ajudá-lo a encontrar e voltar pra casa? Meio ambiente. E a professora "Mas onde vai entrar meio ambiente? O trajeto? O alunos falaram; "Não. Ele viu muito lixo na rua, ele viu muita coisa que poderia..." Ele foi se questionando por que..." Sabe assim? A situação problema foi levar João de novo pra casa. Aí os meninos com necessidades especiais aprenderam o trajeto, eles fizeram o mapa da casa deles - porque eles não tinham essa noção -, onde era a casa, como chegar no CIEJA, como chegar em outros lugares. Eles já têm idade, mas tem o cuidado da mãe que sempre está junto, porque se acontece uma coisa dessa... Eles se vêm completamente sozinhos, perdidos. Que documento precisava levar? O RG. E estudaram o RG, o documento, o nome. Você não sabe que trabalho que a professora Samara fez com eles dessa situação problema.

Assim os alunos trazem uma situação problema ou cria-se na hora de alguma coisa, de alguma notícia, algum problema sério no bairro e eles tentam resolver. Na primeira semana levantamento de hipóteses e mediação do professor e apresentação de um projeto. Depois apresentam pra escola toda a solução, da situação problema. A solução ética que acharam.

Entrevistadora: Ética...

Aurora: Ética, senão tem soluções terríveis. Tem que ser ética. Então acho que é essa metodologia e eu acho que todos documentos que acompanham também tudo isso, desse acompanhamento da ficha individual, a gente não tem avaliação de prova, mas tem uma avaliação individual, tem uma avaliação coletiva, tem uma avaliação do grupo, tem avaliação de todos os professores, tem uma avaliação que chama mapeamento: a cada seis meses, numa sala de aula, com todos os alunos juntos, com todos os professores juntos.

E falam: "Olha, você aprendeu isso e isso." O aluno consente se aprendeu ou não. Se ele tem dúvida, ele avisa. E o professor também. Entram num consenso do que eles aprenderam ou não, o que tem que aprender mais, qual foi a dificuldade, é feito tudo com transparência. Nada é feito assim: "Ah! meu aluno vale quatro, mas ele nem sabe o que é esse quatro, esse valor..." Ou como eu escutei lá em Portugal: "Eles corrigem nossas provas e depois não mostram pra gente os erros. Então o que foi que adiantou?" Ou senão devolvem, mas não comenta. Só assinalado como acerto e erro...

Se você pensar bem são coisas tão naturais, tão lógicas, que é preciso que o outro fale pra você o que tá acontecendo.

Então a nossa avaliação é assim. Nós não temos diário de classe, porque a gente não acredita que é só um meandro. A gente tem um diário de bordo, que é o que acontece, o que realmente aconteceu em sala de aula. O aluno não gostou, aumentou com suas contribuições. O que aconteceu mesmo, que é o diário de bordo do professor.

O aluno tem o diário de bordo dele; ele escreve o que ele aprendeu, o que ele precisa saber mais, como ele vai usar isso na sua vida. Nesse momento ele tem que usar isso, né, ampliar o conhecimento.

Então a metodologia e a documentação têm que seguir aquilo que você está se propondo a fazer para que o ciclo fique completo, porque não dá pra fazer remendos, usar isso ou aquilo. É usar a criatividade e o principal é a escuta, porque os alunos dão muitas ideias pra gente, os professores também participam muito, os parceiros que a gente tem a gente escuta muito pra poder... "Puxa! Essa foi uma boa ideia. Vamos aplicar ou não."

E também tem a humildade. Nossa! É uma loucura! No ano de 2016, essa coisa de querer mudar, fazer projeto, cada um fazer um roteiro. Nós falamos: "Olha, vamos fazer o seguinte: chama rodízio, a gente fazia por mês e áreas de conhecimento... E o rodízio fica mais com ciclo dois. Ciclo um a professora é fixa. Por que é fixa? Você vai entender: pra professora fixa no ciclo um e no ciclo dois esse rodízio de área. Falamos: "Vamos por todo mundo no rodízio". Então o ciclo um também vai ficar o mês com cada professor. Então o professor da área de ciências humanas vai passar por todos os módulos - lá são módulos - desde o módulo 1 de alfabetização, módulo 2 pós alfabetização, intermediário e final. O ano foi dividido pra isso, tava certo, tudo. Aí professor formado especialista só do ciclo 2 se vê tendo que alfabetizar durante um mês. Então a formação ajudou muito pra entender e pra dar lencinhos, né, porque eles choravam.

Pesquisadora: É um desafio.

Aurora: Agora entenda o meu amigo lá, que é... Quando eu falo que é obrigação do professor ensinar alfabetização. Não! É de todos. Eu tenho que aprender também a alfabetizar. Mas foi incrível! E foi muito importante pros professores. Tanto é que um professor meu, fantástico, o Gabriel - ele foi padre durante muito tempo, ele tem um conhecimento incrível - ele veio com Filosofia e se apaixonou tanto pela inclusão que foi fazer especialização durante um ano e meio de inclusão e agora atende lá as deficiências intelectuais. Tão apaixonado que ele ficou quando foi atender o módulo de alfabetização. Se especializou em alfabetização e inclusão. E isso deixou a escola muito sensível, sabe? A todo mundo o aluno é de todos. Só que os alunos me chamaram no meio do ano na avaliação semestral e falaram: "É muito legal. Interessante a gente conhece todos os nossos professores, mas tem uma coisa: um mês é muito pouco pra acostumar com professor. Quando a gente tá se acostumando com um professor... [da alfabetização; que são mais inseguros] a gente tá se acostumando com um professor e vem outro. Aí é outra fala, é outra maneira de falar, é outra maneira de se organizar, ainda tá muito rápido pra nossa cabeça. Deixa a gente ficar com um professor só? Seis meses pelo menos?"

Então nós pensamos que a alfabetização ainda precisa desse cuidado, de um professor em que eles sintam confiança, criem vínculo. Mas isso não impediu, então, voltando... No meio do ano, para o rodízio geral e volta o rodízio que a gente tava acostumada, mas também ficamos assim: eles também têm que conhecer outros professores, não pode ficar só com o professor alfabetizador. Porque principalmente as senhorinhas se apaixonam e não querem ir embora. Elas sempre falam que não sabem nada: "Quero ficar mais um ano com essa professora, ela é tão boa." Sabe a segurança?

Pesquisadora: Vinculou.

Aurora: Vínculo, a segurança. Vou ter que começar com outra pessoa, vou ter que mostrar minhas dificuldades, então... Que é a segurança dela. Mas a gente faz que cada vez que um professor alfabetizador vai entrar numa área específica, por exemplo, vai falar de História e Geografia? Ele chama um especialista pra ajudar; é dupla docência, que já

acontecem nas áreas de conhecimento, vem também para o ciclo um e ficam dois professores trabalhando. Então eles sentem mais segurança. O professor pode ficar lá uma semana se na situação problema aparecer alguma coisa que precise ter... Objetivo de História, objetivo de Geografia, de Ciência. Então o professor vai lá e ajuda a professora alfabetizadora, ou professor alfabetizador - porque tenho homens também.

Então, ter uma escola assim, eu acho que é ter uma escola atenta. Por isso a formação é importante. Atenta a tudo o que acontece. Porque às vezes a situação problema muda e você não pode ter aquele planejamento que você faz pro ano todo e que vai acontecer dessa maneira. Porque as coisas mudam. Então precisa ter essa formação, os professores se encontraram, falar como é que está, como é prosseguimento. Quando eles se encontram na área é muito interessante porque pode dizer: "O aluno lá pensou em tal coisa." "Olha eu tenho um texto que vai ajudar eles..." Sabe a troca de experiências entre os professores também?

A pesquisa eles buscam juntos: vídeos, revistas, artigos, tudo que está disponível, notícias... Pra pôr à disposição do aluno. Então é muito importante também.

Pesquisadora: Além de construir junto ajuda na flexibilidade...

Aurora: Ajuda na flexibilização...

Eu acho que a metodologia tem que acompanhar tudo isso. E quando eu conto isso, as pessoas falam "Aurora, mas é muito maluco! Como é que dá conta? Como é que ficam os 200 dias letivos?." Eu falo tudo é dia letivo. O aluno pisou lá já é dia letivo; eles têm uma discussão incrível.

Os 75%... os 75% também não existe. Tudo o que ele faz na escola, se ele está na escola, considera presença; ele vem pra tirar dúvida, ele vem pra buscar livro, trocar livro, sentar lá na sala de leitura, fazer um comentário, escrever sobre o livro. É considerado. Ele está se envolvendo com a escola, eu não posso desconsiderar isso. Só o momento dele presente sentado ali.

Que foi o que nós temos a maior perda das escolas brasileiras foram os alunos falarem assim: "Ah! Se eu ficar aqui não importa que esteja dormindo, com relógio, com radinho, escutando música, eu passo de ano.

A pior coisa que nós podemos construir como uma verdade na escola pública, que basta você estar lá - aprendendo ou não aprendendo - você passa de ano. Passar de ano pra quê? Passa de ano todo mundo vai, porque ninguém fica no ano anterior, o ano muda. Você tá entendendo como foi uma coisa que ficou muito forte na educação brasileira e levou talvez a todo o caos que estejamos passando. Porque não é só estar presente, ele tem que produzir alguma coisa, tem que ter sentido pra ele. E ficou isso... Sabe dar valor a um determinado item? Não. O aluno tem que ter 75% de presença senão ele é considerado desistente ou qualquer coisa... Não é isso, gente. Ele é considerado desistente quando ele não entende mesmo, ele abandono de tudo, ele fala que não quer isso pra vida dele - e também é uma escolha dele temos que respeitar -, mas até então temos que fazer tudo pra que ele esteja na escola. E se você começa a valorizar essas coisas, ele se vê pertencente. E a escola é aberta. E a escola é do jeito que é o CIEJA, porque o aluno se sente pertencente ao espaço...

Ontem eu fiquei muito contente, porque estava viajando, voltei, chegar no CIEJA: limpinho, em ordem, a noite. Você não precisa falar, nem recomendar nada; os alunos cuidam, porque eles têm orgulho daquele espaço. Eles se sentem pertencentes lá. Eu acho que esse é um papel da escola também...

Agora eu vou fazer um parêntese: segunda-feira, dia 16 eu vou no colégio N⁴¹ [colégio de elite da cidade de São Paulo]. Estudam lá grandes intelectuais brasileiros - filhos ou os próprios intelectuais. Estão com um sério problema dos alunos não quererem... Parece que eles perderam alunos, mais da metade não quer estudar lá; e criticam a maneira que estão estudando. Então eles estão fazendo uma semana de estudos e os alunos pediram a minha presença, não sei de onde me descobriram, pra falar de escola inovadora.

Eu falei assim pra diretora: "Eu posso abrir a boca?"

[risadas]

"Porque se eu falar pros meninos que eles podem uma porção de coisas depois vocês vão ter que dar conta." Porque ela é um pouco tradicional, a gente tava discutindo sobre poder e ela falou que não existe poder horizontal na escola, tem que ter hierarquia, tem que ter as pessoas que mandam e alguns obedecem. Aí já me arrepiei e pensei o que eu vou poder falar, ou não, na segunda-feira pra esses meninos?

Pesquisadora: É diametralmente oposto o modelo, não é?

Aurora: É o oposto. Você deixa os meninos participarem ou não. E vão estar sujeitos a tudo. Você tem, usando pra isso, os compromissos; que também são feitos junto com eles, o que é permitido ou não - porque também não vai permitir tudo - discutir.

Nós temos no CIEJA treze valores. Foi durante dois anos, nós estudamos o que era valor, porque era importante conhecer e acompanhado por professor especialista, que nos orientavam, os alunos escolheram treze valores e espalharam pra escola toda. E isso é tão fantástico, porque assim quando acontece alguma coisa. Será que não está faltando respeito? Uma coisa que nós escolhemos pra defender? "É mesmo, Dona Aurora." Não tem problema, quando a gente precisar de alguma coisa, a solidariedade. Foi assim: transformação, aprender, ensinar... Nós achamos importante colocar esses dois porque tem um momento de aprender e um momento de ensinar. Você deixa uma coisa de mediação e de significado, de todo mundo escutar todo mundo, porque alguém tem alguma coisa pra ensinar e alguém tem alguma coisa pra aprender. Eu acho que valorizar o conhecimento de cada um, mesmo que depois a gente ponha isso pra discussão, mas tem que também dar a voz pra que ele fale. Como é que está pensando tudo isso, sem discriminação, sem desrespeito. Tem transformação, tem cuidado, tem respeito, tem solidariedade, aprender, ensinar... São treze. Espalhadas pela escola; agora tem nas paredes: grafitaram em todas as paredes, tanto lá de baixo como na de cima, nas duas casas, pra poder estar sempre presente... Bem estar, pertencimento. Então, são treze valores que a gente utiliza. É umas das coisas que eu não sei explicar, porque até a comunidade quando entra lá, ela sabe que do portão pra dentro tem alguma coisa acontecendo de diferente.

Sabe que, desde o primeiro momento na assembleia lá em 1998, os alunos falavam assim: "Dona Aurora, aqui ninguém vai fumar. E nós vamos explicar por quê. Se a senhora falar que o fumante tem direito, se ele fumar crack, se ele fumar... A senhora não vai poder falar nada, se ele vai pro lugar do fumante, ele fuma o que ele quer, ou a senhora vai impedir? Onde tá escrito que é só cigarro?" Então já que a gente tá trabalhando de uma maneira legal, não vamos incentivar isso, já que existe lei municipal, vamos aproveitar disso. Sugestão de um grupo, desde então, ninguém fuma no CIEJA. Mas eu não preciso falar, é impressionante

⁴¹ Retirei o nome do colégio.

que até as visitas quando chegam no portão tiram cigarro, e os professores que fumam, e as pessoas que fumam - é terreno irregular, né - tem que subir a rampa, quando chega lá em cima... (som de alguém arfando). Quando volta, depois de dois meses para de fumar, pelo menos naquele período em está lá, porque é muito cansativo.

Todo mundo sabe. Menina, eu vou nos lugares mais incríveis e falam: "Puxa! Aquela escola é legal. "Lá ninguém fuma, né, Dona Aurora?" Se propagou isso. Sabem que a escola é aberta, é acolhedora, responde a qualquer um, dez e meia se a pessoa entrar lá e está fechando a escola, mas quer uma orientação, a secretaria está aberta pra atender.

Ontem eu estava saindo de lá dez e meia e um casal com um bebê no colo pedindo uma informação, eu falei: "Vocês foram atendidos?" Sim. Muito bem atendidos. É que a gente trabalhou e eu fui buscar meu filho na minha mãe e passei por aqui, lembrei que eu tinha que entregar um documento. A qualquer hora, você entendeu? A gente não tem impedimento pra comunidade estar presente lá dentro. Mas isso tem que ser trabalhado. E lá ninguém fuma. Ninguém fuma. As pessoas vão pra calçado, os alunos, e se alguém entra fumando os próprios alunos falam "Olha, aqui a gente não fuma não."

Pesquisadora: Todo mundo cuida do valor?

Aurora: Todo mundo cuida. As plantas, todo mundo faz questão de pôr uma plantinha lá. "Ah! Deixa tirar uma mudinha?" "não! Mudinha a gente arranja de outro lugar; aqui é pra ficar bonito."

Sabe? Cuida das plantinhas, faz questão de ter o jardim. O jardim foi feito por eles. O ambiente tem que ser bom pra todos, não só pra equipe técnica e professores. A escolha da pintura são eles que decidem. Tudo. O projeto da rotatória durou seis meses, porque a gente também tem projetos na comunidade, no meio disso tudo, é muita coisa acontecendo. Projeto da comunidade, tem uma rotatória ali perto da igreja...

Pesquisadora: Aquela dos pneus?

Aurora: A dos pneus. Você sabe a história dela?

Pesquisadora: Não.

Aurora: Ali era um lugar onde jogavam até cachorro morto. Era horrível, era um depósito de lixo. E aquilo foi nos incomodando, a gente falava com a prefeitura, a prefeitura não dava nada... Projeto vamos cuidar da rotatória. E aí foi a pesquisa; começou com as pesquisas, tudo, a gente foi pra cá, foi pra lá, a subprefeitura não sabia dizer. Um dia apareceu um vereador perguntando, e ele falou: "Olha, eu acho que só não pode fechar a visão da rotatória; existe pra que tenha essa visão das quatro ruas que formam essa rotatória. De resto acho que vocês podem. Ah! não pode furar o asfalto; quebrar, tirar o asfalto. Mas vocês podem fazer o que vocês quiserem." E no dia da inauguração se você quiser eu venho... "Ah! Pra ele pôr a faixa dele, que ele contribuiu? De jeito nenhum!" Bom, começou o projeto: primeiro a solução. Não pode furar o asfalto, o que vamos fazer? Vamos fazer isso e aquilo. Pneus. Muito bom. Tira da natureza, ajuda. Mas como a gente vai pregar esse pneu se não pode furar, se deixar pneu solto, os meninos podem soltar de lá, descer aquela ladeira toda e acontecer um acidente lá embaixo na estrada de Itapeverica. Então, fio de aço pra amarrar todos os pneus. Aí dois pontos em cada ponto, poderia no asfalto. Eles vieram com aquela maquininha, furaram, os pneus estavam seguros com o fio de aço. A terra que poderia pôr. Que planta? Por causa do sol, quem vai regar? Mas foi feito um estudo... Até a colocação do

pneu teve votação. Pegamos tampinhas de refrigerante de demos pra cada sala e um pedaço de papel para colar como eles queriam que fosse e depois houve votação.

Pesquisadora: Com o projeto?

Aurora: Projeto pra tudo. Você entendeu? E nós plantamos e fizemos uma horta orgânica; todo mundo se favoreceu da horta. Agora tá meio abandonado. Uma hora abandona, estraga, volta, outro grupo quer cuidar. Mas olha, couve, rabanete, cenoura, tudo lá na primeira plantação, oferecemos pra todo mundo. As pessoas chegavam e pegavam ou ia embora. Agora estão pensando em mudar novamente, uma vez foi florida, todo mundo plantou flores e teve lá uma limpeza. Mas aí você cria esse negócio de pertencimento. Eu vou cuidar porque eu também faço parte, eu também contribuí pras coisas... E o estético né? A gente esquece do estético, do belo. Parece que morar na periferia, tudo tem que ser feio, tem que ser cinza, tem que ser sujo. Essa coisa... Eles falam mesmo, eles cuidam...

Uma vez eu estava na minha sala, lá em cima, quando estava lá, eu ouvi uma menina falar assim: "Eu marquei com meu namorado aqui, tomara que ele venha." Eu fiquei de olho pra entender. "Sabe o que é? Na minha casa não tem banheiro e eu tenho vergonha. E aqui é tão bonito. Eu convidei ele pra vir me buscar e gente janta aqui e usa o banheiro. E depois quando a gente vai pra casa, ele me deixa na esquina.

Eu falo assim: "Maridos, vocês se aproveitam da situação." "Vamos jantar fora, minha querida?" E leva pra jantar no CIEJA porque sabe que é muito bonito lá, jantar no jardim. Jantar ali. Porque assim, é um lugar que eles admiram pra frequentar. As escolas públicas deveriam ser assim. Sabe um lugar de... Eu penso num centro de estudo, onde eles entram, saem, vão na biblioteca, vão na sala de informática. Adquirem conhecimento, trocam conhecimento. As escolas públicas deveriam ser assim. Eu acho que a gente teria muito menos violência em tudo isso. Muito menos, muito menos, quando você começa a fechar, fechar, fechar, você fecha a violência também lá dentro. A violência que tá lá ela não dilui, ela não se espalha, ela não é diluída com a comunidade, ela fica só nela. Um dia ela explode, né?

Eu fiquei muito assustada - eu fui em Suzano - me chamaram pra conversar lá, saber a história dos meninos. Assim, incompreensível, né? Porque um dos meninos, até a namorada estudava naquele período em que ele chegou e começou a atirar. Quer dizer... Quando eu soube dessa notícia, eu fiquei pensando assim: "Ele tinha alguém aqui que tinha interesse, que tinha provocado nele um pouco de amorosidade, mas isso foi apagado até por conta do que?"

Pesquisadora: O que aconteceu...

Aurora: Por quê? O que aconteceu pra ele vir numa escola e fazer isso... É inexplicável. Mas enquanto a escola não for aberta, pra gente ir, conversar mais, pra comunidade poder participar, pra se sentirem fazendo parte... Muita coisa ia acontecer porque é à parte mesmo, essas escolas. Muito complicado.

E nossos jovens agora, cada um cada vez mais... Você vê no Ensino Médio - tenho ido a várias escolas de Ensino Médio - e querem ser protagonistas, querem sugerir, querem fazer projeto de vida, saído deles, não que outra pessoa traga pronto. É o maior desejo deles... A intervenção que houve na ocupação das escolas, era essa: deixa nós cuidarmos da escola, porque ela é nossa também. Deixa a gente cuidar, deixa a gente optar.

Agora é a última história... Estava eu lá, chega dois educadores sociais e falaram, Aurora, a polícia já passou pela escola, na escola do Estado, "Não conseguiram contornar a situação e tão pedindo pra gente ir lá, você vai conosco?" "Eu falei vou "Eu vou." A escola ficava num vale dentro do Jardim Ângela, um lugar bem, bem difícil; pobre mesmo. Eu chego lá, entro e tem maçãs em tudo quanto é canto: maçãs nas paredes, no chão, em tudo. Me levam na diretora, encontro ela agachada embaixo da mesa dela, encolhida. Falei: "Meu Deus, o que é que tá acontecendo?" "Você viu a polícia entrou aqui e foi embora. Falou que não era caso dela cuidar e foi embora." Por que? o menino fez esse levante. Chamaram a gente, a gente tá aqui, vamos sentar e conversar e começar a se acalmar que a gente vai resolver tudo isso.

Não sei como foi de repente esse menino começou a falar, vamos colocar esse pessoal pra fora que a escola é nossa, e levantou todo mundo e começou a tacar maçã, e começaram a quebrar tudo, a gente fechou tudo, não sabia o que fazer, porque lá cada andar tem grade né? Fecharam grades e deixaram eles no pátio. Se a senhora me permite eu vou lá conversar com ele e vou ver quem é o menino. Quando eu voltei pensei, bom assistente, se ele consegue mobilizar a escola toda seria um bom assistente. Ele falou sabe o que foi, a gente tinha um diretor aqui super legal, da comunidade, ele deixava a gente usar a escola, ele escutava a gente, fazia algumas coisas que a gente pedia aí se aposentou. Aí veio essa jararaca..." Eu disse: "Ela não é uma jararaca, ela é uma senhora..." "Meu, sabe a primeira coisa que ela fez? Foi tirar papel higiênico do banheiro, porque falou que a gente ia entupir os vasos e fazer bolinha pra jogar no teto, aqui não tinha isso, e como ela toma essa atitude sem perguntar e tirou os espelhos porque falou que numa briga a gente podia se cortar. E não foi só isso, ela fez isso e isso e isso..."

Vamos se acalmar? Vamos conversar um pouquinho? Os dois educadores sociais vem conversar aqui com vocês; vamos tentar ver o que vocês querem? Mas vamos fazer de uma maneira legal? Vamos sentar, conversar, depois vamos limpar toda essa sujeira. Eu ajudo também. Mas vamos ver o que aconteceu. Eu voltei e falei: "Minha senhora, o que aconteceu?" Ela falou: "É porque em toda escola que eu passo..." Os diretores do Estado eles são removidos pelo governo. Não são eles que escolhem, não são efetivos. É muito difícil, se está acontecendo alguma coisa, eles são removidos no meio do ano... Ela falou: "Em todas as escolas que eu vim eram esses problemas: entupirem os esgotos, fazerem isso... No espelho, os meninos..." Eu falei: "Então, eu acho que o grande problema foi você não ter conhecido antes a escola, você só veio e assumiu com a ideia de outras escolas. Eu acho que seria legal você ir lá na frente. Vamos escutar os meninos?" "Não! Eu não vou. Eu corro risco de vida." Eu falei: "Eu acho que não. Eu fui falar com eles e não corri risco de vida... Podem ser meus cabelos brancos, pode ser minha idade, tenho cara de vó, mas ajudou bastante. Vamos lá!" E ela foi. E os meninos: "Você faz isso! Você faz aquilo! Você faz aquilo!" Um menino... O moleque tinha 14 anos, mas olha, liderou tudo isso... Nós falamos: "Então, como é que nós vamos fazer?"

"Nós queremos os espelhos de volta." Eu falei: "Minha filha, nessa semana você providencia os espelhos de volta." "Não..." Eu falei: "Eu só estou te dando um conselho, porque eu não sei se posso vir uma segunda vez aqui. Vou fazer o que? Eles tão dando a dica. Papel higiênico volta amanhã." A merenda, parece que também eles tinha para pegar e ela começou a dar. Eu sei que ela mudou uma porção de coisas, com a ideia que ela tinha de

escola. Por isso que eu falo: tem que conhecer a comunidade em que você está, o que já acontece. Essa escola tem uma história.

Menina, vou te contar, esse menino... Eu falei. "Parabéns. Se você conseguir colocar ele como seu... Conquista ele! Fala pra ele assim: 'Vem me ajudar aqui, quando você estiver fora da sala de aula, me ajuda com isso? Porque ele lidera! Ele é liderança, menina! Ele vai te ajudar numa porção de coisas.'" Falei: "Libera a quadra. Era já liberada; a quadra tá aí e não aconteceu nada. Põe eles pra assumirem um compromisso, se sumir torneira, se estragar alguma coisa na quadra, eles são responsáveis. Sabe assim? Cria com eles algum vínculo." Mas ela não ficou. Um mês depois o governo tirou ela, porque foi de mal a pior outra vez e puseram um novo diretor.

Você entendeu como é difícil? Porque as pessoas, às vezes, vem com essa coisa de que a escola... Já traz um... A escola funciona dessa maneira! Escola pública é assim. Tem que fazer isso! Vem da onde? Quando eles falam assim pra mim: "Por que você faz determinadas coisas? Eu digo assim: "Onde tá escrito que não pode?" Ou senão pergunto assim: Por que não posso fazer?"

Quebrar essas coisas que já vem da escola pública: na escola pública você tem que entrar. Tem que fechar. Tem que ter rigor. Não pode isso! não pode aquilo.

Às vezes a comida é aquele passa prato e a pessoa que faz a comida também não é trabalhada, então ela entrega como se fosse uma ração...

Ai meu Deus! Quando eu vejo isso na escola... Nem cachorro que a gente cuida... Sabe? Então come. Tem comer dessa maneira...

Os adolescentes que chegam no CIEJA, menina, todos eles falam: o cheirinho de comida aqui é delicioso, mas a gente não come porque traz aquela ideia de que você come ração. E eles falam mesmo, verbalizam: "Comer ração." Não! Vocês passam e pegam o que vocês querem.

A prefeitura quando eu pedi comida, disse: "De jeito nenhum!" Eu falei: "Eles têm direito. A lei municipal fala que toda escola tem direito à refeição, nós vamos dar refeição." Mandaram tudo de plástico! E um passa prato "Eu quero bandeja, prato de vidro, garfo e faca." "Você tá é doida! Para Aqueles meninos..." Eu falei: "Eu me responsabilizo. Eles vão se servir." Aí eu falei: "Um pouco de humanidade. De olhar como pessoa que vai..." E aí você precisa ver... 250 almoços, 300 jantares. Ontem a moça ficou "Aurora, que organização! Eles vão passando, vão se servindo. Não controlo a fome de ninguém. Eles se servem. Eles sabem o que querem comer. Às vezes eles querem pôr o feijão em cima, o arroz embaixo, ou quer fazer caminha... Eu tenho que respeitar isso, se eu posso. Então por que eu tenho que chegar e pá, pá, pá, pum? [seguido de gestos imitando servir bruscamente].

Não é assim. E você humaniza também as relações com... As merendeiras fazem parte; são chamadas pra tudo. Estão na formação também. São valorizadas como educadoras. Elas não prestam serviço, elas são educadoras, e são valorizadas por isso.

Tem reunião semanal com a equipe da limpeza, com a equipe da alimentação, com a equipe que ajuda a inclusão, porque a gente quer escutar também. Elas têm ideias fantásticas pra sugerir, coisas que a gente não faz ideia, porque são coisas que fazem parte do serviço delas, né?

Então eles têm as bandejas. Agora entrou uma nova firma e ontem eu vi todas as bandejas todas bonitas lá, arrumadinhas. Se não tem bandeja, pega o prato na mão... Na minha

época falava: Pega a bandeja! Porque recebe a sobremesa junto, que é a fruta, ou a gelatina, ou o bolinho que tem. É com dignidade, sabe, é o mínimo que a gente pode oferecer. Senão você torna ele, como se fosse... Sinceramente, é uma palavra muito difícil, mas como se fosse um animal mesmo. Já na maneira do trato da alimentação. Toma! [seguido de gesto com a mão: imitando soltar bruscamente comida no prato].

E olha os próprios coletores que passam lá falam: "Dona Aurora, a única escola em que a sacolinha a gente leva na mão é no CIEJA. De todas as escolas que a gente passa... Tem escola que precisa dois, três pra carregar o saco de comida, de tanto que desperdiçam." Porque não querem comer, não está da maneira que eles querem. Não é servido da maneira que eles querem. Às vezes é obrigado a comer até o fim; ou senão, se quer só um pouquinho. Ou se quer mais também não pode repetir. E jogam fora mesmo, porque eles não comem. Lá no CIEJA não se deixa, eles comem tudo! Porque o que vai, é muito pouca coisa.

Porque o que não é aproveitado lá a gente usa na nossa... Nós vamos pôr gastronomia lá, a pedido deles. Eles pediram pro "i" do CIEJA ser gastronomia. Eu falei: "Onde nós vamos fazer uma cozinha industrial?" Aí nós achamos um chef de cozinha, chamado Edson, que é da periferia. Conseguimos uma cozinha todinha doada pelo Extra junto com a Nestlé. E ontem, começou um curso de panificação, que nós conseguimos todos os fornos com a Suvinil. Eles estão aprendendo a fazer pão e nós vamos distribuir pão, pra comunidade.

Pesquisadora: Impressionante!

Aurora: Você acredita? Você precisa conhecer a nossa cozinha industrial. Tá linda!

Então assim... Essas parcerias, ficar na escuta, estar atento a tudo isso. E eles comem mesmo. Nas escolas públicas, a gente escutava na escola regular: "Ah! Morto de fome, vem comer aqui, porque não come em casa."

Mesmo com vontade, no CIEJA nunca teve esse problema. Eles comem juntos, sentam na mesa, ficam conversando. A mesa propicia a troca. Então, muitas vezes eu tenho um cadeirante, que tá comendo lá com toda dificuldade dele, não tem problema. A gente tá pra ajudar. Tem um professor, tem um aluno, tem um morador de rua que passou e teve possibilidade de comer; e come junto. Eu acho que é você estar presente na comunidade, né? E ter respeito.

E essa turma, de moradores de rua, muitas vezes nos ajudam e acabam fazendo serviços de ajudar a cuidar dos utensílios; limpa pra gente o refeitório, sempre fazem alguma coisinha em agradecimento. Voltam a estudar quando vêm que a escola é aberta e permite a eles serem o que são, da maneira que são.

Então eu acho que é uma maneira de estar presente numa comunidade. Presente mesmo. Com todos os desafios que têm. Não vou falar que é tudo tão fácil também, a gente tem uns desafios para... Mas o que a gente faz coletivamente fica mais fácil pra resolver. Acho que é esse o ponto. Agora eu quero te escutar. O que você precisa de mais informação?

Pesquisadora: Não, é tudo bem-vindo o que você tá contando. É um projeto lindo. Ver as pessoas... Eu escuto muito você falar em humanidade...

Aurora: Eu acho que o principal, o que nós estamos passando... E eu tenho viajado muito, é essa coisa do afastamento... De olhar pro outro como um igual. Respeitando suas diferenças, mas olhando como um ser humano. É difícil, né? A gente fica criticando, fica julgando... Uma coisa que a gente precisou trabalhar bastante com os professores e com os funcionários foi o julgamento. "Ah! aquele folgado! Aquele isso..." Então, desde o começo

aqui não existe isso. Existe o seu João, dona Maria, existe o José, o Pedro, Ana. Sem julgamento...

O que eu aprendi... Eu falo muito do local que eu sempre convivi. Vai fazer 54 anos, em dezembro, que eu sou educadora de escola pública. Eu falo de onde eu vivi... A gente tem muito julgamento. Às vezes a criança vem pra escola... E aí quando você vai trabalhar com jovens e adultos, você vê... Você vai atender a mãe, você entende uma porção de coisa, né? Então quando vem a criança pra escola... "Esse menino vem desse jeito! A família não liga!" Julga muito. "Ah! Ela vem aqui, no dia da reunião, vem toda arrumada e o filho tá desarrumado." Fala... Tem muito, muito julgamento.

E a gente começou a perceber, trabalhando com educação de jovens e adultos, que às vezes, aquele momento da reunião pedagógica da criança, é o momento em que ela é ela, e ela não quer ser tratada, nem quer ser visto como menos, como uma menor. Então ela se arruma mesmo naquele momento. E ela chega falando porque ela também quer ter visibilidade, com medo que... Meu filho faz isso, faz aquilo. Mas no dia a dia é muito difícil manter... O filho na escola, saber se foi pra escola, porque ela está trabalhando. Se tomou banho, se trocou de roupa, se tem roupa pra trocar. É muito difícil.

Eu fico lembrando que, quantas vezes, até eu usei isso... Sei lá, em algum momento e depois fui pensando sobre isso: "A mãe vem toda, toda. E o filho largado!" Mas quando você começa a olhar pra essa mulher, olhar pra essa avó -agora temos muitas avós tomando conta de crianças - você vê como ela faz, o artifício que ela usa pra não ser tão discriminada em tudo isso.

Pesquisadora: Ela se preparou, né?

Aurora: Ela se prepara pra isso. E assim, as reuniões de pais também deveria ter outra coisa, sabe? Chamar de lado quando o aluno tem problema, mas exaltar as coisas boas. A gente nunca fala das coisas boas da criança ou do adolescente. E lá no CIEJA, a gente faz assim: julgamento não!

Tem julgamento? Recolhe a frase e tenta reformular de outra maneira, sem julgamento. Porque, às vezes, é um julgamento mesmo, não é nem o real, É o teu olhar só. Você tá olhando pra situação e tá fazendo aquele julgamento. A gente tem que pensar que pode ser de outra maneira, se você olhar, se você acolher, e entender também.

É igual aos meninos que não aprendem na escola. "Ah! Você é folgado." "Você você não quer." "Você não se prepara." E alguns amigos falam assim: "Me preparar como? Se nunca me deixaram... Nunca me prepararam." Porque também tem isso: a pessoa não olhar o quanto de responsabilidade dela, o lado dela... E fazer também com que esse menino aprenda.

A gente joga muito só pro jovem, o que é obrigação dele. E onde tá minha mediação nisso tudo? E a humildade de falar que, às vezes, eu não sei mesmo atingir. Então, o que eu tenho que fazer? Tenho que procurar ajuda. Mas isso vem na formação, no contato que eu tenho com outros colegas. Falar: "Olha, gente, eu tô nessa situação." Lá no CIEJA sempre tem novidade, assim. A gente tem uma senhora que não aprende, o que nós vamos fazer? E a gente vai atrás de ajuda, pra poder não pra julgar, mas ajudar a superar e a conquistar os objetivos dela, as expectativas dela quando chega no CIEJA.

Então eu acho que um pouco é isso... Você sabe que a gente pensa esse Brasil que está passando por esse momento. Porque o Brasil está passando mesmo por uma porção de

situações que nos deixam perplexas, mas eu acho que o caos é um bom momento pra mostrar uma... Sabe assim: olha, eu posso sugerir? Já que tá todo mundo no caos, perdido. Vamos fazer dessa maneira? 1:04:09 Eu vejo isso, se a gente vê objetivos, segurança, tudo... E sugestões. E ter a possibilidade maior de ser acolhida, porque tá um caos.

Mas em Portugal, quando eu estava lá com os jovens, também essa coisa... Como pensar nesse futuro, que a tecnologia mudou tanto... Comparando a revolução industrial, eu acho que é um pouco mais ainda, de maiores proporções. Como resolver tudo isso pro futuro? Então tá aí em balanço mesmo, mas se não incluir o jovem...

Nessa semana teve um grande apelo e as escolas estaduais trabalharam e estão sugerindo setembro seja o mês amarelo, contra o suicídio da juventude... Entender esse menino e essa menina, esse jovem, que está aí perdido mesmo. Confinado a isolamento, por causa de celular, e sabendo que não é uma vida real; uma vida produzida. E quando se depara com a vida real, o que vai fazer? Por que não encontra mais o acolhimento nos relacionamentos, cuidado. E a escola também não está muito preocupada. E a responsabilidade é do aluno; não é, é 50% da responsabilidade. Eu acho também que tem que ter o olhar, tem que ter motivação, tem que ter significado, porque ninguém fica onde também não tem significado, ficar perdendo seu tempo.

Até nós adultos né? Não ficamos em lugares... Quando você vê que não está legal, alguma coisa assim. Peraí! Vou dar um jeito de, ou não voltar, ou diminuir meu tempo, fazer alguma coisa. Porque não é satisfatório. Não é legal. E os meninos dão dicas, eles vão até o último instante. Quando eles começam a provocar a escola é porque eles estão ali: "Olha, me escuta. Eu tenho sugestão, eu posso fazer, eu posso ajudar, eu posso sugerir. Mesmo que você não vá atender, mas vamos discutir um pouco." E são coisas simples. Na verdade, eu acho que o aluno na escola ele só quer acolhido; e ter um tempo de escuta dele. Tem alguns que passam bem, aceitam e vão elaborando de outra maneira, mas tem aqueles que não elaboram muito e querem que a coisa seja resolvida mais rapidamente. São os meninos que falam "O que eu tô fazendo nessa vida?" "Esse morro já não me segura mais." Eu acho que é um desespero imenso, tirar a vida. Chegar ao ponto de tirar a vida, chegou mesmo na descrença total, de humanidade, de tudo...

Pesquisadora: De desesperança?

Aurora: De desesperança, né, do que vale a pena... E a mutilação? Meninas lá com automutilação e a gente vai conversar, elas falam: "Essa dor física é pra diminuir a dor mental..." De tanto pensar, pensar, pensar em tudo enquanto está ali sofrendo, aquela dor física dá um tempo pra mente. A menina me falou isso, eu fiquei assim: puxa! Aonde chegamos? Em deixar essas coisas acontecerem..

Mas é o momento também de começar a apontar soluções, escuta e colocar esses meninos... Nesse grupo de 43 adolescentes do mundo inteiro, tinha um menino português, tão gracinha, ele falou que, vai juntar dinheiro pra vir pro Brasil agora em... Acho que eles têm um tempo... Ele tava falando que ia ver se os pais deixavam ele vir. Ele conseguiu na hora recurso, porque colocou um projeto no encontro e um empresário estava lá pra ajudar o projeto falou: "Pode contar comigo que vamos descobrir mais." Ele ia fazer um espaço de formação de jovens pra pensar o futuro dos jovens. Quatorze anos; uma gracinha... Menino que meditava, todo cabeça... A refeição lá era vegetariana, até vegana, era o espaço onde nós estávamos para pensar em todo negócio da alimentação, então.. E ele falou: eu vou fazer um

curso de formação em Lisboa, pra formar jovens para intervir no futuro: Como a gente pensa nosso futuro? Porque escolher por nós, nós não queremos. Também queremos participar. E ele falou: "Eu vou pro Brasil." E eu falei: "Se você for pro Brasil, pode ficar até na minha casa; eu te acolho por lá. Fala pra teus pais... Mas se você ficar lá, eu duvido que você volte, hein? O Brasil é bem diferente." Pra ele era tudo surpresa o que a gente contava do Brasil e ele: "Eu queria conhecer, queria ver", porque o Brasil ainda lá fora, para todos os jovens, é um país onde tudo vive - mesmo com a violência que eles escutam - mas é um país onde vivem todas as diferenças... Com violência, com desigualdade, mas ainda assim. Porque eles são muito né, muito ainda... Iguais... E as diferenças assustam, o desconhecido assusta... E aqui nós, ninguém é desconhecido, é desconhecido quem se prepara ou deixa de ignorar. Se não todo mundo é conhecido, todo mundo convive no mesmo ambiente, no mesmo espaço. Lógico que a gente sabe da desigualdade, uma porção de problemas sociais, mas se a gente pensar bem, escutei meninos da Palestina e da Síria, em que a família - pelo menos na Palestina - a família morava desse lado direito da estrada, não pode atravessar pro lado esquerdo ver a família que ficou do lado esquerdo da rua. Da rua!. Na Palestina com tudo o que está acontecendo, as guerras e essas coisas todas. Então, por conta de questões religiosas... Quando fala que no Brasil vive tudo junto e misturado, pra eles, mesmo com desigualdade, eles acham que é o máximo viver assim.

Lógico que conhecem a desigualdade, mas superando tudo isso eles acham que é mais fácil superar isso do que ignorar o diferente, de matar o diferente, eliminar o diferente. É muito interessante, sabe essa visão.

E é o bom a gente ir; eu levei duas meninas e um menino, daqui de São Paulo... Fui a responsável por eles, mas foi muito interessante porque você vê que a gente tem que abrir esse olhar. Às vezes a gente tem verdades absolutas na escola, não se questione e quando aluno questiona fica muito brava, em determinadas coisas, mas que o outro país está fazendo... Que não é verdade... Construindo, trabalhando, divulgando, estudando de outra maneira diferente e está dando certo também, e tudo bem. A história do Brasil em Portugal é completamente diferente da história do Brasil que a gente conta aqui... Ele não foi calma, ele não trouxe Pedro Álvares Cabral, não. Já sabiam que tinha as terras por causa do tratado de Tordesilhas, que foi antes, anterior; foi proposital, foi preparado para isso. E Portugal... E olha, é impressionante como os jovens, todo momento pedindo assim: "Olha, não foi da nossa época, aconteceu..." Pedindo desculpas pelo que aconteceu com o Brasil e a maneira como dizimaram. É impressionante a conscientização desses jovens, e conhecer o Brasil. Eles falam: "Impressionante o que os colonizadores portugueses fizeram com o Brasil." É muito interessante. Eles pedem, no último dia, numa das falas da apresentação, fizeram questão de os portugueses lá reunidos pedir desculpas aos jovens brasileiros. Foi muito sensível da parte deles. Mas eles estudam a história do Brasil de outra maneira e a gente fica reprovando aluno aqui porque não sabe a história do Brasil da maneira que se conta. Você entendeu um pouco da lógica, que eu quero entrar? Nós podemos contar a história do Brasil, a gente continua, mas o aluno tem o direito de participar, ele pode questionar se isso é verdade ou não, ele pode argumentar, ele pode ampliar os conhecimentos.

Um professor português, com quem nós estamos conversando falou: "Aurora, Portugal está passando um momento, também, muito difícil." Não existe mais escola da Ponte porque tiraram o prédio deles e colocaram dentro de uma escola regular. Saiu dos prédios

que eles tinham, porque Pacheco veio pro Brasil deixou o filho, mas mudou o governo e ainda faz o Exame Nacional de norte a sul de Portugal, ainda para 6º ano, 9º ano. Então você pode fazer qualquer coisa, mas no 6º e no 9º ano você tem que estudar pro Exame Nacional. Quebra qualquer projeto. E na escola da ponte você pode trabalhar de segunda a quinta a apostila do governo e depois na sexta fazer projeto. Não existe esse retalhamento. Ou você faz ou não de outra maneira. E essas escolas estão procurando mesmo dar essa visibilidade, querem mudar essa coisa com o governo português.

E um professor falou pra mim: "Aurora, chegou no 6º ano [áudio incompreensível, um professor de história.... E apostila do governo que orienta, que usa, e é uma escola completamente diferente, os alunos escolhem o que querem estudar, fazem seus projetos de vida. Completamente diferente.

Tinha um trechinho da II Guerra Mundial, mas falamos muito pouco de como as aconteceram, e o menino de 11 anos falou: "Eu gostaria de saber mais da segunda Guerra Mundial. Ele falou: "Bom, agora não é o momento porque temos que terminar essa apostila, mas vamos ver para o ano que vem, 7º ano, vocês podem fazer seus projetos, a gente volta nisso." E ele estava perguntando, contando. Eu falei: "Joel, olha que maravilha um menino se interessar por isso, segunda Guerra Mundial, Alemanha e tudo. Porque você pode usar isso pra falar porque vocês defendem tanto a paz." Lá é uma escola em que eles defendem muito a paz; paz em todos os sentidos: com os animais, com os seres vivos todos; animais, vegetais. Tanto é que a alimentação é vegetariana e vegana. Cuidar das águas, cuidar do universo. E daí eu falei: "Você vai dar sentido a ele porque é que vocês vivem essa vida com tanto cuidado.

Porque não contei, mas eles sabem o que aconteceu com a Segunda Guerra Mundial, o holocausto. Ele falou: "É mesmo, Aurora." Eu falei. "Então, tudo tem uma justificativa, já que tem um significado pra você fazer. E não precisa ser aquilo contínuo, conteúdo assim: vamos aprender isso, isso, isso." Menino de onze anos querendo fazer tudo isso. Olha a abertura, incentivar as pesquisas, onde pode chegar um menino assim?

Eu acho que as escolas estão pedindo isso, que escute. Um menino agora de onze anos, com as redes sociais, com a facilidade de achar tudo, ele tem uma outra visão de mundo.

Pesquisadora: É tudo diferente: o acesso à informação...

Aurora: Tudo, tudo, completamente diferente. E você começa a escola: não! Agora você tem que estudar isso. Você tem que saber isso porque você vai passar pelo exame nacional.

E tinha uma professora portuguesa muito engraçada, a cada quatro palavras, uma era palavrão. Era muito engraçado, aquela fala arrastada. "Pois esse governo põe aquelas apostilas lá..." E agora depois de tanta discussão e briga da secretaria de Educação de lá, o Ministério de Educação deles, ele puseram a disciplina cidadania - tem um nome muito bonito -, só sei que envolve cidadania, envolve escutar um pouco a comunidade. Só que não fizeram formação; a pessoa pode ser qualquer professor vai lá, seguia a apostila que o governo quer. Ela falou: "Estão a nos enganar, não falam nada de cidadania, não cuida de nada, porque cidadania aqui..." Estão com problemas de saúde, problemas com idosos, fecharam alguns dos... Porque assim, Portugal é muito engraçadinho né, porque são as aldeias super pequenininhas onde vivem os idosos, porque os jovens saem de Portugal,. Não

tem emprego em Portugal; eles vão pra Alemanha, vão para Espanha, Dinamarca. E fazem lá 9 meses de trabalho depois voltam pra Portugal e ficam um tempo. E as aldeias são mesmo... Eu fui a várias; teve uma que tinha doze idosos e duas crianças na aldeia inteira. As casas todas fechadas. E são aldeias bem pequenininhas. A saúde o que fez? Tirou os ambulatórios e resumiu num lugar só, mas o idoso doente para ir até essa cidade mais próxima, cria uma... Então tá uma revolução em Portugal, porque pelo menos o médico que passasse uma vez por semana na aldeia, olhar para esses idosos que estão precisando de cuidados; são idosos!

Então estava nesse questionamento todo; eles têm problemas também a resolver, mas quando se fala na escola, eles também têm isso... As escolas que não tem... Fazem polos. As crianças sem do lugar onde elas estão e para ir a outro pólo. Chega lá também tem uma porção de problemas.

Então são coisas que tem que ser resolvidas, ainda, na educação. E os professores falavam: "A gente tem que ter esse direito de optar." E essa professora falava assim: "Tem que falar em cidadania. E falam que eu tenho que falar que está tudo bem. Não tá tudo bem, não. A gente ainda tem muita coisa pra conquistar. E o direito de nossos alunos não estudarem dessa maneira. Começa por aí" Foi muito engraçada essa professora portuguesa, porque ela tava brava e ela falava arrastado. E falava e brigava com o governo. Ela era muito divertida. Mas é uma queixa, porque às vezes os governos pra atender fazem coisas que também não são legais; e veem de cima pra baixo, também. Não escuta educador, não escuta. Então eles estão lá em Portugal também com cinco escolas querendo fazer uma.

Eu fui numa escola de ensino médio maaaaaravilhosa. Um quarteirão inteiro,. Tem tudo que você pode imaginar: restaurante maravilhoso, piscinas, quadras poliesportiva. Linda, linda, linda! Tinha até oliveira; um jardim no fundo com oliveira cheia de azeitonas - é época da colheita da azeitona -, horta com orgânico. Lindo! Um espaço maravilhoso! Prédio lindo, azulejo português pra todos os cantos nas salas. Maravilhosas. Sala de informática, sala de música. Tudo! Auditório. Toda equipada. Mas o ensino tradicional: entrava tinha uma apostila, fazia. E aí o professor... O diretor jovem, bem jovem, queria fazer diferente. Queria que eles escolhessem temas pra estudar, queria revolucionar. Cabecinha bem maluquinha também. Mas o governo estava bravo com ele. E ele até respondeu a uma porção de coisas, por que ele fazia o povo... E estava tentando também quebrar um pouco, fazia um pouco escondido... Lá eles chamam de inspetor, que passa pra ver, pra seguir as aulas. Eles faziam meio escondidas algumas coisas, mas ele estava tentando. Ele falou: "Queria escrever um projeto." Aí fui conversar com ele e como ele ia pra lei pra achar o que ele poderia fazer para ajudar os alunos. Ele falou: "Você me deu uma boa ideia. O Ministério da Educação enche a gente de lei e nos obrigando a fazer determinadas coisas e a gente cumpre. Mas vamos olhar para essa lei e ver se precisa ser dessa maneira, pra cumprir.

Então tinha cinco escolas. Inclusive alguém representante da escola da Ponte, que também estava super preocupada com tudo isso. Tamera, que é o lugar em que nós ficamos, a Ecovila. Esse Colons, que é esse diretor de ensino médio; uma professora de Lisboa; uma escola... A escola da Ponte e mais uma escola do norte de Portugal, no Porto. Cinco diretores se reunindo - diretores e diretoras - para tentar apresentar alguma coisa pro governo, inconformados que os alunos não estão gostando... Dessa maneira que tá sendo a educação lá em Portugal.

Aí eu fiquei sabendo que também tem na Grécia, o governo também oprime uma porção de coisas; não levam em consideração os jovens... E esse juvenzinho de quatorze, anos lá de Lisboa, que quer fazer esse curso de formação falou: "Nós temos o direito de pensar no nosso futuro. E poder optar, falar, o que queremos estudar, o que queremos aprofundar, o que queremos saber mais." Porque está todo mundo meio perdido com o avanço da tecnologia. Ninguém sabe pra onde leva tudo isso, não é? Ninguém sabe. De uma hora pra outra aparecem coisas aqui que ninguém imaginou que poderia existir. É só ver, começando com a Uber, quem diria que a Uber iria quebrar o monopólio de taxistas e fazer... O cara tem o mundo inteiro não tem um único carro no nome dele. Não é? Mudam as relações trabalhistas, mudam as relações sociais, muda uma porção de coisa. E esse é só um exemplo, existem tantos outros pras mudanças que esse jovem quer participar também. Porque ele tem ideias pra dar a esse mundo também.

Pesquisadora: E pelo que eu estou ouvindo você falar, eu estou ouvindo muito você falar da importância de ouvir, da importância de todo mundo se responsabilizar... De criar comunidade, né?

Aurora: Com certeza. Para resolver as questões da comunidade,; porque não adianta, o governo vem de fora e não dá conta. Veja São Paulo, só no município de São Paulo são 14 milhões de habitantes. Portugal inteiro está chegando a 11 milhões e está batendo palma; o país inteiro. Quer dizer, nós temos um país aqui. Como é que alguém dá... O Alexandre Schneider falava: "Quem é que dá conta de fazer tudo isso?" Então, se em cada comunidade a gente der autonomia para eles se organizarem, quanto que todo mundo sairia ganhando? Mas não, tem que ser igual pra todo mundo. Desconsidera... E ainda aquelas pessoas mais tradicionais dizem: "O governo falou que tem que ser assim. Aí eu pergunto: onde tá escrito?"

Pesquisadora: Tira o espaço da criatividade se não fizer isso.

Aurora: Da autonomia, da criatividade, do fazer... E de formar essa comunidade coesa, segura; em que um segura o outro. Essa é uma rede de sustentação que, puxa, pra essa comunidade... A comunidade do Capão Redondo é completamente diferente de Itaquera. Eu vou pra Itaquera, é outra. A base japonesa de lá, os costumes são outros. Então não dá pra cidade de São Paulo ser igual pra todo mundo. É impossível! Impossível! No centro é outro público. Um público que vive no centro, mas tem uma vida diferente. As pessoas são atraídas à educação de jovens e adultos... Ela tem que ter algo a mais, porque são pessoas que sofreram muita violência. Estão lá no centro para ser vista; os trans, os transsexuais, os usuários de drogas. De alguma maneira eles querem ser vistos, querem participar, mas são incluídos? Não são incluídos. Pelo contrário "Fecha essas portas, esse pessoal não cabe aqui dentro." É complicado...

Você sabe que eu tive uma experiência em Manaus incrível. O SESC me chamou, na verdade o SESC foi chamado pelo governo municipal de Manaus, com um padre, na igreja bem no cais; no cais de Manaus estava lá a igreja do padre. E ele começou a perceber que os carregadores e as pessoas que frequenta cais, tem prostituição, usuários de drogas, e todo tipo das pessoas mais invisíveis estavam lá. Ele começou a oferecer um prato de comida, e que, às vezes, era a única coisa que eles comiam durante o dia todo. Então ele servia uma sopa. E nessa conversa ele percebeu que 90% tinham abandonado a escola, então não sabiam ler e escrever, não tinham documentos, não tinham nada. Eram excluídos mesmo. Estavam lá sem visibilidade nenhuma; nem o governo sabia que tinham tantas pessoas nessa situação.

Ele pegou e falou com o governo e o governo falou assim: Ah, como a gente vai fazer? O SESC falou: "A gente pode fazer uma educação de jovens e adultos e ajudar um pouco." Aí foi muito interessante. Todas a fachadas dos prédios de Manaus são tombamento histórico; patrimônio histórico da humanidade você não pode mexer. Então mesmo que ela esteja toda deteriorada, porque não houve cuidado com isso... A janela está caindo, pendendo pro lado, não pode mudar.

Então o SESC escolheu um prédio, próximo à igreja; por fora, lógico, deram uma arrumada, uma ajeitada. Você entrava e tinha o que era de mais moderno. Tinha a recepção, você ia pro primeiro andar, só que você passava por uma porta de vidro que abria e fechava e tinha um teclado com senha. Você subia no primeiro andar: sala de informática maravilhosa. Segundo andar: salas de aula todas equipadas. Terceiro andar... Só que para entrar de um andar pro outro tinham essas portas...

Pesquisadora: Com senha?

Aurora: Com senha! Eu fiquei meio assim... Olhando. Mas tudo bem. Fui falar com os professores e eles: "A área é muito perigosa." E eu percebi que quando eles me levavam, eles me levavam na porta, e abriam a porta e um segurança, já com a porta aberta, e eu entrava pra dentro, correndo. E no dia seguinte... No dia seguinte, eu pedi pro motorista me deixar na esquina. Menina, quase morreram... Nós somos responsáveis pela sua vida, é perigoso..". E não sei o que lá.... E no meio da calçada, rolou uma bola, veio uma criança atrás eu peguei a bola, conversei. A mãe veio junto, conversando qualquer coisa. Quando eu cheguei lá, falaram assim: "O que foi que aconteceu? Falaram com você? Te ameaçaram?" Eu falei: "Gente! Era uma criança, uma bola e uma mãe!" "Não. Porque é tudo muito perigoso aqui. A gente convive com o tráfico... Aquele prédio em frente é o dono do tráfico..." Eu falei: "Tudo bem, mas eu vou dizer uma coisa pra vocês: enquanto vocês não arreganharem e tirarem essas portas todas e não deixarem esse pessoal invadir esse prédio, vocês vão continuar sem..." Me chamaram porque não tinham alunos. Não era convidativo, você ia chegar num prédio onde logo de cara você tem que falar uma senha? Segurança na porta pra entrar na recepção?

No primeiro andar você tem esperar alguém abrir a porta para você usar a informática? No segundo andar, pra ir na sala de aula você tinha que usar uma segurança? Que nem era dada pra você, era dada por uma funcionária que ficava ali. Eu digo "Gente, vocês estão excluindo tudo, isso nunca vai ter... Olha, eu se fosse vocês, o SESC tem uma coisa maravilhosa... Arreganha tudo, tira documento, faz um dia de cabeleireiro, de beleza; vocês têm condições pra tudo isso. Faça tudo isso. Eles não são perigosos até você provoque essa violência. Mas mostra que vocês vieram aqui pra contribuir, pra receber. Vocês têm condições pra isso. Os professores... Os professores não admitiram... "É que você não vive aqui, você não sabe." Eu digo: "Gente, eu vivo num bairro igualzinho. E a escola é aberta. Se você não abrir, não criar vínculo, se você não chamar, se não convidar, eles não virão pra cá, não entrarão no prédio. Vocês têm duas, três alunas aqui porque alguém disse, conhecia alguém, funcionário daqui. Mas espontaneamente ninguém vem pra cá. Inclusive não sabe o que acontece com essas portas que abre e fecha logo de cara." Eu falei: "Abre essa porta, deixa eles entrarem na recepção, deixa as crianças entrarem, cachorro, papagaio. Qual é o problema? A gente cultiva o medo, vamos esquecer esse medo e ter mais confiança nessas coisas."

Mas foi muito interessante... Eu andando a pé eu fui até a igreja a pé. Eles "Mas sou responsável pela sua segurança." Eu falei: "Eu sou responsável por mim mesma. Eu vou até a igreja porque eu quero conhecer esse povo e não vai ter problema nenhum. Não vai me acontecer nada." Mas mandaram mesmo assim alguém atrás de mim, pra me seguir. A moça não quis nem ir comigo, com medo. Falei: "Gente, eu vou até a igreja, vou atravessar a rua, vou por a mão lá na aguinha do rio Amazonas. E falar estive aqui no Rio Amazonas." Brinquei, fazendo caso. Sabe quando você já vai criando as barreiras? Como é que você vai ter uma educação de jovens e adultos se está com tudo fechado, por causa de... "Não! É nossa segurança." Segurança de quem? Quem for trabalhar aqui tem que saber que é isso. Que tem que ser aberto... Que tem que ter... Mesmo que tenha medo, medo pode ser uma barreira pra te ajudar, mas não pode ultrapassar a coisa que você tá fazendo, o objetivo que vocês têm aqui.

Eu falei: "Abre. Oferece curso de beleza de um dia e vocês vão ver como as pessoas perdem um pouco do receio. E já vai passar pro outro..." E assim, eu também tenho as biqueiras lá; no CIEJA tem uma cada canto. Tem uma na viela, uma na praça... Não é um motivo que me impede. Sabe? Do portão pra dentro fazer o reforço positivo, explicar. Eu não vou condenar. Não cabe a mim. Cabe a outros órgãos. Mas tudo bem? Tudo bem. Eu entrar na biqueira pra ajudar menino? Já fiz isso. Mas é uma coisa que eu fiz por, sei lá... Essa coisa de mãe e vó que tenho, de proteção. É uma coisa que não tem que me assustar, não tem que fazer com que... Por esse meu imaginário, então precisa. "Ah! Precisa ter uma porta, sim." "Precisa ter um segurança, sim." "Precisa ser dessa maneira, sim." Sabe? É o meu medo que está produzindo tudo isso. E se a gente fizer diferente?"

Menina, eu fiquei dois dias lá, mas os professores irredutíveis. "É... Porque você não vive; aqui é o lugar mais pobre e mais violento." Eu falei: "Tenho certeza que não é. Eu fui até a igreja, voltei." Lógico que é um lugar que, como todo cais do porto, é sujo, é úmido. Feira lá... Todos os odores que tem de carga que está chegando. É uma bagunça sim. Do próprio trabalho, com carga e descarga de mercadorias. As pessoas vendendo de tudo. Os que estavam lá, carregadores, prá lá e pra cá, uma gritaria de pegar a carga. Era um cais.

Pesquisadora: A dinâmica local?

Aurora: Dinâmica local. Falei: "Mas isso não impede que eu pense, estando nesse local, de uma maneira diferente. Não dá pra entrar." E tinha professores que levantaram e não ficaram na minha fala. Mas eu falei: "Se vocês querem ajuda, já falei o que vocês têm que começar a fazer. Eu posso ajudar."

Eu falei: "Vocês sabem o que eles querem aprender aqui?" "Imagina o que eles querem aprender? Eles não sabem nada." Falei: "Então... Olha o preconceito e o julgamento. Será que eles não sabem viver mais do que nós? Na proteção que a gente anda? Eles não precisam saber viver melhor? Sair da situação de violência, sobreviver... O prato de comida do padre, saber se vai ter alimento; cuidar das crianças nesse contexto. Talvez eles tenham muito mais a nos ensinar do que nós a ensinar a eles. Mas é uma troca. Eles também precisam desse conhecimento sistematizado. Vocês também têm que estar abertos a como eles vão se abrir a receber esse conhecimento. Mas é muito difícil. Como é difícil. Os professores não... Teve professor que levantou e foi embora, falou: "Não! Eu dou minha aula de Química aqui dessa maneira." Tudo bem.

Pesquisadora: Uma condição especial que precisa de ações especiais?

Aurora: É uma condição especial!

Quando eles aceitaram fazer o prédio lá, sabiam que era pra atender uma demanda. E agora você quer trazer uma escola de um lugar mais sossegado, mais... Sei lá... Não posso falar civilizado: mais cuidado, mais cuidado. Porque ali a gente vê que falta políticas públicas, falta mesmo! É um descaso total com uma porção de coisas. **Está ali dentro desse ambiente, não vai.** Então comece dessa maneira, abrindo, acolhendo, depois até as mudanças ocorrerão, com certeza. O Capão Redondo mudou tanto, mas primeiro você tem que chegar a eles.

Pesquisadora: Como você falou da outra diretora: traz uma lógica de outro lugar...

Aurora: Você traz uma lógica de outro lugar e quer aplicar ali, como se fosse dessa maneira. Não é!

Sabe... "Eu sou professora de Química, eu dou minha aula de Química. Aprenda... Tem que estar aqui pra aprender." Falei assim: "Tudo bem, professor, eu também acho, mas desde que você inclua o aluno. Se não a Química é sua. Você vem com esse conhecimento e volta com ele pra casa. Por que você conseguiu que seu aluno entendesse?"

Eles veem muito bem. Precisa saber o que me traz, qual é o meu entusiasmo, a expectativa de ser um professor nesse lugar. Se não é só financeiro? E usar essas desculpas pra poder me envolver mais, fazer mudanças. E eles tinham tudo: tinham formação... O SESC fez o prédio ficar realmente muito bom, mas não tinha aluno.

Pesquisadora: Realmente, uma escola sem alunos...

Aurora: Tinha, na verdade, tinha três senhoras que alguém indicou. Senhoras mesmo, mas jovem... E jovem eu digo com idade de 25 a 30 anos, não tinha. Adolescentes muito menos; nem entravam. Eram excluídos já na hora que abria a portinha. Abre e fecha com o segurança na porta.

Pesquisadora: E o que é uma escola sem alunos?

Aurora: Não existe. Eu falei: "A tendência é terminar o contrato de vocês no final do ano. Ou vocês darem algum resultado positivo a tudo isso. A situação tá posta. É pra atender especificamente esse público; foram claros quando fizeram a escola, quando se candidataram a serem professores, passaram nas avaliações, sabiam que era esse público... A escola estava lá pra isso, pra atender esse público. Foi um pedido do governo e do padre - padre super simpático, super humano, preocupadíssimo -, ele falou "Mas, não tá dando resultado, não é, professora?" "Se eles fizessem como o senhor, abrisse a igreja e desse um prato de pra cada um. Deixassem, num dia de muito frio, dormir na igreja, escola aberta." Não importa, o prédio é físico. Ensinar a usar e a cuidar desse espaço que acolhe, e por isso tem que ser mantido, tem que ser cuidado. Não tinha, mas eles poderiam ter todos os computadores de última geração, eles poderiam ter tudo que nada iria ser roubado, depredado, nem nada, porque saberiam que aquilo lá era também uma maneira de acolher e colocá-los numa situação melhor. Mas isso na igreja. Lá, infelizmente...

Essa preocupação com a minha segurança foi incrível. Eu tô voltando agora, pra lá, em novembro. Vou pra Manaus ficar cinco dias, depois quatro dias em João Pessoa e em Natal. Também em semanas pedagógicas que fizeram mais ou menos próximas, eu vou ficar lá. Quando eu for em Manaus, vou voltar lá na igreja pra saber qual foi a situação. Porque é impressionante pra saber dessa situação... Tinha tudo pra dar certo: tinha grana, tinha... Mas as pessoas não se sensibilizaram para a causa. Educadores de um objetivo específico.

Pesquisadora: Você está falando muito de um tipo de abertura né, que precisa ter pra...

Aurora: Sim, sim, sim... Porque o que me deixa... E que às vezes eu fico brava e falo... Porque é uma escolha pessoal. Ninguém foi obrigado e não caiu de paraquedas... Quando você vai pra educação, você sabe que se você for para uma escola pública, ou para situações assim, cobra das pessoas que se candidatam a trabalhar no CIEJA - que é um processo avaliativo seletivo - já sabe que tem ali uma coisa diferente, então ela tem que trazer, no mínimo, alguma intenção de 'eu vou entender tudo isso.' 'Vou contribuir com aquilo que eu posso'. E se não tivesse aceito, também vou embora. E está tudo bem. Mas eu tenho que saber o que eu estou fazendo. Sinceramente, eu acho que, a educação fala muito em receber pouco e tem um trabalho... Eu também acho que a gente tem que melhorar as condições, mas dinheiro é consequência. Porque quando eu escolho em ser educador, eu não tenho que pensar no salário... É lógico que é uma sobrevivência, eu tenho que pensar também, valorizar o que eu faço, não é assim ao extremo. Mas quando fica na escolha só pelo salário ou pela estabilidade em escola pública ou porque tem férias duas vezes no ano; isso me incomoda um pouco. Primeiro pensar na minha responsabilidade, porque você muda gerações, porque você fica 25 anos; são 2, 3 gerações. A minha responsabilidade... Se é isso mesmo que me satisfaz pra ensinar uma pessoa, que também vai aprender; dar e receber. Educação é isso; é igual médico. Quem lida com vidas. E nós estamos lidando com vidas.

Ontem ainda escutei isso. Um educador falou assim: "A única escola do mundo em que ele as pessoas voltam pra agradecer é no CIEJA" Porque eles voltam pra contar se casou, se desquitou, se perdeu filho, se teve filho, pra ser madrinha de casamento. Porque a satisfação do acolhimento de saber que está ali pra isso mesmo: pra comemorar junto. Mas é isso, a escola não cria um vínculo e se o aluno vai embora também, puxa, foi ele quem quis. E um pouco da nossa responsabilidade de falar: "Por que ele foi?" Se ele voltou, principalmente em educação de jovens e adultos, a gente fica muito preocupado porque, pra voltar, minha filha, é uma luta. Como é que inclui escola nos afazeres adultos, ou jovens. É muita responsabilidade e ainda encontrar um tempinho pra voltar a estudar.

Então, precisa saber. Se não é falar: "Isso não foi legal, vamos ver como a gente pode fazer, como a gente pode ajudar?" E a gente faz todos os recursos que tem. Falta um tempo, a gente liga. E fala que pode repor com um trabalho, senão vem aqui faz alguma coisa. É pra ajudar mesmo... E isso vai criando o vínculo. Ele fala: "Estão afim mesmo de me ajudar. Então eu também tenho que cooperar. Estão se preocupando comigo. Então é por isso que a gente não fala da evasão como uma coisa... Evasão pra nós é um assunto pra ser muito bem... É aquele que vem e diz assim: "Olha, eu não quero essa escola. Eu estou evadindo porque é ruim pra mim. Não quero mesmo." E põe o motivo. Mas enquanto está nesse ir e vir, é também o oscilar na vida dele: arranja emprego, horário, muda de emprego, aluguel de casa, vai pra outro lugar. A gente também tem que ter todo esse contexto social, acompanhado ou não o estudante de educação de jovens e adultos. A mãe que arranja emprego, sai do emprego, marido não deixa, deixa. É muita coisa. Tem muitas situações em que a gente tem que ver o que é evasão mesmo. Tem pessoa que ficam afastadas um ano. E fala assim: "Agora eu voltei. Sabia que a escola estaria aberta, pra poder voltar. Resolvi meus problemas, mas ainda tem alguns pra resolver." É isso que a escola é: acolhedora. Pôr todos pra dentro, e não pra botar pra fora. É uma pena! É uma pena!

Mas, eu continuo; eu acho que enquanto eu puder, eu vou continuar lutando porque tudo isso, que é uma coisa que eu acredito muito, muito, muito. Eu acho que essas palavras são muito usadas, de Paulo Freire, mas eu acredito fielmente nelas desde o momento em que fui procurá-lo: a educação não transforma o mundo, mas transforma as pessoas e as essas pessoas é que vão transformar o mundo; porque eu vejo isso. Se você sabe as histórias você vê como muda a vida deles, a todo momento a gente está vendo mudança. E não é ficar rico, nem arranjar emprego, mas, ter um pouco de segurança de qual é o meu papel nesse momento, nessa vida, com minha família, com meu entorno; o que eu posso cooperar, como posso ser mais feliz. Sair um pouco dessa violência... Quantas mulheres não começam no CIEJA e a primeira coisa a fazer é mandar embora o marido violento.

[risadas]

Primeira coisa, ela falando assim: "Dona Aurora, me livrei daquele traste." Porque começa a discussão de valorização de vida. Você vai ficar com um cara que em palavras e atitudes acaba com você? Que momento é você? [áudio incompreensível] Uma vez fez essa observação: a senhora tem muito mais mulheres do que homem, aqui, na escola? Falei: "Com certeza. 65% são mulheres. Guerreiras que vem com todo acúmulo de serviço e ainda dá conta de estudar." Porque quer, né, fazer isso acontecer.

Cada vez eu vou lembrando de histórias. Uma vez eu estava lá na secretaria, eu vi uma mulher entrar correndo, trazendo um carrinho de feira, arrastando... "Dona Aurora, Dona Aurora. Eu tô chegando agora porque é a hora que a patroa deixou eu sair." Eu: "Entra, sem fazer... Porque a aula está acontecendo; senta quietinha lá e presta atenção. E tudo bem." "Não! Eu não cheguei no horário." "Tudo bem."

E assim foi. Quando chegou o dia da formatura, eu chamei. Ela falou: "A senhora dá licença de falar?" Ela falou: "Gente, gente eu quero dizer pra vocês que eu só tô me formando, e agora eu vou poder arranjar um emprego de supervisora de limpeza, e cuidar das minhas quatro filhas sozinha, que eu cuido, porque vocês me deram oportunidade. Primeiro a Dona Aurora, depois vocês. Porque foi assim: quando ela me via, eu chegando atrasada, ela falava "Vai, vai, vai!" E vocês também entenderam." Porque quando ela chegava e sentava, os alunos falavam "Está nessa situação." Davam pra ela o esquema. A mesa acolheu. Quando você começa a acolher, você também espalha essa coisa do acolhimento. "Olha, o professor já fez isso. Tem que responder isso." E ela falou: "Não importa. Mas eu fazia de tudo pra chegar aqui, nem que fosse meia hora final" E a escola fecha o portão e não deixa mais entrar. Porque eu sabia que eu tinha ali eu levava pra casa e terminava a lição. No dia seguinte, eu mostrava pros professores e pros colegas. E assim eu fui participando e hoje eu tô me formando. E a empresa falou que posso me candidatar ao emprego de supervisora."

Mas ela chorava e chorava todo mundo, minha filha. Porque assim: oportunidade. Uma mulher, lutadora, quatro meninas e ela tinha que estudar. Se se ela ficasse esperando porque tinha que esperar na hora em que abre o portão, às oito horas. Como é que iam ficar em casa quatro crianças pequenas. Não. Ela estudava das 5h30 as 8h00. Ia pra casa, dava tempo de dar jantar, botar as crianças na cama.

É você ajeitar uma escola pra atender a demanda. E ela se formou. Foi emocionante a formatura dela.

Eu tenho formaturas que você não acredita. Chega o dia da formatura., falam assim: "Formatura dos meninos, já são grandes..." Mas é um rito de passagem, igual a noivado,

casamento... Precisa ter o ritual todo. E estou eu na formatura, e ele chorava, chorava. "Eu quero só quero agradecer, Dona Aurora. Agradecer. Eu falei: "Agradecer o quê?" "Porque eu tô me formando hoje." "Ah, você mereceu. Tudo bem." E esperando outro pra ser chamado... Ele falou: "Não. É que cheguei aqui pra entregar uma carta, um telegrama de uma empresa, e a senhora falou assim: 'o que que você tá fazendo aqui? Estuda?' "Não, parei." E porque não vai pra sala de aula? Vá pra sala de aula!" "E eu fui. E tô me formando.."

Porque eu era assim, via os meninos por lá e falava assim: "O que está fazendo aqui? Vai pra sala de aula; vai pra isso. O que está acontecendo. Lugar do nada... E esse veio entregar qualquer coisa pra alguém. "O que está fazendo fora..." "Mas eu posso estudar hoje?" "O que você está fazendo aqui? Vá lá estudar..."

Pesquisadora: E ele voltou a estudar...

Aurora: E ele voltou a estudar...

Pesquisadora: Que legal...

[risadas]

Aurora: Então aconteceu muito assim. Apareceu um menino, o André que chegou lá descalço, todo sujo, pedindo um prato de comida - na época nós ainda não tínhamos comida -, eu falei: "Eu não tenho comida, mas tenho minha marmitta que dá pra dividir com você, tudo bem?" Ele falou: "É porque eu não como há três dias." E se via que ele vinha usando droga; estava muito afetado pela droga. Aí eu falei: "Por que você não estuda?" Aí ele: "Quem é que vai me dar oportunidade desse jeito, pra estudar? Eu moro ali no Parque Santo Dias, me afastei da minha vó. Meu pai e minha mãe não conheço." Eu falei: "Volta aqui amanhã. Você vai estudar aqui." "Mas eu não tenho documento." Eu disse: "Depois a gente resolve isso. Volte a estudar." No dia seguinte ele já veio de havaiana, veio um pouquinho mais arrumado. Ele começou a estudar. Aí eu fui no piso azul e falei: "Gente, quem é que me acolhe um menino, em algum lugar, pra ele ficar enquanto estuda?" Aí um rapaz de uma mecânica falou: "Eu tenho um quartinho lá, eu só coloco peças, a maior bagunça. Se ele quiser arrumar e a gente arrumar uma cama, ele pode ficar comigo, porque a minha garagem, mas é do lado." Esse menino ficou com ele, ajudava na oficina e estudava no CIEJA. Conseguimos encontrar a avó. Ele se formou no CIEJA, se formou no ensino médio, ele só não se foi pra universidade porque a avó ficou doente e ele foi cuidar da avó. Ele fez um curso de cabeleireiro e abriu um salãozinho na casa da avó, num pedacinho que tinha lá. Cortava cabelo, fazia barba, se casou, teve um filho... O André, morador de rua. Ele faz questão de dizer: "Lembra quando eu cheguei aqui descalço, maltrapilho?" Largou as drogas completamente. Quando encontrou a vó fez a promessa pra ela que ia largar as drogas. Então ele falou: "Você lembra quando eu cheguei aqui? Eu só tava o pó da rabiola. Eu tava horrível, sujo, nojento. Você nem se importou de me dá um abraço. E tava fedido."

Tem uma coisa que... Uma vez o Instituto de Psicologia me levou lá na USP pra ver como é que eu raciocinava pra ter essas ideias malucas.

[risadas]

Não chegaram à conclusão nenhuma, mas eu passei lá uns três dias conversando com o pessoal. Tem uma coisa que eu identifico: você pra ser educador ou tratar qualquer profissão que escolha em que você tenha que lidar com gente, você tem que gostar de gente. Eu gosto de gente. Então se eu tiver que abraçar, não faz mal. Eu fui comer debaixo da ponte

da João Dias, com moradores de rua que me fizeram jantar. A comida me foi entregue em latinha de ervilha, super limpinha e arrumadinha. Eu estava comendo lá.

Quando eu apareci, eles não acreditaram - era um casal. Eles falaram: "Um dia, se a gente convidar, você vai no nosso barraco?" Falei: "Com o maior prazer." E fui. E me senti muito bem e à vontade, porque eu gosto de gente. E eu acho que eu vejo além das coisas. Entendeu?

Você entendeu? E esse menino... Lógico, o menino virado no crack sujo, sem tomar banho. Desagradável, mas se eu não acolhesse ele, não fizesse... Como é que ele ia acreditar que tinha alguém que poderia ajudar? Pessoas pra tocar, para falar "Sai!"; é isso mesmo: é um drogado não tem solução é muito maior do que as pessoas falam "Venha que a gente consegue te ajudar." Tem muita gente assim, que mudou de vida... É impressionante a extensão do CIEJA. É não é a mim; lógico. Tem todos os funcionários, professores, que acreditaram nisso. Funcionários que acreditou nisso. A comunidade que acreditou nisso.

Eu era a que segurava essas coisas pra acontecer. Eu costurava isso, como faz o Douglas agora. Das sete da manhã às onze da noite. Viúva, sozinha; pra mim, eu encontrei um pouco pra viver minha vida... Tive esse presente, de fazer tudo isso lá no CIEJA.

Mas também não era esse tempo todo lá, porque eu visitava comunidades, os parceiros. Ia procurar... Porque a gente estava fazendo isso lá há muito tempo sozinhos, mas quando foi em 2004, a Helena Singer já fez o pós-doutorado dela lá conosco. Ela era presidente das escolas democráticas internacionais. Escola democrática onde o aluno estudava o que queria estudar; muitos pais pagavam pra manter essa escola. E ela precisava fazer o pós-doutorado e falaram assim pra ela: "Tem uma maluca, lá no Capão Redondo, até hoje - ela fala, mas é minha madrinha querida - e tá fazendo isso em escola pública; é aberto, os alunos escolhem o que querem estudar, cuidam da escola, fazem isso..." Durante dois anos, ela vinha toda quarta-feira à tarde. Ela passou por tudo isso ela. Ela entrava e ia na comunidade. E falava: "Aurora, precisa fazer isso." E ela fez o pós-doutorado dela com o CIEJA e ela deu visibilidade. Eu chamava ela de madrinha porque o encontro de EJA, no Ginásio do Ibirapuera, lotado de gente; convidados do Brasil inteiro; ia falar sobre EJA e ela falou: "Vou levar uma pessoa especial. E eu falo sobre EJA". Essa coisa social, porque ela é socióloga. Eles voltaram a estudar, mas eu quero mandar uma pessoa que está pé no chão. E aí ela deu visibilidade para nós. Por isso que eu agradeço eternamente a ela. Uma querida para nós.

Quando ela sabe que tem alguma coisa, ela fala: "Aurora, vai lá. Vamos lá comigo." Me levou a vários lugares, por conta disso. Ela deu essa visibilidade para nós irmos mostrar que a educação de jovens e adultos... Por isso foi crescendo dentro de mim... Porque a gente estava fazendo isso lá; estava dando super certo, a gente fazia. Lógico que problema para resolver isso, aqui e aquilo. Problemas com a polícia, problemas com os vizinhos, problemas... Com a própria supervisão, mas a gente estava resolvendo entre nós. Mas como começou a visibilidade quando ela falou "Eu vou fazer meu pós-doutorado aqui e contar o que é CIEJA."

Todo mundo queria saber como era essa educação de jovens e adultos diferente. Eu agradeço muito a essas pessoas todas que ajudaram a gente a pensar.

E até hoje, como eu falei ontem, a menina falou assim: "A senhora mudou minha vida, porque eu trabalho numa escola e vivo falando pra diretora: 'Vamos mudar? Dá para

fazer de maneira diferente.' E a diretora fala ;'Imagina! Isso não dá. Tem que ser dessa maneira.' E ela fala assim: Eu aprendi com uma educadora que... "Onde está escrito? A gente pode arriscar a fazer as coisas diferentes."

[risadas]

Eu falei: "Cuidado! Se não você vai ser mandada embora." Escola particular... Ela falou: "Estou mudando algumas coisas na minha sala de aula." Mexendo um pouquinho. Quem ganha é a própria criança, o aluno... Ser autônomo, produzir conhecimento, cultura. E poder participar disso tudo.

Nossas crianças agora são muito inteligentes pra ficar só sentada, por quatro horas, só recebendo e obedecendo ordens. Imagina! Eles são extremamente inteligentes. Tem cada tirada? Impressionante.

Eu vejo pela minha neta, pelos meus netos. Eles falam coisas que eu eu... "Pequeninha desse jeito e está pensando dessa maneira!" Criança é evolução. É a vida evoluindo.

Pesquisadora: Então mudou muito com as gerações?

Aurora: Mudou! Muito, muito, muito, muito. Da minha para agora, a da minha neta? Deus!! A gente era obrigada a algumas coisas, não tinha voz, não tinha vez. Era obrigada a fazer determinadas coisas; obedecer. Mas sem saber por quê. Agora a gente tem que explicar o porquê para ele entender; entendeu, obedeceu. E a vida continua. Senão vai ficar martelando até falar: "Me explica o quê que eu tô fazendo e por que você quer que eu faça." É só explicar. Mas tem que explicar.

Pesquisadora: Achar o sentido das coisas?

Aurora: Achar o sentido... As crianças agora não fazem as coisas sem sentido. Antes a gente fazia porque a mãe mandou, ou o pai mandou. Marido mandou... Agora não. Eu faço desde que eu entenda. Porque também posso fazer de uma outra maneira. Ainda dão sugestões.

[risadas]

Minha neta de quatro anos ainda sugere como pode ser. Ela fala: "Mãe, você briga muito comigo. Eu contar pra minha avó que você briga muito comigo pra ela brigar com você também; porque não é justo, não é justo o que você tá fazendo. Eu quero ver se a minha avó vai concordar com o que você tá fazendo."

[risadas]

Com dois anos, deram um peixe para ela de presente. Ela mora na roça; numa cidadezinha com 800 habitantes. E foram num pesqueiro, trouxeram peixe pra ela pescado, de presente. E falaram: "Olha! Nós vamos fazer na brasa, esse peixinho." Ela olhou e falou: "Não vai não!" Saiu correndo e jogou o peixe no rio. E desse dia em diante ela olha pra comida e fala: "Tem bichinho? Se tem bichinho, não como. Bichinho não é pra comer." Dois anos e pouco... E ela já é vegetariana. E ela tem uma coisa com os animais que é impressionante. Uma criança com essa idade... Consciência, não sabe de onde... Mas traz a consciência de que o bichinho não é pra comer, mas bichinho é pra viver junto e você cuidar; tem outras coisas para comer. Você não vai falar que é mais evoluído do que... Do que outras gerações que faziam as coisas, e aconteciam. E acontecia tanta coisa por falta de falta de evolução, esclarecimento.

A última dela foi: "Mamãe, achei a minhoca colorida, linda." Ela "Filha, que minhoca colorida linda é essa?" "Pera aí, que eu vou te mostrar." Filhote de uma coral.

Quando a minha filha falou, só falou assim: "Filha, devagar, solta; solta a cobrinha." "Não. É minhoca, mamãe." "Solta. Deixa ela ir embora." A minhoquinha saiu mais desesperada do que outra coisa. Acho que ela estava apertando. E minha filha precisou falar pra ela o que era cobra e o que era minhoca. Ela é assim. 1:59:44 Mas ela é assim com os animais. Pra ela é 'de boa'. Não tem medo. Ela entra no pasto para conversar com as vacas, cuidar das vacas, sem medo nenhum.

Esses seres agora vão pra escola e tem que aprender a ficar sentada e não fazer nada.

Meu genro entra com o cesto de ração para dar para o cavalo, que ela tem, o Chocolate, que estava no pasto. E no meio do caminho o cesto caiu, ele voltou correndo porque os cavalos vieram tudo em cima. E quando ele chega - homem, né? Eu falo só pode ser homem! Desculpa, né, Pietro, mas tinha que ser homem - ele falou: "Filh, perdi o cesto." Ela falou: "Não tem problema, papai." Pulou a cerca e entrou pra buscar o cesto e os cavalos em volta; quatro cavalos e o Chocolate - o cavalo dela. Mas o Chocolate por ser o cavalo dela há algum tempo e ela cuida dele com o maior carinho, começou a afastar os outros e proteger ela. Ela pegou o cesto e veio arrastando. Chegou lá na cerca e deu para o pai.

Ele com medo, trepado na cerca, e ela andando com o cesto. O cavalo protegeu ela! Começou a dar coice, a afastar. Até que ela pegou o cesto e foi puxando, derramando tudo, um rastro de ração. Não é uma evolução isso? As crianças já vêm com... Ela não tem receio, ela vai, ela conversa... Com a vaca; a vaca com a língua enorme na mãozinha pequetítica. Põe a maçã, vem comendo a maçã. São outras crianças... E colocar ela numa escola por quatro horas sentada é duro. É que ela é pequenininha agora e vive ao ar livre lá, mas na hora de ir pra escola... Eu falei pra minha filha: "Não sei o que você vai fazer com ela." E sozinha está se alfabetizando: quer saber como escreve o nome, como escreve cartinha pra mandar pra avó. "Como é o nome da minha avó?" Sozinha; por ela. E vai pra uma escola que senta e fala "É isso que você tem que aprender. Faça isso."

Pesquisadora: É alguém que está treinando bastante se movimentar e fazer as escolhas...

Aurora: Não é? Como é que pode? A escola tem que mudar. Tem que mudar. Essa geração agora... Mas isso eu já falava há muito tempo.

Eu falava assim: "Gente, a mudança não vem do governo, não vem do professor incomodado com a violência, nem nada. A mudança vem dos alunos." Eles vão falar assim - e está acontecendo - "Essa escola não me serve mais pra o que eu preciso pro meu futuro." E é um movimento mundial. Eu achei que era só no Brasil, os meninos do ensino secundário, ou qualquer coisa... As crianças pequenas fazendo tanta indisciplina pra sair dessa rotina. Não. É no mundo inteiro. Eles querem outras coisas.

Estava conosco a menina que mexeu com a Europa toda, com o clima, na reunião. E ela falou: "Tenho que pensar nesse clima porque é a minha vida. Minha sobrevivência. Se começarem a fazer coisas erradas, quem vai sofrer sou eu ou os filhos que eu terei." A menina estava lá! De boa, tranquila.

Pesquisadora: E se responsabilizando?

Aurora: Se responsabilizando pelo clima. E chamando outras pessoas a fazerem isso nos seus países. É impressionante. A menina tem treze anos, gente! Olha a responsabilidade

dessa menina! Aí você põe numa escola e fala: "Copie! Faça! Faça o questionário! Responda isso!"

Pesquisadora: É incompatível.

Aurora: É completamente... Completamente, completamente. Eu não digo que não vá aprender, mas tem que dar significado. Vai aprender mesmo a fazer, mas tem que ter um sentido. E que esse sentido dê elementos para ela pensar em outras coisas, evoluir mais, querer saber mais, pesquisar mais. E que achar a causa, a vida dela, a felicidade dela na vida.

Pesquisadora: Você chamou mais cedo de entusiasmo? Não foi?

Aurora: É. Entusiasmo. Senão perde o sentido. Aí a criança se suicida, se mutila...

Pesquisadora: Sofre...

Aurora: Sofre, sofre, sofre, sofre.

A medicalização na escola, né? Criança inquieta. Dá-lhe ritalina! Dá-lhe remédio pra hiperatividade... Dá remédio pra criança ficar sossegada, ficar sonada. Gente! Põe ela pra correr, põe ela pra construir, botar pé no chão, amassar, construir castelos. Fazer a Matemática de gravetos pra ver se isso não acaba. Já mora num apartamento, não tem espaço pra nada. As brincadeiras mal acontecem no prédio, porque às vezes os prédios também são super pequenos. Não tem praça, não tem os pais... O fim de semana é muito difícil. Você acha? O corpo vai segurando, segurando energia, quando chega na escola, aí dá medicalização. E dá-lhe remédio! O Brasil tem uma das maiores taxas de remédio para as crianças. Tem assuntos sérios sendo estudados por conta disso. E às vezes, eu deixar essa criança correr, ser criança.

Pesquisadora: Tem todo um contexto que comprime...

Aurora: É tudo um contexto que faz com que essa criança fique... Você sabe que, lá na escola, até os meninos que se comunicam só com os olhos - paralisia cerebral severa - a gente consegue fazer com que eles se comuniquem conosco. Sábado tem balada da inclusão; e se você quer vir meninos com paralisia cerebral dançarem na cadeira, sentindo a música. Você fica impressionada. Porque eles querem viver. E às vezes não lhe é permitido isso. Tem a balada da inclusão; acontece das três às sete horas da noite, com lanche comunitário, que eles vão se alimentando no meio da brincadeira. Eles escolhem a música e dançam. Eles e os pais, os acompanhantes, se acabam de dançar. De dançar, de participar, de viver.

Pesquisadora: Essa é uma ideia ousada.

Aurora: É. Chama balada.

São essas coisas... Você escutar. Como é que aconteceu isso? Eles pediram pra nós, na hora em que a gente estava fazendo levantamento para pessoas com necessidades especiais, o que eles queriam estudar, qual seria um tema interessante, o que eles queriam discutir. E numa fala apareceu assim: "A gente queria ir numa balada. Porque nossos irmãos vão." Aqueles que conseguiram se comunicar. Balada! Querer sair sem mãe e o pai junto, eles falam. Os que têm síndrome de down falam mais, as mães ficam todas chorosas. "Imagina. Eu cuido tanto do meu filhinho." Mas quando eles querem isso, eles querem um pouco mais de autonomia. "Nós queremos ir na balada." Aí nós procuramos atender o pedido, procuramos algumas casas de balada, mas não foi permitido porque mesmo que fizessem uma balada à tarde, para eles, tinha o álcool, tinha coisas que não eram permitidas. Então o Banco do Brasil, num desses dias de responsabilidade social com funcionários falou: "Vamos levar os alunos de inclusão para uma balada." Olha como é que é o pensamento: nos levaram

numa escola, no Campo Belo, para ter esse encontro de alunos de inclusão de uma escola particular super famosa e fazer inclusão dos dois lados; do lado de lá da ponte... É muito romântico, muito lindo; propaganda e tudo. Quando nós chegamos... Pegaram a quadra, tamparam a claridade com papelão e jornal; já estava horrível aquilo. Puseram uma mesa de lanche e como eram famílias de posses - pode-se dizer - cada pessoa do lado de cá foi acompanhado. Eles queriam dançar, fazer algum movimento e a cuidadora estava ali: "Não pode se machucar. Não pode cair." Todas vestidas de uniforme. E os nossos se matando de rodar pra lá e pra cá, sozinhos, dançando, pulando... Na hora de lanche, filinha! Pra dar ou na boca ou pegar o lanchinho. Os nossos pararam, queriam, iam lá pegavam água, comida, voltavam a dançar. É assim que a gente faz: autonomia total!

Nossa! Pelo amor de Deus! Se é isso que eles acham que é uma balada pra esses meninos irem. Não tem nada a ver.

Fui à Santa Ifigênia, comprei tudo o que você pode imaginar de balada. Globo, luz negra, comprei até o que não podia. Depois nós ficamos sabendo: tem algumas coisas que não pode porque atrapalha a visão deles, deixa eles mais agitados. Ignoramos. Fumaça, tapete quadriculado pra dançarem em cima da luz negra. Tudo o que podia. Aparelho de som não tinha; fui nas Casas Bahia e comprei em três vezes. No meu cartão. Passava; depois me arranjava como ia pagar o cartão na hora do vencimento. Comprado o som, fizemos a primeira balada. Mas se você imagina que é uma balada mesmo, você fica impressionada. Eles escolhem a música, ele se libertam, eles dançam que eles querem. A mesa fica num canto; eles bebem água, bebem suco, comem o que querem comer, voltam pra dançar. E é temático. O dia dos óculos! Vai todo mundo com óculos desse tamaninho ou grandão. Dia de chapéu! Vai todo mundo de chapéu. Dia disso! É divertidíssimo. Vai ter sábado agora, nesse semestre é a primeira. Depois tem uma no final do ano.

Dançam como se estivessem numa danceteria; uma casa de show pra eles. E eles falam: "Eu vou na balada."

Pesquisadora: É balada mesmo.

Aurora: É balada mesmo. É tudo escurecido, pus cortina preta pra fechar o espaço. É balada mesmo.

Pesquisadora: E vocês fazem em qual espaço lá?

Aurora: No espaço verde. Baixar todas aquelas cortinas. É por isso que elas são pretas; baixa todas elas, fica escuro e a luz negra é colocada lá naquele canto. Tiramos todas as mesas; colocamos empilhadas e faz um lugar do lanche e da bebida. E fica todo aquele espaço que eles dançaram.

E se preparam. Querem saber se vai ser temática, qual é a música, às vezes pedem pra mãe comprar roupa porque vai se encontrar com alguém, surgem namoricos. É muito interessante. É a balada. Sabe você dar um pouco de... Banco do Brasil deve ter gastado uma fortuna e não fez nada. É como se fosse, pra eles, coisa séria... Fechar com o jornal, botar lá... Eles não puderam se divertir. Não! Vamos deixar a coisa ser orgânica, fluir naturalmente.

Hoje o Rodney já escolheu todas as músicas, gravou. Estão lá todas as música que eles escolheram e pediram. Eles pedem as músicas que querem dançar. O lanche já está preparado para amanhã. Abre-se a escola. E é uma balada para inclusão porque é para eles. Lógico que ele levam os pais ou convidados, mas sabem que é uma balada de inclusão,

porque aí eles podem se divertir à vontade. E eles falam: "Nós não queremos ninguém de fora mesmo, porque eles não deixam a gente entrar na balada deles."

Aqueles com síndrome de down - que conseguem se expressar melhor. "Não! Nossa balada é nossa mesmo." E têm um orgulho disso disso, esperam. As mães também porque é o momento em que liberta elas, porque elas são tão... Cuidam tanto, cuidam tanto... Aquelas que gostam de dançar, dançam até se acabar. E é uma confraternização. A gente tem alguns pais muito presentes, que vão, que dançam. Temos um condutor - que conduz -, é o Raminho. Ele vai com a esposa, o filho. E dança. E cuida. E traz. Se pode ir com perua. Você precisa ver. É da comunidade.

Você tem que fazer, não tem que ficar esperando. Às vezes, fica assim na escola pública; "Ah! Tem que esperar a política pública, tem que esperar o governo." "Isso não é minha alçada. Tem que esperar o governo." Mas, às vezes, o governo não vai chegar lá. E a gente deixa de fazer. Lógico que quando eu queria fazer alguma coisa, eu passava o chapéu mesmo... Quem é parceiro que pode ajudar. Como é que eu consigo? E depois o governo até aceitava algumas coisas, admitia. Admitiu tanta coisa; a escola ser do jeito que é: aberta, com comida; não conta o prato e todas as escolas têm que contar prato e eu não conto prato. Eu fui quebrando alguns preconceitos.

Pesquisadora: É mesmo.

Aurora: Não conto prato. "Ô gente, vocês me falam lá o que eu tenho que cozinhar - porque vem o cardápio - quanto e quantidade. O que eu faço com a quantidade pra não sobrar, pra não estragar, pra não faltar... É por conta nossa." Então não preciso contar prato e todo mundo come.

E às vezes você chega pra uma pessoa que está com esse pequeno poder: "Não! Porque tem o relatório! etc, etc, etc" E fala isso: desarma.

Eles falavam assim: "Dona Aurora, a senhora não entrega nenhuma papelada em dia." Eu falo assim: "Puxa, mas eu faço o maior esforço, mas entre o papel e o aluno, ou aluna, eu prefiro ficar com eles um tempo. E papel a gente... Vocês vão dar um visto e vão passar para frente."

Começar a conscientizar um pouco da importância e da rigidez de algumas coisas. Às vezes, quem está nesses cargos... Já foi até professor, mas quando pega esses cargos, às vezes, não tem a sensibilidade do é a importância de fazer alguma coisa acontecer realmente. Porque é muito bonito no papel. Eu conheço escolas maravilhosas, que estão lindas no papel.

Pesquisadora: E na prática é outra coisa.

Aurora: Não tem prática. Papel aceita tudo. E agora, na prática, desse corre todo? De fazer as coisas acontecerem, que é muito mais difícil. Mas é possível.

Pesquisadora: Então tem um processo de correr riscos, experimentar, ousar?

Aurora: O pessoal falava assim: "Aurora, você não tinha medo de responder processo administrativo?" Eu falava assim: "O maior medo meu é que eu não conseguisse atingir os objetivos que eu programava pro ano, pros alunos. Processo administrativo, o que vão fazer comigo? Vou responder. E dessa maneira. "Puxa! Eu achei que estava fazendo certo. Por favor, me desculpe. Como é que eu posso fazer?"

[risadas]

Não tem solução. Que não seja aquela que eles estão obrigando. Mas de uma outra maneira. Aí eu falo: "É modalidade a educação de jovens e adultos." Precisa ser modalidade

porque é diferente da criança. A criança tem que ter cuidado... Apesar que tem muita gente ousando também, tá? Tem um... Ele era professor da USP, inconformado com uma porção de coisas, passou num concurso de diretor e foi ser diretor quase no fim do Jardim Ângela: chama EMEI Sonho Azul. Crianças pequenas: de três a seis anos. É aberta. Ele não fecha. As crianças escolhem o que querem comer, fazem a merenda. Estão fazendo alfabetização através do desenho; as crianças desenhavam, depois discutem o desenho. Você precisa ver que trabalho maravilhoso. Ele está fazendo com criança de EMEI. Aberta a escola. A pessoa chega e só fecha o portão por causa das crianças, mas não tem nada trancado.

A EMEI fica aqui; e passava um córrego todo sujo. Ele batalhou, batalhou e conseguiu limpar o córrego; fazer um jardim. Mudou completamente tudo com a comunidade. A comunidade adora. As crianças vão pra lá. Você precisa ver que trabalho. Repetiu uma cobertura, porque não tinha um pátio coberto... Em dia de muito sol, cuidar das crianças. Aí puseram uma cobertura horrível, muito quente. Era pior ficar debaixo da cobertura do que no sol. Os pais falaram: "O que o senhor sugere?" Ele falou: "Eu queria fazer um telhado verde." Com mutirão, os pais fizeram o telhado verde. Então ele fez um ateliê ali embaixo. Um cara super. Mas ele também enfrenta tudo. Ele falou: "Eu era o intelectual besta da USP, fui me realizar na escola pública como diretor." Está lá; está se aposentando agora. Fantástico trabalho dele na EMEI.

Então é possível fazer as coisas. Lógico que, eu torno a repetir, cada um conhecendo sua realidade, sua comunidade e sabendo o que pode fazer para aquele momento. Não é receita pronta, mas muita coisa pode ser feita: uma escola aberta, a escuta, trabalhar para o aluno poder optar e opinar sobre uma porção de coisas. É possível sim. Para melhorar essa educação.

Pronto!

Pesquisadora: Muito bom.

Aurora: Eu também. Eu gosto muito de falar. [Trecho incompreensível]

Aurora: Você vai vendo, vai diminuindo a distância do que é impossível com o possível. Você vai medindo a distância. Por isso que gosto de contar histórias. O Douglas fala assim... As pessoas falam assim: "A dona Aurora tá ainda? Quero que ela venha contar história." Acho que me tornei uma grande contadora de história. As histórias reais.

[risadas]

A Helena Singer fala assim: "As pessoas te procuram e te levam para falar com professores porque quando levam teóricos - vai o Sérgio Cortella é maravilhoso, até Pacheco - é maravilhoso escutar, mas na verdade, mesmo o Pacheco que fez esse trabalho grande e maravilhoso (foi em Portugal. No Brasil ele dava assessoria) ele não viveu o dia a dia. A grande vantagem de você ir é que você fala assim. Você pode falar dá certo, porque eu estava lá e fiz."

Pesquisadora: É da sua experiência.

Aurora: É da experiência. Não se omitiu a nenhum desafio e arranjou outros. E conseguiu soluções. Chorou. Riu. Viveu. Mas é pé no chão. Não está escrevendo um livro, não está falando de outro lugar, com outro olhar. É de lá. E ainda defendendo a educação básica. E nem entrei ainda na uniquebrada.

Pesquisadora: É verdade. Tem a uniquebrada.

Aurora: Vou te contar rapidamente e vou embora. Manish Jushi é um indiano. Família abastada da Índia. Lógico que mandaram estudar na Inglaterra e ele fez as melhores escolas, tudo. A aldeia dele era bem no interior da Índia. Se formou muito bem, aluno brilhante, trabalhou na ONU, trabalhou em Harvard, foi professor de Harvard. Trabalhou em Wall Street. Trabalhou nesses negócios chiques. .

Mas ele viu, ele tinha o Porsche do ano, ele tinha as mulheres, porque era muito jovem, ele tinha as mulheres que ele queria, ele tinha tudo que queria. Mas ele foi adoecendo um pouco, sem saber foi contraindo doenças, dor de cabeça, urticárias... E em uma das férias ele foi visitar, voltou pra Índia. Muito cansado né? A avó falou: não está te fazendo bem a vida que você tem. Você esqueceu suas raízes. Ele largou tudo e voltou pra Índia. E de casamento marcado, se casou, ele combinou com a esposa que a filha... E aí ela falou assim: "O que ensinam nas escolas (ela era professora), que o que você fez não é o certo, não é orgânico, não é natural." E foi a avó passando tudo isso pra ele, cuidando dele, tem a medicina, tem as ancestralidades, tem as coisas que foram construídas e que agora estão passando por cima de tudo isso.

Bom, só sei que quando ele teve a filha ele e a esposa combinaram que não colocariam na escola. E ele levava ela na porta da escola e falava assim: "Esse lugar é a prisão! Aqui você tem a liberdade." Quando ela falava "Por que eu não estou na escola?" "Porque é uma prisão e você aprende muito mais livre." E assim a menina foi. Foi alfabetizada pela aldeia, pelos idosos. Ela muito curiosa, ele levou ela pra lugares que pode proporcionar a ela. Chegou na universidade. E a esposa "Agora ela vai para universidade, né?" Mesmo muito a contragosto, ele falou: "Não! Ela vai pegar o sonho dela e ela vai produzir procurando mentores." Agora chama mentor de luz, porque na Índia tudo tem um significado. "Vai fazer o grupo das anciãs, que vai dar pra ela base. Ela vai procurar os mentores de luz, que podem ser os grandes intelectuais, pode ser professor de universidade, quem ela quiser., autores de livro para provocá-la a construir esse conhecimento. Depois se ela quiser o diploma, lá na frente, ela tira ou não. Porque até hoje ninguém me pediu diploma, eu sempre fui em todos os lugares e nunca apresentei um diploma." Dificilmente se apresenta diploma. E ele falou: "É isso que nós vamos fazer." E começou a fazer a UNI da quebrada. Começou na Índia, foi pra África, um grande problema nas universidades, nas aldeias mais pobres, né? Porque não tinham dinheiro para... Mesmo aqui no Brasil, se menino da periferia entra na USP, mesmo que seja a USP, pra manter isso é muito difícil: tem o gasto, tem alimentação, tem os livros, tem tudo. Depois ele foi para América Latina, vários países: México, Colômbia, Bolívia, quase todos... Chegou no Chile também. E na Europa em alguns países. E o que ele faz? Ele divulga isso; e ele vem para o Brasil. E nós levamos na periferia, onde nós temos o projeto social, que a gente retira meninos que fazem malabares na rua, na favela da paz. Tem várias atividades e uma delas é o nosso projeto de tirar meninos da rua, voltar a estudar de novo, porque nenhum deles tem o ensino básico e arranjar emprego, fazer alguma coisa e sonhar mais alto.

Nós percebemos que as meninas até estudam até o terceiro ano do colegial, mas estão criando dificuldade e espaço para ir às universidades com medo de encontrar a outra cultura, a outra maneira de ver a vida... Você entendeu?

Pesquisadora: Sim.

Aurora: E aqueles que conseguem não retornam mais para favela, pra poder usar o que recebeu. Então ele desafiou a gente a fazer a Uniquebrada aqui em São Paulo. Já me encontrei com ele várias vezes. Agora se tudo der certo a gente vai pro México, vai ter encontro de todos no México e em fevereiro a gente vai pra Índia, pra ficar lá um mês, na aldeia dele vendo como acontece a UNI QUEBRADA. Então, assim, é uma luta que não para, né?

[risadas]

Nem que seja pra fazer a Uniquebrada. Porque é seguir um pouco desse fluxo. E eu fiquei pensando: ele tem razão. Lá na favela a gente recebe muito grupo - e agora isso se multiplicou - e profissionais que fizeram tudo certinho, estão ganhando muito bem ou não, mas estão muito insatisfeitos com o que estão fazendo. E procurando ano sabático. Agora que virou; têm até ONGS cuidando de levar essas pessoas para os lugares pra no ano sabático poder pensar: "O que eu posso querer pra minha vida? Mudar minha vida."

Eu conheci duas pessoas que me impressionaram demais: uma menina de vinte e cinco anos que chegou a vice-presidente do Banco Português em São Paulo. Ela ganhava quase cento e vinte mil. Ela largou tudo porque era muita responsabilidade, ela não tinha tempo pra ela. Quase matou a família de desgosto. Ela disse: "Quase matei minha mãe." A mãe disse: "Filha, mas você tem tudo, tudo..." Ela falou: 'Não tenho mãe, eu não tenho a minha vida, minha vida pertence ao banco, pertence às outras pessoas. Não é a minha vida.' E largou tudo. Conheci essa menina. E a última... Porque eu fui fazer uma imersão na favela. Passa um dia em cada lugar, um final de semana, ou escrevem projetos de coisas que queiram e se sintam bem em fazer e oferecer pra sociedade.

Uma menina que estava no quarto ano de Medicina na Santa Casa, o avô era médico, o pai médico, a mãe médica, todo mundo médico e ela estava no quarto ano de medicina, desesperada. Ela teve uma crise de choro na nossa frente, na favela da Viela, que nós estávamos lá recebendo esse grupo, ela falava assim: "Eu não quero isso pra mim. Eu odeio, mas eu não tenho coragem de falar. E ela uma moça linda, delicada, com um sofrimento, impressionante... Porque ela estava fazendo o que não queria e não sabia como falar pra família. O que ela estava achando nesses grupos era uma maneira de ajudá-la a enfrentar essa situação, porque ela ia desistir disso tudo. E teria que por alguma coisa no lugar, então tem que estar preparada pra isso. Falar pra família 'não quero isso, mas eu tenho isso.' Então eles frequentam esses grupos, tem vários por aí!

Achar um sentido, preparar uns projetos, apresentar, sair atrás. E eu fico pensando... Esses grupos estão aumentando cada vez mais, são jornalistas, são... Tudo que você pode imaginar: são engenheiros, advogados... Tem uma advogada, que advoga no escritório de advocacia da família, há não sei quantos anos, tudo maravilhoso ali na Marginal, num prédio enorme, todo espelhado. Está a família inteira. Ela quer sair, isso não está satisfazendo a ela. Então quando você pensa... Como é que a gente segue, às vezes, pra vida acadêmica, também seguindo modelos. A vida vai empurrando, vai levando... Mas chega uma idade... Você até fica pra se aposentar, mas será que com vitalidade, com energia, com gosto, com animação, com entusiasmo? Ou vai carregando isso? Ou você tem a coragem de falar: 'vou romper agora, rompi aqui. Vou fazer o que eu gosto.' E quebra tudo isso. Porque às vezes é quebrar mesmo. A família fala agora: "Que se sustente". Teve casos assim. Mas tem muita gente! Cada vez tem mais, cada vez tem mais jovens, que estão nas universidades, de classes média,

média alta... Que estão falando assim: "Não quero isso pra mim, quero fazer outra coisa." E a gente tem lá voluntários que vem... Fazer voluntários para fazer alguma coisa que sabem. Jovens vêm ensinar, alfabetizar, vem ensinar mercado financeiro, vem fazer matemática financeira com os meninos. Você precisa ver o que tem de jovens liberais que estão já no mercado de trabalho, tudo certinho a vida, vem pra favela pra poder ajudar; é impressionante.

Então a Uniquebrada é isso. Em que momento você está escolhendo aquilo que realmente você vai atrás dos mentores, vai atrás das anciãs, daqueles que já passaram por uma vida e pode te falar: "Olha, se você fizer isso, pode acontecer isso. Mas se você fizer isso, eu também já fiz, e não deu certo. Ou pode dar certo." Esses conselhos, de acolher... E fazer a pessoa ser um profissional melhor, talvez pra profissões que a gente nem saiba que vão acontecer no futuro

Pesquisadora: Nem existam ainda?

Aurora: Nem existam. Mas que estão aí, que não sejam obrigados, porque... A escolha alguém ofereceu, uma vaga saiu. Mas que faça mesmo por vontade. Pra chegar na minha idade e falar assim "Valeu a pena." Tem que valer a pena. Porque depois de uma certa idade, a família fica meio apático, os amigos... Aí é você com você mesma, depois de uma certa idade. Pra não sentir um vazio, né? Eu sou tomada toda por entusiasmo, porque eu vi que é possível, que a gente pode fazer coisas, pode mudar, oferecer outra maneira de fazer as coisas, porque eu pude viver tudo isso. Eu sou imensamente feliz por causa disso. Eu pude viver, e alguém acreditou nessa maluquice toda e atrevida, e eu pude fazer.

E a Uniquebrada é isso também. Que esses jovens que agora tem ideias, sei lá, do futuro... Como podem resolver alguma coisa na quebrada, fica ali pra resolver e ajudar aquilo crescer e também sair. Ajuda a família, ajuda os amigos e ajuda também a si mesmo na autoestima. Ele não precisa ser um cara melhor pra atravessar a ponte, pra vir fazer, pra cuidar do lado de cá, pra ser melhor. Dá pra ser de lá e ser bom. E valorizar tudo isso, acho que é aí também que a gente vai evoluindo. Nas desigualdades e tudo.

Porque nós temos as meninas que se formaram no terceiro colegial e não tem coragem de fazer faculdade e não sabem se é aceita um emprego, se faz... Então a gente está reunindo essas meninas e conversando pra saber o que elas querem. O que elas vêm na comunidade que elas poderiam mudar através de alguns estudos delas. Estamos começando por aí.

Pesquisadora: Muito bom.

Aurora: Essa é a Uniquebrada.

Pesquisadora: Olha! Deve ser o [seu] próximo grande projeto.

Aurora: É, então. Dia primeiro de Novembro, a esposa do Maniche vem pra cá.

Pesquisadora: Hum, então tem um evento?

Aurora: Tem um evento. Primeiro de novembro vem ele, porque ele esteve aqui e vai nos esperar no comecinho de fevereiro.

Menina, ele me deu... De uma humildade, de uma coisa tão séria. Nós estávamos na escuta dele, acho que tinham umas duzentas pessoas ou mais para escutá-lo. pra ele explicar um pouco qual era a intenção dele. Quando eu entro, estavam recepcionando na porta, e aquele espaço açafraão - do ritual todo indiano - e ele pede licença, se ajoelha e beija meus pés. E falou que isso é uma questão de honraria e homenagem aos idosos, às anciãs, em respeito ao que viveu até agora e o que fez. Menina, eu levei um susto! Porque ele tem quase um metro e 95. Enorme! Na frente de todo mundo! Se ajoelhou, pediu licença... Não só a

mim, mas como todos que chegaram de cabelinho branco, mais idosa; ele abaixava, beijava os pés, fazia uma referência e se levantava. Olha que coisa!

Pesquisadora: Nossa!

Aurora: Menina, eu encontrei com ele três vezes e nas três vezes ele se abaixou... Falei: "Meu Deus!" Tinha que estar preparada, porque... É muita honraria, né? A homenagem de reconhecer esse trabalho, que a gente se descarta tanto; depois dos cinquenta não vale pra nada. Ele falou que na Índia... Impressionante!

Pesquisadora: Que bonito!

Aurora: Aí ele me deu um coraçõzinho, que eu vivo usando agora... Eu voltei de Portugal, eu usei lá em Portugal; um coração feito pelas anciãs da Índia e quando ele vai no mundo ele dá para pessoas, pra brincar de coração. É feito de paninho, tudo bonitinho, tudo à mão. Uma graça! Muito carinhoso, atencioso, mas humilde, nesse sentido. O cara foi...

Pesquisadora: Foi até... Percorreu o caminho...

Aurora: Ele conheceu tudo que poderia, o máximo, e chegou pra ele falar que isso não era a vida que ele queria pra ele, pra felicidade dele, pro sossego dele.

Pesquisadora: Conheceu o que a gente considera o topo, né?

Aurora: Sim. Na última entrevista, foi muito engraçado, estávamos comendo lá... Outra coisa super humilde, ele falou que a esposa dele vem pra falar nas comunidades o que é cozinhar junto; todo mundo junto. Sabe fazer a comida juntos? Comer junto. Pelo menos uma vez, em algum momento: a troca, a energia disso tudo. Então ela vem pra cozinhar para cozinhar junto com várias favelas daqui, várias comunidades. E ele lá cozinhando no meio da gente, todo mundo. Cada um levou alguma coisa diferente pra fazer e ele fazendo também. A humildade dele... Sabe assim de estar próximo? De falar somos todos iguais. Não importa... A gente pode conviver em um mundo melhor, você aceitando o outro, dividindo com o outro o alimento, o conhecimento, a sabedoria e tudo. E não ignorar; a gente ignora muito o diferente. A gente pode até esquecer um pouco aquilo que não nos toca, né? as ele é maravilhoso! E estamos nessa... Cada hora um desafio!

Agora eu vou. Vou deixar você descansar. Senão você não vai descansar nada.

Pesquisadora: Estou bem.

Muito obrigada. Grande alegria.

Aurora: Se você precisar a gente pode falar mais.

Pesquisadora: Vou transcrever e a gente se encontra pra eu te mostrar.

Aurora: Está bom.

Transcrição do segundo encontro com Aurora

Aurora: É, a Educação... Sabe, as vezes eu estive pensando, mas aí conversando com Mário Sérgio Cortella em uns encontros nossos na semana pedagógica: "Como é que um governante assume um cargo desses, e ele faz o que a cabeça dele acha que é. A vida dele, a experiência dele, os valores dele, os princípios dele, não pensando no bem-estar maior da população, direitos garantidos, conquistados." Ai falei: "Eu fico muito indignada, o cara deita e dorme sem ter nenhum remorso de acabar né..." Estávamos numa roda e eu escutei o Mário Sérgio Cortella falando: "Sabe, eles não tem ética. Então não adianta, eles deitam e dormem mesmo. Não tem constituído dentro deles a ética, o valor da empatia e nem nada."

Ele pensa e faz. Ele está mesmo no poder, ele tem o poder, ele resolve, senta na mesa e diz que é assim que faremos daqui em diante." Não é absurdo isso?

Pesquisadora: É absurdo. É uma compreensão muito pessoal da coisa pública.

Aurora: Muito pessoal, isso! O que é público? Por isso que a gente, lá no CIEJA, trabalha tanto esse público e privado, né. Por isso que a escola é aberta. A gente, a todo momento, volta, quando acontece alguma coisa pra essa questão: o que é público e o que é privado? O que é de todos e o que é só meu? Ou de um grupo pequeno de pessoas com privilégios. Tá assustador. Ao mesmo tempo em que fico pensando nessas coisas tão ruins, também penso que é no caos que a gente vai poder apresentar propostas inovadoras. Se vê que não tem nada mais a fazer e as coisas estiverem tão complicadas, eu acho que aparecem projetos muito bons que possam ter voz pra continuar ou fazer alguma coisa.

Porque não sei, está muito estranho. Porque que eu estou assim, todo dia num lugar agora, porque final de ano né, o planejamento para 2020. Tem prazos, para entregar até dia 05 de Dezembro, em toda rede. Acho que até mesmo Federal, estadual e municipal. E aí, as pessoas começaram agora a perceber que se não vier, FUNDEB, se não tiver algumas outras coisas, a educação Jovens e Adultos ela desaparece, né. É a primeira a desaparecer. Já tive exemplos. Fui para Bauru, parentes. Eu fui para Bauru e cheguei um pouco mais cedo, vieram encontrar comigo, e eu falei assim: "O que está acontecendo na cidade para que eu possa abordar?" Porque eu trouxe, mas, as vezes a gente pode até abordar com mais ênfase e tudo. Ai uma professora falou: "Olha você quer saber da verdade? O prefeito tirou o transporte e a merenda dos estudantes da noite desde Fevereiro." E eu falei: "Porque?" A professora disse que: "Ele falou que, as merendeiras do dia deixaram tudo pronto as professoras só serviam e aí falou que isso era desvio de função. Queriam fazer um concurso e contratariam 80 merendeiras. Mas, até hoje não fez nada." E eu falei: "Ele mexeu com uma coisa em Fevereiro, de um orçamento que era antes dele assumir que já estava... O que ele estava fazendo então com o dinheiro da merenda e do transporte?" Então, eu fui falar com os alunos e alunas. A única coisa que pediam: "Dona Aurora, merenda a gente tem fome, a gente vem de longe". É tudo complicado, eles são de Bauru né... (Celular de dona Aurora toca) Ah bolsa pequena é uma coisa né, caiu no fundo aqui, buraco negro, olha. Caí mesmo (risos). Vou desligar. E aí né...

Pesquisadora: O pedido deles era só a refeição?

Aurora: O objetivo deles o tempo todo era a refeição e o transporte. Que o prefeito tirou o passe, direitos, você entendeu? Então assim... espera só um minuto, a bateria está acabando, preciso colocar para carregar...

Pesquisadora: Tem uma tomada aqui.

Aurora: Você põe para mim?

Pesquisadora: Sim.

Aurora: E aí, eu cheguei na hora mesa, na cerimônia de abertura.

Pesquisadora: E você foi falar?! E foi o prefeito que te convidou?

Aurora: Sim falei. Não, foram as professoras. A secretária de um lado, o prefeito de outro. E eu falei: "Então, sabe o que eu fico incomodada, porque tem algumas pessoas que assumem esses cargos públicos e governam por suas intenções pessoais, não respeita o que está posto, o que foi construído, né. E mexem em direitos, porque na escola, nós temos direito

a merenda..." A menina, os alunos e professores começaram a aplaudir. Como eu não cobro nada e não faço nada, só vou para esses lugares com a intenção de ajudar, eu fiquei na minha.

Pesquisadora: (Risos) Sim você tem liberdade para falar.

Aurora: Aí o prefeito ficou quieto, não falou nada. Quando foi a secretaria, ela falou assim: "Então, Dona Aurora, é tão difícil, a gente está tentando. Eu vim falando para o secretário, mas..." E eu falei: "Você sabe que para abrir um concurso tem que ter vagas, depende de uma porção de coisas, não é assim que você vai mandar contratar 80 merendeiras. Não é assim de uma hora para outra, eu desejo, né. Tem um limite de concursados na rede, e outra coisa, porque está lá desde Fevereiro e ele não resolve fazer alguma coisa, né". E ela falou: "Ah então, fica tão difícil. Fico entre as professoras e ele." E eu falei: "Então, vou te dizer uma coisa: quando você assume alguns cargos ou a gente tem competência ou a se não fica neles. Porque é uma coisa muito séria, a rede toda está pedindo isso para você. O que você vai fazer?" Ela ficou me olhando, menina, e eu falei: "olha é um problema que você tem que achar uma solução. Pense em uma solução. A gente pode até sentar juntas se você precisar e a gente pensar uma coisa, mas, você não pode deixar passar, desde Fevereiro." Fiquei em Bauru 3 dias, se eles pudessem, eles me mandavam na mesma hora embora, mas, eu já estava com os planos para ficar. O primeiro dia fui visitar as salas de EJA, mas, era impressionante, histórias lindíssimas, de superação, na turma da manhã, umas senhoras. Uma professora maravilhosa, ela conseguiu alfabetizar na sala dela, tinham 3 meninas com Síndrome de Down. E as meninas alfabetizadas, escrevendo textos, sonhando. Uma queria conhecer o Faro, a outra queria ser professora e a outra ia ser médica, assim menina, um espetáculo! Mas, qual era a coisa principal, elas falaram: "Dona Aurora veio de São Paulo para poder ver... Fala com o prefeito sobre a comida?!" A tarde, a mesma coisa, as senhorinhas. Porque, eu não sei assim, eu acho que não era tanto ou poderia ser também, acho que seria mais o noturno, mas, essas pessoas a turma da manhã porque saíam de casa sem comida nenhuma e precisavam comer alguma coisa. A tarde nem sei o porque isso acontece, a menos que elas viriam direto de algum lugar, mas, é a coisa da falta de, do desrespeito de não ter aquilo que todo mundo tem, porque era impressionante menina, como eu fiquei. Eu falei: "Gente, vou levar daqui só que Bauru quer comer" (risos)

Pesquisadora: É o centro do assunto né, da questão.

Aurora: Sim, o centro do assunto. E teve prefeito que falou: "Se o FUNDEB for aprovado da maneira que está, a educação de Jovens e Adultos, no município não tem condições de manter." Então, com 15 milhões de analfabetos no Brasil todo, a luta ainda é muito grande.

Pesquisadora: Tem muito trabalho.

Aurora: Sim, muito trabalho ainda né, com a educação de Jovens e Adultos muito, muito, muito. E as pessoas assim, começam a brigar por isso também, a garantir esses direitos, mas, tem um pessoal que, professores que também não acreditam né, quando eu vou falar a experiência do CIEJA é interessante porque é em escola pública. Colocam "Ah! A lei... Isso é impedimento. Não pode ser diferente. Tem que ser igual..." Por causa disso... Por causa de organização... Por causa de currículo." E aí eu mostro que tudo é possível e é legal. É mais um incentivo pra que cada um pense na sua comunidade e faça acontecer. E que educação de jovens e adultos pode ter uma característica diferente da escola regular, né. Mas ainda no Rio Grande do Norte ainda tem professoras que não deixam o aluno entrar,

só deixam na segunda aula se chega atrasado. Um trabalhador.... Aula até 23h00; eles não aguentam e começam a desistir. E a última, nessa semana eu fui a um instituto federal que tem um vestibulinho super rigoroso, com poucas vagas. Só que a de São Miguel começou com 60 meninos e estava terminando, mais ou menos, com 40. Uma evasão enorme. Ensino Médio. Aí os professores preocupadíssimos, falaram: "Nós temos que fazer uma nova proposta para o jovens. Pensar de maneira diferente." Porque eles ficam lá o dia inteiro. Aí eles quiseram ouvir um pouco as possibilidades, mas aí eu... Interessante, porque tinha um professor de matemática que deveria ser o máximo... Japonês... Ele falou assim: "Mas eu me sinto muito mal de pensar em outras coisas que não sejam o conteúdo, porque vou prejudicar meu aluno quando ele sair daqui. E a minha responsabilidade?" Falei: "Então, professor, eu tô pensando aqui... Se ele vai ficar aqui quatro anos, se não é preferível pensar no aqui e agora. Se esse jovem está indo embora, se esses jovens estão com os mesmos problemas de depressão, de abandono que as outras escolas, então o que eu tô fazendo se eu não penso no agora e fico pensando lá pra frente. Eu acho que a gente tem que pensar no que é essencial; o que é importante esse aluno saber pra ele se dar bem em qualquer outro momento e formar um pesquisador, porque ele vai pesquisar o que é necessário pra ele daqui a cinco anos. "Em matemática, o que o senhor acha que é importante?" Ele falou: "Os cálculos. Resolução de problemas." Eu falei: "Então..." Ele falou: "Então, é isso que eu tenho problema, quando recebo meninos da escola pública, eles mal sabem as quatro operações." Eu falei: "E por que o senhor então não faz uma revisão sobre isso? Ou crie desafios, qualquer coisa para ajudá-los nisso?" É, mas eu tenho um conteúdo, um programa a ser desenvolvido..." Eu falei: "Então, o senhor tá se sentindo mal porque não consegue nem o programa, nem que os meninos aprendam as quatro operações e fica esse balaio de gato por um ano."

Pesquisadora: 20% está indo embora.

Aurora: E ele falou que isso está assustador em todos os Institutos Federais. Está todo mundo muito preocupado.

Pesquisadora: Conteí errado né, são sessenta alunos. 20% de sessenta são 12 alunos.

Aurora: Sim, são 40 alunos. É mais né ?

Pesquisadora: Sim, está dando 40.

Aurora: Sim, dá uns 40 e poucos por cento.

Pesquisadora: É muita gente.

Aurora: O que é assustador é porque eles vão lá e se interessam, são todos entusiasmados. Porque fazem um vestibulinho muito rigoroso.

Pesquisadora: Sim, é exigente mesmo.

Aurora: Exigente, não é coisa fácil né. E eliminam uma porção de outros tantos que gostariam. E depois se decepcionam.

Pesquisadora: Aquela pessoa sonhou em estar ali né.

Aurora: Isso que eu ia falar, desejou estar ali. E aí quando chega em Dezembro já não tem mais expectativas, já não está feliz, já não quer mais continuar... Então eu fico pensando realmente o que nós estamos fazendo com isto.

Pesquisadora: Quando ouvi novamente a sua entrevista - e alguns dos alunos com quem consegui conversar - tem uma coisa no CIEJA que chama muito a atenção: o gosto de estar lá. Apareceu bastante...

Aurora: Isso se chama acolhimento. No livro do André Gravatá, da Helena Singer e Alex Bretas - dessas pessoas que escreveram sobre a nossa história - filhaeles falam: a palavra que define o CIEJA é acolhimento. Um atrás do outro falando e eu também acho. Primeiro trazer... Porque depois que ele cria o vínculo e a confiança, ele faz o que é necessário fazer com mais entusiasmo, mais alegria, mas, olha não está fácil não. As escolas estão criando todos os obstáculos, tudo que é dificuldade para esses alunos. As escolas do Estado do Ensino Médio, só poderão estudar no período da noite, quem estiver trabalhando registrado. Tem que levar a carteira profissional da matrícula. Quem é o jovem de 15 anos que quer estudar a noite para de tarde fazer bico, fazer outras coisas, ajudar em casa, cuidar dos irmãos as vezes... Registrado não vai poder estudar a noite. Você entendeu como é que vem as leis que não é para ajudar, não é para colocar para dentro é para...

Pesquisadora: Sim, a gente tem agora um aumento vertiginoso de trabalho informal. Isso é um contradição.

Aurora: Não é uma tremenda contradição? O menino que ajuda na feira, o menina que ajuda no supermercado e não é registrado, mas, está levando também dinheiro para casa. Pequenas coisas que fazem aí e se não tiver registrado não pode estudar mais a noite.

Pesquisadora: E as vezes é invertido né, porque estuda à noite ele procura um trabalho o dia inteiro, tem disponibilidade de horário... Difícil de...

Aurora: Você vê quantas coisas vêm acontecendo? Parece que a gente está retrocedendo, os anos 70, 80 que a luta era assim mesmo. Mas, vamos lá.

Pesquisadora: Isso é uma coisa para mim, a senhora está, vamos dizer, à frente desse trabalho do CIEJA há bastante tempo. A senhora tem uma história, inclusive um percurso em educação como um todo, como é olhar pra trás e ver o que foi feito, o tanto que foi realizado. Como é pra você?

Aurora: Foram quase 21 anos. Duas sensações que eu sempre falo nos encontros: se você pensa em se aposentar que a vida vai mudar ou espera pra se aposentar pra fazer coisas é melhor ter cautela e ter alguma coisa aí pra poder... Porque assim quando você chega numa certa idade, depois desse trabalho de muita resistência e muita luta mesmo; de estar aqui e estar lá, em todos os movimentos pra poder garantir direitos, quando você vai conseguindo as coisas, você vai preenchendo em você uma coisa assim, de... Puxa! É difícil, mas foi possível. Quando não é possível, tem que melhorar. Sabe... É um pouco de desafio na vida, um pouco de um gosto de estar presente na vida. Quando se aposenta, se você não fez nada disso, dá um vazio tão grande. Porque você pensa em viajar, em fazer alguma coisa quando se aposentar. E quando se aposentar, não é nada do que se imagina. Porque, às vezes, viajar com o salário que aposenta não dá pra você estar a todo momento. Os amigos também ficam mais selecionados porque cada um já tem alguma coisa pra fazer. Então, se você não tem alguma coisa, pelo menos uma satisfação, alguma memória ou mesmo algum trabalho ainda que você possa aplicar toda essa experiência... Você fica muito doente. Extremamente. E assim... Eu falei sábado, precisei contar história do CIEJA pros próprios CIEJAs - a SME fez o primeiro encontro dos CIEJAs todos e eu fui pra contar a história. E eu disse a eles assim: "É uma satisfação que eu acho que tô ganhando na vida, de poder ver as contradições e poder ver que 98, 2000, fizemos o certo, mesmo com muitos desafios, erros e acertos, ir e vir, para adaptar o que a gente tinha como ideia. Muito da prática e muito pouco da teoria; sempre trazendo Paulo Freire, trazendo Florestan Fernandes e pessoas mais assim... Não pesquisando

muito, mas pelo conhecimento ir aplicando... "Ah, tem esse problema?" "Então, vamos resolver dessa maneira." Eu tenho a satisfação de ver as coisas e ainda falar que é possível na escola diferente; é possível a gente pensar numa educação que atraia os jovens e adultos e não exclua; é possível uma escola ser amorosa, sem que precise ter esse poder: "Ah! Se fizermos isso, o que vai virar? Bagunça? Violência? Indisciplina?" Menos rigor de tudo isso. Que o aluno pode ser protagonista. Sabe? Apontar a necessidade dele agora pra ele poder avançar, porque cada um tá num nível de evolução e de necessidade, principalmente falando em jovens. Não EJA, mas incluso ensino médio também: cada um tá numa época de necessidades, né? E um pouco triste porque as pessoas ainda não aceitam; ainda tá com aquela escola tradicional, ainda pensando que dessa maneira e que se a gente coloca o aluno como protagonista vira bagunça, eles não sabem escolher, o professor ainda é o que detém todo poder. Não se divide poder. Eu não digo uma divisão... Talvez horizontal, mas assim, o professor olhando pra isso avançar. Não que seja igual ou que fique na mesma, mas o aluno mostra uma necessidade, mas como é que você pode, a partir dessa necessidade, avançar, né? Não necessariamente ficar o tempo todo no que... se não ele não sai de onde ele está ...

Eu acho que eu tenho a felicidade de ser homenageada em vida, porque aqui no Brasil acontece após morte. Com isso eu fico muito feliz, em poder falar: "Gente, pensa. Pensa diferente. Sai da caixinha." Mexer com as pessoas. E é muito interessante que a gente encontra de tudo nessa caminhada: aquelas que realmente... Tá mais presente porque foi agora que aconteceu: professoras chorando de alegria por ver que não estavam tão doidas assim quando desejavam que os alunos participassem das aulas, fizessem com elas, sabe coisas?! Que os alunos também sugerissem, que elas só sugeriram, e elas só ampliaram o conhecimento, e organizavam tudo isso. Como também tem pessoas que, sei lá, como é que chama, que deixa o trabalho já estava do jeito que está e vai continuar, porque mudança pra quê, né?! Então, a gente encontra de tudo, mas, agora, sabe, fica uma sementinha, e o meu pessoal fala assim: "Não, eu não faço mais, porque tem as limitações, tem as leis, o governo veio e...", mas a lei não é pra ser interpretada, a lei é pra ser cumprida, na questão da interpretação, às vezes eu fico pensando mesmo: "Será que eu estou indo pelo caminho certo? Será que não pode ser de outra maneira?", mas é muito difícil, mas o que nós ainda temos de educadores que pensam que dessa maneira é a correta, conteúdo, conteúdo, conteúdo o aluno que se vire, o aluno que se quiser ele corre atrás, porque ele não tem muita responsabilidade com isso, porque ele está lá dando a sua aula. Então, é difícil. Mas, eu também encontro pessoas ao longo do caminho, maravilhosas, que estão fazendo trabalhos riquíssimos, às vezes a pessoa vem sofrendo pra própria escola, vem de uma escola mais tradicional, do CIEJA ser diferente. Mas, eu acho que todos tentam...

Pesquisadora: Sim. Então, aparece gente bem afinada com esse espírito de mudança e gente que...

Aurora: Eu esqueci em casa, então depois eu vou ver se me lembro. Eu recebi uma poesia de uma menina, que fez ali na hora no *Recanto Norte* tão linda, e ela colocou que "eu era a luz na escuridão que ela se encontrava", que ela escolheu ser educadora e que se sentiu muito mal quando chegou na escola, porque tudo que ela pensava que era possível, de escutar o aluno, de fazer junto, de fazer uma aula diferente, pra ela não era permitido, "mas vira uma bagunça, vai mexer nas cadeiras e você não pode, porque professor que vem com quarenta e

cinco minutos” a professora de português, “quarenta e cinco minutos depois vai ter que mexer nisso tudo”. Então, o simples movimento da carteira... ela queria fazer Sarau no pátio, e era muito barulho, muita bagunça, que os adolescentes não sabem se comportar. Sabe, assim, essas coisas?! E aí, ela falou assim: “Eu estou mais afim de desistir, está me machucando muito, me deixando extremamente doente, de preocupação, de angústia, dela não poder executar um trabalho que eu acredito, mas eu acho que eu me espelhando em você, eu vou lutar, pelos alunos. Então, eu vou continuar sim, e eu aprendi uma coisa com você”, e ela fez uma poesia linda, e no final conversando comigo quando ela veio me entregar a poesia, ela disse: "ah eu aprendi uma coisa com você, quando me falarem você não pode, eu vou perguntar assim: onde está escrito?". Aí, eu disse: “E, quem disse que não pode? Se já tá escrito que eu não posso ser diferente, onde está escrito que eu não posso?”. Então, pra essas pessoas que tem essa vontade de fazer diferente, de ter uma ideia diferente sobre a Educação, sobre o acolhimento e tudo, elas ficam muito contentes quando escutam essa possibilidade, uma janelinha de falar: “Onde está escrito?”, se sentem mal porque estão sozinhas num grupo, num coletivo, e o trabalho tem que ser coletivo, com a ajuda de todos. Mas... E, assim, quando incomoda aquele, que assim, só estar esperando a aposentadoria ou que fala: “Deu certo até agora”, na visão dele, “então eu vou continuar do meu jeito mesmo”, "os alunos que corram atrás do prejuízo, né?!" Então...

Pesquisadora: Tem profissionais em fases bem diferentes na carreira?

Aurora: Educação é incrível! Incrível como têm todas as fases, né? Mas, as pessoas se assustam comigo, porque eu pergunto logo: “O que vocês estão fazendo?”, que pode ser completamente diferente, e aí começa um porção de perguntas: “Mas, a secretaria permite?”, aí eu digo a eles: “O que importa é você como educador se sentir bem e os seus alunos também se sentirem bem”, os que estão recebendo e os que estão construindo juntos, adianta ficar nessa coisa de se confrontarem pra quê? E, outra coisa também que a gente tem que pensar muito, que são as avaliações, né? O professor que tem uma sala inteira com nota vermelha em dois anos, quem é a avaliação se você for olhar sem o professor, né?

Pesquisadora: Sim.

Aurora: Não é o aluno que está sendo reprovado ou retido, é o professor. Porque, imagina, que de 35/40 alunos, dois conseguem, alguma coisa está errada...

Pesquisadora: Ou no processo de avaliação ou no processo de ensino-aprendizagem, né?

Aurora: Com certeza. E aí, o pessoal: “Tem prova lá, como vocês avaliam?”. Então, a gente não tem esse negócio de provão, mas a gente faz a participação de todos, coletivo, individual, a gente têm cinco ou seis maneiras de avaliar. Porque, aí eu falo: "esse tanto de nota vermelha?" . Aí, fica um olhando pro outro assim... Eles falam assim, que eu tenho um olhar lá na frente, e agora no mês de fevereiro inteirinho, só uns parênteses, eu vou pra Índia. Já te falei do [áudio incompreensível]

Pesquisadora: Falou, eu fiquei interessada...

Aurora: Se eles acham que a escola pública pode ser diferente, imagina na universidade, mexer com os intelectuais vai ser, né?! De eu indo aprender em todos os lugares.

Pesquisadora: Um desafio extra.

Aurora: Um desafio extra. Então, eles: “Você pensa lá na frente...”, mas eu digo: “Gente, é uma sequência...”

Pesquisadora: A unha quebrada fala sobre mudança de paradigmas, de mudança de mundo, não é? Também tem a ver com isso né, enfim, construir com a riqueza que tem local...

Aurora: Nós temos um grande problema, os que sonham atravessam uma ponte, que geralmente as universidades estão do lado de cá, dificilmente ele volta pra transformar o local em que está, é um bombardeio de coisas pejorativas da periferia que é incrível, desde sua maneira de falar e vão até todos, e aqueles que não se mantêm, voltam pra periferia, mas sentem essa coisa de não ter feito, concluído aquilo que se propôs. Então, fica aquela mistura de... e, também, começa a fazer intervenções, mas não são intervenções, assim, consciente, está mais para uma revolta, eu não sei se você está entendendo?! “Ai, eu vou fazer isso, porque...”, aí começa essa crítica do lado de lá também, e eu acho que não existe o lado de lá ou o lado de cá, o que a gente quer é adequar tudo isso, né?! E, a gente está nesse lado, sabe o quanto as universidades sai perdendo, quando o aluno começa, e depois de um ano ou dois, desiste de tudo, porque não era aquilo que queria fazer. Então, eu acho que o único que estar preparada, vem trazer isso, primeiro os mentores para saber se realmente gosta, quer, ir pra prática, porque, é mesmo, a menina que seja uma menina organizada, aos dezessete, dezoito anos já pode entrar em uma universidade. Será que ele tem também condições, sem experiência nenhuma, projetar uma universidade pro resto da vida? Ter um conhecimento antes, ter estágios antes, e eu acho que isso facilita a vida dele e a de todo mundo, tá?! Porque talvez, as universidades não ficam só. Mas, olha, vai custar pra se ter uma mudança... Uma amiga nossa foi trabalhar no ENEM, o primeiro, não agora, e tiveram vários colégios sendo revisitados para o ENEM, e ela falou que era por nome, então, tinha uma mistura de periferia por ordem alfabética e aí foram para todos os cantos, falou que o menino falou assim pra ela: “Insuportável essa sala, abafada, não ter ar condicionado, onde já se viu uma escola sem ar condicionado?”, e aí ela falou, então: “Você só está incomodado por quatro, cinco horas aqui no ENEM, já imaginou os alunos que estudam aqui constantemente?!”, e ele: “É problema deles, eu estou resolvendo o meu problema agora nesse calor insuportável”. Então, assim, nós ainda temos uma visão em que as coisas não são para todos, que o privilégio também, estar aí colocado... E é jovem, também, da mesma idade dos jovens, “problema deles, eles que resolvam, o meu é agora, insuportável essa sala”.

Pesquisadora: Por cinco horas?

Aurora: Por cinco horas.

Pesquisadora: As realidades são muito diferentes a gente tem né?!

Aurora: Não é?! E aí, você pensa na universidade, o encontro de tudo isso do lado de cá da ponte, onde geralmente se encontram essas pontes, fica bem o marco, é muito complicado tudo isso. Então, se você fizer... uma "uniquebrada", ele é aceito, ele é acolhido lá na sua comunidade, eu acho que, também, há uma sensibilidade maior para ficar nessa comunidade e transformar uma porção de coisas, não só a sua comunidade, mas como também o pessoal do lado de cá, pensar um pouco, sei lá, não sei se a mistura daria certo, mas sempre têm aqueles que privilégio é privilégio, por mais que a gente fale em igualdade.

Pesquisadora: Isso está bastante arraigado na nossa sociedade.

Aurora: Muito.

Pesquisadora: Privilégio, meritocracia.

Aurora: Eu falei pra você que eu fui no colégio de elite?

Pesquisadora: Não, você falou que ia.

Aurora: Eu fui. A pedido dos alunos. Não sei quem falou de mim, mas falaram, e aí os alunos pediram: “Não, vocês têm que chamar a Professora Aurora lá do Capão”, não sei se a mãe de uma das meninas que me conhecia, e fomos nós. E, as perguntas eram as mais de desconhecimento total, e o mais incrível que se possa parecer. Em um determinado momento, perguntamos a elas, porque assim, quando você olhava, terceiro colegial... Não, segundo colegial, porque o ano que vem ainda tem mais um ano lá, e nenhum negro, né?! Tudo bem, vai, a mensalidade e o preço que é...

Pesquisadora: Sim. Bem excludentes, uhum...

Aurora: Mas, perguntamos assim: “Vocês sabem os privilégios de vocês?”, ficou todo mundo quieto, em um silêncio assim, uma menina que já havia se mostrado antes, assim, de fazer perguntas interessantes, levantou e falou, teve a coragem de falar: “Nós não sabemos! Nós não temos nem ideia, por isso que nós queremos investigar mais, porque nós não temos nem ideia dos nossos privilégios”. Eles não tinham ideia do Capão, não tinha ideia de nada, nada, nada, dos jovens, das lutas dos jovens, nenhuma, nenhuma, “por isso que nós, aqui, queremos conhecer mais”, porque na verdade, quem é que vai ser o dono da empresa que vai contratar, o médico, que vai pensar em saúde e moradia, tudo, estar lá, né? São os mais privilegiados, e como é que eu defendo essa população sem conhecer, e eles falaram: “Nós queremos ir lá no Capão, é perigoso?”, “Não, venham, se não quiser vim todos, venham em pequenos grupos, mas venham, vem passar um dia lá, acho que merece vocês conhecerem, né?! A escola, os meninos, a história desses meninos e meninas, desses jovens, dessas senhoras, para poder até construir uma outra ideia sobre viver nesse Brasil, nossa sociedade nesse momento e ajudar na escolha de vocês, também, para não ficar quando o ar condicionado faz falta, não ficar ‘é problema deles, não é meu, o meu estar sendo agora, insuportável’”. Mas, a menininha levantou, bem jovem, pequenininha de aparência, assim, parecia uma bonequinha, magrinha, e ela levantou e falou: “Nós não temos ideia do nosso privilégio não. Não temos. A gente só sabe que a gente é privilegiado e que não passamos por muita coisa que muitos jovens passam no Brasil, mas não tem ideia”. Então, e se isso não for trabalhado de igual maneira nos dois lados, a gente vai afundando mais essa diferença aí entre todo mundo, então a escola ela tinha que acolher e entender, fazer essas ligações, esses intercâmbios entre todo mundo, e que fosse uma escola para todos. Meu sonho é que seria assim, até os 17/18 anos, todo mundo igual, depois cada um iria pra o seu canto, faria o que quisesse, mas que fosse garantido a todo mundo a mesma educação. Então, até os 18 anos, era um ensino de qualidade, de acolhimento, de pensar nos problemas sociais, de trabalhar os sentimentos, porque, dos dois lados, os jovens estão sentindo muito a perspectiva de vida, os suicídios, os automutilamentos, aquela mutilação que eles fazem. Então, acho que os dois lados... Mas, eu acho que deveria ser uma escola agradável a todo mundo, até os 17/18 anos, aí depois cada um seguiria, que fosse garantido, sem privilégio, mas igual, mas isso... sei lá quando isso vai acontecer.

Pesquisadora: Pensar os problemas sociais, a educação tem que buscar ser acolhedora.

Aurora: As mudanças seriam muitas, e muitas, e muitas...

Pesquisadora: Seriam mudanças profundas.

Aurora: É possível, se as pessoas se conscientizarem, mas é difícil as pessoas quererem mudar, a mudança traz o medo, traz um pouco de precisar me mexer, de sair do meu conforto e é preciso ir pra outros cantos, outros lugares. Então, incomoda um pouco sim.

Pesquisadora: É, porque a gente está falando de uma mudança...

Aurora: E, eu acho que a formação, também, pedagógica, sabe?! Eu acho que as nossas universidades, também, não sei se estão muito preparadas para fazer formação para educador não, ela também não consegue modificar uma porção de coisa. Você sabe que tem uma menina fazendo, agora, um trabalho voluntário lá no CIEJA, e ela fez... Ela é fantástica, a menina... Ela foi fazer o estágio lá no CIEJA e veio com uma proposta de que... Ela fez uma consulta entre os alunos, principalmente, as mulheres, no período da tarde tem mais donas de casa e senhorinhas, e o que ela poderia fazer como trabalho voluntário lá no CIEJA, e aí “A gente queria alguma coisa pra gente fazer em casa, porque sempre entraria um dinheirinho”. Ela foi procurar tudo e viu que poderiam fazer brincos, poderiam fazer pequenos bordados em panos de prato, ela foi fazer isso, aprender, e aí um dia ofereceu esse projeto no CIEJA, e já aconteceu a duas semanas. E, um dia eu estava lá, eu fui lá levar um pessoal, porque eu tinha que ir a cada quinze dias, e eu vou e tem um pessoal que vem e conta história, vem conhecer e tudo, e aí eu vou mesmo para resolver algumas questões que o Douglas acha mais difícil de resolver, mas graças a Deus ele está saindo muito bem. E aí, eu estou conversando lá com a coordenadora e ela fala, assim, “desculpe”, eu não sabia quem era, “Desculpe, eu sou a Márcia que está oferecendo as oficinas para a Janice, aqui, analisar”, isso a umas três semanas atrás, e “eu queria lhe falar uma coisa: Eu acordei pra escola, quando eu ouvir falar na minha universidade, na minha faculdade, que a escola poderia ser diferente. E aí, eu falei, assim: O quê que essa mulher está falando aqui, eu não vejo uma escola diferente, eu pensei em bolar uma escola diferente, sair e vim pra faculdade, e ela continua do mesmo jeito que a escola anterior, muito trabalho, muito seminário, mas pouca prática, o povo conversa, tem um pouco mais de participação nossa, mas... E aí, eu vim fazer, eu fiz questão de vim fazer os estágios aqui no CIEJA que eu me apaixonei, e aí que agora que eu acho que eu estou me tornando verdadeiramente uma educadora, e eu fico muito grata, e para poder agradecer eu vou fazer essas oficinas com as mulheres aqui”. E aí, agora foi inaugurada a oficina de costura, que foi um pedido também das mulheres, ela está lá também, trouxe uma doação de panos, está lá trabalhando, quer dizer ainda tem pessoas que acreditam, mas não encontram isso na formação, porque a Educação de Jovens e Adultos para a universidade é aula opcional, é um curso opcional, então nem tem no currículo, ao longo das aulas normais, e quando ela sair e pega uma Educação de Jovens e Adultos, o que ela faz?! Vai repetir o que ela faz com a criança, até então ela só viu criança.

Pesquisadora: Sim.

Aurora: Por isso a gente achava que era interessante depois que se formar, ter em dois anos, residência e depois ir pra escola, agora com a nova PEC eles já podem ir antes de se formar ainda...

Pesquisadora: Agora ficou mais complicado.

Aurora: Ficou mais complicado ainda, então, eu acho que também a formação, porque essa nova juventude, essa nova geração de educadores, estão mesmo já, um pouquinho mais preparados para fazer as coisas diferentes, mas acabam reforçando a mesma escola que eles receberam na infância, na adolescência, e quando chega na universidade é a

mesma coisa, é difícil um professor que ousa fazer uma coisa diferente dentro das universidades, também.

Pesquisadora: Inclusive, eu acho que tenho uma pergunta, não sei bem como ela estava organizada aqui. Você estar falando muito de um olhar acolhedor, de uma ousadia, de fazer as coisas de um modo diferente, ter um olhar para os problemas sociais, para as questões dos sentimentos. Você consegue localizar algum momento, alguma passagem da sua vida, em que um desses elementos, ou que alguns deles despertam pra você?

Aurora: Eu acho que ser criada numa família tão grande, italiana, ter que dividir tudo, e ter essa coisa muito forte do coletivo, de pensar na divisão e da falta, do excesso, então...

As coisas que acontecia... Era divididos igualmente, então eu fui criada com esse olhar de incluir todo mundo, dificilmente na família alguém era excluído. E, gozado, eu, desde pequena eu trago esse sentimento de ajuda, eu nunca pensei, assim, dificilmente, até hoje, com 72 anos eu pensei assim: "Eu em primeiro lugar, entendeu?" Eu penso nas pessoas ao meu redor tem que estar, mais ou menos, na mesma sintonia, nos mesmos privilégios, nas mesmas faltas, nos mesmos desafios, pra gente poder resolver as coisas ou viver bem, porque é difícil ver um se sobressair. A injustiça, assim, pra mim, de um usando o outro, principalmente ser humano, sempre foi desde pequena, eu não aceitava não, eu lembro que eu, assim, esse é meu jeito, assim, falante e tudo, né?! Eu via os meninos que mais sentia, naquele tempo não tinha, há uns cinquenta anos, 60/70 anos atrás, os meninos que sofriam *bullying* ou que acontecia alguma coisa, era o que eu mais protegia, porque eu pulava na frente das pessoas: "Não, isso não", os meus amigos que estavam comigo, "Aurora vai na frente e os outros atrás". A minha mãe estava lembrando disso outro dia, "Você se lembra quando você brigava pelos meninos? Você era maluca". Eu acho que era isso mesmo, sabe, sempre defendendo direitos, acho que desde pequena, mas eu acho que foi porque eu fui criada assim, todo mundo igual, ter respeito, diz que a família italiana, que quando estar conversando, parece que estar brigando, discutindo, aquela coisa toda, mas a minha a gente tinha muito respeito com a opinião, diálogo, o tempo da conversa, do diálogo, da escuta era muito forte, e era todo mundo morando quase que no mesmo terreno, então vinha mesmo, as questões para serem resolvidas, principalmente, entre nós crianças. Eu acho que é, deve ser da minha formação ou já vem com esse defeito no DNA de estar atrás dos outros o tempo todo pra ajudar e parece que as pessoas caem no meu colo viu? Ah, quando eu digo que vou parar, aparece mais um projeto mais uma coisa para eu me envolver. Mas, eu acho que eu vim com isso, acredito muito que é missão, porque eu sou muito grata de estar fazendo aquilo que realmente, eu não sei se eu sei fazer, mas aquilo que eu me proponho a fazer, e eu acho que me dá um sensação muito grande. Então, por isso que eu... dificilmente eu acho que fiz coisas na minha vida que, eu falasse: "não está legal aqui nesse lugar, vou mudar completamente", porque eu sempre estive em lugares que eu acho que era ali que eu deveria estar, mas foi muito bom, sempre, eu sempre sonhei ser educadora, eu sempre sonhei estar no meio de gente. Eu acho que a minha criação fez com que eu gostasse tanto de gente, eu adoro estar no meio de gente, de falar, de escutar histórias, de contar histórias, isso eu gosto. E, eu tive o privilégio de poder exercer isso na minha profissão, e também familiar, eu só tenho uma irmã, mas três filhos fez com que eu tivesse que me desdobrar para os três e, na casa sempre foi repleta de amigos dos filhos, todos sempre lá em casa, as reuniões sempre lá

em casa, porque era uma casa que acolhia mais mesmo, na época. Então, para você ter uma ideia, a minha casa não tem chave a porta da frente, se perdeu e nunca mais se fez. Quando tinha o portão baixinho, era só pular o portão, agora tem um portão automático, para ajudar né, e é o portão na entrada, mas quando você entra na garagem, você já está com a casa todinha aberta, por que... E ah, sabem onde está a chave, também, do portão, porque se precisar, é uma casa que recebe. Então, como sempre foi assim, eu acho que eu vejo muito sempre esse papel, tanto é que tem alguns meninos que sou mãe, sou avó, sou tia, porque tem essa liberdade comigo ainda, de ser muito próximo. Mas, eu acho que eu sou assim, eu falei pra você, eu agradeço muito a você de estar assistindo essa coisa em vida, as opiniões, as contradições todas que me questionam, mas, também, essa... Ser ouvida, com respeito aquilo que eu tenho que fazer e no que eu posso ajudar. Então, eu acho que isso é gratificante também pra mim, essa vida. Mas, eu não lembro, não sei se teve um momento, eu acho que eu fui sempre assim, sempre. E, eu, não sei se isso ajuda, eu tenho um irmão que é o oposto, tímido, que não abre a boca pra nada, e desde pequeno ele tinha uma coisa, se ele chorava muito, ele ficava roxo, perdia o fôlego, e eu via a minha mãe sair correndo pra vizinha, sacudir pra cima. Então, quando eu vejo uma criança chorar muito, eu morro de medo, até hoje, quando os meus netos começam a chorar, eu tenho um horror de que vai ficar igual meu irmão. Então, eu sempre protegia, ele estava sempre atrás de mim, eu na frente e ele atrás de mim, até hoje ele é muito mais tímido, menos ousado, foi professor, excelente professor, as minhas filhas que foram alunas dele falam, os amigos, todo mundo, eles sempre falam que ele foi um excelente professor, mas assim, muito tímido, sabe estar junto do aluno, sabe explicar, sabe fazer, é muito acolhedor mesmo, por ser professor de Matemática, então, eu lembro que ele ficava horas depois do horário pra ajudar um aluno, isso ele tem. Mas, ele é muito tímido, extremamente. Pra você ver, completamente diferente, se tiver que enfrentar uma situação, ele prefere recuar, do que enfrentar essa situação, e eu sempre tomei a frente. Então, eu acho que isso me fez ficar mais firme para algumas coisas.

Pesquisadora: Mais forte.

Aurora: Mais forte. Eu acho que é isso, mas a vida é muito interessante. Sábado eu escutei assim, depois que estava todo mundo discutindo a PEC, como é que fica o FUNDEB, a questão da Educação de Jovens e adultos, você fala que até os 93, você tem a missão, e depois você vai fazer outras coisas, então acho que é melhor esticar até 105,110 porque a situação está cada vez ficando pior.

Pesquisadora: Precisa de todas as mãos.

Aurora: É, parece que você não vai parar aos 93 não, acho que você vai ir bem pra frente. Porque, do jeito que as coisas estão acontecendo... Falei pra você que fui no MEC, no movimento de educação, e tá um caos, porque o Ministério está completamente vazio, então, o departamento, e as coisas, não têm funcionário, tem um ou outro lá, para garantir alguma coisa, mas dificilmente tem funcionário para resolver. Então, a situação está mesmo complicada, sabe, um ministro que é difícil, uma pessoa difícil. Então, eu não sei ainda o que nos espera.

Pesquisadora: Sim.

Aurora: Porque, fala umas coisas que a gente não entende como é que um professor universitário fala essas coisas e tem essas ideias tão radical. E, os departamentos, apesar que fizeram lá a junção de uma porção de departamentos, que era uma conquista, cada um

trabalhando para a melhoria da Educação, mas você não ver funcionários. Nós tínhamos que entregar um documento, um pedido para o FUNDEB mesmo, e aí concorremos e nós fomos lá, nós estávamos em Brasília e fomos, não tinha ninguém para receber o documento, porque os departamentos todos vazios sem funcionários, e os que ficam, ficam também por um tempo, aí acabam indo embora, e volta novos que não entendem da história que construíram, conhecimento técnico suficiente, nem é conhecedor daquilo, só está ocupando os espaços, os lugares. Estar muito complicado mesmo, a gente estar vendo muita coisa mesmo acontecer na Educação, que vai demandar, junto com tudo isso, um trabalho mais reforçado, mais... Eu acho que de mais... mais coletivo, porque a gente ver as coisas, os movimentos, que têm impacto pela educação, movimento pela Educação... Eu acho que é o momento de todo mundo se unir e ter um foco, talvez, isso também venha a acontecer com mais rapidez, essa rede, luta pela democracia, têm vários institutos, mas que estão fazendo coisas pontuais, eu acho que também, o caos faz com que haja uma união de esforços para dar certo.

Pesquisadora: Sim.

Aurora: Educação aqui, Educação lá, mas tudo é Educação. Então, eu acho que vai nos favorecer nesse sentido da união, vai chegar uma hora que ou você se une ou vai ser fadado a aceitar e ver as coisas da maneira que estão acontecendo.

Pesquisadora: Complicado, muita coisa está aí acontecendo.

Aurora: É porque, quanto mais a gente não lutar pela escola, mais isso vai perdendo o significado, os meninos falam assim: “Pra quê eu vou pra essa escola mesmo?”. E aí, sem conhecimento, sem transformar essa informação que ele recebe, bombardeado o tempo todo em conhecimento, em uma análise crítica, uma discussão, uma reflexão, a gente vai ter uns jovens perdidos, um pouco nessa coisa de “O quê que eu estou fazendo da minha vida? O que é isso?”, procurando, talvez, satisfazer esse prazer em coisas que sejam perigosas para ele mesmo, né?!

Pesquisadora: Sim. Está um pouco confuso né?!

Aurora: Não é? Tudo muito confuso mesmo, você tem razão. Não sei, mas eu tenho uma coisa que a gente tem que colocar esses meninos pra escutar, pra discutir, para falar: “como é que você estar vendo? Qual o seu momento e o que nós podemos fazer juntos?”. E aí, para avançar seu educador, mestre, o nome que se queira dar, ele tem que ter essa capacidade de olhar para tudo isso e onde incluir a minha disciplina. Porque, eu fui ensinar no Instituto Federal, quando eu entrei, professor de Matemática, olhando o contexto, vendo sua necessidade, onde o senhor vai ser lançado para fazer esses meninos avançarem nas coisas, e não só multiplicar, produzir, reproduzir, porque o senhor tem conteúdo que alguém achou que era isso que eles precisariam ter como base para eles irem para as universidades. Mas, eu falei: “Quem escreveu, quem é que sabe que sabia que isso era a base?”. Agora, eu acho que quando um educador, seja ele qualquer, seja qualquer especialidade, principalmente, do nível do Ciclo 2, que são mais especialidades mesmo, isso não quer dizer que o alfabetizador também não tenha que ter essas características, nem nada, que são do Ciclo 1, que é mais ainda o rigor é maior, que troca com todas, mas que também eu acho que ele é mais interdisciplinar, porque ele consegue fazer essas conexões. “Por que a tua disciplina tem que estar nesse momento? Por que é imprescindível do aluno aprender?”, se a gente conseguir ter isso claro, não um programa de conteúdos, e conteúdos, porque alguém falou que isso seria importante, mas o que é imprescindível para que ele prossiga? Pra quê

que nos temos que estudar Geografia? Eu tinha uma coordenadora excelente, que ela falava: “Eu acho que cada professor tem que ter uma mochila, porque ela tem que saber por que é importante”, por que Matemática é importante? Por que Português é importante? No sentido de que: “Por que Português vai ajudar em quê, de que maneira?”, uma coisa mais presente, mais atual, mas não: “Ah, porque o futuro, o conhecimento acumulado”, tudo bem, mas na hora que ele for isso, ele vai atrás, ele vai ser um bom pesquisador e vai entender, porque a gente não vai conseguir dar conta de todo o conhecimento acumulado mesmo, os meninos que forem pra exatas não procuram, se não tiver também essa coisa do por que das disciplinas, como é que ela vai entender humanas, quem for pra exatas. Às vezes, é outra coisa, também, aí ele precisa se especializar mais, porque é a escolha dele, o que ele tem como talento, habilidade, e que o outro não tem. Então, é ter base, e fazer com que o aluno compreenda, que reflita, que tenha o olhar crítico, mas está difícil. Está difícil os professores entenderem, e até os alunos também, tem alguns alunos que falam: “Ah, eu quero meu diploma”, ter uma análise mais crítica do que estão aprendendo, de que maneira a escola está tratando tudo isso também é importante, né? Mas assim, também não dão voz pra eles, né? Não deixam eles falarem, é complicado, ficar abafando tudo e qualquer construção coletiva, pessoal eu acho que morrem de medo dos jovens, já mostraram que são capazes, com as paralisações nas escolas. É gozado, eu fui chamada pra falar em um grupo de alunos do ensino médio, que fizeram a essa paralisação nas escolas, inclusive o líder lá da Zona Sul, e eu falei: “Por que vocês pararam de repente e tudo desapareceu? Parece que não aconteceu nada e que vocês tinham ali na mão, uma porção de coisas”, e eles falaram: “Como nós não estávamos preparados politicamente, não sentido partidário, nem nada, mas politicamente, entender a nossa atitude e o que isso poderia trazer consequências, sejam elas boas ou ruins, mas sejam consequências, a gente se deixou influenciar por uma porção de coisas que veio de fora”. Aí, começaram a quebrar tudo isso, tanto o que falaram o que era correto, o que não era, pra quê eles iam chegar, e aí eles foram sendo quebrados e foram se desfazendo desse grupo, e estão tentando, por isso que eu fui conversar com eles, tentando voltar junto com a escola e tudo, mas estar muito difícil, porque acho que eles não têm disciplina, eles morrem de medo quando falo que eu vou ensinar política nas escolas, né?! É a organização. Então, eles estão tentando fazer um grupo pra estudar política, para entender as atitudes, as consequências, os direitos, a privação de direitos, mas estar muito difícil. Eu fui a uma reunião, eu acho que eles esperavam umas cinquenta pessoas, que se inscreveram e não tinha mais do que dez, sabe, também era sábado a tarde, eu acho que também não poderia estar tantos jovens, poderia ser de manhã, mas foi sábado a tarde, “era o único dia que tinha a escola aberta”, eu falei: “Tudo bem, mas é complicado”, mas discutimos lá com os dez, assim, líderes, mas muito... não estavam mobilizados, estavam muito dispersos, cada um com uma opinião, não tinha um foco mais, estavam lutando só para emergências, porque uma escola foi fechada, a outra não abriu vaga e a outra fez isso, mas não tinha uma união mesmo, e não sabiam direito o que seria o foco dessa luta, do que seria importante eles lutarem. Então, eles estão lá, tentando, fazem reunião a cada 15 dias, já me chamaram, mas eu falei: “Gente, vocês não tiverem foco e se unirem, ter uma união, uma coisa concreta em que vocês vão defender, fica muito difícil mesmo, tem as infiltrações e vai desmobilizar todo mundo, não vai criar essa mobilização que vocês estão esperando”, mas estar lá, mas é uma pena, porque é um momento tão rico de fazer, o governo recuou, mas conseguiram, pela falta também dessa

estrutura política ou mesmo de condições, conseguiram... E, tem uma outra coisa que a gente estava discutindo também com eles, que é muito usado aqui no Brasil, os pais ou as pessoas que vivem com esses jovens, eles importam de estar na escola, mas não importa muito o que a escola estar fazendo com esse jovens, tem que estar na escola, muitos porque não tiveram esse momento, eu estou garantindo que você fique na escola, e não importa em que idade, eles não se envolve muito no programa da escola, não é?! As escolas também parece que faz reuniões para afastar, fecha portões para afastar, não pode entrar, blábláblá, então, na hora que necessita, os pais é só: “Não, vai pra escola, vai pra escola”, mas também não se incomoda muito do que a escola estar ou não fazendo. Porque, também, é um ciclo vicioso, ela nunca foi de questionar muito, preocupado com uma escola que não questiona, que não participa.

Pesquisadora: Sim.

Aurora: Então, fica difícil, mas têm mães que... Então, eu não sei qual é essa PEC que precisa ler mais, pra poder entender, na terça-feira, terça ou quarta? Eu acho que foi na terça a noite, que saiu a PEC. Eu te falei, né? Que eles estão fazendo escola particular com preço, que as universidades vão poder fazer...

Pesquisadora: Uma espécie de bônus ou vale que você falou?

Aurora: Bônus ou vale que vai garantir que as escolas particulares também ofereça. Então, a escola particular, parece que já tem propaganda, alguém me disse assim, “traga o seu filho para ele ter apostilas, aprender inglês, aprender isso, aprender aquilo”, como se tudo isso...

Pesquisadora: Como se fosse simples, até...

Aurora: Né?! Como se fosse simples, como é isso... a imagem da escola pública, realmente, péssima, porque as consequências dos governos que não estão atendendo a todas as exigências, por isso que falta professor mesmo, falta de tudo, falta merenda, falta material, falta estrutura, as escolas estão quase todas acabadas. Então, alguém fala: “Puxa, faço um sacrifício e acabo colocando o meu filho na escola particular”, mas pelo amor de Deus, também não questiona, acha que é o máximo. E esse provável pouco envolvimento desses pais com tudo isso, de pensar e de questionar, qual o planejamento, qual é o PPP da escola, quais são os valores e o que como a escola vai defender, e como vai avaliar, não é novo. Nas reuniões dos pais, chegam só pra falar de avaliação, e não é pra falar nada além disso. Então, fica esse ciclo vicioso aí, e a escola pública cada vez pior.

Pesquisadora: E, você fala bastante dos jovens, né? Dos jovens e adultos, que você tem uma preocupação especial de um cuidado especial com os mais jovens...

Aurora: Eu estou vendo e fazendo projetos sociais para tirá-los da rua, e ajudá-los, que é uma idade limite, é uma idade muito da curiosidade, essa coisa da... Que eu vou fazer agora e eu posso parar a qualquer momento, sabe, como se fosse, que são muito vulneráveis, é uma geração de pessoas que não sabe como prosseguiu, que não tem esse conhecimento pra poder tomar certas atitudes, que são boas ou más, não sabem fazer escolhas, não sabem escrever, não sabem ler, não sabem compreender um texto, não sabem calcular, não sabem a dimensão matemática, o perigo dos números da vida. Então, ficam muito difícil, os jovens são a minha grande preocupação, nós estamos com um projeto, eu acho que eu já falei dele de tirar os meninos do semáforo, que estavam lá fazendo malabares, eles não estão na escola, ficam pedindo, são pedinte, praticam pequenos atos violentos e não são acolhidos, não tem

direito a saúde, não tem direito a moradia, não tem direito a Educação, e porque a Instituição do Menor também não acolhe, fica esse ciclo vicioso e esse jovem, ele é extremamente sensível, vulnerável para entrar pra outras coisas que ganham mais com facilidade as coisas, como praticar furtos. No projeto mesmo, agora, nós temos um menino que pra ganhar 1.000 reais, pegar, roubar carros e foi pego, então estar em liberdade assistida, e outros também que foi roubar um relógio no semáforo. Mas, é aquela coisa de “você quer ganhar dinheiro? Você quer isso, você quer aquilo? Você quer sair dessa vida? Você pode ter uma vida...” Não tem um trabalho efetivo com esses jovens... E ele é o mais vulnerável que você pode encontrar, em qualquer idade, a criança também é vulnerável quando sofre violência, mas ela sempre tem um olhar um pouco mais de ternura, de acolhimento. O jovem depois dos 15 anos, se vira, 14 anos vai se virar, a família fala isso, a sociedade fala isso, quem não estiver trabalhando e nem estudando, por todos os motivos que a gente sabe, é um vagabundo mesmo, é uma pessoa despreparada, então o que resta a ele a fazer é ser empurrado para esses lugares. E, a mídia que fala isso, tenha isso, tenha esse corpo, aja dessa maneira, tenha esse tênis, que às vezes é o mês inteiro do projeto que eles ganham alimentação também, a influência na alimentação, dando as escolhas de como se alimentar. Os meninos quando recebem lá no projeto, no início, eles gastam quase que o salário todo em três idas ao méqui⁴² porque levam os amigos e tudo, e eu acho que é uma satisfação muito grande, mas é por causa da propaganda daquele lugar, que é um lugar que não lhe pertence, mas com grana você pode entrar e realizar os seus desejos. Então, a alimentação também é muito precária, os cuidados... Eu tenho um menino com 15 anos, e uma menina com 13 pra 14 anos, que serão pais agora no mês que vem, do projeto, e o menino pediu pelo amor de Deus pra entrar no projeto pra ganhar 800 reais, que é o que a gente paga com a bolsa, mas tira 200 quase da condução que eles vem de longe, 600 reais vai cuidar da bebê e de uma esposa. Eu falo pra eles, quando eu brinco com eles, eles ficam doidinhos comigo, que eu digo assim: “é tudo ao contrário, primeiro é o filho, depois a esposa, depois a casa, depois o emprego, é tudo ao contrário”, e aí, eu falo: “Gente, pensem bem um filho...”, e aí eles: “ah, como a gente foi criado, também se cria”, e aí vai indo.

Pesquisadora: Se equilibrando.

Aurora: Não quebra o ciclo, mantendo o ciclo todo. Mas, 80% das meninas que frequentam o projeto, vão dizer que 90% já são pais, dos 16 aos 22 anos, até aqueles que têm 16 anos vão dizer: “Não acredito, já sou pai”, acho que eu tenho dois ou três que não são pais.

Pesquisadora: Tem uma repetição de ciclos, né?!

Aurora: É, tem uma repetição de ciclos.

Pesquisadora: Mas, como você fala do CIEJA e eu escutei algumas conversas dos alunos lá, eu tenho a impressão que, talvez, o CIEJA ajude terminar ciclos.

Aurora: Essa é a nossa intenção.

Pesquisadora: Você até me contou das mulheres que se separam.

Aurora: É a nossa intenção, é um objetivo pra nós importantíssimo que é quebrar esses ciclos, se não quebrar, trazer elementos para que ela, realmente, ou ele, que eles comecem a entender que essa vida louca e tome atitudes que vá trazer menos violência, que

⁴² Méqui é abreviação do nome das lanchonetes Mc Donalds.

organize, que transforme, e não aceitar como sendo legal, “Ah, eu bato porque meu pai batia em minha mãe”, “ eu apanho, eu passo necessidades porque minha mãe também”, quer dizer, sabe, não, pera lá, tem um momento que sou eu e o que eu posso fazer com isso que a vida me deu, eu não preciso aceitar. E, o CIEJA tem isso muito forte, por isso então, que a gente escuta tanto no acolhimento, é pra quebrar mesmo. E olha, é impressionante a história da Ivonete, deixa eu ver se eu tenho até a fala dela aqui, ela foi com aquela menina que esteve aqui a Indiana, e não conseguiu entrar, aquela menina que foi recebeu um tiro porque...

Pesquisadora: Malala.

Aurora: É. Ela chegou lá, “não pode entrar...”

Ah, deixei na outra bolsa.

Ela foi e não deixaram ela entrar, aí ela ficou na porta, aí ela falou: “Mas, foi um evento gratuito, por que eu não posso entrar?” “Não, mas as pessoas já foram meio que selecionadas”, e ela não foi selecionada, porque não condizia uma porção de coisas naquele ambiente, lá no Itaú Cultural, que parece que foi. E, não deixaram ela entrar, disseram lá que meu protesto, protestou porque era com ela, queria uma explicação, mas ficou por isso mesmo e não entrou. E aí, ela ficou inconformada com isso, que disse que no próximo que tiver, aí teve um encontro na USP semana passada com a escritora Conceição, Conceição Evaristo, uma negra, que escreve mesmo, tocando nessa fonte do racismo, do preconceito, da mulher e aconteceu a mesma coisa, ela chegou lá, “Ah, não, não pode entrar, o encontro é para os convidados, a senhora não pode”, aí ela falou: “Então, eu aprendi lá na minha escola que quando está escrito Gratuito e não tem nenhuma coisa escrita como um adendo”, ela era analfabeta quando veio para escola, “então eu poderia vir aqui e assistir a palestra que me interessa muito, porque nós estamos na semana em que faremos a Feira de Literatura, Literária, e vamos apresentar as principais mulheres lá, que estamos estudando, que estamos trabalhando nos livros dela, então eu gostaria de...” E aí, eu trouxe uma coisa, porque ela, chegou numa depressão incrível, e não sabia ler e escrever, então o médico aconselhou que ela fosse procurar alguma coisa, que ela é uma excelente costureira, mas ela se envolveu tanto no CIEJA que ela fez as Bercas por si só, e agora ela fez aquele atelier de costura, ela que ajudou, pediu, tudo você já aprendeu, “aprendi a ter cara de pau aqui”, pediu as máquinas, ganharam duas ou três máquinas, vai nas lojas retalhos, ganhou uma infinidade de retalho, arranjou outras voluntárias para fazer, além de serem alunas, ainda instrutoras de costura, é fantástico. E aí, ela falou: “Não, eu só quero... eu gostaria de entregar, que nós fizemos duas sacolas e eu gostaria de entregar a ela. E, me deixa ficar só um momento, porque nós estamos estudando os livros dela (Conceição Evaristo) no CIEJA e eu gostaria de entregar essa sacola, que ela fez e com as nossas produções”, ela escutou de lá e falou: “Deixa ela entrar”, porque ela falou: “Eu não falei baixo, eu falei pra escutar mesmo”. E, quando ela começou a contar da escola pra escritora, ela falou assim: “Mas, eu escrevo pra esse público mesmo”, e ela falou assim: “Dona Aurora, tinha um monte daquela gente, assim, bambambam, de não sei lá que o nome, e ela ficou comigo um tempão. E, eu fiz duas sacolas, uma pra ela e outra pra filha dela”, e olha como eles aprendem né, “e agora na bolsa da escritora pra mostrar as produções, e eu fiz a outra porque eu sabia que ela tinha uma filha, e uma filha com necessidades especiais, e eu quis que a menina tivesse a mesma sacola da mãe”, toda bordada, feita à mão, você precisava ver, é incrível, as sacolas. E aí, ela ficou e ela falou, assim: “Eu vou lá no CIEJA, porque são para pessoas assim que eu escrevo, mas eu quero estar mais

próximo”, aí ela falou: “Que orgulho! Mas, eu aprendi a entrar nesses lugares agora com dignidade, chego lá e falo dos meus direitos”, e ela falou quando fala assim: “É cria de Dona Aurora, é cria do CIEJA”. Mas, uma pessoa que era depressiva, que não tinha mais sentido a vida, fez um atelier de costura, vai na escola em todo o tempo que pode, fez 50 becas para a formatura do ano passado. E, ela falou: “Eu aprendi a ler e escrever aqui, me formei, mas ainda tenho algumas inseguranças, então eu permaneço aqui pra aula de reforço”. Então, eu acho que é isso uma escola, também, pra acolher essas coisas, e ela falou uma coisa muito bonita: “O CIEJA Campo Limpo nos acolhe com nossas dores e com nossos traumas, e faz com que...”, falou isso lá atrás, “... faz com que a gente sinta orgulho das nossas cicatrizes”.

Pesquisadora: Que bonito.

Aurora: E nessa hora, a escritora soube e falou, assim: “Eu vou lá no CIEJA, porque são pra pessoas assim que eu escrevo, e já que vocês estão discutindo as minhas escritas e vou dividir os meus livros com vocês, e marcou nos próximos dias pra ir lá”. Então, assim, eu acho que no CIEJA, é o quebrar mesmo essas barreiras, sabe essas barreiras, mas que você é capaz?! Estar lá. Eu fazia o seguinte com os professores, os professores falavam assim, eu vou te contar a história: “Ai, eu estou pensando...”, “Faça”, “mas eu não sei”, “Faça, se você não tentar você nunca vai saber. Arrisque. E, a gente vai, ao longo da execução estudando, fazendo, e se não der, foi uma experiência, esse já não deu certo, vamos tentar outro de outra maneira”. Tinha uma menina lá, ela tem um nome bem estranho que eu estou aprendendo, conheci cada ossinho do corpo, a postura, a alimentação, ela é alfabetizadora, muito boa alfabetizadora, ela desafia fazer uma alfabetização através dessa ciência que ela estava estudando, que ela estava fazendo o curso, “Aurora, você acha que eu...?”, “Tem tudo a ver”, e aí passou o ano e ela não fez, esse ano eu não estava lá, aí “eu estou esperando você fazer aquilo na alfabetização”, que é através do conhecimento do corpo. E aí, eu fui agora lá na terça-feira passada lá, e ela veio toda feliz, cheia de depoimento, ele está fazendo uma experiência dia de sexta-feira que tem as oficinas, durante cinco semanas. Então, criou dinâmicas, pegava castanha passava sobre a coluna, para saber cada ossinho, como é que eu estou naquele dia, a posição. Mas, olha, se você ver o depoimento das senhoras, você fica, assim, emocionada de chorar, porque cada ossinho, cada palavra, ela está usando para a alfabetização, qual é a função da alfabetização, é saber ler e escrever palavras, agora precisa ser casa, Eva viu a uva, zebu por causa do Z, não é?! Não, mas pode ser uma coisa que faça sentido e que seja prático.

Pesquisadora: Sim, perfeito.

Aurora: E, ela estar fazendo, mesmo, uma coisa maravilhosa, e eu falei pra ela: “Próximo prêmio que tiver aí, você vai colocar sua prática e vai fazer isso acontecer”. Então, assim, e essas senhoras estão maravilhadas com ela, porque... ela falou, assim: “Ai, eu tinha dor na corcunda e não sabia como era a postura de levantar, sentia muita dor na coluna”, eu só sei que é fantástico lá o que ela está fazendo. Então, mesmo quando o aluno, o professor que não chega lá e não continua com essa prática, assim: “Aí, eu tive uma ideia de fazer tal coisa”, eu: “Faça!”, sabe, de dar confiança?!

Pesquisadora: Hum Hum.

Aurora: “Faça!”, “Mas, eu não sei se vai dar certo”, “Faça! Siga a tua intuição e faça! E, a gente vai discutindo ao longo do tempo, ao longo da organização, e se não der, vai ser uma experiência de como retomar isso, mas de uma outra maneira depois, mas não desista”.

Lógico que isso vai de cada olhar do educador, né?! Que quando você abre as portas pra ele, também se sentir pertencente, sentir que ele tem uma função, que ele é capaz de ousar, que ele é acolhido e que não vai ter censura, dele não ser um professor transformador e fazer uma inovação na escola, porque as outras não permitem muito, tudo tem que ser da sua maneira, mas nós lá, não. “Eu preciso disso e preciso daquilo”, “Manda ver!”.

Pesquisadora: E, tem os modos diferentes de fazer.

Aurora: Então, quando a pessoa se sente, experimentando tudo isso, eu acho que ela também, fala: “Puxa, é um lugar que me recebe, que me entende, onde eu posso ter essa liberdade”, e outra coisa... O entrar e sair da escola, como se fosse uma casa, um lugar acolhedor, se ele sempre encontra as portas abertas, um coração aberto pra receber, é importantíssimo, porque a pessoa se sente bem, ela não tem... Então, não tem diferença, não importa que seja branco, negro, jovem, idoso, trans, gordos, todos, todos os gêneros, eles tem que sair a hora que quer da escola, o fato de chegar na hora da comida e ter um prato de comida pra quem tem fome, é importantíssimo, você cria outras relações. Então, eu acho que o CIEJA tem como foco é essa coisa de superação dos ciclos, que chega a ser perigoso, porque as mulheres que são violentadas, as que aprendem mesmo, a primeira coisas que elas vão fazer é descartar o companheiro violento, “Já me liberei, coisa ruim, por isso que eu deixei lá”, ou se não “Eu conseguir mudar a minha vida lá em casa, eu fiz outras coisas, eu estou fazendo de outra maneira e estou vendo como o resultado é diferente”, que é a oportunidade, né?! Porque, a gente não vai falar: “É certo ou errado”, a gente vai escutando e vai encaminhando pra aprendizagem, “É certo? É errado?”, acho que doze mulheres as que se interessaram, resolveram, receberam o convite e aceitaram, e agora estão fazendo coisas incríveis, e uma vai chamando a atenção da outra na sala de aula, comentando como é que foi o final de semana, os exercícios que a professora deu pra fazer, como melhorou a qualidade de vida, já têm uma porção de escrito para os próximos encontros.

Pesquisadora: É a propaganda ‘Boca a Boca’?

Aurora: É, a propaganda ‘Boca a Boca’. E a escuta, né?! Eles pediram esse ano Gastronomia, porque eles falaram que, talvez, em casa eles pudessem fazer, já faziam, o conhecimento de comida, de fazer uma torta gostosa, um salgadinho, uma marmita e vendia, porque é difícil ter dinheiro de outra maneira, talvez, em todos os lugares. Então, eles já faziam, mas “agora a gente queria aprender um pouco mais”, sabe, de gênero, nutrição, “verificar se do jeito que a gente está fazendo é correto”, e nós corremos atrás e conseguimos uma cozinha, toda doada pela Nestlé, uma cozinha toda industrial, também, com um chefe de cozinha que é o professor Edson, a Silvanir deu toda a parte de panificação, e a intenção é vender pãozinhos metade deles e oferecer pra população da escola de fora que não quis cobrar. E, a Corte e Costura tinha um público pra isso, porque umas senhoras disseram: “Puxa, se eu ficasse em casa fazendo alguma coisa pra ganhar alguma coisa e ganhar dinheiro, não só pra minha família, já economizaria”, sabe essa escuta pra entender?!

Pesquisadora: E, essa questão da renda é importante ali, né?!

Aurora: Ah, é importantíssimo. Por isso, que toda quinta-feira tem o “Feito por mim” eles podem comprar e vender, mas se fizer, só não pode comprar pra vender aí, mas se fizer pode trazer pra vender e ficar com o dinheiro, a escola não pega nada, ninguém pega nada. Então, bolos, potinhos, pães, tudo, eles vendem de tudo, pano de prato, toalhas de mesa, é feito por eles. Tem um professor que ele orienta como gastar, ele usa isso na Matemática, o

quanto você gastou, por quanto você vai vender, que é uma outra coisa que auxilia bastante, mas, é isso o "Feito por mim". E, isso foi aparecendo com a escuta, em atendimento à demanda, "O que vocês querem? Como é que a gente pode ajudar, a escola?". E, a escola é pra fazer tudo isso, se eles estão achando que isso é desnecessário, mas...

Pesquisadora: Então, o eixo dessa escola é ouvir, tentar, atender e...

Aurora: Escutar, atender, dar possibilidades, mostrar possibilidades, né? Agora, eu tenho um pedido de corte de cabelo, barba que está muito na moda, fazer a barba, nessas barbearias agora. Então, os jovens lá, tem bastante participação das mulheres, a maioria são das mulheres, mas os homens começaram: "Ah, eu queria que você ensinasse a gente". Hoje, eu já tive o primeiro encontro com o cabeleireiro, por isso que eu falei que ia me atrasar, porque ele marcou às 11 horas no estúdio dele e eu estava no estúdio com ele e acabamos conversando tanto, e ele é um cabeleireiro famoso, que cuida dos famosos aí, e ele: "Não, Aurora, eu estou disposto mesmo a fazer e comandar", porque ele também dar aula, ele tem lá no estúdio dele na escola, e ele falou: "Não, pode deixar, a gente vai mesmo, voluntariamente, eu vou dar o curso para os meninos". Então, essa coisa, que também algumas diretoras ficam bravas quando eu falo, "mais trabalho, já não chega o trabalho", mas como eu fico, dependendo da prioridade que eu tenho, eu fico muito presa na papelada que não leva a lugar nenhum, e que eu esqueço até as vezes que eu lido com humano, do que é o humano. Eu vivo recebendo bronca, também, "você tem tanta coisa, relatórios", "mas, dá pra esperar, não dá não?", mas a pessoa não dar pra esperar, né?! Então, é urgente. Então, eu falo pra elas: "Eu prefiro deixar a minha mesa assim", às vezes eu preciso tirar um dia, fechar a minha porta, para responder, porque às vezes a minha mesa está entupida de coisa, porque eu fico escutando aluno, pra lá e pra cá, e eu não paro nessa escola, e eu falo: "mas, isso é que é um gestor presente, porque eu não tenho sala de diretoria", lá não tem sala para diretor, é tudo junto e misturado, a gente faz as reuniões no pátio, faz aqui, faz lá, porque a gente não quer ter essa coisa de: "Ah, tem que ter um lugar pra mim, é lá o meu lugar". E aí, fica acumulando papelada, às vezes eu, também, falo assim: "Isso não é necessário fazer", "Não, mas foi exigido", "fala que você não vai entregar, porque não vai trazer nenhum benefício pra escola", antes eu era que fazia e eu mesmo falava: "Agora que é o Douglas, eu não vou entregar essa papelada porque não vai me servir pra nada". Gozado, que você sabe que ele entrou pelo processo seletivo?

Pesquisadora: Sim.

Aurora: Isso, desde 1998.

Pesquisadora: Ah, é?

Aurora: É, precisa ser da rede, mas passa por um processo seletivo, precisa apresentar uma proposta, passa por uma aprovação pelo ISME, a gente não tem nada, mas a entrevista é conosco, uma vez que a gente precisa segurar, garantir, porque... Pra conhecer, porque às vezes as pessoas que isso muito bem, mas na hora na fala, denuncia tudo o que ela pensa sobre Educação, na prática. Então, a gente não abre mão disso, pode ser quantas pessoas forem, a gente tem foco pra analisar isso tudo, né? E aí, apareceu um problema, no CIEJA acho que foram cinquenta escritos, inclusive a prova é hoje, foi agora das 10 às 13 horas a prova, hoje, o processo dessa escrita, e depois, na semana, na sexta-feira começam, hoje é quinta, né? Não, hoje é segunda. Na sexta, começam as entrevistas, começam todas as entrevistas. E aí, um grande problema, o professor que está no período probatório não pode

entrar, fazer, participar. E aí, falou que algum professor fez e fica, o Douglas foi a mesma coisa, ele chegou no CIEJA, estava aquela coisa, e ele falou: “Aonde está escrito?” e se alguém falar pra você “Não pode”, você pede por escrito, escreva que “Não pode”, porque não estar escrito na portaria, não estar escrito no perfil, em lugar nenhum, é aberto a todos e eu sou um funcionário como qualquer outro, e ele falou: “Eu não vou, eu vou aceitar todo mundo lá, e depois se acontecer alguma coisa lá, ele que vá lá pra frente”. Então, eu vou ignorar... “Ah, é uma interpretação de lei”, então eu falei: “Eles estão interpretando que não pode, e vocês estão interpretando que pode e vamos embora”. Sabe, também se impor pra algumas coisas que são importantes, ele falou: “E é como eu falei com a senhora, vai ser todo mundo aqui aprovado”, porque tem CIEJA que já reprova na escrita, que não entra se não for pelo processo seletivo, “Não, aprova todo mundo, porque é na entrevista que você com a prova escrita na mão é que vai perguntar, e aquilo que ele escreveu, aquelas coisas que a gente fala assim, as abobrinhas da vida, falou alguma coisa que te deixa completamente super assim, professor pensando assim, não faz mal, faz ele explicar”, porque também é muito frio a escrita e a interpretação da escrita, “fala pra ele explicar o porquê”, na hora da leitura, que agora eles vão fazer, vão aceitar cargo pra supervisor, o pessoal que cuida de EJA, a secretaria, dinheiro, as coordenadoras, “vocês vão marcar textos que são importantes experimentar, e ali já está filtrando na entrevista, o do porquê surpreendeu tanto a parte maior, que bom, que explique um pouco mais do que na escrita, que talvez não tenha se expressado muito nessa escrita, é aí que vocês vão selecionar os professores”. Então, essa coisa de aceitar muito, então, talvez, “Ah, a minha DRE não permitiu”, então a outra “Não, eu não vou aceitar”, e eu: “Gente, se essa questão da interpretação dele não está escrito em lugar nenhum, faço o que é melhor pra vocês, se vocês acham que não tem que ter, então não tem, faça e assumo, se você acha que tem que ter, faça e assumo, também, pra justificar, mas faça, porque essa coisa de impedir, de ficar numa discussão, de perder, mudar, vamos dar uma organizada, façam e depois assumam as consequências, como eu fazia o tempo todo. Agora, tenham argumento, porque essa coisa onde está escrito, senão escreva pra mim que eu não posso, a pessoa não quer se comprometer”, entendeu?! Onde está escrito que se você cita e fica registrado, escreva pra mim que não pode, ninguém, nem... É só falar essas duas palavrinhas, essas duas frases: “Onde está escrito?” e “Escreva pra mim”, mande pelo meu e-mail, mande pelo Whatsapp, por onde quiser, mas escreva, porque as pessoas não querem se comprometer, porque não tem certeza, também, é que ouviu falar, uma interpretação foi essa, mas não foi muito...

Pesquisadora: Só de ouvir falar, ele já foi e às vezes veta coisas importantes.

Aurora: Sim, ouviu falar e as coisas vão indo, do ouvir falar.

Pesquisadora: Eu tinha uma pergunta que eu não fiz na última vez, e agora pensando na conversa que a gente teve daquela vez e um pouco essa, que você estar revisitando aí, questões importantes. Como que é contar isso pra mim ou como está sendo?

Aurora: Olha, eu falei pra você que eu gosto um pouco de história, porque minha vida é uma história, e assim, eu acho que a importância da sua pesquisa... já fizeram isso uma vez na USP, me levaram pra lá, eu acho que eram quatro doutores, pra entender de como é que eu pensava, essa coisa, assim, então, sempre pra frente, sempre com um passo lá na frente e achar, com uma certa facilidade, soluções a velhos problemas, em coisas que eles dizem que eram impossível, e eu dizia: “Que era impossível, por quê?” Vasculhar e achar uma

resposta confiável, quer dizer, dando os nomes, era achando soluções pra velhos problemas. Então, eu acho que assim, contar isso pra você, é revisitar um pouco a minha memória, eu gosto de contar história, eu acho que pode ser um legado, deixar um legado aí pras pessoas, assim, terem confiança no que eu acredito, porque a gente, é isso que eu queria te falar: Nessa geração nova de educadores, que estão saindo agora das universidades, muitos... Em todas as questões, em vida financeira, expectativa de evolução, em todos, todas elas, estão desistindo da Educação, ficam cinco ou seis anos, passa, e fala “Não tem jeito, eu não quero mais isso pra mim, eu vou me embora”, e às vezes é uma coisa que o tempo todo foi acalentado como um sonho e eles desistem, e vão fazer outra coisa e também não é feliz. Então, e isso estar acontecendo com os bem jovem, que ver o mundo em outro movimento. E, isso é bom de saber, que pelo menos tem/teve alguma coisa que pode ser diferente, que foi, está sendo, porque Graças a Deus, o Douglas está mantendo e os professores de lá estão mantendo isso, que eu fico muito feliz. De pensar em alternativas possíveis para a Educação, sabe, não repetir “é assim, assim não dá, a lei não permite”, não, se tem problema, vamos achar uma solução, mas uma solução criativa, que possa favorecer o maior número de pessoas, em que todo mundo possa ser incluído, também não com privilégio, porque tem soluções que pode privilegiar só alguns... Mas saber que... e outra coisa, é escola pública, né?! Ela tem tanto, mais tanta, tanta oportunidade de ser diferente, porque a particular já nasce com um propósito, ela já nasce com um dono, uma intenção de alguém, e a escola pública não, é de todos, mas parece que está difícil entender que é de todos, porque acaba tendo alguns donos, que permite e que não permite que as coisas aconteçam, mas a escola pública é pra todos. E aí, você tem que... e aí, também, multiplica os problemas, porque quem vem da escola pública, também, vai ter uma diversidade enorme, e aí os problemas são diversos também. Então, essa coisa da escola pública é fantástico, seria a solução se todo mundo abraçasse como pública, como direito de todos, seria fantástico. É coisas que são pras pessoas, mas a própria escola pública faz com que as coisas não aconteçam, a gente ver muitos jovens, muitas professores bem jovens da rede que encaram um ano, dois anos e já estão decepcionadas com a escola regular, aí vem lá pro CIEJA cheia de gás, e elas falam: “Ah, é duro você chegar em uma escola, quando você escolhe, e a coordenadora falar: ‘que besteira que você fez, tão juvenzinha, se dedicar a escola, tanta coisa pra fazer, vai ser ruim isso’”, né?! E, não deixa a outra experimentar, a outra saber, e ela mesmo, estando dentro da escola pública e faz esse tipo de propaganda, né?! Em que a escola é ruim, que tem...será? Pra mim, nunca foi ruim, pelo contrário, sempre foi desafiador. Então, eu acho que é como a gente olha, mas pode ter certeza, que quem estar a mais de vinte anos no ensino público, é esse conselho que dar pra os mais novos, “você vai entrar nessa, procura outra coisa, é muita violência, menino que não quer nada com nada, tem os pais, tem o...”.

Pesquisadora: Eu já ouvir: “Você é nova, tem tempo de mudar”.

Aurora: “Dá tempo de mudar”, é isso mesmo. E aí, essa menina foi uma menina fantástica, a Luciana, professora excelente, ela falou assim, quando ela teve a reunião com a coordenadora, ela falou assim: “É tempo de mudar mesmo, que eu não vou deixar na escola, está muito chata, me dando maus conselhos e não bons conselhos, e eu vou me inscrever no CIEJA e vou trabalhar lá, que lá os professores de lá têm mais maturidade pra olhar pra escola pública e ver onde que é possível fazer diferente”. E aí, ela foi muito bem na entrevista, foi no ano passado, está se saindo muito bem lá, porque ela falou: “não, não vou desistir não, é

isso que eu quero”, mas essa coordenadora falou: “Você é muito jovem, cheia de ideias, vai fazer em outra, vai pra outro campo”. Então, a própria pessoa que estar lá, a tantos anos, a gente fala lá que vai dar um tiro no pé, né?! Igual as escolas do entorno, “olha, eu vou te dar um papelzinho com a escola que eu trabalho, vai procurar o CIEJA que lá você vai aprender, aqui você não vai ter outro lugar pra você”, quer dizer a fala, o poder da fala, o que “aqui você não vai aprender”. Então, o que estar se fazendo nessa escola? Será que pode voltar e rever tudo isso? Porque a escola não vai aprender de troca, não é?

Pesquisadora: Sim.

Aurora: Mas, eles já fazem um papel especial, CIEJA Campo Limpo já fazem um papelzinho e entregam na secretaria. Porque também não quer ter muitos problemas, porque quem tem muitos problemas tem que achar uma solução, tem que trabalhar pra isso, tem que fazer acontecer, tem que avaliar, porque às vezes as pessoas não querem muito não. Que eu acho, também, na escola pública, é a diretora ter esse poder, a gente fala diretora, que seria do Conselho, mas como a gente sabe que os Conselhos não funcionam como deveriam funcionar, né?! Assembleia, tudo resolvido, com transparência e tudo, de fechar o noturno, né? “Ah, tem que trabalhar mais, tem que vim no noturno, no noturno eu quero estar na minha casa...”. Então, assim, por que não pensar: “Se não é isso que eu quero, então aqui não é meu lugar, é?”, era assim que deveria pensar, e “fecho mesmo, tendo demanda ou não tendo demanda”, ou sendo mais uma oportunidade para as pessoas ficarem perto de casa, fecho as escolas noturnas. E, infelizmente, o que resta pras os alunos vierem fazer a Educação de Jovens e Adultos que a noite não tem CIEJA, agora são 16, mas não tem em todos os lugares da cidade de São Paulo. Então, muitos bairros dependem dessa escola que não quer abrir no noturno, mais trabalho, mais perigoso ficar até às 23 horas. Aí, eu fico questionando: Por que tem que ter até às 23? Até as 23h15 não precisa, quer dizer... Então, tem uma série de coisas que a gente pode questionar, mas não têm... Não sei se maturidade, vontade, não tem desejo, ou como é que pensa a sua escolha de ser, que prestaram concurso, são um povo que fizeram da Prefeitura, que atende a Educação de Jovens e Adultos são todos concursados, é difícil... Só o CIEJA que é indicado, que passa por uma avaliação, mas eles são designados, quase todos, mas eles são efetivos, né?! Escolhem, prestam um concurso, escolhem estar lá, né?!

Pesquisadora: E, escolhe aquela carreira, né?

Aurora: Que é uma carreira. Mas, eu já escutei mesmo, minha escola, assim, como... A gente fala como força de expressão, minha escola é porque eu estou lá, então, mas dificilmente a gente usa esse conceito de minha, porque é de todos, né? E aí, a gente ver, também, como é que é tratado os funcionários, lá no CIEJA a gente considera todo mundo Educador, dar uma oportunidade como a Ivanir que sugeriu que tivesse o atelier de costura, vai conseguir, alguns professores se envolveram, outros não, ela foi atrás e tudo, feliz da vida que tiveram essa conquista. Então, lá, todo mundo que queira participar é sempre muito bem vindo. E aí, escutando alguns diretores, eles falaram mesmo da participação, “que isso pode, isso não pode”, e não poder participar a parte da merenda e da limpeza, e teve diretor que falou assim, olha o que eu escutei no sábado e fiquei horrorizada, “O diretor não deixa ninguém comer, ninguém fazer nada lá dentro da escola, e as merendeiras jogam tanta comida fora, que fazem saquinhos pra o pessoal de limpeza comer depois em um lugarzinho, no saquinho”, e eu falei: “Isso é desumano, não é humanizar as pessoas, porque elas pegam aquele saquinho, abrem e vão comer tudo misturado”, quer dizer, pra quê isso? Qual a

necessidade, onde está escrito que existe... se você fizer um projeto, também, que nem foi no tempo do Chalita, que deu abertura, porque assim, “ah, professor e...”, só professor, quer dizer, mas foi para todos os funcionários da escola, recebe um auxílio-alimentação, então não pode comer na escola e nem nada, mas nós quebramos a fiscalização do projeto e fomos todos à mesa, porque eu acho que a hora da comida, também é uma hora pedagógica, de escutar, de podermos construir juntos um Projeto Político Pedagógico bem coerente. E aí, mas nem a intenção era isso, mas tem diretor que fala assim: “não pode, ninguém pode comer”, e aí joga fora a comida, quer dizer, em que momento se desligou dessa lei se desligou da atenção, do carinho e do acolhimento, né?! A lei não fala para jogar e impedir, era para os professores e os funcionários, qual o problema deles comerem um prato de comida? No máximo o que vai ter são uns seis funcionários, isso o dia inteiro, divido de manhã e tarde, quer dizer, a comida estar ali, já foi paga, se for pro lixo ou elas comerem é a mesma coisa, já foi paga...

Pesquisadora: Já foi cozida...

Aurora: Já foi cozida, já foi... E aí, qual é o problema? Eu afastei uma merendeira, ela chegou lá e falou assim: “Essas novinhas que vem assinar uma prancheta, não, me dê uma faca e umas luvas”, e aí ela olhou lá no estoque e falou assim: “Essa caixa está pra vencer”, ela falou: “Vamos fazer o seguinte”, ela abriu a caixa e começou a esmagalhar todo o pão e a bolacha, tudo, e falou: “Saco de lixo”, e colocou tudo no saco de lixo.

Pesquisadora: A vencer?

Aurora: A vencer e mostrando como deveria ser feito quando estivesse próximo do limite de vencimento. Douglas na hora ficou sabendo do que aconteceu nesse início de ano. Mas, aí ele falou: “Não Aurora...”, e essas coisas que estavam acontecendo e no dia seguinte eu estava no CIEJA ele me falou assim: “Se tu soubesse o que aconteceu, a merendeira fez isso, e isso, o Douglas disse que ia resolver, mas ele não sabe muito bem como”. Aí eu falei: “Ah, é?”, e eu falei assim: “Douglas, você vai chamar a terceirizada, a empresa terceirizada, e vai falar que você vai fazer um documento pra explicar pra essa merendeira porque não se permite fazer isso aqui, que você não vai permitir, se estar a vencer, se é de um dia pro outro, se a gente coloca no pátio, cada um leva pra casa, porque isso já está comprado, isso já está faturado, é dinheiro público, não é dinheiro de ninguém, a gente não está prejudicando ninguém em fazer isso e que você não vai permitir isso aqui na escola”, no nosso Projeto Político Pedagógico fala que não há desperdício. Quando está, a gente coloca, “Ó, sobrou laranja, coloca lá...”, e cada um leva para casa, depois que todo mundo comeu, ele fez. Chamaram e ela nunca mais apareceu no CIEJA, aí disseram pra ela: “Ah, no CIEJA é tudo diferente, precisa ter calma quando chegar lá”, eu espero que seja afastada do CIEJA, mas que seja chamada pra uma conversa, porque se ele fizesse numa escola em que o diretor atenda a tudo isso, ela vai fazer isso, e aí os coletores de coisa falaram, que lá é a única escola que eles levam um saquinho de papel de banheiro é aqui, que nos outros lugares eles precisam reforçar o saco de tanta comida que jogam fora e com tanta gente precisando. Não precisa está bem, não quer dar, deixa em um canto, conversa, tem pote de sorvete cada um leva, “ah mas, e se passar mal?” não está lá, é fresco, ninguém vai passar mal e se passar, qual é o problema? Você deu para alimento, é muito mais você levar para o lado negativo, de se precaver a uma coisa, e eu acho que até fantasiar, aumentar, para você ter depois uma possível solução para o problema. Se acontecer, porque pode não acontecer, no CIEJA nunca

aconteceu de ninguém passar mal, nunca. E, também, é só papel de banheiro que vai para os coletores, todo o resto é tudo aproveitado, as embalagens a gente vende, a comida é toda, até o último grão é distribuído, a gente não joga nada no lixo. O que estar pra vencer, o que não pode, as frutas que estão estragando, a gente manda pegar quem quiser, e ninguém obriga, está lá, mas a gente não joga. Que é, se você for fazer uma auditoria, como é que você joga desse jeito, tanta comida com o dinheiro público? É um desperdício, né?!

Pesquisadora: Sim.

Aurora: Então... E, conceder esse alimento, também, né? O que eles fizeram a primeira coisa lá no CIEJA foi pra colocar um 'passa-prato', e esse 'passa-prato' era meio uma minha imagem de ração, sabe, põe de qualquer jeito no prato e vai dando pras pessoas e as pessoas vão passando, uma coisa, assim, que meio de campo de concentração, essas coisas me lembram essas coisas assim, e eu disse: "Pode fechar esse 'passa-prato', eu quero o *self*, que eles vão se servir, eles vão fazer a sua caminha de feijão, eles vão ficar pedindo carne aqui, ou se não, tudo junto e misturado, eles já são suficientemente grandes colocar pra eles". E, você acredita que tem diretor fazendo isso com criança pequena, lá em EMEI, deixando a criança se servir, o tanto que quer, porque às vezes elas comem até o fim, e aí é a merendeira que põe um tanto no prato, isso é sacrilégio contra a criança, também, né?! E, às vezes só quer comer uma coisa, porque não gosta de outra, não é obrigado a comer daquele jeito. Então, a gente vai trabalhando, insistentemente, assim, "aceita e fique quieto".

Pesquisadora: Na obediência.

Aurora: Na obediência, a escola criou a obediência. E esse diretor que não a pessoa comer e põe tudo em saquinhos ainda, porque as merendeiras falam: "Puxa, essa comida está tão fresca, vamos mandar essa comida pra limpeza, pra elas mesmo", aí separa em saquinho, olha que coisa absurda, serviço sem dignidade, a comida você tem que pegar seu prato, sentar na mesa e comer. Qual é a diferença? Não está lesando de ninguém, não estar roubando de ninguém, porque já foi feito, já estar ali, já foi gasto, já compraram isso nos interpostos, a comida já veio. Jogar no lixo? Em um país do jeito que nós estamos. Então, são coisas, e eu acho que é pensar um pouco em empatia, também, né?! Se colocar no lugar do outro, a escola pública em algum momento, ela perdeu um pouco da empatia, de se colocar no público que ela atende, de se colocar um pouco no outro, de fazer ele superar uma porção de coisa. Parece que não precisa ter qualidade, parece que não ter coisas estéticas, parece que não precisa ter limpeza, tudo, porque eles vêm de região periférica mesmo, as regiões periféricas já são diferentes pra cá da ponte. E, então, vai se mantendo isso, né? E aí, fala da violência, então, vai ter escola que... imagina que no mesmo quarteirão nosso, na mesma calçada, só seguindo, uma escola na ladeira abaixo e no mesmo lado, uma escola que é o tempo todo, que é do Estado, a 'Carolina Cintra', todo dia tem problema e todo dia tem a polícia lá, é ameaçar professor, é soltar bomba lá dentro, e... De tudo, quebradeira, quebram tudo.

Pesquisadora: Na mesma calçada?

Aurora: Na mesma calçada e no mesmo bairro... E eles destroem a escola. Por quê? Uma vez eu fui lá pra resolver uma questão de histórico - porque não aceitaram nosso histórico - eu fui lá com tudo!

Dez horas pra entrar! Batia, batia na porta, ninguém abria. Quando conseguiram abrir, aí me identifiquei, falei: "Sou diretora do CIEJA e quero conversar com a diretora ou a responsável pela secretaria pra esclarecer algumas coisas." Aí me deixaram entrar, muito com

má vontade, mas entrei. Aí conversei, quando a minha surpresa: nós já havíamos trabalhado há muito tempo juntas e eu falei: "O que você tá fazendo?" "Ah! Mas você sabe que o estado é difícil, se não for assim, eu não mantenho." Falei: "Boa sorte!"

Pesquisadora: Você estava trancada?

Aurora: Quis sair. E quem é que me tirava de lá de dentro? Trancada. Trancada pra entrar. Trancada pra sair. E uma escola imensa. Mas lá dentro menina, aquela coisa, né? Tudo fechado num pátio. Eu fiquei lá na hora do recreio. Credo! Que horror! Uma barulheira, um quebra-quebra, uma confusão. E pequenas brigas, pequenas discussões. Falei: "Gente, abre tudo. Libera. Deixa eles irem pro jardim, faz uma escola agradável, alegre. Ela toda cinza, com uma barra cinza escuro pra não sujarem. Como se aquilo fosse..."

Nota: O áudio foi interrompido de forma abrupta, pois acabou a bateria do gravador. Cerca quinze minutos finais da conversa não foram gravados.

Apêndice 2 – Transcrição do encontro com Alejandro

Pesquisadora: Alejandro, conta pra mim como é sua experiência com o CIEJA.

Alejandro: A minha experiência com o CIEJA é muito interessante, justamente pelo fato de eu não ser aluno e eles me receberem muito bem, me receberem de braços abertos, me abraçarem literalmente e metaforicamente falando. Porque é uma escola diferente das demais⁴³, em que se você não for aluno que você não tiver matriculado você não tem direito nem de passar pela porta. E aqui eles me recebem muito bem, me tratam muito bem e tudo se torna muito interessante em volta do fato de eu não ser matriculado... Porque eu posso assistir aulas⁴⁴, eu posso conhecer pessoas, eu posso interagir com professores, tudo que um aluno matriculado faz eu faço. E por isso que se torna muito interessante a minha experiência com o CIEJA. E eu descobri coisas que eu gosto de fazer e antes eu nem tinha ideia que um dia eu poderia gostar de fazer: eu descobri coisas que eu gosto de fazer, eu descobri talentos que eu não acreditaria na possibilidade de aprimorar eles ou me redescobrir nessas áreas que eu pratico.

E eu descobri que eu gosto muito de violão assistindo às aulas de violão. Eu descobri que eu gosto muito de desenhar tendo uma experiência com os professores de desenhos - que veio do Rio de Janeiro pro CIEJA - E eu descobri que eu gosto muito de grafite admirando os grafites da escola e conhecendo pessoas dentro dessa área; eu tive oportunidade de conhecer pessoas nessa área. Se eu se eu nunca tivesse vindo talvez eu nunca encontraria essas pessoas na minha vida.

Eu aprendi a lidar melhor com as pessoas, lidando com os deficientes eu aprendi a lidar com as pessoas que não têm deficiência; a tratar as pessoas como pessoas, de fato, e não generalizando pelo sexo, ou pela deficiência, ou pela cor de pele, ou pela altura, ou pelo estilo. Eu trato todo mundo como pessoas... Ao mesmo tempo que eu aprendi a tratar, a lidar, a respeitar as pessoas com deficiência. E isso me deu uma experiência bem interessante dentro do CIEJA, me deu... Acrescentou na formação da minha personalidade nesse período de adolescência para jovem adulto - pseudo adulto, assim, com 20 anos - acrescentou muito na minha personalidade, no meu caráter. É isso que torna a minha experiência com o CIEJA muito interessante. Eu nunca teria uma experiência dessa em outra escola se eu fosse matriculado em outra escola, talvez eu não teria a experiência que eu tive nessa não sendo matriculado aqui. Eu valorizo muito os professores, a diversidade de estilos, e de pessoas, e do método de ensino. Os professores são amigos dos alunos; eles não são professores literalmente; não só professores. Além de professores eles são amigos.

E eu vejo essa aula sobre cultura, sobre respeito, sobre diversos assuntos e aspectos e pontos de vistas. Alguns tabus que as outras escolas tem, aqui eles não têm, eles não têm medo de ensinar, de dar informações sobre diversos assuntos: sexualidade de pessoas normais... De pessoas não deficientes e de pessoas com deficiência, racismo, feminismo, feminicídio. Diversos assuntos que em algumas escolas ainda é meio que um tabu e aqui eles

⁴³ Os gestos humanos, métodos de ensino.

⁴⁴ Perguntado sobre poder assistir aulas, diz que assiste algumas. Pergunta ao professor se pode e na maioria das vezes em que não tem muitos alunos, se houver espaço e cadeiras sobrando. Já aconteceu de me convidarem.

são muito livres, e espontâneos, e criativos para se repassar esse tipo de informação. Professores que se adaptam ao aluno e apoiam. E de uma certa forma a gente se identifica com eles pelo fato de não ser tão formal, não tão rígido. Como é que eu posso dizer? Não tem nenhum tipo de barreira entre o professor e o aluno porque eles, de fato, se identificam com os alunos; e assim vice-versa. Tem professores aqui, que talvez não trabalharia em outra escola pelo fato do estilo⁴⁵, pelo fato do modo de pensar e o CIEJA abraçou esse profissional e viu que ele ensina muito mais do que a área que ele foi... Que ele se especificou, que ele se profissionalizou. E isso é uma das coisas que eu pude observar aqui: eles... Como é que eu posso dizer? Os profissionais eles não subestimam os alunos; na verdade é muito pelo contrário: eles enxergam a capacidade que o aluno tem que a mãe do aluno não consegue ver; ou que ela tem medo bastante de tentar ver o que o aluno é capaz de fazer. E os professores daqui eles meio que estimulam ao aluno a enxergar as suas próprias capacidades. Muita coisa que a mãe é muito rígida, que a mãe tenta criar uma muralha em volta do aluno para que isso não aconteça: Ah! Ele não sabe fazer isso, ele não sabe fazer aquilo. Aí quando chega aqui no CIEJA, ela se emociona e percebe que o aluno é capaz de fazer tudo que ela achava que ele não era capaz de fazer. Os professores dão esse tipo de liberdade, dá esse tipo de apoio, incentivo motivacional, dão oportunidades e que, de fato funciona, que de fato ele realmente conquistou aquilo, o aluno realmente conquistou aquilo.

Isso é uma das coisas também que eu pude observar pela escola e pelos profissionais.

E como é que eu posso falar? São diversos aspectos que eu pude observar. São diversas coisas que eu tive o prazer de experimentar aqui nessa escola, mas me lembrar de tantos é difícil; e selecionar os melhores também é muito difícil. Mas assuntos que eu vou abordar na frente, na faculdade, em um curso, assuntos que eu já abordei e já esqueci, eu fico diariamente abordando nessa escola porque eles me dão uma experiência incrível por não ser matriculado aqui, eu aprendo coisas da faculdade e ao mesmo tempo relembro de coisas que eu fiz na segunda série. E assim eu lido com alunos de faixa etária de idade extremamente diferentes e isso me proporciona uma experiência muito gratificante. E parar para pensar que um dia eu vou realmente estudar aquilo que eles estavam falando - na faculdade - e eu aprendi agora⁴⁶. Quando eu chegar lá na faculdade eu vou já tá sabendo de uma coisa. E lembrando de uma coisa que eu fiz na segunda série, ao mesmo tempo. Meio que me enriquece muito, meio que eu não dependo da série que eles determinam para mim, eu não dependo do método de ensino que o governo determina para mim, a escola determina para mim porque eu meio que vou aprendendo com todo mundo e com todas as séries. E isso me acrescenta muito, me enriquece muito. É como se a minha constante evolução tivesse abrangido, tivesse expandido em todas as direções. É muito gratificante e ao mesmo tempo muito difícil de descrever isso e explicar para alguém. Mas é mais ou menos isso: eu consigo perceber que eu tô me preparando muito antes de precisar. Eu consigo perceber que eu já estou preparado para quando eu me... Quando eu tiver estudando em determinada série avançada, na faculdade ou

⁴⁵ Tem empresas que escolhem um padrão (uniforme do mundo) independente dos acessórios que usa ou veste (tatuados, com piercing, tranças, dreads, raspados), o CIEJA já tem essa visão que o profissional tem a formação dele.

⁴⁶ Refere-se a assuntos muito à frente do segundo ano: filosofia; temas e assuntos que peguei para mim, na série que estou cursando, não teve ainda. E aqui vi pela liberdade de transitar nas salas.

em curso, porque enquanto eu visito essa escola eu tenho diversas opiniões e experiências de diversos alunos, de diversas idades, em várias séries diferentes, em vários períodos. Porque eu venho para cá às 7 horas da manhã e fico até às 5 horas da tarde; e a escola até as dez fica aberta. Então eu conheço pessoas de praticamente todos os horários. E isso é muito gratificante, isso é muito enriquecedor, é muito... Me dá um otimismo pra... Me dá uma positividade para quando eu tiver cursando o que eu quero cursar. Só de pensar em que um dia eu vou fazer tal faculdade e já sei o que tá sendo abordado na faculdade que eu vou cursar agora, já me dá uma certa positividade, um certo otimismo para quando eu chegar lá eu já ter o conhecimento básico sobre determinado tema, determinado conceito e ensinamento. E isso é muito bom mesmo. Eu acho que é só. Essa é a experiência que o CIEJA me dá, por ser apenas um usuário da escola e não definitivamente um aluno matriculado. Mas só por ser um usuário, eles me enriquecem muito; imagine a pessoa que está matriculada aqui. É isso. Esse é o resumo da experiência que o CIEJA tem me dado. Durante menos de um ano... Esse é o CIEJA. E essa é a minha experiência. Obrigado.

Pesquisadora: Eu que agradeço. Posso acrescentar uma pergunta?

Alejandro: Sim.

Pesquisadora: Como você veio parar aqui?

Alejandro: Foi através de uma assistente social. Na verdade, não tão assistente social, ela trabalha no CRAS. E quando eu fui no CRAS, ela perguntou se eu tinha almoçado e que, perto do CRAS do Campo Limpo, tem uma escola que dá almoço. Aí eu aceitei o convite dela e conheci o CIEJA. E só pelo fato deles darem almoço, café da manhã e janta para pessoas que não é da escola, para pessoas que não são matriculadas. Tanto que ela trabalha no CRAS e vem almoçar aqui. Isso já me deixou: Nossa! Tipo, caramba! Essa escola é diferente. Então foi a partir desse dia que eu comecei a frequentar mais vezes o CIEJA e acabei criando um vínculo com as pessoas daqui. Foi assim: uma mulher de fora da escola me apresentou. E eu venho mais vezes do que ela porque depois desse dia eu só vi ela umas duas vezes almoçando aqui e nunca mais vi. E agora meio que tô frequentando a escola. Foi assim.

Pesquisadora: Você falou que vem cedo e você passa o dia?

Alejandro: Sim. Até às 5 horas, fazendo tudo o que tem para fazer no dia, porque diferentes dias da semana tem algumas aulas mudadas. Têm umas aulas específicas, que são todos os dias as mesmas, mas tem aulas que mudam: um dia violão, outro dia desenho, outro dia canto. Às vezes tem corte de cabelo grátis aqui, junto com curso de corte de cabelo. Às vezes tem só uma conversa entre pais e alunos e professores. Teve uma vez que teve até meditação. E assim vai variando os temas e a maioria eu observo que são alunos que dá⁴⁷. Essa troca de informação também eu acho interessante, porque no dia da meditação foi meio que uma coisa que os alunos sugeriram por causa, para fugir desse caos, dessa atividade constante, agressiva e acelerada da cidade e das coisas. Como as coisas acontecem e como tá repleto de problema para resolver, aí meio que alguns alunos sugeriram isso e alguém da supervisão da escola abraçou a ideia de... Vamos fazer um dia de meditação para todo mundo acalmar pensamento e as energias.

⁴⁷ Estão interessados no que os alunos querem aprender, o que estão falando, o que está no ar.

Aí durante as 7 horas, 9 horas... Eu entro aqui na faixa etária de sete, oito, nove horas. E saio cinco. Então esse tempo que eu passo aqui eu praticamente faço as atividades, quase todas as atividades que eles têm a oferecer aqui, que varia entre dias da semana, uma vez no mês. Eu acabo experimentando todas. E trazendo um pouco de cada para mim mesmo, para minha vivência, pra minha vida, como eu vejo as pessoas, como eu vejo o mundo, como as coisas funcionam. E eu aprendi que isso, que eu pego para mim é o que vai servir para mim, daqui para frente. E é isso.

Você quer acrescentar alguma pergunta?

Pesquisadora: Você falou bastante da faculdade que você quer fazer. E você tinha me contado antes de gravar que você está numa situação na escola regular, tá no segundo ano...

Alejandro: Sim. Eu meio que tô cursando o segundo ano, mas não nessa escola, em outra escola. Porque essa escola ela meio que não, por enquanto, não tem esse recurso ainda do Ensino Médio.

Pesquisadora: Aqui, você fala?

Alejandro: É. No CIEJA. Aí eu pretendo terminar o Ensino Médio e fazer faculdade; são várias as que eu me interesse. São vários. Queria fazer Filosofia, queria fazer Psicologia, queria fazer Música, Arte. Se tivesse alguma faculdade de um ufologia eu também faria. Essas são as que eu pretendo fazer.

E ao longo dessa experiência aqui no CIEJA eu observo diversos assuntos, por mais que não tenha Ensino Médio aqui, não tem limites de temas e de assunto que eles não conversam aqui. E no final das contas acabam ensinando, de uma maneira ou de outra. Todo mundo acaba aprendendo e ensinando um pouco o que sabe. Todo mundo para pra conversar. E é isso.

Pesquisadora: Algo mais que você queira acrescentar sobre sua experiência aqui?

Alejandro: Eu acho... Tem bastante coisa, sim. Mas é difícil selecionar. Mas é basicamente isso. O CIEJA me acrescentou bastante. É isso.

Pesquisadora: E como é ter contado para mim tudo isso? Como é que foi?

Alejandro: Ah. Foi da hora. Nunca tinha feito isso, não. [risos] É estranho porque... Não sei... Foi a primeira vez [risos] E é difícil falar isso, porque normalmente experiência você vive, você experimenta e não descreve. Então descrever uma experiência para mim, foi meio que complicado... Mas eu acho que eu me saí bem, pela primeira vez. E gostei bastante, obrigado, eu agradeço muito por essa experiência que você também tá me dando de poder expressar o que eu penso e o que eu acho. É mais uma coisa gostosa que o CIEJA me proporcionou. Obrigado.

Pesquisadora: Eu que te agradeço. Obrigada por ter aceitado conversar comigo. Eu vou desligar o gravador agora.

Apêndice 3 – Transcrição do encontro com Larissa

Pesquisadora: Então, é isso Larissa, agora eu estou gravando, queria em primeiro lugar agradecer por você me receber e dar essa entrevista pra mim. Vai me ajudar bastante. Eu queria pedir pra você contar como você chegou ao CIEJA. Como é a sua história lá?

Larissa: Há muitos anos, uma comadre minha me falou de lá. Só que eu nunca tinha a oportunidade de eu estar indo, porque como eu trabalhava... Naquela época, eu trabalhava das... Eu tinha que entrar 1h40 e saía às 10 da noite. E era lá no Centro, lá na Praça da Sé. Eu chegava aqui em casa já era meia noite e pouco.

Pesquisadora: Tarde.

Larissa: É. E não dava. E na parte da manhã, se eu entrasse lá... Tinha o primeiro período, mas eu tinha que fazer aqui o almoço, fazer a comida pra levar a marmita e tinha que estar saindo daqui, mais ou menos... Umas 11 horas eu já tinha que ter pego o ônibus lá em cima. Então, nunca deu.

Aí um dia, quando eu estava afastada - eu tava na Caixa - eu fui lá. Me passaram uma provinha; eu fiz lá uma provinha. Aí eu peguei o primeiro horário do dia, que era o das 7h00 às 10h00. E fiquei. Isso foi em 2005. Fiquei seis meses na Caixa e quando me deu alta, pra voltar pro serviço, eu deixei lá; abandonei.

A minha vizinha aqui, eu fui e falei com ela, na época; contei de lá. A gente fizemos aqui, numa escolinha aqui em cima, a gente... Fizemos, aprendemos e ela passou e falaram "Vocês podem procurar em outra escola." Aí a gente foi pra lá, e depois eu falei com ela, e ela foi também, fez a provinha; ela ainda tá lá até hoje.

E quando foi agora, no ano passado, em outubro agora do ano passado - que agora fez um ano - aí eu fui e pensei... Fui lá, voltei lá. Renovou de novo a matrícula. Só que eles me colocaram em um módulo que é fazendo o nono e a oitava, e eu estou achando muito difícil... Porque quem parou na quarta série, há mais de quarenta anos atrás, e já pegar assim, já nesse módulo fazendo a oitava e o nono, aí eu acho... Tem coisas que eu estou aprendendo lá, que eu nunca tinha aprendido na outra escola e nem nada, né? Mas, eu acho assim... Eu tô achando um pouco puxado. Então nem sei se, agora, no fim do ano se eu vou passar. E, eu até prefiro, eu já até falei com as professoras, que eu até prefiro ficar pra aprender mais, porque não adianta eu pegar o diploma, pra sair de lá, e chegar lá na frente e quando passar lá uma matéria, eu ficar lá sem saber.⁴⁸ Porque o CIEJA é uma escola muito boa, e não só por eu estar lá aprendendo, como também estar me servindo pra... Nem sei como falar... Tipo assim, eu tava com uma depressão, na época eu tomava remédio... Nesse ano que eu comecei a voltar pra lá, agora eu já nem tô mais tomando... Porque quando a gente entra lá, entra lá naquele portão... É uma paz, é tão gostoso estar lá, e os professores são tão atenciosos com a gente, os alunos lá - aqueles outros alunos - todos lá dentro são todos amigos. E o jeito, assim, da escola... Porque eu nunca estudei em uma escola assim que nem lá. As outras escolas é tudo diferente; nas outras escolas você tem uma carteira atrás da outra e lá a gente fica tudo

⁴⁸ Larissa, durante a devolutiva, explicou que o mapeamento acontece uma vez por ano, no finalzinho do ano, e os professores avaliam o desempenho, a frequência, os trabalhos, os exercícios extraclasse, os diários de bordo, a leitura e decidem se cada aluno está pronto para ir para o próximo módulo. Ela contou que fez o pedido para os professores e após o mapeamento realizado no final do ano, ficou decidido que permanecerá mais um ano no mesmo módulo.

junto, numa mesa, fica ali tudo junto, compartilhando tudo junto. Nas outras escolas não, fica tudo separado.

E a beleza que eu acho lá muito lindo; a gente chega lá... Os barulhos dos pássaros. É uma paz... Outro dia eu cheguei lá, na semana passada, e como eu cheguei cedo... Minha encarregada mandou uma mensagem pra mim, perguntando onde eu já estava, porque quando eu saí ela ainda não tinha chego, aí eu falei: “Ah! eu já tô aqui na escola; eu cheguei aqui na escola”, aí eu tirei uma foto e mandei pra ela, e ela: “Nossa! Como a sua escola é bonita!”. Porque a faculdade lá é enorme, é bonita também, mas eu acho que o CIEJA é muito mais, por causa das árvores, das paisagens lá. Tem plantas assim nos vasos e tudo e é uma escola enorme, mas não é que nem o CIEJA. Então eu gosto muito de lá e fico até pensando de ter que sair de lá e ir pra outra escola. Uma que também nesse horário... Porque vai ter que ser à noite.

Pesquisadora: Você vai ter que estudar à noite?

Larissa: E aí eu não vou ter como estudar à noite, né?

Pesquisadora: Por causa do seu horário de trabalho?

Larissa: Porque eu trabalho à noite.

Pesquisadora: Sim.

Larissa: Aí eu fico pensando...

Por enquanto é isso e eu gosto muito de lá; amo aquela escola e todos de lá, porque eles são muito atenciosos com a gente. Então, o que eu estou aprendendo lá, o que eles ensinaram a gente: fizemos trabalhos sobre o racismo⁴⁹, o preconceito. E lá a gente não tem nada disso. Nas outras escolas tem banheiro masculino e banheiro feminino, lá [no CIEJA] é tudo junto; não tem separação. Na faculdade [onde trabalho] também é tudo separado. Aí, então, eu já fico pensando nessas coisas aí. Eu vejo lá na faculdade como é que é, pra cada um tem um banheiro: banheiro dos alunos, banheiro dos professores. E lá não, lá é tudo... que nem eles explicam. Então, é muitas coisas que eu não tinha aprendido antes, mas que agora a gente tá aprendendo lá.

Pesquisadora: Entendi. Então, você está aprendendo bastante? Está crescendo?

Larissa: Estou. Eu acho que deveria ter lá, no CIEJA, mais continuação; esses que terminar esse módulo agora - que é o módulo 4 - o ano que vem vai ter que ir pra outra escola, deveria lá ter pra continuar.

Pesquisadora: Você teria vontade de continuar lá mesmo?

Larissa: ÔÔÔ! Deveria de ter lá.

Assim, nesses horários... Porque você vê, lá dá oportunidade pra todos; só não estuda quem não quiser, porque têm todos os horários. Vai até o último, à noite, que eu acho que termina às 10h00. Então, se você não pode ir em um horário, você pode ir no outro horário, que nem os professores falam: “Se você não puder vim no horário das 7h00, vem no segundo. Se não puder vim no segundo, aí vem no terceiro”. Então, quer dizer, tem oportunidade, né?

Pesquisadora: Sim. Facilita para a pessoa participar, é isso?

⁴⁹ Durante o encontro de devolutiva e a leitura da transcrição da entrevista, pergunta se ela se identificava como uma mulher negra e respondeu-me que sim. Fiz a pergunta pois foi a segunda vez que Larissa mencionou a questão do racismo; a primeira vez antes do gravador ligado.

Larissa: É. E também, que nem os trabalhos... Todo o fim do mês, a gente tem a nossa turma - que a turma nossa é a turma Respeito - a gente tem, a gente reúne todos para fazer a nossa apresentação, apresenta lá na frente, aí quem vai falar, quem vai fazer. Todo mês a gente tem isso. E, nas outras escolas não tem, aí todo mês a gente faz essa apresentação lá na frente. E, também, ela é... Tem muitas coisas; nesse mês mesmo, a gente teve uma apresentação dos professores, fizeram tipo um teatro, foi a coisa mais linda, dos professores! E aí todos participam, e ainda a professora ainda fala assim pra mim: “Olha, isso aí, você pensa, a gente não ensaiamos, não tivemos tempo, não deu pra gente ensaiar”. Eu falei: “Imagine se tivesse ensaiado, então?”, “Pois é, isso é para vocês verem, no dia da apresentação de vocês” porque a gente fica com vergonha de tá lá na frente, de tá falando.

Pesquisadora: Sim.

Larissa: Aí, ela falou: “A gente não ensaiamos.” E fizeram uma peça. Aí contaram uma história, menina, a coisa mais linda. Aí, depois disso aí, eu escrevi o que fui ouvindo lá e vendo, eu fui escrevendo; depois eu fiz o extraclasse, contando tudo do que eu tinha prestado atenção lá. E é muito bonito.

E, na quinta mesmo, você estava lá, foi aquela aula⁵⁰, também gostei muito. E, todo mês a gente tem.

Teve passeios também, só que não deu pra mim ter ido; teve várias vezes e eu só fui em um, lá na biblioteca que tem lá no Centro.

Pesquisadora: A Mário de Andrade?

Larissa: Essa mesmo. Nessa deu pra mim ir com os professores, que só um da sala que a gente tava que foi. E, eles tem outros passeios; aí não deu pra mim ir, mas eu tenho vontade de participar quando tiver esses outros. Também teve outros lá, que eles foram lá pra USP. O professor explicou como é lá e tal, mas também não dava pra mim ir, por causa do horário, porque tinha que estar 7h00, pra poder sair e ir no ônibus, e como eu saio às 8h00 do serviço.

Pesquisadora: Não teria como.

Larissa: Aí, não teria como eu ir, mas eu gostaria de ido também.

Pesquisadora: O seu horário do trabalho dificulta um pouco, né?

Larissa: É. Eu entro às 11h00 [da noite] e saio às 8h00.

Pesquisadora: Então, é a noite toda?

Larissa: Humrum.

Pesquisadora: O quê mais?

Larissa: O quê mais... Ah, que nem... Lá não é uma escola fechada que nem as outras escolas que entrou fecha o portão; lá fica aberto, é aberto pra receber todo mundo. Então, isso também eu fico notando, percebendo, porque as outras escolas fecha, e lá não, lá fica aberto. E, na hora do almoço, então, os que estão lá almoça, os que estão entrando pra ir para aquela aula, almoça também. E ainda tem gente de fora que não tem onde comer e vão pra lá comer lá; e todos bem recebidos, têm uns que são daqui mesmo do bairro, que fica embaixo, nas redondezas, eu já vi eles chegando lá pra almoçar na hora do almoço. E aí a... Como é o nome daquela senhora? Ela fica no portão lá fora, e eles chegam e ela fala: “Espera um

⁵⁰ Referência às atividades especiais do evento FLIC - Festival Literário do CIEJA Campo Limpo.

pouquinho que está acabando de sair os outros que estão almoçando, aí vocês entram”. E, é todo dia, eles dão almoço para todos.

Pesquisadora: Pra quem quiser?

Larissa: Pra quem quiser, é almoço, é lanche, a sobremesa é à vontade pra todos. Todo dia é uma sobremesa, um dia é banana, maçã, mamão, melão.

Pesquisadora: Sempre tem uma fruta?

Larissa: Todos os dias. E, para quem entra nesse horário, quando sai já é hora do almoço, e quem entra na parte da manhã, diz que tem o café, eles têm o café para tomar e ir pra sala, e tem o lanche também. Então, eu acho que é muito importante, eu acho que nem... Outras pessoas falou que eles estão querendo acabar com o CIEJA, teve até uma passeata, uma vez, que eles foram para a Paulista. E eles falando que a gente tem que estar junto, lutando, porque estão querendo acabar, porque eles não querem que o adulto, e idoso... Está lá, porque está dando o curso, estudando e tudo. Eles não querem nem saber, se sabe ou se não sabe. Então, a gente tem que estar lutando, pra que eles vê que a gente tá lá, que a gente quer aprender e que não tem que acabar o CIEJA. O CIEJA tem que estar lá, acho que são vinte anos, parece.

Pesquisadora: Vinte um. Está fazendo agora.

Larissa: Vinte um ano, então ele tem que continuar. Que lá, a maioria dos jovens que estão lá, são jovens que já não tem mais como tar mais em outra escola porque aprontaram, já foram expulsos.

Pesquisadora: Sim.

Larissa: E não está com condições de poder tá em outra escola, então lá eles tem as chances, né? Aí lá eles... Dentro da nossa sala mesmo tem bastante. É uma escola pra jovens e adultos, né? E, tem bastante. Sem contar também, que eu vejo, que também tem bastante deficientes, né?

Pesquisadora: Sim. Tem mesmo.

Larissa: E, como eles são também com a gente, menina. Eles são uns doce; a gente chega... Tem um mesmo lá que se chama Willian, ele é tipo um japonezinho, ele vem e abraça a gente, beija, às vezes ele entra e vai na sala - dá uma saída - e vai lá na sala da gente, ele chega e vai na mesa de um por um, e pega na mão e dá um beijo. Eu acho tão lindo eles. E teve apresentação deles também, do trabalho que eles fez, a gente subimos da nossa sala pra ir lá ver o trabalho deles. Foi a nossa sala com uma outra sala lá; cada dia tinha uma participação de uma salas, né? Aí, nesse dia foi a da gente ir, e a gente subimo e fomo pra lá ver e... E dele o jeito... deles ser deficientes⁵¹, o trabalho que eles fizeram!! Um trabalho com jornal, fizeram vasos, cada coisa linda e que estava lá exposto, dava até pra vender!

Pesquisadora: É?

Larissa: Muito bonitos os trabalhos deles. É uma escola que... Eu nunca na minha vida tinha participado de uma escola assim, e ter uma perto daqui, que dá pra ir até andando. E várias conhecidas minhas que moram ou já moraram por aqui, que também estudaram lá e que se formaram lá, hoje já estão... Já fizeram faculdade. E mesmo quando tem lá... Já foi lá

⁵¹ Quando Larissa falava do Preciso informar que ele não é japonês e sim um rapaz que ele tem síndrome de down?

umas duas vezes, a gente ficou conhecendo - tirei até foto com ela - que é a... Ai, meu Deus! Como é o nome dela? Que agora ela já é escritora, fez um livro, cantora também.

Pesquisadora: Que foi aluna de lá?

Larissa: Foi aluna, já foi aluna do CIEJA, conta a história dela. Ai, eu estou com o nome dela aqui... Vamos ver se mais tarde eu lembro.

Pesquisadora: Daqui a pouco você lembra.

Larissa: Eu lembro o nome dela, né? Ela já esteve lá duas vezes, contando a vida dela, mostrou um filme, contando o sofrimento, por ela ser negra, morou na rua, foi usuária de drogas, e a mãe dela tinha mais filhos e não tinha condições de estar cuidando de tudo, e ela não teve oportunidades de ter estudado. Contou o que aconteceu com ela na rua, na Praça da Sé, com aqueles lugar por onde ela andou, foi presa. Ixi! Ela conta muito a história dela, e hoje ela é jornalista, que eu acho que ela fez umas três faculdades. Jornalista, cantora, viajou já pra vários lugares, vários países. E aí, então, pra mostrar que por a gente ser negro, que a gente tem que lutar para querer conseguir alguma coisa. E, eu sei que a gente trabalhamos também, fizemos um trabalho em cima disso aí, desse livro dela, durante o ano passado, a gente fez bastante os extraclasse e os trabalhos foi sempre mais puxando por ela, que a gente fizemos. E, também, que nem aquele dia lá, também tava a Rosa Flor, que também foi aluna de lá.

Pesquisadora: Também?

Larissa: Estava com o desfile lá dela, desfilando as roupas, você assistiu?

Pesquisadora: Eu não cheguei a ver.

Larissa: Ah, não. É aluna de lá também. E, ele falou, o Douglas, que ela vai ter um desfile dela lá no SESC. Aí, ela apresentou as roupas que ela faz, que ela já fez os avental de guarda-chuva, com aquele coisa do guarda-chuva... Aí, ela conta que... Ela também falou muito da vida dela, quando ela foi pra lá, estudou lá, e que os professor... Porque ela também é negra, morena, que ela também tinha muita vergonha de tá lá na frente, pra conversar, pra falar. Hoje que ela... De lá do CIEJA e que acabou com essa timidez dela, de ser tímida de falar, né? Que hoje ela é uma tagarela, que ela conversa é muito! E aí, ela começou a fazer as roupas, essas coisas, e depois, olha onde ela já tá. Ela fala: "A gente tem que ir pra frente." Essa é a Rosa Flor.

Pesquisadora: Rosa Flor, tá. E, a outra é a Esmeralda⁵²?

Larissa: É, Esmeralda! Fizemos bastante trabalho dela.

Pesquisadora: Daquele livro "Por que eu não dancei?", É esse?

Larissa: É.

Pesquisadora: É esse mesmo?

Larissa: É, a Esmeralda, ela já foi lá; eu conheci ela duas vezes. A primeira vez eu fui lá na frente e tirei foto com ela. E essa segunda vez que ela esteve lá, foi uma outra... Teve vários, e aí ela ia tá também, mas quando chegou a vez dela, ela entrou cantando um samba

⁵² Referência ao livro Por que não dancei, escrito por Esmeralda do Carmo Ortiz "Esmeralda- por que não dancei' é o depoimento de quem esteve nas ruas desde os oito anos, convivendo com a violência, as drogas e a indiferença. É mais ainda- é o roteiro de seu renascimento, da construção da sua auto-estima, da recuperação da dignidade de um ser humano." Fonte: google books. https://books.google.com.br/books/about/Esmeralda.html?id=HUIJAAAAYAAJ&source=kp_book_descripti on&redir_esc=y

dela, já entrou cantando, todo mundo dançou junto com ela, foi até lá na frente cantando. E ela já foi pra lá e não voltou mais.

Pesquisadora: Pra sua turma?

Larissa: É. Eu acho muito... Que nem da primeira vez, da história dela ela contando e contou tudo, e mostrando o filme. Nossa! Eu até chorei. Me emocionou muito o tanto que ela sofreu, de morar na rua, não ter o que comer, e hoje ser o que ela é. E o quê mais? [Risadas].

Pesquisadora: Estou te ouvindo, é o que você quiser dizer. [Risadas].

Larissa: Ai, ai. Então, do CIEJA eu tenho só a falar isso. O que não está sendo tão bem é a minha cabeça, porque quando eu chego lá, e venho embora pra casa, já chego aqui e já vou dormir; almoço e vou dormir. Às vezes eu não almoço lá pra mim vim embora logo, porque como é muita gente, quando a gente chega lá fora a fila tá enorme, aí vai perder o maior tempo lá na fila, aí depois tem que subir lá pra cima. E aí, às vezes, a minha perna dói muito pra eu estar subindo aquela escada, aí eu vou... Às vezes eu vou lá e pego só a sobremesa e aí venho embora. Chego aqui eu vou almoçar pra dormir, umas cinco e pouco, seis eu tenho que estar já acordando pra começar a fazer as coisas, depois já se arrumar, tomar banho e jantar. E, chega lá no outro dia, a mesma coisa, de lá do serviço eu já pego direto pra ir pra lá pra escola. Então, desse tempo que eu estou lá, eu não tive mais esse problema de antes, que eu estava tomando uns remédios - como eu já te falei - da depressão, eu estava tomando remédio, e era uma tristeza, uma choradeira danada, hoje eu não tenho mais isso. Porque depois que eu comecei a ir pra lá, eu arrumei lá as amizades, pelo jeito que os professores tratam a gente. E, eu acho que é isso, por a gente se sentir tão bem... Ter essas apresentações, da gente tar lá falando, que aí eu já perdi, vamos supor, acho que assim, uns 50% da vergonha de estar lá na frente. E a gente fica tremendo, fica assim nervosa, mas eu já gosta de estar indo lá falar. Não que nem a Luzia; a Luzia ela já fala muito; e ela fala muito bem, sabe? E, mas, assim, de estar participando, porque mesmo o nosso grupo ainda tem muitos alunos que não tem coragem de ir, eles não participam nos dias da apresentação, porque eles é tímido, não falam, não querem tá lá na frente, e no dia eles nem vão. Às vezes aquele que a professora fala: “Não, mas você vai, você fica lá na frente, você fica só lá, não vai precisar falar nada e tal”, pra ver se eles vão acostumando. Tem uns que ainda vão; outros, chega no dia, e nem aparece, que ficam com vergonha. Aí sobra mais assim, a Mônica, a **Luzia**, eu. E tem mais um outra, é só os que fala, e falar no microfone e faz as outras coisas. Os outros fica mais, vamos supor, ficam lá segurando o cartaz e não vai precisar de falar nada; ainda ficam. Porque tem uns que são muito tímidos mesmo. Eu era, mas depois que eu comecei a participar lá no CIEJA, isso aí também já foi mudando, mudou também.

Então, eu não sei, é uma coisa muito boa estar lá no CIEJA, eu espero que nunca acabasse lá.

Porque é que nem... Nós temos muitos os deficientes lá mesmo, eu vejo que eles têm perua, eles vêm de perua, a perua leva nos outros períodos; eu acho que em todos os períodos eles têm. Então, é uma escola que tem que ter mais, tinha que ter era mais e não querer acabar com a que tem.

Pesquisadora: Você fala em outros lugares, para mais gente?

Larissa: Ai. Menina, eu já não falei tudo não? [Risadas]

Pesquisadora: Não sei. Você falou tudo?

Larissa: Eu acho que já, viu? Eu acho que já falei tudo do CIEJA, sem contar que os professores... Todos eles, menina... Porque todo o mês, a gente faz a apresentação e sai de uma sala e passa pra outra sala. Ah, e tem o professor Jeferson também, que é o de Matemática. Um mês a gente tá na Matemática, aí sai da Matemática e vai lá pra Linguagens e Códigos, no outro mês... Que nem agora esse mês a gente tamos na Linguagens e Códigos. Essa semana agora já vai ser a apresentação da gente.

Pesquisadora: Ah, já?

Larissa: E aí, no mês que vem a gente já vai estar em outra sala. E, então, cada desses professor na sala que a gente tá, são todos... Que nem eu falei pra professora Andreia, eu não falo que dou 10, eles são 1000.

Pesquisadora: Mil?

Larissa: Humrum.

Pesquisadora: Então, eles são muito bons?

Larissa: São.

Pesquisadora: O que você mais gosta, assim, do contato com o professor?

Larissa: O quê eu mais gosto?

Pesquisadora: É, o que é bom.

Larissa: Bom, quando a gente chega na sala de aula, que tá a frase do dia lá, aí a gente vai copiar a frase e vamos ficar entendendo o que tá querendo dizer aquela frase. Aí, quando eles chegam, eles pedem pra gente ler a frase "Quem quer ler a frase?" e falar o que entendeu. E aí, às vezes, a gente, tem muitas que a gente não entende. Eu mesmo, o meu problema é mais de ler o texto e entender; para mim ainda estar sendo difícil isso aí: ler e interpretar. Aí, eles começam a falar lá da frase, e eu vou marcando no papel pra fazer o Diário de Bordo, porque aí todos os dias eles pedem o Diário de Bordo. E, agora, desses tempos todos, ninguém da sala mais tão fazendo, todo mundo esquece, "Ah, não deu tempo" e não faz o Diário de Bordo. Aí, só quem faz lá, tá sendo eu e outro lá, a professora fala: "Só a dona Maria e o 'outro menino lá' que faz, e tem que fazer o Diário de Bordo todo dia, todo dia contar o que vocês aprendeu aqui, o que foi dado, e escrever no papel pra ir melhorando a escrita, pra vocês ir aprendendo".

Então, eu gosto disso aí que ela fala. No começo tinha uma turma, quando eu entrei tinha uma turma - é que esse ano eles não tão - mas eles não iam lá muito mesmo pra estudar, eles iam lá pra ficar lá; porque eles ficavam dentro da sala com o celular ligado, aí a professora chegava e falava: "Olha, desliga", e tinha muitos que ficavam teimando, não desligava, ela falava: "Então, quer ouvir música, porque vai atrapalhar os outros. Quer ouvir? Vai ouvir lá fora, pode sair, pode ir ouvir lá". E aí, ela sempre falava: "O celular deixa baixinho, se tocar pra atender, pode ir lá atender", mas não ficar ouvindo música que nem esses ficavam, mas esse ano eles não estão lá, eu não vi eles lá esse ano. Eles iam mais só pra isso, a professora falava e eu ficava, assim, pensando: "Ai meu Deus, mas como que pode eles fazerem isso, todo dia a professora tem que estar chamando a atenção deles por causa de celular?" E de ficar fazendo bagunça também, sabe? Hoje na nossa sala já não tá, o que estão lá - os jovens que têm lá - são tudo obediente, quando a professora escuta um barulhinho, ela fala assim: "Eu estou escutando, será que é celular?". Já basta só uma vez, mas no começo, no ano passado, eu ficava assim pensando: "Meu Deus, como é que eles aguentam, né?" De ficar falando, falando, porque parece que eles não querem nada. Tinha umas que ia e nem o

caderno não levava. A professora: "Vai escrever com o quê? "Ah, professora, eu esqueci!". Mas, como que esqueceu, vem pra escola e esquece?. Então, esses, eu acho que realmente é porque não querem nada mesmo, mas esse ano lá eles não tão lá, não. Eles davam muito trabalho para os professores. Eu falava: "Ai meu Deus, como é que eles aguentam?", porque os adolescentes que mais tinham, era cada uma moça, menina, maior do que professora. E, já tem muitos que realmente tão lá... Tem outras meninas, amigas minhas, também, que já estão lá, que trabalham e tão porque elas quer mesmo estudar e quer passar e quer seguir pra frente, pra arrumar coisa melhor.

Pesquisadora: Então, tem gente que está bem envolvido e ano passado tinham alguns que não estavam?

Larissa: É. Esse ano tem. Aí é isso, o CIEJA, menina... É uma escola como já falei e repito, não só eu, mas como têm muitos lá que você deve fazer entrevista ou já fez, deve ter falado quase as mesmas coisas que eu estou falando.

Pesquisadora: Tem coisa que é parecida, mas tem outras que são diferentes.

Larissa: Porque, ai... Sem contar que aquelas paisagens, aquelas plantas... É muito bonito. E, assim, que nem cada... A gente fala: "Hoje, é pra ir com o piso azul, vai ter uma palestra no piso azul", ou "no piso amarelo, no piso verde". Então, tudo isso eu acho diferente, porque nas outras escolas, na época que eu estudei, não era assim. Não era assim desse jeito, era uma salinha de aula, com as carteiras uma atrás da outra, a mesa lá na frente, dos professor. Lá a gente vê a sala, fica a mesa, a gente senta tudo juntos, vai conversando ali um com o outro, um ensina o outro; um não tá entendendo uma coisa, o outro ali vai ajudando. Então, a gente tem ajuda de todos: dos professores e dos colegas também, né?! Então, é muito bom, porque como as professoras falam... Nas outras escolas, a gente tem que fazer prova, aí tem que tirar tanto. Lá a gente não tem prova, a gente não faz prova, a gente tem que fazer e mostrar isso aí. A gente tem que fazer os extraclasse, que é na quinta; na quinta eles passam, a gente tem que fazer na sexta - porque na sexta a gente não tem aula lá - mas tem esse trabalho para ser feito em casa que é para entregar na segunda. Porque quem não quiser entregar fica com falta, porque é como se estivesse lá na escola, aí eles põem falta.

Pesquisadora: Certo.

Larissa: Então, eu vejo que nas outras escolas a gente tem que estudar de segunda à sexta.

Pesquisadora: Sim.

Larissa: Não tem esse negócio de ficar na sexta em casa, de fazer o trabalho e apresentar. E, qual era a outra coisa? A gente não tem esse negócio de tirar nota, nota 10, 100, né? Aí, a gente depois é avaliado pelos professores, todos, que a gente tem isso aí, senta a gente com todos os professores e eles vão avaliar a gente, ali em tudo.

Pesquisadora: É uma reunião que você fala?

Larissa: É, fica todos os professores, aí a gente chega e eles estão com a pasta da gente, aí eles vão vendo o que a gente aprendeu, o que a gente já fez, fala se tem muita falta. Que nem o professor falou: "Com muita falta também, é aprovado né?", pra ser reprovado ter que ser com muita falta, que nem no caso da sexta, a gente não está tendo aula lá, mas tem esse trabalho que é pra ser feito e entregar na segunda, e quem não faz fica com falta.

Pesquisadora: Se tem muita falta, não consegue aprovar?

Larissa: É. Então, é isso.

Pesquisadora: Você estava falando que essa escola é muito diferente da outra que você estudou. Você estudou até a quarta série, que você falou? Quarto ano?

Larissa: É. Não, até a terceira, e aí eu passei pra quarta, só que não cheguei a estudar a quarta.

Pesquisadora: Certo. Fez o primeiro, o segundo e o terceiro?

Larissa: É, naquela época.

Pesquisadora: E, onde foi? Conta um pouquinho?

Larissa: Menina do céu, faz anos!

Pesquisadora: Você era criança?

Larissa: Era! Essa escola, quando eu fiz a primeira série que eu estudei aqui, era lá na Avenida. Isso aqui não tinha essas casas, não tinha nada. Só era mato, era só mato tudo isso aqui, e só tinha a casa ali em cima, que era do meu irmão⁵³, que a gente morava, uma casinha que a gente tinha feito. E, aqui na esquina tinha uma outra casinha que tinha um bar onde a gente comprava pão e leite. E mais uma outra casinha que tinha ali. Aí depois, passado uns anos, fizeram um barracão, lá na Avenida, que era a escola.

Pesquisadora: Na avenida, era aquela mesmo?

Larissa: Em uma Avenida Deocleciano de Oliveira, que é lá em cima, aí foi quando criança eu estudei lá; era um barracão.

Pesquisadora: A escola era um barracão?

Larissa: E aí, eu me lembro que aqui nesse morro, tinha uns conhecidos de minha avó e de meu avô, e aí as filhas deles estudavam lá, e aí elas eram minhas amigas. Crianças, né?

Pesquisadora: Sim.

Larissa: E aí, elas iam pra escola e eu ficava doida pra ir, doida pra ir pra escola. Aí, um dia, eu lembro que eu fui com uma, ela me levou com elas, chegou lá ela falou: “Professora, essa daqui é minha amiga e ela veio hoje aqui pra ver a aula.” Aí eu lembro que ela me arrancou uma folha de papel do caderno dela e me deu com um lápis; a professora passando a lição lá na lousa e eu tentando copiar. Eu acho que era a primeira série. Eu não estudava lá porque não tinha registro. Só estudei nessa escola muitos anos depois quando já devia ter uns dez anos.

Uma vez que ela [a avó] foi lá na Bahia, onde eu nasci, e aí me registrou como filha dela e aí me matriculou pra mim poder estudar, sabe? Ela me criou desde pequena; quando a minha mãe morreu eu tinha quatro anos e então eu fui criada com ela, só que até aí eu não era registrada. Aí, depois que a gente estava morando aqui, pra estudar tinha que ter o registro. Aí eles foram lá na Bahia; foi e me registrou.⁵⁴ Arrumou umas testemunhas e me registrou como filha dela. Aí, eu entrei na escola com quase dez anos e estudava, lembro até hoje o nome da professora, que era a professora Nina, e a sala era aquele monte de sala, monte de cadeira, a mesa lá na frente, a gente sentava e na hora do recreio, dentro da sala mesmo, a

⁵³ Este irmão mais velho era tio biológico, mas como Larissa foi criada pela avó como sua filha, o tratava como irmão. Adiante ela menciona que quando vai à Bahia visita todos os irmãos e irmãs refere-se a todos: irmão mais novo por parte de pai e mãe, irmãos que o pai teve após a morte de sua mãe e irmãos/tios.

⁵⁴ O irmão tinha seis meses na ocasião da morte da mãe e ficou morando com um casal de fazendeiros da região que queria um filho.

gente cantava as músicas na hora do recreio, e cada um tinha que levar sua lancheirinha com lanche, lanchava, depois voltava pra fazer as atividades. No começo, eu tive dificuldade de aprender, eu achava difícil tudo, depois eu fui aprendendo. Eu tenho até o boletim daquela época, eu tenho até aí guardado a cadernetinha, aí tinha as notas... Eu até falava pra meu menino quando tava estudando: “Ó, no meu tempo, quando eu estudava, eu tirava...” Naquela época era 100, era 100 de Matemática, era 100 de Língua Portuguesa, era 100 de Estudos Sociais, era 100 de Ciências, Comportamento. Tudo era marcado nessa cadernetinha. Aí estudei aqui um ano, foi em 75, aí meu avô resolveu voltar de volta pra Bahia. Aí, chegando lá na Bahia, depois eu fui estudar lá numa escola, na Escola Treze de Maio; lá eu fiz só segunda série. Passei, no fim do ano, passei pra terceira. Só que aí não estudei mais. Vim me embora pra cá, fui trabalhar; casa de família naquela época, aí pronto. Aí eu fiquei sem estudar quando eu vim,. Comecei em 2005, foi a primeira vez que eu entrei no CIEJA. Mas a gente tinha feito aqui na escola José Pereira - depois que tive os meninos - que a gente entrava às 6h00 e saía, acho que era, as 7h30. Era só uma hora e pouco só de aula com uma professora... Tinha uma sala pra dá aula pra gente. Aí a Bianca⁵⁵, minha amiga, foi comigo. Eu falei que eu tava lá estudando e ela foi. Aí era lembrando da primeira série, da segunda. Aí, quando chegou no fim do ano, ela falou: “Vocês estão prontas pra poder ir para uma escola e estudar, fazer a quarta série em diante”, que depois quando eu fui lá no CIEJA, que foi em 2005, aí eu fiquei só seis meses.

Pesquisadora: Que foi quando você tirou a licença?

Larissa: É.

Pesquisadora: E, esse no Laurindo, você estudou quando?

Larissa: No Laurindo foi em... Não chegou nem ser um ano não.

Pesquisadora: Mas, foi perto de 2000 e pouco, ou não?

Larissa: Então, foi em 2004.

Pesquisadora: Ah, então foi pertinho.

Larissa: É, foi em 2004, que foi quando a gente terminou lá, aí ela falou assim: “Porque naquela época eu me esqueci”, porque não sei quem pagava pra ela pra dar aula assim pra... Aí ela falou assim: “Eles não tão querendo, eu acho que não vai continuar esse ano essa sala aqui”, mas aí a gente... Pra ela pegar outras turmas, porque com a gente ela falou: “Vocês estão aptas para passar, pra ir para outra escola e estudar a quarta série” e deu um papel.

Foi no fim do ano. A minha comadre que falou que tinha umas amigas dela que moravam lá na Cinquenta e que estudava lá nessa escola, e ela: “Tem uma escola que tem ali no Campo de fora, que é assim, assim, sabe?!”, ela falou: “Elimina as matérias. Então, vai lá, pra vocês estudar lá, porque vizinha já tá se formando”. Aí eu fui, que foi nessa época, em 2005.

Pesquisadora: E, nessa época era eliminação de matérias?

Larissa: Não, era do mesmo jeito que nem é hoje. É porque ela falou eliminação de matérias, por que... Eu acho que é por causa de módulos. Mas, tem as provas pra fazer, dependendo do quanto a gente... a Luzia mesmo foi fazer... Fez essa prova, que aí se passar

⁵⁵ Na devolutiva, Larissa conta que sua amiga Bete continua no CIEJA desde 2005, mas “nunca passa porque ela não quer sair de lá.”

nessa prova - não sei se já teve o resultado ainda dessas provas. Elas estão agora estamos fazendo esse, já saía desse módulo quatro - que já tamos - e já vai lá pro primeiro.

Pesquisadora: Entendi. Se fizer a prova...

Larissa: É, se passar lá. Ela falou que foi muita... Que teve muitas coisas, muitas questões que eram pra responder, e ela falou que acha que não, que não deve ter ido bem não.

Pesquisadora: Não está muito confiante?

Larissa: Mas, muitos fizeram, foram fazer essa prova. Eu falei pra professora que eu não ia me inscrever porque ainda não tô bem certa, porque eu ainda estou com dificuldade também sobre a dissertação. Ainda não tô entendendo direito, ainda não tá entrando bem direito aqui na minha cabeça. E é o que cai lá também; tem que fazer. E, ainda eu não tô bem direito. Ela explica na hora... Na hora que eu tô ali na aula... Falo: “Professora, eu não tô entendendo”, aí ela explica e entra. Mas, menina, depois que eu venho, que eu chego aqui, já não me lembro mais. Aí eu vou fazer o que ela me passou. Por exemplo, vou fazer o extraclasse: “Vocês vão fazer um texto de dissertação”, aí eu já não me lembro como eu vou fazer esse texto. Eu sei que tem que ter o começo, o meio e o fim, mas aí os argumentos...

Pesquisadora: Esses escaparam?

Larissa: Humrum. Eles escapam... Aí, então eu também não fui fazer a prova por causa disso aí.

Pesquisadora: Mas, você tem planos de fazer algum dia?

Larissa: Humrum. Ficar mais um ano lá estudando, e quem sabe no próximo ano, eu já posso fazer essa prova com mais...

Pesquisadora: É a prova do ENCCEJA?

Larissa: Humrum.

Menina, agora eu acho que eu não tenho mais nada não, no momento, eu não estou mais lembrando.

Porque eu tenho que aprender ainda muita coisa, pra mim poder ir... Que nem, no ano que vem a gente. Terminar agora e no ano que vem já ir pro primeiro. Mas, chegar lá no primeiro... Vai ter que ser em outra escola, agora não é lá no CIEJA; aí vai ter que procurar uma outra escola. E, nessas outras escolas, assim, que não é o CIEJA, é horário da noite.

Pesquisadora: Sim.

Larissa: Eu já não vou poder tá indo, porque no horário da noite eu entro aqui... Se entrar às 7h00 e sair às 11h00 ou às 10h00? Como é que eu vou trabalhar?

Pesquisadora: É, porque seu horário é bem tarde, né?

Larissa: É. Aí não tem como. E, de dia, não tem pra gente.

Pesquisadora: É menos comum, se tiver é bem pouco.

Larissa: Não tem. Aí, eles comentaram que não sei aonde, nas escolas tem de pegar a matéria, estudar em casa e ir lá pra fazer a prova.

Pesquisadora: Tem desse jeito também? Mas você não se animou muito, pelo jeito que você está falando.

Larissa: Ainda não, porque, eu vou tentar fazer mais um ano pra poder aprender mais. Porque não adianta eu sair agora... Bom, aí eu vou lá, pego as coisas, mas eu não vou entender, não vou saber nada, não vou escrever, não vou lá fazer a prova, vou chegar lá e pegar o papel, vou ficar lá lendo, não estou entendendo nada e não vou fazer nada.

Pesquisadora: Você quer sair bem preparada?

Larissa: É. Eu prefiro. Eu já falei pra professora: ficar mais um ano. Dois professor - ela aula de Português e ele de Inglês. Naquela época que eu estudei a gente não tinha Inglês. Então, eu não sei contar nem de um até dez. Eu falo pra ele... E ele "Tem que aprender, né?" E eu acho difícil! Meu Deus do céu! Ele passou uma música lá pra gente ler essa música e cantar essa música. Disse que no dia da apresentação era pra cantar ela. Tem que ensaiar todo mundo,. Eu acho lindo! Bonito, mas, Meu Deus, eu acho difícil.

Pesquisadora: É outra língua, né?

Larissa: É... Mas tá sendo tudo muito bom tudo o que eu tô aprendendo lá, porque tem muitas coisas que eu não sabia. E lá eu aprendi.

No ano passado... No ano passado não! Antes, no começo do ano, antes de chegar nas férias de junho, a gente tava fazendo, lá com a professora Nina, sobre as Sementes crioulas, as transgênicas; eu não conhecia nada disso. Eu não sabia dessas sementes, das resistências e nem nada.

E aí, cada dia, cada dia a gente vai aprendendo, pena que é pouco o horário. Lá a gente não tem, que nem nas outras escolas normais, tem é o quê? Quatro horas.

Pesquisadora: Sim.

Larissa: Quatro horas. E lá, a gente entra às 10h00 e sai 12h15. Então, é pouco tempo. Nesse pouco tempo, a gente tem que fazer o máximo pra ir entendendo, acompanhando, entender. Mas, o que eu acho, pro meu caso... Que nem esses meninos que tá lá mesmo: o Caio, que é um menino lá. O Caio, ele pega tudo, ele entra tudo, mas por quê? Porque ele é jovem. Ele já veio de outra escola, e ele é jovem, ainda ele é adolescente, então ele ainda estar aprendendo. Agora eu, no meu caso, já não entra muito na minha cabeça. É muito difícil de entrar.

E assim, a gente fica um mês em cada sala. A gente fica um mês na sala de matemática, que nem nas outras... Não, nas outras [escolas], no mesmo dia, no correr do dia, você tem as aulas. Tal hora, saiu daqui já é aula de Matemática, e vai indo, vai indo as outras aulas. E lá não, lá a gente fica um mês em cada.

Pesquisadora: Em cada matéria, né?

Larissa: Aí, quando a gente sai da Matemática e vai pra outra. Ó, sai da Matemática no fim de setembro, comecinho de outubro, tamos na Linguagens e Códigos. Aí, esse mês de novembro a gente já vai pra... Lá em cima. Aí já terminou, aí já vai ser dezembro, já vai ser as formaturas e a avaliação lá da gente. Aí, já não vamos ter mais aula, já entra as férias, mas assim, a gente passa quatro meses, quando chega a outra vez da gente voltar de novo lá pra Matemática, aí a gente já esqueceu quase tudo.

Pesquisadora: Ficou longe, né?

Larissa: Que nem o professor fala, a gente tem que todo dia... Os que tem tempo, mas a gente que não tem muito tempo, de todo dia chegar e ficar ali pegando... Fazendo aquela matéria que ele deu. Ele falou que aí nunca que a gente vai esquecer. Mas tem dia que não dá tempo da gente fazer.

Pesquisadora: É uma revisão que ele sugere, é, depois da aula?

Larissa: Tem reforço também, mas também, não dá pra mim fazer o reforço, ficar lá no reforço. Porque tem reforço para todas as matérias. Mas, é meio-dia, vamos supor. Aí uma hora entra no reforço, vai sair o quê? Um três horas de lá. E eu vou dormir o quê pra ir trabalhar? Se eu não trabalhasse, dava sim, aí eu participava, fazia o reforço, fazia tudo.

Pesquisadora: Daria para participar de mais coisas?

Larissa: Ô! Dava, de muito mais coisas.

Pesquisadora: Entendi.

Larissa: Acho que não tem mais nada não.

Pesquisadora: Contou tudo o que você queria?

Larissa: Acho que sim.

Pesquisadora: E... Conta como foi ter contado tudo isso pra mim?

Larissa: Como que foi?

Pesquisadora: É. Como é que estar sendo contar isso pra mim?

Larissa: Eu gostei de tá falando de uma coisa que eu tô participando, que a gente gosta de... Vamos supor, uma coisa que a gente gosta, a gente quer que as outras pessoas saibam, né? Que aquilo ali é bom, que a gente gosta daquilo lá. Então, é como lá o CIEJA... Eu gostei de tá participando e de tá falando como que é a escola onde eu estou. Aquilo lá é muito bom, como eu já falei, até a alma... A gente sai de lá tranquila. É muito gratificante essa escola.

Pesquisadora: Que bom! Então, tá bom! Eu agradeço por você ter me recebido, mais uma vez, e obrigado por dividir a sua história comigo. E, é isso.

Larissa: Tá bom!

Pesquisadora: Eu vou desligar agora aqui.

[trecho de áudio indisponível⁵⁶ – nele Larissa relata ter vindo para São Paulo, na companhia da avó, que buscava tratamento para uma doença.]

Larissa: Veio pra cá pra tratar. Foi no hospital São Paulo, Mandaqui e outros hospitais... Das Clínicas naquela época, e aí ficou internada e lá em um desses hospitais, eu não sei se foi no das Clínicas ou se foi no São Paulo que descobriu qual era a doença que ela tava. E aí, ela estava com Tuberculose, e aí transferiu ela pra um hospital no interior.

Pesquisadora: De São Paulo?

Larissa: É. Parece que era Lins.

Pesquisadora: É longe.

Larissa: Lins ou foi Campos do Jordão, eu acho que era em Lins. Lá ela ficou um ano internada lá, fazendo o tratamento. Aí, ela ficou boa, melhorou, e ela veio embora. Eu lembro que quando ela chegou, ela estava gorda, bem gorda, forte. Porque quando ela saiu daqui, ela pesava acho que uns vinte quilos, só tava só o osso, bem magrinha; e uma febre, febre, febre. Não comia.

Quando eles descobriram, já transferiu pra lá, porque lá diz que tinha o ar puro, e como era interior tinha um ar puro, o leite; era as coisas tudo de fazenda pra... Alimentação e essas coisas todas. Lá ela ficou um ano. Quando ela ficou boa de tudo, que recebeu alta, que veio embora, ficou ainda um tempo tratando. Mais ou menos isso... Foi em 70, quando viemos e ela ficou lá internada. E ainda ficou aqui porque de mês em mês ela tinha que ir no posto, lá em Santo Amaro, pegava remédios e tal. Lembro que quando ela voltou, os médicos falou que se na casa tivesse criança que era pra levar também, pra fazer exame. Na época

⁵⁶ Essa entrevista apresenta dois pequenos trechos de áudio indisponíveis, pois Larissa tinha encerrado o assunto e a entrevista parecia encerrada, entretanto ela volta a contar coisas novas e ligo novamente o gravado. Lemos juntas a transcrição e não apresentou nenhuma objeção quanto a essas passagens.

quem ficava com ela era eu e uma outra neta dela pequena. A mãe dessa outra menina, neta dela pequena, levou eu e a filha dela pra fazer esse exame. Que aí na época a gente fizemos; a outra menina não teve nada, porque ela ficava durante o dia - porque a mãe dela trabalhava ela ficava durante o dia - e quando mãe dela chegava de tarde já levava ela embora. Mas, aí, eu não sei o porquê... Só sei que eu peguei.

Pesquisadora: Pegou tuberculose?

Larissa: Sim. A gente dormia era junto e tudo. O teste, eu lembro, que quando eu já vim de lá, aqui onde eles marcaram [apontando o braço direito] já vieram tudo cheio de bolhinha e aquilo já coçando. Em três dias que voltamos lá, pra eles fazerem, aí eles já viram, então... E tava já com o **vírus** da tuberculose, aí fui tratar também. Mas não fiquei internada.

Pesquisadora: Não precisou?

Larissa: Não. Todo mês ia lá e eles tiravam a chapa do pulmão e davam três saquinhos assim de comprimido!! Pra tomar, né?

Pesquisadora: Você pequena?

Larissa: Era. Eu pequena, então todo o mês... E aí, quando essa minha amiga não podia levar, o meu irmão levava pra lá. Eu lembro que a gente tirava a chapa do pulmão, passava e dava uns saquinhos assim cheios, era uns brancos e outros amarelos, que era para tomar três comprimidos. Aí, eu fiquei um ano e aí deram alta também.

Foi nessa época que eu entrei na escola, fiquei um ano... Como ela já ficou boa e tudo, recebeu alta. Meu avô resolveu "Vamo embora, voltar pra nossa casa." Que aí foi em 75 que aí a gente foi embora, de volta, pra Bahia.

E até uns anos atrás eu não sabia, mas eu quando eu tinha um convênio na outra firma que eu trabalhava, eu passava no médico, fazia os exames. Um dia eu falei pra um dos médicos o que tinha acontecido nessa época, que quando eu era criança... Ele pediu pra fazer de novo aquele teste. Aí, eu fui lá, fui fazer o teste e não deu nada. Aí, ele foi lá e falou pra mim: "É porque você teve tuberculose na época, por isso que você ficou tomando esses remédios", porque eu não sabia por que eu tomei e o que eu tinha.

Pesquisadora: Só mandava tomar, né?

Larissa: É, aí ele falou: "É porque você teve". Aí, a gente fomo embora, ficamo lá. Aí foi quando depois eu vim depois pra cá trabalhar, eu tava já com 14 anos.

Pesquisadora: Você veio pra cá para trabalhar? Foi nessa época que você falou que começou em casa de família, né?

Larissa: Foi.

Pesquisadora: Já veio arranjada de lá?

Larissa: Hamram.

Pesquisadora: Aí ficou trabalhando?

Larissa: É. Por muito tempo. Em 82 foi que eu saí. E aí entrei na firma, como meu irmão era encarregado lá, aí ele falou: "Vem embora pra cá pra casa, vem morar aqui, que eu arrumo serviço pra você lá na firma.". Aí, eu fui e saí de lá da casa de família e vim.

Pesquisadora: Ficou na mesma casa todos esses anos, ou você mudou?

Larissa: Foi.

Pesquisadora: Todo o período na mesma casa?

Larissa: Humrum.

Pesquisadora: Aí mudou pra firma?

Larissa: E, naquela época, eu nem sabia de nada, que se fosse registrado, hoje eu já tava aposentada... [estalar de dedos representando o passar do tempo]

Pesquisadora: Sim, a senhora começou a trabalhar bem cedo, né?

Larissa: Ô!! Eu já estava aposentada há tempos, né?

Pesquisadora: Eram outros tempos, né?

Larissa: Ô.

Pesquisadora: Era tudo diferente. Aí, começou na firma e ficou, e agora como que trabalhava?

Larissa: Bom, lá na firma era metalúrgica. Fiquei trabalhando em metalúrgica; eu fiquei lá por cinco anos. Depois entrei outra também metalúrgica; era pequena fiquei dois [anos] e pouco. A firma mudou pro interior. O patrão falou que seria o fiador pra alugar uma casa, pra quem quisesse ir. Eu não fui com eles. O pai do Miguel foi com eles. Pouca gente foi. Depois disso aí, foi quando nasceu o Miguel, aí eu fui e fiquei em casa, fiz de tudo pra cuidar dele. Fiquei cuidando de criança pra me sustentar, cuidava de seis crianças; lavava as roupinha, fazia as mamadeiras, fazia as sopinhas. Tinha umas que ficavam direto comigo. Quando o Miguel estava com dois anos e pouco diminui as crianças e voltei a trabalhar [fora], voltei pra casa de família de novo, mas sem registro de novo. Aí, voltei pra firma de novo: voltei a trabalhar registrada novamente foi em 99, depois que eu ganhei o Alejandro, que é o mais novo. Eu falei "Vou sair de casa de família. Vou trabalhar nem que seja de faxina." Aí uma amiga minha arrumou pra mim em uma firma que ela trabalhava de limpeza, e pronto. Fiquei até hoje.

Pesquisadora: Continua. Até aposentar. Falta muito?

Larissa: Falta. Ainda falta cinco anos.

Pesquisadora: Tem um tempinho ainda, tem bastante serviço ainda pela frente, né?

Larissa: Tem. Se não mudar mais daqui pra frente, que nem anda mudando. Porque nas minhas contas, por tempo de serviço, faltam ainda cinco anos, que é o que me falta, que foi o tempo que eu fiquei sem tá pagando, depois que eu ganhei o Miguel. E, por idade, se não mudar tudo, daqui quatro anos...

Pesquisadora: Você alcança?

Larissa: Os 60 [anos].

Pesquisadora: Você alcança os 60, daqui a quatro anos e dá pra pedir?

Larissa: É, se tiver viva, né?

[Risos].

Pesquisadora: Tá bom. Eu estou curiosa pra saber do seu boletim, viu?! Um boletim com 100, eu nunca tinha visto um boletim...

[Trecho de áudio indisponível]

Larissa: Na Bahia, o estudo lá era diferente.

Pesquisadora: O que era diferente?

Larissa: Então, quando eu... O jeito de falar... Porque baiano fala um outro sotaque. E o paulista já fala também diferente. Então, quando eu cheguei lá, a professora passava a lição lá na lousa, o 's' de lá, era um 's' que faz assim.

Pesquisadora: Como o 's' maiúsculo?

Larissa: É, como esse 's' maiúsculo assim. E o 's' que eu aprendi aqui na escola - que hoje eu não sei mais fazer ele, que eu tento fazer ele - que a professora passa lá na lousa, que

ela escreve lá na lousa... Eu tento fazer ele novamente e acho difícil, não consigo, é aquele 's' que vai assim...

Pesquisadora: Ah, esse é o de letra de mão, maiúsculo?

Larissa: É. Que é o daqui, que eu não consigo mais fazer, porque quando eu cheguei lá na Bahia, só era daquele lá pra fazer.

E o ABC lá era... A gente tinha que ler a, bê, cê, dê, é, éfe., gê, agá. E lá já era tudo diferente: ê é é a, bê, cê... O eme é ene, R é rê... Lê tudo diferente.

No comecinho eu tive também um pouco de dificuldade pra ter que aprender do jeito de lá. Mas, aí, depois com o tempo foi pegando; mas é diferente de lá. O estudo de lá é diferente daqui.

Pesquisadora: Então você teve essa adaptação?

Larissa: Foi. A gente ter que ler diferente, o sotaque de falar diferente, aí ela perguntava e eu dizia: “Não professora, eu estudei lá em São Paulo, eu vim de São Paulo”, eu falava pra ela. E, até hoje o sotaque lá é diferente. Às vezes, quando eu vou pra lá nas férias e eu fico lá, aí a gente vai começando a aprender de falar com eles todo dia, todo mundo com aquele sotaque, aí a gente começa também a conversar que nem eles. Aí, quando a gente chega aqui em São Paulo já chega com o sotaque um pouco mudado de novo, já pelo de lá.

Pesquisadora: Pega o jeito de falar?!

Larissa: É.

Pesquisadora: Por que tem outras palavras que são diferentes, né?

Larissa: Tem.

Pesquisadora: Então, o ABC que você falou, como que era? A, B, C, D...

Larissa: O Ê que tem a palavra diferente, o érre, que a aqui a gente fala érre e lá a gente fala rê. Rê. Deixa ver mais que eu me lembre, o ê fala é.

Pesquisadora: Ah, o ê fala é?

Larissa: É.

Pesquisadora: O éfe é fê?

Larissa: É.

Pesquisadora: Fê, gê... É isso?

Larissa: Isso.

Pesquisadora: Eu já tinha ouvido uma amiga que foi criada lá em Salvador.

Larissa: Ah é?

Pesquisadora: Ela falava que era diferente, é ABCD, é, Fê, Gê, Jê, Lê, Mê... É assim mesmo?

Larissa: É.

Pesquisadora: Então, você aprendeu aqui de um jeito e chegou lá era de outro?

Larissa: Lá era de outro, ai [*Risadas*].

E aí, agora eu já esqueci também.

Pesquisadora: Já esqueceu de lá, voltou pra cá, reaprendeu aqui?

Larissa: É, e eu não consigo mais fazer o 's' que eu fazia quando era aqui, só faço o 's' de lá.

Pesquisadora: Ficou com o 's' baiano? [*Risadas*]. Da terra... Em que cidade que tu cresceu?

Larissa: Lá? Vitória da Conquista.

Pesquisadora: Ah, é uma cidade bem grande, né?

Larissa: Agora tá.

Pesquisadora: Na época não?

Larissa: Na época não, agora já tá bem grande. Na época era pequenininha. Hoje lá já tem shopping, já tem o aeroporto lá; inaugurou lá esse ano o aeroporto.

Pesquisadora: Então, cresceu mesmo, cresceu bastante.

Larissa: Quer dizer, agora não precisa ir mais pra Salvador, nem pra Ilhéus, já pode descer lá mesmo.

Pesquisadora: Pode ir direto. Você ainda vai muito?

Larissa: Esse ano eu vou.

Pesquisadora: A senhora ainda tem família lá ainda?

Larissa: Tem. Minhas irmãs tudo mora lá. Aí, esse ano eu vou pra lá de férias.

Pesquisadora: Vou interromper aqui de novo, com os meus agradecimentos.

Apêndice 4 – Transcrição do encontro com **Ágata**

Pesquisadora: Eu estou gravando. Ágata, Bom dia.

Ágata: Bom dia!

Pesquisadora: Em primeiro lugar, obrigada por aceitar em conversar comigo. E, eu queria que você contasse como você veio parar aqui no CIEJA?

Ágata: Então, foi em 2016, eu ia fazer 16 anos. É, eu conheci outras escolas, eu estudava no Miguel. Lá, como [era] muito nova, eu não queria saber muito de estudar. Aí, vim parar no CIEJA, porque aqui são 2 horas e meia de aula, pra ter mais tempo pra ficar em casa. Aí, felizmente, eu conheci um rapaz, comecei a namorar, acabei engravidando. Eu tenho uma filha de três anos de idade.

Engraviddei, eu pensei: “Como que eu vou estudar?”. Aí, eu conheci o CIEJA, porque minha mãe já estudou aqui. Minha mãe, minhas tias, todas estudaram aqui - mais novas. Conheci o CIEJA e vim pra cá. Em 2016 eu achei que não iria dar muito certo, eu cuidar de casa, cuidar de marido, eu grávida achei que eu não ia conseguir estudar, aí eu parei.

Aí, minha filha cresceu, com seus dois anos de idade, em 2018, eu resolvi voltar a estudar, aí foi quando eu voltei pra escola. Aí, eu parei no Módulo 3, concluí o módulo 3, agora eu estou no módulo 4. E, aqui estou... No Módulo 4 e, ano que vem, creio eu, que vou pro Ensino Médio.

Pesquisadora: Então, você está saindo?

Ágata: Sim, eu já estou saindo, porque eu estou no Módulo 4, e ano que vem é Ensino Médio. Ou seja, estou concluindo o Ensino Fundamental.

Pesquisadora: E, como é pra você estudar aqui, conta um pouco como é a sua experiência.

Ágata: Pra mim, foi bem interessante, porque aqui não é aquele negócio de escola, onde só o professor fala, onde você responde pergunta. Aqui não, aqui é meio que uma palestra. Todo mundo conversa em sala de aula. Eles gostam de escutar as opiniões de todos, lá todo mundo se interage. É mais conversa. Tá certo que tem algumas avaliações, mas aqui é bem mais conversa, é bem legal. Dia de quinta-feira tem o resumo, que se chama Resumo do Mês, que a gente concluiu, em que a gente faz apresentações mostrando como é que foi a nossa experiência em sala de aula. E, é bem legal, eu gostei bastante, me identifiquei, até por isso que eu estou tentando, mas acho que não tem jeito, eu acho que não tem possibilidade, do ano que vem eu ir prum CIEJA pra fazer o Ensino Médio, porque eu gostei bastante. Não é uma escola integral; são 2 horas e meia de aula. Não ocupa muito o seu tempo, porque no meu caso que tenho uma filha, tenho que cuidar de casa, tudo isso, aí não ocupa muito meu tempo. E, eu não sei se vou conseguir, mas eu fico triste de ter que sair daqui esse ano, mas eu aconselho a todos que não têm tempo de estudar vim pra cá estudar, porque aqui é uma escola que acolhe todos, tanto com filhos... Eu já trouxe a minha filha pra cá, eu já trouxe em tempos em que ela não tinha aula e que eu não tinha com quem deixar, eu já trouxe ela pra sala de aula, eles aceitam, eles dão atenção, às vezes, minha filha chorava, as professoras entertiam ela pra eu conseguir estudar. E, aqui é uma escola que eu me identifiquei bastante.

Pesquisadora: Você falou que essa questão do tempo, ela é complicada, por que você trabalha, né?

Ágata: É, fica corrido, porque eu acordo às 7h00 da manhã, aí coloco a minha filha na perua às 7h40, ou seja, eu tenho que arrumar ela, arrumar a pasta dela e colocar ela na perua. Aí, mais ou menos, umas 8h00 horas eu arrumo a casa, faço comida de manhã e corro pra escola. Aí, eu estudo das 10h00 ao meio-dia e quinze. Eu saio ao meio-dia, pra poder chegar no meu serviço a tempo porque entro uma e meia. Eu trabalho lá próximo ao shopping da SP Market, na Avenida das Nações Unidas. Aí de lá, eu trabalho da uma e meia até nove e meia. Chego em casa, quase onze horas [da noite]; no máximo. E essa é minha rotina de segunda à sexta, de segunda à quinta, aliás, porque eu estudo aqui até a quinta, na sexta é bem mais tranquilo, porque aí eu tenho a manhã livre, pra poder lavar roupa, que às vezes não dá muito tempo pra lavar roupa, pra fazer algumas coisas que eu deixei de fazer no decorrer da semana, por conta do tempo, que não dava.

Aí, sábado é bem mais tranquilo, porque eu deixo a minha filha com a minha irmã - ela que cuida - eu deixo ela com a minha irmã de manhã e vou trabalhar. Sábado eu entro mais cedo: do meio-dia às oito. Mas o bom é isso, que o CIEJA me acolheu, pelo fato de... Às vezes eu chego atrasada - mas devido ao fato do tempo que é corrido de manhã - que é muito corrido, aí eu me divido em duas, mas desistir de estudar jamais.

Tanto que eu falei com o meu patrão, se ano que vem eu não conseguisse uma escola CIEJA pra estudar duas horas e quinze, e estudar de manhã, infelizmente eu ia ter que sair, pra poder estudar a noite, pra eu não deixar de estudar, né? Porque, querendo ou não, eu ainda sou nova, tenho 19 anos, se eu parar de estudar agora eu vou perder várias oportunidades - como eu já perdi muitas oportunidades de emprego boa - por conta do estudo. Então, eu preferi voltar a estudar, terminar meus estudos, pra conseguir um emprego melhor.

Eu trabalho, eu não sou registrada, “como é que se diz a palavra?”, não é autônomo que fala... Eu não sou registrada, trabalho e eu não sou registrada há 10 meses, faço um ano em março, aí eu conversei com ele sobre isso, que ano que vem se eu não conseguisse achar uma escola que nem o CIEJA, que são duas horas e quinze, infelizmente eu ia ter que deixar de trabalhar lá, arrumar outro emprego, pra continuar os estudos. Por conta também da minha filha, pra poder dá um futuro melhor, porque sem estudo a gente não é nada. Se está difícil pra quem tem estudo, faculdade, imagina pra quem não tem. E, é isso, assim, o CIEJA é uma escola bem acolhedora, tanto que acolhe também idosos, de terceira idade - que aqui é o que mais tem -, tanto jovens, adultos, idosos, com criança, grávida, eles acolhem todo mundo. Pessoas especiais também, e eles acolhem todo mundo. Então, é um projeto bem legal, que eles desenvolveram. E é isso. Tem mais alguma pergunta.

Pesquisadora: Tem algo mais, que você acha que vale a pena ser dito sobre está aqui, como é ser estudante?

Ágata: Eu falei tudo... Pra mim, eu me sinto (como que é a palavra?) lisonjeada, né? É muito gostoso. De verdade. Aqui eu me sinto em casa, praticamente. É bem legal. Tanto os meus colegas que me acolhem; no começo eu tive bastante dificuldade, mas todos me acolheram. E hoje eu estou aqui e estou ajudando outros, eu era ajudada, agora eu ajudo, e cá estou, eu acho que é isso.

Pesquisadora: Então, no começo a turma foi importante pra te ajudar?

Ágata: Foi. Muito importante. No começo, nova, né? Tem esses negócios de interagir em sala de aula - como eu falei é muita conversa, muito diálogo e eu ficava meio tímida, e aí o pessoal da turma: “Não. Fala. Aqui é assim. É legal você interagir, é legal você conversar”,

aí foi quando eu fui me soltando. Hoje, tem gente que chega e é assim, que nem eu era: ficava sentada no canto, não participava, e agora todos participam. Do mesmo jeito que eles foram me mostrando o quanto era bom participar, eu e meus colegas mostram pras pessoas que chegam o quanto é bom participar.

Pesquisadora: Você evoluiu, né?

Ágata: Bastante, bastante. Coisas que eu não aprendia nas escolas normais aqui eu aprendi, tanto que tem um... Deixa eu lembrar aqui... Interpretação de texto: eu tinha muita dificuldade de aprender, e aqui eu tive esse conhecimento, aqui eles têm paciência para explicarem direito, aí trabalharam comigo um mês pra eu poder aprender, por causa dessa dificuldade. E hoje eu já não tenho mais essa dificuldade. Aqui o bom é isso: não importa a sua dificuldade, eles estão aqui para ajudar.

Pesquisadora: É um lugar que apoia?

Ágata: Isso. É um lugar que apoia. Não só eu, a todos que estudam nele.

Pesquisadora: Você está contando que voltar a estudar tem a ver com profissão, um caminho melhor pra você e sua filha...

Ágata: Sim, voltar a estudar é tudo na vida, porque que nem eu falei, sem estudo a gente não é nada. Tanto que até os idosos voltaram a estudar porque viram a dificuldade de arrumar emprego, de até preencher um documento e não conseguir fazer nada sozinha, não conseguir pegar um ônibus, pelo fato de não saber ler. Então, eu também voltei a estudar, não só por essa dificuldade, porque eu já sabia ler, mas sim por uma profissão, por querer um futuro melhor. Exatamente por isso. E para mostrar pra minha filha que... Não foi por ela que eu parei, não. Foi mais por mim, que eu não gostava. Como eu falei, eu não gostava muito de estudar. Agora, aqui, sim; agora eu sei como é gostar de estudar. Eu antes... Nossa, eu detestava ir pra escola, eu ia e voltava; e agora não, agora eu sinto prazer em vir pra escola estudar. O bom é isso, eu fui aprendendo a gostar, vendo o quanto é importante, vê o quanto isso vai ser importante pra mim no futuro, né? Aí, o CIEJA me mostrou tudo isso, e eu sou eternamente grata por ele, espero que outras pessoas sejam também.

Pesquisadora: E, aprendeu a gostar de estudar aqui?

Ágata: Aprendi a gostar de estudar aqui.

Pesquisadora: Como é isso?

Ágata: Nem eu sei te explicar... Aqui eu me sinto em casa, como eu falei. Eles me acolheram bastante, aqui eu me solto. Por mais que às vezes a gente erre a questão, o professor eles chegam e falam: “Olha, Ágata, você errou, você tem que melhorar nisso, melhor aquilo”, e na escola normal não, é bem diferente, é bem difícil eles chegarem em você e falar com aquela calma, ter aquela paciência de te mostrar o que você está errando, do que você precisa melhorar. E aqui não, aqui eles têm a paciência, eles falam com clareza, com calma. E mostra pra gente o que a gente está errando, ensina a gente precisa melhorar, no que a gente tá errando.

Pesquisadora: São gentis?

Ágata: São, muito gentis, muito acolhedor. Todos! Da escola aos professores. Não tenho o que reclamar de nenhum.

Pesquisadora: E, você está contando que é bem diferente da escola que você passou antes?

Ágata: Isso. É bem diferente da escola que eu passei antes. Muito diferente. Até os colegas interagem. Na outra escola não, não era assim. Era meio que cada um pro seu lado, não chegavam para fazer amizade, você chegava, eles se afastavam. Aqui não, todo mundo fala com todo mundo, todo mundo conversa com todo mundo; aqui todos somos iguais, aqui o bom é isso, que todos somos iguais. Aí, eu acho que é por isso que eu me identifiquei bastante. É isso, eu acho que já falei tudo.

Pesquisadora: Falou tudo?

Ágata: É. Falei tudo.

Pesquisadora: Parece que pelo o que você está contando, na sua história, a presença da sua filha tem um papel importante nessa volta à escola?

Ágata: Tem.

Pesquisadora: Quer contar um pouquinho?

Ágata: O papel importante é que eu quero mostrar pra ela o quanto a mãe dela é guerreira, que nem eu vejo na minha mãe. O quanto eu luto pra dar as coisas pra ela, pelo fato de eu ser nova e ter essa responsabilidade. E ensinar pra ela que a gente consegue vencer qualquer coisa, qualquer barreira. E que só basta a gente querer voltar atrás e crescer na vida. E, é isso que eu venho mostrando, tentando mostrar... Ela crescendo, ela vendo a correria, pelo fato disso tudo eu não desistir de estudar. Desisti por um certo momento, mas depois eu resolvi e falei: “Não, eu tenho que voltar”, e é isso.

Pesquisadora: Você contou que sua mãe, também, estudou aqui.

Ágata: Estudou. A minha mãe estudou. A minha tia terminou aqui; terminou aqui o Ensino Fundamental, aí foi pra outra escola. E também ela terminou tarde, terminou com seus 30 anos. Só que minha mãe, infelizmente, ela não conseguiu concluir, ela parou aqui na sexta série; por conta que naquela época era muito difícil, ela com quatro filhos pequenos - eu e meus irmãos são poucos meses de diferença - e ela não tinha com quem deixar, foi por mais por conta disso. Mas, ela fala, que essa é uma escola excelente. Foi tanto que foi ela que me indicou, “já que você não gosta de estudar, você...”, porque eu não tinha paciência de ficar seis horas dentro de uma sala de aula, por esse fato também, e pelo fato dos professores não compreender a minha dificuldade. E aí, ela me falou: “Olha, o CIEJA, lá são duas horas e quinze de aula, lá é mais palestra, lá se você se esforçar você passa, se você se esforçar você aprende, lá eles ensinam, lá eles tentam tirar todas as suas dúvidas, te mostra que não tem dificuldade de aprender”, e é tudo isso. Aí, foi que ela me incentivou, mas ela não conseguiu concluir por conta da gente muito pequeno e ela não tinha com quem deixar.

Pesquisadora: Sim. Essa parte com criança é difícil mesmo.

Ágata: É difícil.

Pesquisadora: Você falou que estava difícil chegar aqui hoje mais cedo.

Ágata: É difícil, mas aqui eu estou firme e forte. Às vezes, as professoras falam: “Ágata, pára de faltar”. “Mas professora, é difícil a correria...” “Não, mas tenta vim mais cedo”. Eu, às vezes, eu venho atrasada, às vezes eu falto, mas eu estou sempre ali correndo, quando eu falto muito, eu faço compensações de aulas, eu entrego extra-classe atrasado. Eu tento manter tudo em dia, mas nessa correria de manhã, eu tento deixar tudo certinho, porque eu gosto. Não que eu não queira ficar mais um ano aqui, mas se eu ficar mais um ano aqui eu estou perdendo mais um ano que eu poderia estar no Ensino Médio, eu estou perdendo mais um ano de terminar os meus estudos. E, eu penso em fazer uma faculdade, eu penso em

ter uma profissão, porque eu ainda sou nova, não que só eu sou nova, eu tenho certeza que os adultos que estudam aqui e os idosos também sonham isso, por mais que não importa a idade, né? E, eu penso, e se Deus quiser, eu vou conseguir, basta querer e ter força de vontade.

Pesquisadora: Segue sonhando...

Ágata: Estou sonhando e indo. Estou sonhando e caminhando, correndo atrás dos meus sonhos. Mais alguma pergunta?

Pesquisadora: Você foi até quando na outra escola?

Ágata: Eu fui até a sétima série.

Pesquisadora: Ah, então, foi até bastante...

Ágata: É que nem eu falo, as outras escolas tem um certo defeito, a gente passava sem ir pra escola. Se eu ia, vamos supor, uma vez na semana ou duas na semana. Ou seja, eu não aprendia nada, e mesmo assim eles me passavam. E, aqui não, aqui você tem que aprender pra você passar de módulo. Se você não aprende, você não passa, aqui o bom é isso, nas outras escolas não. Tanto, que nem eu falei, eu não gostava de estudar e aprendi a gostar aqui. Mas nas outras escolas não, por mais que eu não ia, deixava de fazer algumas coisas, eles me passavam, como se eu já soubesse tudo. Aí, eu estudei até a sétima série. Aí eu fiquei um tempo sem estudar, aí foi quando eu voltei pro CIEJA. Aí eu grávida vi que não ia conseguir estudar e cuidar de neném, que minha filha ia nascer. Mas, isso era só coisa da minha cabeça, porque aqui acolhe todos, até bebê recém-nascido; aqui eles acolhem. Só que era coisa da minha cabeça, eu muito nova, também, achava que não ia conseguir. Até eu aqui estou. Até eu voltar e ver que nada daquilo era impossível, eu poderia sim. Eu me arrependo de ter deixado de estudar em 2016 aqui, me arrependo muito, porque praticamente foi abandono de escola; porque eu não voltei pra dá uma justificativa. E, se eu estivesse estudado, esse ano eu já estava no Ensino Médio fazendo o primeiro e o segundo ano. Mas, o bom e o importante é que eu não desisti.

Pesquisadora: Sim.

Ágata: O importante é que eu não desisti.

Pesquisadora: você está continuando.

Ágata: É eu vou continuando, firme e forte, até conseguir.

Pesquisadora: Então, você diz que sonha em terminar e seguir estudando, então?

Ágata: Sonho, terminar, fazer uma faculdade, eu ainda não sei que faculdade eu quero fazer, mas eu sonho. Eu sonho em ter minha casa, porque eu moro de aluguel. Eu sonho em ter minha casa, meu carro, dar uma vida melhor pra minha filha e eu tenho certeza que eu só vou ter terminando os estudos, tendo uma profissão, lutando, e seguir caminhando pra frente.

Pesquisadora: Estudar ajuda muito?

Ágata: Ajuda, ajuda bastante.

Pesquisadora: Você encontrou muitas barreiras por não ter concluído a escola?

Ágata: Como assim?

Pesquisadora: Porque você falou que tem trabalhos que não conseguiu.

Ágata: Tem, muita, muita... Eu perdi diversas oportunidades por conta da minha escolaridade, tanto que foi uma empresa de engenharia, o trabalho era ótimo, tinha vários benefícios, trabalhava de segunda a sábado, tinha mais tempo pra ficar com a minha filha. Eu até conseguir por indicação do meu sogro, aí eu fui fazer a entrevista, eles me

encaminharam pro RH, e eu toda feliz, “Ai meu Deus, eu vou conseguir”, quando o RH me ligou, eles perguntaram: “Você está em que série?”, aí eu falei: “Eu estou concluindo, ainda, a oitava série”, aí eles falaram: “Pra essa vaga, você tinha que estar no segundo grau, pelo menos”. Aí eu perdi a oportunidade, não só essa, como diversas. Hoje eu trabalho de segunda a sábado, só fico domingo em casa, é aquele domingo bem corrido também, que eu tento dar o máximo de atenção pra minha filha, mas não é a atenção que eu desejaria dar, que era ficar um dia inteiro com ela. E, infelizmente, por conta do trabalho, por eu praticamente trabalhar a tarde inteira, eu fico a tarde inteira trabalhando... E se eu não tivesse perdido essa oportunidade, por conta dos estudos que eu parei, eu tenho certeza que hoje eu teria mais tempo com ela. Mas, eu não desisto. Não pode desistir.

Pesquisadora: Sim está firme.

Ágata: Sim, firme e forte.

Pesquisadora: Você estava contando da sua filha..

Ágata: Foi cedo, mas Deus sabe o que faz. Sem ela acho que eu seria aquela moleca de antes, sem querer saber de estudar, sem querer saber de nada. Deixa eu pegar uma foto dela aqui.

Pesquisadora: Então foi cedo, mas foi uma aprendizagem?

Pesquisadora: Só ela mesmo? Já está satisfeita?

Ágata: [concordando com a cabeça] Tô satisfeita. Graças a Deus.

Ágata: [mostrando uma fotografia]: Essa é ela e meu marido.

Pesquisadora: Que fofinha.

Ágata: Ele também é novo. Ele tem 22 anos. Quando engravidei, ele estava com 20.

Pesquisadora: E uma só pra ele também?

Ágata: Tá ótimo. Tanto que a gente fala: "Só uma está bom."

Pesquisadora: Ele estudou? Está estudando?

Ágata: Não. Ele parou também na oitava série. Ele também não volta a estudar por conta disso: ela chega 4h30, aí minha irmã pega na perua - pago pra minha irmã pegar. Ela chega 4h30. Ele chega do serviço; ele sai 4h30 do serviço, chega mais ou menos umas 6h00, aí ela pega ela e fica com ela até eu chegar. E não dá pra ele estudar, porque ele trabalha de manhã, das 7h00 às 16h30. Aí não dá, senão ela fica muito tempo longe da gente. Aí ele optou por não voltar agora, mas ano que vem, se eu conseguir um emprego de manhã, ou mais ou menos à tarde que não pega tanto no dia... E eu conseguir estudar mais ou menos de manhã, pra fazer as coisas à tarde, aí eu creio que ele vai voltar a estudar.

Pesquisadora: O plano é voltarem os dois?

Ágata: Isso. O plano é voltar nós dois.

Pesquisadora: É uma luta com criança pequena...

Ágata: Mas aqui estamos correndo atrás.

Pesquisadora: E, me conta uma coisa, como é ter contado isso pra mim? Como é que foi?

Ágata: Foi bem legal. Foi bem gostoso. Porque querendo ou não, eu revi um pouquinho o passado, vi o quanto eu me lembro daquilo e não desistir... Porque eu poderia ter desistido por essa correria, mas não desisti. E, eu me sinto privilegiado por está falando da escola bem, uma escola que me acolheu, que eu só tenho que falar bem, na verdade. E, é isso. Eu fiquei muito feliz em vim dá essa entrevista.

Pesquisadora: Você estava um pouquinho tensa antes?

Ágata: Estava. Eu estou um pouquinho nervosa, na verdade.

Pesquisadora: Continua nervosa?

Ágata: É que eu nunca tinha dado uma entrevista antes, foi por isso, mas eu ainda estou um pouquinho nervosa.

Pesquisadora: Então, de modo geral, foi agradável, assim?

Ágata: Foi, foi bem gostoso.

Pesquisadora: Tá bom, é isso Ágata. Obrigada por aceitar falar comigo.

Ágata: Obrigada você.

Apêndice 5 – Transcrição do encontro com **Ricardo**

Pesquisadora: Ricardo, você estuda aqui?

Ricardo: Não. Eu venho pra cá visitar. Venho de vez em quando. Eu já estudei aqui.

Pesquisadora: Você estudou muito tempo?

Ricardo: Estudei. Um tempinho. Até 2012. Depois fiz o Ensino Médio.

Pesquisadora: Fez onde?

Ricardo: Fiz lá no centro; na Santa Cruz.

Pesquisadora: Conta um pouquinho como você veio estudar aqui.

Ricardo: Eu comecei a vir no ano de 2005. Eu não conhecia aqui. Quando eu cheguei aqui, eu não conhecia ninguém não, eu tinha pouco conhecimento. Aí, eu comecei a estudar aqui em meados de 2005. E estudei até 2012. Demorou bastante porque tive que ter braile e tudo misturado. É... [termo incompreensível] da escola regular, mas tinha professor de braile e tudo mais. Aí, eu aprendi tanto braile quanto estudava normalmente. Eu pegava e escrevia... Reescrevia pra mim e conseguia ler.

Aí eu fiquei até... Aí eu tinha um pouco de dificuldade na época pra arranjar outra escola, porque já tinha terminado, e nesse tempo fiquei aqui como ouvinte, pra não perder o que eu tinha aprendido. Até aparecer uma escola, porque essa aqui era onde tinha mais vagas e não tinha ensino médio; o ensino médio era em outra escola, mas outra escola era difícil. E lá eu não poderia porque... Disse que não tinha acessibilidade, essas coisas todas. Enfim... Até que eu achei uma lá... Lá na Santa Cruz. E em 2014 eu comecei a fazer o ensino médio. E aí, faz mais ou menos uns cinco anos que tem. E agora eu venho só, de vez em quando, venho só pra passear mesmo. Quando eu preciso de alguma coisa ou alguém precisa de algum auxílio, às vezes, com braile, aí a gente dá uma ajudinha. Se eles precisar. É assim.

Aí eu queria assim... Eu fui conhecendo bastante gente. Antes de começar a estudar aqui eu num. Antes eu não era nem... Eu nem saía sozinho ainda, depois que comecei. A partir daí, tem um desenvolvimento total. E aí eu faço um monte de coisas, só eu mesmo. Eu vou e venho. Eu vou, o que tem que resolver. E tudo isso. Digamos que é... Não dependente. Então, é assim. Essa é a minha história.

É bom aqui. Quem estuda aqui, se você encontra por aí, eles tá sempre falando bem daqui. Qualquer pessoa que você encontrar que estuda aqui, que estudou.

Pesquisadora: Então foi bom pra você?

Ricardo: Pra mim, sem dúvida! Aqui foi o caminho e o início de tudo.

Pesquisadora: E como você veio parar aqui?

Ricardo: Eu vim por indicação de um amigo porque eu nem conhecia essa escola. Aí tinha um amigo que era meu vizinho, que estudava aqui. Aí ele falou dessa escola, tal Pra eu vir aqui conhecer. Eu vim. Depois desse dia, entrei pra estudar e só saí mesmo quando eu terminei. Antes não tinha essas peruas escolares que hoje tem. A gente vinha andando mesmo. E quando elas saíram melhorou mais ainda.

Pesquisadora: Pegou no começo...

Ricardo: Peguei no começo. Não tinha perua não; até 2008 não tinha não. Depois de 2008 é que elas começaram a surgir. Ajudou bastante. Hoje em dia eu vou e venho pra qualquer lugar.

Pesquisadora: De transporte público?

Ricardo: De transporte público. A gente viaja pra qualquer lugar.

Pesquisadora: Então depois daqui que você começou a andar mais?

Ricardo: É. Depois daqui. Foi. Foi depois daqui porque foi pra cá que eu vim pela primeira vez sozinho.

Pesquisadora: Ah é?

Ricardo: Que eu vim pela primeira vez sozinho foi aqui. Depois, a partir daí que eu comecei. Aí eu comecei e não parei mais.

Pesquisadora: E estudou em outra escola, né?

Ricardo: Aqui foi a primeira escola porque eu passei ali pelo colégio no São Luiz, mas como eu não fiquei nem uma semana lá, aqui foi a primeira escola. Consideravelmente a primeira escola, onde eu aprendi mesmo.

Pesquisadora: Você veio grande pra escola?

Ricardo: Eu vim com 16 anos. Mas em pouco tempo... Já com 20 e pouco, 20, 21 já tinha terminado já.

Pesquisadora: Foi bem, né?

Ricardo: Foi rapidinho. Quando se tem o interesse, é rapidinho.

Pesquisadora: Então a alfabetização foi aqui?

Ricardo: Foi.

Pesquisadora: E foi em braile.

Ricardo: Foi em braile. Pra mim tinha que ser em braile. Eles liam o texto. Liam o que tinha que fazer e eu escrevia. Ele transferindo pro braile eu conseguia fazer. O que precisava fazer, a lição, essas coisas todas. As palavras que todo mundo escrevia em caneta e lápis eu escrevia na reglete. O que ditavam pra mim. Os professores falavam as palavras pros outros, os outros escreviam; pra mim eles ditavam; palavra por palavra e eu acompanhava normal.

Pesquisadora: Então aprendeu tudo aqui: braile... Foi o começo de tudo?

Ricardo: É. Por isso que eu tô te falando: foi tudo aqui. O restante foi fora, porque nem tudo tinha na escola, então algumas coisas tinham que ser fora, como o ensino médio, que aqui não tem, então tinha que ir em outra escola. Aí foi quando eu comecei a ver novos ares, quando veio curso, essas coisas todas. E aí começou. A escola aqui foi o primeiro... Foi o início de tudo.

Pesquisadora: E você tem perda total da visão?

Ricardo: Tenho. Total.

Pesquisadora: Nasceu assim ou foi adquirida?

Ricardo: Eu adquiri. Isso ainda criança. Lá pros meus cinco anos de idade, por aí. Com meningite e catarata congênita, resultou nessas consequências e eu perdi total.

Pesquisadora: E agora você está bem adaptado...

Ricardo: Sim. Como foi criança... Criança é muito rápida a adaptação. Mas infelizmente eu entrei na escola um pouquinho mais tarde, aos 16 anos, mas eu evolui bastante. Até rápido.

Pesquisadora: Você poderia contar um pouquinho mais da sua experiência aqui, como foi?

Ricardo: Então, minha experiência aqui foi a melhor experiência que eu já tive: pessoas de todos os tipos - tinha, né - não só visual, mas pessoas que enxergam, pessoas sem nenhuma deficiência, outros cadeirantes, intelectuais. Então tinha tudo. E não era nada separado, era tudo misturado. E todo mundo estudava. Então, pra mim foi uma experiência muito boa. Então daqui não tenho o que reclamar, pois os professores eram... Os professores que eu estudei... Hoje tem outros professores, mas eles são dedicados também. Então, a gente não ficava de lado, a gente era sempre incluído de alguma forma e nada ficou faltando. A gente conseguia aprender tudo junto com os outros. E se formar junto com os outros, no tempo normal. Minha experiência aqui é boa.

Agora só venho pra fazer uma visita de vez em quando aqui, quando dá.

Pesquisadora: E você saberia dizer o que sentiu falta? Se você sentiu falta de alguma coisa depois que saiu daqui e foi pra outra escola.

Ricardo: Falta a gente sempre sente das pessoas, do pessoal que trabalha aqui, dos funcionários. A gente sempre tem falta, mas a gente não quer sair - o que as pessoas vai fazer - porque vai sentir muita falta, mas é aquilo: a vida tem que seguir e a gente às vezes tem que seguir outros caminhos e... Entender que é o melhor; que precisa progredir. A gente entende que, de repente se quiser visitar, pode fazer uma visita. Ninguém é impedido. Então, eu aqui toda vez que venho me sinto bem. Mas é assim... Reclamação daqui... Eu saí e do tempo que estudei não tive nenhuma.

Pesquisadora: Então quando você vem, é bem recebido?

Ricardo: Sim. Sempre. Às vezes, o pessoal pergunta quando a gente não aparece, que a gente some... Eles sentem falta. E aí a gente vem fazer uma visitinha de vez em quando. Não dá pra estar todos os dias... Nos dias que a gente pode, a gente vem. Quando não, a gente não vem. Então é assim.

Pesquisadora: Você falou que às vezes vem ajudar com braile?

Ricardo: Não. Não. Não. O braile é assim: em caso de, de repente, eles precisarem. Se eles precisarem. Como eu tenho conhecimento do braile, posso dar uma ajudinha, mas não é direto não. Faz um tempo que não vem visual pra cá estudar. Mas se aparecer e precisarem de algum auxílio, aí eu já dou uma mãozinha. Mas não é direto não. Só se surgir. Agora é um pouquinho mais difícil, mas se surgir... Eu já dei algum auxílio a alguns professores aqui, nessa questão do braile; uma ajudinha básica... Só pra pessoas que não conheciam o braile, eu dava um auxílio e ajudava a professora. Faz tempo que fiz esse auxílio.

Pesquisadora: Algo mais que você acha que vale a pena me contar?

Ricardo: A minha história aqui no CIEJA é basicamente isso mesmo. O resumo é esse. É basicamente o que eu te contei.

Pesquisadora: E como é contar sua história?

Ricardo: É tranquilo. É até bom. As pessoas tem o interesse em conhecer e sem problema nenhum eu apresento, eu conto. Não tem problema com isso não. Eu compartilho. Às vezes vem algum estagiário, vem algum jornalista - ou alguma coisa assim - aí eu sempre compartilho um trechinho. Um trechinho, não. Minha história completa aqui. Então, eu conheço essa escola há uns quinze anos. É isso.

Pesquisadora: Bacana. Obrigada por contar pra mim.

Ricardo: Sim.

Apêndice 6 – Transcrição da entrevista da **Mônica**

Pesquisadora: Então, Mônica, para mim, o que vai me ajudar saber nessa pesquisa é como é a sua experiência com o CIEJA.

Mônica: A minha experiência é muito boa. Eu vim pra aqui pro CIEJA num momento difícil, em 2016, eu perdi meu marido num câncer dos ossos. Aí eu fiquei dentro de casa, deprimida, chorando. Eu sabia que ele não ia voltar mais, mas eu fiquei fazendo isso. Aí meu filho, um dia, chegou e falou: "Mãe, se levanta. O pai morreu. A senhora também vai morrer se a senhora ficar aí dentro de casa chorando, o que vai acontecer? Não vai resolver nada." Eu falei: "Tá bom." Aí eu comecei sentir até dor, que eu não sentia, comecei sentir; coisa da nossa mente, né?

Aí quando foi um dia... Eu tenho muitas amigas, conheço muita gente e saí pra pagar uma conta; encontrei uma amiga no ônibus. Eu falei: "Nossa, amiga! Está passeando?" Ela falou: "Não. Eu vim da escola." Eu falei: "Onde é a escola? E de dia, pra adulto?" Ela falou: "Sim. O CIEJA. Você não conhece?" Eu falei: "não." "Eu vou te passar o endereço."

Eu esperei umas duas semanas e ela não passou o endereço. Eu perguntei: "Onde que fica, mais ou menos?" Ela falou: "Sabe o Clinisul? Você desce no ponto, sobe a rua, passa a primeira e na segunda rua você vai."

Aí eu vim. Cheguei aqui, perguntei. "É aqui?" Aí a moça me deu um teste. Eu fiz. Aí ela falou: "A senhora pode começar na segunda."

Aí eu vim na segunda. E falei: "Vou começar em que série?" "Na sétima série." Eu falei; "Nossa! Mas faz tantos anos que não vou na escola." Eu fiquei até feliz, viu? Quando ela falou na sétima série, você começa. Hoje eu tô na oitava. Eu falei: "Ah! Que bom!"

Aí eu comecei a estudar e aprendi bastante, viu? Bastante mesmo. Eu gosto muito daqui. O ensino é excelente. Eles trata todo mundo bem, não tem diferença. Muito bem a gente são tratada aqui. Os professor são ótimos, são nota dez. Eu gosto muito de tá aqui, viu? Muito mesmo. Aí eu tô fazendo tudo para ver se eu termino esse ano. Vou para escola à noite, terminar o restante. Mas aqui é bom de estudar; muito bom. Os professor dá muita atenção, explica direitinho para gente. Não aprende quem não quer, mas quem quer aprender, aprende. Eu aprendi muita coisa. E eu parei de estudar há muitos anos, que eu não ia na escola. Casei muito cedo, então faz muitos anos que eu não vinha na escola. Em 2017, eu vim pra cá.

Pesquisadora: Veio em 2017?

Mônica: 2017. Estou aqui desde 2017 e aprendi muita coisa que eu não sabia em toda minha vida. Muita coisa e tô gostando do CIEJA. E aconselho qualquer pessoa vir pro CIEJA estudar, porque é uma escola de portas abertas. Eles aqui acolhe todo mundo. E eu gosto muito de tá aqui. Muito mesmo. E aí eu sou viúva, tenho um casal de filhos, tenho o netinho de 4 anos, tenho um filho que tá estudando Direito.

Pesquisadora: Que legal.

Mônica: Minha nora estuda Arquitetura, quer ser arquiteta e o filho já tá terminando a faculdade de Direito.

Pesquisadora: Parabéns.

Mônica: Obrigado. Depois de tanta coisa que passei, o sofrimento com meu marido, eu me levantei, ergui a cabeça. Moro em um condomínio, era simplesmente uma dona de casa. Tô estudando. Virei uma síndica. Já virei até uma síndica já. Tô até subindo.

Não tinha experiência; aos poucos fui pegando experiência. Já aprendi muito depois que eu entrei lá na... Administrar o condomínio. Aprendi muito. Coisa que eu não sabia, hoje eu já sei. Já sei ir em qualquer lugar, já sei resolver qualquer coisa, que não sabia. E assim, se a gente sai de casa, começa a ir fazer as coisas, vai em banco, vai em uma administradora, a gente começa a aprender, pega jeito. E eu já aprendi muito com isso. E pretendo aprender mais. Quero ir para frente e não quero voltar para trás. Eu penso até de me candidatar pra ser uma vereadora.

Pesquisadora: Olha...

Mônica: Eu penso isso. Tenho amizade com todo mundo; eu passo e falo com todo mundo, cumprimento todo mundo, não sou de passar e não falar com as pessoas. Não importe a cor, não importe o jeito, falo com todo mundo. Nós somos iguais, todos são iguais. Um pode ter dinheiro mais do que o outro, mas todos é iguais. O sangue corre na minha veia, corre na veia de todos. Então não tem diferença com ninguém, gosto de todo mundo. Não importe a cor, não importe nada. Eu gosto todo mundo.

Então eu sou uma pessoa... Era triste e depois da morte do meu marido, agora já me levantei, já ergui minha cabeça. Já sou mais feliz.

Pesquisadora: E está crescendo...

Mônica: Tô crescendo e pretendo crescer mais na vida. Vim da Bahia há muitos anos - 87 - casei, vim pra cá, eu moro aqui. Meus pais, minha família toda mora lá na Bahia. Só tem eu aqui, meus filhos e meu neto. Já acostumei aqui. Vou visitar minha família, visitar meu pai que tá com 90 anos. Minha mãe tá com 88. Eu vou, sempre eu tô lá vendo eles - que é tudo para mim, meus pais. Minha família é tudo para mim. Assim é meu neto. Meu neto é um pedaço de mim; é um pedaço de mim aquele moleque, o João. É um pedaço. Nem eu fico sem ele, nem ele fica sem mim.

Então o que eu tenho para falar é isso: eu gosto muito, tô feliz, muito feliz de tá estudando aqui no CIEJA. Agradeço mesmo aos professor, a todo mundo aqui do CIEJA, pelo atendimento que dá para gente aqui, que são maravilhoso. Num dá atendimento pra diferenciar com ninguém; todo mundo é tratado igual, eu tô muito feliz de tá aqui. E agradeço mesmo, viu?

Mais alguma pergunta? [risadas]

Pesquisadora: Você está ansiosa?

Mônica: É... Fica né? A gente fica ansiosa.

Pesquisadora: De falar de você?

Mônica: Fica. E muito, né?

Pesquisadora: Então respira fundo...

Mônica: Eu acho que qualquer um fica ansioso, né?

Pesquisadora: Bem, eu só quero saber um pouco da sua história...

Mônica: Então, nasci na Bahia. Meus pais teve 10 filhos: 5 filhos homem e 5 filhas mulher. Todos nós casou. Os outros ficou morando lá na Bahia, só eu que tive o destino de vir embora para cá com meu marido. E aí já tô aqui há uns 34 anos, morando aqui.

Pesquisadora: Bastante já. Viveu sua história quase toda aqui.

Mônica: Bastante. Uns 34 anos. Moro aqui, já acostumei aqui. Se precisar, for embora, morar lá, eu vou. tenho que ir. Lá é minha terra. Eu vou, mas eu tô acostumada aqui.

Meu marido trabalhou, fez um pé de vida para a gente aqui mesmo; nós tem nossa casinha, que ele comprou, com esforço dele. Mas se for pra ir embora eu vou. Que a melhor coisa é a gente tá perto da família, amar nossa família, abraçar nossa família. A família é tudo para a gente, né?

Pesquisadora: É muito importante...

Mônica: Família é. Eu gosto muito da minha família. Muito mesmo.

Eu sei que meus filhos não vai querer ir morar lá, porque nasceu aqui. Mas se for para mim ir embora morar lá, tá perto dos meus velhos, eu vou; eu vou morar perto deles. Eu viajo, vou para lá; quando eu venho embora meu pai chora. "Não vai embora, minha filha." Eu falo: "Ah! Papai. Eu tenho que ir." Minha mãe chora, mas não tem como ficar lá. Eu vou sempre tô indo lá visitar eles. Às vezes vou de cada seis meses, vou visitar eles.

Tenho que ver eles, aproveitar enquanto tá vivo, fazer carinho neles, abraçar, beijar. Porque depois que morreu, perdeu, já era. Não volta mais. Então eu gosto muito da minha família. Muito mesmo.

Quando eu vim para cá, eu sofri muito a falta deles. Eu sei que eu passei mais de um ano, não trabalhava, ficava em casa... Aí sozinha sem ter família eu chorava muito.

Pesquisadora: No começo.

Mônica: No começo sim. Aí tinha a vizinha que me apoiava, a tia do meu marido também me apoiava, aí eu acostumei. Mas eu sofri muito, modo deles, muito mesmo. Que eu saí da casa dos pais casada, nunca fui de sair para outro lugar, ficar fora, não. Todos nós saiu... Se casou todo mundo e saiu. Então a gente teve, toda a vida, pai e mãe do lado da gente, aí a gente sofre quando fica longe.

Pesquisadora: Muda muito...

Mônica: Muito mesmo. Mas o que eu tenho para falar é isso mesmo.

Pesquisadora: Tá.

Mônica: Tá bom?

Pesquisadora: E você acha que teria algo mais que você poderia dizer, em relação à tua experiência com o CIEJA, como é estar aqui...

Mônica: Minha experiência é muito boa aqui no CIEJA. Boa mesmo. Eu era tímida. Aí tem as apresentação quando... Todo mês tem apresentação que a gente muda de sala. Eu tinha vergonha, no começo. Eu não ia. Eu até arrumar um argumento, às vezes tinha alguma coisa para fazer e eu deixava pra fazer no dia pra não vir. Hoje eu já venho, eu chego lá na frente, eu falo. Se for pra ler, eu já tô lendo. Mas perdi a vergonha; que era muito tímida.

Pesquisadora: Ah, é?

Mônica: Muito. E aqui acontece isso com a gente. Os professor faz a gente ficar simpáticos, civilizado, perder a vergonha, né? Então, eu era muito tímida; eu tinha até vergonha de falar e ficava vermelha.

Pesquisadora: Engraçado porque não parece.

Mônica: Mas era. Eu chegava na sala e ficava com a cabeça baixa, com vergonha. E tinha uma menina que estudava na sala e ela que falou que era lá de Santo Estevão. Aí começava a conversar comigo, mas eu ficava quieta, não conversava.

Pesquisadora: Santo Estevão é sua terra?

Mônica: Da minha terra. Aí o professor me perguntava alguma coisa e eu ficava vermelha. [risadas]

Aí ele "Mônica, não fica com vergonha." "Eu não, professor. Eu não sei não." Só de vergonha. Depois eu vi: a vergonha mata a gente. Mas aí eu já acabei a vergonha. Agora já converso com todo mundo, vou na lousa, vou nas apresentações, já vou apresentar também. Já passou.

Pesquisadora: Mudou?

Mônica: Mudou. Mudou bastante.

Pesquisadora: E você acha que tinha a ver com o CIEJA?

Mônica: Com o CIEJA! Tem a ver. O CIEJA muda a gente. Quem quer muda; quem não quer, não muda. Mas muda bastante. E muda pra melhor.

Pesquisadora: O que você vê? Poderia contar mais disso?

Mônica: Ah! Só o fato... Tem muito jovem aí, que às vezes não estuda, e eles fazem tudo, chamam pra vir pra escola. Eu já acho uma boa, porque tem tanto jovem aí perdido, nesse mundo aí. Se tivesse na escola seria melhor, né? Quanto jovem perde suas vida, se envolve com coisa que não presta. Se viesse pro CIEJA, eles ia saber que a vida não é... Nossa vida não é assim. Se transformar em coisa ruim. Tem que se transformar em uma coisa boa. Passar coisa boa para nossos pais, dar um gosto pros nossos pais, prazer pros pais da gente. Que tem muito jovem, que às vezes não pensa, às vezes para de estudar, se envolve no mundo do crime... E a vida não é feita disso, né? E aqui eles aconselha muitos os jovem.

Pesquisadora: Aconselha?

Mônica: Muito. Aconselha muito. Tá na rua, eles chama para entrar para a sala de aula, pra vir estudar. Eles aconselha muito. Só que tem jovem que às vezes não quer, né. Tem alguns que ainda segue o seu caminho, ou o seu destino, né?

Realmente tem uns que vai para o caminho errado, destino errado. Aí acaba perdendo a vida, acaba ficando preso. Os pai é quem vai sofrer. É isso que acontece na vida, né.

Pesquisadora: Tem isso também, né?

Mônica: Tem tudo isso. Tudo isso. Que ninguém tá livre de nada, né? Só Deus para livrar a gente. Mas o CIEJA é uma escola nota 10.

Pesquisadora: Nota 10?

Mônica: Nota 10! O CIEJA é.

Pesquisadora: Que bom que você está aqui.

Mônica: É. Eu tô. Eu nunca imaginava de vir estudar depois de tantos anos. Eu acho que eu parei na escola em 84. Depois de tantos anos, vir na escola... Casei. Quando eu falava "Eu vou terminar meus estudo." O marido era ciumento, falava: "Mulher casada não precisa estudar." E eu: "Para com isso!" "Não precisa!"

Aí tive dois filhos, fui criar os filho. Não me importei de terminar meus estudo. Se eu tivesse enfrentado ele e viesse estudar, já tinha terminado. Poderia ser até alguém, ter uma profissão, mas ele era ciumento. Aí agora foi onde achei um meio de vir pra escola mesmo. Não ficar dentro de casa chorando o que passou porque não vai voltar mais. Não resolve nada, não vai pagar a conta, não vai fazer nada você ficar dentro de uma casa chorando. Acabar entrando numa depressão, ficando doente, morrendo. É isso que acontece. Mas eu tô feliz de tá aqui sim.

Pesquisadora: Pelo jeito entendi que a morte dele foi muito difícil...

Mônica: Foi muito. Muito. Que nós se dava muito bem e a gente era assim: aonde um ia o outro tava junto. Se ele ia cortar o cabelo, eu tava junto. O que eu ia fazer, ele tava

mais eu. Eu sofri muito porque... Sabe uma pessoa... Eu vim para cá, eu não trabalhei. Ele sempre manteu tudo, meus filho, me manteu. Trabalhava e eu sempre dedicada. Ele saía, pagava a conta; às vezes eu ia fazer uma compra, ele comigo. E outras coisas. Mas em banco, essas coisas, ele que ia. Quando ele morreu, me senti, não sei, sufocada. Eu falei "Vou ter que fazer tudo." E eu não tinha nem noção como eu vou começar a fazer. Aí comecei a fazer tudo. Comecei a sair para ir em banco, fazer isso, fazer aquilo. Sem noção; não sabia nem onde tava pisando.

Um dia, eu saí para ir pagar conta, assim que ele morreu - tinha dois meses que ele morreu - aí levaram meus documentos, levaram tudo meu: cartão de banco, levaram documento, levou tudo, tudo.

Pesquisadora: Um roubo, você fala?

Mônica: É. Peguei um ônibus, aí cortaram minha bolsa e levaram minha carteira com tudo; até minha chave foi junto. Você não tá acostumada a sair para fazer as coisas, aí você se sente agora... Você é o homem da casa. Você vai fazer tudo. Meus filhos também não fazia tudo, era o pai que fazia. Aí agora você tem que fazer tudo. Aí eu agora eu já sei. Tô fazendo tudo. Já tomo mais cuidado, mas até isso aconteceu comigo. Aí o que eu acho, o que eu falo para as mulher é isso: "Não fique presa só dentro de casa, sem fazer as coisas. Porque depois a gente sofre." E eu sofri, nesse caso eu sofri muito. Que não tinha noção de fazer nada, de pagar conta, nada. Ele fazia tudo por mim, aí depois eu sofri. Apanhei na vida, mas hoje eu já aprendi, já tô de cabeça erguida, já sei fazer tudo. É difícil. No começo é difícil; muito difícil. Mas a gente com tempo vai aprendendo, né. E vai acostumando com as coisa, a gente só nao acostuma com a morte. Eu sei que é o caminho de todos, mas a gente não acostuma. Todos nós, hoje ou amanhã, tem que ir. Mas é difícil. É difícil. Muito difícil. E ele morreu fez 3 anos em junho, mas parece que quanto mais um dia passa, parece que a saudade é mais. Eu fico na esperança: "Ele vai voltar." Mas eu sei que não volta, sei que não volta, mas eu fico na esperança.

Pesquisadora: Tem um cantinho aí que ainda está esperando.

Mônica: Tem. Foi meu primeiro namorado, casei. Foi meu primeiro marido. Então fica esperando.

Pesquisadora: Olha! Foi o amor da sua vida...

Mônica: Foi. Foi. Foi. Mas infelizmente, Deus quis assim e a gente não pode mudar. É Deus que faz isso. Deus que muda todas as coisas, né? E foi uma coisa que apareceu do nada. Começou, ele sentiu uma dor no peito. Ele achava que era o coração. Ia no pronto socorro. Os médicos faziam exame e não era nada. Até um dia que eu mais o meu filho pegou e levou ele no hospital em Itapecerica. Chegou lá o médico fez uma ressonância e uma tomografia e deu o diagnóstico que era câncer nos ossos. E aí ele já falou que não tinha mais jeito, tava bem avançado. Não tinha mais jeito. E aí eu comecei a minha luta, levei em tudo quanto foi hospital, levei nas clínicas, hospital São Paulo, tudo quanto é hospital. Toda porta que eu batia era a mesma coisa: fazia os exames e... "Dona Mônica, não tem mais jeito."

E aí a luta foi grande. Você nunca passou por essa experiência, que eu chamo de uma experiência. E eu comecei passar, comecei a levar ele no médico todo dia. E era todo dia. Minha vida não parava mais em casa. Aí foi onde a médica lá do rede hora certa, do Pirajussara, deu encaminhamento para internar ele. Aí ela falou que eu não aguentava mais. Aí internou; eu fiquei lá no hospital com ele. Ele não precisa de acompanhante, mas eu falei:

"Eu não vou arredar o pé daqui. Não vou arredar o pé daqui para ele não morrer." Só que chegou um ponto que os rins dele parou; aí tinha que fazer hemodiálise, o médico pediu autorização para sedar e entubar; eu não autorizei mais os filho. Aí quando foi fazer hemodiálise ele não aguentou, teve que sedar. Aí ele ficou 13 dias ainda no hospital, sedado e entubado. Mas depois, infelizmente, não teve o que fazer mesmo. Não teve um tratamento, que como tava bem avançado aí não teve tratamento mais. Aí ele veio a falecer.

Foi difícil, muito difícil para gente. Muito. Mas infelizmente a gente tem que erguer a cabeça e seguir em frente. Tem que seguir em frente porque não volta mais. E a vida é assim: a vida continua. A vida acabou para quem foi, para quem tá vivo continua.

Pesquisadora: Você passou uma temporada e foi uma passagem muito difícil...

Mônica: Muito difícil, muito. Pra mim foi muito difícil. Muito mesmo, eu não conseguia sair; eu não conseguia nada. Nem levantar da cama, às vezes eu não conseguia; sentia muita dor no corpo. Aí a agente do meu posto da minha rua levou a enfermeira lá, foi um dia lá com o médico. E eu passei psicólogo também para ver se eu me levantava. Se não também eu acho que eu tinha morrido. Aí que eu me levantei. Levantei. Aí meus filhos saía para trabalhar e ficava me ligando e eu não conseguia levantar da cama para atender o telefone. Não conseguia, que sentia muita dor; muita dor no corpo inteiro. Muita dor. Aí a psicóloga falou para mim: "A senhora não tem nada, não. A senhora colocou isso na cabeça." Pra mim, vinha na cabeça que eu também ia morrer de câncer. Pra mim, eu coloquei na minha cabeça isso aí. Eu acho que de tanto eu ficar com ele, 24 horas, ficou na minha cabeça. Tudo o vinha era "Você tá com câncer." "Você vai morrer." E só vinha isso na minha cabeça. não vinha outra coisa. Aí foi onde eu passei com a psicóloga e ela falou: "É coisa da sua cabeça; a senhora precisa tirar. A senhora precisa sair, procura fazer alguma coisa. Vai estudar." Falou pra mim "Vai arrumar um namorado, vai namorar. Tudo isso faz bem para saúde da gente, faz bem para nossa vida. Procura alguma coisa, uma atividade." Aí onde o meu filho me aconselhou: "Mãe, vai fazer alguma coisa. Não fica dentro de casa chorando a morte do pai; o pai não volta mais. A senhora acha que o pai vai tá feliz da senhora tá aí dentro de casa chorando? Não vai, mãe. Se levanta, mãe, faz alguma coisa. A senhora quer eu arrumo um curso para senhora fazer?" Eu falei: "Tá bom. Eu vou fazer alguma coisa." Aí foi onde eu vim pro CIEJA.

Pesquisadora: Encontrou sua amiga...

Mônica: Encontrei minha amiga no ônibus e ela falou. E eu vim para cá. E tô até hoje.

Pesquisadora: E foi bom pra você?

Mônica: Muito bom. Muito, muito mesmo. muito mesmo. Muito bom. Muito bom. O CIEJA eu aconselho qualquer um vir pra cá estudar que é bom. Os professor são muito carinhoso. Às vezes, você chega, tá triste, tá com problema, eles vai, aconselha você. É muito bom aqui. Bom mesmo. As escola normal não são assim, né?

Pesquisadora: Não sei. É?

Mônica: É. Eu vejo a turma falar que não é assim. Eu vejo a turma falar que vai pra escola, fica nervoso, fica estressado, que às vezes é bagunça que tem na escola e aqui no CIEJA é diferente, muito diferente.

Pesquisadora: Na sala, você fala?

Mônica: Na sala, o CIEJA inteiro é diferente. O atendimento aqui é diferente. O jeito que eles tratam a gente é muito diferente. Eles tratam muito bem aqui. E você vê é um lugar que tem muita pessoa especial aqui. Muita gente especial estuda aqui. E eles faz questão de ficar aqui, não quer ir para outra escola; eles tem oportunidade de ir para outra escola. Eles querem ficar aqui. Eles não quer sair daqui. E fala que aqui a escola é boa, que chama até os professor de pai, chama a professora de mãe. Pra você ver o atendimento, como são tratado aqui.

Pesquisadora: Com respeito, você fala?

Mônica: Com respeito, com todo carinho, né? São bem tratado, bem cuidado aqui.

Pesquisadora: E você estudou também, antes. Você falou que saiu da escola em 80 e pouco.

Mônica: Lá na Bahia eu estudei com minha irmã. Minha irmã é professora. Professora, mas hoje ela já é aposentada, minha irmã mais velha. Estudei com ela. Frequentei uma escola lá que era justo lá no terreno que era da minha vó mesmo. Família rica tem até escola nos terreno deles, né? Então minha avó era de uma família muito rica, tinha escola, tinha tudo. Tinha igreja. Tudo o que procurava tinha lá. Tinha essa escola, eu estudei nessa escola e depois estudei com minha irmã.

Pesquisadora: Ah! Então primeiro foi na escola...

Mônica: E depois com minha irmã. Aí parei, casei, e vim cá. Não voltei mais em escola.

Pesquisadora: E a escola lá é aquela com todas as séries juntas?

Mônica: Era. Todas as séries juntas; todos os alunos junto. Pequeno, grande, todo mundo junto.

Pesquisadora: Uma professora?

Mônica: Tinha duas professora. Eram juntas. Era uma sala enorme, aí eles dividia com a cadeira, então fazia duas turmas. Mas as duas professoras ensinava as duas turmas juntas. Que era no terreno do meu avô mesmo.

Pesquisadora: E era na zona rural?

Mônica: Era zona rural.

Pesquisadora: Que a gente chama de roça.

Mônica: É. Era na zona rural. A gente tinha várias aulas. Tinha aula que a gente ia... O professor levava a gente pra fazer horta na roça. Tudo isso os professor fazia com a gente. Inclusive era no terreno do meu pai mesmo, que eles levavam pra fazer isso. A gente ia os aluno tudo fazer horta, aí quando era de manhã a gente ia molhar, que tinha um riacho enorme lá. Aí a gente ia molhar essas hortas e dava. E era bom, sabia? Mexer com areia, com a terra era muito bom.

Pesquisadora: E olha! Na escola...

Mônica: Na escola. Era da escola. A gente fazia isso. Era muito bom. Era muito divertido. Divertido demais.

Pesquisadora: E aprendendo a plantar também...

Mônica: Era... Aprendendo a plantar. Aprendi a plantar, que meu pai não era de roça, meu pai era comerciante, mas a gente com a escola fazia isso.

Pesquisadora: Então você teve uma boa escola também quando você era criança, quando você era nova?

Mônica: Tive. Tive sim. Se fosse pra aprender, eu aprendia. É que assim, você é criança e não liga muito. Vai brincar, vai bagunçar, não tá se importando muito de estudar. Aí quando você fica adulto, você vê, fez falta pra mim. Eu deveria ter terminado. Faz falta, depois você vai sentir. Que fez falta o estudo.

Pesquisadora: E quando você fala que fez falta, você tá pensando no que? Quer contar um pouco?

Mônica: Eu deveria ter uma profissão melhor. Eu deveria ter uma profissão. Eu casei, não terminei o estudo. Aí eu não tive profissão, fiquei dentro de casa cuidando dos filhos, cuidando marido, cuidando da casa. Vim trabalhar em 2012.

Pesquisadora: A primeira vez, você fala?

Mônica: É. A primeira vez registrado em 2012, porque o marido era muito ciumento; ciumento demais. Então ele com ciúme, ele me fazia toda a vontade, me dava tudo, fazia tudo para mim. Modo o ciúmes. Aí quando foi em 2012, a minha filha, que é a mais nova, tava com 15 anos, ela já tava trabalhando. Aí eu falei para ele: "Eu vou trabalhar. Vou sair um pouco de casa." "Não, Mônica. Não precisa. Os menino tá criado, não precisa." Eu falei: "Agora que precisa; eu preciso sair de casa." Eu falei: "Não tenho que ficar só dentro de casa, ficando velha dentro de casa." Aí onde minha filha trabalhava, tinha uma loja bem conhecida, bem famosa, tava precisando e ela conhecia o dono. Ela falou: "Minha mãe quer trabalhar." Aí ele falou: "Traz o currículo dela." Ela levou meu currículo, por incrível que pareça, marcou entrevista comigo três vez; todas três vez eu cheguei atrasada. Peguei um trânsito daqui até o Itaim Bibi. Cheguei atrasada. Aí na quarta vez ela falou: "Mãe, o dono da loja perguntou da senhora. A senhora vai?" Eu falei: "Fala para ele que eu vou amanhã." Aí ela ligou e falou para ele: "Minha mãe falou que vem amanhã, 14h30 ela tá aqui." Cheguei atrasada de novo. [risadas]

Mônica: Cheguei lá, ele não tava mais lá. A gerente falou. "Então, o dono saiu." Aí eu falei: "Mas ele vai demorar?" "Ele tá lá no escritório dele, lá na fábrica. Você quer o endereço para ir lá?" Eu falei: "Quero." Ela me deu o endereço, eu fui lá. Ele nem me entrevistou mais. Falou assim: "A senhora começa amanhã." Eu falei: "Já? O senhor não vai me perguntar mais nada?" "Não. Eu gostei da senhora. A senhora tem boa aparência; começa amanhã. Das 11h00 às 7h00 horas. A senhora me chega aqui amanhã 10h30 para se trocar, pegar o seu uniforme aqui e a senhora começa." Eu falei: "Tá bom." Aí, comecei lá. Ele falou: "Primeiro a senhora vai começar limpando ali a frente, servindo um cafezinho, que eu quero ver o seu trabalho e depois eu mudo a senhora de função." Aí, eu trabalhei mais ou menos umas duas semana assim, depois ele mudou. Eu comecei a ser vendedora, atender as clientes mesmo. Aí, ele me mudou. Aí, a loja ia mudar lá para Avenida Santo Amaro - eles têm duas lojas, uma no Itaim e outra na Avenida Santo Amaro - ia ficar só uma loja... Eu trabalhava de segunda à sexta, ele queria que eu ficasse para trabalhar no domingo. Eu falei para ele: "Não dá no domingo. Meu filho trabalha, meu marido trabalha, só tenho domingo para ficar com eles. Preciso dar atenção para eles." Eu falei: "O marido já não queria... Eu vim. Eu tenho que dar atenção para ele. Ele às vezes quer sair, em final de semana, e eu tô trabalhando, ele já reclama." "Ah! Pensa, a senhora pensa." Eu falei: "Não, já pensei. Se o senhor puder me mandar embora... O senhor me mande embora, que não dá. Porque eu tenho que dar atenção pro meu marido, né?" Aí, ele pegou e me mandou embora. Aí, eu trabalhei

ainda dois anos, trabalhei dois anos... E se não fosse para trabalhar domingo, eu acho que eu continuava lá. Que eu gostava de trabalhar lá. Era muito bom lá. Eu gostava de trabalhar lá.

[Interrupção externa]

Mônica: Aí, eu saí de lá. Eles me pagou tudo direitinho e aí fiquei em casa. Não fui trabalhar mais. Parei no final de 2014, eu parei de trabalhar. Aí, foi 2015, viajei. Fiquei lá, uns dias lá, com meu pai e minha mãe. Aí voltei... Em 2016, viajei outra vez. Aí, foi... Desse impacto que eu viajei e voltei, meu marido começou passar mal, dessa dor. Aí, foi onde, veio o impacto que era o câncer. Veio esse câncer dele, que até hoje... Eu não entendi como apareceu esse câncer, em 2015 ele fez uma cirurgia de hérnia, fez vários exames. Deu tudo ok, os exames dele. Tudo normal, não deu alteração nenhuma e quando em... Ele operou fevereiro de 2015, e em março de 2016, ele começou a passar mal, com essa dor. Aonde o médico já deu o diagnóstico, que era câncer e que não tinha mais jeito que era nos ossos. Então, que não tinha mais jeito. Aí, onde ele acabou indo. Acabou indo e ainda tem esse vazio no meu coração ainda.

Pesquisadora: Essa é uma história amor bem longa.

Mônica: Ainda tem e... Ele, quando ele me conheceu, queria namorar comigo. Eu nunca queria ele, não queria... E ele ficou no meu pé. Na época, eu tinha de 15 para 16 anos, e ele querendo namorar comigo. Eu falei que eu não queria. Aí depois, ele sumiu uns três anos, depois de três anos, ele me encontra novamente. Meu irmão casou, fui morar vizinho da mãe dele. Ele me encontra novamente e quis namorar comigo. Eu falei: "Eu não quero, eu não gosto de você, eu não quero." Ele falou: "você vai casar comigo. Se você não casar comigo, você não casa com mais ninguém." Eu falei: "Para com isso!" Aí depois, a gente começou a namorar. Minha família foi contra. Meu pai não aceitava porque a família dele era família humilde. Meu pai não aceitava. Aí eu peguei e falei para o meu pai: "Meu pai, é o seguinte, quem vai casar é eu." Eu falei: "Quando... Assim é a história da minha mãe, quando o senhor começou a namorar com minha mãe, a sua mãe não aceitava." Por que minha mãe e minha avó era de família pobre, era empregada da mãe do meu pai. Era empregada doméstica da mãe do meu pai. Aí, meu pai começou a namorar com minha mãe. Eu falei: "A sua mãe não quis, mas o senhor não tá com ela até hoje? Então, eu vou aceitar." "Mas não é assim, você tá me desafiando." Eu falei: "Eu não tô desafiando o senhor, eu só tô falando que eu vou aceitar. Eu vô... Quem vai namorar sou eu." Aí a gente namorou, com um ano e pouco a gente casou. Uns três meses, a gente noivou de aliança e casamos logo. Aí casamos e vivemos esses anos todo. A morte que separou a gente. Foi bonito, o dia do meu casamento; tinha umas quatrocentas pessoas. Muita gente. Casei no civil, na igreja... Muita gente. Muito convidado. Mas depois que a gente casou, minha família passou a gostar dele. Viu que ele era uma pessoa boa, uma pessoa trabalhadora, uma pessoa que sempre me tratou bem, me respeitou e todo mundo passou a gostar dele. Todo mundo tinha ele como filho. Meus irmão tinha ele como irmão deles. Todo mundo passou a amar ele. No começo foi contra, mas depois, todo mundo passou a gostar. E eu falei para o meu pai que ninguém é melhor do que ninguém, pode ter o dinheiro mais do que o outro, mas todos nós é igual, a carne da gente é igual, o sangue igual. Pode mudar a cor da pele, mas é igual, não tem diferença.

Pesquisadora: Todo mundo é humano.

Mônica: Todo mundo é humano e é igual. O sangue que tem na veia do negro, tem na veia do branco. Porque vamos tratar diferente? Vamos tratar todo mundo igual... Mas aí deu certo, graças a Deus. Deus que separou a gente. Foi a morte que nos separou, só. Senão a gente tava junto até hoje. Que ele sempre falava: "A gente vai ficar velhinho, os meninos casados e nós dois velhinho passeando. Aí eu falei: "Ah! Tá bom, nós vai mesmo." Passeando, indo pra Bahia. Ficando um ano lá, um ano aqui. Eu falei: "Tá bom."

Pesquisadora: Era combinado...

Mônica: Era combinado. E ele combinava: "Quem morrer primeiro, leva o outro." Eu falei: "Isso aí, eu não quero não!" (risadas) Eu falei: "Isso aí, não pode não! Cada um tem que ir na sua vez." "Não, mas vamo morrer junto." Falei: "Cada um vai sua vez."

Pesquisadora: Na hora certa, né?

Mônica: É na hora certa. (risos) Mas foi assim. E eu vou contar um pouco da história da minha mãe. Minha mãe é uma família... ela é... é índia, meu pai é loiro, dos olhos azuis. A minha avó era loira dos olhos verdes. Uma família muito rica, a do meu pai. A da minha mãe, família muito pobre. Meu pai começou a namorar com a minha mãe, minha mãe tinha 16 anos. Meu pai num tava com o quê? Uns 18... Aí começaram a namorar, só que minha mãe era empregada doméstica da minha vó. A minha mãe, a minha tia, a minha avó e outros empregado que eles tinha na casa, na fazenda.

Pesquisadora: Tinha bastante empregados?

Mônica: Tinha bastante. E aí meu pai começou a namorar. Aí quando foi um dia, minha avó descobriu que meu pai tava namorando com ela. Não aceitava. Ele mandou a família toda embora, que trabalhava para ela. Ficaram tudo desempregado. E meu pai começou a namorar com minha mãe... Começou a namorar, começou namorar... Minha vó falou que não queria, não queria, e minha mãe engravidou do meu pai. Engravidou; e minha mãe conta que ela prendia a barriga para ninguém saber que ela estava gestante.

Pesquisadora: Já era de você? Não?

Mônica: Não. Meu outro irmão mais velho. Que tava gestante... Aí quando o neném nasceu... Ela não sabe se foi de tanto ela prender a barriga, o neném nasceu, só que logo em seguida, ele morreu. E aí, meu pai continuou com minha mãe, continuou... Quando foi um belo dia, minha avó arrumou uma moça rica para namorar com meu pai. Que não queria minha mãe, porque ela falava que era negra e pobre. Então, ia sujar a família dela. Aí meu pai falou que não, que não queria e continuou com minha mãe, namorando com a minha mãe. Namorando com a minha mãe e minha mãe engravidou da minha outra irmã. Minha mãe teve minha irmã na casa do pai dela e da mãe. Ficou lá morando. Depois engravidou do meu outro irmão e continuou morando na casa dos meus avós da parte da minha mãe. Aí quando meu irmão tinha uns 3 pra 4 anos, meu pai pegou e falou para ela: "Vamos morar junto?" Aí ela falou: "Ah! Não sei, mas nós nem casa tem." Ele falou: "Eu vou fazer uma casa, nem que seja de madeira para gente morar junto. Eu gosto de você. Eu não vou largar você por nada." Aí ele fez a casa, fez... Minha mãe fala que era pequena, dois cômodos bem pequeno, que nem porta tinha. E foram morar. Ela, meu pai e meus dois irmão mais velho. Aí depois, ele foi construindo a casa aos poucos, foi fazendo, fez uma boa casa. E aí ela foi começando a ter filho. Aí casou na igreja... Aí começou a ter os filhos. Ela em torno de tudo, ela teve dez filhos. Cinco filho homem e cinco filha mulher. Aí, depois que minha irmã mais velha começou a estudar, virou professora, começou a namorar, aí noivou, casou. Aí meu pai falou

para ela: "Eu vou te fazer um pedido, eu não sei quem pode morrer primeiro. Se é eu ou você. Antes de eu morrer, eu quero casar com você no civil." Aí minha mãe falou: "Para com isso!" Que meu pai chama João e minha mãe Maria. "Para com isso, que eu não quero isso não." Ele falou: "Eu quero. Eu quero casar com você. Quando eu morrer, eu quero deixar você amparada com meus filhos. Eu não quero deixar você no olho da rua. Eu quero amparar vocês. E se eu morrer, a primeira coisa que ela vai fazer é tirar você daqui de dentro de casa. E vocês vai ficar onde? Na rua?" Aí ela: "Eu não quero, eu não quero, eu tô cheia de filho para ir pro fórum casar." Aí, a minha irmã mais velha veio, mais o meu cunhado e falou, minha irmã mais velha não chama de mãe, chama de Maria, falou: –"Tonha, pai Joaquim tá certo. Maria tem que casar mesmo. Casada na igreja é só casada pra Deus, tem que casar no civil, pra Maria ter os diretos." Aí, meu cunhado também falou: "Tem que fazer isso mesmo, Maria." E foi lá, colocou os papel no civil. Casaram, a gente fez uma recepçãozinha pra eles. Fizemos a recepção, meus irmãos, minhas irmãs, alguns vizinhos. E foi muito bonito. Aí eles casaram no civil, tão casados até hoje, vivem juntos até hoje. Hoje, o que meu pai tem é da minha mãe. Eu sei que eles não decidem mais nada, [por causa] da idade, chega uma certa idade, eles não pode decidir mais nada, quem decide é os filhos. Mas tão juntos. Aí eu vejo que foi um amor. Um amor, mesmo, porque ele abriu mão de tudo, a mãe deserdou ele de algumas coisas, ele abriu mão pra ficar com a minha mãe. Se fosse hoje, nos dias de hoje, não fazia isso. Ele ia escolher ficar com a riqueza, não com a pobreza.

Ele falou: "Eu vou lutar, eu vou trabalhar. Eu tenho coragem. E conquistar o que é meu. Conquistar o que é meu, para deixar para meus filhos e minha mulher." Isso ele fez, ele tá vivo... Mas isso ele fez. Ele fez, não nos desamparou. E assim... A minha avó ficou doente e eles colocou uma pessoa para cuidar dela. Meu tio começou a vender as herança dela, depois meu pai foi na justiça e embargou ele vender tudo, ficou muita coisa, algumas coisa lá, muito terreno... Só que assim, tá lá tudo abandonado. Porque meu tio já morreu, só tem meu pai mais uma tia. Já morreu dois tio e uma tia minha. Aí, tá lá. Quem pode mexer com as coisas agora, é os netos. Os netos também não se importa.

E terra, eu sei que tem muito terreno lá. Muito terreno lá que ninguém planta nada em cima. Não planta nada. E meu pai tá lá com minha mãe até hoje... Minha avó morreu de mal da minha mãe. Falava que queria ver o cão na frente dela, mas não minha mãe. E que ela ia morrer e não perdoava meu pai, porque ele tinha sujado a família dela. Aí ele falava: "Que sujar a família, mãe! Para com isso! Sujar a família é quando você vai e mata, você rouba. Eu não fiz nada disso, não! A gente somos igual, mãe. Para com isso. Tire isso da sua cabeça, mãe." E ela nunca aceitou a minha mãe. Não aceitava minha mãe e... A gente também ela não aceitava. Não aceitava pelo seguinte, alguns dos meus irmãos saiu igual ao meu pai loiro, outros saiu moreno, da minha cor. Ela não aceitava, falava que não era neto dela. Era muito preconceituosa, ela. Demais, demais. Já meu avô não era assim. Meu avô adorava a gente. Adorava a gente e falava para ela: "Mas o que é que tem? Pobreza não é defeito. Quem disse que pobreza é defeito? Pobreza, riqueza não se põe na mesa". "Eu não aceito essa mulher!" E nunca aceitou minha mãe, nunca perdoou a minha mãe. E quando ela veio a falecer, minha mãe queria ir lá ver no velório dela e tudo... Aí minhas tias pegou e falou pra minha mãe: "Não vai." Porque ela ainda jurava "Se eu morrer um dia, se você for no meu velório, eu levanto e te engarguelo." Falava isso pra minha mãe.

Pesquisadora: Puxa...

Mônica: "Eu vou te falar, eu te engarguelo, porque eu não te aceito. Nunca vou te aceitar! Uma família de pobre, de esmolé..." E falava lá cada uns nome. "Casada com meu filho! Eu não te aceito! Sujando a minha família, eu não te aceito." Então, não deixaram a minha mãe ir, ver minha avó; e minha mãe queria ir, pedir ate perdão pra ela. E eu sei que minha mãe não tava fazendo nada de errado, por casar com meu pai. Não fez nada de errado. Mas para ela, ela não aceitava; não aceitava a minha a mãe. Mas graças a Deus, correu tudo bem. Deu tudo certo... Nós foi todo mundo feliz. Criado lá, com pai e mãe, todo mundo feliz. Muito amor e carinho a gente teve, de pai e de mãe. E tem até hoje.

Pesquisadora: É uma história de que você se orgulha, né?

Mônica: E muito! Sou muito orgulhosa com meus pais e com minha família. Muito orgulhosa. Uma família que nunca se envolveu com nada errado. Sempre... Ficaram maior de idade, cada um foi fazer seu pé de vida, foi trabalhar... Uns são motorista. Outro meu irmão é feirante, trabalha na feira. Mas cada um foi viver a sua vida.

Pesquisadora: Fez seu caminho?

Mônica: Todo mundo fez seu caminho. Casou, tem sua família. Todo mundo fez. Ao contrário de muitas famílias que às vezes tem os filhos, vai tudo pro caminho errado. E a gente, nenhum foi. Sempre respeitou pai e mãe, sempre respeitou as pessoas, os vizinhos... Sempre respeitava. E hoje, ninguém respeita, né?

Pesquisadora: Tá diferente?

Mônica: Hoje, é diferente. É muita diferença hoje. Num respeita nem pai, nem mãe, às vezes é uma pessoa na rua... As pessoas não respeita e deveria respeitar, deveria. Hoje não é respeitado.

Pesquisadora: Respeito é muito importante para você, né?

Mônica: Pra mim, é. Pra mim, é muito importante o respeito. Tratar as pessoas... Bom... Com respeito, para mim é muito bom. Ter dignidade com as pessoas. Hoje ninguém tem! Se vê a pessoa... Depende do jeito que a pessoa tá vestido, o jeito que a pessoa fala... A pessoa tá discriminando, tá rindo. Eu acho isso ridículo, eu acho isso feio. Tem que respeitar as pessoas. Tratar ele como ele é, não discriminar as pessoas. Que tem muita discriminação também.

Pesquisadora: E uma das coisas que você falou daqui do CIEJA é que aqui você vê respeito?

Mônica: Muito respeito, eu vejo aqui. Muito. De todo mundo. Eu vejo muito respeito, muito. E os alunos que entra aqui, já pega o ritmo daqui também, respeita todo mundo.

Pesquisadora: É? Aprende também?

Mônica: É aprende também o respeito aqui. Eles aprendem. Aprende mesmo. Que lá fora eles trata as pessoas de um jeito, aqui eles já trata de outro. Eles aprende aqui. Quer dizer, tem aprender. Se a gente tá numa idade de aprender, vamos aprender as coisas boa. Coisa ruim a gente não pode aprender não, vamos excluir as coisas ruim. Agora boa, vamos adotar. É coisa boa. Porque hoje ou amanhã quando casar, você passa uma coisa boa pro seu filho, pro seu neto. Se você só aprendeu coisa ruim, você vai passar o quê? Coisa ruim? Pro filho, pro neto? Você vai criar um filho como? Passando coisa que num presta? Não pode, né? Tem que passar coisa boa.

Pesquisadora: Então o que a gente aprende continua nas nossas famílias, assim?

Mônica: Continua. Continua, pra mim continua. Eu não sei se pros outros é assim, mas pra mim continua. Até hoje. E vai pra sempre. E eu passo pros meus filhos também, isso aí. Então, eles foi criado igual eu... Meu filho tem 29 anos, minha filha tem 24, mas nunca se envolveu com nada errado. Sempre estudou direitinho. Estudou, terminou, nunca repetiram, nunca ficou de recuperação, porque sempre, eu e o pai dele, passou pra ele. Ele falava: "Eu não tenho estudo, eu só fiz até a 6ª série, mas eu não quero que vocês sigam o meu caminho. Eu sou porteiro, eu não quero que vocês tenham esta profissão. Eu quero que vocês tenham uma profissão boa, que vocês arrumem um serviço, que seja de segunda à sexta. Que vai ganhar o dinheiro na honestidade e não na desonestidade." "Que a pessoa desonesta é mal vista na sociedade. Sempre a gente passou isto pra eles, então eles nunca se envolveram. Nunca na vida. É... meninos, eles não bebem, não é de tá indo em farra, eles não é de estar com cigarro na boca... Num faz este tipo de coisa. Porque nós deu exemplo pra eles. O que eu tive com meus pais e passei pra eles. E eu pretendo passar pros meus netos (risos) Eu sei que o mundo hoje, eles falam que é outro, mas eu não vou querer este mundo pra eles. Eu quero o de antigamente. Eu quero o de antigamente, pra eles crescer. Não se envolver com coisa errada. Pra eles ser alguém na vida. Porque o de hoje... É difícil pra o jovem seguir o caminho bom, né? E eu não quero isso. Eu não quero pro meu neto e desejo pra todos também, seguir um caminho bom. Vamos seguir em frente, fazer um caminho bom. Eles vai pra escola, vai estudar, vai trabalhar. Ganhar seu dinheiro na honestidade, não na desonestidade.

Pesquisadora: Construir uma vida, né?

Mônica: Na honestidade, que é a melhor coisa. A melhor coisa é essa daí. Você andar de cabeça erguida, você não andar se escondendo. Você vê uma viatura... Você não vai correr... Aí a viatura vem ali, eu vou correr, porque eu devo. Não! Vamo andar de cabeça erguida. Não ter medo. Não ter medo da sociedade. Você não deve pra ninguém. Então, vamo andar de cabeça erguida. Então, isso que eu faço. Eu faço as minhas coisas certas, não tenho medo. Se vir alguma coisa pra... Ah, tá acontecendo isso, eu vou lá ver... Eu nunca fiz isso... Eu gosto das coisas certas. Eu me respeito e quero respeito. Que é o importante também. Você respeita, você quer o respeito. Você tem que dar. Eu também quero isso. Então... Eu ando de cabeça erguida. Não gosto de coisa errada. Não gosto!... Outra coisa que também eu detesto é mentira. A pessoa, às vezes, vem com uma mentira... Me falar... eu já corto, eu já saio fora, eu não gosto de mentira. Porque a mentira acaba destruindo muitas famílias, né? Aí, eu não gosto também de mentira. É a melhor coisa, a gente chegar e falar a verdade. A pessoa ser honesta e não ser desonesta. Porque tem muita gente desonesta. E eu gosto dessas coisas, gosto da honestidade.

Pesquisadora: Desses valores, né?

Mônica: Eu gosto. Eu gosto... Dos valores, mesmo. Dos valores. Valores que... Do bem, coisa boa, não coisa ruim. Ruim eu não gosto.

Pesquisadora: E como é o nome da tua turma? São os valores, os nomes das turmas, né?

Mônica: Turma respeito.

Pesquisadora: A sua é respeito? (risos)

Mônica: Então, é por isso... Eu quero respeito, (risos) é a turma respeito. Apesar que, quando a gente começou, tinha bastante aluno, agora já tem poucos alunos.

Pesquisadora: É?

Mônica: E eu gostaria que eles continuassem, pra terminar. Era tão bom. Você continuar, dar continuação... O ano já está se acabando. Aí, tem poucos alunos.

Pesquisadora: Vai diminuindo pro final do ano, você fala?

Mônica: Vai diminuindo, vai chegando o meio do ano, nas férias, aí começa a diminuir. Poucos alunos, às vezes. Seria bom que todo mundo viesse para a escola, estudar, não empatar a vaga de outra pessoa. Não quer estudar, não pega a vaga de outra pessoa, porque tem outras pessoas querendo estudar. Mas, quando chega aí, a vaga está ocupada. Só que ele empata a vaga... Pega a vaga e depois não vem. Dá a vaga pra quem quer estudar. O ideal era todo mundo vir para a escola estudar. Mas, tem muitos que vem, se matricula e não volta. Aí, tá impedindo de outra pessoa que tem o sonho aprender e vir pra escola. Seria bom se fosse assim...

Pesquisadora: As pessoas irem até o final?

Mônica: Até o final. É bom ir até o final. Porque você vai aprendendo mais. Você aprende coisa diferente, na sala de aula. Eu aprendi coisa que eu nunca sabia. Eu aprendi muita coisa. Matemática, eu não sabia... uma... Matemática... Matemática eu sei. Texto dissertativo, eu não sabia, hoje sei fazer, já. Aprendi muita coisa. Inglês, alguma coisa já aprendi, apesar que é pouco tempo que a gente fica com o professor Marcelo e a Perla, mas já aprendi alguma coisa de Inglês. Que eu nunca imaginava, (risos) nessa minha vida. Já aprendi alguma coisa... É muito bom. Os professores são excelente, a Sofia, o Enzo, o Pietro, a Nina. O Jeferson mais o Lucas, que são estes professores que eu estudo, cada mês um professor desse. São excelentes eles. Ensinam muito bem, muito bem mesmo.

Pesquisadora: E o mundo cresceu, vai aprendendo coisa nova...

Mônica: Vai, e vai crescendo, né? Vai crescendo. E a gente quer evoluir. (risos) Quer evoluir na vida, né? Ir pra frente, dar continuação. Fazer alguma coisa pra ajudar a população, que precisa de ajuda. Fazer pra ajudar. Isso que eu pretendo, fazer alguma coisa... Se eu puder ser uma autoridade, um vereador, uma vereadora, alguma coisa... Pra ajudar a população pobre. Tem muita gente que precisa de ajuda. Muita gente... Eu vejo muita gente aí na rua. Sem ter o que comer, sem ter uma casa pra morar... Se eu fosse alguma coisa eu ia ajudar este povo. Ia tirar esse povo da rua. Ia tirar todos eles. Ia dar um emprego pra essas pessoas, que tá ali, porque não tem um emprego. Aí, vai morar embaixo de uma ponte. Muitos vai roubar, porque tava num emprego e saiu do emprego. Num tem o que fazer. Aí, vai fazer coisa errada. Eu não concordo com isso! Tinha que dar emprego para todo mundo. Todo mundo trabalhar. Todo mundo ter sua moradia, ter direito de ir e voltar pro seu trabalho. Coisa que não acontece, né?

Pesquisadora: Isso não tá...

Mônica: Isso não tá acontecendo. O ideal tinha que ser assim, o direito ser igual pra todos. Não tá tendo, tá tendo indiferença com as pessoas, e muita indiferença, com as pessoas negras principalmente. Tem muita indiferença para com eles. Deveria ser todo mundo tratado igual, igual. Mas, infelizmente, esses governos que entra aí, não faz por onde, também.

Pesquisadora: É...

Mônica: E não tá fazendo. E deveria fazer... Pra ajudar esta população, a população precisa de ajuda.

Pesquisadora: Aí agora você tem esse sonho...

Mônica: Eu tenho muita vontade...

Pesquisadora: Da tímida que chegou aqui..

Mônica: Da tímida que cheguei aqui. Tem um...

Pesquisadora: Agora quer ser vereadora, em algum momento...

Mônica: Tenho muita vontade, de ser alguém pra ajudar as pessoas. Tenho muita vontade. Não foi à toa que eu levantei a minha mão, um dia lá, para ser síndica, em dezesseis de junho de dois mil e dezoito. Nunca fui nada, meu marido já foi síndico, mas eu nunca fui. Tava lá o síndico, o outro ex-síndico, levantaram a mão e eu levantei a minha. Sem um pingão de experiência. Infelizmente era dona de casa. Sem experiência nenhuma. O pessoal votou em mim. O representante da administradora falou: "A eleita foi a D. Mônica.", foi com não sei tantos votos, e os ex-síndicos não ganhou. Eu aguentei até aqui agora... Tinha dois meses e me senti sufocada. Muita pressão, muita pressão e eu sem experiência. Eu falei "Eu vou sair." Eu chamei o zelador e falei pra ele, chama Seu Mário: Mário "Seu, eu não tô aguentando. Vou pedir uma assembleia e vou sair." Ele falou: "A senhora não saia, a senhora tem que ser firme, a senhora tem que continuar. Eu vou ajudar a senhora." Mas eu falei: "Eu não tenho experiência!" "Eu ajudo a senhora." E ele me deu ajuda mesmo, e eu continuei. Hoje eu já aprendi muita coisa.

Pesquisadora: Já tem mais de um ano, né?

Mônica: Fez um ano em junho, dia dezesseis de junho. Já aprendi muita coisa. Então, eu pretendo evoluir mais na vida. Subir mais de cargo. Ter poderes.

Pesquisadora: Ter poderes?

Mônica: Ter poderes, ter mais poderes. É isso que eu quero, ter mais poderes. Pra ajudar as pessoas. Porque eu entrei no meu condomínio pra ajudar os morador, porque a gente não tinha transparência, as pessoas que estavam lá representante da gente, não tinha transparência com a gente. A gente não sabia o que estava assim acontecendo. Nosso condomínio tava desabando, afundando, e ninguém fazia nada. Aí, eles administravam pra eles. Os morador se ferra pra lá, eu vi que aquilo, eu não concordava com aquilo, eu não aceitava aquilo, mas eu não poderia fazer nada, eu não tinha experiência com nada, eu falei: "Não tenho o que fazer." Alguns moradores vinham falar: "D. Mônica, porque a senhora não vira síndica?" Eu falei: "Mas eu não posso fazer nada. Quem tem que pedir uma assembleia é o síndico. Não é eu. Ele tem que ter atitude, pedir uma assembleia, e no dia da assembleia, eu posso reagir, levantar a mão para ver." Aí foi onde ele marcou uma assembleia e às vezes eu chamava ele. Via algum problema, dava um problema lá. Minha água vinha muito alta e ia chamar ele, e ele muito ignorante, falava pra mim: mas aqui é consumo da sua água. Falei: "Não é consumo, eu viajei, fiquei 20 dias fora e não posso pagar uma conta alta se outro usou e eu não usei". "Mas é consumo." Eu acabava pagando essa conta alta. Aí foi onde eu fui vendo aquilo e falei não está certo as coisas. Tá errado. Está administrando pra ele, ferrando com uns e com outro não. Aí foi quando eu levantei a minha mão. Levantei a minha mão e tô tentando tapar o buraco que ele deixou. Levantei a minha mão e quando eu fui ver... É um condomínio que não é de rico, mas tem um parquinho, tem uma piscina. Quando fui ver, lá na parte da piscina, um muro enorme, um muro enorme que tem, o muro caindo. Aí quando eu vi aquilo, eu fiquei desesperada.

Pesquisadora: Muitas irregularidades, né?

Mônica: Falei: "Gente... Se esse muro cair, vai derrubar essas casas, que é sobradinho. Vai matar muita gente!" Tinha uma administradora que não fazia nada pela gente. Eu comuniquei o rapaz da administradora, e ele falou: "Então D. Mônica, mas não tem o que fazer." Eu falei: "Tem. Manda um engenheiro aqui para a gente ver o que está acontecendo." "É, mas nesse caso, tem que contratar um engenheiro, ele vai cobrar a visita e ele vai cobrar o laudo." Eu falei: "Então, mas o condomínio tem que pagar." "Mas o condomínio está sem dinheiro." Eu falei: "Mas tem que dar um jeito." Eu falei: "E se perder vidas, aí?" Aí, eu peguei, troquei de administradora. Coloquei em outra administradora. Aí, já comuniquei à administradora o que estava acontecendo. Ela mandou uns três engenheiros lá. Viu o muro. E o engenheiro constatou que era urgente, o que tinha que fazer o serviço, e que tinha que fazer logo o serviço desse muro, porque senão ia cair mesmo e ia sair derrubando as casas. Aí, foi onde fez uma assembleia. Pedi uma assembleia pra ratear o valor do muro. Ficou meio alto. Aí, fizemos este muro. Ficou alto, sei que tá apertado pra todo mundo. A gente está pagando. Mas acabei fazendo já, o muro. Mas tem outros muros lá rachado.

Pesquisadora: Tem outros problemas...

Mônica: Tem outros problemas.

Pesquisadora: Para serem enfrentados...

Mônica: Tem um estacionamento afundando. Tem muito... Eu peguei, eu peguei um condomínio desabando. Mas eu... Deus vai me abençoar, vai me ajudar, que eu vou continuar sendo a síndica e resolver o problema daquele condomínio. Eu sei que vai ser difícil, que umas obras que é muito cara, mas a gente... Mas eu vou conseguir. Eu vou conseguir resolver isso aí. Porque quem estava lá, ficou oito anos e não fez nada. Não fez nada no condomínio, não fez uma manutenção, não fez uma pintura... Só deixou muita rachadura, só deixou problema. Isso não pode acontecer. Afinal, a gente lutou pra comprar nossas casas. E modo uma incompetência a gente perder, não é justo. Não é justo. E isso aí eu vou resolver. Deus, me dando força e saúde, eu vou resolver isso aí. É por isso que eu gostaria de ser alguém, pra ajudar a população. Que eu fico com dó das pessoas. Muita dó. Eu fico... Minha filha também, parte o coração. Dia das crianças, ela foi levar o filho dela no Parque Ibirapuera. Ela falou que sentou um moço do lado dela, no ponto de ônibus, na estação do Metrô, e o moço tava chorando. Ele tava com uma criança de três anos. Aí, ela disse que perguntou: "Moço, você tá bem?" Ele falou: "Tá". "Tá acontecendo alguma coisa?" "Não, tá tudo bem." "Você tá precisando de ajuda?" Ele falou: "Não, não tô, não". Aí ela disse que pegou o Metrô. Foi lá e ela desceu, ele também desceu. Aí, ela disse que viu ele indo no Parque Ibirapuera, pedindo um dinheiro pra comprar um boneco pro filho dele. Que a criança que - era dia das crianças - queria um boneco. Aí, o povo viu que era jovem, falou: "Vai embora. Vai trabalhar. Eu não vou dar não, que isso é pra fumar droga. Aí, põe as crianças junto pra tá pedindo." Aí, não deu nada. Aí, ela chegou em casa chorando. "Mãe, cortou o meu coração. Eu corri atrás dele, pra dar um dinheiro que eu tinha aqui, mas ele foi embora." De tanto o povo falar, ele correu e foi embora. Mas eu ia dar mãe. Aí depois, ela ficou: "Eu queria saber onde esse homem morava. Eu queria ver se eles pudesse mostrar a imagem, pra eu ver quem era ele, pra eu ajudar esse homem. Porque eu fiquei com dó dele e da criança." E, ele falou lá no meio do povo, que ele tem mais três filhos pequenos. Ele era um trabalhador, só que com essa crise do desemprego, ele ficou desempregado. Ele paga aluguel, o aluguel

dele está atrasado. A água tá atrasada. Ele tava sem água, sem luz em casa, e ele não sabia o que fazer pra comprar comida pros filhos. Ela falou: "Se eu soubesse onde este homem morava. Eu ia ajudar ele. Eu ia ajudar esta família." Eu falei: "Mas infelizmente, a gente não sabe. "Porque também me corta o coração. Quando a gente vê uma pessoa pedindo, com criança. Pedindo, a criança chorando. Não tem uma bolacha, não tem um pão, nada pra criança comer... Me corta o coração aquilo. Eu fico muito sentida com estas coisas. Muito mesmo. Eu nunca passei por isso, mas eu sinto. Minha mãe já passou, quando ela era criança. Ela conta que ela já passou por isso. Que a família era muito pobre e ela passou por isso. Então eu sinto, no meu coração, aquilo. Quando ela falou o que ela passava, eu fico sentida. Se eu pudesse ajudar, eu ajudava. Que é bom a gente ajudar as pessoas. É muito bom... Muito bom mesmo. E minha mãe é uma pessoa que também sempre ajudou as pessoas. Chegasse uma pessoa na casa... Lá, na casa da minha mãe e tivesse a comida pra ela. Às vezes, todo mundo já almoçou, aí ficou o dela. Ela ia almoçar mais tarde. Chegasse alguém com fome ela pegava a comida, dava pra pessoa que chegou e ela não comia. Ela, muitas vezes, fez isso. Passava as pessoas lá, pedindo alguma coisa de comer. Aí, ela fazia a sacola, dava: "Moço você está com fome?" "Ah, eu tô, não comi nada hoje." "Vem aqui." Colocava comida no prato e: "Toma moço, come. Eu faço qualquer coisa pra mim e como depois." E dava comida pra ele. Muitas vezes ela fez isso. Então, eu cresci vendo minha mãe fazendo isso. Então, eu também se pudesse fazia pra todo mundo. Pra ajudar as pessoas. E meu marido também fazia isso.

Pesquisadora: É?

Mônica: Pensa uma pessoa que gostava de ajudar... Ajudava muito. Se ele tivesse um dinheiro pra comprar alguma coisa ele falava assim: "Ah, Mônica, eu vou dar, ele tá precisando. Deus me dá em dobro." Eu falava: "Então tá bom, dá." Aí ele dava mesmo.

Pesquisadora: Vocês combinavam nisso?

Mônica: Não, porque... Eu acho certo. Se você pode ... Você tem alguma coisa dentro de casa pra você comer, aquele seu vizinho não tem... Eu vou ajudar o vizinho. Você vai encher a barriga e o vizinho com fome? Eu não acho justo. E aí ele dava. Eu falava: "Dá, porque eles é quem sabe. Quem tá passando o aperto é quem sabe." Muitas vezes, ele pegava roupa do armário dele e dava pras pessoas. (risos). Quando ele via... "Ô Mônica, eu vi um homem ali. Eu fiquei com dó do homem. Com a roupa rasgada, descalço..." Eu falava: "Dá uma roupa sua pra ele..." Ele ia lá, pegava o chinelo, pegava a roupa e dava. Porque eu também fico com dó quando eu vejo as pessoas assim na rua. Com a roupa suja, rasgada, descalço, eu fico com dó. Já pensou? A pessoa com aquele pé naquele chão quente, naquele asfalto quente... O que é que a pessoa não passa? Quem quer passar por isso? Eu acho que ninguém, né?

Pesquisadora: Ninguém.

Mônica: Aí eu fico muito sentida com aquilo. Eu vejo, quando eu saio, eu vejo de ônibus, às vezes, eu vejo muitas pessoas embaixo da ponte... Me dá uma dor... Daquilo quando eu vejo, deitado em cima de um papelão... Gente! A pessoa é humana, não é pra estar passando por aquilo. É humana, as pessoas. Mas hoje, as pessoas é tratada desse jeito, antigamente não era. As pessoas não era tratada assim, mas hoje é. Eu fico muito sentida com essas coisas. Muito. Muito mesmo. Se eu tivesse condições, eu saía ajudando todo mundo.

(risos) Se eu tivesse um terreno enorme aqui... Eu saía dando um lote pra cada um fazer uma casa aqui, outra ali, pra todo mundo...

Pesquisadora: Pra todo mundo ter onde morar?

Mônica: Todo mundo ter sua moradia. Já pensou uma criança... Chovendo... No frio, na rua?

Pesquisadora: Sim, difícil, né?

Mônica: É doído isso aí, é doído, muito doído. Quando as pessoas morrem na rua, no frio... Na época do frio, tomando chuva, é doído isso aí. Se eu tivesse aqui, eu dava. Eu dava mesmo. Eu dava.

Pesquisadora: Não duvido.

Mônica: Eu dava porque Deus tá vendo lá minha bondade e ele ia me dar a vitória. Eu dava sim. Porque eu não desejo o mal pras pessoas. Não. Não desejo mesmo. Eu desejo ver todo mundo feliz, sorrindo, contente. Todo mundo ter sua casa, todo mundo ter o que comer em casa, ter seu lugar de dormir. Eu gostaria de ver todo mundo assim.

Pesquisadora: Todo mundo cuidado?

Mônica: Todo mundo cuidado. Mas infelizmente não funciona assim, né? Uns podem, outros não podem. E os que pode não ajuda quem não tem. Infelizmente, é assim, né? Esse mundo que a gente vive é assim. E a tendência é ficar pior. Eu acho que isso aí não vai melhorar. Eu peço a Deus que melhore, melhora pra todos, pra esse povo não sofrer, mas... Dá pra ver que não vai melhorar. No dia a dia a gente vai vendo... Não vai melhorar. Vai dificultando a vida das pessoas, no emprego, em tudo. A carestia, que está demais. Demais mesmo. É muito difícil as coisas. E é tão bom todo mundo viver feliz, todo mundo ter sua vida digna, dentro de casa. Ter o que comer... É tão bom. Mas não acontece isso, né? Se eu fosse dona do mundo, eu ia fazer, ia fazer todo mundo viver feliz, todo mundo ter o que comer nas suas casas. Ter suas casas. Mas acho que Deus não vai me dar este poder (risos). Não sei se eu vou ter este poder, um dia, pra ajudar as pessoas. Se Deus me desse, eu ia fazer isso, ajudar as pessoas. Ajudar quem precisa. Porque quem já tem, não precisa, agora, quem não tem precisa. Precisa de ajuda. Mas vamos ver, quem sabe um dia, né?

Pesquisadora: A vida taí, né?

Mônica: A vida continua, né? A vida taí, né? Acabou? [a entrevista]

Pesquisadora: Não sei, acabou? (risos)

Mônica: É que agora vou pra casa, tem um pessoal lá me esperando, com as reclamações lá...

Pesquisadora: Tá bom, deixa eu só te perguntar uma coisa: como é que foi, ter contado tudo isso pra mim?

Mônica: Pra mim foi ótimo! Desabafei, foi ótimo isso aí. Foi ótimo, viu? Eu gosto de falar. Minha filha chega em casa e fala: "Mãe, a senhora não para de conversar. A senhora fala até sozinha." Antigamente eu não falava, agora eu falo. (risos). Eu falo: "Conversar faz bem pra saúde, faz bem pras nossas voz." "Mãe, eu não consigo falar igual a senhora." Eu falei: "Eu converso, eu consigo." (risos).

E meu neto já saiu igual eu. Ele não para. Chega lá e conversa: é vó daqui, vó dali, vó, vó isso. Ela: "João, para!" "Tô conversando com minha vó, tá?" (risos)

Eu falo: "Fia, faz bem a gente conversar. Faz bem pra nossa saúde. A gente por o que tá dentro pra fora." Mas ela não é de conversa não.

Pesquisadora: É diferente?

Mônica: É diferente. Ela, o menino, é diferente. Não é de conversar assim. "Nossa, eu não puxei pra senhora, né mãe?" É. Não puxou mesmo não. (risos) Eu falo: "Quando chega a visita aí, fala que vocês é metido, tá?" (risos) Eu falo: "Tem que sair, tem que descer, dar atenção pro pessoal, conversar..." "Mas conversar o quê, mãe? Se eu não tenho assunto." Eu falo: "Tem sim assunto, tem bastante assunto. A gente procura e acha." Mas ele não é de conversar muito, não. O filho também não. Ele é sério.

Mais alguma pergunta?

Pesquisadora: Não, era só isso, saber como foi... Entendi que foi bom, né?

Mônica: Foi muito bom, foi maravilhoso.

Pesquisadora: Então eu vou desligar, eu queria agradecer por você ter topado conversar comigo...

Mônica: Ah obrigada, viu?

Pesquisadora: Obrigada mesmo.

Mônica: Eu também gostei muito, eu te agradeço, de você me fazer esta entrevista, te agradeço mesmo, viu? Gostei muito. Tá bom?

Pesquisadora: Tá bom.

Apêndice 7 – Transcrição da entrevista do Michel

Pesquisadora: Então, Michel, em primeiro lugar, eu estou gravando, obrigada por aceitar falar comigo. E, eu queria que você contasse como é que você veio parar aqui no CIEJA?

Michel: Bom, primeiramente, eu morava em um... Eu vou tentar falar, realmente, do começo, se você me permitir.

Pesquisadora: Pode falar.

Michel: Que eu morava em um lugar, e a gente foi embora pra Bahia, a gente ficou por um tempo lá, e logo... Nós ficamos cinco anos lá na Bahia. E, logo, chegada de lá, eu vim pra cá pra São Paulo de novo, e a gente não conhecia, realmente, onde a gente está morando agora nesse lugar aí. Então, teve uma tia minha - uma prima da gente, porque tinha uma tia dela que é da gente - que indicou pra vim aqui, como ela sempre estudou aqui. E, ela sabe que eu não tinha muito aquela aprendizagem, e aí ela indicou que minha mãe viesse aqui. Então, até que foi que ela veio aqui, e aí conseguiu a vaga, e aí eu estou aqui e já vou fazer quase seis anos já; seis anos, sete anos por aí.

E, sei lá, a escola é uma escola bem respeitadora, é uma escola que recebe todo mundo, né?! Não é como aquelas escolas, como a gente a vê, como algumas; ela recebe muito bem.

É como, justamente, que realmente, saiu da cabeça agora, da mente, isso, que da sala de onde eu tenho aula, que se chama Acolhimento, e isso já é um aprendizado de eles mesmo acolher as pessoas, né?! É Acolhimento, acolhe, que segue, que serve, também. E assim vai, cara. Eu só tenho a dizer isso sobre aqui.

E, até hoje, sobre a diretora, realmente, da escola, a Dona Aurora, e todos os demais. Então, é isso aí, mais nada. E aí vamos ver, daqui pra frente se, logicamente, eu aprendi em si muitas coisas aqui. Depois disso, vamos ver daqui pra frente. Só. Agora, se a senhora quiser dizer alguma coisa, pode dizer, fica à vontade.

Pesquisadora: Eu entendi que é bom estudar aqui; que essa parte do acolhimento é importante.

Michel: Realmente, só. Eu... nossa! A recepção daqui é muito, aquele negócio, sabe, *Não, se depois eu tentando sair daqui, e eu não me formando, porque eu já me formo, em uma escola mesmo eu não saberia das coisas, mas que lá, eles como se fosse uma família só.* Então, sei lá, cara. Eles abrem a porta pra quem for, não olha a quem, não sabe quem, mas abre, né? Ao contrário das outras escolas. Mas eu depois que eu vim aqui, pra mim mudou totalmente o que é era antes. E assim vai.

Porque fora isso eu tenho uma responsabilidade, depois também mexeu muito, falava muito: “Ah, você é isso, você é aquilo, e ‘não sei o quê’”. Então, sei lá, era aquele negócio que eu não me sentia bem nas outras escolas. Então, depois que eu estou aqui, pra mim, a minha vida é uma outra coisa. E, eu sei lá.

Pesquisadora: Então, mudou? Estar aqui é diferente?

Michel: Mudou demais, é outra coisa, é outra coisa. E, assim, vai.

Pesquisadora: Poderia dar um exemplo, de uma coisa, assim, que te lembre isso que você está me contando? Você falou que é diferente...

Michel: Não... Assim... Porque tipo... Desde eles fazer a gozação com a gente; ninguém faz gozação com ninguém, todo mundo se respeita. E, acontece com você muitas vezes, que se fosse em outras escolas por aí, já não entenderia pra eles já eram *bullying*, já era crítica. Então, o que tenho desejado, o que eu tenho que falar deles aqui, é isso aí, é que eles acolhem as pessoas muito bem. E demais, cara, é isso aí, eu não tenho mais o que me expressar direito, do que falar, porque tudo o que eu já falei, aquilo que eu tinha o que falar, eu já falei, né?! Então, pra mim, é só isso aí, pronto e acabou, isso aí.

Eu espero evoluir mais ano que vem e durante os outros anos, se devido... Eu não sei até quando eu posso permanecer aqui, ou se não acontecer alguma coisa, a gente nunca sabe, de uma hora pra outra. Então, tem que sempre saber se preservar, e é isso aí.

Pesquisadora: Você fala, que você deve continuar no ano que vem?

Michel: Sim.

Pesquisadora: E, me conta, mais ou menos, em que fase você está?

Michel: A série que você fala?

Pesquisadora: É, a série.

Michel: Então, eu estou fazendo na sala Acolhimento, lá é como se fosse tipo uma série, como se fosse uma série, só que aqui, a diferença faz porque aqui eles não chamam por série, eles chamam por grau, se a pessoa vai se movimentando, vai se desenvolvendo o psicológico, vai evoluindo em alguma coisa, aí sim vai fazer o mapeamento - que se diz uma prova - se a pessoa estiver aprendendo, a pessoa pode até evoluir pra já ir mudar de sala. Se ver que não está tendo aquela segurança ainda, ele permanece mesmo na mesma sala.

Tanto, que desse ano, dos outros anos pra cá, eu evolui muito, só que eu preciso relevar algumas coisas ainda, aprender algumas coisas ainda. Porque eu digo assim... Mudou praticamente tudo na minha vida, porque como eu tive o incentivo da minha mãe.

Eu antes quando eu tinha por volta de dezessete anos, quatorze anos por aí, quem era eu? Até mesmo de pegar um ônibus, quem era eu? Hoje, eu vou em algum lugar e volto, e tudo mais. E o que tiver que fazer, tenho que fazer e acontecer, e assim vai, né?.

E, devido aqui das salas, e se caso for evoluindo, vai mudando de sala, vai subindo de grau, vai subindo, vai evoluindo, né?! E é isso aí, cara.

Pesquisadora: Você acha que ganhou mais autonomia aqui na escola?

Michel: Sim.

Pesquisadora: Consegue fazer melhor as coisas?

Michel: Sim. Eu quem era antes?! Eu, também, às vezes, até não só por isso, mas quem era eu também... Das vezes as pessoas até mesmo perguntar como era o seu nome, ou até mesmo: “Escreve o seu nome”, e antes, também, eu não sabia. Hoje, já, praticamente, a minha mente, depois de estando aqui, até abriu, abriu.

E é outra coisa, só esse povo que... Fora disso daí, o povo não tenho nada a ver com ninguém, e sou eu na minha vida, e eles com as deles, né?! E, assim, vai, só isso aí.

Pesquisadora: O povo que você está falando?

Michel: No sentido de que algumas pessoas, que devido algumas coisas, que se dizia que acontecer o que aconteceu, eu não tive nada a ver, algumas. A maioria das pessoas não falam comigo direito aqui.

Pesquisadora: Aqui no CIEJA?

Michel: É, não falam comigo direito aqui, entendeu?! Então, é esse o caso que eu estou falando.

Pesquisadora: Mas, o que aconteceu? Você falou que aconteceu algo, eu não sei do que você está falando.

Michel: Sim, várias. Não é só um só, acho que tem umas cinco pessoas que não falam comigo aqui, mas eu acho que foram uns cinco, que tem cinco pessoas que não falam comigo aqui, por causa das coisas, né?.

Então, por causa desses daí, as pessoas queriam até, quase querer me expulsar daqui. Então, eu fui até trocado de horário, porque eu estudava no horário das 15h00 até às 17h30, eu não estudava nesse horário, eu estudava nesse horário quando eu bem entrei aqui, eu troquei de horário. Então, eu voltei, iniciei, realmente, pro mesmo horário que eu era antes. Então, e aí, eu estou aí.

Pesquisadora: Então, deixa eu ver se eu entendi: aconteceu alguma coisa, que eu não sei o que é, e aí teve algum problema com outras pessoas, e você tem a impressão que elas não queriam você aqui, e aí teve um ajuste, um acordo pra você mudar de horário. Foi isso?

Michel: Foi. Não, porque tipo assim, quando eu cheguei, as meninas... Eu não vou falar, assim, eu vou me abrir, você que mandou que eu me abrisse, e tudo mais.

Eu digo assim, que quando eu cheguei aqui, se algumas meninas se interessaram, eu não tive culpa, né?.

Só que aí, o povo já não entende e acaba querendo saber da vida da pessoa; acaba até mesmo com inveja e levar as coisas pros lugares.

Então, já levaram pras coordenadoras e uma das coordenadoras achou ruim, achou ruim. E teve uma mãe de uma menina até que veio aqui; veio perguntar pra ela aí, veio tirar satisfação, por causa de eu isso e aquilo... Que eu estava fazendo isso e aquilo. E eu não, eu realmente não estava fazendo nada.

Se até então, se o caso que eu fiz, que a filha da pessoa gostou, porque se tivesse cabeça, se ela tivesse mente, ela falava: “Aqui não, porque aqui é uma escola, nós estamos em uma sala de aula”, mas não, ela gostou. Então, eu relevei, como se não fosse acontecer nada. E aí, misturou isso aí. Minha mãe teve que vim aqui, eu tive até que trocar de horário, realmente.

Não foram só por esses casos, teve outros casos fora disso também. Tem um perueiro aqui, ele sempre ia comigo, eu sempre ia com ele; uma vez, numa época em que eu estava indo com ele, ele veio arrancar perua pra cima de mim e pra cima de minha mãe; então ele também já não fala comigo, por causa disso. No mal nem olha na minha cara. Então, é isso aí.

Pesquisadora: Então, teve alguns conflitos?

Michel: Sim, entendeu?! E aí, é aquilo que eu já falei, e eu já voltei atrás, já pedi desculpas, realmente, perdão, daquilo realmente que eles dizem que eu fiz, né?! Só que aí, o caso da menina foi praticamente diferente, porque a mãe dele já teve me afrontado; então, eu nem olho mais pra isso aí, eu nem ligo.

Mas, a minha raiva é que, realmente, nesse horário, eu não me sinto bem, o horário em que eu me sentia bem, era das três até às cinco e meia, porque eu chegava, eu já chegava um pouco [em casa]..., Era quase 18h00, eu já caçava o que fazer, me arrumava, tomava banho, eu ficava de boa. Agora, praticamente, se eu chego cedo, meus amigos, meus colegas,

meus amigos, todos eles estudam de tarde, então só dá mais eu, porque não era ir de um horário pro outro, né?! Fora, que é por meio período, então, ao longo da hora, passa rápido, então, daqui, quando eu vou ver, é meio dia, uma hora, duas horas, e assim vai. Então, eu também, já chego lá em casa, já são umas 15h00 ainda, então, não é aquele negócio, totalmente, como era no horário das três, porque também quando eu não estava estudando no horário das três, eu também acordava já era quase 11h00, quase, realmente, meio dia, me arrumava, tomava banho, tomava café, já me arrumava e já vinha pra cá.

Então, nem ligava pra nada, e aí fiz tudo isso acontecer, realmente, até no dia cara, que eu fiquei super – nossa! Digamos assim - eu fiquei com raiva, pra não dizer outras palavras; até no dia que foi necessário a minha mãe vim aqui, no dia que a tal da coordenadora chamou ela pra vim aqui. Meu padrasto estava trabalhando, ele saiu de lá dos ‘cafundó dos judas’ pra vim acompanhar ela, e o cara foi até assaltado no meio do caminho, levaram mochila dele, levaram documento, levaram tudo. Ele está tentando tirar as coisas, ele está tentando recuperar as coisas agora, mas eu creio que já deu tudo certo, ele já conseguiu tirar as coisas dele, que era os documentos, porque levou tudo, levou mochila, levou tudo, cara. Levou celular, e se não fosse uma colega da gente...

Que até nisso, desde a minha infância, eu sou o tipo da pessoa que minha vida não tem sido fácil. Desde ser um bebê sem ser fácil, não é fácil. Então, é aquilo, que eu digo assim: minha mãe, desde pequeno, minha mãe, eu e ela, somos evangélicos; então, se não fosse pela pastora ter arrumado um celular pra ele, praticamente, eu e ele ia ficar sem celular; porque eu também estava sem, ele estava tentando comprar um pra mim junto. Então, imagine, juntar, além de comprar um pra mim, teria que comprar pra ele, ou vice-versa. Então, isso se não fosse por ela, ia ficar sem também, realmente, mas eu creio que já deu tudo certo, e daqui assim, só bola pra frente, né? Prosseguimento, nada de ir pra trás, de voltar pra trás, e é isso aí.

Pesquisadora: Sim, e você falou que desde que você nasceu a vida não foi muito fácil, do que você está falando?

Michel: Ah, sim. Porque, realmente, devido as coisas... Desde a gravidez dela, eu nasci com aquelas sequelas, que foi na verdade do braço, e de muitas partes do corpo, que ela caiu comigo grávida, e perdeu até o... digamos, o líquido, a formação do cérebro, então... Por isso que eu rompei um lado, que foi uma parte da cabeça que poderia crescer mais e fazer até um eletro. Aí, eu fiz, corri atrás, minha mãe correu atrás, pra poder fazer esse eletro.

E até mesmo eu ia fazer uma cirurgia. Fora disso, eu ia fazer essa cirurgia, porque eu não falava e não andava. Até mesmo por isso aí que eu fui desenganado pelos médicos, aí fez outros exames, e não constou nada... devido as coisas, né?.

Então, eu digo que disso, desde a minha vida pra mim, não era aquilo que eu queria, mas se foi o que aconteceu, pior, realmente, é se ela tivesse me tirado, é isso que eu penso ‘obrigado mesmo por hoje está aqui’ porque se fosse outra pessoa, “pra quê eu vou saber que eu ter um filho assim e vou criar?”.

Então, eu espero que daqui pra frente, tudo corra bem, e nada mais daquilo, né?!

E a única coisa que ficou foi a sequela no braço e na perna. Só. Mas isso aqui, pra mim, eu nem faço questão, eu não ligo, eu só faço questão das outras escolas, de como eu falei, de vice-versa, que eu não sabia: “Ah, você é isso, você é aquilo, não sei o quê”. Então, aquilo ia gerando, ia gerando, que eu não tenho o sentimento de ir pra escola mais.

Então, foi o tempo que a gente foi embora pra Bahia, que ela [a mãe] conheceu, se misturou com um cara, casou realmente, tentou viver a vida dela, mas percebeu que não deu e tudo mais, então, aí acabou e nós voltamos, retornamos pra São Paulo.

Realmente, de volta, aí foi que ali no começo, essa minha prima - prima dela, minha tia - que indicou essa escola pra ela, e tudo mais, e eu só tenho a agradecer, realmente, a eles aqui.

Mas, devido a essas coisas assim, e mais a diretora que agora se aposentou, e tudo mais, nossa, mas era um amor de pessoa, um amor de pessoa mesmo, dona Aurora. E, fora disso aí, eu só tenho que agradecer a ela, devido a todas as coisas, só quem me permanece é ela, e o que ficou no lugar dela, o Diego, e assim vai, fora das recepções das outras pessoas. É isso aí.

Pesquisadora: Entendi. Então, essa parte que você está contando que desde a gestação tinha uma questão por causa da queda, que talvez você não fosse falar e nem andar, mas que hoje você só tem a restrição do movimento. Você falou alguma coisa da aprendizagem?

Michel: Sim, então, porque isso daí desenvolveu da mente, eu não sei ler direito, eu não sei escrever direito. Então, assim vai, eu estou desenvolvendo, como realmente eu falei naquela hora, agora.

Então, foi isso, contém tudo isso, e também, antes o pessoal virava e falava: “Você não sabe ler, você não sabe escrever”. Então, pra tudo isso, além, devido dos problemas que falavam disso também. Então era mais isso.

Pesquisadora: Sim, as pessoas rotulavam as suas dificuldades. Entendi. E, aqui é diferente?

Michel: Não, aqui é um respeitando o outro, mesmo que não respeitando, cada um senta, conversa e se entende depois, cara. Só que aí, tem algumas pessoas que já, que é ou não é.

Pesquisadora: As pessoas que você fala, são colegas ou funcionários?

Michel: Sim, não, também, e assim vai. Uma das pessoas que eu falei, que não falam direito comigo, são elas mesmo que eu estou me referindo realmente, e assim vai.

[silêncio longo]

Pesquisadora: Entendi. E, tem algo mais que você queira dizer da sua experiência aqui no CIEJA?

Michel: Não, pra mim não, tudo o que eu tive pra falar eu já falei realmente; como é de fato verdade. E, sei lá, eu só tenho a dizer, e a repetir novamente, que depois que eu estou aqui, a minha vida cresceu, minha vida tem uma outra conduta, uma outra espécie de pessoas.

Quem era eu? Nossa! Parece que as pessoas tinha uma mente que se chegar perto de mim...

Algumas, já algumas - disse que aquilo, disse que aquilo... Mas, agora que eu estou de boa, estou me misturando com uma pessoa que, realmente, ela também estuda aqui.

Agora sim, é uma vida que ninguém está se intrometendo na vida de ninguém, mas até os casos de antes, todo mundo se intrometia. Então, era aquilo que acabava gerando essas coisas e das pessoas, realmente, não querer falar comigo e nem eu querer falar com as pessoas. Então, fora disso, também, por ter acontecido isso aí, eu só tenho a agradecer a mãe

dela, né? Que está colhendo, está fazendo de tudo, que a gente, daqui pra diante, se der tudo certo, e só isso aí.

Pesquisadora: É alguém que você está namorando ou é um relacionamento novo, é isso?

Michel: Isso aí.

Pesquisadora: E, que a família dela é acolhedora com você?

Michel: Sim.

Pesquisadora: E ela estuda aqui também?

Michel: Sim.

[silêncio longo]

Pesquisadora: E, como é contar tudo isso pra mim, como é que está sendo?

Michel: Pra mim, sei lá, cara. Pra mim está sendo, como se fosse uma coisa normal, mas daqueles apertos, pouco de vergonha, um pouco de emoção, um pouco de...

Mal dizer, jamais, não sei o que daqui pra frente, o que pode acontecer, e é só isso cara.

Pesquisadora: Você ficou mobilizado com o momento?

Michel: Sim. É realmente, e é isso aí.

Pesquisadora: Entendi. Então, você teve que contar aqui que teve acontecimentos muito difíceis na sua vida, a parte da escola que não foi muito bacana. E, das coisas boas que te aconteceram aqui.

Michel: Sim, realmente.

Pesquisadora: Você falou bastante da sua mãe, também, né? A sua mãe é uma pessoa que te apoia muito?

Michel: Ultimamente não.

Assim, praticamente, desde meu nascer, foi como eu falei, não só de mim, mas fora dos meus irmãos, da minha irmã, não é só de mim. Mas, eu digo assim, eu digo mais que hoje, também, de pensar que ela estar de pé, que desde antes, até pra cá, além da minha vida, fora da minha irmã, que ela carregou, não foi uma vida fácil também. Além de mim, foi dela também, então.

Eu só tenho que dizer, que ela é uma pessoa guerreira, por mais que eu não fale diretamente pra ela, mas eu penso na minha cabeça, eu penso no meu pensamento. Então, às vezes, até de eu falar isso, às vezes até me dá água no olho, porque, me enche de tanta vontade, porque eu falo que se não fosse por ela, hoje eu não estaria aqui, entendeu?.

Então, isso pra mim, só sou eu e ela, mais ninguém em minha vida, eu digo assim... Praticamente, dizer que eu tenho família, eu não tenho família e praticamente, nem ela. Então, só eu e ela ali, agora esse marido dela, que quer o bem dela, que quer nosso bem, mas a gente está nesse meio, e assim vai, cara.

Pesquisadora: Brigam um pouco, que você fala?

Michel: Oxeee... Eu digo assim, brigam um pouco, já foi demais, mas devido às coisas, por ele não entender, por ele não ter cabeça, em que justamente, duas vezes ele já veio pra cima de mim. Então, por essas duas vezes ele já me deixou roxo, e fora disso aí, que você tem que dizer, que eu não tenho nada contra ele, jamais, eu só tenho que seguir minha vida e ele com a dela, e a dela com a dele, eles juntos e acabou. Só isso aí.

Pesquisadora: Entendi. A família às vezes é um pouco difícil, né?

Michel: Entendeu? Então, sei lá.

Pesquisadora: E aí, quando você fala que seguir com a vida, o que você está pensando?

Michel: Não, porque tipo assim, eles pensam em querer realmente, alugar uma casa pra essa minha irmã, pra mim, eu e ela ficar, e eu penso: “Cara, isso aí não vai ser uma boa vida pra mim”, porque eu já puxei mais, as atitudes do lado dela, porque, como realmente, eu acabei de falar. Então, aquilo que ela passou, ela passou totalmente pra mim, então, eu acabo não gostando de muitas coisas, se eu acabar morando realmente com essa minha irmã, minha vida vai desandar, porque eu vou ter que limpar as coisas, eu que vou fazer as coisas, e não vai dá, entendeu? Então, o que eu penso deles é isso, mas já é uma coisa que eles não querem direito.

Pesquisadora: Então, você está preocupado com o seu futuro?

Michel: Sim.

Pesquisadora: Entendi.

Michel: Então, até realmente, que ela encontre uma pessoa que justamente, mesmo, pra que... eu case logo, pra que eu vá pra casa dela, ou viva logo juntamente com a pessoa.

Pesquisadora: De sua mãe que você está falando?

Michel: É. Eu digo assim, mas não é assim, não é de uma hora pra outra, tudo tem que passar no decorrer do tempo, a pessoa se conhecer, ver se vai dar, ou se vai... Até mesmo, antes dessa menina, eu também estava me envolvendo com uma menina aí, que estuda aqui também, e ela já tinha uma filha, e essa filha dela, eu jurava que... hoje ela até me enche o saco, falando: “Ah, espero que daqui pra frente dê tudo certo, mas aquilo que eu pensava entre nós dois, não deu”, mas daquele jeito, quase jogando uma indireta, só que era aquilo que eu jurava, que eu pensava que era pra mim, né?! Mas, aí, praticamente, a filha dela veio falar um ‘bucado’ de coisa pra mim, e às vezes de fora, quando não era ela, era a mãe. Então, eu falei...

Nossa, entre eu e ela era super de boa, era maior felicidade entre eu e ela, só nós dois. Mas quando estava, realmente, na presença da filha dela, ou até mesmo quando também a mãe dela estava, já desandava.

Então, aí na época, estava um tempo atrás dessa menina aí, que essa menina que realmente eu estou hoje e que eu espero terminar com ela, que fez eu terminar com ela, pra realmente eu estar com ela juntamente aí, e vamos ver o que pode, daqui pra frente, né?! E, é isso aí.

Pesquisadora: Então, essa sua namorada anterior... Não era muito fácil com a família dela?

Michel: Não, elas não era comigo, eu até poderia ser com elas, mas elas não eram comigo, realmente.

Pesquisadora: Entendi. Então, aqui é o lugar que você conhece gente? Conheceu bastante gente depois que você veio?

Michel: Cheguei aqui foi em 2014, então já vai fazer um bom tempo já, realmente, né?! Cheguei, era 2014, tinha 14 anos, agora a gente já vai entrar em 2020, e é isso que eu falei, daqui pra frente, vamos daqui pra frente, bola pra frente e prosseguindo.

Pesquisadora: Sim. Bom, aí você deve continuar aqui mais um pouco, até terminar?

Michel: Eu pretendo, que sim, mas se eu ver, realmente, aquilo que eu não quero ficar tanto tempo nessas coisas, que realmente, estava acontecendo, às vezes algumas pessoas, até mesmo, enche o saco ainda e diz as coisas.

Então, eu até falo que se não fosse por outras coisas, eu já tinha até saído daqui, que aqui eu não ficava mais, mas se não ficar, vai ficar fazendo o quê? Ia estar aonde? Vai estar onde, aliás? Então, se for só pra ficar dentro de casa, não vira. Ou se for pra ficar na rua, como se diz o ditado, como se diz a verdade, “se for pra ficar vagabundando, não vale a pena”, entendeu?

Então, eu e ela [a namorada], às vezes a gente tentar sair, até mesmo pra procurar emprego, até mesmo pra ela, às vezes pra mim, só que já é uma coisa que eu, é mais fácil pra mim, porque ela já recebe o benefício. Então, se ela procurar um emprego, eles tem coragem de querer registrar, mas não pode, porque se registrar, pode até perder a pensão. Então, seria até mais fácil procurar pra mim, como de vice-versa...

O que eu mais quero é isso também, cara. Eu estava querendo depender de mim e não depender de ninguém; ficar esperando por ela [a mãe], até mesmo porque eu tenho as minhas coisas pra fazer e a gente tem algumas coisas pra pagar; e se eu só depender dela, e até mesmo desse marido dela pra colocar as coisas e só ele dentro de casa não vira também. Então, o que eu mais penso na minha vida, o que eu mais quero é isso aí também.

Pesquisadora: Quando você falou: “Ela recebe benefício”, de quem que você está falando?

Michel: Da minha mãe.

Pesquisadora: Ela recebe em seu nome o benefício?

Michel: Sim.

Pesquisadora: Tá, entendi. É por você?

Michel: É.

Pesquisadora: Entendi.

Michel: Só que está no nome dela, entendeu? Porque, como era antes, eu era menor, né?

Pesquisadora: Sim.

Michel: Agora, praticamente, é que é a maior burocracia, na época ela já tinha falado: “Se você já ficou de maior, então, dava até mesmo pra passar pro seu nome”, só que aí até ir lá, e fazer isso aí, é maior... Então, é aquilo que eu falei.

Pesquisadora: É bem burocrático... Então, por enquanto continua no nome dela?

Michel: É meu, mas sim.

Pesquisadora: Entendi. E, a parte que você falou de cuidar da casa, que você falou que não daria. Você acha que você não conseguiria, é isso que você está falando?

Michel: Não, é tipo assim, porque eu não gosto de nada desorganizado, eu não gosto de nada sujo, eu não gosto de nada assim, eu sou uma pessoa que eu sou preservado, né?! Então, assim, isso daí é ela que passou pra mim, então é como se diz: “Aquilo que os pais passam, os filhos acabam acatando pra aprender”. E aí, só pega, tem que ver que não quer, então é disso aí que eu falo, eles querem que eu alugue uma casa pra mim pra morar junto com a minha irmã. Então, eu falo, “se for pra mim, sozinho eu me virar, eu não quero”.

Pesquisadora: E, a sua irmã, ela não ajudaria?

Michel: Não, eu acho que não, e se ajudaria, só ajudaria quando quisesse, ela já tem duas filhas, nem das próprias filhas não cuida direito, então ia piorar.

Pesquisadora: Entendi. Então, você está um pouco preocupado ainda com o que vai acontecer com você?

Michel: É, vamos ver daqui pra frente, não fora disso. E, também, porque, sei lá... E não fora disso, além de alguns problemas, realmente, fora disso, eu tenho uma sequela, uma das sequelas que são as convulsões, que também, às vezes tenho isso também. Então, realmente, eu tomo 30 miligramas de remédio, até mesmo pra ficar calmo, pra não estourar, porque eu sou o tipo de pessoa que eu estouro rápido; aí acaba baixando o nervoso, aí é onde acaba acontecendo isso, né?! Então, eu tenho que está mediante, dependendo disso, dependente disso. Então, eu tomo até... Eu tomo três vezes ao dia, então, praticamente, nessa consulta nós fomos lá hoje, então eles já passaram mais um ainda.

Pesquisadora: Aumentaram a medicação?

Michel: A dose. Então, vixe, é esse negócio aí, cara. Então, praticamente, se está eu e ela sozinhos, ela não vai saber se virar.

Pesquisadora: A sua irmã?

Michel: É, entendeu? Então, o meu negócio, também, é isso. É aquilo que eu falei: eu só quero viver daqui pra frente, penso em viver novos tempos, coisas novas. Porque sobre isso também eu só tenho que agradecer só.

Ele... Porque eu digo que também, até através de um pai que hoje não foi um bom pai pra mim, que foi sobre isso. Que [a mãe] até mesmo saiu brava com ele, que ele não queria, porque devido ao que ela escorregou e caiu, comigo, grávida. Então, eu digo, que meu único pai, meu único amigo que eu tenho, é somente aquele que nos fez, né? Então, eu digo assim, que se não fosse por Ele, nós não estaríamos aqui, que é Deus. Até por essas três convulsões que eu tive já, três vezes eu cair na rua, e se não fossem as pessoas que eu... Realmente conhecia e que me conhece, hoje eu não estaria praticamente aqui. Eu já caí umas duas vezes no farol.

Pesquisadora: Com convulsão?

Michel: Sim. Entendeu? Então, se não fosse até uns tempos atrás, se não fosse um colega meu, eu sei lá o que teria acontecido da minha vida. Então, sei lá cara, então, o que eu tenho a dizer é só isso aí.

Pesquisadora: Então, a sua saúde inspira cuidados?

Michel: Sim. Entendeu? Então, eu só pretendo que daqui pra frente, que eu viva bastante anos, mas aquilo que as pessoas não querem é o que não vai acontecer, mas eu sei que daqui em diante vai dá tudo certo sim.

Pesquisadora: Então, você está esperançoso?

Michel: Sim.

Pesquisadora: Bacana. Tem algo mais que você gostaria de dizer?

Michel: Pra mim não, tudo o que eu tinha que falar, eu já falei.

Pesquisadora: Você falou que sua mãe caiu, né?

Michel: Sim, então, ela caiu e perdeu a formação do cérebro, do líquido. Então, eu não tenho uma parte da cabeça que contém um lado, que tem um líquido.

Pesquisadora: O coágulo, que você fala?

Michel: É, isso daí, entendeu? Então, sem ser dessa parte, mas é dessa parte aqui em cima.

Pesquisadora: Do lado esquerdo?

Michel: Sim, só que perdeu a sequela desse lado, realmente, foi nem desse lado.

Pesquisadora: Ah, o coágulo do lado esquerdo, que afetou o seu lado direito?

Michel: É, o direito.

Pesquisadora: Eu vi que sua mão tem um movimento limitado, né?

Michel: Isso.

Pesquisadora: Na perna também, que você falou?

Michel: Sim, até mesmo que uma é mais curta que a outra.

Pesquisadora: Ah, é?

Michel: É, uma perna é mais curta que a outra. E, minha vida ultimamente, agora daqui pra frente... Antes eu não relevava, já hoje, sei lá, isso daqui pra mim é como se fosse uma coisa normal. Agora, eu pensaria: “Nossa, cara, se fosse cadeirante, dependente dela [da mãe]”, aí, vixe, eu de qualquer jeito eu iria depender dela pra devidas coisas ou não, até quando eu era pequeno mesmo, eu dependeria dela até pra colocar a roupa.

Eu antes, essa mão aqui, ela não abria, ela não abria. Ela veio abrir depois de um longo tempo; depois também, ela era totalmente fechada, ela não abria pra nada, realmente, não abria. Quando ela me dava banho, era um tempo... Que para limpar, fedia a chulé demais, porque suave, né? E, conforme era fechada, não abria, não abria, então eu fui fazendo uma fisioterapia, fomos pra AACD, nós fomos... Nossa, nos tratou muito bem, me acolheu muito bem, foi daí que eu fui desenvolvendo, mas aí devido as coisas de a gente ter ido embora pra Bahia, ela perdeu negócios e tal.

Pesquisadora: Da AACD?

Michel: Entendeu? Então, até que parou. Mas, aí até dessa consulta que a gente foi, hoje realmente lá... Essa doutora deu [um encaminhamento] pra novamente tentar correr atrás pra fazer de novo, pra ver, porque daqui a pouco o braço vai atrofiar. E, assim vai.

Pesquisadora: Você tem vontade de fazer essa fisioterapia?

Michel: Ah, se for por mim, oxe... Entendeu? Mas, eu falo assim, que o braço tanto não me atrapalha, mas é mais a perna, que dá aquelas dores. Então, se afeta uma coisa, afeta tudo, né?

Pesquisadora: Sim.

Michel: Então, às vezes, até por eu fazer disso uma coisa que eu nem deveria fazer, que eu não faço, que é praticar, porque devidas coisas a gente tem que fazer, praticar uns esportes, às vezes me dar aquelas vontades, que às vezes eu vou jogar bola, eu vou... Sei lá, mesmo que eu apanhe com a perninha troncha, como se diz a verdade aí, mas tenta, né?!

Pesquisadora: Então, você joga bola?

Michel: Sim.

Pesquisadora: E gosta?

Michel: Pois é, se não fosse minha vida, eu ter nascido assim, eu... Quem saberia eu não ter virado fama de jogador aí.

Pesquisadora: Ah, sim. Você poderia ter sido um jogador de futebol? [fala emocionada]

Michel: Então, sei lá, cara! Então, também, eu sempre pensaria nesses meus sonhos, sei lá, e eu considero isso daí como se daqui a algum dia pudesse virar realidade, porque nunca se sabe se isso, daqui pra frente, ser alguma outra coisa.

Pesquisadora: Se o seu movimento pode voltar, que você fala?

Michel: Sim. Entendeu? Então, eu sei lá, cara!

Pesquisadora: Então, você sonha com um dia que o seu movimento das pernas volte?

Michel: Sim. Sim. Também, né?

Pesquisadora: Quem sabe, né?

Michel: Pois é.

Pesquisadora: Então você tinha vontade de ser jogador?

Michel: Sim, de tudo. Até mesmo, eu falo que se não fosse por mim, eu também correria na forma de ser algum músico, porque eu digo assim que o negócio que eu mais gosto, como se eu aprendesse a tocar bateria, e eu amo isso também. Então, isso tudo atrapalha, em uma ocasião ou outra, mas em algumas coisas atrapalha realmente, porque se dependesse só de uma só, não vira né? Então, eu creio que daqui pra esse ano, minha vida vai ser diferente, e até... se Deus quiser, o ano que vem eu vou comprar um carro, eu vou tirar a minha carta, se Deus quiser, eu só estou esperando virar o ano, deixar o que acontecer aí, e o que acontecer, eu vou pegar metade desse dinheiro que ela recebe, vou lá tirar a carta.

E, eu digo assim, que eu estou fazendo, nem é muito mais por mim, muito por mim, eu estou fazendo isso mais, até como eu falei pra ela, eu estou fazendo isso mais por benefício pra ela, que ele tinha um carro também, por causa... Especialmente, por causa de algumas pessoas, ele teve que vender o carro.

Pesquisadora: O seu padrasto, que você fala?

Michel: É. Entendeu? Ele teve que vender o carro e aí estar sem, agora. Então, realmente, ele está indo trabalhar de buzão⁵⁷, e voltar de buzão. Então, eu estava falando, eu estou mais pensando, por causa dela, nem é tanto por causa de mim, devido às coisas, dela querer ir pra algum lugar. Então, sei lá, se for por mim, eu estaria de boa, mas o meu pensar é que ano que vem, que eu vou tirar uma carta, comprar um carro, e vou ficar de boa. É isso aí.

Pesquisadora: Está seguindo. Legal, está bom. Obrigada! É isso aí. E, o sonho, em relação aqui ao CIEJA, de terminar. Você acha que vai gostar de outra escola?

Michel: Oi?

Pesquisadora: Você acha que vai curtir outra escola? Consegue se adaptar?

Michel: Não, se depois eu tentando sair daqui, e eu não me formando, porque eu já me formo, em uma escola mesmo eu não saberia das coisas, mas que lá, eles eram assim, se formava de uma série pra outra. Então, daí, se eu me formando aqui, eu fico de boa, se eu não conseguir me formar, daqui pra frente, eu sabendo de alguma coisa em uma outra escola, aqui prevalece, né? E, assim vai.

Pesquisadora: Legal! Obrigadão por ter falado comigo, que bom que você teve essa consulta e estava aqui com o tempo livre. E, está tranquilo de ter falado comigo? Você parece meio quietinho agora. Mexeu?

⁵⁷ Buzão: É uma gíria utilizada para referir-se à ônibus.

Michel: Sei lá, e também, porque tinha um colega meu que vinha, pra gente ficar aí, de boa aí, porque ele também já estudou bastante tempo aqui, então, ele se formou realmente. E aí, passa esse tempo de não vim, às vezes ele fica de vim, da gente se conhecer, trocar uma ideia, porque é pouco tempo, aliás, do horário, tanto que ele estava sentado ali, eu nem sei mais pra onde que ele foi.

Pesquisadora: Ah, ele chegou?

Michel: Estava ali sentado.

Pesquisadora: Eu não vi.

Michel: Então, sei lá, cara!

Pesquisadora: Que ir lá? Vamos lá procurá-lo.

Michel: Não, pra mim, tanto faz.

[silêncio longo]

Pesquisadora: Mas, eu gostei, obrigada viu?! Aiai, é que essa questão do sonho é importante né?!

Michel: Não, sim, mas o meu negócio é mais isso, é como eu venho falando disso, me lembrou até uma frase de uma música, “Que é bom sonhar, nunca desistir”, e assim vai.

Pesquisadora: Sim.

Michel: Fora, saindo daqui, realmente, que surgiu muitos casos, algumas eu me dei bem, algumas só quis ter uma atrapalhada, mas... Porque eu também falava, quem era alguém de querer mesmo chegar perto de mim, ou até mesmo, ou de falar: “eu quero ficar com você, eu quero isso, eu quero aquilo”, jamais cara! Ninguém teria coragem, ninguém tinha coragem antes, ninguém, ninguém, ninguém. Então, pra mim, eu hoje o que prevalece também, é isso aí: das pessoas se importar, da pessoa “pra mim isso não é nada”,

E sei lá cara, isso aqui, e o que eu pude fazer? Eu não pude fazer nada.

Então, nossa, quando ela mesmo conta, eu começo a entristecer, eu começo a chorar, eu começo lembrar.

Então, quando chega a virada de ano, que aí eu quero mesmo fazer isso, e até mesmo,... Isso aí foi em época de virada de ano, que ele fez isso com ela.

Então, até mesmo, eu digo assim, realmente, sobre aquilo que eu tinha falado, ela tinha chegado a ir na farmácia pra comprar o remédio e não quis tomar. Então, tudo isso aí, cara!

Pesquisadora: É duro, né?

Michel: Sim. Entendeu?! Isso daí, pra mim, ainda é pouco, isso pra mim, isso daí é triste, é duro, é pior ainda, e teve essas coisas. Isso aí.

Pesquisadora: E aí, você entende que é difícil essa parte com ele, com seu pai?

Michel: E, sem contar, que eles só se viram uma única vez, foi pra fazer exame, e o cara era um extinto [sic] que tem cara de ser safado, porque fora disso, ele falsificou exame para que, realmente, não constasse nada.

Pesquisadora: O exame de paternidade?

Michel: É, sim, entendeu? Então, sei lá cara, só que eu digo, assim: “Cara, por ele ali, eu teria coragem de não ter sido, porque comigo não parece”.

É mais parecendo eu e ela, mesmo quando às vezes, a gente ia pra lá pra Santo Amaro, agora não, porque ela não está mais saindo pros outros lugares e devido as coisas da igreja. Então, ela só anda assim.

Mas quando às vezes, quando eu ia com ela, tinha vontade de pegar no braço e de andar, assim, só colado, antes, eu: “Não. Não. Solta”, porque é vergonhoso, o povo ver sendo vergonhoso, mas de ela ter aquela idade que ela tem, ninguém podia dizer que ela era velha, ela tem pinta de ser nova, de ter cara de quinze anos, vinte anos, por aí. Então, eu digo assim, às vezes quando as pessoas não conhecia, não olhava “Ele é seu marido?” “Ele é seu namorado?” Então, é o tipo que eu ficava já estranho: “Não, não, não”, não tem cabimento das pessoas pensar isso, porque me vê novo, e ver ela nova, piorou. Então, às vezes, quando vieram chamar a gente de irmão, fora disso, hoje ela anda lá, eu ando atrás, ou eu ando na frente e ela anda atrás, e assim vai. Então, sei lá, cara!

Pesquisadora: Então, ela é jovem, ela tem a aparência de ser bem jovem?

Michel: Ela me teve, com... Sei lá, eu praticamente, não lembro, mas ela teve minha irmã com vinte e três anos.

Pesquisadora: Que é depois de você?

Michel: É, entendeu? Então, sei lá, cara!

Pesquisadora: E, você falou uma coisa mais cedo, que era... Que antes daqui, que você era um pouco solitário.

Michel: Sim.

Pesquisadora: E, aqui, me parece que você está conhecendo mais gente, que te aceita como você é, foi isso que você falou?

Michel: Sim, sim. Porque, era aquilo que eu falava, em outras escolas, o povo agia com *bullying*: “Ah, você tem a mãozinha assim”, “sua mãozinha é torta.” “Você não sabe isso, você não sabe aquilo”. Então, praticamente, aqui as pessoas não falam nada, cada um...

É aquilo que eu falei naquela hora, cada um respeita o espaço do outro, e se até então não está se entendendo, senta, conversa, chega e fala: “Olha, você é isso e aquilo, você fez isso e aquilo, errou, ‘não sei o quê’”, não pode está fazendo mais, pronto e acabou. Só que os negócios das outras pessoas, que eu me envolvi, que aquilo que eu falei, que o povo acabou com a minha vida.

Pesquisadora: Que se envolveu aqui?

Michel: É, entendeu? Mas, fora disso aí, eu sei que até o ano que vem, se Deus quiser, mais a professora que passou o mapeamento essa semana dos alunos atrás aí, falou que eu vou ter que continuar na sala, na mesma sala, né?!

Então, por fora disso aí, que eu estou indeciso se eu continuo no mesmo horário ou se eu troco, até porque essa menina - que a mãe da menina que veio aí, falar desses negócios aí - ela estuda no horário das 15h00. Então, até na mesma sala, até pra não ficar gerando aquelas discussões, que antes de eu ter ficado com aquela menina que eu fiquei antes, eu também estudava no mesmo horário, e só batia boca, eu e ela dentro da sala. Então, a professora já viu que eu era o tipo que não gostava, já falou que ia mudar de sala, e aí eu continuei na mesma sala. Então, é aquilo que eu não quero de novo, então, aquilo que eu queria era trocar de sala, pra mim mesmo trocar de horário, né?

Mas, além disso, eu não tenho cabimento de antes vir... Até isso, eu digo assim, que ele vai trabalhar com o bilhete e volta, que é o bilhete, que é o Passe Livre.

Pesquisadora: Da escola ou o especial?

Michel: O especial mesmo.

Pesquisadora: Ele é o padrasto?

Michel: É, entendeu? Então, se não fosse por mim, eu até vinha de buzão agora, e também, o que eu estou pensando do ano que vem, é isso, ver se ele arruma um pra ele, ou porque até mesmo disso, antes, eu vinha de perua, e volto de perua. E, também, não dar nem pra aproveitar direito, porque praticamente, a pessoa gostar dos eventos, até mesmo quando vem e que tem aqui, os eventos, as coisas, é bem esses benefícios que tem aqui mesmo na escola. Então, as pessoas às vezes vai embora 10 horas [da noite] quase. Então, é disso que eu falo, realmente Então, nossa! É bem servido a escola. É café de manhã, é almoço, é lanche da tarde, é janta. Então, você não vê em escola nenhuma isso daqui, então, se nas outras escolas tem é pra comprar, ou quando é isso ou aquilo, não tem nada a ver com isso.

Então, a parte que eu digo, é disso, e aí eu estou vendo, se até ano que vem, ele troca de bilhete mesmo, pra mim começar a vim de buzão, porque... Não que de perua seja chato, porque assim, além de vir de perua, tem que ir embora de perua, esses negócio assim. Mas, fora disso daí, é basicamente boa.

Pesquisadora: E vindo de ônibus, você consegue ter autonomia, fazer a sua questão de horário?

Michel: Sim, e assim vai. Você saber se virar, porque até antes eu não sabia, hoje sabe... Por que vai ficar dependendo mais de alguém?

Pesquisadora: Entendi.

Michel: Entendeu? Até antes eu falava: “Não, isso e aquilo”, o cara não sabia, era uma coisa, agora se depois de saber.

Então, eu digo assim, depois que eu me envolvi com essa menina - antes de eu estar com essa menina agora - parece que até... Praticamente, eu estando com ela que me fez eu ter aprendido as coisas, porque mesmo...

Sério, eu antes não sabia pegar um buzão. O quê que era um buzão? Às vezes, não só pelo nome, mas também pelos números, então, pra mim isso é o importante.

Pesquisadora: Então, agora você aprendeu a se movimentar pela cidade?

Michel: Sim.

Pesquisadora: E, você fala os nomes, você fala de ler o nome do ônibus, que agora você aprendeu?

Michel: Sim, sim. Não só pelo nome, mas agora, também, pelos números né? E, assim, vai de boa.

Pesquisadora: Entendi. Você foi alfabetizado aqui, então?

Michel: Sim.

Pesquisadora: E, como foi essa parte?

Michel: Ah, sei lá cara! Pra mim, está sendo o máximo, pra mim está sendo uma realidade, só.

Pesquisadora: Entendi. Você ficou na outra escola, mas só aqui que você aprendeu mesmo? O que você está pensando agora? Me parece que você está pensando em algo legal.

Michel: Não, é que sei lá... Não, parece que a mente... se eu tivesse vindo de lá, praticamente de casa, eu estaria chegando aqui agora, eu não estaria nem aqui ainda. Então, como eu já tinha vindo aqui no Capão aqui, eu já vim até aqui do posto aqui mesmo, do Pronto Socorro aqui mesmo, aí que eu vim chegar cedo, porque se não, eu estava chegando agora.

Pesquisadora: E, a gente nem teria conversado, né?!

Michel: Entendeu? Então, é isso aí, é aquilo que eu falei.

E, com uma fome, que a hora que eu comi era umas sete e pouca da manhã, antes de eu ter saído, eu estou aqui numa fome.

Pesquisadora: Daqui a pouco é a hora do almoço, né?

Michel: Entendeu? Fora disso, eles já abrem as portas, até para o povo que mora na rua, pra almoçar e essas coisas. Então, é isso, é isso que eu tenho pra falar. Mais alguma coisa?

Pesquisadora: Não, pra mim está ótimo. Pra você também?

Michel: Também. Entendeu? E, eu vou aproveitar que ele está ali em baixo, vou falar com ele.

Pesquisadora: Tá bom, obrigada.

Michel: Imagina, o prazer foi meu.

Pesquisadora: O prazer foi todo meu.

Michel: Mas aí, se quiser entrar em contato, pode pegar, você pode ligar, que o que tiver que acontecer.

E, isso aí, até mesmo, pensar que quando eu não estiver aqui, poderia... Por exemplo, porque, fora disso, já foram duas coisas de emprego de empresas, procurando quando tem vaga de alguma coisa, né? Então, tanto que no começo quando você veio falar comigo, eu tinha pensado até que era isso. Nossa! Pra mim já teria sido um alívio, que nossa. Que se for caso de alguma coisa assim, seria bacana. Porque, só depender desse dinheiro que ele recebe, fora que ele ganha bem.

Pesquisadora: O seu padrasto?

Michel: É. Mas, só depender, a pessoa não vira. Cortou a conta da internet lá de casa, ninguém tem como pagar direito, e fora o aluguel, fora conta de água e luz. Então, por isso mesmo, que eu quero um trabalho também.

Pesquisadora: Para contribuir?

Michel: Sim, entendeu? Então, é isso aí, só um dinheirinho só, isso não é suficiente. Então, nós estamos sem internet lá, está sem nada. Então, é aquilo que eu estava pensando. Nossa, mas, se até mesmo, isso daí, se você souber de alguma coisa, fale, da comunicação, porque é bom.

Nossa, de umas épocas atrás aí, veio até um povo das empresas, realmente, famosa, lá de Santo Amaro. eles veio pra todos nós que temos essa especialidade, veio uns colegas meu aí, umas colegas minhas aí, todos nós fomos chamados pra ir lá. Vinha dia de sexta-feira aqui fazer o curso aqui, e na outra semana, que era dia de terça-feira e quarta, nós ia lá pra Santo Amaro, que realmente era quando nós íamos pra lá. Então, sei lá, pra mim, aquilo ali era felicidade, porque eu sabendo que eu estava fazendo pra no outro mês receber, nossa, pra mim, minha vida estava sendo outra, também. Então, nossa...

E até, realmente, a filha da diretora aqui, que era daqui, trabalhava lá e ninguém sabia. Então, também, eu só tinha que agradecer ela também, porque chegou umas épocas aí, que eu estava em um extremo que eu não enxergava direito, eu não estava enxergando nada, e se não fosse por ela, por ela mesmo e a mãe dela ter dado a metade do dinheiro, eu não tinha comprado o óculos.

Pesquisadora: A dona Aurora, que você fala?

Michel: É, entendeu? Então, eu até que tenho que trocar, porque quebrou aqui a perna, quebrou, e eu tenho que correr atrás pra fazer outro, mas é um outro tipo de burocracia também. Mas, eu tenho que tentar voltar a fazer aí, pra ver se eu volto a usar, porque se não... E isso é um impasse, esses dias mesmo aí, eu estava sentindo muitas dores de cabeça, que é até aqui, desse lado aqui, precisando mesmo. Às vezes, até as luzes muito forte na cabeça, então, acaba afetando. Então, assim vai, eu também só tinha que agradecer ela e, realmente, é isso aí.

Pesquisadora: Coisas boas aconteceram pra você aqui, né?

Michel: Sim, é isso. Então, quando eu olho a foto aqui, uma foto da gente aqui... [mostrando uma fotografia na tela do celular] Tá vendo, que o meu antes não abria?

Pesquisadora: Ah! É você pequenininho?

Michel: É, tá vendo como ela [a mão] antes não abria?

Pesquisadora: Ah, estou vendo, ficava em outra posição.

Michel: É, você entendeu? Então sei lá cara. Aqui era a menina que eu estava falando. Olha a gente aqui [mostrando mais uma fotografia].

Pesquisadora: Ela é da turma?

Michel: Não, ela só vem, realmente, comigo junto na perua.

Pesquisadora: Foto bonita essa. Nessa daqui é você também?

Michel: É.

Pesquisadora: Ah, a mão era fechadinha, né?

Michel: Tá vendo?! Depois, ao decorrer do tempo, foi fazendo... [silêncio]

Pesquisadora: É bastante história, né?

Michel: Aqui, olha a gente aqui. [mostrando outra fotografia].

Pesquisadora: Aqui, é naquela época de Santo Amaro?

Michel: Sim.

Pesquisadora: Vocês tiraram aqui mesmo? Olha só todo mundo de gravata.

Michel: Só eu que estava diferente lá trás, mas... Entendeu? Para mim isso era maior felicidade, cara.

Pesquisadora: Foi uma oportunidade né?

Michel: Você entendeu? Então sei lá, cara.

Pesquisadora: Você quer muito trabalhar, né?

Michel: Eu pretendo daqui para frente, é isso aí.

[silêncio]

Pesquisadora: Então é isso. Muito obrigada.

Apêndice 8 – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar de uma pesquisa de temporariamente intitulada "Cenários de um CIEJA – historiobiografia cartografada". Esta é uma pesquisa de mestrado do departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PSA) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. A pesquisa está sendo orientada pela Profª Drª Henriette Tognetti Penha Morato e tem como pesquisadora responsável Rosângela Neves Santana, aluna de mestrado na Pós-Graduação desse instituto. Ambas podem ser contatadas pelos e-mails lefe@usp.br, hmorato@usp.br, ou rosangelaneves@usp.br, telefones (11) 3091-4285 e (11) 98680-6724 (celular da pesquisadora) ou no endereço institucional Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – bloco D – sala 229. Cidade Universitária – São Paulo, SP, CEP 05008-030.

Pedimos a sua autorização para a realização de entrevista individual. A utilização do seu depoimento está vinculada somente a este projeto de pesquisa.

A sua participação é voluntária, ou seja, para participar deste estudo o não haverá qualquer vantagem financeira.

O Sr(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, pode retirar o consentimento.

O áudio das entrevistas será registrado com um gravador e a transcrição das respostas será feita de maneira anônima. Nós, responsáveis pela pesquisa, garantimos o sigilo, assegurando a sua privacidade.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais. O Sr(a) receberá uma cópia assinada deste formulário de consentimento e a outra será arquivada pelo pesquisadora responsável.

Riscos e Confidencialidade: Os procedimentos utilizados na pesquisa trazem riscos mínimos aos participantes, uma vez que eles sempre serão esclarecidos sobre todos os procedimentos a serem adotados e colaborarão voluntariamente. Contudo, poderão se sentir examinados (as) e/ou avaliados

(as), como também apresentar emoções negativas e/ou desconforto ao emitir informações ou opiniões. Sendo assim, todos os participantes têm a liberdade de não querer participar desta pesquisa, como também de não querer responder alguma pergunta. Além disso, os mesmo sempre poderão pedir esclarecimentos que considerem necessários.

Eu, _____
portador do documento de identidade _____ fui
informado(a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa
"Cenários de um CIEJA – historiobiografia cartografada".


Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas. E fui informado que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Anexo 1- Termo de autorização da Diretoria Regional de Ensino Campo Limpo


SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO CAMPO LIMPO

Folha de informação nº __

DO TID: 18448538 em 26/06/2019 (a) Roseli Helena de Souza Salgado

Interessado: Rosângela Neves Santana

Assunto: Solicitação de Autorização para Pesquisa Acadêmica

Roseli Helena de Souza Salgado
RF 620.461.9
Diretora - DIPED
DRE Campo Limpo

Prezada Diretora Regional de Educação,

O presente expediente trata do pedido de autorização para realização de pesquisa acadêmica, pela Sra. Rosângela Neves Santana, sob o título provisório de "Cenários de um CIEJA – Historiobiografia cartografada".

A pesquisadora tem como interesse identificar o funcionamento do CIEJA, por meio de seu Projeto Político Pedagógico em ação (sua prática cotidiana). Além disso, almeja conhecer como os alunos percebem o CIEJA e analisar se a instituição se encaminha como instrumento de vida para os alunos.

Para isso, utilizará como metodologia a cartografia, buscando diferentes ângulos e facetas para dizer sobre o objeto pesquisado, desde a documentação até as entrevistas com alunos, professores e profissionais da unidade.

Do ponto de vista da temática escolhida, consideramos que o estudo poderá trazer contribuições para melhor compreensão do CIEJA. Por isso, s.m.j., somos de parecer favorável ao desenvolvimento da pesquisa.

São Paulo, 26 de junho de 2019.

Atenciosamente,
Roseli Helena de Souza Salgado
Roseli Helena de Souza Salgado
RF 620.461.9/ v. 2
Diretora da Divisão Pedagógica
DRE Campo Limpo

De acordo,

Regina Paula Colazzo Bertuocci
Regina P. Bertuocci
Diretora Regional de Educação
DRE Campo Limpo